

OMARTELOS FEITICEIRAS



ANDREI FERNANDES



Primeira Edição:

Copyright 2019 © Andrei Fernandes, Penumbra Livros

Design e Arte de capa: Estúdio Miopia

Edição: Vinicius Ferreira

Revisão: Juliana Ponzilacqua

Diagramação: Livia Andrade

Bibliotecário Responsável: Lucas Rafael Pessota CRB-8/9632

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

F363m Fernandes, Andrei

O martelo das feiticeiras / Andrei Fernandes. – São Paulo : Ignis, 2019.

(Demônios, Bruxas e Vagantes ; livro II)

ISBN 978-85-69871-24-8

1. Ficção brasileira 2. Fantasia urbana 3.

Demônios - ficção I. Título. II. Série.

CDD 869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura brasileira 869.93

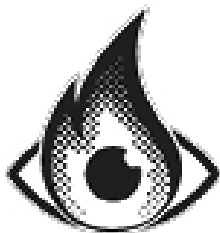
Todos os direitos reservados. Nenhum trecho deste livro pode ser reproduzido ou usado de qualquer forma ou por quaisquer meios, eletrônicos ou mecânicos, incluindo fotocópia, microfilme, gravação ou xilogravura, ou por qualquer meio de armazenamento sem a autorização por escrito de seus editores.

Direitos exclusivos de publicação no território nacional adquiridos pela Penumbra Livros, que se reserva a propriedade intelectual desta tradução. Resenhas podem incluir passagens curtas.

Primeira edição

Ignis, São Paulo, 2019

www.penumbralivros.com.br



Sumário

Parte I - Cinzas

Prólogo - Quando há uma purificação pelo fogo

I - Quando há figuras estranhas

II - Quando há encontro inesperado

III - Quando há sangue na água

IV - Quando há uma longa noite, guarda-chuvas e demônios

V - Quando há uma mensagem anônima

VI - Quando há um tribunal de magos

VII - Quando há um veredito

Parte II - Terra

VIII - Quando há um velório surpresa em seu aniversário

IX - Quando estamos em dois lugares ao mesmo tempo

X - Quando há o Cortiço dos Exilados

XI - Quando há sonhos intranquilos

XII - Quando há movimentações estranhas

XIII - Quando há o caminho para a primeira Ordália

XIV - Quando há a primeira Ordália

XV - Quando há um entendimento

Parte III - Água

XVI - Quando há um bode de sapatos escuros

XVII - Quando há uma reversão

XVIII - Quando há uma proposta irrecusável

XIX - Quando há caminhos ocultos e o Empório Invisível

XX - Quando há a visita de um Emissário

XXI - Quando há uma demissão

XXII - Quando há o espelho negro

XXIII - Quando há um passado que bate à porta

Parte IV - Ar

XXIV - Quando há um demônio na garrafa

XXV - Quando há promessas para um mundo além

XXVI - Quando há boas vindas

XXVII - Quando há um adeus

XXVIII - Quando há selos e feitiços

XXIX - Quando há cadeiras e um cão sarnento

XXX - Quando há uma festa surpresa

XXXI - Quando há um deus da carne

Parte V - Fogo

XXXII - Quando há o céu negro

XXXIII - Quando há um novo lar para Rafael

XXXIV - Quando há uma cadeira

XXXV - Quando há o trem das sete

XXXVI - Quando há o trem das sete

XXXVII - Quando há uma noite de caça

XXXVIII - Quando há uma reunião inesperada

XXXIX - Quando há abismos e abnegação

Parte VI - Cinzas

XL - Quando há um gatuno

XLI - Quando há uma invasão

XLII - Quando há Mergal

XLIII - Quando há um inquisidor

XLIV - Quando há Drachenmacht, a cerimônia do fogo

XLV - Quando há os filhos do pecado

XLVI - Quando não há mais nada a ser feito

XLVII - Quando há o mago

Epílogo - Quando há uma comitiva

ANDREI FERNANDES

O MARTELO DAS FEITICEIRAS

DEMÔNIOS, BRUXAS E VAGANTES

LIVRO II



Primeira Edição
São Paulo, 2019

Para todos que acreditaram.

Todos os personagens e eventos desse livro são puramente ficção, mesmo que sejam bem próximos da realidade.

Não aceite conselhos de estranhos.

Parte I

Cinzas

O caminho da iniciação é perigoso, mas recompensador

Prólogo

Quando há uma purificação pelo fogo

O fogo dançava com selvageria enquanto engolia os últimos documentos que comprovavam sua ligação com um cartel dentro do governo. Teve que se aliar a um ou dois adversários, mas enfim conseguiu. O fedor da fumaça era inebriante e isso o fazia lembrar de seu sofrimento.

Lavou o rosto, tentando se livrar da abstinência. Era difícil, como se faltasse algo para que seu corpo funcionasse por completo. Terminou a garrafa de vinho no gargalo, enquanto os seguranças o esperavam na porta.

Foi reconhecido no saguão do hotel da Augenweis por burocratas que acompanhavam seus discursos na TV. Depois de uma série de apertos de mãos calorosos, sorrisos largos e batidinhas nas costas, conseguiu se livrar dos obstáculos que o separavam de seu verdadeiro eu.

Foi apenas dentro do carro que conseguiu a privacidade que desejava. Lá escondia alguns frascos de sua substância preciosa. Seguiu a carreira do pai, mas era a primeira vez que estava concorrendo. O ritmo de campanha era exaustivo e irritante, odiava ter que sorrir e acenar para a gentinha.

Decidiu que aproveitaria o resto da noite à sua maneira. Suas mãos tremiam enquanto desenroscava a tampa. Consumiu as três pílulas de uma vez, uma após a outra. O fariam ficar ligado até o dia recomeçar.

Uma vida pública em seu início, histórico ilibado, principalmente depois da limpa e de tanto dinheiro gasto para subornar os colegas. Nada seria encontrado pela mídia, por mais que procurassem. A narrativa que usava nos comícios era de um messias, destinado a limpar a sujeira das ruas, por mais que ele mesmo estivesse sujo até sua alma.

Seu pai era diferente. Viciado em poder, queria ter acesso a cargos e prestígio, mas, para seu filho, apenas bastava muito dinheiro e onde o gastar. Não o julgamos, já que poucos mundanos sabiam que suas ações ecoavam, de maneira que nem ao menos poderiam compreender.

Se ajustou no couro legítimo do banco com cheiro de novo. Deu um sinal para o motorista e fechou a janela que o separava dos bancos frontais do carro. Aquele empregado era silencioso, odiava quando precisava trocar olhares com eles. Havia acabado de demitir o anterior, que tinha a péssima mania de encara-lo através do espelho retrovisor.

Já bastava os olhares de rapina de seu pai.

Se concentrou naquele pequeno momento. Adorava a falsa sensação de controle sobre o mundo depois de uma dose, sentia-se como o homem no topo do mundo. Seu corpo se acostumava a viver acima do limite, com poucas horas de sono, viagens longas, compromissos públicos que o exauriam de sol a sol e todos os abusos de demais substâncias o levavam a um limite que nem ao menos percebia que chegava.

Tirou do paletó um vidro de algo novo, coisa de gringo. Prometia fazê-lo vidrar pelo dobro de horas e leva-lo ao paraíso na terra. A substância fez menção de se espalhar pelo banco do carro depois de uma curva brusca. Deu três batidas no vidro escuro para alertar ao motorista que não toleraria aquele tipo de conduta.

Sua língua estava pegajosa e seu nariz ressecado. Sentiu uma onda de prazer ao colocar para dentro tudo o que podia. Seus olhos se arregalaram e sua boca tremeu em êxtase. Era perfeito. A substância chegou ao cérebro, que liberou doses cavaleares de dopamina e noradrenalina, como uma descarga elétrica nos neurônios que se ativaram em uma verdadeira comunhão demoníaca.

Com o segundo balanço do carro, se enfezou e chutou a divisória. Gritou obscenidades para o motorista enquanto tentava aproveitar seu momento. Teve a sensação de escutar um animal ao longe, mas imaginou ser coisa da sua cabeça, que estava em festa.

No terceiro solavanco, o carro deu uma pirueta e tanto o motorista quanto o político foram centrifugados. O primeiro desacordou por uns instantes, o segundo sentiu como se tivesse caído em uma almofada de penas, mesmo com luxações e ossos da perna trincados, o que apenas sentiria em alguns minutos.

Não que seu destino fosse sentir algo em um futuro próximo.

Mesmo com o metal retorcido, a porta do veículo foi arrancada em um puxão violento. O político não havia percebido de imediato que fora jogado para fora,

rolando alguns metros até parar na mureta de segurança.

Com o canto dos olhos, viu o motorista ajoelhado no asfalto, tentando se levantar e correndo pela sua vida quando conseguiu. Do outro lado, uma figura escura estava de pé.

O político voltou a si aos poucos, ainda em uma jornada de redescobrimento do mundo à sua volta. Se viu encharcado de água de esgoto e fúria. Seu corpo estava quente e mal percebia os ferimentos e o vento gelado. Gritou ofensas ao agressor, que apenas parecia observar o motorista correr em disparada através do visor de seu capacete.

A figura não era alta, nem forte. Trajava um conjunto escuro de couro, com uma jaqueta acolchoada por cima de tudo, com botas pesadas e um capacete rajado de moto ocultando sua identidade. Ao lado dele repousava sua moto, que parecia viva de tanto barulho que emitia.

— Sabe quem eu sou? — Gritou o político com os dentes trincados, cobertos de sangue.

O motociclista se afastou de sua moto com passos lentos e decididos. Levantou o braço e a pistola brilhou em sua mão. Pareceu cruzar os olhos com o político, que murchou como flores no outono.

— Quem te contratou? — Sibilou, com seu tom de voz definhando. — Pago mais, muito mais! Dez vezes mais!

O político gargalhou, tentando não mostrar o terror que seus olhos já denunciavam. Seu algoz nada disse em resposta. Virou a cabeça para o carro e logo depois novamente para seu alvo.

— Não vai falar nada? Maldito. Eu juro, só preciso de duas ligações e transfiro uma bolada, tudo o que tenho lá se quiser — Em desespero, jogou sua carteira recheada com notas e cartões.

O motociclista abaixou a arma, se aproximou dele e vasculhou seu terno. Parecia farejar algo. Puxou com força um cordão até arrebenta-lo de seu pescoço. O colar terminava em um crânio de pássaro minúsculo, coberto de escritos em uma língua estranha, amarrado junto de plumas coloridas que formavam uma coroa.

O político fez menção de pega-lo das mãos do algoz, mas não foi rápido o suficiente.

— Não, isso não. Eu... só não posso te dar isso.

O motociclista rajado se afastou alguns passos e pôs a arma em riste, apontada para a testa do sujeito.

Puxou o gatilho.

Clique. Clique.

Por alguns segundos, o político arregalou os olhos em desespero, esperando a morte que não veio. Solto um gritinho involuntário enquanto levantava as mãos debilmente.

— Inútil... — Rosnou o motociclista através do capacete. — Lixo.

A figura agarrou algo de dentro do casaco. Um celular de modelo bem antigo e o usou para falar com alguém.

O político se levantou, sentindo o ar lhe faltar, pingando e fedendo a sangue e esgoto. Arrastava o pé, mesmo que nem soubesse disso.

— É o seu chefe? Deixa eu falar com ele, tudo vai se resolver.

Foi agarrado pelo colarinho e erguido pelo motociclista. Mesmo com quase o dobro do tamanho, o político se contorceu no ar, como uma criança tentando se desvencilhar de um agressor. O visor negro do capacete se virou para ele, e teve a impressão que cruzaram olhares, mesmo sem poder ver o que tinha do outro lado.

— Prometeu que a arma não iria falhar. — A voz inumana vazou do capacete, para o celular.

Sons ininteligíveis responderam do aparelho. Apenas uma última frase conseguiu ser entendida pelo político, misturada com um metalizado ruído de microfonia: “..., mas é assim que resolvemos as coisas por aqui.”

— Então vai ser do meu jeito. — O motociclista rajado deu seu ultimato e guardou o celular no bolso da jaqueta acolchoada. Lentamente, com seus dedos finos,

levantou o visor do capacete e o político não estava preparado para o que iria constatar. O pior de seus pesadelos não era ser morto.

Era ser morto por um monstro.

A visão da escuridão encarnada o condenaria para as alas mais profundas de qualquer hospício, mas não era isso que o destino lhe guardava.

O grito de terror ecoou pelo túnel junto com a luz das chamas infinitas que brotaram de todos os lados. Não era um grito humano, muitos afirmariam, a centenas de metros dali. Mas todos estavam enganados, pois em momentos derradeiros, pelo advento do puro terror, seres humanos poderiam ainda comprovar sua origem primitiva.

Aquele era um grito animalesco.

A forma do desespero.

E então apenas o silêncio e o frio da morte.

Capítulo I

Quando há figuras estranhas

O discurso do seu professor foi se tornando embaralhado conforme o tempo passava, fazendo seu queixo se aproximar cada vez mais do peito. Em uma piscadela depois, o homem guardava o material em sua pasta e se afastava da mesa, desaparecendo através da porta. Ao perceber que todos se levantaram, deu uma longa espreguiçada para marcar o fim da aula.

A sala se esvaziou com rapidez, mas ela não tinha pressa para guardar o caderno e canetas. Seu braço se esticou com paciência e pôs a alça da bolsa por sobre o ombro, enquanto encaixava a pasta com trabalhos embaixo do braço. Ao perceber que todos já haviam saído, ela se levantou.

Passou pela porta aliviada ao não ver nenhuma alma viva, ou morta. Atravessou os largos corredores iluminados, que agora eram tomados por um profundo — e talvez mórbido — silêncio. Qualquer caneta caída a dezenas de metros poderia reverberar ali, mas mesmo assim se esforçou para seus passos, agora apressados, não darem muita bandeira de sua presença. Tentou aproveitar a carona da última van que levava os alunos daquela instituição para o ponto de ônibus mais próximo.

E lá estava o “trem das onze”, apelido carinhoso dado pelos alunos para o último veículo a deixar a universidade. O monstro sucateado vomitava fumaça com ferocidade, como um alerta de que estava prestes a deixar os retardatários para trás.

Abriu a porta de correr e entrou na van. Perder aquela oportunidade poderia gerar uma caminhada em ruas escuras e desertas, cercada por matagais e postes defeituosos. Ninguém poderia se dar àquele privilégio graças ao horário próximo da virada da noite.

Mas Isabela tinha um bom motivo para arriscar vez ou outra.

Após se aconchegar naquele assento de corino frio, com estampas bregas e cheiro repulsivo, sentiu um tranco fazer o veículo sair do lugar. Percebeu que era apenas ela, o motorista cansado e uma menina do curso de psicologia que reconheceu pois sempre dividiam o transporte naquele horário.

Com outro solavanco, que quase gerou a queda de seu celular da sua mão, a van acelerou. Circularam o campus e por fim deixaram ele para trás. Após poucos minutos, pararam em um esqualido facho de luz que indicava que haviam chegado. No caso, em uma estaca de metal cilíndrica que segurava uma placa meio quebrada, que servia como poleiro para pombos e que por coincidência também funcionava como ponto de ônibus.

Estavam em uma via de alta velocidade que, apesar de bastante movimentada até aquele horário, dava uma falsa sensação de segurança, já que nenhum daqueles carros poderia parar para acudir alguém em alguma emergência. Para falar a verdade, mesmo se conseguissem parar, ninguém prestaria socorro. Mas Isabela não os culparia por isso, já havia visto um assalto rolando próximo e entendia aquele misto de covardia com o alívio de “não fui eu dessa vez”.

Um ônibus foi parando ao lado, não era o dela, mas da única pessoa que a acompanhava por ali. Olhou para o relógio como se pedindo para os ponteiros irem mais rápido e talvez como uma punição do destino por tentar interferir nas leis fundamentais, percebeu um carro desacelerando de maneira irresponsável, cortando outros veículos e se aproximando do ponto. Era um automóvel preto, imenso como o ego do dono. A janela com o vidro fumê se abriu com maciez, deixando escapar uma música infernal. Teorizava por fim, que o fato de o motorista não aceitar uma “negativa” talvez fosse pelo fator surdez envolvido em seus hábitos cotidianos.

Uma cabeça surgiu lá de dentro, segurada por um pescoço curto que era emoldurado por uma gola esgarçada de camisa polo.

Achou que tivesse se livrado dele na última vez, mas o motivo das saídas cada vez mais tarde da instituição agora sabia onde ela pegava ônibus. Adalberto adorava oferecer carona para as meninas da faculdade, mas Isabela custava a aceitar. Sem mais paciência após todas as dicas e avisos para que a deixasse em paz, atravessou a pergunta do rapaz como aquelas facas afiadas anunciadas em comerciais de tevê.

— Nem sonharia em entrar aí.

A frase saiu mais zangada do que planejou, mas não se arrependeu. A fala de Adalberto foi engolida seca e desajeitada. Apertou os dentes em um sorriso cínico, buscando não demonstrar o orgulho ferido. Aumentou ainda mais o som do carro possante e fechou o vidro. Disse alguma coisa que foi abafada pela música ruim, que Isabela conseguiu ler pelos lábios algo como “culpa” ou “vadia”. Não se

importou com isso de verdade, pois só tinha olhos para uma figura encolhida no banco de trás do carro. Uma silhueta cadavérica e semi-etérea de olhos perversos. O espectro sorriu de maneira assustadora antes do vidro terminar de se fechar, causando arrepios a cada centímetro de sua pele pálida.

O carro saiu em disparada, cantando pneu e marcando o asfalto. A visão daquela coisa no banco traseiro a desconcentrou e quase perdeu o ônibus que a levaria para casa.

Quase.

Estava cheia de cólicas, momento em que mais apareciam aquelas coisas agourentas. As vezes eram difusas como sombras, outras quase palpáveis. Nem sempre pareciam ruins, mas mantinha certa distância de qualquer uma quando reconhecia algo que não fazia parte do mundo dos vivos. Já houve vezes que atravessou ruas só para evitar cruzar com uma dessas figuras esquisitas. Conseguia diferencia-las do restante das pessoas com facilidade. Algumas a ignoravam completamente ou talvez sequer a percebiam.

Mesmo com o peso do mundo sobre as costas e tarde da noite, se ligou que precisava fazer umas compras básicas para o almoço do dia seguinte. Passou em um mercadinho próximo de casa após descer do ônibus. Pegou tudo o que precisava e foi até o caixa, onde uma pequena fila havia se formado depois que entrou.

Segurava as compras em uma cesta, enquanto dava uma olhada nos tabletes de chocolate em promoção na boca do caixa. Escutou uma voz irritada e aquilo a tirou de sua distração. A funcionária ativa no caixa chamava o próximo cliente. Um homem grande, de sobretudo escuro estava a sua frente. Após a terceira chamada Isabela apontou o dedo para o caixa livre. O homem moveu o pescoço lentamente e a observou com aqueles olhos opacos, de um amarelo febril. Sua pele estava descascada, sua boca com um corte profundo que fazia parecer um sorriso macabro em seu rosto, boca essa que escorria um líquido escuro até seu queixo. A garota saltou para trás pela profunda aversão àquela imagem. O homem se virou completamente e se agachou até seus olhos se cruzarem.

Isabela bateu na gôndola, produzindo um som alto. Deu um suspiro de terror, deixando vários pacotinhos de suco em pó caírem no chão do mercado. Quando olhou novamente para frente, o homem havia sumido.

Apenas a funcionária do caixa a aguardava, injuriada. Seu coração palpitava que quase não se aguentava no peito, abriu a boca e engolfou bastante ar. Juraria que não conseguiu respirar, até por fim sair do estabelecimento.

— Não tem nem vergonha de usar essas coisas — Murmurou a funcionária antes de Isabela sair do mercado.

A menina saiu apressada com os produtos dentro das sacolas plásticas, só precisava atravessar a rua e dar poucos passos para chegar em seu prédio.

Foi nesse exato momento em que uma mão tocou em seu ombro e ela quase teve uma crise de choro ali mesmo.

Capítulo II

Quando há encontro inesperado

Demônios existiam, mas Rafael não tinha plena certeza disso. Mesmo suas memórias de dois anos atrás sendo nebulosas, evidências sobre este fato não lhe faltavam.

Não sabia se começaram a duvidar de tudo o que passou tinha a ver com o desaparecimento deste mesmo demônio. Só sabia que era como se aos poucos alguém abrisse sua cabeça e fosse tirando minuciosamente uma pequena fração de sua memória durante as noites de sono.

Às vezes se pegava tentando realinhar a ordem dos fatos para evitar que o restante de lembranças sumisse. O início de tudo. Havia assinado um contrato com esse maldito demônio, que se aproveitava para se camuflar como um estagiário no plano mundano através de uma “falha burocrática”. Se recordava também de se livrarem de uma bruxa poderosa por acidente, que descobrira que seu pai era, na verdade, um magnata dono de uma das maiores empresas do país e herdou não só uma tremenda fortuna, como todo esse império. Falando assim, até parece que foi uma jogada de sorte, mas houve o caso em que ajudou o espírito de uma garota em coma a recuperar sua vida, que resolveu uma briga de família e até se livrou de um ou outro assecla demoníaco que agia por baixo dos panos.

O demônio tinha um nome, mas isso ele também havia esquecido.

E, por fim, sempre chegava na pior das lembranças. De como perdeu a segunda pessoa mais importante de sua vida.

Teve a sensação de escutar seu nome quando acordou. O suor cobria seu rosto como se tivesse passado a noite no sereno.

Se levantou da cama com seu robe macio e olhou pela janela, a cidade iluminava o coração dos que trocavam o dia pela noite.

Tocou a janela, como se sentisse que o vidro fosse se esvaír entre seus dedos a qualquer momento, enquanto uma força magnética o puxava para fora. Para o fim.

Enquanto para muitos a noite estava findando seu auge, para Rafael, o dia estava só começando. Preparou seu café enquanto assistia o sol romper a linha do horizonte em um desinteressante calor matinal. Deixou a louça na pia, não tendo certeza se a moça da limpeza iria visitar o apartamento naquele dia. Sua percepção de tempo era próxima a alguém mantido em cárcere em uma cela escura e sem janelas.

Vestiu seu terno elegante e seus melhores sapatos italianos, ajeitou o relógio de valor obtuso sem muito cuidado em seu pulso ossudo enquanto viajava com dedos ágeis em uma imensidão de mensagens não lidas do dia anterior pelo celular. Estava montado por fora, mas por dentro havia algo quebrado que fazia barulho a cada passo que dava.

Respondeu com um desanimado bom dia o porteiro do prédio e ao chefe de segurança da portaria, sempre de olho no vai-e-vem de ricos. Atravessou o corredor imenso e desceu pelas escadas até a garagem, onde seu motorista havia acabado de chegar, com um cafezinho entre os dedos, um pedaço de pão quente na outra mão e o jornal do dia debaixo do braço. Ele tomou um susto ao ver seu patrão ali tão cedo. Nem se fosse malabarista conseguiria resolver a equação do que largar primeiro para abrir a porta para seu chefe. Rafael fez um gesto para que se tranquilizasse, pegou emprestado o jornal do funcionário e começou a folheá-lo sem muito interesse, até o motorista terminar seu café da manhã apressado.

— Desculpe o atraso, patrão — engoliu o último pedaço de pão. — Não vai se repetir.

— Não esquentar. Fui eu que acordei cedo demais — respondeu sem muitas preocupações. E era verdade, Rafael estava bem adiantado, mas nenhum funcionário falaria o contrário.

As ruas estavam vazias em uma manhã coberta por uma fina névoa que, aos poucos, dava lugar aos raios cada vez mais ousados do sol.

Atravessaram a cidade até chegar na grande avenida. Os prédios luxuosos e imensos refletiam o início do dia com timidez, enquanto pessoas de terno e gravata dividiam espaço com moradores de rua, baladeiros em fim de festa e vendedores ambulantes já montando suas tendas. A cidade começava a pulsar, com ruas cada vez mais movimentadas, que davam vida como artérias bombeando o sangue para o coração da cidade cinza.

Decidiu parar em uma padaria chique na esquina do prédio do qual era dono e pediu para que o motorista o esperasse. Assim foi feito.

Sentiu o cheiro de expresso e pão na chapa, aquilo o alegrou um pouco. Se prendeu a um noticiário matinal citando um acidente acontecido em outro estado, onde um avião cheio de passageiros havia caído em área de mata fechada. Logo depois voltaram a citar o candidato que morreu em um acidente de carro dentro de um túnel na noite anterior. As notícias eram recebidas pelos clientes do estabelecimento com apatia, ao som de copos batendo em mesas e talheres em seus pratos.

Mal percebeu que seu nome estava sendo chamado. Uma mão agarrou firme seu ombro.

— Olha o chefão chegando cedo, quem diria — Ricardo usava boina e cachecol contra o frio matinal. Parecia estar acompanhado de um grupo de funcionários, que tomavam café enquanto esperavam o início do expediente.

Rafael deu um sorriso amarelo e acenou para todos.

— Estamos falando do jogo de ontem. Vem tomar um pretinho com a gente.

— Na verdade eu preciso ir, tenho que aprontar o material da reunião de hoje — Rafael desculpou-se, acenou amigavelmente e foi para fora da padaria. Mas ao chegar no carro, foi alcançado pelo amigo.

— Tá tudo bem com você, Rafa?

Não estava nada bem. Sua cabeça era martelada todos os dias com preocupações diárias, estresse em gerir tudo o que deveria e ainda se lembrar dos horríveis pesadelos durante a noite, nada parecia certo.

— Estou bem, é só que... me aconselharam a não me enturmar muito com os colaboradores.

Ricardo pareceu ser golpeado com aquelas palavras. O conselho realmente existiu, mas o motivo de ir embora era outro.

— Você sabe, eu estou em uma situação que muita gente tenta se aproveitar, você não entenderia — disparou Rafael, escorregando nas palavras.

Nunca pensou que pudesse ver alguém como Rick perder o sorriso tão rápido. Seu amigo fez uma cara esquisita e se afastou.

Que seja, pensou Rafael. Voltou para o carro e entrou na garagem do edifício da empresa. O ambiente cavernoso foi substituído por um amplo saguão, como se atravessasse para outra dimensão.

Aproveitou que ninguém bateria na sua porta naquele horário, um sossego que em alguns minutos acabaria, para lidar com a papelada e apresentação da reunião. Teria que mostrar os dados anuais para o conselho e provar que ele, como comandante daquele navio, levava a empresa para um futuro duradouro frente a uma crise que abalava o setor. E claro, afastar as sugestões de captar novos investimentos e fundos.

Rafael até era mais flexível que seu pai, mas não gostava da ideia de liquefazer sua porcentagem da empresa em prol de mais dinheiro para sair da crise.

Coçou o ombro esquerdo, um hábito que não sabia exatamente porque mantinha, mas que significava mau sinal. Sempre que começava a fazer aquilo, ficava nervoso. O gesto desencadeou uma série de lembranças envolvendo enxergar coisas que não eram para estar ali inicialmente, como fantasmas e aparições. Tinha lembranças vagas disso, mas a realidade é que, no presente momento, apenas uma única coisa fora do comum acontecia com ele. Sua pedra no sapato.

— Está fazendo tudo errado, seu bastardinho — soou uma voz em suas costas.

Rafael se recostou na cadeira e deu um suspiro longo.

— Cala a boca, velho xarope — respondeu Rafael.

A imagem etérea caminhou e surgiu de suas costas, era um homem idoso com um terno brega e cabeleira prateada.

— Você vai destruir todos os anos que levei para alcançar o topo.

— Se não for dar mais nenhum conselho, Obi-wan, sugiro que desapareça como nas vezes em que precisei de você.

O velho Emerson GG, seu pai, bufou irritado. Seu corpo esvaecia sempre que era atravessado pela luz do sol, que invadia a sala pela janela.

— Acha que se fazer de coitadinho vai salvar o seu rabo? A Lorena era muito frouxa com você.

Decidiu não bater mais boca e terminar logo aquele trabalho, abriu uma gaveta e retirou um pendrive. Ao tentar espeta-lo no computador, o pequeno item escorregou entre seus dedos e caiu no chão. Aquilo o irritou mais ainda.

— Fica falando da minha mãe, mas perdeu esse direito quando abandonou ela. E quer saber do que mais?

Se levantou com o pendrive na mão, apontando para a direção da voz. Mas não havia mais ninguém ali. Enquanto que do outro lado da sala, sua secretária estava com metade da cabeça para dentro. Ela terminou de atravessar a porta e então o cumprimentou.

— Desculpe não bater, achei que não teria ninguém aqui.

Rafael esfregou o rosto, envergonhado.

— Eu estava falando no celular.

— Imagino que sim, chefe.

— Não precisa me chamar disso, Mariana. Tenho um nome, sabia?

— Sim, senhor Rafael.

— É, estamos progredindo. Vamos trabalhando nisso.

Finalmente colocou o pendrive na máquina e os dois terminaram de ver aqueles malditos dados. Precisaria anunciar que passariam por uma pequena turbulência no próximo trimestre.

Ela já havia tomado seu computador, quando Rafael se levantou e abriu um armário ao lado e retirou uma garrafa de bebida. Jogou o líquido em um copo baixo e ofereceu outro para ela.

— Eu não bebo — respondeu ela com certa dureza no tom de voz.

Ele sabia que seria um dia tribulado, além da reunião, teria que inspecionar algumas alas da empresa e a semana de visita nas agências não estava sendo uma

ideia animadora.

Fizeram uma limpa em todos os dados que poderiam encontrar, nuances quaisquer de problemas para serem sanados. Cada gerente foi interrogado em seu próprio setor e lá iam Rafael e ela, como uma sombra, passando por cada canto da empresa.

Sabia que poucos líderes de empresas fariam o que estava disposto a fazer. Ir pessoalmente, conversar com todo mundo, assim como seu pai fazia. Se aproximar e criar laços. Mas, por algum motivo, apesar de sorrisos de canto de boca e falas gentis, sentia que tudo aquilo não parecia ser real.

Foram para o almoxarifado e de lá para a copa, onde um grupo de pessoas que riam animadas se retiraram em silêncio após a chegada da dupla.

— Quando posso agendar a pintura da parede? — Sua secretária se referia a uma mancha escura que habitava a anos na copa. Era discreta, mas aparente.

Desconversou, como sempre fazia, mas antes de ir embora, direcionou seu olhar para a mancha pouco antes de passarem pela porta. Foi feita por uma explosão, mas suas memórias difusas, às vezes, pareciam o enganar.

A próxima visita seria no andar da contabilidade, mas uma gota de suor gelado percorreu seu pescoço.

— Você consegue ir? — perguntou Rafael, enquanto fixava seus olhos em um ponto do elevador, sem querer dar bandeira.

A secretária o observou por cima da papelada.

— Sabe que sim.

E então ela se foi e as portas do elevador se fecharam com ele permanecendo dentro. Rafael apertou o botão algumas vezes para voltar ao andar de sua sala.

Entrou em sua sala, sentou-se em sua cadeira, fechou as mãos e esperou aquela sensação horrenda passar. Suas pernas chacoalhavam, seu coração acelerou e foi até a boca conforme a ansiedade ia batendo e atingindo níveis alarmantes. As paredes se fechavam e o teto parecia descer cada centímetro mais.

Foi a vez da paranoia chegar. Como se alguém estivesse prestes de arrombar a porta para dar cabo de sua vida. Agarrou a garrafa de bebida, se jogou no chão

embaixo da mesa e abraçou os joelhos enquanto aguardava o pior.

As idas ao terapeuta se tornaram cada vez mais frequentes depois que os ataques de pânico ficaram fora de controle. Em um bate-papo informal com um dos sócios, acabou citando que um amigo estava procurando ajuda médica e o sócio acabou indicando o profissional da área.

A primeira visita veio algumas semanas depois, quando tomou coragem.

As experiências bizarras com o sobrenatural diminuíram em uma constante desde o sumiço do demônio, até chegar a ver só seu pai, mas aos poucos duvidava se era um espírito mesmo, ou uma peça pregada por sua cabeça conturbada.

Não citava nas entrevistas todo o passado esquisito que enfrentou. Sobre demônios, espíritos e entidades sombrias que se tornaram tão comuns. Evitava falar sobre o personagem que para sempre mudou sua vida, tentava meios de abordar o caso sem revelar ser um diabo maldito que quase o matou um punhado de vezes.

— Um amigo? — perguntou o terapeuta quando deixou escapar que chegou a dividir apartamento com alguém há alguns anos. — Pelo tom que usou notei que não deviam ser muito chegados.

— Não éramos, mas nos tornamos. Eu fiquei sem dinheiro, foi antes de descobrir tudo, sobre meu pai e a empresa.

— Interessante — avaliou o homem, enquanto matutava. Ele era bem idoso, com veias escuras saltando de suas mãos trêmulas. Coroado com o pouco de cabelo branco que restava, sua cabeça enrugava toda a vez que Rafael parecia falar algo interessante. Se vestia com uma calça xadrez e usava um paletó marrom com cotoveleiras de camurça.

— Interessante? — Rafael perguntou sem muita vontade de continuar por aquele tópico.

— Você diz que sua vida mudou quando começou a trabalhar naquele escritório. Que conheceu diversas pessoas, que teve muitas “experiências misteriosas” e perdeu alguém querido. E tudo isso na época que morou com essa pessoa. Porque não citou ele para mim?

Titubeou.

— Não é o tipo de coisa que eu ache relevante para essa conversa.

— Relevância não é nosso foco aqui, Rafael. Quero apenas que conte com sua visão sobre as coisas que passou. Entendo que queira deixar alguns eventos de fora, todo mundo tem sua dose de segredos — respondeu o médico com calma. Coçou a barba branca e ajustou os óculos redondos.

— É — se perdeu nos pensamentos. — Não é como se eu, sei lá... estivesse passado uma época na legião estrangeira. É que não me sinto seguro para contar tudo.

— Fique tranquilo, lembre-se que estou aqui para escutar o que tiver para me dizer. Apenas fiquei curioso sobre a quantidade de coisas que aconteceram nesse período, imagino ter sido uma época muito agitada de sua vida.

— Realmente — Rafael mirou o teto amarelado, sentado naquela poltrona confortável. — Bem agitado. Nós não aturávamos um ao outro, por vezes até conseguimos que isso não nos atrapalhasse.

— Essa necessidade era financeira? — inquiriu o terapeuta.

Rafael o encarou. Incomodava a sensação dele ser um livro aberto, mas não tinha jeito, não queria que sua condição piorasse. Temia que aqueles momentos de surto saíssem do controle. Já afetava sua vida, mas fazer as pessoas desconfiarem que passava por aquilo era impensável. Morreria de vergonha de ser visto como incapaz.

— Sim, com toda a certeza, financeira. Porque moraria com alguém insuportável se não fosse por algo assim?

— Não estou falando que é o seu caso, mas se surpreenderia com o tipo de coisa no qual nos apegamos, mesmo quando elas nos fazem mal. — O terapeuta anotou algo em sua caderneta. — Podemos nos ver como seres incompletos ou com necessidade de punição. O inconsciente trabalha nisso tentando encaixar e equilibrar as coisas e aí surgem os problemas. Relações abusivas, transtornos compulsivos.

— Era só financeiro mesmo.

— Entendo — e o velho anotou mais uma vez.



Voltava a noite para casa. Completamente exausto, mesmo sem conseguir saber o porquê. Encostava a cabeça no banco do carro enquanto o motorista o guiava para casa, via as luzes da cidade passarem lentamente e prestava a atenção na lua e em como ela parecia andar mais rápida que os prédios e postes. Foi quando viu uma cena que o fez ter um sobressalto.

Deu duas batidinhas no ombro do motorista.

— Vou descer aqui, Milton.

— Como assim senhor? Aqui!?

— Pego um táxi, relaxa. — Ele ia abrindo a porta do carro e o motorista parou de qualquer jeito próximo da calçada, pelo visto ele se jogaria se não o fizesse.

— Aqui é meio perigoso, tem certeza? Se quiser eu espero o senhor...

— Pode deixar, aqui eu me viro.

Ele subiu na calçada cinzenta, onde começava uma praça malcuidada e, do outro lado da rua, um prédio atarracado entre outros maiores brotava escurecido, com sua pintura envelhecida salpicada de pichações.

Tentou procurar entre tanta gente na rua a pessoa que viu por ali, atravessou mesmo com os carros em movimento para alcançá-la. Depois de uma ou duas buzinas de motoristas irritados com ele, foi até uma garota que estava virada de costas para ele e seguia sem perceber sua presença. Colocou uma das mãos sobre seus ombros esperando a surpresa da moça.

— E aí...

Levou uma cotovelada no nariz, que o fez cambalear para o lado e segurar a parede mais próxima tentando não cair no chão com tudo. Pôs as mãos sobre rosto quando se recuperou para ver se estava sangrando. Não estava, mas sentia o nariz quente e pulsante.

— Pensei que fosse um assalto senhor, desc... Rafael!? — Isabela fechou a cara.

— Você é louca? — disparou enquanto massageava o nariz.

— O que você tá fazendo aqui, seu canalha?

— Canalha? Do que você tá falando, garota?

— Você sumiu!

Quando percebeu, a menina tinha dado as costas novamente e já estava a passos de distância. Havia deixado para trás as sacolas de compras que carregava.

— Abusada.

Ele levantou as sacolas e acompanhou ela até a entrada do prédio que morava antes de ter se tornado rico. Olhou para cima, até o fim da extensão da fachada. Havia passado sua vida inteira ali, tanta história, que até parecia fruto de uma outra vida.

Isabela tocou o interfone e o acesso do portão foi liberado. Subiram escadas até acessarem a recepção, mas não reconheceu o novo porteiro. Eles subiram pelo elevador em silêncio, até quase chegar ao andar onde jazia seu antigo apartamento e o vizinho, em que Isabela morava.

— O Arlindo não trabalha mais aqui? — perguntou, sem tirar os olhos da garota.

— Tá falando do antigo porteiro? Ele foi substituído e nunca mais o vi. — Isabela estava com olhos menos brilhantes do que se lembrava.

— Hum, sei.

Logo estavam na porta do apartamento da sua amiga, que já tinha sido alugado para outras dezenas de pessoas antes dela. A anterior, sua falecida vizinha, Ariane.

Não pode deixar de notar uma palpitação ao atravessar o umbral. Entrar lá foi mais desolador do que achou que fosse. As cortinas roxas foram substituídas pelas de feltro esverdeada, todos os penduricalhos esotéricos trocados por roupas jogadas no sofá e em cima da tevê.

Era como se tivesse se passado muito mais que dois anos.

— Vai ficar com essa cara de bobo aí? Leva as compras para a cozinha, garoto.

— Não pude evitar — Rafael ensaiou um sorriso. — Como você está?

— Aí você vem com esse papinho furado, depois de tanto tempo.

— Nem foi tanto assim vai, dois meses? — Rafael se lembrava que havia encontrado Isabela em um bar recentemente.

— Nove meses.

— Jura?

A garota consentiu, dando de ombros em seguida.

Rafael sentiu um arrepio na espinha, virou o rosto e enxergou um par de olhos esverdeados em cima do armário. A coisa branca e felpuda não era maior que seu antebraço. Metade pelo, metade fúria felina. O gato julgava o novo invasor com malícia nos olhos, como se nem ao menos lembrasse que viveu mais de uma década com ele.

— Não vem dar um abraço no pai, Bóris?

Tinha um gato, se lembrou. Ele havia ficado com Isabela depois que ele decidiu se mudar para um prédio mais abastado, que não aceitavam bichos.

O gato saltou do armário para o chão, deu uma espreguiçada longa e passou ignorando completamente seu antigo dono.

— Estou me sentindo muito pouco querido por aqui, acho que já vou indo.

Se virou, mas sentiu um puxão em seu terno. Isabela virou o rosto para ele com os olhos marejados e então o abraçou. Rafael a aninhou entre os braços e acariciou o alto de sua cabeça.

— Eu...só me desculpa, tá legal? Não tive um dia muito bom — ela murmurou enquanto o rosto apertou as costelas de Rafael.

Foi então que ela contou, enfim, que seria despejada.

A mãe de Isabela sempre foi superprotetora com a filha, ela contou, e após o acidente que sofreu no passado a pressão para que voltassem a morar juntas

aumentou. Não tinham problemas com dinheiro, mas a mãe, visando força-la a voltar, cortou a verba para aluguel e subsistência.

— E a faculdade? — perguntou Rafael.

— Ah — Isabela virou o rosto. — Estou pensando em largar.

— Pelo dinheiro? Pensei que fosse pública.

— Era... quer dizer, é! Continua sendo. Só que apareceram outras coisas...

Rafael escutou tudo aquilo enquanto comia com ela metade de uma pizza dormida. A garota alegre que conheceu antes parecia ter ficado no passado.

— Você pode ficar aqui, nesse prédio pelo menos. Meu antigo apartamento deve servir, alguém precisa cuidar dele ou vai se deteriorar — ofereceu Rafael, cortando o silêncio enquanto mastigavam fatias gordurosas.

— Não! Não, não, não. Definitivamente não! Nada disso. Vai parecer que eu estou chorando as pitangas para conseguir me aproveitar de você.

— Eu não acho que esteja. — Mentiu. O pensamento surgiu como um relâmpago enquanto escutava a história e se culpou por isso.

— Eu simplesmente não posso aceitar esse tipo de coisa.

Ele se levantou após terminar de comer.

— Preciso de alguém para cuidar do Bóris também. — Rafael se levantou — Eu preciso ir. Amanhã tenho uma reunião logo cedo e não posso estragar tudo. Vou avisar o porteiro para entregar as chaves.

Enquanto saía, viu um cordão de prata jogado por cima de uma estante. Com um símbolo estranho desenhado.

Olhou para Isabela, pensou em perguntar se ela andava se metendo com coisas estranhas, mas decidiu que poderia ser só coisa da sua cabeça.

Capítulo III

Quando há sangue na água

A reunião com o conselho sempre acontecia no andar superior da empresa, onde nenhum outro funcionário tinha acesso liberado. A primeira vez que entrou não pode acreditar, era o paraíso. Um andar inteiro com absolutamente nada. Apenas a secretária do grupo gestor, um setor pequeno composto por algumas cabeças para cuidar de agendas, a sala de reuniões e uma copa com uma máquina de café que tinha custado mais do que o salário de qualquer funcionário.

Seu pai gostava de permanecer perto dos colaboradores de base — era como os chamava — para ficar de olho em tudo. Essa atitude só comprovava duas coisas: que ele odiava o andar de cima e que, apesar de todas as críticas, e a péssima mania de não ir embora depois de morto, foi uma pessoa de raiz humilde que gostava de contato com o grosso da equipe.

Rafael talvez tivesse herdado isso dele, pois apesar do andar de reuniões parecer fantástico, se sentia nervoso toda vez que tinha que acessá-lo para falar com o restante do conselho diretor. Além da situação desconfortável, herdou as ações majoritárias da Eletronik e, pelas regras da diretoria, isso lhe garantia a liderança da empresa e o cargo de diretor executivo. Tendo que fazer diversos encontros chatos, custosos e cheios de farpas para todos os lados. Cuidar de uma empresa daquele tamanho não era nem um pouco fácil.

Com a saída de GG para o reino dos céus — ou pelo menos era o que todos ali acreditavam — a empresa cresceu com novas políticas adotadas pelo filho. Mas tudo o que achou que fez foi aceitar os conselhos da diretoria. Seu pai acreditava em um estilo antiquado de gestão e isso irritava sempre os investidores.

A flexibilidade de Rafael era uma benção para todos, mas o rapaz sempre acabava no fogo cruzado nos momentos de discordância de um ou mais acionistas sobre os rumos da empresa. O problema é que ele agora começava a sofrer por uma pressão invisível após a estagnação nos últimos meses. Se perguntava até quando aquela situação se sustentaria, quando se revelaria uma farsa e iria acabar dando o controle

do sonho de seu pai para alguém mais preparado para tomar decisões de risco que a situação pedia.

Mas apesar de tudo isso, Rafael tinha um poderoso aliado. Ele era jovem como ele, o membro mais novo da diretoria. Assumiu as ações do progenitor, quando o mesmo também faleceu. Era o seu escudeiro mais fiel, quase sempre jogando a balança das discussões a favor de Rafael. Conseguiu se livrar de várias enrascadas graças a ele.

E foi dele que surgiu o convite.

— Uma festa? — A proposta pegou Rafael surpresa.

— Bem chata por sinal, mas seria incrível se você desse as caras pelo menos essa vez. — Deu um daqueles seus sorrisos simpáticos e ajeitou o terno bem cortado enquanto desciam de elevador.

— Para aparecer em revista de gente famosa ou para empresa?

— Pouco de um, pouco do outro. Nessa em especial estarão figurões que farão sua cabeça girar. Você desejaria todos eles como aliados seus para um futuro próximo e devo dizer que eles também vão querer te conhecer.

Rafael o encarou, sem entender.

— Vamos lá, sem falsa modéstia, você é um dos donos mais jovens de uma empresa do ramo no mercado. Responsável pela seta estar lá em cima no último fechamento do ano fiscal.

— Isso é uma piada — Rafael riu — Sabe que se não fosse você eu estaria com a corda no pescoço.

— Saber escutar bons conselhos também é papel do líder. Garanto que muitos sonham em estar no seu lugar agora, você vai se arrepender daqui a alguns anos quando se tornar igual a esses velhos sapos presos ao século passado. Deixe de bobagens e curta um pouco seu momento.

Aquelas palavras ecoaram pela sua cabeça pelo restante da reunião.

— Eu vou — afirmou acanhado quando se aproximou de Gabriel no fim do dia, enquanto o rapaz guardava sua papelada em uma maleta.

Gabriel sorriu e algo pareceu acender em seus olhos.

— Não vai se arrepender, prometo.

Mas Rafael, que não se achava bobo, sabia que poderiam ter outros planos naquele inocente convite. Uma empresa como a Eletronik estava sempre na mira de grandes conglomerados globais, só esperando o momento certo para abocanhar tudo.



Gabriel fumava um cigarro eletrônico em pé enquanto observava o campo arborizado do condomínio. Apagou e abraçou Rafael quando ele chegou todo arrumado, logo depois deu dois soquinhos em seu peito.

Combinaram que iam no carro de Gabriel para conversarem sobre algumas coisas.

— Escuta — interrompeu Rafael quando se aproximavam do lugar. — Tem algo que precise saber antes de chegarmos?

Seu amigo deu uma risada, que preencheu todo o carro.

— Está com medo?

Rafael bufou.

— Você sempre vem com esse papo quando tenta se esquivar de algo, quero saber se está planejando alguma coisa.

— Algum dia já te coloquei em uma enrascada, garotinho medroso?

— Bem, algumas vezes.

— E eu não consegui te tirar de todas?

Rafael resmungou pelo resto da viagem, até se dar por vencido. Não tiraria nada do sujeito.

Chegaram em uma mansão e Rafael começou a se incomodar com suas mãos molhadas de suor. O local estava cheio, mas era semelhante a todas as outras festas

que frequentou após herdar a empresa: entediante.

Uma banda tocava uma música ambiente que passava sofisticação ao evento. No geral, todo mundo estava com roupas caras e joias brilhantes. Garçons uniformizados andavam de um lado a outro entregando bebidas em taças longas e canapés minúsculos aos convidados.

Segundo Gabriel, negócios eram feitos ali, oportunidades firmadas e decisões entre goles que decidiam a vida de centenas, às vezes milhares de pessoas. Falava tudo com naturalidade, dando suspiros longos e distribuindo sorrisos.

Rafael não podia deixar de inveja-lo, parecia ter nascido para aquilo enquanto ele ainda derrapava em tudo o que dizia sobre aquele mundo. Seu colega pareceu ter percebido o olhar de desespero.

— Vou te dar a dica mais valiosa que já recebi. — Ele ajeitou a gravata de Rafael enquanto falava. — Sorria e acene com a cabeça. Ninguém quer a sua opinião, apenas concorde. Não viemos aqui fazer amigos, apenas manter próximo os nossos rivais. Não definimos as regras, apenas jogamos segundo elas.

— Quem te disse isso?

— Vai conhecer ele hoje.

— Tá. Tentarei não estragar tudo.

— Não vai — deu outro soco de leve no peito de Rafael. — Respire fundo, eleve o queixo e se lembre: Sorria e acene com a cabeça.

— Mais alguma palavra de sabedoria de algum livro de autoajuda?

— “Começos e finais são tão parecidos, que às vezes se confundem.”

— E o que isso deveria significar? — Inquiriu confuso.

— Achei que quisesse conhecer meu caderninho de frases de efeito.

Os conselhos foram úteis nos primeiros minutos, mesmo achando que não conseguiria esconder muito sua natureza, lidou bem com todos os que se aproximavam. E a cada vez mais eles vinham, às vezes sozinhos, outros em casal,

outros em grupos. A maioria era de velhos, mas conseguia ver outros ali como ele: jovens promissores que nasceram com as nádegas viradas para o astro certo.

Todo o contato era efêmero demais, sem qualquer laço, apenas a casual troca de conversa sobre o clima, política, notícias internacionais e toda sorte de assunto que no fundo não importava muito ali.

Se tranquilizou no início, mas aos poucos foi notando uma mudança de clima. No meio da mansão, onde grandes pilastras brancas e tortas o cercavam, sentiu que vários olhos estavam postos nele.

Eletronik não era a maior empresa do país, mas era uma das grandes, e por algum motivo descobriu que seu pai era bastante popular naquele meio, pois todos pareciam se lembrar dele e faziam questão de deixar claro que eram amigos próximos.

Um dos olhos, porém, pareciam mais maliciosos do que de todos os outros. Uma jovem mulher se aproximou e se apresentou para eles. Era filha de um dos donos da maior farmacêutica do estado, que embaralhava a língua enquanto falava graças a taça em sua mão. Chegou a derramar um pouco de bebida nele sem perceber.

Rafael tentava se livrar da situação, mas foi apenas com Gabriel percebendo a cilada que conseguiu o pretexto suficiente para sair da enrascada.

— Ela parecia estar na sua. — Gabriel fingiu coçar o nariz, apenas para cobrir a risada.

— Me lembre depois de quebrar a sua cara — Rafael respondeu, enquanto se afastava dela e de seu grupo de amigos, todos jovens e sem muita coisa na cabeça além de curtir a vida proporcionada pelos pais.

Rafael parou um garçom no meio do caminho, pegou uma taça de *prosecco* e bebeu em uma virada. Gabriel arregalou os olhos de doninha, pela primeira vez foi pego de surpresa por uma ação dele.

— Quem mais eu tenho que conhecer aqui, afinal? — perguntou Rafael enquanto limpava a boca discretamente com a gola do paletó.

Se queriam que ele entrasse de cabeça naquilo, deveria se convencer primeiro e conforme mais taças iam surgindo em sua frente, mais fácil para ele ficava.

A dupla subiu por escadas e seguiram por um corredor no segundo piso daquela mansão, passaram por esculturas contemporâneas impossíveis de entender. Ali a música se tornava cada vez menos influente. Até os garçons pareciam não se aproximar muito por aqueles lados.

Atravessaram uma porta dupla e chegaram na varanda. onde uma dúzia de senhores bem vestidos compartilhavam gargalhadas sinceras enquanto fumavam charutos fedorentos. Não precisava conhecer muito para notar que aqueles eram os maiores tubarões daquele mar.

Gabriel se endireitou ao se aproximarem do grupo, foi sutil, mas não o suficiente para Rafael não perceber.

Parecia uma fraternidade de gente velha que se conhecia a muito tempo. O assunto em pauta parecia ser a notícia sobre a morte do candidato à prefeitura da cidade há duas madrugadas. Assunto esse que se encerrou com a aproximação dos dois.

Rafael foi recebido com entusiasmo e mais tapinhas nas costas. Eles eram membros da Augenweis, um grupo de investimentos que nunca imaginaria que fosse de origem alemã, já que a maioria ali não era gringo.

Cumprimentou a todos e por fim, conheceu dentre eles um senhor muito idoso em uma cadeira de rodas. Estefan Macht era um esloveno naturalizado no país, um dos caras mais poderosos e influentes do lugar e também líder da Augenweis.

Mesmo com a cabeça baixa, o velho trêmulo levantou o pescoço para dar uma boa olhada em Rafael. Seus olhos eram muito claros e seus lábios finos balbuciaram alguma coisa. Rafael se curvou para escutar o velho.

— Drachenmacht.

Não entendeu bem, mas achou que não tinha muita importância. Talvez alguma piada interna do grupo. Quando estava prestes a se afastar, o velho apertou sua mão com firmeza. A girou como se estivesse procurando algo interessante ali. Quando viu que estava longo demais para ser um cumprimento, Rafael tentou puxá-la de volta, mas não conseguiu. O velho o segurava com mais força do que lhe parecia permitido naquela idade.

Aquela situação já era estranha o suficiente, mas foram seus olhos faiscantes que assustaram Rafael. Sentiu calor subir pela mão apertada até uma temperatura que

parecia maior do que uma mão humana conseguia produzir.

Os outros ao redor riram animados, com exceção de Gabriel que parecia curioso com o evento.

— O garoto perdeu a língua! — Solto um dos membros da Augenweis. Todos gargalharam mais, risadas grossas e que na cabeça de Rafael pareciam mais monstruosas do que realmente eram.

Quando conseguiu se soltar, sentiu uma força arrebatadora lhe acertar o peito. Era como se estivesse sob uma pressão anormal do lugar. A mansão ameaçava esmagá-lo por completo se ele não desse o fora dali.

Conseguiu se lembrar daquela sensação. Um sexto sentido que estava adormecido desde que o demônio do qual tinha contrato fora embora.

Dos poros dos membros do grupo, um vapor sutil pareceu emanar. Denso e pegajoso, grudado na pele como maresia.

Um arrepio percorreu sua espinha.

Não era mentira, ou coisa de sua cabeça. Pensou alarmado. Estava finalmente voltando a sentir aquelas estranhezas novamente.

— Eu acho que... — Rafael titubeou — Preciso fazer uma ligação. Com licença.

Rafael abandonou a varanda apressado, atravessou os corredores e desceu as escadas, mal percebendo que Gabriel vinha logo atrás sem entender.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou ele. Tentou segurar Rafael, mas foi afastado.

— Só não estou me sentindo muito bem. — O rapaz pôs as mãos sobre a cabeça.
— Deve ter sido a bebida.

Risadas pareciam segui-lo por onde quer que fosse. Pessoas para todos os lados, todos com auras pipocando como uma massa disforme em volta de cada.

Procurou o banheiro mais próximo a toda a velocidade. Sentia ondas de arrepios, um mal-estar febril e outra gama de sensações que nem ao menos sabia que era

capaz de sentir. Sua pressão despencou e a mansão girou em uma ciranda caleidoscópica sob seus olhos.

Era bem diferente do que costumava sentir nos ataques de pânico, mas a paranoia estava presente. Para piorar, conseguia distinguir auras ainda mais pesadas ocultadas no meio da multidão. Aquela identidade típica de seres demoníacos, que estavam misturados na multidão.

Desistiu do banheiro e foi direto para a saída. Passou pela multidão de ricos. Uma chuva fina fazia a superfície do lago ao lado da mansão tamborilar. Foi andando até o portão e acenou para o primeiro táxi que apareceu.

Apenas respirou aliviado quando abriu a porta dianteira do carro e se jogou para dentro. Encarou pelo lado de dentro o rosto de Gabriel alarmado, parado lá fora, todo molhado. Mas não conseguiu se preocupar com o amigo, algo estava estranho consigo e a única coisa que Rafael podia fazer era se afastar.

Enxergou o executivo diminuir pela janela conforme o carro se afastava.

O motorista lhe disparou olhares indiscretos. Também pudera, estava branco, suava frio e sua cara definitivamente não era das melhores. Sentia sua pele queimar, quase como se fosse saltar para fora dos ossos.

Se perguntava porque foi acontecer algo assim justo naquele momento. Mas não conseguia gerar pensamentos elaborados sem ter a sensação de que seus miolos derreteriam por dentro do crânio.

As ruas estavam desertas e a chuva agora caía com força na cidade, criando córregos que acompanhavam avenidas e entupindo esgotos. Evitou olhar para as janelas e ver coisas das quais não queria. Mas não precisava, conseguia sentir em um raio curto a presença de qualquer indivíduo vivo ou nem tão vivo assim. Era como se estivesse mergulhado em uma banheira cheia de água e alguém jogasse patinhos de borracha na superfície.

Em um impulso de saber se já estava chegando, disparou olhares rápidos para fora e conseguiu ver ruas iluminadas, com as gotas cortando facho de luz a todo o momento. Reconheceu quando estava bem próximo, tirou notas amassadas da carteira com mãos trêmulas e se preparou para descer.

O taxista parou na entrada do prédio, Rafael jogou um bolo de notas amassados para ele e saiu em direção a portaria. Antes de completar o trajeto, escutou um grito que gelou sua alma.

Era apenas o taxista, que estava acenando para ele de dentro do carro. Era impossível aquela corrida ter gerado uma cobrança maior do que o pagamento, teria garantido, com uma boa margem de erro, uma gorda gorjeta para o cidadão. Mas o motorista insistia.

Rafael retornou ao carro contradizendo seus instintos para que entrasse de uma vez no prédio. O motorista abriu o vidro do carona e uma imagem desconexa surgiu. Era como se aquela figura não pertencesse aquele lugar e sua menção ali fosse um truque diabólico gerado pela sua própria cabeça.

— Não está esquecendo de nada não, ô guri?

A língua de Rafael parecia ter aumentado de tamanho e se enrolou, balbuciou alguma coisa e o motorista injuriado pediu para que resolvesse logo. Era a filha do dono da farmacêutica desacordada no banco de trás do táxi, com o vestido da festa completamente encharcado.

Como raios aquilo foi acontecer!? Pensou. A conclusão era que talvez ela o tenha seguido pela festa e entrado no táxi em meio aquele turbilhão de estímulos que recebia, não devia tê-la percebido. Ela devia estar bêbeda e determinada demais para fazer uma loucura dessas, pensou.

Abriu a porta traseira e a carregou no colo, era leve e estava completamente mole em seus braços. O motorista disparou logo após Rafael fechar a porta.

Percebeu que a adrenalina colocou um pouco de ordem em sua cabeça. Sentia ainda aquelas sensações bizarras, mas agora pareciam anestesiadas frente ao susto que levou. Procurou não olhar para o vestido, que molhado estava semitransparente.

Subiu já esperando algum olhar confuso de algum funcionário. Mas ninguém questionou nada, coisa de prédio de rico. Decidiu subir com ela para seu apartamento e deixa-la em sua cama enrolada em toalhas.

Só quando chegou aos elevadores que um dos seguranças se ofereceu para ajudar, mas Rafael o dispensou. Viu o porteiro e o segurança se entreolhando quando as

portas do elevador se fecharam.

Digitou a senha de entrada de seu apartamento com o dedo médio enquanto a equilibrava com o ombro e fez como planejado. Não queria causar nenhum mal-entendido, por isso apenas a secou com aquelas toalhas felpudas o máximo que pode e ligou o aquecedor de seu quarto. A menina estava completamente desmaiada.

Rafael pegou um travesseiro de algodão egípcio e o pôs debaixo do ombro, agarrou um cobertor e foi para o sofá, sua única opção de encerrar a noite, já que os outros quartos estavam vazios de móveis.

As janelas eram a prova de som, mas ali dentro pareciam também a prova de qualquer fenômeno esquisito, já que as sensações anormais diminuíram ainda mais de intensidade.

Apagou e teve um sono cansado e sem sonhos. Que não duraria muito, frente o que estava para acontecer.

Capítulo IV

Quando há uma longa noite, guarda-chuvas e demônios

Acordou depois de se sentir incomodado, como se houvesse um peso sobre ele que o impedisse de respirar. Com sua visão embaçada notou algo se movendo na escuridão acima dele, mas pensou que fosse apenas a estante de livros em seu campo de visão. Foi nesse momento de torpor que notou um ponto brilhante. Tentou focar com mais afinco, se acostumando com a escuridão, viu que não era a lua, mas algo que refletia sua luz.

Aquilo parecia uma faca.

Aquilo realmente era uma faca.

O utensílio atravessou o travesseiro e o estofado com facilidade. Por poucos segundos poderiam ser seus miolos a serem atravessados, não fosse Rafael ter rolado para o lado e ter caído no chão após bater a cabeça na mesa de centro. A mulher perdeu o equilíbrio com o movimento e caiu para o lado, logo acima dele.

Ainda desnorteadado, segurou um dos pulsos dela enquanto a mulher tentava recuperar a faca presa ao sofá. Com um apertão, fez ela soltar o cabo e a lâmina girou para baixo da mesa.

Em um solavanco desajeitado, se aproveitando de seu peso, Rafael conseguiu se virar e ficar acima da mulher, imobilizando suas mãos.

— Então você é o especial dele, mister? — As palavras saíram sibilantes, entre os dentes da menina.

E então por mais improvável que parecesse, aquele pequeno pedaço de gente, conseguiu se desvencilhar e jogou Rafael para trás. Ela se contorceu para debaixo da mesa de maneira estranha e se levantou do outro lado do móvel com a faca recuperada. Seus olhos estavam vidrados, de uma cor que não se lembrava de possuir.

Antes de Rafael poder reagir, ela segurou a faca com firmeza e mergulhou no ar, apontando a arma na direção do peito dele. Por pouco não conseguiu se esquivar, perdendo a camisa e um pouco de sangue no processo. A jovem mulher se desequilibrou pela falta de apoio e caiu sobre a mesinha de vidro, que se quebrou em centenas de pedaços.

Tudo parecia terminado, mas viu incrédulo a menina ainda se levantar com vários cortes sobre o corpo. O ombro fino estava deslocado, em uma posição em que não parecia normal. Seu rosto estampava uma diversão sádica com a situação, conforme via a expressão de um desesperado Rafael assustado com a cena.

— Ele não apareceu ainda para te defender? — Disse a mulher, mas a voz não parecia pertencer àquelas cordas vocais, era rouca e inumana. Logo depois realocou o ombro para o lugar, como se fosse um boneco de ação desencaixado.

— O que tinha na sua bebida, garota? — Rafael deixou escapar.

Ela jogou a faca em sua direção e quase arrancou a orelha dele fora. Com um grito de guerra a plenos pulmões, se jogou contra Rafael.

— Não estou sendo claro o suficiente, mister? — ela cuspiu, com um estranho sotaque.

Com socos e pontapés, Rafael foi recuando. Queria negar, mas estava claro.

A aura escura era expelida pela pele da mulher, a envolvendo como um casulo de fumaça. Rafael podia enxergar aquilo com os olhos, mas sabia que não era um fenômeno físico. O ar lhe escapa não apenas pelo esforço da luta, mas também porque sentia uma pressão hostil que o invadia e que dificultava sua respiração. Aquilo não parecia aura de gente, era danoso pela sua natureza, uma energia negra como um ferimento na realidade, a manifestação espiritual de algo que deveria estar nas camadas mais profundas do Abismo.

Aquilo era um demônio.

Rafael conseguiu uma abertura e a empurrou, tentando fazê-la parar. Mas a mulher possuída deu apenas alguns passos para trás e escorregou no piso. Porém, antes de cair com a cabeça no chão, parou de maneira fantasmagórica no ar. Negou a força da gravidade de uma maneira que deixaria Newton encabulado, se erguendo apenas com a força dos joelhos e ficando de pé.

Ela investiu uma terceira vez sobre ele e acabou o jogando com força o suficiente para fazê-lo atravessar o apartamento, chegar na cozinha e ser parado apenas quando bateu de encontro ao armário. Suas costas afundaram a porta de madeira e ele gritou de dor.

— Eu não quero te machucar — Rafael soltou com uma lufada de ar enquanto se recompunha. Falar saiu mais difícil do que planejou, e suas costas arderam de dor.

A menina deu um risinho malicioso. A aura negra semitransparente agora tomava conta da cozinha.

— Ele não apareceu ainda? Onde está Kalciferum! — gritou a mulher.

Esse nome não lhe era estranho, mas não podia responder mesmo se quisesse. Talvez fosse aquele demônio das suas memórias, no qual tinha um contrato, mas Rafael não sabia ao certo. Mesmo se fosse, o dito cujo estava desaparecido há muito tempo.

A possuída não gostou da falta de fala do mundano e algo flutuou na sua frente com velocidade e produziu um baque seco. Olhou para o lado e viu um cutelo preso na porta da geladeira. Se virou para ver de onde a lâmina tinha surgido e viu o aparador com pelo menos meia dúzia de facas se soltando e pendendo no ar. As armas dançaram como se puxadas por cordões invisíveis e miraram em sua direção.

Rafael tentou vasculhar os cantos mais profundos de sua mente, tentando achar uma solução para aquele problema. Mas não via nada. Deu por si que talvez fosse aquilo, o fim.

Algo passou bem na frente de seu nariz e uma barulheira de metal caindo no chão anunciou que talvez tudo tivesse acabado. Rafael abriu os olhos após ouvir um guincho como o de um porco antes do abate. Ele mesmo estava intacto, mas a mulher não. Uma das facas estava atravessada em seu pulso, a prendendo na parede. Nem uma única gota de sangue saía do ferimento, mas o demônio gritava.

— Não força a barra, Mergal — Uma voz preencheu a cozinha, vindo de trás de Rafael.

Aquilo foi como um lampejo, dezenas de cenas desconexas pareceram se encaixar e começar a fazer sentido. Um sentimento brotou do peito de Rafael, algo bem

diferente do que deveria sentir naquela situação. Era um misto de nostalgia e irritação.

Olhou para trás e viu um rapaz com a aparência um pouco mais nova que ele, com um moletom vermelho vibrante e um rosto audacioso sob o capuz. Equilibrava um cigarro entre os lábios e balançava as pernas despretensiosamente, sentado sobre a pia com sua calça jeans rasgada.

Kalciferum, também conhecido como Cal, o demônio no qual tinha assinado um contrato, puxou o cigarro dos lábios para expelir sossegadamente a fumaça de seus pulmões pela boca. Com aquela expressão irritante de superioridade.

— O Calcinador enfim chega — anunciou o demônio que possuía a mulher.

Outra faca voou em direção a ela, abrindo um talho em seu rosto.

— Vai acabar matando-a, seu animal! — Rafael gritou para Cal.

Até aquilo era nostálgico. Uma raiva que brotava para fora de sua garganta após alguma atitude inconsequente de seu demônio contratado.

— Compaixão. A mais irritante das virtudes mundanas — Cal desceu da pia e circundou a mesa da cozinha. Se aproximou do seu conterrâneo possuidor. — Vamos bater um papinho, *capisce*?

Cal arrancou a faca que segurava o pulso da mulher e zuniu o objeto para o outro lado da cozinha, e a lâmina perfurou a outra parede. Antes da garota cair no chão, o demônio de moletom vermelho a puxou pelo braço e os dois demônios saíram da cozinha para baterem o tal papo.

A mulher se debatia como um animal lutando contra um oponente muito maior, mas nada conseguiu fazer para evitar ser levada para o quarto em que originalmente estava.

Nesse exato momento a campainha do apartamento tocou e aquilo fez Rafael ficar ainda mais baratinado com a situação. É claro que os vizinhos dos outros andares certamente ouviram a gritaria, pensou. Rafael limpou o sangue do rosto e tentou não transparecer o desespero. Teria que se livrar logo da situação e ir para o quarto ver o que Cal estava aprontando. Não podia confiar nele sozinho com a menina nem mais um único segundo.

Rafael pôs o rosto no olho mágico e viu um senhor esquisito, de rosto moreno e barba por fazer do outro lado da porta. Nunca o tinha visto no prédio.

Abriu a porta com delicadeza, tentando calcular o que diria no próximo segundo. Mas o homem do outro lado da porta fez algo que Rafael não esperava. Atravessou por baixo de seu braço que segurava o umbral e adentrou no apartamento sem qualquer cerimônia.

Ele era baixo, vestia um casacão velho por cima de uma camisa de botão amarelada. Com cabelos brancos desgrehados que surgiam por baixo de sua boina cinzenta. Ele segurava um guarda-chuva preto nas mãos, como uma bengala.

O mundano Rafael não soube como reagir. O homem do guarda-chuva olhou para ele e fez uma pequena reverência, observou da cozinha em direção ao quarto e logo depois se voltou para uma enorme máquina de café que existia ao lado da geladeira. Como se já soubesse o que fazer, o senhor apertou um botão e a máquina começou a zumbir, indicando que um copo de café começaria a ser preparado.

Como quem não quer nada, o homem se virou para Rafael, apontou para a máquina e...

— Café? — perguntou, oferecendo ao rapaz.

Rafael não estava entendendo mais nada.

Era como quando conheceu Cal, aquele estúpido demônio parecia ter a habilidade de dobrar a realidade e transformar tudo em uma completa loucura. Rafael deixou o homem do guarda-chuva na cozinha preparando a bebida que tanto queria após escutar um grito da possuída. Fechou a porta e foi até o quarto tentar intervir para ela sair quão ilesa conseguisse.

A mulher estava presa na cama, com seus membros esticados, amarrados com lençóis. Como uma icônica cena de algum filme de terror.

Mergal, que vestia o corpo da garota, começou a rir.

— Não acredito que tenha vindo até aqui só para me provocar. Desembucha, agora que já tem minha atenção — ordenou Cal, impaciente.

Por mais que tentasse, mesmo com sua força descomunal, aquele corpo feminino não conseguia se soltar das amarras. Os primeiros minutos foram mais agitados, a

possuía cuspiam a todo o momento e envergava a coluna tentando se elevar, fazendo suas costelas aparecerem sob a pele esticada. Logo depois, balbuciou algumas palavras em latim que foram incompreensíveis para Rafael.

Vários objetos menores começaram a flutuar a esmo pelo quarto e Rafael começou a tentar alcançá-los, para evitar que ela se ferisse com a queda de um deles sobre seu corpo. Acabou abandonando a ideia ao ver que era impossível agarrar a todos.

Fez então a única coisa que poderia, um pequeno plano mirabolante que conseguiu pensar, graças às noites de insônia vendo aqueles filmes americanos de exorcismo. Baixou um aplicativo da bíblia e começou a procurar um trecho que seria matador para a situação.

Rafael não queria que Cal resolvesse nada para ele. Não queria depender de sua presença. Apenas desejava que ele sumisse novamente e o deixasse em paz, junto com o conjunto de esquisitices que vinha no pacote.

Mas ele nunca tinha ido muito a fundo nas leituras bíblicas. A sua primeira comunhão tinha sido um desastre.

— “E os hipócritas de coração amontoam para si a ira; E amarrando-os ele, não clama por socorro” — leu a coisa mais próxima de um sermão de padre que encontrou.

Mergal, na forma de mulher, se virou para ele com um sorriso debochado no rosto.

— Você está lendo Jó para tentar expulsar um demônio? — inquiriu Cal irritado.

— Pelo menos estou tentando fazer alguma coisa.

— Esse carinha é uma figura, Kalciferum. — Mergal soltou uma risadinha. — Agora entendo porque está há tanto tempo com esse mundano imprestável.

— Ótimo — o mundano Rafael revirou os olhos e deixou o quarto.

Seu apartamento estava de cabeça para baixo. Sangue para todo o lado, móveis virados, cacos de vidro salpicados no chão, utensílios domésticos largados ou presos a paredes.

Foi até a cozinha e abriu a geladeira, tomou longos goles de cerveja e tentou se tranquilizar. Percebeu que o homem do guarda-chuva ainda estava lá, sentado em

uma cadeira e tomando o seu estimado cafezinho em sua caneca preferida.

— Parece que a coisa lá tá feia, né não? — Falou o senhor, com seu guarda-chuva pousado em seu colo.

Rafael não soube se deveria responder. Abriu a boca, deixou escapar um gemido curto e voltou a fecha-la.

— Acho que você precisa de uma mãozinha, por sorte, tenho duas — riu o homem do guarda-chuva.

Talvez se arrependesse da pergunta. Mas não parecia ter outra alternativa.

— Está sugerindo que sabe expulsar demônios?

O senhor de olhos matutos o encarou, com certa diversão no rosto. Atravessou a sala bagunçada e foi até o quarto acompanhado do dono do apartamento.

Quando atravessaram a porta, Rafael notou um frio fora do normal. Verificou o termostato, mas ele estava regulado para aquecer o ambiente.

Cal, sentado no carpete, deu longos tragos em seu cigarro como se esperando Mergal decidir falar por vontade própria. Já a mulher possuída continuava a se contorcer, mas ela mal parecia a mesma de antes. Sua pele estava seca, com olheiras que se afundavam sob os olhos e veias arroxeadas que saltavam do pescoço.

— O veneno do tihoso está se espalhando. Nunca vi um miasma tão forte — concluiu o homem do guarda-chuva.

— Podemos fazer alguma coisa? — inquiriu Rafael, não querendo um cadáver em sua cama nos próximos minutos.

— Se fosse vocês, procuraria algo melhor pra fazer, esse aí nem com reza braba — respondeu o demônio Cal.

Mas o velho não prestou atenção naquele diabo. Observava Rafael com interesse.

— “Podemos” é uma bela escolha de palavra. — disse o homem do guarda-chuva, que levantou as mangas. — Vou precisar da ajuda de alguém de sangue novo.

A mulher com o rosto cadavérico riu com fraqueza, seu corpo parecia prestes a ceder.

— Por favor, cite novamente aquele trecho que leu pra mim — Mergal debochou.

Irritado, Rafael ficou com vontade de sacudir o corpo da menina até o encosto sair. É claro que não faria isso, mas havia dado um passo em direção à cama sem perceber. O velho levantou o guarda-chuva até o peito do rapaz para que não se aproximasse mais.

— Não vá na onda dele. Um “coisa ruim” sabe como tirar qualquer um do sério. — Ele puxou do bolso da calça algo e jogou na direção de Rafael. — Me ajuda com isso, faz favor.

O mundano quase deixou escapar o objeto diminuto entre os dedos, mas o agarrou no ar antes de cair. Era um pequeno pedaço de giz branco. O homem do guarda-chuva apontou para a parede que fazia oposição a cama.

— Faz um triângulo pra mim, por obséquio.

Rafael o observou com seriedade. O pedido absurdo não fazia sentido para ele, mas não ousou questionar isso.

— Que tipo de triângulo?

— Qualquer um que tenha três lados. — O velho sorriu.

Como se fosse algo absurdo, olhou para o giz e se questionou por uns instantes, mas não se deu ao luxo de continuar inerte.

— Acha que vai dar conta, velho? — perguntou Cal, mas a misteriosa figura não respondeu. Estava de olhos fechados, concentrado em algo.

Não foi o melhor triângulo equilátero que conseguiu fazer em sua vida, mas, apesar de tremido em alguns pontos, Rafael estava particularmente satisfeito. Sua largura na base era do tamanho de seus braços abertos, o que obrigou a dar uns pulinhos para conseguir fechar o vértice superior.

— E agora? — perguntou o mundano.

— Volte aqui e fique paradinho. — Rafael seguiu as instruções do velho e ficou ao lado direito da cama. Sentado de pernas cruzadas no chão. — Agora faça uma bolinha em volta de você.

— Quis dizer um círculo?

— Isso. Isso.

— ... Redondo, já saquei — respondeu, enquanto esfregava o cotoco de giz restante no carpete.

— Esse será seu lugar seguro — explicou o senhor, que não largava seu guarda-chuva de jeito maneira. — Já está se sentindo seguro?

— Agora que perguntou, nem um pouco.

— Ótimo, nunca subestime um tihoso, para seu próprio bem.

Cal estava um misto de curiosidade e diversão. Já Rafael se manteve sério, terminando seu círculo “seguro” até não restar mais um único grama de pó branco em sua mão.

O homem bateu três vezes com o bico do guarda-chuva no chão e logo depois o apontou para Cal.

— Tá esperando o que, *minino* Cal? — falou o velho para o demônio sentado no chão.

O demônio contratado soltou a fumaça do cigarro pelas narinas e fez um gesto com a mão. Rafael não entendeu nada, até a marcação de giz começar a brilhar em um tom de azul, misturado com uma fumaça negra. O círculo começou a pegar fogo.

— É melhor garantir que remediar — afirmou o velho por fim.

Aquele fogo não tinha a capacidade de queimar Rafael. Agradeceu por isso, pois não acreditava que usar um desenho de giz iria oferecer uma defesa adequada. Fogo também não parecia ser o ideal, mas pelo menos aquilo parecia o mais próximo dos círculos mágicos dos filmes de magia. Para a cabeça de Rafael, serviu.

— Se prepara — O velho proferiu.

— Como vou... — Mas antes de terminar sua fala, Rafael se assustou com o guarda-chuva sendo apontado para o rosto da mulher. O homem que o empunhava estava de frente para a cama, entre a mulher amarrada e a parede com o triângulo.

— *Quod aequilibrium veniat restituendum per vires.*

Rafael não teve certeza, mas uma sensação de tremor tomou o seu corpo. A mulher respondeu fazendo seu corpo se contorcer de maneira macabra, como se seus tímpanos estivessem sendo arranhados.

— *Et nihil auferet secum pythones, et revertatur in abyssum* — ordenou o homem do guarda-chuva.

Ao contrário da mulher que parecia se agitar cada vez mais, as palavras amorteceram a cabeça de Rafael. Ficou sonolento, com as piscadas se tornando cada vez mais constantes e sua respiração mais profunda.

Tudo ficou escuro.

Parecia ter se teleportado para outro lugar. Olhou para suas mãos, e elas estavam difusas. O horizonte a sua frente parecia uma ferida aberta e pulsante, que sangrava na forma de uma luz vermelha que pintava as nuvens e picos gelados de carmim. Coisas horrendas voavam ao longe, sem se darem conta de sua presença. Por vezes, o céu era cortado por relâmpagos que desenhavam grosseiramente o negrume na terra desolada e árida.

Parecia estar a poucos passos de um enorme desfiladeiro, que singrava e dividia a terra em duas. Lá embaixo não conseguia ver nada além da escuridão total, sentia única e exclusivamente um bafo quente que emanava lá debaixo que lembrava a respiração de um titã. A fenda no chão dizia seu nome por dentre os dentes que não possuía.

Deu um passo para trás, mas algo pior produzia uma aura pesada em suas costas. Se virou e deu de cara com um bode cinzento de patas negras. Quatro chifres contorcidos brotavam de seu crânio e olhos brilhantes horizontais faiscavam de alegria. A simples presença daquele animal corrompido envenenava sua alma e, sem opção, teve que recuar em direção ao desfiladeiro.

Foi dando passos involuntários para trás até não restar chão. Conforme se aproximava mais do abismo, sussurros e cochichos atravessavam sua cabeça como

flechas e ameaçavam partir seu espírito.

“Não”. Escutou a palavra vinda do abismo. Ele estava dividido, tendo que escolher seu terrível destino. O abismo lhe ofereceria a loucura e perdição, enquanto o bode demoníaco parecia algo igualmente perigoso.

“Pise”. A outra palavra mal foi escutada, já que o bode começou a se aproximar dele. Rafael se desesperou.

Com uma decisão final, decidiu avançar sobre o animal, mesmo que ele o cortasse em pedacinhos, parecia um fim mais digno do que a queda naquele vazio abismal.

“Fora.”

Rafael estava novamente no quarto, com o coração a mil e respiração exasperada. As três palavras foram começando a se unir e fazer sentido na sua cabeça.

— Não pise fora do círculo, seu idiota — gritou Cal.

Que círculo? Pensou o mundano.

Olhou para baixo e percebeu que estava de pé. O passo que havia dado no sonho proveniente de sua escolha foi o mesmo que deu para fora do círculo de giz. Ele estava com metade de si para fora.

Aquilo fez seu coração gelar por uns instantes. Viu o olhar de preocupação que o velho do guarda-chuva o lançou, logo depois se virou para a mulher possuída na cama. Não havia só ela, mas uma forma escura e contorcida, meio homem, meio bode, estava sobre o corpo da possuída. Não parecia mais uma presença de aura, ele estava ali, em carne, osso e podridão. Uma fenda se abriu no que deveria ser a cabeça da criatura e seus dois olhos se arregalaram, olhos com íris horizontais. Essa foi a última coisa que viu, antes da criatura pular em sua direção com um grito estridente.

Rafael jurou que seu coração havia explodido de terror, mas tudo se apagou. Os microssegundos seguintes foram horas de uma sensação horrível em sua cabeça.

Quando Rafael abriu os olhos e ganhou novamente um fragmento de consciência, ele já não estava na mesma posição no quarto, seu corpo havia se grudado dentro do triângulo em que ele mesmo havia desenhado. Seus pés não encostavam no

chão e ele se contorcia. Sentiu algo em suas entranhas que o queimava e queria sair.

Viu o guarda-chuva apontado para o meio de seus olhos. Rafael tentou falar, mas só saíram grunhidos e, por fim, um rugido que balançou o quarto. O homem recuou o guarda-chuva e estocou a barriga de Rafael com força. Um vômito de podridão saiu involuntário e uma fumaça escura formou uma nuvem acima deles.

— Vejo você em breve, mister Rafael.

A voz distorcida partiu da nuvem e então se foi, como se a forma negra nunca tivesse estado ali. Rafael cedeu e começou a ser puxado novamente pela gravidade, como se lembrasse que estava sob sua lei novamente. Pôs as mãos sobre sua barriga, mas não estava ferido fisicamente. A última visão que teve antes de novamente apagar foi a menina em um sono tranquilo em sua cama. Aquilo o confortou de alguma maneira, antes de vomitar os canapés no carpete.

Capítulo V

Quando há uma mensagem anônima

O aroma do café recém coado preencheu o apartamento e se misturou com o fedor do cigarro de Cal, até os dois cheiros se tornarem uma coisa só. Lembrava da época em que sua mãe o levava a botecos de esquina e sentia aquele mesmo cheiro impregnar o ar. Sentiria nostalgia, não fosse o pavor absoluto em que estava.

Estava na cozinha e detinha para si uma caneca cheia do líquido negro. Se segurava para não levantar e entrar no quarto várias vezes para checar se realmente tudo havia acabado. O homem do guarda-chuva garantia que sim, enquanto dizia que feitiços antigos agora cuidavam das feridas da mulher.

Memórias difusas martelavam a cabeça de Rafael, enquanto ele segurava firme a caneca quente com as duas mãos. Apenas o aroma do café e o calor do líquido pareciam segura-lo no plano físico como uma âncora. Cada vez mais aproximava seu nariz e a segurava com mais força, esperando que de alguma forma aquelas sensações fortes captadas pelos sentidos do olfato e tato mantivessem sua cabeça no lugar.

Sentia-se violado, sujo e impotente.

O velho misterioso de guarda-chuva havia terminado de encher uma outra caneca, agora para ele próprio, e se sentou em uma das cadeiras, deixando seu guarda-chuva encostado ao lado da mesa da cozinha. Percebeu que estava sem sua boina, revelando o restante de sua cabeleira branca. Ele observava Rafael, em uma paciente expectativa. Talvez calculando que tipo de palavra poderia ser expressada depois de tudo aquilo. Mas, para Rafael, não existia qualquer uma que pudesse se encaixar naquele momento, criando um iceberg que demoraria a ser quebrado.

— Nada bom. — O homem deixou escapar e Rafael o observou com estranheza. Como se finalmente se desse conta que o ato de juntar palavras e construir frases fosse algo normal e que tinha também essa capacidade. Mas decidiu que não deveria. Sua própria voz saíria alienígena, estranha e arranhada, um ataque a

realidade, que poderia a qualquer momento se quebrar e revelar que todo um inferno sobrenatural poderia voltar a acontecer.

Foi de súbito que o iceberg se rompeu e, em um impulso, Rafael saltou da cadeira com a caneca em mãos e marchou da cozinha para sala.

Cal estava esparramado no sofá, olhava para o teto sem muitas preocupações no rosto. A caneca foi jogada com agressividade para cima do demônio, que conseguiu agarra-la no ar sem muita dificuldade, mesmo com o café se derramando para todos os lados, não parecia sentir a queimadura que o líquido faria em qualquer pessoa normal.

Da garganta de Rafael não saiu nada, mas sua expressão dizia tudo. Estava vermelho, com veias saltadas e seus lábios tremiam.

— Saudade é um sentimento estranho a mim, por motivos óbvios — debochou o demônio — Mas não lembro de envolver jogar algo na cabeça dos outros.

Rafael agarrou uma das cadeiras próximas e ameaçou jogar para cima do demônio também, mas o mesmo se levantou e jogou o mundano na parede, o enforcando com o antebraço. Mal conseguindo ficar na ponta dos pés, Rafael perdia ar em seus pulmões em mais quantidade do que conseguia recupera-lo. Para qualquer pessoa de fora, seria estranho ver alguém aparentemente mais novo que Rafael, de menor estatura o levantar daquela forma com tanta facilidade.

— Gostaria de lembrar que estamos com um contrato em vigência — alertou o demônio. — Se me agredir, poderei ter total liberdade para te fulminar até que não reste carne sobre os ossos, além de sugar o tutano dos que restarem.

O demônio o soltou e ele caiu de joelhos segurando o pescoço.

— Não fique choramingando como uma criança birrenta. Por muito menos já me livrei de contratantes que me davam nos nervos, não teste minha paciência — alertou.

— Essa é a minha vida! Você não tem o direito de aparecer novamente e trazer todo esse inferno de volta. — As palavras saíram repletas de raiva por dentre seus dentes. — Eu deveria saber que a culpa disso tudo era sua.

Cal se abaixou até cruzar os olhos com Rafael.

— Não culpe um demônio pelos seus problemas.

Dentre eles surgiu uma forma pontuda de guarda-chuva. Cal se afastou e se deitou novamente no sofá, sem dar bola. Rafael estava encolhido, quase entrando na parede, frustrado por sua impotência.

— Está tudo bem. Fique calmo — falou o velho com delicadeza.

Rafael se levantou com o orgulho ferido e voltou para a cozinha, pegou a caneca que estava no chão e a pousou na pia.

— Isso o que aconteceu foi um pormenor — recomeçou o senhor.

— Quem é você, afinal? — Rafael o interrompeu.

O homem fez uma longa medida e bateu seu guarda-chuva como uma bengala.

— Apenas um humilde andarilho de passagem. Conheço Cal de outros carnavais e fiquei curioso para conhecer o homem de fino trato que por ventura tem contrato com ele.

— Agora você já viu, de vários ângulos possíveis. O que mais quer de mim?

— Apenas oferecer minha mão, para quando precisar. Minha graça é Hual, à sua disposição. Meu nome é diferente, por isso sei que irá se lembrar com presteza.

O mundano girou o pescoço e deu uma boa olhada em Hual, que ofereceu um leve sorriso torto como resposta.

A razão voltava para Rafael, assim como sua calma.

— E por coincidência esse momento de encontro foi justamente quando eu precisava de alguém com suas habilidades?

— A decisão para esse encontro passou longe do meu querer. A realidade é que o nosso amigo tihoso me procurou agora à noite, já sabendo que você estava sendo atacado por... forças além do que ele saberia lidar.

Rafael deixou um riso debochado escapar.

— Ele se preocupou em resolver a situação sem ser pela violência? Tá bom, conta outra.

Hual balançou o guarda-chuva e o posicionou em seu ombro.

— Bem, não cabe a mim explicar o que se passa na cabeça dos outros. Mas fique à vontade, caso queira novamente usar de meu humilde serviço. Vai descobrir que sou pau pra toda obra.

— Parece que estou em dívida com você. É dinheiro o que quer? Ou apenas levar seu testemunho para tirar sarro de mim em algum circo de assombrações?

— Um quinhão eu até poderia aceitar, mas não seria devido, já que tudo acabou em confusão. Ficamos elas por elas.

O homem pegou sua boina de cima da mesa, mas antes de ir puxou algo do bolso da calça. Algo que brilhou com intensidade e pareceu ter luz própria em algum momento, mas era apenas o reflexo da luz da cozinha. Ele arrastou o pequeno objeto com dois dedos na direção de Rafael. Uma moeda gasta, nenhuma que o mundano já tenha visto em circulação.

— Homens de boa fé às vezes se topam nas encruzilhadas. Chame por minha graça, se um dia o tempo fechar.

O homem do guarda-chuva se foi e Rafael acabou deitando a cabeça na mesa da cozinha.

Acordou com alguém tentando abrir a porta. Lembrou que era o dia da faxina. Foi quando deu por si, lembrando tudo o que havia acontecido na madrugada e entrou em pânico. Mais ainda por perceber um pequeno ser diminuto que o encarava enquanto limpava cacos de vidro de cima da mesa.

Ele estava de pé, apesar de sua forma ser desproporcional. O homúnculo era aquela criaturinha desengonçada, feita de fumaça escura e com dois pontos brilhantes no lugar de olhos. Feitiçaria de Cal que era usada para curar ferimentos e limpar bagunça.

Rafael o esmagou entre os dedos e o homúnculo desapareceu, mas não sem antes grunhir em protesto. A porta se abriu e a senhorinha já foi se desculpando por pega-lo ali tão cedo. Mas Rafael não conseguiu reponde-la, já que não poderia explicar o sangue em todo o canto e móveis quebrados.

Olhou a sua volta, mas tudo parecia em ordem.

Os homúnculos de Cal fizeram todo o trabalho enquanto Rafael dormia. Ao menos algum senso aquele maldito demônio deveria ter.

Durante os últimos dois anos Rafael se preparou para aquele momento de reencontro com o Cal. Mas, como chegou a suspeitar, tendo em vista suas experiências com aquela entidade demoníaca, poderia ser surpreendido mesmo com toda a preparação do mundo.

Os dois ainda estavam ligados por um estranho contrato, que usava parte da burocracia da empresa que agora era dono. Rafael demorou para entender, mas aprendeu que questionar muito esses detalhes só lhe dava dor de cabeça.



Descobriu que o demônio não estava mais em seu apartamento, mas dentre todas as suas preocupações, Rafael percebeu que não poderia deixar isso tomar conta de sua vida novamente. Se arrumou e foi trabalhar, como em outro dia normal. Desceu do prédio até a garagem com certo atraso e encontrou o motorista o esperando.

O funcionário manobrava o carro por entre pilastras do estacionamento quando parou abruptamente. Rafael olhou para o vidro dianteiro e viu a poucos centímetros de distância do capô a imagem de um homem vestindo um terno escuro e o cabelo penteado para o lado.

Era Cal, de uma maneira que Rafael nunca viu — No caso, sem seu clássico moletom vermelho encapuzado. O demônio foi até a lateral do veículo e abriu a porta do carona, sentou-se e puxou o jornal do dia que estava na porta do carro.

O motorista olhou para Cal e logo depois para seu chefe. E o movimento se repetiu pelo menos mais duas vezes antes de Rafael dar dois tapinhas no ombro do funcionário e pedir para ele continuar o trajeto.

Antes de entrarem no prédio da Eletronik, Rafael o puxou para trás de uma pilastra, torcendo para não ter ninguém por ali.

— O que você está fazendo?

Cal tirou a mão de Rafael do seu ombro e limpou com as costas dos dedos.

— Pensei que não pegaria bem me vestir como o estagiário tendo que te seguir de um lado para o outro, por que?

Rafael colocou as mãos na cabeça, virou para o lado e xingou baixinho.

— Porque você não pode agir como sempre fez e ficar trancado no almoxarifado como um ninja silencioso? Ou, melhor ainda, sumir daqui como fez nos últimos tempos?

— Pensei que estivesse preocupado com a noite de ontem.

— Estou mais preocupado agora com você fungando no meu cangote fazendo todo mundo desconfiar do contrato.

— Ninguém vai desconfiar de nada — riu o demônio como se lidando com uma criança. — Sou seu consultor de finanças contratado para um *freela* de algumas semanas. Pelo menos, por um tempo.

— Você já trabalhou aqui. Tá lembrado? Acha que as pessoas não vão te reconhecer?

— Não cometeria um erro tão básico — Cal estalou a língua impaciente. — Primeiro que vocês são burros demais, uso de truques para que não percebam que sou o mesmo. Segundo que, você não deve desculpas a ninguém. Virou chefe e continua bunda mole?

Cal ignorou as últimas reclamações de seu contratante e virou as costas. Rafael foi junto, mas sua voz começou a sumir conforme se aproximavam dos seguranças que cuidavam da entrada.

— Ao menos me responda o que foi aquilo ontem à noite — cochichou o mundano enquanto se aproximaram da bancada.

— Estou investigando, quando descobrir eu te avi...

O mundano passou pela catraca ainda irritado, quando percebeu que o demônio parou do outro lado da portaria. Queria apressa-lo, mas quando abriu a boca percebeu que tinha algo errado.

O rosto de Cal se contorceu de uma maneira estranha, seus olhos ficaram mais sombrios e então ele deu as costas e foi embora para a rua, como se tivesse

repentinamente mudado de ideia. Aquilo irritou ainda mais o mundano, que achava que tudo não passava de um completo deboche. É claro que ele não precisaria ficar grudado nele o dia todo, aquela criatura podia se teleportar para onde quisesse, no momento que quisesse e ainda sabia quando passava aperto.

Decidiu deixar pra lá, mas o restante do dia não caminhou nada bem, sua secretária não parou de pegar em seu pé por perder uma importante reunião na manhã e um caminhão de documentos deveriam ser assinados naquela tarde. O clima geral estava abalado graças aos rumores de demissões por causa de crise, e isso ajudava a temperar ainda mais o mau humor de Rafael.

Gabriel foi a única presença reconfortante naquele pardieiro que chamava de empresa. No final da tarde, o executivo apareceu de surpresa, todo preocupado com o que tinha acontecido na festa. Rafael insistiu que tinha passado mal e por isso decidiu ir para casa. Gabriel não pareceu aceitar muito bem aquela desculpa, mas decidiu deixar para lá. A conversa foi viajando e parou no tópico com relação aos cortes na empresa.

Graças a isso, seu sócio o ajudou a montar um plano para fazer a gerência receber a notícia de maneira mais atenuante. Fazer aquele trabalho era mais exaustivo por ter que lidar com aquela quantidade de pessoas do que realmente assinar uma papelada após o almoço. No fim, Rafael percebeu que não queria demitir ninguém, seja lá qual fosse o motivo.

Nesse sentido, o fantasma de seu pai — figurativamente falando — pesava em seus ombros. Ele sempre foi avesso a demissões em massa em momentos de crise e, por isso, era respeitado, mesmo esse tipo de atitude sendo duramente criticado pelos figurões de cima. Mas Rafael chegava ao seu limite em negociar uma série de outros cortes feitos para economizar e fazer a transição da crise a mais amena possível.

Mas ele não era seu pai e os executivos sabiam disso.

O plano executado por Rafael foi iniciado antes do fim do expediente, um jantar relâmpago em um restaurante bacana do outro lado da cidade, com tudo pago. Não era algo bom aos olhos de Rafael, principalmente pelo momento da empresa, mas a ideia de Gabriel era aperta-los de uma maneira a fazer colaborarem com aquele momento. Política era tudo.

Comida de graça agrada a qualquer um, mesmo quando se é rico. O clima se amenizou e tudo ficou mais animado. Combinaram de sair os executivos e gerentes juntos. Chegaram na calçada e Rafael decidiu esperar seu motorista tirar o automóvel da garagem junto com os outros. Ficaram em um pequeno grupo na calçada enquanto conversavam sobre a composição de times disputando o campeonato nacional.

Escutaram um som assobiar longe e pouco deram atenção aquilo. O sol terminava de queimar o topo dos prédios e já estava meio retirado, o céu era pintado pelos raios e assumia tons alaranjados que aos poucos iam escurecendo. O som do motor se aproximou ainda mais e os mais atentos prestaram atenção em um motociclista que cortou os carros perigosamente e parou a poucos metros do grupo.

O motociclista levantou o braço e em suas mãos o último raio de sol refletiu no ferrolho e fez o objeto ficar mais aparente.

As pessoas mais próximas se abaixaram no mais profundo desespero quando perceberam que aquilo era uma arma. Após pressionar o gatilho em um “clique”, o cão acionou a espoleta do cartucho e deflagrou a bala que viajou atravessando o cano e começou a girar em seu próprio eixo, graças aos sulcos existentes na parte interior da pistola. A bala foi expelida por uma pequena explosão controlada que fez a mola armar a próxima bala, e a próxima, e a próxima, e a próxima. Todas elas mirando um único alvo.

Rafael.

Ninguém percebeu ou achou estranho no meio daquilo tudo surgir em meio a um pouco de fumaça e um estalo — encoberto pelos sons dos disparos — alguém como se vindo do nada. As balas miravam um ponto, com precisão milimétrica e acertaram a palma da mão do indivíduo contratado para proteger o mundano. Da mesma forma como Cal veio e protegeu Rafael das balas, ele se foi. No meio da confusão.



O motociclista desistiu da empreitada após a falha e acelerou a moto para desaparecer no meio dos carros. Cal evaporou do local tal como surgiu e foi atrás do criminoso.

Rafael foi acordado por uma dor pungente em sua cabeça. A primeira coisa que viu foi uma superfície clara da parte interna da ambulância.

A cabeça badalou mais uma vez como um sino às seis da tarde e ele pôs as mãos involuntariamente sobre sua fronte. Aquela dor não poderia ser normal, pensou, Tateando com a ponta dos dedos tentando achar algum ferimento. Mas tudo o que encontrou foi um calombo enorme. Devia ter batido a cabeça ao cair no chão, concluiu.

Sentiu um solavanco e uma sombra surgiu. Era um paramédico que havia acabado de entrar na ambulância, reconheceu pelo uniforme. Sua voz saiu ecoada e distante, sem muita definição.

Não sabia o que havia acontecido, pensou em Cal primeiramente, mas aí veio a imagem do motociclista apontando a arma para ele. Com esse pensamento, seu coração começou a acelerar e em um impulso Rafael decidiu se levantar da maca, mas não conseguiu.

— Fique calmo — escutou mais claramente. — Você bateu a cabeça bem forte, pode ter sofrido uma concussão.

Sem opção, Rafael voltou a ficar deitado e então o paramédico deu as costas para conversar com alguém do lado de fora.

Sentiu seu celular vibrar no bolso, mas havia ignorado até então. Se perguntou se conseguiria desligá-lo ao menos, já que tinha problemas demais para se preocupar até ali.

Conseguiu agarrar o aparelho celular quando o paramédico se virou para falar com alguém na porta e clicou no botão de desligar. A tela se acendeu antes de concluir o comando e Rafael viu por uma fração de segundos a palavra “agora” nas notificações.

Olhou para a entrada da ambulância e percebeu que o paramédico continuava sem dar atenção. Decidiu não desligar o celular e com o movimento do dedão acessou a mensagem na notificação.

“Número desconhecido: Cai fora daí. Não confie em ninguém”. Leu no aplicativo de mensagens.

Ficou olhando para aquela curiosa escolha de palavras.

“Número desconhecido: Ele não trabalha no hospital.”

Rafael gelou, olhou para o homem de costas conversando com alguém que não pode ver dali de dentro. Virou os olhos novamente para a tela do celular.

“Número desconhecido: Você só tem uma chance. Some.”

Naquele momento, aquilo era tudo o que ele precisava para agir.

Rafael saltou da maca e o homem que se dizia paramédico se voltou para ele. Se desvencilhou dos toques dele e ignorou sua voz em tom de protesto, mal entendia o que o suposto paramédico falava para dizer a verdade. Pulou da ambulância de uma distância que quase o fez tropeçar e viu dezenas de pessoas em volta dele. A maioria de terno e gravata, curiosos e funcionários, que pararam para ver aquele circo. Não reconheceu ninguém, seja pela sua cabeça girando fora do eixo, seja por não conhece-los. Só soube que adentrou naquele mundaréu de gente na primeira oportunidade.

— Eles estão tentando me pegar — murmurou Rafael entre os dentes. Alguns riram, outros pareciam tentar acalma-lo. Mas ele não estava para diálogo.

Uma das mãos foi mais grosseira que as outras e o segurou pelos ombros. Sem querer saber, Rafael agarrou a pessoa e a jogou na direção do paramédico. O mundano correu pelas escadarias e entrou no prédio da Eletronik, pulou a catraca e entrou no elevador enquanto outros funcionários da empresa sem saber do ocorrido deixavam o elevador. Conseguiu entrar sozinho e a porta se fechou na cara do paramédico e de quem Rafael reconheceu como Gabriel, que tinha uma expressão de preocupação no rosto.

A dor continuava ali, tão forte quanto antes, mas agora estava agitado. Rafael encostou na parede do elevador e sentiu ele balançar com seu peso. Havia apertado o botão para seu andar. Tanto tempo fazendo aquilo que nem havia pensado direito para onde poderia ir.

Olhou novamente para o celular. Duas mensagens haviam sido mandadas desde que saiu da ambulância.

“Número desconhecido: Eles não vão desistir.”

“Número desconhecido: Não importa o que acontecer, não entre no prédio! Você estará cercado.”

O trajeto foi de completa agonia, mas quando as portas do elevador se abriram, não havia ninguém. Todos os funcionários já haviam deixado o prédio.

Fora do elevador, seu celular voltou a vibrar com novas mensagens.

“Número desconhecido: Parabéns, vai ganhar o prêmio de pessoa mais inteligente do planeta Terra. Eles estão subindo pela saída de incêndio, não há mais nada que você possa fazer.”

Atravessou o corredor, mas não havia nenhum sinal de vida. Aproveitou para responder aquelas mensagens.

“Rafael: Quem é você?”

“Número desconhecido: Eles estão rastreando toda essa conversa, vamos tentar não dar nenhuma bandeira. ;)”

“Rafael: O que eu faço? Não vejo ninguém!”

“Número desconhecido: Recomendo beber alguma coisa e esperar, de nenhuma forma tente nada contra eles. Vou tentar resolver tudo de longe. – C”

A assinatura da última mensagem denunciou a identidade do seu amigo anônimo, mas muitas dúvidas ainda restavam.

Rafael olhou para trás, onde o saguão do andar ficava e os espelhos das paredes refletiam vultos que não existiam.

Eram imagens difusas com semblante humana que passavam das dezenas. Mas não havia ninguém passando por ali com ele.

Os corredores se abriram conforme ele ia apertando o passo para se afastar daquelas figuras do outro lado do espelho, até começar a correr e alcançar sua sala. Onde entrou e se trancou.

Rafael esfregou o rosto e grunhiu. Pensar ser alvo de um ataque de pânico a qualquer momento, mas o que sentia era diferente.

Uma aura sutil se aproximou da porta pelo outro lado. Logo depois o som de passos e uma sombra pela soleira.

Rafael olhou para a porta. E, nesse mesmo instante, ouviu uma batida familiar.

— O que você está fazendo? — ressoou a voz abafada do outro lado. Era Mariana, sua secretária. — Estão todos preocupados.

Conseguia ouvir o barulho indistinguível do molho de chaves na mão da secretária. Rafael decidiu poupar seu trabalho e encontrar o seu destino.

Viu o rosto alarmado da secretária surgir quando a porta se abriu.

O mundano colocou as mãos no pequeno ombro dela e tentou acalmá-la. Iria dizer que foi apenas um engano, que já estava bem. Mas não conseguiu dizer, pois em um movimento mais rápido do que conseguia ver ela colocou a palma da mão sobre o peito de Rafael.

— Tartani — disse ela com vontade.

— O que?

Rafael sentiu um peso monstruoso em suas costas que o derrubou e o deixou de joelhos na frente de Mariana. Ela o puxou e o derrubou de cara no chão. Colocou seu joelho nas suas costas e disse mais uma palavra que não pode entender. Seus braços se lançaram para trás e seus pulsos se cruzaram, como se amarrados por uma algema invisível. Não conseguia mais se mover.

— Rafael Branco, você está sendo acusado por diversos crimes *contra-arcanos*. Será levado sob custódia do Protetorado e não deverá reagir, usaremos de força letal caso necessário.

Olhou para cima e dezenas de pessoas vestidas de preto estavam ao seu redor.

— Eu acho que isso é um engano — cuspiu para fora, o máximo que sua boca pressionada no chão permitiu.

Capítulo VI

Quando há um tribunal de magos

Quanto tempo demoraria para um corredor de um escritório lotar de pessoas de uma hora para a outra? Rafael responderia: em um estalar de dedos. Pois no momento em que seus joelhos tocaram no chão contra sua vontade, percebeu dezenas de presenças ao seu redor. Ao olhar para cima, a área que só contabilizava uma única pessoa — sua ex-secretária — repentinamente se tornou movimentada.

Não eram funcionários, executivos, gerentes, faxineiros ou cobradores. Eram homens e mulheres de todos os tipos físicos e étnicos, que guardavam em sua única semelhança a preferência no vestuário. A maioria estava vestida com camisa de botão e calça social de cores escuras, uns usando crachás no pescoço, outros os pendurando no cinto da calça. Parecia uma convenção bizarra de servidores públicos invasores de empresas. E Rafael? Bem, possivelmente pego em um fogo cruzado de alguma conspiração maluca, pelo visto.

Após as palavras que saíram da boca de sua (ex) funcionária, Rafael foi levantado por ela e mais um homem que não pode ver o rosto. Todas aquelas pessoas o observavam, atentos e sérios. Alguns com uma expressão de completa aversão, outros com espanto e alguns simplesmente pareciam manequins inexpressivos.

Sua testa ainda doía. Seus pulsos, imobilizados. Sua cabeça estava um caos.

Aquelas pessoas surgidas do nada começaram a se mover. Um terço delas entraram em sua sala, o outro terço começou a vasculhar o restante do escritório, pelo o que pode perceber antes de ser levado pela escada de emergência. As pessoas que o acompanhavam pareciam bem mais concentradas que as outras, olhavam para todos os lados, pareciam portar algo que parecia um cassete retrátil, só que mais fino e mais curto.

— Se queriam falar comigo era só ter marcado uma reunião — Rafael disse.

A fala pegou uma das mulheres que o acompanhava de surpresa, ela deu um pulo e segurou seu bastão como esperando alguma ofensiva de Rafael. A comitiva parou.

Mariana o segurou com mais força pelo braço indicando que não parecia muito disposta ao diálogo.

Ao som de duas palmas, as luzes de emergência das escadarias se acenderam e Rafael desceu menos lances de escada do que era possível até chegarem ao térreo. Era como se vários andares nunca tivessem existido.

Com surpresa viu que estavam na garagem. O local cheirava a asfalto molhado e óleo, onde apenas poucas lâmpadas espaçadas davam luz do lugar. Os passos se tornaram mais fortes e ecoados com a mudança de ambiente e Rafael viu vários carros escuros estacionados com as portas abertas.

Quase todas as vagas estavam vazias, nenhum sinal de vida a não ser as deles.

Atravessaram a garagem, quando Rafael viu um casal no canto, de costas para uma das pilastras. Aproveitavam a penumbra, o horário e o local deserto para dar uns amassos, ignorando as regras da empresa quanto a relacionamentos internos.

Não que Rafael fosse reclamar, inclusive era a menor das suas preocupações naquele momento em que era levado contra sua vontade, mas achou estranho que o casal nem se importasse com aquele fuzuê todo. Na verdade, pareciam que nem notavam a presença do grupo.

Rafael foi empurrado para o assento traseiro de um dos carrões e a porta foi fechada. Escutou o barulho de tranca acionar, mas junto dele, um estalo estranho que parecia o mesmo de quando algo é fechado a vácuo.

Duas pessoas sentaram após um minuto nos bancos da frente. Um motorista, o mesmo que o acompanhou por todo o trajeto e sua secretária de carona. A feição da mulher havia mudado completamente. A Mariana complacente deu um lugar a uma carranca dura e que não dava pista de que tinham qualquer relação. Rafael estava separado deles por uma janela escura semitransparente, sem qualquer abertura.

A mulher puxou um celular do bolso e Rafael percebeu que era diferente do que era usado no dia-a-dia da empresa.

— Código 0432-OLW, situação eventual. Sujeito sob custódia. Dando sequência à extração. Extração em andamento — sua voz saiu abafada e o restante Rafael não conseguiu entender. Viu que ela começou a fazer uma série de anotações em uma caderneta, arrancou uma das páginas e prendeu no painel do carro de frente para o

motorista. Tanto ela quanto o sujeito no volante olharam de maneira síncrona em seus relógios de pulso e pareceram iniciar uma espécie de timer.

Deram partida na virada de 18:59 para 19:00 — pôde ver pelo painel do carro.

— Solicitando uso das vias de acesso — ela anunciou pelo celular. Logo depois olhou para seu companheiro e fez um sinal positivo com cabeça.

E então o carro acelerou e em pouco tempo já estavam na avenida. Isso foi o que imaginou, já que os vidros laterais eram completamente opacos. Não conseguia ver nada além de formas indistintas e manchas escuras. Foi aí que percebeu que até o vidro do motorista era completamente tampado com aquela película estranha.

Nada de buzinas, barulho de motores, gritos ou vendedores ambulantes em sinais durante o trajeto. O motorista manipulava o volante e marchas como se dirigisse normalmente e até o carro sacolejava um pouco, mas era a única indicação de que realmente se movimentavam.

Viu o motorista olhar para o retrovisor algumas vezes e distanciou o olhar quando seus olhos se cruzaram com o de Rafael. O mundano encostou a cabeça no banco da frente para ver se seus olhos estavam pregando uma peça, mas nem podia esfrega-los, já que seus pulsos continuavam ligados entre si de maneira inexplicável em suas costas.

Percebeu uma textura esquisita quando passou a mão na lateral do banco de couro. Não era como uma ruga ou rasgo por falta de manutenção, era uma marca impressa como um símbolo ou brasão. Tentou virar a cabeça, mas estava escuro demais e o ângulo também não o privilegiava.

Quando virou sua cabeça para frente, viu sua ex-funcionária o encarando.

— Está muito apertado aqui. — Rafael se ajeitou no banco de maneira desconfortável. — Pode pelo menos me soltar quando pararmos?

Ela nada falou, apenas se virou novamente para frente. Rafael imaginou que ela pudesse estar desconfiando que ele estava investigando a situação, mas não sabia se ela considerava que Rafael representava perigo ou se só tinha tido uma impressão.

— Só para constar, esse não é meu nome — falou sua ex-secretária.

A situação ficou assim pelos próximos minutos e então mudança. O motorista repentinamente puxou o freio de mão e abriu a porta. Mal havia percebido que agora estavam parados.

Pelo tempo em que demoraram, ou ele desistiu de continuar a viagem ou parou em um posto na esquina. Naquele horário, com o trânsito usual, era o máximo que teriam ido em tão pouco tempo.

Mas não parecia ser esse o caso.

Viu Mariana checar e apertar algo no relógio, como tinham feito antes de saírem da garagem da empresa. Ela desceu do carro, e logo depois Rafael foi puxado para fora.

Estavam em um galpão fechado e os últimos raios do sol batiam por janelas imensas logo a sua frente. Atrás de si, um portão gradeado fechado sendo cuidado por duas pessoas com roupas militares. Seus uniformes singulares eram compostos por coletes escuros, coturnos pesados, calças camufladas e capacetes arredondados de fibra escura. No peito, um símbolo estilizado de um triângulo invertido, com a palma da mão no interior e um olho centralizado. Eram os únicos vestidos assim, o restante no galpão parecia como seus captores. Roupas sociais pretas e crachás.

Percebeu rapidamente que o crachá de sua ex-secretária com o mesmo símbolo grafado nos coletes daqueles que protegiam o portão.

A mulher se aproximou e Rafael sentiu seus dedos com unhas cumpridas passarem entre suas mãos presas, que ficaram soltas como num passe de mágica. Rafael esfregou os pulsos, mas eles não estavam marcados. Observou as mãos dela para ver se não havia retirado uma algema, mas elas estavam vazias.

— Pode ficar livre por enquanto, mas não abuse da confiança. — Ela ameaçou.

— Não sou eu que estou abusando aqui — resmungou Rafael.

— Vamos — o homem que dirigia o carro falou.

Outras quatro pessoas se juntaram ao escoltar Rafael pelo galpão. Vários carros idênticos, como o seu, estavam estacionados por ali.

Portas diversas surgiram quando se aproximaram de um muro. Sua ex-funcionária checkou novamente o relógio e abriu uma delas. Até parecia que estavam usando o

horário para se basear em qual abrir, mas isso seria loucura, avaliou Rafael.

Sentiu um vento gelado bater e um aroma de grama recém cortada. Do outro lado da porta havia um pátio aberto do que parecia um monastério, percebeu por ter visitado um parecido quando estava na faculdade. O local tinha corredores perpendiculares e um grande jardim central em formato retangular. Atravessaram o local até chegar em uma porta de madeira maciça de aparência pesada. Todos atravessaram, para chegar no interior de alguma igreja.

Viu pela fresta de uma das aberturas uma missa sendo ministrada por um padre. Não parecia o mesmo lugar de onde tinham vindo.

Imaginou que fossem passar pelos fundos, mas viraram uma esquina e se viram andando no meio da multidão de fiéis. Foram ignorados, mesmo atravessando um pequeno grupo de beatas que estavam ajoelhadas e com a cabeça coberta logo a sua frente.

A caminhada pareceu levar mais tempo que o próprio passeio de carro. Quando finalmente pareceram chegar ao destino, todos se separaram e Rafael foi novamente acompanhado apenas pela ex-secretária e pelo que parecia ser seu parceiro. Uma porta de quase três metros de altura foi aberta e o interior de uma capela surgiu.

Várias baias dividiam espaço entre si, com pessoas que iam de um lado a outro toda apressadas, alguns com pastas enormes debaixo do braço, fazendo telefonemas ou anotando informações e checando dados em arquivos de metal imensos. Parecia uma repartição pública de décadas atrás pela ausência de computadores.

As paredes cor creme precisavam de uma pintura urgente e os vitrais estavam sujos e manchados. Colunas em dupla iam em ordem até os fundos do local.

Tomaram um caminho pela direita e Rafael foi colocado em uma sala formada por divisórias e cheias de assentos de plástico. Não havia janelas e não conseguia ver o que estava acontecendo do outro lado.

Mariana estendeu sua mão para ele com uma anotação impressa em uma folha de papel. Eram três símbolos em ordem. Um que parecia um tridente, outro como um círculo e um ponto no meio e o outro que parecia um número “4”, só que mais estilizado. E então foi abandonado ali e, pelo o que deu pra perceber, deveria

esperar, já que um painel com números digitais mostrava um trio de símbolos e eles mudavam constantemente. Era como esperar na fila de um banco para ser chamado.

Sem alternativa, se sentou e aguardou.

Percebeu que havia mais alguém com ele, chutaria em qualquer outra circunstância que era um sem teto, mas não estava muito disposto a dar palpites. Vestia-se com um cobertor acinzentado esfarrapado, que cobria seus ombros.

Um apito indicou a mudança no painel eletrônico, avisando que o próximo seria atendido. O mendigo se levantou e entrou numa porta lateral. Agora ele seria o próximo e imaginou que em breve deveria fazer o mesmo.

Enquanto aguardava sua vez, seja lá para o quê, três pessoas entraram na sala, forçadas assim como ele pelo grupo de homens de social. O trio falava alto e protestava. Por fim, quando se viram ali sozinhos e sem ninguém para poder xingar, se acalmaram, mas não ao ponto de calarem a boca.

— Eu vou acabar com a raça de quem denunciou dessa vez. Não foi nenhum de vocês não, né? — inquiriu um homem calvo, com longos cabelos oleosos nas laterais. Vestia uma calça jeans curta demais e um colete de flanela com peito nu.

Um baixinho com a careca craquelada pelo sol olhou para ele e fez um gesto de quem pedia para deixar para lá. Parecia vestir uma cortina em volta do corpo.

— Eles estão ficando cada vez mais abusados, tá certo? — reclamou baixinho — Já é a segunda vez essa semana que venho parar aqui.

Rafael se recostou na cadeira para tentar escutar o que eles falavam.

— Coquetel de novo? — perguntou o baixinho para o calvo.

— Coquetel de novo. Mas dessa vez não tinha feito mistura, tô limpinho.

— Mas eles querem saber disso? Não, eles não acreditam que as pessoas mudam. Que a gente pode fazer certo. Tem que acabar esses caras aí.

— E você? — O baixinho careca repetiu a pergunta para um mais alto, de chapéu coco no alto da cabeça e um paletó marrom largo demais.

— O de sempre. Comércio irregular de kairós — respondeu o homem de chapéu coco.

— É, eles deviam estar se preocupando com os peixes grandes — afirmou o calvo — E pior é que o pessoal da zona baixa tá pedindo cada vez mais pra manter os negócios. E com esses caras na cola tá difícil manter.

— E ainda tem essas histórias aí daquele homem que tá acabando com geral, tá certo? Não tá mais valendo a pena manter a venda dos coquetéis — respondeu o baixinho.

— Que homem? — perguntou o falastrão calvo.

O com o chapéu coco se virou para ele.

— Querem fazer o favor de calar a matraca? Já não basta estarmos aqui, querem que achem que temos envolvimento com ‘ele’?

Os dois calaram a boca, mas o falastrão não conseguiu se segurar por muito tempo.

— Mas quem é ‘ele’? — perguntou, sussurrando dessa vez.

O careca baixinho olhou para ele e logo depois para o de chapéu coco. Falaram mais baixo e Rafael foi obrigado a se recostar mais na cadeira.

— Cada um fala uma coisa — disse o baixinho. — Mas dizem que tão sumindo com uma galera, tá certo? Mas de tempos em tempos sempre surge histórias assim. Pode ser boato igual aquela história do diabo do empório invisível de anos atrás.

— Mas dessa vez parece que é sério — o homem do chapéu coco decidiu se juntar nos cochichos — Eu não gosto desse tipo de fofoca, mas fiquei sabendo de fontes confiabilíssimas. Sumiram até com aquela lá da mansão da rua nove.

— A bruxa morreu? — o alto falastrão arregalou os olhos — Por isso que não arrumei nada com ela nos últimos tempos.

— Dois ou três anos atrás. Segundo alguns, tem alguém dando cabo. Nem os da velha guarda tão durando. Chamam ele de “Inquisidor”.

O falastrão se encolheu em seu coquinho.

— Cruzes. Se para eles tá ruim, imagina pra *nóis*.

O apito veio e Rafael teve um sobressalto. Se ergueu da cadeira em um pulo e deixou para trás aqueles três esquisitões.

Como suspeitou, o painel luminoso indicava a mesma ordem de símbolos anotado no papel. Rafael se levantou e entrou pela porta.

— Ué, tinha mais alguém aqui com *nóis*? — Inquiriu o baixinho.

— Eu não tinha visto. — Respondeu o homem do chapéu coco.

Rafael chegou em uma antessala completamente branca, onde a única coisa que existia era uma porta de madeira de lei e um senhor muito velho, vestido com um paletó xadrez.

Pensou que estivesse dormindo em pé quando Rafael chegou, mas o senhor fez um gesto para que aguardasse.

— Boa noite, gostaria de tirar uma dúvida — se vendo pela primeira vez com algum funcionário daquela instituição insólita que não o tratava como um criminoso, tentou tirar alguma informação.

O velho repetiu o mesmo gesto e então pôs o dedo indicador sobre a boca enrugada. Rafael revirou os olhos e sem muita coisa para fazer, decidiu procurar alguma informação ao menos sobre em que lugar estava. Quando se voltou novamente para a porta a sua frente, o velho não estava mais lá. Aquilo lhe causou um arrepio fora do comum.

Se perguntou se deveria esperar mais um pouco ou seguir com a caminhada. Optou por acabar logo com isso de uma vez e atravessou a porta.

Um salão se revelou, que de tão escuro não se podia ver suas extremidades, mas de alguma maneira conseguia enxergar a si e a imensidão do lugar. A porta às suas costas deixava escapar uma luz que cortava a escuridão em dois e, após ser fechada, perdeu a completa noção de direção.

Cinco fontes de luzes se acenderam do outro lado do salão, fachoos diretos que atravessavam o lugar de cima a baixo como holofotes apontados para o chão. Iluminavam uma estrutura que não soube de que material era, lembrava um mármore negro bem alto que se dividia em cinco pontas. No alto da estrutura, três

peessoas estavam posicionadas por trás de cada ponta, foi só aí que percebeu que eram púlpitos ligados pela mesma base, com o símbolo que se repetiu por todo o trajeto. Triângulo, mão e olho.

O senhor que se posicionava no centro se concentrava no que achou que fossem papéis pela forma como movia sua mão de um lado a outro. Tinha a barba cinzenta cheia e olhos cansados, usava uma túnica esverdeada que o cobria de cima a baixo.

Ao seu lado direito estava um homem grande, de ombros largos e porte intimidador que era realçado por suas vestes escuras, sua barba negra apontava para o chão e uma tatuagem que cobria metade de sua cabeça raspada.

À esquerda do púlpito central estava uma senhora altiva, que observava Rafael por trás de seus óculos de meia lua com severidade. Seu cabelo era preso por um rabo de cavalo que caía por cima de seu ombro, um vestido de gola alta terminava em mangas compridas e mostravam mãos cheias de anéis.

— Processo de ordem N12-011 está agora em sessão — o senhor do meio pegou uma esfera de madeira em cima de um suporte e deu uma batida no púlpito. O som ecoou por todo o salão e soava mais terrível do que deveria — A ordem é de julgamento do escolar Rafael Branco do ano Arquimedes de quinto ciclo. Acusações?

— Com licença. — As palavras saíram erráticas da boca de Rafael, que também levantou uma mão acanhada.

A senhora do púlpito esquerdo, levantou uma folha de papel e começou a ler.

— Acusado pela central de regulamentação de incidentes *contra-arcãos* por conduta elementar inadequada, práticas obscuras proibidas, contrato ilegítimo com entidades abissais, porte ilegal de armamento magístico e assassinato contra um arcanista membro da comunidade.

— Mas hein? — Rafael foi interrompido por uma batida forte da esfera de madeira. Pela primeira vez o senhor do meio, com a barba cheia, cruzou seus olhos com os de Rafael.

— Estamos em sessão, terá direito de se manifestar após a conclusão do ato inicial de leitura do processo. — Ele se voltou novamente para a folha, sua voz era rouca, mas calma. — Testemunhas e evidências.

— Agente de campo, código 2-OLW. Codinome profano no processo como Mariana Dias. Atuou como secretária do escolar Rafael Branco durante pouco mais de oito meses para coleta de informações após atividade suspeita.

Mais um facho de luz se acendeu e mirou alguém que estava ao seu lado. Sua ex-secretária.

Ela parecia diferente, com o cabelo solto, usando um blazer azul por cima de uma camisa bege e sem os óculos. Ela permaneceu ali parada, enquanto a mulher altiva no púlpito esquerdo continuou.

— Senhor Rafael Branco, como consta em sua certidão profana, com 27 anos, nenhum filho, herdeiro de Lorena Branco e pai Emerson Geraldo Gerônimo. Iniciou como empregado em uma empresa há dois anos, três meses e vinte e sete dias, onde temos evidências de que começou a entrar em contato com entidades caídas dos planos de Gehena. O diabo não foi encontrado para averiguações, mas rastros do contrato puderam ser sentidos. Ademais, atuou em uma briga de gangue com encantados da região central da cidade, que se identificaram como youkais rebeldes. Também arrastou entidades caídas para um prédio lotado de profanos e atuou em conflito — ela pigarreou. A lista de acusações parecia extensa — Assumiu controle da empresa após atitudes suspeitas, em uma suposta paternidade com o até então dono da empresa, que morreu em circunstâncias duvidosas, no mínimo. E por fim, foi responsável pelo desaparecimento da usuária arcanista Collete Beaumont, conhecida popularmente como Madame Collete, um dos membros mais antigos da nossa comunidade.

— E o que mais? — A voz partiu do homem barba pontuda. Ele parecia regozijar com a quantidade de delitos e ostentava um rosto impiedoso.

— A extração estava marcada para daqui a duas semanas, onde esperávamos juntar mais provas. Mas o acusado sofreu um atentado de origem desconhecida, que nos obrigou a entrar em ação por receio de uma tentativa de ‘queima de arquivo’. Temos indícios que quem o queria morto era o mesmo que está causando terror na cidade recentemente, alguém que usa de meios paranaturais para assassinar mundanos. Não sabemos ainda a ligação entre ele e o escolar Rafael Branco — concluiu a mulher com o rabo de cavalo — E como última evidência, foi achado um artefato místico não registrado, configurando porte ilegal. Ele se apresenta como um cetro de cor prateada, tem origem japonesa e datado do Período Edo. Suas atribuições são um mistério, mas estima-se que sua qualidade seja de classe 2,

talvez 3. Não tem antecedentes legais, nem foi ou está registrado como roubada, mas ainda sim sua falta de registro merece ser citada.

— Não é ilegal, ele foi dado a mim. Foi um presente!

Depois de tudo o que passou nos últimos dias, ser lembrado do cetro naquele instante era desconcertante. Uma arma mágica poderosa. Havia guardado em alguma parte do escritório para ameaças futuras, mas foi enterrado em suas memórias junto com todo o resto.

Batida.

Rafael achou que existia algo a mais no impacto daquela maldita esfera de madeira. Era como se engolisse as próprias palavras, toda a vez.

— Obrigado pela colaboração 2-OLW. Pode voltar ao seu posto. — O homem no centro a dispensou.

Sua ex-secretária se virou e desapareceu por uma porta lateral ao lado dos púlpitos. Rafael não havia percebido aquela passagem. Com o rápido surgimento da luz, pôde perceber que o chão era escuro e bastante polido. Por baixo dele havia um desenho imenso do tamanho da extensão do salão.

— Quando vocês vão me dar o direito de defesa?

O senhor do meio, que dava andamento à sessão, alinhou os papéis e fitou novamente Rafael por cima dos documentos. Sua expressão não era nada animadora.

Os juízes conversaram sobre mais alguns pormenores burocráticos e então concluíram.

— Tem início o segundo ato da sessão. Escolar Rafael, pode apresentar a defesa.

O mundano gelou. Tentava entender o que estava acontecendo, mas pelo visto ele já vinha sendo notado. O problema era que mal se lembrava de tudo aquilo que falavam e o pior de tudo é que apenas com memórias parciais, não sabia se tinham razão ou não. Respirou fundo e se preparou para falar, até ser interrompido.

— Cheguei em boa hora. — Da mesma porta lateral que Mariana tinha sumido, surgiu um homem vestindo um paletó azul escuro todo apressado. Ele retirou o

paletó e o segurou sobre o braço, vestia um colete roxo ornamentado por cima de uma camisa branca de botão. Desabotoou as mangas e começou a subir na estrutura dos púlpitos — Desculpem, problemas com o trânsito.

Por alguns momentos, os três juízes foram apenas olhos para aquele invasor de última hora e poderia dizer com certa cautela que eles não estavam nada felizes com aquela interrupção.

O quarto juiz se colocou no lado extremo esquerdo dos púlpitos e sua cabeça raspada reluziu ao invadir o facho luminoso. Ele começou a se inteirar dos papéis que estavam em seu canto.

— Dá próxima vez, espere o início da sessão seguinte, senhor Toh — censurou o juiz central.

A senhora pigarreou.

— Deveríamos recapitular até aqui, Meister Érion? — Ela inquiriu com certa impaciência para o juiz central.

— Não se fará necessário — desculpou-se Toh, com um gesto delicado com as mãos. — Estou a par da situação do nosso amigo Rafael.

— Pois bem — continuou Meister Érion, se voltando novamente para Rafael. — Prossiga, você tem cinco minutos para sua defesa.

Conseguiu aproveitar parte daquela cena para preparar o que quer que fosse sua defesa. Voltou a dar um breve suspiro.

— Quem diabo são vocês?

Os quatro juízes olharam diretamente para ele, mas nenhum respondeu. Talvez por não saber se era uma pergunta séria, talvez por não terem o interesse de revelar ou talvez por não serem eles os acusados.

— O que é esse lugar?

Apenas um silêncio sepulcral, novamente.

— Sugiro que comece sua defesa, o tempo é um constante obstáculo — pontuou Meister Érion.

A situação absurda, por mais que beirasse ao ridículo, lhe parecia bem séria. Aquele grupo de pessoas que se consideravam acima da lei, tinham ao que foi provado até então, total poder sobre seu destino. As palavras foram sugadas por um vórtice e Rafael apenas conseguia abrir e fechar a boca. Um grupo de loucos o estava julgando por algo que não sabia se era realmente culpado.

Seu plano inicial era tentar convence-los de sua inocência, mas não tinha aparato, memória ou eloquência suficiente para isso. Cal, seu demônio contratado, ao que parecia não queria ou não podia aparecer ali.

— Eu não sei de... — Rafael se sentiu mal. — Eu não...

O atrasado conhecido como Toh, fez um gesto para que continuasse. Seu rosto demonstrava um profundo interesse.

— Senhor Rafael, espero que saiba que não há ludíbrios ou fraudes dentro desta sala. Mentiras e calúnias não podem ser ditas aqui — alertou Meister Érion.

O homem carrancudo de aparência sinistra e a senhora se mantinham no mais absoluto silêncio.

Como contar uma mentira se você não sabe exatamente o que realmente aconteceu no passado? De qualquer forma, não sabia se isso era uma informação objetiva ou apenas um conselho. Não seriam toleradas mentiras ou Rafael estava mesmo impossibilitado de mentir por algum feitiço? As dúvidas pareciam mais constantes que qualquer certeza que poderia começar a elaborar.

— Três minutos.

— Escutem... — Rafael começou. — Podem não acreditar, mas eu não faço a mínima ideia do que está acontecendo aqui. Mas pensando bem, talvez vocês escutem isso todos os dias nesse trabalho. Pelo que entendi, isso é um tribunal de mágicos, não é? Mas, cá entre nós, eu não sou um de vocês.

— Basta com essa ladainha — o homem severo, de barba pontuda, bateu com a mão na mesa. — Alega inocência dos crimes declarados aqui, ou não?

Era um beco sem saída.

Aquilo de alguma forma só poderia ser coisa de Cal. Não era possível essa série de eventos ocorrer em tão pouco tempo após seu surgimento, de onde quer que ele

tenha passado aqueles dois anos. O ovo da serpente eclodiu e estava prestes a acabar com Rafael.

Coçou o ombro esquerdo, como sempre fazia quando ficava nervoso. A mão viajou de volta e sentiu algo no bolso. Era redondo e chapado.

Uma moeda.

Ele puxou a moeda gasta do bolso. Com um grande 10 estampado em uma das faces e o rosto de um senhor, que não reconheceu, na outra.

Rafael segurou entre os dedos e fez com que sua mente acreditasse que pensar no homem do guarda-chuva com aquilo nas mãos poderia de alguma forma fazê-lo aparecer.

— Um minuto — anunciou Meister Érion.

Avaliou a situação e só fez o único pedido que poderia naquele momento.

— Eu quero um advogado! — Rafael falou de maneira confiante.

— Não há advogados nos processos do Protetorado, escolar Rafael — revelou a mulher com apatia — As únicas pessoas que podem interceder por ti são patriarcas, mestres ou líder de uma ordem da qual seja filiado. Mas como todos nós sabemos, não será o caso aqui.

Repentinamente uma porta nas costas do Rafael se abriu em um rompante.

— Maledicência!

O homem do guarda-chuva entrou com sua boina e tudo para dentro do salão. A passos largos, se entrepôs entre Rafael e os quatro juízes.

— O que significa isso? — O homem de barba pontuda se levantou, enfurecido.

— Eu é que me pergunto, mestre dos livros Sólon — O homem do guarda-chuva apontou seu utensílio inseparável para o juiz carrancudo — Como puderam iniciar inapropriadamente esse julgamento?

— Ora, faça-me o favor — foi a vez da senhora de rabo de cavalo se irritar

— Você não é bem-vindo aqui Hual, não tem laços de sangue com esse garoto, nem ocupa nenhuma posição em ordem.

— Não me amole, Clarice — soltou o homem do guarda-chuva.

— É “soror Clarice” para você, Hual, que invade nosso júri e escarnece o processo. Não seja tacaño! Temos provas claras e testemunhas sobre todos os delitos aqui cometidos. Com qual pretexto acha que pode intervir sobre esse desgarrado?

— Não existe outra resposta para essa pergunta. — Hual apontou o guarda-chuva para Rafael. Os olhos do velho brilhavam com intensidade, estampado estava também um sorriso — Esse garoto é meu calouro. Como vocês enchem a boca para falar por aí, um “neófito”.

Com exceção de Toh, que se divertia em seu canto, o restante dos juízes possuía um misto de assombro e cólera em seus rostos. Rafael poderia rir da situação, mas ele talvez fosse o mais surpreso de todos.

Ao que parecia, Rafael era naquele momento, para todos os efeitos, um aprendiz de mago.

Capítulo VII

Quando há um veredito

A fúria era palpável no semblante dos juízes, mas o momento de tensão foi cortado por uma risada involuntária de Toh perante a situação toda. Por mais que aquele anúncio fosse absurdo, não apenas para os membros da banca, mas também para o próprio Rafael, não podia negar que a presença do seu mais novo “mestre” era, de certa forma, algo que o aliviava.

Só restava saber se aquele truque funcionaria para livra-lo das acusações.

— Muito me admira, defensores do velho código, que estejam iniciando um julgamento de um neófito sem seu guia — alertou Hual.

Meister Érion, em seu papel central de colocar ordem naquilo, deu um longo e profundo suspiro. Todos a sua volta se acalmaram ao ver que o líder iria, de alguma forma, interceder pela situação.

— Hual, o Protetorado tem muito a lhe agradecer pelos serviços prestados até então, mas não tem qualquer direito de conspurcar esta sessão.

— Código quarto, inciso terceiro dos escritos do velho código. Podem ler — desafiou Hual. — Posso não ter esse farto vocabulário de vocês, nem linhagem, mas para mim está claro.

— Não permitirei zombaria dentro desta sala. — Érion bateu com a esfera de madeira.

— “Todo julgo que se achar necessário, fundamentado nos parágrafos anteriores, deve-se obedecer a linhagem sucessória de cima, para baixo.” — interpelou Hual. — Está lá, claro como um cristal de alma.

— Eu sei o que está escrito nos escritos originais, obrigado por nos lembrar — respondeu Érion pausadamente, como um copo de paciência prestes a transbordar.

O homem de barba pontuda, conhecido como Magister Sólon, levantou a mão, querendo a palavra. Éríon a concedeu com um gesto.

— Voto pela expulsão desse sujeito execrável, que nunca mais pise ou se aproxime dessa instituição.

Ele e soror Clarice levantaram a mão.

— Indeferido. Não vamos piorar essa situação — falou Meister Éríon, esfregando os olhos com os dedos. — Tudo bem Hual, por você cortarei a burocracia envolvida. Pois duvido que com essa quantidade de acusações você possa interpelar pelo julgo, que diz ser seu neófito, pelos últimos quarenta segundos que vocês têm de defesa. Faça o seu melhor.

Hual fez uma mesura, retirando sua boina e abaixando a cabeça pálida na direção dos juízes. Soror Clarice e Magister Sólon estavam visivelmente afrontados.

— Pode começar. — E bateu a esfera de madeira.

— Menino Rafael Branco, sem linha ou tradição, vindo do mundo profano do qual pertence. Nunca possuiu a intenção de quebrar as leis do velho ou novo código vigente, muito menos ameaçar o equilíbrio das forças ou da espessura do, como vocês dizem? Ah, sim! Limiar. Peço humildemente clemência do Protetorado... — Hual olhou para Rafael e deu uma piscadela — ... pelas pequenas infrações do qual pode ter cometido. Pois na época em que a maioria das acusações se estabeleceram, ele não era meu calouro, então não merece a punição tal qual um, como vocês falam, magista de tradição.

Frater Éríon, o líder, olhou com severidade para Hual.

— Entende a gravidade dessa colocação? — Inquiriu ele.

— Ele era inapto, Érico — Hual falou com absoluto pesar, chamando o líder por aquele outro nome. — Por favor, olhe esse projeto ridículo de gente. Sem porte, conduta, educação magística. Ele não usa do seu ‘palavrear’, não sentaria em vossa mesa, é apenas um dos macacos de terno que vive uma rotina assim como todos os outros do lado oposto da qual nos encontramos no Limiar.

Rafael poderia ficar ofendido com as afirmações. Mas não deixavam de ser verdade.

— Que conveniente — bufou Clarice.

— Mas é uma situação interessante — sibilou Toh pela primeira vez — Então está dizendo que estamos julgando um inapto?

— Ora, fique quieto, Liber Toh — ralhou Sólon, o fuzilando com os olhos.

— É uma tolice, uma fábula sem cabimento — cortou Clarice. — Não temos um inapto sendo julgado nesta sala a mais de vinte e dois anos.

— Vinte e três — corrigiu Frater Érion. — Sei muito bem disso Clarice e é óbvio que é um absurdo. Sem falar que está ridicularizando nossos esforços, estamos investigando esses crimes a tempo demais para cometer um erro crasso de levar alguém que não é um iniciado para dentro do coração desta instituição.

— Não quero azedar o leite, nem derramar o caldo — falou Hual com certa sinceridade. — Mas apontar que não julguem meu calouro, que começou seus estudos há poucos dias, com o mesmo peso que julgaria alguém que efetivamente poderia cometer todos esses deslizes. Eu sei que existe uma certa conveniência em minhas palavras, mas confiem em mim, coloco minha mão no fogo por esse jovem rapaz.

— Há evidências de um contrato ilegal com uma entidade demoníaca, Hual. Isso é algo difícil de se obter até para bruxos mais experientes. Você quer que acreditemos que ele não tinha qualquer conhecimento sobre isso na época?

— Selar destino com bicho ruim, sem ser do meio. Sabem que já aconteceu.

— Casos raros, em sua maioria lendas. Para deixar claro — afirmou Clarice — só um magista iniciado e experiente pode ter a força necessária a ponto de invocar e estabelecer um contrato.

— Sem falar que isso é só um dos crimes do escolar Rafael — completou Toh — Mais do que nunca eu acho que se deve dar um voto de confiança, mas entendo a indignação de meus colegas.

— Isso é uma piada. Estamos dando corda demais para esse picareta! — Sólon cuspiu as palavras.

Frater Érion se levantou, se virando para seu colega ao lado direito.

— Está sugerindo que estou equivocado na forma de conduzir essa sessão, Magister Sólon?

Sólon o fitou de soslaio, logo depois se endireitou na cadeira. Cerrou os dentes e ficou em silêncio, permanecendo assim até o fim do julgamento.

— Está bem, escolar Rafael. — Éríon se voltou para o mundano — Vamos acreditar por meio segundo nessas novas divagações. Tem como provar tudo isso que seu dito mestre está manifestando?

Hual deu um passo à frente.

— Fácil. Palavra de poder.

Todos os juízes se voltaram para o mundano e ele para Hual.

— O que? — Rafael tencionou a testa.

— Nenhuma mentira pode ser dita aqui, mas não podemos depois de nosso passado, deixar que ele produza provas conta si mesmo. Mas sob as instruções do velho código, a regra da palavra de poder pode ser usada. É uma senha, absoluta para identificar magos obscuros. — Explicou Éríon para Rafael.

— Todo o magista ou feiticeiro deve dizer sua palavra de poder dentro desta sala. É a forma como satanistas conjuram e abnegam seus diabos particulares, caso o tenham ele mesmo invocado. Se você dizer e ele surgir, então você é culpado. Pois um inapto não conhece palavras de poder — Clarice completou.

— Rafael, qual é a sua palavra de poder? — Inquiriu Toh.

— E existe esse tipo de coisa? É tipo um abracadabra ou *hocus pocus*?

— Vamos, meu rapaz. Não deixem esses nobres senhores esperando. — Hual insistiu.

— Eu não sei do que estão falando. — Pela primeira vez, as palavras saíram com leveza da boca de Rafael, como se sempre estiveram ali desde o início. E era verdade, não sabia absolutamente nada sobre aquilo.

Pareceu bastar. Então realmente existia algo naquela sala que o impedia de contar uma mentira. Isso explicava o porquê de não conseguir formular nada muito claro

desde o início. Queria usar de subterfúgios para se defender e isso o atrapalhou. Aquele método lhe pareceu cruel pensado daquela maneira, cruelmente efetivo.

Hual apontou para Rafael e se virou para os juízes.

— Estão vendo?

— Já basta — Érion bateu a esfera.

Repentinamente, todas as luzes se apagaram e os quatro sumiram do salão. Rafael continuava enxergando Hual, como se ele e seu próprio corpo fossem cobertos por uma tênue luz que permitia vê-lo com certa clareza. Tentou perguntar para ele o que estava acontecendo, mas Hual fez um sinal para que ficasse quieto. Logo depois levantou o polegar em um “joia”. Parecia confiante.

Mais ou menos vinte minutos se passaram quando as luzes novamente se acenderam. Meister Érion ajeitou os papéis sobre a mesa, adotando um olhar severo. Outros pareciam não se importar mais, como se perdessem uma discussão. O único com um olhar astuto e misterioso continuava sendo Toh. Aquilo despertou em Rafael uma curiosidade que não soube explicar de onde vinha, foi o único juiz que achou razoável e que estava disposto a ouvir seu lado.

— Tomamos uma decisão final — anunciou Érion.

— Suas colocações são escorregadias, sem dúvida — disse Clarice, com certo desgosto — Mas não quando colocamos na perspectiva geral de sua situação.

Frater Érion deu a palavra a Magister Sólon, mas ele parecia transtornado, fez um gesto para que passasse.

— Todos aqui sabem do que demônios são capazes, também não duvido de nenhuma palavra que saiu da boca de Hual e de seu suposto neófito. Mas claro que existem evidências demais. — Frater Érion ia recomeçar quando Liber Toh interpelou.

— Só gostaria de lembra-los que a senhora Collete Beaumont tinha uma confidente aqui nesta sala e isso induz a pena ser mais pesada do que naturalmente seria em outra situação.

— Está sessão já se arrastou em demasia. Acho que ficou claro sua posição, Toh, é desnecessário citar uma bruxa que não está mais entre nós. Vou dar a sentença, se

me permite.

Meister Érion arrumou os papéis, tirou os óculos do rosto e o colocou no bolso de suas vestes.

— Escolar Rafael Branco, mago sem linha ou tradição, guiado por Hual, como conclusão de nosso efetivo, damos por concluir essa sessão e, por conseguinte, seu julgamento de ordem N12-011 do ano Arquimedes de quinto ciclo. Retiramos as queixas de prática obscura proibida e contrato ilegítimo. Mantemos as acusações de conduta elementar inadequada, porte de artefato místico de classe especial não registrado e assassinato contra um membro da comunidade magística. Está sentenciado a ser provado por três Ordálias místicas ministradas pelos membros do Protetorado aqui presentes. Três serão necessárias para limpar seus crimes. Será avisado com antecedência dois dias antes das datas, sobre os horários e locais que precisará comparecer. Recomendamos que não saia da cidade até terminar suas pendências. Desejamos por fim boa sorte com os testes e que os ventos soprem a seu favor, se for considerado inocente pela lei do homem, da magia e do kya.

Batida.

— Antes de encerrar a sessão, algum membro da Mão gostaria de manifestar-se?
— pontuou Érion.

De todos os quatro, apenas Magister Sólon levantou-se, sem tirar os olhos de Rafael.

— Sinto o fedor de magia de sangue em você, pivete. Se depender de mim, terminará seus dias preso na ala de psiquiatria. — Sua voz rouca ecoou pela sala e deu fim à sessão. Com aquela profusa ameaça.



Rafael e Hual saíram por uma porta que surgiu ao lado. Jurava que não tinha nada ali quando a percebeu no fim da sessão. Chegaram em uma antessala completamente diferente do que tinha tido contato. Estava vazia, com apenas uma porta de vidro como as de banco, uma rua deserta do outro lado podia ser vista. A brisa fez um carinho em seu rosto quando saíram, foi o suficiente para perceber finalmente que estava livre daquilo.

Pelo menos, por um tempo.

Quando chegaram ao lado de fora, se viram em um beco no meio da cidade, onde não havia nada a não ser os fundos de um açougue. O lugar fedia a carne velha e estragada, com poças de água que Rafael não se atreveria a pisar.

Aproveitou a oportunidade para arrastar o velho, que afirmou ser seu mestre para ter um mínimo de explicações. Entraram no primeiro estabelecimento que encontraram. No caso, uma pastelaria de esquina. O local estava vazio pelo horário e, pela cara do atendente emburrado, prestes a fechar.

Pedi um combo de caldo de cana e pastel de camarão com catupiry, devorando-o em instantes. Hual não pareceu interessado em comida, mas em Rafael.

— Você é um mago então. — As palavras escorreram da sua boca com um pouco de catupiry.

— Não use essa palavra, molecote. Eles não gostam.

— E como é? — Rafael deu um golão na bebida. — Digo, o termo correto.

— Magista, arcanista ou bruxo. Mas acho que você deveria focar na verdadeira pergunta.

Rafael bateu o copo alto demais e algumas pessoas em volta que mal os percebiam agora os olhavam torto.

— Não me trate com enigmas, prefiro ser direto ao ponto.

Hual sorriu, agarrou seu guarda-chuva e se levantou.

— Não ensino pessoas que comem pelas beiradas. Me procure quando tiver o mesmo brilho no olho de quando decidiu enfrentar aquele caxias do Érion.

O mundano agarrou o braço e o segurou.

— Por favor. Eu não quero parecer ingrato — Rafael coçou a cabeça — Eu só queria te agradecer, por hoje.

Hual tirou a boina da cabeça e colocou novamente na mesa, se sentou.

— As coisas são o que são.

— Você tá filosofando de novo.

— E você fugindo da pergunta certa.

Rafael deu um sorriso de canto de boca.

— Você pode me tornar um mago?

— Você QUER se tornar um “magista”?

— Querer é uma palavra forte.

— Escolhas fortes são necessárias para conflitos perigosos. O que você espera acontecer? Vai levando em banho maria até se queimar?

— E se eu não me queimar?

— Sempre há como se queimar, *minino* Rafael. Inclusive, algumas queimaduras são impossíveis de serem evitadas.

O homem se levantou, mas dessa vez de forma definitiva. Pediu uma caneta ao pasteleiro e usou para escrever um daqueles guardanapos, bem dos vagabundos, que costumavam ficar transparente com tanta gordura. Entregou a Rafael o que parecia ser um endereço. Logo depois o deixou ali, como única pessoa sentada em um mundo de gente que nem sequer tinham noção das coisas que existiam a sua volta.



Kalciferum surgiu em meio a fumaça dentro do apartamento após Rafael ter chegado. O terno foi substituído, para dar lugar ao seu tradicional moletom vermelho. Rafael estava deitado, tentando esfriar sua cabeça borbulhante.

— Onde você esteve? — inquiriu Rafael ao demônio contratado. — Não deveria estar ao meu lado para proteção?

— Por enquanto é melhor que os afrescalhados do Protetorado não tenham conhecimento de mim.

— Então tenho uma péssima notícia, chifrudo. Eles notaram sua presença. —
Rafael deu um sorriso melancólico.

— Podem até desconfiar do contrato, mas não sabem qual nome está escrito nele. Não quero causar furor na sociedade dos engomadinhos que tiram coelhos de cartolas.

— Você poderia ter me teleportado de lá como sempre faz.

— E ter que aturar você vomitando nos meus sapatos e reclamando no meu ouvido? Mesmo se quisesse, eu não poderia, inevitavelmente eles iriam até você e eu não posso correr o risco de ser descoberto. O faro desses caras é bom, ao menos isso presta. Consegui sentir só de pisar no prédio da Eletronik.

Rafael se virou e ficou de barriga para cima.

— Não tinha nada que você pudesse fazer?

— Nada que fosse do seu agrado. Mas olhe pelo lado bom, eles estarem de olho em você significa que corre menos risco de sofrer outros ataques.

— Super legal. — Rafael levantou o punho com o polegar erguido. — Mas tenho que passar por aquelas coisas de nome esquisito. Ordália, pesquisei na internet, parece que vão me jogar no rio para ver se eu afundo.

— Coisa de mago, não sei, não me importo. Só estou aqui para transmitir uma mensagem do Hual.

— Não sabia que tinha virado garoto de recados.

Cal efetuou o salto e surgiu ao lado de Rafael.

— Para o seu bem é melhor passar nesses testes. — Cal sussurrou em seu ouvido

— Não acredito que vá existir contrato com o que sobrar de você depois.

Rafael se levantou e sentiu que a cabeça demorou mais que o corpo para perceber que tinha feito isso. Coçou a nádega esquerda enquanto atravessava o apartamento em busca de água. Abriu a geladeira e Cal estava lá, quando fechou a porta com a garrafa na mão.

— Você não pode falhar nisso. Não tenho tempo, nem paciência para arrumar outro contrato.

— Imagino que se você não quer, eu vou querer menos ainda.

— Acertou, mundano.

Após dois grandes goles de água, secou a boca com a manga da camisa aberta.

— Nós a matamos mesmo?

Cal o fitou, sem entender.

— A bruxa.

— Esqueceu o que ela fez com você?

— Eu só...

— Esqueça isso.

O demônio se foi, mas teve certeza que estaria bem próximo dele enquanto as Ordálias se aproximavam. Mas, agora, não poderia mais contar com sua proteção.

Parte II

Terra

Todo prédio começa pelo seu alicerce, ou afunda no barro da diligência

Capítulo VIII

Quando há um velório surpresa em seu aniversário

As sombras banhavam as ruas e por elas corria o motociclista rajado, como foi chamado por aqueles que começaram a estudar os seus ataques. O veículo de duas rodas fazia pouco barulho e nem refletia a parca iluminação. Isso era para melhor favorecer o tipo de serviço que seria feito naquela noite.

Qualquer um que cruzasse com aquele representante da morte não perceberia nada além de um vento repentino que o pegaria de surpresa, causando ideias sedutoras sobre voltar para casa e ir dormir. Isso somado a uma sensação funesta e um arrepio fora do comum.

Por dentro do visor escuro, enxergava sinais de trânsito como um pequeno lembrete de como aquelas pessoas, tão diferentes de si, eram ordenadas e tentavam a todo custo ignorar seus impulsos naturais. Na maior parte das vezes.

A pior região para um motociclista espectral andar era o centro das cidades. Mais gente, pouco espaço. Isso fazia com que sua capa da noite às vezes falhasse. Quando isso acontecia, gerava uma sensação de desconforto que obrigava qualquer um a focar sua visão em algo que desencaixava daquele cenário. No caso, o próprio motociclista.

Também tinha naquela região os caminhantes da noite, que assim como ele, eram seres, entes ou lendas que se camuflavam em meio aos mortais. Vários deles com objetivos suspeitos. Odiava ser visto por algum deles, mas sabia que não seriam ameaça.

Não ousariam.

Se afastou de prédios velhos para chegar nas grandes avenidas arteriais que bombeavam gente pelo ladrão. Tomou a liberdade de costurar um pouco o trânsito e passar despercebido pelos motoristas estressados querendo chegar nas baladas e festas.

Por vezes, olhava pelo vidro dos veículos com curiosidade. Aproveitando um breve luxo para agir como um *voyeur* da vida cotidiana. Era um constante lembrete do que existia do outro lado do véu, a película que dividia coisas como ele próprio dos que mal percebiam um palmo da frente do nariz.

Parou em um sinal apenas por mero capricho, gostou de observar um caminhão manobrar perigosamente sua carga acima do peso permitido. *Como eles eram tão idiotas assim?* Pensou.

Aproveitou para passar a mão no volume abaixo de sua jaqueta. Sentiu o metal frio para ter certeza que ainda estava lá. Odiava ter que manter as aparências, apenas para evitar ser perseguida.

Odiava, pois queria usar de tudo o que podia para acabar com seus alvos, era uma forma de liberar aquela força abrasadora para cima de quem não merecia menos do que uma morte dolorosa. Mas tinha que se contentar com um frio disparo, para ser confundida como um criminoso comum.

Lembrar de suas limitações enfureceu o motociclista, o que fez com que a moto desse um ronco que mais lembrava um relincho, quebrando o feitiço da capa da noite por breves instantes e fazendo uma criança chorar no banco de trás de um dos carros ali parados. Foi com tudo, mesmo antes do sinal abrir, arranhando umas latarias até se sentir novamente dentro do controle.

Tinha que passar por aquele embuste, um teatro mal atuado, mas ainda assim, necessário para que as coisas continuassem dentro do planejado. Por mais que em breve sua fama percorresse os cantos sujos da cidade, deveria focar em ganhar o maior tempo possível antes que as autoridades tomassem providências. Por isso, o volume frio abaixo da jaqueta continuava tão importante. Era também um lembrete, para não deixar o ódio consumir tudo, inclusive a si mesmo.

Mas tinha um palpite que, depois daquela noite, um alerta seria ligado. Os bueiros transbordariam, infestado de vermes querendo arrancar sua pele a preços diversos.

Se aproveitou do cansaço do guarda, que estava embaixo de um poste bem iluminado, e adentrou o estacionamento vazio sem ser percebido. Nem sempre a capa funcionava como deveria e preferiu não arriscar.

Era um local amplo e deserto, um perfeito ponto de fuga. Desceu da moto e acariciou suas curvas metálicas, como se para acalmar o motor quente, que roncava

baixinho como um animal em alerta.

Escalou uma grade e logo depois pulou por cima de um muro. Chegou ao jardim do outro lado, um condomínio de luxo que estava praticamente deserto naquele horário. Andou alguns metros para pular mais uma mureta e desceu com o cuidado felino pela entrada de funcionários daquele bistrô chique no qual apenas uma ínfima porcentagem da população teria como bancar uma refeição completa.

Mesmo com todo o cuidado, algo inesperado aconteceu.

— *Demorô*, heim, Cleiton! — Gritou o *maître* desesperado se aproximando do motociclista de capacete rajado. — Cadê as bebidas?

Mas não foi o motoboy que surgiu na escuridão e antes que o *maître* pudesse reagir, teve sua cabeça jogada contra um muro de chapisco. O homem desmaiou e caiu como um saco de batatas.

Geralmente não era notado nas sombras, mas cruzar com sensitivos era sempre uma surpresa. Seres humanos eram criaturas estúpidas por natureza, foi uma das primeiras coisas que aprendeu após o renascimento. Percepção limitada, senso de urgência e visão seletiva do mundo contribuíam para que o véu existisse e a capa da noite pudesse ser aproveitada. Podia controlar seu andar por horários noturnos e assim evitar os pontos luminosos que a deflagravam.

Mas existia aquele tipo de gente que podia estar sempre no lugar errado e na hora errada. Mesmo com uma noite de lua nova como aquela. Não gostava de ferir inocentes, mas não podia permitir ser descoberto antes da hora e botar tudo a perder.

Usualmente também não invadia lugares assim, mas alguns alvos gostavam de passar madrugadas inteiras enchendo a cara. Então sua janela de atuação costumava ser bem pequena, já que o dia não era o melhor dos momentos para aquele tipo de abordagem.

Atravessou os corredores apertados, passando por barris de metal com cervejas artesanais, chegando na cozinha, onde um bafo quente preenchia o lugar.

Economizou sua energia para aquele momento. A capa da noite recaiu novamente sobre si e então mesmo nos locais mais iluminados agora poderia se ocultar dos mundanos. Ao menos, por poucos momentos.

Não era como se deixassem de vê-lo ali, apenas deixavam de estranhar e prestar a atenção em coisas que julgavam mais importantes. No caso, tudo menos aquele motociclista de capacete no meio de um estabelecimento chique.

Passou por um corredor mais apertado, onde dividiu espaço com os garçons que atuavam para entrar direto pelo salão. Olhares curiosos cessavam e mal percebiam a figura escura que tinham acabado de ver poucos segundos antes. Fazia parte do encanto, além do natural.

O bistrô não estava cheio. Mesas distantes uma das outras, pessoas falando em tom moderado e um violoncelista dotando uma tranquilidade ao ambiente com sua música. O prato principal já havia sido servido para as mesas há algum tempo e garrafas de vinho estavam quase no fim.

O motociclista se ocultou entre uma enorme cristaleira e uma cortina de tecido grosso. Depois de mais alguns minutos, um homem obeso se levantou de uma das mesas, foi até o centro do salão e começou a falar sobre os sucessos completados em nome do aniversariante, bêbado demais para tecer comentários inteligíveis. O homem exaltou os feitos do outro como se fossem histórias de cavalaria, sendo aplaudido algumas vezes a cada grande pausa que usava para respirar. Desejou que os anos vindouros fossem tão correspondido como aquele.

Era hora.

O grande homem continuou exaltando o seu sócio, que estava aos soluços e risadas do outro lado da casa, e ergueu o braço com uma taça para um brinde.

O primeiro disparo acertou o pescoço do homem obeso e o segundo atingiu peito. As pessoas pensaram que o som fosse das garrafas de espumantes sendo abertas, mas ao vê-lo desabar começaram a gritar – sem entender exatamente o porquê.

Teve sua vida ceifada em meio ao brinde, mas não era seu alvo. Serviria de distração o suficiente. Era um calhorda interessado em aplicar golpes em clientes da empresa na qual era sócio, em conjunto com o verdadeiro alvo daquela noite.

Uma poça de sangue se formou com rapidez e pintou o tapete caro do restaurante.

O clima de pânico se intensificou instantes depois, com pessoas achando que aquilo havia vindo de fora do estabelecimento. Ledo engano. Foram se proteger embaixo das mesas e o motociclista aproveitou para sair das sombras e puxar seu

alvo pelo calcanhar, que nem ao menos havia entendido a gravidade da situação quando desabou e começou a ser arrastado sem dó.

Ergueu a mão e efetuou mais dois disparos em direção ao teto, fazendo as pessoas ignorarem todo o resto e se preocuparem apenas com as próprias vidas, como era o esperado.

A cozinha estava praticamente vazia, após os funcionários evadirem o local para buscar abrigo. Escutou uma gritaria não planejada, entendeu que a porta da frente do bistrô foi invadida por seguranças. Eles empurraram alguns funcionários para se aproximar do motociclista e proteger o alvo, mas o algoz era rápido demais, mesmo arrastando um homem maior que ele próprio.

Alguns cozinheiros se esconderam na despensa, outros embaixo dos balcões. Sem conseguir ver o que estava acontecendo ali. Terreno livre para uma pequena revista.

O motociclista jogou o homem para cima de uma mesa grande, onde vários legumes jaziam fatiados. A mesa foi projetada para trás com o peso e a força, bloqueando a porta que dava para o salão, impedindo os seguranças de entrarem na cozinha. O alvo se debatia e tentava gritar, mas não conseguia fazer nada além de gemer, preso em uma confusão que nada além de bebida poderia fornecer.

As mãos do algoz viajaram por dentro do terno, mas o alvo estava bem agitado. Com uma torção, o motociclista quebrou o braço do alvo como se fosse um graveto frágil. O grito de dor viajou pelo bistrô e fez mais clientes gritarem em desespero, fazendo os seguranças agirem com mais violência contra a porta.

Sentiu um calombo no bolso da calça do homem e então o motociclista puxou o colar com a pequena figura de madeira. Era idêntica à que encontrou com o candidato, emitindo até o mesmo tipo de energia sinistra.

Trabalho concluído. O motociclista colocou o item no bolso interno da jaqueta e se virou para trás.

Um fio de esperança surgiu na cabeça do alvo ao parecer ser ignorado, que foi logo abandonado quando enxergou por milésimos de segundos um cutelo ser tirado de uma tábua. A lâmina foi enterrada entre os olhos do sujeito que assim como o sócio, usava de seu poder para abusar de funcionários e destruir a vida de quem não cedia a suas chantagens.

A vontade era de golpear mais algumas vezes, enquanto lampejos de memórias difusas sobressaltavam em sua cabeça. O motociclista lembrava dos dedos impertinentes do homem passando pelo seu rosto, em uma situação de vulnerabilidade, apenas para lhe provocar pavor. Ignorou o passado, lembrando que no presente ele já estava morto e que deveria sair logo dali.

Os seguranças chegaram esbarrando e empurrando uns aos outros, mas já era tarde. O motociclista já havia sumido.

Pulou o muro, correu como uma sombra e após mais uma escalada estava montado em sua moto, agora agitada como uma besta repleta de agonia. O motociclista passou a mão no guidão e a moto estava pronta para partir. E assim o fez.

Disparou como um raio negro pelas ruas desertas, mas sua previsão chegou mais cedo do que imaginava. Escutou ao longe sirenes constantes se aproximando.

Duas viaturas surgiram no horizonte e foram ao seu encontro. Eram lentas, mas conforme as ruas se apertavam e a quantidade de entradas e saídas aumentavam, mais carros foram aparecendo em momentos mais que inoportunos.

Seu perfil estava traçado pelas autoridades e seria muito difícil sair da região sem algum confronto. Mas diferente de qualquer criminoso comum, aquela coisa que se equilibrava em uma moto não era nem de perto humana. Conseguiu vestir sua capa da noite e escapar do faro dos policiais com certa facilidade, mesmo com dezenas de carros patrulhando o bairro.

Por fim, se mesclou às sombras e mais nenhum mundano o acharia.

Nenhum mundano.

Capítulo IX

Quando estamos em dois lugares ao mesmo tempo

Rafael sempre gostou de histórias em que protagonistas mantinham uma vida dupla. Tiravam os óculos, saltavam da janela e deixavam a rotina do dia-a-dia para mergulhar no combate ao crime. Era o que chamava sua atenção enquanto adolescente. Aos poucos as aventuras heroicas foram ficando para trás e a única coisa que fazia agora na banca era comprar cruzadinhas para passar o tempo.

O dia seguinte aos acontecimentos passados no Protetorado foram... estranhos e meio oníricos. Tudo parecia estar desencaixado e não pertencente ao lugar que estava. Mesmo parecendo na mais completa normalidade, ao primeiro momento. Talvez a matriz de inconsistência daquela realidade foi notar que sua secretária agia de maneira normal, como se nada daquilo tivesse acontecido.

Sua secretária era tudo o que Rafael queria. Se importava com a empresa, com a sua capacidade de decisão e sempre dava boas sugestões, mesmo ele querendo fugir e descer até o bar para encher a cara. E é claro que essa perfeição custou caro, era o tipo de situação que escondia algo terrível. Uma espionagem industrial, um golpe do conselho ou algo do tipo. Mas nunca imaginou que ela fosse parte de um órgão regulador de assuntos arcanos.

— Eu não sou sua inimiga, só estou fazendo o meu trabalho. — Disparou ela quando fecharam a porta de sua sala. Seguravam cada um uma xícara de café.

Rafael sorveu o líquido com calma.

Calma demais para o que Mariana estava esperando.

— Tá. Tudo bem. — Ele deixou a xícara em sua escrivaninha e abriu uma gaveta. Tirou duas gravatas dobradas de lá. — Me dê sua opinião sincera.

Desdobrou as gravatas e colocou uma ao lado da outra, na direção do pescoço. Uma era verde escuro, com listras horizontais brancas e a outra azul, com listras

diagonais.

— A segunda, com certeza. — Ela respondeu, com um tom de incômodo na voz.

— Mas sobre ontem eu...

O mundano guardou a gravata verde e deu um nó na escolhida com cautela. Odiava colocar gravatas, sempre achava que ficava torto.

— Vai se desculpar? — A pergunta atravessada, feita por Rafael, pegou a secretária de surpresa. — Imagino que não. Deve só me avisar que vai ficar por aqui brincando de trocar e-mails até o processo todo acabar.

— Ah — Ela deu um gole no café.

— Se eu te demitir, devem mandar outro pra ficar na minha cola, não é? — A pergunta de Rafael era retórica.

— Então, tudo bem? — Mariana cerrou os olhos.

— Tudo bem, então.

Rafael se levantou e foi até um dos armários que mantinha na sala, tirou uma resma de papéis quase da altura de seu antebraço e colocou em sua mesa com algum esforço. Rafael vestiu o paletó e pegou um livreto de cruzadinhas de nível avançado.

— Preciso sair um pouco mais cedo, aquelas cervejas não se tomarão sozinhas. Assim como esses papéis também não vão se carimbar até o final da semana.

A secretária pareceu ter visto uma assombração.

— Pensei que tivesse entendido que não foi pessoal, Rafael.

— Ah, tenho certeza que não foi. Só estarei fazendo um... network lá no bar.

Ele saiu da sala, mas antes de atravessar a porta totalmente, se esgueirou para dentro.

— E por favor, acho que “senhor Rafael” seja mais apropriado.

O mundano marchou para fora do escritório, com uma cara que não deveria estar muito boa já que todo o funcionário que cruzava com ele automaticamente abaixava a cabeça. Rafael abriu a porta do almoxarifado. O demônio Cal não estava lá, como costumava ficar no passado. De certa forma aquilo era um lembrete que talvez Rafael precisasse resolver seus problemas sozinho.

Foi até o banheiro e começou a procurar nos bolsos e frestas de sua roupa, mas não encontrou nada do que procurava.

A moeda de Hual agora ficava em sua carteira e talvez fosse a única coisa mais confiável que pudesse ter. Mas não muito confiável também, já que o sujeito lhe despertava suspeita desde a primeira vez que pôs os olhos nele.

Uma ideia percorreu seu sistema nervoso. Pegou todos os seus cartões de crédito, de visita e crachás e juntou em sua mão. Até seu celular poderia ter sido grampeado, lembrou-se da mensagem de Cal pouco antes de ser pego.

Dobrou, rasgou e quebrou os cartões, jogou o que sobrou na privada e deu descarga. Se algum deles pudesse ter um rastreador tecnológico ou mágico, estaria agora indo direto pro esgoto.

Seus passos ali agora deviam ser calculados e não poderia transparecer que havia percebido isso. Não era um criminoso, mas se estava sendo tratado como um, deveria se preparar para se defender em qualquer frente.

Talvez o demônio realmente precisasse manter distância do mundano por hora. Pensou nos momentos em seu apartamento de luxo, lá não parecia ter havido problema algum, isso indicaria que talvez o Protetorado não tivesse jurisdição — caso tivessem alguma — de mexer em suas coisas dentro de seu lar. Ao menos isso era um alívio. Um ponto cego daquela gente maluca.

Só poderia ter certeza quando encontrasse o demônio novamente.

Rafael foi abordado por Rick enquanto se encaminhava para a saída, mas acabou não dando muita atenção pelo tanto de preocupação que passava em sua cabeça. Pediu para que falasse com ele depois.

Foi até o banco e sacou algumas notas com o último cartão de débito, que foi quebrado logo depois. Seu celular foi o último, indo direto para uma fonte de água que ficava em uma calçada próxima.

Puxou do bolso da camisa um guardanapo embolado, com um endereço escrito a caneta que ficava do outro lado da cidade. Entrou num táxi e se foi.

O motorista perguntou se deveriam continuar após cada virada de rua e Rafael percebeu que quanto mais se aproximavam, mais temeroso o homem ficava. A região não tinha das melhores famas. Quase deserta, um acumulo de lixo era visível a cada trecho da guia, com vários prédios abandonados e vendinhas de esquina. Em dado momento, o taxista preferiu não continuar o trajeto e Rafael decidiu seguir o caminho a pé.

Entrou em uma das poucas bancas abertas naquele final de tarde e viu um senhorzinho de cabelo branco lendo uma revista com o resumo do capítulo da novela que aconteceria naquela noite. Pediu informação e obteve uma resposta atravessada.

Virou mais duas esquinas e estava finalmente próximo do endereço. Era uma rua ainda mais abandonada, onde o mato crescia e a natureza tomava de volta o que era dela. O plástico degradado de sacolas e garrafas já quase se misturava com o cinza do asfalto, que de tão esburacado já quase se tornava chão de terra.

Uma areia fina viajava de um lado a outro despretensiosamente, só faltou a bola de feno, como nos filmes antigos, para dar o tom do que sentia. O fim da linha era um ferro-velho na última esquina. A rua seguinte existia, mas era um beco sem saída. Apesar de estar no centro da cidade, ela parecia terminar ali.

Era como se faltasse algo mais à frente. O lugar não existia.

Foi até o final da rua e só encontrou um muro pichado que o impedia de avançar. Deu alguns passos para trás para ver o que poderia existir do outro lado, mas não parecia ter nada além da copa de uma árvore, indicando que a partir dali poderia ser apenas mato.

Voltou ao ferro-velho para procurar algum vigia que estivesse ali, para pedir informação, mas o portão estava trancado, enrolado por uma corrente grossa presa por um colossal cadeado. Estava prestes a desistir quando decidiu dar uma última olhada para o lugar que deveria estar a morada do homem do guarda-chuva, chamado Hual.

Foi quando viu uma pequena passagem que não parecia estar lá antes, um buraco da altura de uma pessoa adulta que estava no canto, entre o ferro velho e o muro

pichado. Jogar suas fichas em uma olhadela através do buraco lhe parecia um papel ridículo. Mas não custaria nada. Depois de tudo o que passou para chegar ali, não sairia sem ter tentado tudo.

Rafael se aproximou e percebeu que não era um buraco, mas um arco construído com tijolos da mesma cor do muro, delimitando a abertura para o outro lado. Não tinha a altura de uma pessoa, era maior e mais largo e foi ficando cada vez maior e cada vez mais largo conforme se aproximava. Seus olhos pareciam o enganar a cada minuto naquele lugar.

Um prédio surgiu irrompendo do chão, após sua cabeça passar por baixo do muro, atravessando o arco.

Como se sempre estivesse ali.

Rafael voltou alguns passos e o prédio não desapareceu.

Voltou até o ferro-velho e o prédio continuava lá, surgindo por cima do muro e apontando para as nuvens. Um prédio esquecido pelo tempo, pelo homem e por qualquer divindade.

Passou novamente pelo arco e viu a árvore, que permanecia lá como era na primeira visão antes de atravessar. Não sabia do que era, mas seu tronco grosso e espesso crescia até vários metros, quando começava a se ramificar em galhos e se abrir para uma copa larga.

O prédio era uma visão a parte, completamente diferente de tudo o que já tinha visto pela cidade. O monstro de *Frankenstein* de tijolos e concreto parecia a junção de três estruturas separadas. Da mesma forma, as janelas pareciam se esforçar para buscar um estilo próprio. Quebradas, inteiras, pintadas, deixadas pela metade, sem proteção, com cortinas. Era um cubo de *rubick* arquitetônico.

A região em volta era coberta de mato, mas uma trilha de grama baixa e terra pisada indicava um caminho a seguir.

O prédio possuía uma iluminação fantasmagórica, graças à lua e às estrelas — que já começavam a aparecer —, mas flertava com a escuridão em diversos pontos.

Viu a entrada da construção bloqueada por tapumes pintados de roxo e não parecia haver luz interna vinda das janelas. Por isso Rafael se perguntou se era uma boa

ideia continuar ali, mas o lugar como um todo possuía uma atmosfera feérica que o atraía como se pudesse ter a oportunidade de invadir uma pintura surrealista.

Deu batidas no tapume com a mão aberta, produzindo um som abafado e pouco chamativo. Repetiu mais algumas vezes até perceber a placa de compensado ser arrastada para o lado. Uma voz escorreu para fora em um tom ameaçador.

— Quem é!?

Não conseguia ver nada do outro lado, apenas o negrume.

— Vim ver o Hual.

Uma pequena pausa se fez.

— Nunca ouvi falar.

A fresta se fechou e Rafael encarou o tapume por uns instantes. Voltou a bater, dessa vez mais forte. Conseguiu ver agora uma mão grande, de dedos grossos e queimados pelo sol segurar um dos lados do tapume e o mover como se fosse feito de papelão. Viu alguns traços do rosto.

— Escuta aqui engomadinho, vai sair *na moral* ou vou ter que te dar uma bica?

Rafael tirou a moeda gasta do bolso e mostrou para onde achou que os olhos do homem deveriam estar. Dois palmos mais alto que ele.

Esperava ser expulso dali, mas conseguiu escutar mais ao fundo da entrada uma voz que cochichava.

O homem se virou para trás como se falasse com alguém em suas costas e logo depois enfiou o rosto para fora, conferiu a moeda e empurrou o tapume para dar passagem.

— Entra aí, mas vou logo avisando para não dar uma de espertinho.

Rafael atravessou a abertura e então o interior se revelou.

O lugar parecia um hotel de luxo há muito tempo abandonado. O carpete velho de um vermelho que mais parecia vinho, de tão gasto, fazia aparecer o chão de granito em alguns pontos.

O homem que liberou sua passagem estava de costas, vestia uma regata apertada e possuía braços grossos. Era careca e de pele morena. Em nenhum momento ele se virou, por isso não conheceu seu rosto quando ele atravessou a passagem para fora do saguão. Qualquer pessoa que tivesse conversado com ele, não estava mais lá.

Atravessou a entrada e chegou nos corredores dos andares do térreo. A área dos apartamentos circundava um pátio central e ficou surpreso em ver que o topo tinha uma abertura para o céu. Logo no meio do pátio, um bosque crescia desordenadamente com a copa de algumas árvores que chegavam até o terceiro andar.

O bosque era bem fechado e coberto com todo o tipo de vegetação, provavelmente alimentada pela chuva, pois não parecia haver qualquer método de irrigação. Mas diferente do que era acostumado, as folhas pareciam maiores e mais grossas, troncos mais rígidos e altos, até o musgo simulava um carpete fofo para os pés. Ignorou os corredores com apartamentos e pisou no gramado fofo, que fez seus sapatos afundarem.

Olhou para cima e viu todos os andares por dentro. Portas e mais portas, fechadas, abertas ou arrancadas. Mesmo sem ver ninguém, era um lugar completamente vivo e de alguma forma cheio, mas não de gente. Escutava sons em cada canto. Risadas, cochichos, conversas. Entendia pouca coisa, outras línguas eram faladas e independentemente de parecerem próximas ou distantes, não conseguia ver absolutamente ninguém.

Uma energia selvagem passou por ele como uma corrente elétrica e o fez se sentir vivo depois de muito tempo. Cada passo era uma nova descoberta, como se algo fosse saltar sobre ele a qualquer momento.

Rafael acordou de seu sonho momentâneo e procurou um elevador mais próximo. Tinha um a poucos metros, que separava ele do fosso por uma porta pantográfica enferrujada. Apertou o botão e lentamente o elevador chegou ao térreo.

Não sabia qual andar era, mas de alguma forma o painel do elevador se ativou sem qualquer menção ao apertar de botões. Chegou ao topo do lugar rapidamente, depois de algum sacolejar.

Pôde ver do parapeito interno do prédio a abertura para o céu acima, bem próxima. Diferente dos outros andares, aquele não possuía mais corredores para dar a volta no pátio aberto, apenas terminava na metade do caminho para uma porta solitária.

Após três batidas, escutou um abafado “entre”, do outro lado.

Hual estava deitado em uma rede no centro do apartamento e se balançava sem preocupações. Com a entrada de Rafael, ele se levantou em um salto animado e foi até ele.

Era um apartamento nos moldes arquitetônicos dos anos sessenta, com bastante espaço. Teto baixo, o papel de parede amarelado acusava o tempo e o chão de taco escuro fazia barulho com os passos descalços de Hual. Os móveis eram antigos e de madeira de qualidade, quase nada de eletrônico a não ser um radinho de pilhas em cima de um banco.

— Gostou do meu convite então? — Hual fez um gesto para que se sentasse em grandes almofadas jogadas no centro do apartamento. Estavam organizadas em volta de uma mesinha redonda, de frente para a rede onde se deitava.

— Fala como se eu tivesse alguma escolha.

Rafael se sentou, por pura educação, já que se sentia cheio de energia. Decidiu se focar, dado que tinha negócios pendentes que envolviam sua vida como um todo.

Os dois se encararam enquanto o palito na boca de Hual dançava de um lado a outro.

— O que são essas Ordálias? Li que são testes para queimar bruxas.

Rafael decidiu começar perguntando. Algo que iria fazer com uma certa frequência.

— São o juízo da cabeça, do peito e dos pés. Sair exitoso de uma Ordália significa passar pelo julgo da terra e daquilo que nos cerca.

— Isso quer dizer que se eu passar, seja lá quais forem essas provas, não sou culpado?

— Os mais cabeçudos arcanistas tem uma responsabilidade acima dos seus semelhantes. Culpa é coisa de gente e todos nós temos as nossas. O que será posto à prova não é se fez algo de errado perante as leis dos homens, mas se saiu do caminho de seu destino.

— Isso significa que se eu falhar ...?

Hual apertou os lábios e abaixou os olhos.

— Aí é jaula, mas não qualquer uma — disse ao bater na cabeça com a ponta do dedo. — Tente não pensar muito nisso.

Era mais difícil de entender do que Rafael imaginava.

— Então, preciso me tornar um mago e passar nessas tais provas.

— Precisa de confiança, pureza de espírito e a cabeça no lugar.

— Deveria comprar algum material, tipo aqueles kits de mágico para crianças com truques com lenço e baralho? Podemos começar com uma lista básica.

Hual encenou um risinho. Talvez Rafael tenha pescado um “você não sabe com o que está mexendo” naquela expressão.

— Não complique as coisas, não percamos a ponta do fio no carretel.

— Nada de corujas ou varinhas mágicas?

— Sua língua afiada não vai te safar aqui. Vamos lidar com a parte mais difícil, jogar fora o que tem dentro dessa pequena cumbuca, para adicionar alguma coisa que preste.

Rafael franziu a testa. Hual se levantou e se aproximou do mundano, indo de um lado a outro enquanto parecia avalia-lo.

— Vou ter que tirar leite de pedra — queixou-se o velho. — Você nem sequer percebeu que não está aqui.

Pensou se aquilo deveria ser um enigma, ou se aquele velho estaria caducando.

Rafael acordou suado, com sua cabeça pesada e seu corpo molhado. Levantou-se em um pulo, chacoalhando seus braços no ar como se tentasse nadar para longe. Estava em seu apartamento, tudo escuro e pelo relógio digital em seu criado-mudo, de madrugada.

Esfregou o rosto, tentando se lembrar do que havia acontecido. Só se recordava de um sonho estranho, onde frequentava um prédio esquisito para se encontrar com sei lá quem.

Capítulo X

Quando há o Cortiço dos Exilados

O muro, o ferro-velho, o prédio esquisito e aquele bizarro homem gigante de regata abrindo a passagem pelo tapume. Tudo parecia fazer parte de uma realidade que Rafael lembrava que participou, mas que não viveu.

— *Deja vu.*

— Que *qui é*, ô engomadinho? — O homem se virou para ele.

— Nada não.

O homenzarrão bufou. Cada passo fazia o entulho da entrada do prédio levantar poeira. O homem o deixou sozinho no saguão do prédio e entrou em uma portinha na parte lateral, ao lado do elevador antigo que também lembrava que já havia conhecido. Atravessou a entrada, onde estava o pátio aberto. Olhou para o emaranhado verde que se encontrava bem no meio do térreo, com a luz da lua entrando pelo topo aberto e banhando as folhas de diversos tons de verde.

— Não é possível — disse para si mesmo.

Diferente de como lembrava — seja lá de onde ou porque lembrava — aquele lugar agora estava abarrotado de gente. Pessoas que iam de um lado a outro, completamente diferentes entre si. Crianças e idosos eram os mais comuns, mas alguns adultos na sua faixa etária também podiam ser vistos. A maioria mal ligava para ele ali, mas alguns o encaravam quando se aproximava demais.

Por algum motivo, quando estava perto demais, notava algumas diferenças bem intensas quanto a fisionomia, formas e cores. Era como se seus próprios olhos demorassem a encontrar uma maneira de ajustar a visão para encaixar bem o que lhe era semelhante e o que de fato era anômalo. As vezes um nariz era grande demais, as vezes olhos desajustados demais, cores de cabelo que mudavam dependendo da refração da luz, olhos cintilantes na escuridão.

Pareciam humanos para olhares despercebidos, mas eram algo além.

Consegui chegar ao elevador, entrou e tomou outro susto ao ver um animal descer até o painel. Era um pequeno mico que farejou o mundano e logo apertou o botão do andar mais alto do prédio.

Subiu agarrado nas grades do elevador, tentando não se aproximar muito do animal, que pouco se importava com ele, e logo subiu para a cobertura de metal entortada que servia de teto.

Subiu vendo todos os outros andares, com tanta gente quanto viu no térreo. Conversavam, brigavam e tinham suas vidas normais ali. Saiu do elevador e abaixou a cabeça para evitar levar uma mordida, mas o animal não parecia estar mais presente.

Sabia por algum motivo que era o andar onde Hual morava. Passou por apartamentos com portas abertas e não pode resistir a passar os olhos em seu interior. Tevês ligadas, gente comendo, crianças brincando dentro dos cômodos. Na sua cabeça, só deveria existir uma única porta naquele corredor e não soube precisar o porquê de ter essa impressão.

Chegou na porta que sabia que era do homem do guarda-chuva e bateu. A porta se abriu lentamente sem precisar de alguém do outro lado. Hual estava na varanda do apartamento, contemplando o céu.

Fechou a porta com as costas e respirou aliviado por ter apenas um único indivíduo ali dentro.

— Quer que eu passe um café? — O homem apontou para a xícara que segurava.

— Aceito a gentileza.

Os dois se sentaram em almofadas, em volta de uma mesinha redonda de frente para uma rede, após Hual servir a bebida. Ele abanava o rosto com uma revista de bairro qualquer, daquelas que todo mundo tem apenas para corrigir o desnível de algum pé de mesa.

— Essas pessoas são moradores de rua? — Rafael soltou como se a pergunta já estivesse dentro de um contexto que não existia.

Hual pareceu entender muito bem do que o mundano se referia.

— Você as viu morando na rua? — retrucou.

Rafael estava confuso e transpareceu.

— Aqui é o cortiço dos exilados, onde qualquer um pode deixar de se preocupar em ter onde dormir. Mesmo quando não há mais espaço no mundo para eles.

— Você diz, no mundo das pessoas?

— Daqueles que deixaram de acreditar.

— Eu imagino que não venha muitos agentes da prefeitura por aqui.

— Só o Protetorado, mesmo assim muito a contragosto.

Rafael passou o olho no apartamento, parecia assim como todo o resto, estranhamente familiar. Uma passagem para o corredor, onde deveria ser o banheiro e quartos, uma varanda aberta para o céu noturno, um imenso jarro com uma planta decorativa de folhas volumosas, as almofadas que usava para sentar, a mesa de centro baixa. Tudo parecia no lugar.

— Então vou ser um mago?

— De novo essa pergunta. — Suspirou Hual — Sejam mais diretos dessa vez. O que você entende por magia?

O mundano se acomodou nas almofadas no chão e pôs a mão no queixo, pensando um pouco.

— Me pegou agora, o que eu deveria responder? Sei lá. Magia é quebrar as leis da física?

Hual deu uma risada preguiçosa.

— Tem muita lei por aí, quando não deveria existir nenhuma. Magia é ter cabeça e coração. Sabedoria e espírito.

— Parece bem abrangente.

— Claro. Magia é luz do sol, passar um café, ler o jornal, trabalhar e ir dormir.

— Isso parece a rotina de todo mundo, não sei se consegui entender bem.

— E existe algo mais mágico do que isso — riu Hual. — Mas sei o que você quer escutar. Magia é respirar, perceber, transformar.

— Pensei que fosse algo mais... mágico, entende? É bonito saindo da sua boca, parece tirado de algum livro de autoajuda, não prefere passar a teoria para a prática? Talvez eu entenda melhor.

Hual se levantou da almofada e se largou na rede, da mesma forma que lembrava que fazia, mesmo nunca estando ali.

— Você tem um ponto, tentarei ser menos falador. Vamos fazer o seguinte, te ensinarei o que é magia, depois de me ajudar com algo.

Rafael apertou os lábios em concordância, sabia que aquilo teria um preço.

— Queria pegar de volta algo que perdi, talvez seja necessário para seu ensino, talvez não.

Desconfiado, não pode deixar de ficar curioso.

— Tipo um item mágico?

— Estou falando de algo grande, pesado e às vezes desconfortável. Mas vai precisar ir até lá e conseguir de volta para mim.

Como um dos poucos rios sobreviventes da urbanização que cortavam a cidade, aquele era imenso e especialmente sujo. Lar de capivaras e garças que arrumaram ali um lar e alimento farto. Eram os únicos moradores da margem.

Além deles, ninguém queria morar ali, por isso a cidade construiu imensas pistas de cada lado para aproveitar o espaço urbano e garantir que ninguém de fato passaria ali mais tempo do que devia. Em horários de pico, podiam garantir os mais estudiosos da escatologia religiosa que provavelmente era um dos círculos do inferno. O que era uma tremenda bobagem, já que poucos círculos tinham carros.

Felizmente para Rafael e Cal, que havia surgido de surpresa a poucos minutos, aquele final de noite garantiu poucos motoristas e quase nenhum pedestre a vista daquele lado da pista.

Duas coisas preocupavam o mundano naquele momento. A primeira — e menos importante

— A presença daquelas nuvens carregadas, que eram indício de uma chuva próxima. A segunda era sobre tentar descobrir afinal de contas o que ele deveria levar de volta para Hual. Por mais que pedisse detalhes, o homem se recusava a dizer, apenas indicou o local que ele provavelmente estaria naquela noite.

Ao menos a presença do demônio com quem tinha contrato era uma boa desculpa para não ficar louco andando nas margens daquele rio como se procurasse problemas.

— Deve estar aliviado em não me seguir pra cima e para baixo o dia todo como fazia — provocou Rafael.

— Acredite, minha preocupação de você fazer uma besteira e acabar morrendo é maior do que meu alívio em te aturar dia e noite. Enquanto tiver sendo investigado pelo Protetorado, não posso me aproximar muito de você. Imagino que já deve ter pensado nisso por conta própria.

O demônio acendeu o cigarro com uma chama azul que saltou de seus dedos. Ele inalou a fumaça e soltou uma baforada para cima, como uma chaminé.

— O que o velho pediu pra você agora? — inquiriu ele.

— Procurar algo que ele perdeu. Seja lá o que isso signifique.

— Já devo imaginar o que é, então.

Rafael parou de caminhar por aquela grama macia e olhou enfezado para Cal, esperando uma resposta. Ele apenas sorriu de volta e baforou mais fumaça em sua direção.

— Eu estou cercado por gente grosseira, minha nossa — ralhou, abanando a fumaça e se voltando novamente a sua busca infrutífera. — Ao menos se está aqui, quer dizer que o Protetorado não está me vigiando.

— Acho que não. Mas olha o lado positivo, ficou menos estúpido. Mas não tanto, já que achou que eles te vigiam com rastreadores tecnológicos.

— Mas...?

Cal tirou um celular do bolso, era pequeno e estava na moda caso estivessem uma década atrás.

— Não me respondeu mais, achei que tinha chegado a conclusão tirada de algum filme de espionagem, você é muito previsível.

— Droga, não precisava ter me livrado dos cartões ou do aparelho?

— Quer saber como deixá-los confusos? Crie novas rotinas, mude-as constantemente, aja da maneira como um ser humano normalmente faria, mas mude de tempos em tempos. É o que sempre faço quando tem gente na minha cola.

— Foi por isso que você sumiu por dois anos?

Cal o observou de soslaio e então voltou a se concentrar em seu cigarro.

— Você não precisava de mim, muito menos eu de você. O meu contrato original era com a empresa, aí você apareceu e tudo mudou. No dia em que fui colocado como seu estagiário, a burocracia envolvida tornou minha existência aqui efêmera, tive que fazer um contrato direto com você para fortalecer os laços que me unem a esse mundo. Agora que você se tornou dono de tudo, posso deixar de me preocupar.

— Sempre existiram histórias de pessoas vendendo a alma para o demônio. Apesar de absurdo, consigo entender. Fazer isso através de burocracia de uma empresa...
— riu Rafael. — Algo tão estúpido assim não deveria existir.

— Mundanos se gabam por sua inteligência superestimada, quando não conseguem ver um palmo a frente do próprio nariz. Vocês se dedicam a vida inteira para instituições que só tem valor no papel, se matam por cargos de hierarquia ficticiais para se sentirem no controle de algo, se esforçam a vida inteira para comprar o que não precisam e justificam dizendo que é uma dádiva porque se esforçaram. Está me dizendo que um contrato com uma alma humana é menos absurdo do que um com o tipo de instituição que vocês frequentam, veneram e se dedicam todos os dias de suas vidas?

— Mas empresas não são pessoas — rebateu Rafael.

— Acha que as regras da idade média valeriam aqui? Não me faça rir. Pessoas não valem nada hoje, são engrenagens problemáticas dotadas de ego. O fluxo de energia que vocês tributam para instituições ficticiais é tão grande que os demônios se apossarem de cargos e empresas, o que faz sentido.

— Você fala isso, mas está aqui. Dependendo de mim para se manter nesse mundo.

O demônio estacou em sua caminhada.

— Os “dispensáveis mundanos” estão aqui, dominaram tudo e fizeram você se dobrar perante eles. Está sendo mais uma peça da engrenagem.

Rafael foi golpeado por uma força invisível, como se engolfado por uma onda que o levou para o fundo do oceano. Seus pulmões cessaram as atividades, sua cabeça protestou pela pressão que seu crânio sofria. Aquela aura titânica foi a pior coisa que sentiu desde o início de tudo.

— Acha que devo explicações para um microrganismo feito você, mundano inútil?

— Cal se aproximou de Rafael e a cada passo, a pressão sobre o mundano crescia.

— Eu comandeí legiões inteiras, me alimentei de todos aqueles que se opuseram, eu...

Rafael foi andando para trás e tropeçou. O mundo girou e Rafael só entendeu depois que já estava no chão.

Olhou para o demônio e logo depois se voltou para aquele emaranhado de plantas aquáticas e lixo na qual tropeçou. O bolo esverdeado cheirava mal e fez Rafael pôr as mãos sobre o nariz.

Não havia mais aura, mas Rafael se arrepiou.

— Essa coisa me s-segurou. — Foi a única coisa que saltou de sua boca, enquanto recuava assustado.

— Mas que faniquito é esse? — Cal olhou para aquela massa de matéria orgânica, mas foi só prestar atenção que viu enrolado em uma rede apodrecida, uma forma estranha. Em uma fresta entre folhas enrugadas, dava para ver um par de olhos abertos.

— É só um cadáver. — Explicou Cal.

Quando o demônio terminou de falar, o emaranhado se moveu. Um braço agarrou os pés de Rafael. Estava prestes a ter um *piripaque* quando Cal chutou o braço com cuidado, o separando da perna do mundano.

Uma voz borbulhante emergiu do monstro feito vegetação aquática e aos poucos foi ficando inteligível.

— Chuta de novo! — desafiou o monstro de algas, cuspiendo um pouco de água. — Vou esfregar sua cara no asfalto.

— Pelo cheiro, já sei que encontrou o que procurava — anunciou Cal, sem um pingo de animação no rosto.

O demônio tirou todo aquele lixo em volta e um corpo imenso emergiu dali. Seu tom de pele era esverdeado e metade do corpo estava com marcas quadriculadas, deixadas pela rede. O ser que nasceu da alga inspirou e liberou o ar dos pulmões com dificuldade, fazendo um som estranho como se ainda estivesse dentro da água. Limpou o rosto do restante de sujeira de vegetação e se sentou com as pernas cruzadas. Virou a cabeça para poder tirar água de seus ouvidos e um jato fedorento saiu de lá, logo depois foi a vez de colocar tudo o que estava em seus pulmões para fora.

Apertou os dentes, fechou os olhos e seu corpo estremeceu. Abriu-os novamente, eram olhos escuros como besouros. Seu cabelo molhado era encaracolado e estava grudado no crânio.

— Ele mandou vocês? — A voz do ser saiu fraca.

— E mais quem se interessaria por esse amontoado de carne podre? — interpelou o demônio.

— Se surpreenderia com o quanto de gente mais estúpida do que você está atrás de mim.

Rafael o encarava como se fosse um alienígena.

— Esse diabo burro eu já conheço — a figura se virou para Rafael. — E quem é esse palerma?

— O “novo” dele. — Cal respondeu, acendendo um novo cigarro após aquele ser ter ‘acidentalmente’ dado um tapa no anterior enquanto era liberado de sua prisão orgânica.

Deu uma boa olhada em Rafael, de cima a baixo. Terminando com uma risadinha. O mundano também aproveitou para avaliar a natureza do sujeito, que agora sem todo aquele lixo se revelou, apesar de robusto, apenas um garoto.

— Acorda pra cuspir, não vou ficar aqui a noite toda — ordenou o demônio.

— Não posso. — O garoto esticou uma de suas pernas e tudo fez sentido. Dava para ver um ferimento que estava longe de ser apenas superficial, e ao que parecia ainda foi alvo de peixes e outros animais pelo tempo que deve ter ficado embaixo d'água.

— Precisamos de um hospital — julgou Rafael horrorizado.

— Precisamos de um hotel — interrompeu Cal. — Felizmente conheço um nas proximidades.

O demônio tocou no ombro do garoto ferido e desapareceu em um piscar de olhos, deixando um pouco de fumaça no lugar. Voltou alguns segundos depois e ofereceu a mão para Rafael.

— Vamos.

Rafael deu alguns passos para trás e colocou as mãos para cima.

— Não vou mesmo, sai fora. Você sabe que eu não gosto disso.

— Deixa de frescura, vai acabar rápido. Só *pá, pum e puf*.

Cal se aproximou e Rafael deu mais passos para trás, fuzilando o demônio com uma expressão que tentava ser ameaçadora.

— Você ao menos tem dinheiro para o táxi? — perguntou o demônio.

Rafael se calou na presença do motorista e permaneceu assim a viagem toda, mas não por falta de tentativas por parte dele em começar uma conversa fiada sobre o tempo, política, economia e o babado da última traição de algum jogador de futebol. O taxista só parou de falar quando sentiu o cheiro daqueles dois sujeitos estranhos.

Rafael e Cal pararam em um prédio que pertencia a uma rede de hotéis cinco estrelas que cobrava caro demais pelo serviço que ofereciam. Por alguns instantes o mundano parou na entrada ao ver onde estavam. Ao ser questionado pela sua reação pelo demônio, ele desconversou.

Se lembrava que conhecia o grupo detentor da rede de hotéis como um dos principais negócios.

Rafael limpou os sapatos sujos de lama num carpete antes de entrar, mas não tinha jeito de melhorar muito. Só esperava que não fosse expulso.

Uma atendente se aproximou.

— Sejam bem-vindos ao Augenweis Plaza. — A fala foi dita com tanta desconfiança que quase saiu como uma pergunta. — Tem cadastro na nossa rede, desejam algum quarto específico?

— Qualquer um que tiver disp... — Já ia falando Rafael, mas Cal o interrompeu.

— Suíte para casal. Se estiver disponível, o 704.

A mulher sorriu nervosamente. E Rafael fechou os olhos, olhou para cima e ficou envergonhado. A recepcionista perguntou se tinham malas e eles responderam que não, pegaram o cartão de entrada e foram o mais rápido possível para o elevador.

— Porque você não disse que era um quarto de casal que tinha colocado o moleque? — perguntou Rafael inconformado.

— Mandeí o idiota pro primeiro que apareceu, não sabia que esse tipo de coisa te incomodava.

Chegaram ao sétimo andar, o corredor se abriu bem iluminado, com as paredes claras refletindo a luz das luminárias. O lugar era limpo e bem arrumado, longe do que poderia pagar na época que era duro.

Rafael passou o cartão que foi entregue a ele em um painel e a porta com um 704 se abriu após um apito. O quarto estava escuro, mas uma luz vazava pela fresta da porta do banheiro e o som de chuveiro ligado denunciou o hóspede invasor. Entraram e o demônio acendeu a luz. O mundano conseguiu ver o rastro de água escura que atravessava o cômodo até o banheiro. Mas mais que isso, o rastro mudava de direção até um frigobar e o restante do caminho até o banheiro estava lotado de embalagens de guloseimas e latinhas de refrigerante vazias.

— Bem, ele estava com fome — deduziu Rafael.

— Claro que estava. — Cal se jogou na cama e ligou a tevê para passar o tempo.

— Isso não é uma festa do pijama. — Rafael falou baixinho — Ele precisa de um médico.

— Fique tranquilo. Ele se vira. — Cal zapeou os canais e parou em um reality show de pescaria. Apontou para o telefone do quarto. — Pede aí alguma coisa pro zé ruela comer.

— Ele vai comer MAIS?

— Confia no diabo aqui. Vai por mim.

O serviço de quarto chegou e bateu na porta. Rafael abriu e um senhor de bigodes e uniforme surgiu, parado com um carrinho cheio de salgados e bebidas. Rafael pegou uma garrafa de refrigerante e duas de cerveja. Além de uma bandeja cheia de mini hambúrgueres e um pacote de chocolates.

Antes de se despedir, porém, o senhor ficou curioso com a cena de Cal sujo na cama de casal, junto de Rafael o atendendo na porta e mais alguém no banheiro. A curiosidade lhe rendeu a porta fechada em sua cara.

Depois de quase uma hora, a comida estava meio fria e a bebida havia começado a esquentar.

O garoto saiu bem mais apresentável. Era surpreendentemente mais humano do que achou que fosse.

— Onde você conseguiu essas roupas? — perguntou Rafael.

Vestia com uma calça jeans, camisa polo e uma jaqueta de couro por cima de tudo. Andava mancando, mas com o ferimento da perna quase completamente fechado, parecia mais uma ruga feia do que realmente aquele buraco aberto que viu nas margens do rio.

Na verdade, observando bem, o banho pareceu reviver aquele rapaz. O tom esverdeado foi substituído por um tom oliva queimado, seu cabelo revoltado agora parecia volumoso em volta da cabeça e até seus olhos brilhavam com vivacidade.

— Eu passei na loja aqui do lado e fiz umas compras aproveitando que ela estava fechada. Ou você esperava que ele vestisse aquela rede em volta do corpo? — respondeu Cal.

— Inclusive podia ter pego coisas melhores. Sério, camisa polo? — reclamou o garoto. Não parecia ter mais idade do que o corpo que Cal demonstrava. Se tivesse 20 anos era muito.

— Não sou sua mãe para escolher suas roupas, nem ia ficar passeando na frente das câmeras de segurança. — Cal deu o último gole na cerveja e cruzou as pernas. Parecia animado com o clímax do episódio da pescaria que passava no canal fechado, em que o líder da embarcação ajudava a resgatar um de seus homens que havia caído do mar após não conseguir puxar um peixe espada da água.

O mistério da perna continuou, mas Rafael aprendeu que coisas incríveis às vezes aconteciam. O garoto se sentou para comer em uma mesa ao lado da cama e sem qualquer modo colocou tudo pra dentro, quase ao mesmo tempo.

— Qual o seu nome? — perguntou Rafael após achar que ao menos tinha o direito de saber isso.

— Samuel. Faço uns bicos para aquele esquisitão do guarda-chuva. — E isso foi a única coisa que escutou dele o resto da noite. O serviço de Rafael estava completo e ele não queria mais envolvimento com estranhezas. Deixou o resto com Cal e partiu para casa.

Capítulo XI

Quando há sonhos intranquilos

A chama da vela dançava viva na frente de seus olhos, que acompanhavam o movimento com concentração. Em dado momento, a mente da garota começou a se apagar cada vez mais, conforme sua consciência evaporava para deixar claro apenas o que estava do outro lado da cortina.

Permaneceu assim por vários momentos.

Como em um filme, as cenas mostradas foram sendo rebobinadas em sua cabeça. Pela primeira vez reconhecia com clareza as memórias de quando estava naquele estado no hospital. Mas não era do quarto ou dos aparelhos que se lembrava, mas de uma outra vida que recordava de ter no apartamento de um desconhecido.

Estava no hospital e nesse apartamento, ao mesmo tempo.

Se lembrava de quando conheceu esse completo estranho na rua. Era bem vívida a sensação e isso a aterrorizou. Como se estivesse fadada a repetir o momento de desespero em busca de ajuda.

A total escuridão surgiu e então se viu no centro de uma multidão de pessoas. Se levantou deixando para trás seu corpo desacordado como o casulo de uma borboleta. Após isso, andou pela praça naquele lado e viu um ponto de luz entrando em um beco. Não sabia com exatidão o porquê, mas algo naquela pessoa cheirava bem. Era doce e agradável. Também não sabia dizer o porquê de ter tanta certeza que ela o ajudaria, mas sabia que deveria tentar.

Correu em direção ao beco e o puxou. Essas partes eram as mais complicadas de estabelecer. O pegou pelo braço? Foi parte de sua camisa puxada? Ou simplesmente o chamou? Só sabia que o homem se virou assustado, como se ela fosse algum tipo de agressor. Após o susto, ele sorriu aliviado e meio nervoso.

A garota fantasma perguntou se ele tinha visto sua mãe. Descreveu para ele suas características e após a resposta negativa, ele se foi. Mas ela não poderia ficar ali, ou sequer voltar. Pois, em suas costas, a escuridão e o vazio tomavam conta. A

praça nem mais existia, apenas um breu assustador que tocava nela e a chamava pelo nome.

O homem era como uma chama de vela em meio a escuridão, brilhava com intensidade e deixava seu cheiro em suas coisas. Viu ele seguir pelo elevador e então quando deu por si estava no mesmo andar que ele. Do outro lado da porta ele brilhou com a intensidade e então ela bateu, ou tocou a campainha, irrelevante. Ela costumava atravessar coisas, então essa parte de bater e encostar ainda era estranha.

Lembrava de como ele foi grosseiro com ela e aquilo a condenou. Era como se a única pessoa que pudesse ajuda-la simplesmente lhe negasse a chance de continuar existindo.

A escuridão já a abraçava quando viu sua cabeça surgir novamente pela porta. Arrependido.

Ela entrou no apartamento novamente e então morou ali por um tempo que não conseguiu determinar com exatidão. Dias, semanas ou meses?

Lembrava quando ele saía para trabalhar e deixava seu cheiro e essência nas coisas. Foi assim que ganhou forças e andou pela rua em volta do quarteirão procurando sua mãe. Não podia ir mais longe que isso ou a escuridão retornava.

Era desesperador perceber que todos a ignoravam. Como se não existisse, como se nunca tivesse existido. Teve a impressão uma vez de ver um morador de rua barbudo e meio bêbado acenando para ela. Mas antes de ir até ele a escuridão a alcançou.

Ela voltou para casa e desde então nunca mais saiu para procurar sua mãe. Primeiro porque sentia o frio penetrar cada vez mais profundamente nela, depois porque mal se lembrava do rosto da progenitora. Depois foi o nome a ir embora e então mal sabia que já tinha tido uma mãe antes.

A vida de um espírito preso em um lugar era triste e estarrecidora. Mas ao menos era melhor do que aquela escuridão assombrosa que ameaçava pega-la.

Lembrava que as trevas tinham um avatar. Era como se toda a sombra do universo se concentrasse naquele ser encapuzado que carregava correntes enroladas em seus braços.

A luz dele crescia e ela, pela primeira vez desde que se viu naquela situação, se viu em um porto-seguro. Arranjou amigos queridos e viu a luz que guiava sua vida se apaixonar por alguém. Um alguém vivo, que tinha carne por cima dos ossos. Alguém que podia tocar cem por cento do tempo e tinha também calor dentro de si.

Até que aquela mulher não teve mais calor e Isabela se culpou por se sentir bem com isso. Gostava dela, mas ela não o faria feliz. Sabia disso porque como espírito, ela ganhava algumas habilidades extras. Conseguia ver as intenções das pessoas. E a intenção dela tinha toques sombrios.

Lembrava de um grande desespero que apertou seu coração, quando aquele apartamento com o cheiro dele foi corrompido por um mar de entidades corruptas. Ele se foi e ela ficou sozinha.

Acordou no hospital em certo momento, podendo novamente encostar nas coisas que existiam. Não sabia quanto tempo tinha se passado. Sua mãe a apertava a ponto de machucar seus ossos. Olhou para própria mão e não a reconheceu, era seca e ossuda demais. Respirar doía, viver doía. Tudo a volta parecia machucar.

Levou mais alguns dias no hospital até ser liberada e então sua vida antiga voltou. Mas Isabela não era mais a mesma. Decidiu começar uma faculdade, tomar o controle de sua vida, saiu de casa, descobriu que no prédio em que o homem de luz morava agora tinha o apartamento ao lado vago.

Ele se foi, pois não pertencia mais aquele mundo. E Isabela se concentrou em seus estudos. O máximo que pôde, mas tudo foi ficando difícil.

Tinha os fantasmas e eles eram muitos. Começaram a aparecer após sua volta do hospital. Ela tentava ajuda-los, mas não conseguia, nem sabia como.

Foi em um dia como outro qualquer, enquanto comia pizza fria e tentava calcular o quanto sobraria para o mês seguinte que a campainha tocou. Era uma mulher de nariz empinado, que usava um vestido roxo com detalhes em branco, gola bem aberta e um colar bonito. Não era uma roupa incomum, mas algo naquela composição soava fantástico.

A mulher nem sequer perguntou, foi entrando no apartamento e a observou de cima abaixo. Perguntou da antiga moradora e Isabela se irritou. Estava prestes a expulsá-la de lá quando falou aquilo:

“Você tem muito potencial, criança.”

Aquelas palavras ecoaram em sua cabeça e ecoam até hoje.

A estranha contou que era uma bruxa, uma muito poderosa, e que era a mestra da ex-moradora daquele apartamento. Dizia que tinha espaço para uma aprendiz se Isabela se compromettesse com os estudos, tanto os profanos quanto os arcanos.

“O que significa profano?” Lembrou de ter perguntado.

“É aquilo que eu não gostaria que alguém como você fosse.” Ela respondeu.

Depois descobriu que era o termo que as bruxas utilizavam para designar os não iniciados em uma tradição magística.

A Matriarca, como se denominava, prometeu voltar e ela voltou. Trouxe uma série de livros que Isabela devorou sem a menor cerimônia. Não porque achava eles fáceis ou tranquilos, porque não eram, mas porque era a única alternativa de escapar de um mundo que não mais lhe pertencia.

Isabela tocou na capa de um livro e então Rafael abriu os olhos.

Se levantou calmamente da cama e ficou um tempo encarando a parede. Havia tido um sonho bem diferente do que costumava ter.

— Mas que droga foi essa — reclamou o mundano para si, ainda pensando, sonolento. Pôs a mão sobre a cômoda e puxou seu diário de sonhos, um dos exercícios dados por Hual. Deveria anotar tudo o que sonhasse, por mais estranho que o pedido parecesse, ele dizia que ajudaria no processo das Ordálias.

Mal percebeu que o demônio estava sentado, empoleirado na outra cômoda, balançando os pés com inquietação.

— Sonhou com o lobo mal? — conseguiu ver pela penumbra que o demônio sorria.

— Sonhei com alguém. Mas não lembro quem era.

— Volte a dormir. A primeira Ordália é daqui há três dias e você tem que se preparar.

Rafael teve um sobressalto. Se sentou na cama e esfregou o rosto.

— Tão rápido assim?

— Você vai receber a notícia hoje quando chegar ao trabalho. Finja surpresa quando sua secretária te chamar para uma reunião.

Rafael saiu da cama e começou a botar a roupa. Olhou o relógio e eram cinco da manhã. Passaram-se dias desde que Rafael e Cal resgataram um garoto chamado Samuel. Hual disse que iria chama-lo para terminar seu treinamento básico antes da primeira prova, mas pelo visto algo de errado aconteceu.

Rafael não se sentia um mago. Se sentia um idiota.

Cal usou do salto para se teleportar do quarto para o corredor e alcançar Rafael.

— Cuidado com essa afobação, se desconfiarem que sabe de alguma coisa ou que vai tentar fugir, podem vir pra cima de você com tudo.

— Não me importo.

— Eu não me importo idem. Mas temos um contrato.

O demônio o segurou pelo braço, mas Rafael se desvencilhou e entrou no elevador.

— Me deixa em paz.

As portas do elevador se fecharam e ele foi direto para a garagem, onde o seu motorista o aguardava. Dessa vez, o demônio não apareceu. Seria uma viagem tranquila não fosse Rafael mudar os planos.

A primeiro momento, o funcionário achou que fosse uma brincadeira, mas vendo a seriedade no rosto do patrão, perguntou se o endereço estava correto. Rafael desceu no ferro-velho da esquina, ao lado do cortiço dos exilados.

Foi atendido por Samuel após bater na porta de Hual. O garoto vestia um roupão e pantufas confortáveis, comia um pedaço de pão duro e tomava um copo de café com leite.

— O velho! O novato tá aqui. — Gritou Samuel para os fundos do lugar.

O guarda-chuva predileto estava repousando na rede, mas seu dono não estava lá. Ele surgiu da cozinha com um sorriso estampado. Devia ser daquelas pessoas que davam bom dia logo nas primeiras horas da manhã.

Rafael se sentou sem fazer muita cerimônia, enquanto Hual dava uma espreguiçada. Samuel aproveitou a visita para acompanhar a conversa. Sentou-se no chão, em um dos cantos do apartamento e observou enquanto terminava de comer.

— O “pacote” foi achado e entregue tem semanas e não nos vimos mais, você disse que ia avisar quando fosse para vir. — Rafael disse e teve a sensação de que algo ali não estava correto, mas não sabia identificar o que. — Cal me avisou que tenho pouco tempo até o primeiro desses testes ridículos. Eu não sou um mago ainda, não estou preparado.

O homem levantou a mão para que parasse de falar.

— Eu entendo a preocupação.

— Minha única preocupação é me livrar desse circo.

Hual puxou um pito de dentro do casaco e retirou a boina, a repousando no chão aos seus pés enquanto se balançava na rede. Ele colocou um pedaço de fumo que tirou do bolso e acendeu com um fósforo. Deu uma pitada bem dada e soltou fumaça para cima.

— Te passei um exercício, lembra?

— Pede para anotar todos os sonhos que tinha. Dos mais banais, aos mais ricos em detalhes. Só não entendo no que isso poderia me ajudar.

— Já releu? Deu uma boa olhada naquilo lá? — Hual perguntou sincero.

— Que diferença faz?

— Toda. — Seu mestre respondeu, como se fosse uma lógica óbvia da qual Rafael estava esquecendo de confiar.

— Eu escrevi nele todos os dias nas últimas três semanas. Assim como você sugeriu. Acordava e a primeira coisa que fazia depois de abrir meus olhos era escrever em uma caderneta os sonhos antes que eles fossem esquecidos. Talvez

tenha sido displicente nos últimos dias, mas entenda que não estou vendo resultado nenhum até agora.

— Não quero colocar o carro na frente dos bois, menino Rafael, mas é de suma importância que você mantenha esse diário alimentado. Sei que é chato as vezes, mas é bom para saber do outro lado.

Uma desconfiança pairou no rosto de Rafael, o suficiente para fazer Hual ficar sério. Ele pitou mais uma vez e levantou os dedos amarelados e ossudos dele.

— Entenda isso porque só vou falar uma única vez. Se lembra da sua dúvida sobre o que poderia ser ou não magia? É nos sonhos que você terá sua resposta, é saber interpretar ali o que está acontecendo no mundo que não se pode tocar — ele bafou fumaça, que criou uma cortina entre eles. — Você só enxerga metade. Sua cabeça ficou preguiçosa e é por isso que tem que aprender a abrir os olhos. Magia está aqui a nossa volta, mas sua cabecinha dura não vê.

Rafael abanou o ar a sua frente, fazendo a fumaça desaparecer.

— Isso pra mim não é o suficiente — anunciou. — Preciso de mais provas. Não quero essas filosofias baratas sobre ver ou não ver. Eu quero saber do que eu posso ser capaz para não desmoronar.

Hual prendeu o dedo na abertura do pito e ele se apagou. Deu um sorriso matreiro, com olhos cheios de diversão.

— Se você está tão apressado assim então acho que podemos adiantar a segunda etapa dos nossos estudos.

Pela primeira vez, Rafael não soube o que responder.

— Queria que você se concentrasse no primeiro exercício, queria ver como funcionava sua disciplina. Tenho para mim que isso seria o mais importante para essa primeira Ordália.

— “Tenho pra mim” — Rafael disparou um olhar de soslaio. — Você ficou sabendo de alguma coisa que deveria me contar?

— Nada em especial — o velho se levantou, deu três pulinhos e balançou a cabeça para terminar de acordar. — Apenas a velha intuição de alguém com muita experiência.

Rafael observou Samuel se retirar para os cômodos além do corredor e não pode deixar de notar a risadinha que dava. Hual ainda era uma caixa de segredos, mas era a única pessoa que restou. Só esperava que isso não se revelasse uma armadilha.

— Tudo bem e como é essa segunda etapa?

— Está preparado?

— Preparado para o... — Rafael se calou e recuou das almofadas que estava sentado. Repentinamente o ar a sua volta ficou pesado e sentiu algo que não pode descrever com exatidão além de um “alerta” o avisando de um perigo eminente.

Hual em pé, Rafael sentado. Os olhos postos em Rafael, aparentemente nada além do convencional. Mas era impossível não perceber a diferença naquele clima.

A testa do velho se franziu, mas não parecia um olhar bravo. Apenas o mirava com seriedade. Mas por trás do que via com os olhos, Rafael sentia os pelos de seu corpo arrepiarem, seu estômago revirar e seu sangue gelar.

Com muita atenção, percebeu que existia algo que se concentrava em volta do corpo de Hual, que já observava com certa frequência nos seres viventes. Uma névoa semitransparente, de aparência sutil e inconstante. Isso normalmente, pois em Hual era densa e se expandia para além. Percebeu que era isso que o afastava, como se houvesse uma barreira física intransponível, que ia se fechando conforme a presença do homem do guarda-chuva se expandia.

Com uma análise mais fria, percebia que era como se um alarme em seu corpo fosse ligado ao reagir aquele estímulo, um mecanismo primitivo que não soube precisar com sua racionalidade secular.

— O que houve, menino? Parece até que viu um fantasma?

Hual foi se aproximando, um passo de cada vez. Como reação, o corpo de Rafael se encolheu e recuou. O velho parou cerca de quatro passos de distância de Rafael, se sentou e então cruzou seus olhos com os dele. Era como se Rafael pudesse cortar aquela presença com uma faca, tirar um pedaço e servir temperada com sua própria impotência.

— Venha — desafiou Hual.

Inerte, os dois permaneceram imóveis.

— Vamos — O velho fez um gesto para que se aproximasse, como faria com uma criança.

Por mais que tentasse, projetando seus pés, os músculos necessários para completar a ação não se moveram. Seu corpo desistiu de obedecer.

— Apenas um pequeno passo, um menorzinho?

Uma veia saltou no pescoço de Rafael e uma gota encorpada de suor correu sua têmpora. Sentiu sua vontade se quebrar em dois após a última tentativa de avançar fracassar. O máximo que conseguiu foi um pequeno espasmo, que deu a impressão de ter mais recuado que ido para frente.

— Acho que é o bastante — concluiu seu mestre.

A presença se atenuou e Rafael enxergou a névoa se contrair, voltando a abraçar Hual como fazia com qualquer outro ser vivo. Voltou a ser aquele senhor simpático e meio maluco que estava acostumado.

— Como você fez isso? — Rafael não conseguia acreditar que segundos atrás não podia sequer se mover.

Hual não pareceu entender.

— Fiz o que? — Um sorriso se acendeu.

Depois de explicar o exercício com detalhes, Rafael se despediu. Antes, porém, seu mestre decidiu dar uma última dica antes da Ordália.

— Eu acho que você poderia voltar pra casa e dar uma boa olhada nas suas anotações, vai que acabou deixando passar alguma coisa.

Rafael chegou em casa, ignorando as ligações de Gabriel, passou por Cal que fazia algo na cozinha e foi direto para o quarto. Deixava o diário de sonhos, um caderno comum, embaixo de seu travesseiro. Só o tirando dali nos dias de faxina, para não cair nas mãos de outra pessoa. Rafael checou e se lembrou da primeira página que escreveu. Foi folheando e seus olhos começaram a prestar mais atenção naquilo. Suas sobrancelhas foram se levantando, pouco a pouco, conforme as páginas iam passando.

Aquilo não fazia sentido. Havia várias anotações que Rafael não se lembrava de ter feito.

“Dia seis, 6h42 – Sonhei que estava sozinho em um quarto e tinha uma única cadeira comigo. Não havia janelas e a porta estava completamente selada, deveria saber como sair dali sem ferramentas ou ajuda externa”

“Dia oito, 7h10 – Sonhei com uma mulher, acho que era Ariane. Ela me olhou com estranheza, fui até ela e percebi que seu corpo evaporou, em seu lugar havia apenas uma cadeira. Não havia janelas e a porta estava completamente selada, deveria saber como sair dali sem ferramentas ou ajuda externa”

“Dia nove, 6h57 – Sonhei com um morador de rua, eu o conheço, se chamava Zé pelo que me lembro. Tinha com ele uma semente que germinava. Plantei ela, mas o broto germinante secou.”

“Dia dez, 5h40 – De frente para o abismo, olhos me encaram na escuridão. Ele me observa. Não sei o que ele quer. Apenas que tem muitos olhos.”

“Dia onze, 5h22 – Uma coruja tenta falar comigo, mas eu odeio filmes infantis, imagino que vai começar uma cantoria. A coruja se transforma em uma cadeira. Não havia janelas e a porta estava completamente selada, deveria saber como sair dali sem ferramentas ou ajuda externa”

“Dia doze, 4h12 – Estou em meu apartamento, o antigo, está tudo tão escuro e tenebroso. A única diferença é que o quarto vazio que aquele cara morou por um tempo estava com um brilho azul que escapava pela soleira. Ando pelo corredor em sua direção, mas a luz azul começa a me queimar, para escapar entro em meu quarto. Não havia janelas e a porta estava completamente selada, deveria saber como sair dali sem ferramentas ou ajuda externa.”

“Dia treze, 3h39 – Acordei mais cedo que o de costume e percebi a presença de um homem de terno azul e rosto avermelhado. Parecia a primeira vez que o via, mas agora lembro de já ter visto ele outras vezes em meus sonhos.”

A partir do décimo quarto dia, os sonhos os quais não se lembrava de ter tido se tornavam mais complexos e detalhados. Eram encontros que tinha com Hual que nunca aconteceram, com aulas que nunca foram dadas.

Aquilo não fazia qualquer sentido. Sabia que escrevia algo, mas era tudo tão bobo e irrelevante que apenas fazia isso para agradar o seu guru. Não sabia onde aquilo iria chegar.

Agora sabia.

Leu e releu o caderno de cabo a rabo, mas nada daquilo fazia sentido. Talvez algo simbólico pudesse estar escondido naquelas páginas, como se seu inconsciente tentasse conversar com ele de alguma forma. Se fosse o caso, as mensagens não foram captadas. Notou em especial apenas a repetição falando sobre cômodos vazios e cadeiras.

Capítulo XII

Quando há movimentações estranhas

Mas que cara é essa?

Gabriel se aproximou com duas latinhas de refrigerante e um saco de papel. Ele se sentou ao lado de Rafael, que só tinha olhos para a vista. O sol naufragava no mar de prédios ao longe e pincelava o céu com tons que ficavam cada vez mais vermelhos. Estavam no alto do edifício da Eletronik, sentados no terraço.

Deixou uma das latinhas ao lado do mundano e, de dentro do saco, tirou uma embalagem de isopor e a entregou para Rafael, logo depois se servindo de um enorme sanduíche. Rafael o acompanhou, quebrando os momentos seguintes de silêncio com o anel do lacre da latinha sendo violado. Deu duas goladas no líquido gaseificado e sentiu aquilo preencher sua garganta em longos goles.

— Você ficou chateado com o que falaram na reunião? Eu sabia que ficaria — falou Gabriel.

Rafael limpou a boca com as costas da mão e se empertigou no concreto.

— Não gosto quando sou transparente assim.

Gabriel deu uma longa golada, interrompida por uma risada leve.

— Se preocupe menos.

— Alguém deu a entender na frente de todo mundo que eu deveria deixar de ser presidente da empresa. Eu sou dono dela, eu não posso ser expulso do meu cargo. Não enquanto tiver mais de metade de tudo. Quem ele acha que sou?

— Não leve para o lado pessoal, as coisas são diferentes de antigamente. Foi só uma sugestão do Rogério, apenas... — Gabriel hesitou.

— Você sabe que tem carta aberta para ser sincero comigo, não faça rodeios.

— Se eu fosse você, repensaria sua relação com esse lugar.

— Como assim? — Rafael havia esquecido momentaneamente que estava comendo, a conversa tomou todo o seu foco.

— Antigamente, as pessoas queriam ter controle sobre seus negócios. É natural, tudo era menor e mais fácil de ser gerenciado. O que o Rogério quis dizer é que deixar de ter mais da metade de tudo e sair da presidência pode ser benéfico pra você. Seu pai era turrão nisso, como você está sendo, mas ele era velho e seus métodos ultrapassados.

— Eu não consigo ver a lógica nisso.

— Entenda tudo isso como um xadrez, você é o rei e todos nós somos a rainha. Se você já jogou antes...

— Eu sei jogar xadrez.

— Certo. Existe estimativas que dizem que após perder a rainha o jogador tem 70% de chance de perder o jogo. É apenas a peça mais forte do jogo, com maior mobilidade e que exerce papel fundamental na estratégia.

— Mas se o rei cair, o jogo acaba.

— E essa é a única função do rei, cair. E ele sempre cai, e entenda que não estou predizendo seu futuro com isso, não faça essa cara, espere eu terminar. Enfim, eu sou uma rainha do tabuleiro, por mais esquisito que isso possa soar, não possuo nem de perto a mesma quantidade de ações investidas que você tem, então não tenho poder de decisão além do democrático dentro do conselho. Mas eu posso a qualquer momento ir de um lado a outro do tabuleiro, exercer papel em outras empresas, comprar na baixa e vender o que acho necessário na alta. Eu jogo o jogo e isso me satisfaz.

— Eu não preciso de mais dinheiro Gabriel, eu só quero manter o que era do meu pai.

— E isso é o seu maior defeito, se me permite dizer, você mantém suas rainhas ao seu lado em posição defensiva e se continuar assim vai perder o jogo. A vida de onde estamos é cercado por crises, golpes, tragédias e má gestão. Bem diferente do que glamurizam por aí. Não é sobre dinheiro, é sobre se manter no topo.

— Então acha que é melhor ser a rainha do que o rei?

— Eu jogo o meu jogo, você joga o seu. Mas entenda que existe muito mais a conquistar por aí, muitas coisas grandiosas que podemos fazer... — O olhar de Gabriel mirava o alambrado que os separava do abismo à frente. Mas ia muito mais além disso.

— Eu já tenho tudo o que eu quero, muito mais, na realidade. Nem sei porque eu dou tanta importância para a empresa. Não gostava do meu pai, nem gostava dele antes de saber quem era, aliás. Não gosto de gerir pessoas, de reuniões chatas, nem de lidar com documentos importantes.

— Mas eu não estou falando sobre dinheiro.

Rafael finalizou o lanche com pouca animação e se virou para o amigo com uma expressão confusa. Gabriel fingiu um sorriso, para tentar deixa-lo bem. Olhou para o prédio ao lado, um pouco mais alto que aquele, onde dava para ver os últimos funcionários terminando suas funções e indo para casa pelas grandes janelas de vidro.

— Pode não parecer, mas eu quero fazer do mundo um lugar melhor enquanto busco por meus objetivos. — Gabriel olhou para suas mãos e as fechou. — Não estou falando como aqueles ricos que querem fazer doações e bancar uma imagem de bom moço filantropo. Eu sinto que vou ser uma peça chave para grandes mudanças na vida das pessoas. Você sente algo assim também?

Rafael se levantou e espalmou as nádegas, desconfortáveis pela dureza do concreto.

— Sinto. Mas às vezes é só porque comi demais.

Rafael se despediu de seu sócio no elevador e voltou para sua sala para pegar o que havia deixado. Encontrou um grupo de funcionários que iam de encontro a ele, todos o cumprimentaram e Rafael retribuiu com certa animação. Percebeu um sorriso no próprio rosto, depois de muito tempo. Um sentimento de satisfação o preenchia e ele percebeu como gostava da presença de Gabriel. Decidiu que não abandonaria isso. Mal se lembrava dos problemas com o Protetorado ou a crise na empresa.

Foi nesse pequeno trajeto de momentânea felicidade que o universo retribuiu como sempre fazia. Rick passou por ele com suas coisas, mais do que normalmente e após cumprimenta-lo, Rafael percebeu que ele havia parado bem na sua frente.

— Obrigado. — Rick estendeu a mão.

Rafael se virou e a apertou com vivacidade, logo depois pôs a outra mão no ombro do rapaz. Queria dizer como estava feliz com ele também ali, queria marcar uma saída para confraternizar, explicar os problemas mundanos dos quais estava enfrentando, falar do ataque de pânico que tinha, às vezes, das responsabilidades. Queria dizer tudo isso para ele, se desculpar e avisar que as coisas finalmente estavam mudando. Claro que havia ainda o “pequeno detalhe” das Ordálias, mas queria ao menos estar em dia com tudo e todos. Principalmente se falhasse em algum daqueles testes.

— Muito tempo que não nos falamos direito... — A voz de Rafael sumiu aos poucos.

Foi depois de alguns segundos que Rafael percebeu que algo estava errado. A aura que emanava de Rick era contida e pouco convidativa.

— Não. Eu quis dizer... — recomeçou Rick — Obrigado por tudo.

Os olhos de Rafael miraram o rosto do amigo e logo depois para as coisas na sua mão. Havia então entendido o que estava acontecendo e algo bem ruim passou por dentro dele.

O rosto do mundano se fechou. Rick soltou a mão dele e se afastou.

— Você tá indo embora, tá indo embora de verdade?

— Não foi ideia minha. — Respondeu Rick, dando pouca importância.

— Não, não, não. Isso é um engano — a voz de Rafael estremeceu. — Eu vou ter uma conversa com seu gerente e a gente resolve essa pequena confusão.

— Está tudo bem, é melhor assim. Posso pegar um auxílio-desemprego bacana, eu estava querendo sair mesmo.

— Fica tranquilo. É um aumento que quer? Uma promoção? A gente negocia algo que seja legal para você.

— Eu pedi um aumento há seis meses atrás, fiquei sabendo que meu gerente passou para você e morreu aí. Mas não é por isso, eu só preciso buscar ares novos.

Rafael pôs as mãos sobre a boca, viajou pelas suas memórias por uns instantes. Aqueles pedidos de funcionários deviam ter ficado fora da prioridade com tanta coisa acontecendo, devia ter dado mais atenção àquilo. Ao menos se soubesse...

— Bem, vou indo lá, a gente se esbarra. — Rick se virou em direção ao saguão, mas Rafael o agarrou pelo pulso. Rick puxou seu braço com força e o obrigou a soltar.

— O que tá acontecendo com você, cara?

Seu amigo se afastou e Rafael percebeu que alguns funcionários que estavam por ali tinham visto aquela cena. Todos fingiram fazer outra coisa após aquilo e Rafael se afastou para fugir em sua sala.

Cal estava lá, vestindo o terno. Ele escutava música com fones de ouvido enquanto equilibrava os pés sobre a escrivaninha de Rafael. Estava com os olhos fechados e sua mão reproduzia movimentos como se tocasse uma bateria.

— Pensei que você fosse ficar fora daqui por causa do Protetorado.

— E vou ficar, mas sua secretária passou o dia fora, você nem percebeu. Não existe mais ninguém por aqui.

— Pode agir como se estivesse. Fora da minha mesa! — ordenou.

O demônio Cal abriu os olhos lentamente e o observou com uma expressão desafiadora. Mas decidiu não criar caso, usou de seus poderes para efetuar um salto que o levou para o outro lado da sua sala.

— Você ainda precisa ser monitorado, além do que achei que precisava de apoio emocional para a prova.

— Não preciso de apoio, muito menos vindo de você.

Cal sorriu com deboche e deu de ombros.

— Só queria lembrar que se você falhar, provavelmente não poderei mais ser seu conchavo sobrenatural.

— E você está preocupado em ter que procurar um novo contratante, ou vai voltar a ser caçado.

— Ia dizer que eu me importava verdadeiramente com nossa amizade, mas acho que você conseguiu captar a minha essência.

Se lembrou da conversa de Gabriel e não pôde deixar de perguntar.

— O que aconteceria se eu vendesse minha parte na empresa?

Cal o fitou com uma expressão desconfiada.

— Não sei.

— Como assim, “não sei”? — inquiriu Rafael.

— Talvez eu permanecesse com nosso contrato pessoal, talvez a ordem do universo me direcionasse para o sócio majoritário da empresa.

Rafael pretendia continuar a conversa, mas o demônio levantou uma das mangas para revelar um relógio caro preso ao pulso.

— Tenho um compromisso agora a noite, então não vou poder te colocar na cama. Desejaria sorte, mas provavelmente deve ter gastado tudo ao ter ganho essa empresa de brinde. Adeus — e o demônio se foi em um estalo.



Sonhar muitas vezes por noite era normal, mesmo que não se lembrasse de tudo o que passou em sua cabeça durante o sono. Mas durante suas viagens oníricas, algo aconteceu de diferente. Era como se o sonho no meio de uma daquelas transições tivesse dado defeito. Uma cena dobrada na outra, que convergia em diversos pontos e se mantinha como uma terceira coisa, retalhada no meio. E bem no centro, estava ele, Rafael, olhando aquele mundo que parecia ter problemas de sintonia.

A situação continuou até Rafael perceber que ele estava completamente consciente. Já tinha ouvido falar sobre sonhos lúcidos, mas tirando algumas ocorrências quando criança, era a primeira vez em muito tempo que tinha algo assim.

Percebeu-se sentado, então levantou e se foi.

Se viu no alto do terraço de um edifício. Olhou para baixo por cima de um parapeito e notou que sua mão o atravessou como se fosse um fantasma.

E então, ele se deixou cair.

A ansiedade bateu e eufórico mirou o chão, mas ao invés de planar graciosamente e aterrissar, ele simplesmente se viu na calçada. Olhou para cima e o alto do prédio pareceu bem distante.

Mirou o outro lado da rua, mas ao invés de voar, novamente pareceu se teleportar em um pulo, parecido como Cal fazia. Aquilo o chateou, talvez seria melhor tentar o voo mais tarde, pois o topo de uma cabeça dourada atravessou seu caminho e ele se virou com os olhos presos naquela pessoa.

Isabela atravessou seu corpo, passou pelas pessoas e continuou seguindo até virar em uma esquina. Decidiu ir atrás por simples curiosidade. Não caminhava para isso, o mundo abaixo dos pés deslizava a sua volta e o deixava onde bem entendesse. O ambiente se movia, como se fosse uma projeção.

Chegaram até a rua de seu antigo prédio, onde a menina morava, e viu que um grupo de pessoas se destacava na multidão. Mesmo com transeuntes tão diversos, aquelas garotas estavam realçadas. Vestiam-se como bem entendessem, com calças rasgadas, moletoms largos e usavam cortes de cabelos que demonstravam bem suas personalidades. Isabela se aproximou de uma das garotas, uma que era bem alta. Ela usava um casaco amarelado por cima de um top cinza, minissaia jeans e meia arrastão. Quando Rafael se aproximou, já tinham terminado de conversar e Isabela entrou no prédio.

Quando decidiu subir atrás de sua amiga, viu que ela estava novamente na calçada, com um casaco esportivo vinho, pronta para sair pela noite. Tentou ouvir o que elas falavam, mas as gírias pareciam códigos secretos que usavam entre elas.

Rafael acompanhou o grupo com Isabela se afastar, imaginando que tomariam caminhos opostos no final da rua, mas todas virarem juntas para o mesmo lado e isso encucou o mundano, que foi tomado pela curiosidade.

Imaginou que louco estava sendo aquele sonho, bem diferente dos outros que costumava ter. Não sabia se pela lucidez, ou por algum outro motivo qualquer. Se até os sonhos estavam ligados a coisas mágicas, como explicou seu mestre, algo talvez estivesse escondido ali. Como se sua mente tentasse novamente um diálogo.

— Pode dar pra trás quando quiser. — Uma das meninas de patins se aproximou, usava um rabo de cavalo e um macacão com joelhos rasgados, por cima de uma camisa vermelha. Chegou circundando o grupo e se aproximando de Isabela. Deslizava com maestria sobre o asfalto. — A gente tá sabendo que não é sua *vibe*.

— Fica na sua, Nadine — respondeu Isabela emburrada. — Vamos logo com isso.

A mais alta, que parecia a líder (notou por estar guiando o grupo), dividia atenção entre o caminho que faziam e Isabela. Permaneceu em silêncio todo o trajeto, analisando a garota sempre que podia.

Os comentários foram cessando conforme se embrenhavam no coração da cidade, onde pessoas estranhas faziam percursos estranhos para fazer coisas estranhas. Como se temendo por algo, as meninas prestavam atenção aos arredores. A situação começou a ficar mais barra pesada conforme atravessavam o bairro até uma região deserta, lotada de diversos delinquentes.

— Onde vai ser o rolê dessa vez, Lud? — perguntou uma de cabelo afro e óculos de aro largo.

A líder levantou a mão e todas elas pararam. Isabela mais do que todas, transparecia preocupação, agarrando a alça da bolsa com as duas mãos com firmeza. Foi pega de surpresa quando o grupo fez uma roda e ela seguiu o protocolo como ordenado. Ergueram o braço e mostraram um símbolo tatuado em seus corpos. Alguns no dedo, outros nas costas e umas no pulso. A líder tinha tatuado cinco símbolos diferentes em cada um dos cinco dedos das mãos.

Elas fecharam os olhos e Isabela imitou, mesmo sem a tatuagem. Enquanto estava com olhos fechados, uma das meninas se aproximou e vestiu nela uma pulseira de pano improvisada com o símbolo que todas usavam. Outra se afastou, puxou uma latinha de tinta e em um muro meio derrubado pintou grande e vermelho o mesmo símbolo com um spray.

A roda se fechou quando ela terminou e voltou para o grupo.

— Abdiquem — Lud iniciou.

Rafael sentiu um formigamento nos dedos e estranhou, olhou para sua mão de perto e viu que ela parecia estranha, como uma imagem de TV distorcida pelo sinal fraco.

— Abdicamos — todas responderam.

E então ele foi expulso do sonho de maneira abrupta, catapultado com tanta força que pulou para fora da cama.

Sentia-se incrível, em um êxtase de adrenalina como após sair de uma montanha russa. Aquilo não parecia um sonho e talvez não fosse, principalmente quando virou para o lado e viu seu próprio corpo desfalecido ainda deitado na cama.

Aquela visão o perturbou e, de tão chocado, acordou novamente, dessa vez de verdade. Anotou tudo em seu diário e não conseguiu voltar a dormir.

Capítulo XIII

Quando há o caminho para a primeira Ordália

Ninguém avisou Rafael se existia algum código de vestimenta para uma Ordália. Então preparou o básico do que sabia: uma calça jeans para não ficar muito social e uma camisa de botões para não ficar muito despojado. Seria uma prova escrita? Um teste oral? Uma briga com varinhas? Não sabia ao certo.

Pelo que entendeu era meio que uma violação grave do velho código dar alguma dica de que tipo de Ordália a pessoa iria passar. Existiam ao todo, segundo Hual, 248 Ordálias oficiais desenvolvidas que poderiam ser aplicadas.

O local era uma praça quase em outro município, onde a única coisa que existia era uma mínima agência bancária, uma borracharia com um boneco feito de escapamentos e um restaurante de beira de estrada. Algumas casinhas salpicavam aqui e ali e davam um tom bucólico à região. Parecia um local pacato.

Tinha dezenas de perguntas para fazer, mas viu Soror Clarice sair de um pequeno amontoado de árvores que crescia no meio da praça.

Foi quando teve a intuição do que deveria fazer.

Viu a mulher entrar novamente em meio ao matagal, se embrenhando e desaparecendo. Rafael foi atrás, tentando não a perder de vista. Mas aqueles galhos e arbustos pareciam pular na sua frente sempre quando pensava ter alcançado. Tropeçou em uma raiz saltada e caiu de joelhos, sujando a calça jeans e as mãos de terra. Era um solo arenoso e cheio de cascalhos.

Levantou-se e avançou, imaginando que chegaria a qualquer momento em uma clareira, mas ela nunca chegou. Seu peito pulava imaginando que em breve começaria finalmente uma Ordália.

Rafael olhou para cima e viu um pássaro passar por sua cabeça, não sabia mais qual direção tinha vindo ou para onde estava indo. Então fez a única coisa que

poderia fazer: avançar até achar alguma coisa no caminho.

Uma hora inteira se passou e ele continuou perdido. O desespero tinha passado para dar espaço a uma aceitação morna de sua situação. Percebeu que era provável que o tal teste tivesse finalmente começado. Não havia mais ninguém com ele, sem explicações, metas ou objetivo da prova. Rafael estava completamente ferrado se fosse esse o caso.

Desejou ter aceitado entrar no grupo dos escoteiros mirins como sua mãe queria, mas mal teve tempo de lamentar pois, em um rasante, algo passou muito próximo de sua orelha.

Parecia pequeno, mas batia asas como um furacão e piava bravatas desafiadoras. Seus voos baixos alcançavam a cabeça de Rafael em clara ameaça, até a terceira onda de ataques, onde o objetivo do pequeno pássaro deixou de ser o de alerta para passar a acertá-lo de raspão no rosto.

A primeira bicada pareceu arrancar sua orelha fora e, antes que pudesse sequer protestar, a segunda já pegava em seu pescoço. Como única alternativa, Rafael correu para longe, qualquer direção servia. Só queria se livrar daquela coisa.

Depois de ter certeza que havia deixado o monstro plumado assassino para trás, diminuiu o passo e procurou algum lugar para descansar. Não queria sujar sua calça, então a eleita a receber seu traseiro foi uma pedra coberta de limo, lisa o suficiente para não o machucar.

O respiro mais aliviado e a adrenalina baixando oxigenou seu cérebro. Deveria analisar sua situação, tentar bolar planos e alguma estratégia para sair daquilo completamente são, mas para isso deveria descobrir qual era o objetivo do Protetorado afinal.

Chegou a duas conclusões: se fosse uma prova como as Ordálias medievais, em que o destino decidiria de maneira arbitrária seu julgo, estava completamente ferrado e dependendo de pura sorte. Se esse fosse o caso, deveria esperar o destino cumprir seus planos e só torceria para sair dali inteiro.

Mas se fosse como um verdadeiro teste, o que achou que seria a conclusão mais óbvia, deveria ter um meio de completa-lo e passar de ano com média alta.

Decidiu que era inútil esperar o destino e passou a bolar algum plano imaginando qual seria o objetivo.

Depois de um bom descanso, Rafael decidiu agir. Se levantou, apertou o cadarço dos sapatos e se pôs a andar. E ele andou. Só parou quando seu pé ameaçou desistir daquela vida e soltar-se do corpo, instantes próximos quando o primeiro ronco do estômago gritou alto o suficiente para incomoda-lo.

O mato não fez menção em diminuir nas últimas horas de caminhada. Não havia sinal de civilização, apenas sons de pequenos animais, árvores troncudas, arbustos emaranhados e folhas que dançavam ao vento.

Se encostou em uma árvore e tirou um dos sapatos, equilibrou-se em uma perna só tentando ver a situação de seu pé. Foi quando notou que parte do chão se moveu sob ele. Ao perceber que aquela coisa não era um galho, deu um salto para trás.

O animal serpenteou rapidamente com o movimento brusco e passou por baixo de Rafael. Pode notar a natureza ofidica da coisa ao notar as escamas brilhantes de tons próximos ao da cama de folhas mortas e galhos retorcidos abaixo dele. Mesmo sem sapato, Rafael pulou assustado tentando se afastar o máximo que pode até ter certeza que nenhum outro animal rastejante passaria por ele.

Encontrou uma rocha repartida em dois, grande o suficiente para que conseguisse sentar e deixar seus pés longe do chão. Calçou novamente o sapato, sem poder fazer nada quanto a bolha e decidiu ficar um tempo ali.

Diferente das salas de escritório, as luzes não acendiam automaticamente com o pôr do sol, pior ainda, quando percebeu que a mata começou a ficar escura se levantou, mas pouco pode fazer e rapidamente a escuridão ameaçou apagar o pouco que restava do seu sentido que mais prezava.

Estava sozinho, com fome e bem assustado.

As estrelas surgiram salpicando o céu de maneira tímida e não conseguiu identificar em que ponto a lua se mostrava lá em cima, pela quantidade de copas de árvores no caminho.

Percebeu que existia algo com ele, algo que aprendeu a deixar de ter medo antes da adolescência. Descobriu que de fato não conhecia sua verdadeira faceta até então. O medo do escuro.

A escuridão o abraçou e Rafael se encostou no único lugar que achou seguro e lá ficou. Sentou-se em um tronco que não conseguiu atingir o chão ao cair e permaneceu escorado em uma árvore irmã. No ângulo o suficiente para Rafael se equilibrar e deixa-lo longe o bastante do chão. Ficar ali no alto dava um pouco mais de segurança e não era tão desconfortável. Mas só de pensar em passar a noite ali lhe causava comichões.

O medo se tornou desespero e então se transmutou no mais completo pavor. Seu coração acelerou e ele esperou que qualquer coisa o atacasse. Essa situação parecia ter durado horas, mas quando o cérebro tomou conta e a racionalidade se sobrepôs à ansiedade, pode notar que tudo era fruto de sua cabeça.

Estava ainda na cidade, em meio a um labirinto vegetal mágico e sem fim, mas ainda sim em algum lugar daquela imensa e maldita cidade. O medo deixou de incomoda-lo por completo e o frio passou a ser o seu maior inimigo por ali. As árvores o protegiam das rajadas de vento, mas ainda sim lufadas geladas de ar o atingiam de tempos em tempos.

Rafael abraçou seus joelhos, mas percebeu que pouco adiantou quando começou a tremer e bater o queixo. Não sabia se iria passar a noite ali, mas se preparou para o pior.

O problema é que quando se está no meio do matagal, cercado por escuridão e sombras, existe algo ainda pior que poderá acontecer com você.

A vida noturna já despertava e aos poucos brindavam Rafael naquela situação aterradora com sons diversos.

Mas existia algo mais.

Era como se fosse atingido por um incômodo que apertava sua garganta e causava ainda mais desespero que aquela situação poderia proporcionar. Era a sensação de estar sendo observado por mil olhos de todos os lados, mas particularmente uma única direção parecia oferecer a sensação de ter o pior dos olhos, que se banqueteara com seu pavor.

Primeiro foi um galho partindo a alguns metros dele, logo depois um arbusto que balançou de maneira diferente de quando uma brisa se fazia presente.

Rafael tentou se acalmar, mas descobriu que era impossível. Fechou os olhos em um ato de fé, tentando fazer seus outros sentidos ficarem mais aguçados e recorreu ao sexto para tentar dar uma dica do que estava acontecendo. Se concentrou e tentou prestar atenção se existia algum animal grande o suficiente para gerar uma aura visível. Diferente de plantas e pequenos animais, bichos maiores conseguiam emitir um traço de aura parecido com o de seres humanos, mas bem menos intensos e coerentes com o que estava acostumado.

E foi nesse exato momento que percebeu que a coisa já estava em cima dele. Rafael caiu para trás de cabeça no chão com o peso da criatura, que se desequilibrou e caiu logo atrás. O mundano soltou um grunhido involuntário de medo e tentou se levantar o mais rápido que podia, mas a coisa em suas costas já estava erguida há muito mais tempo.

O bafo quente atingiu sua pele, junto com coisas pontudas e lisas que julgou ser um grupo de dentes afiados, que por pouco errou o braço e apenas resvalou o suficiente para senti-lo. Conseguiu ouvir o abocanhar do vazio que o animal proporcionou. Por pouco poderia estar sem um membro.

Escutou a coisa escorregar nas folhas, rápida demais para frear e se recompor. Rafael aproveitou a chance para correr na direção contrária.

Levantou os braços para identificar troncos e arbustos, mas era como correr em meio a um inferno verde em que tudo jogava contra. Sentiu arranhões no peito sendo produzidos por galhos, o rosto que roçava nos troncos e os pés que tropeçavam nas raízes e galhos que se partiam. Logo atrás estava a coisa, ganhando velocidade e se aproximando cada segundo a mais.

Seu pé enganchou em uma raiz mais alta que as outras e ele foi com queixo ao chão. Usou todas as suas forças restantes para se arrastar em meio a terra e folhas podres, avançando o máximo que podia. Sua mente falava que não iria conseguir, mas seu instinto de sobrevivência o obrigava a continuar.

Não soube como, mas conseguiu se embrenhar em meio a troncos e raízes altas que criavam um emaranhado vivo. Sentiu a pata da coisa o seguir e tentar agarrá-lo algumas vezes, mas já estava profundo o suficiente para não conseguir ser pego.

A criatura não ofereceu sossego e tentou entrar pelo mesmo caminho, mas parecia ter pelo menos o dobro de tamanho e peso do mundano.

Rafael se atracou com frestas cada vez mais apertadas. A terra logo abaixo era molhada, assim como as raízes e troncos. Conseguiu ouvir seu coração disparado e o silêncio noturno quando qualquer coisa que estivesse do lado de fora parou de tentar alcançá-lo.

Não se lembrou quando no meio da vigília adormeceu, mas se lembrou de ter acordado diversas vezes pelo desconforto dos galhos e umidade da região lombar.

Quando acordou, pôde ver os raios solares atravessando a camada de madeira e folhas. Teve dificuldade para sair, mas se arrastou com lentidão.

O lugar em que se metera era muito apertado. Com o movimento, conseguiu sentir seu ombro e parte das costas ardendo.

Sua camisa estava em frangalhos, com cores que não se lembrava de ter quando a comprou. Na altura de seu ombro estava rasgada em quatro cortes, com uma mancha escura de sangue já coagulado. Nem deve ter percebido o ferimento no calor do momento. Outros arranhões, bem mais superficiais, estavam por todo o seu corpo, resultado de se embrenhar ali para sobreviver.

Foi a vez da sua mandíbula sentir dor. Passou a mão no queixo e descobriu que não podia, estava dolorido e com sangue seco emplastrado.

Sua barriga deixou de ser um problema, a fome virou sua fiel confidente, pois era a sede que o desesperava. Mancou para onde quer que o destino o levasse e procurou qualquer fonte de água próxima.

A esperança estava próxima do fim, mas a única coisa que podia fazer ali era seguir em frente.

A busca demorou horas, viu o sol atingir o ponto mais alto do céu. Fez várias paradas para se recuperar, já que além da dor no pé que também havia aprendido a lidar, a fraqueza pela fome ameaçava o derrubar.

Conseguiu encontrar uma quantidade suficiente para dois goles de água, que um pessimista chamaria de lama, depois da quarta parada do dia. Rochas que juntas formavam um recipiente natural que provavelmente sobreviveu tempo o suficiente pela última chuva da região. Rafael tocou as pedras com delicadeza, preocupado em não as separar e fazer o líquido precioso escapar. Encostou a boca no orifício e bebeu seus dois goles de água turva. Se esforçou para enfiar o rosto mais

profundamente e viu o meio gole escapar por entre as pedras. Seus lábios que já começavam a rachar estavam mais aliviados, mas seu estômago pedia mais.

Ao receber algum conteúdo, sua barriga decidiu se rebelar e além da sede, a fome se tornou aquele ex-amigo que rompeu relações e hoje fala mal de você para os outros. Rafael caiu com a mão sobre a barriga e a dor se recusou a passar, mesmo enfiando as unhas sobre a pele e tentando fazer com que seu corpo o ajudasse pelo menos mais um pouco. Mas nem tudo era como gostaria.

Sentiu o tapete de folhas em suas costas e ali permaneceu até conseguir tirar forças de onde não tinha.

Capítulo XIV

Quando há a primeira Ordália

Da copa de uma árvore viu algo se mover delicadamente de um lado a outro, gerando uma estrutura branca formada por linhas finas, mas fortes o suficiente para aguentar a brisa daquela tarde quente. A aranha trabalhava em sua teia com afinco e quando terminou, ficou ali em seu centro. Esperando qualquer coisa acontecer.

Por duas horas Rafael observou o artrópode esperar.

Está difícil pra você também? Pensou.

Até ver a aranha mudar de estratégia e descer por uma fina teia até o chão. O bicho era maior do que aparentava do alto, mas pequena o suficiente para conseguir esmagá-la com a ponta dos dedos. Era de uma cor marrom clara, com manchas escuras nas costas e cabeça.

Ela se moveu em ziguezague, um palmo de cada vez. Avançava e esperava, para um lado e para outro. Mas se aproximava de Rafael. Ou pelo menos para ele, era o que parecia.

A pequena aranha estava a menos de um passo do rosto do mundano, quando parou. Conseguia ver em detalhes aqueles olhos negros e as pinças que se moviam de um lado para outro.

— Acho que sou grande demais para você — sussurrou fraco. — Mas talvez... possa esperar um pouco.

Ela não respondeu, mas continuou encarando com seus olhos brilhantes. Como se quisesse dizer alguma coisa, ou a mente de Rafael queria acreditar que sim. Brincou de imaginar o tipo de mensagens que a dona aranha traria para ele em sua vida de sabedoria.

“Magia está nas coisas irrelevantes.”

A aranha levantou as patas dianteiras, como se pronta para bater em alguma coisa. Rafael viu uma mosca se aproximar de sua cabeça, talvez verificando se o mundano ainda estivesse vivo. Rafael não saberia a resposta com exatidão, mas foi a vez da mosca de passar dessa para melhor. Em um movimento rápido, antes de conseguir ganhar velocidade em um voo de fuga, a mosca foi capturada com precisão pela aranha. O inseto tentou se debater inutilmente, mas apenas uma das asas ainda parecia funcional.

Então a mosca se foi, morreu para matar a fome de outro.

“Se alimentar é um ato mágico”. Lembrou-se de Hual, mas Rafael não era um mago. Era um cara comum, perdido no meio da mata, com fome e sede. Provavelmente estaria morto até o amanhecer seguinte. Bem, se fosse servir de alimento para aquela aranha ao menos se sentiria menos mal. Não era uma piada, mas riu mesmo assim.

Se levantou, ficando de joelhos no meio da floresta. A aranha se assustou e levou sua presa para a árvore de onde veio, sumindo em poucos segundos.

— Tem alguém me escutando aqui? — começou em um sussurro, mas sua voz se elevou ao final. — Tem alguém aí?

Nenhuma resposta, mas isso não o convenceu.

— Se eu sair dessa, eu nunca mais vou duvidar de magia — gritou para a copa das árvores.

Abaixou a cabeça e enfiou os dedos na terra, até sentir lá no fundo algo molhado. Rafael arregalou os olhos e usou suas mãos como pás que se enfiavam na terra e reviravam tudo para fora. A terra ficava cada vez mais molhada conforme cavava mais. Sentia a lama em seus dedos e riu daquilo como ria uma criança ganhando um brinquedo no natal.

Uma poça suja se formou, do tamanho de seu rosto. Bebeu tudo até sentir terra em seus lábios.

Rafael se deitou novamente e se levantou depois de alguns minutos.

A sua cabeça estava sendo bombardeada por pensamentos diversos, como se repentinamente várias personas que a usavam como casa decidissem se rebelar.

— Tá bom! — falou para si.

Olhou para cima.

— Eu sei que isso deve ser uma mensagem sua, universo todo poderoso. Mas é difícil pra mim acreditar nesse tipo de coisa — socou um tronco a sua frente, arrancando um pedaço de pele da dobra dos dedos. — Eu sei de tudo o que eu passei. E você sabe de tudo o que me causou. Você poderia ter começado a me responder anos antes.

Apontou o dedo médio em riste para cima.

— Você é um sádico. É isso que você é! Você dá esses momentos e tira tudo em seguida.

Algumas horas se passaram e Rafael ainda estava longe de casa e sem saber como voltar. Mas as coisas passaram a ficar mais complicadas. Primeiro foi uma fígada no intestino e então a ordem do corpo foi de colocar absolutamente tudo para fora em formato líquido por qualquer orifício que seu corpo possuía.

Seu estômago revirou e nada mais restava dentro dele. Sabia, vendo aqueles documentários na TV a cabo, que tomar água sem ser tratada era um convite para intoxicação. Seu corpo como medida para se livrar do veneno jogou absolutamente tudo de seus sistemas para fora, de maneira violenta e autoritária. Eram os últimos líquidos que ainda restavam para manter o que tinha vivo.

Quando o sol começou a se pôr no horizonte, Rafael sabia que era seu fim. Seja por alguma besta na floresta ou de desidratação.

Depois de um dia inteiro de andança e enfermidade, se desligou completamente antes de ver a escuridão total chegar até ele.

Seu corpo permaneceu ali, como um saco de batatas jogado ao pé de uma das árvores, mas seus sonhos o levaram para outros lugares.

Estava em uma floresta muito maior do que a que deixou enquanto acordado. As árvores chegavam a alturas colossais, o céu era de um amarelo bruxuleante e o chão de uma terra vermelha.

Ouviu a copa das árvores se moverem de um lado para outro, até uma imensa sombra chegar ao chão. A pelagem vermelha se destacou contra o céu, seus dedos

pretos afofaram a terra e o corpanzil monstruoso se moveu com cuidado até ele. Dono de dois imensos olhos redondos e escuros, como um céu sem estrelas.

O bugio imenso o encarou com um olhar quase humano, que para Rafael era um misto de curiosidade e inocência. Sua pelagem ia de um vermelho acobreado, em volta da cara preta, até um marrom escuro na ponta da cauda.

Rafael levantou o braço e recuou, tentando se proteger da criatura que tinha muitas vezes o seu tamanho.

— Não seja tolo. — A voz da criatura fez as folhas se alvoroçarem no alto. — Esse lugar não é o que pensa o que é.

— Eu não estou morto?

O animal mostrou os dentes com diversão.

— A morte lhe preocupa, mundano?

— Mente quem finge que não.

— Então és duas vezes tolo.

Voltou a se preocupar quando o bugio o circundou, se aproximando cada vez mais e esticando o pescoço em sua direção.

— Não entende — ele grunhiu. — Mas vai entender.

Com um salto, o animal passou por cima de Rafael para se prender ao tronco daquelas árvores imensas. Começou a escalar com uma habilidade surpreendente, fazendo aqueles colossos se dobrarem frente a sua força.

— Vai entender — repetiu, saltando novamente para acima das copas e desaparecendo.

Rafael abriu os olhos, mas era como se ainda estivesse com eles fechados, graças a tal escuridão. Tentou se levantar, mas falhou. Viu uma árvore próxima que cresceu envergada. Se escorou, usando um tanto de força que ainda lhe restava.

Se agarrou em um galho menos grosso, que cedeu com seu peso. Tirou os sapatos e com os pés nus conseguiu mais resistência para subir ali. As solas de seu pé,

acostumadas com meias, protestaram contra a textura da árvore, mas ele as ignorou. Se ergueu por um galho mais grosso e resistente que conseguiu achar após um tempo. Não soube como, mas se alavancou para cima. Um palmo de cada vez.

Pela escuridão, perdeu a noção da altura que alcançou. Só desejou que não tivesse a míseros vinte centímetros do chão, mas pela quantidade de esforço achou que era uma boa altura para evitar qualquer coisa que tentasse ataca-lo.

E a coisa não demorou muito mais.

Virou a cabeça quando sentiu algo se aproximar. Pensou que fosse pelo som, mas agora conseguiu identifica-lo de maneira mais fácil. Expelia uma aura feral, que pela segunda vez fez sua pele arrepiar. Dessa vez o monstro foi mais sorrateiro, mas Rafael estava mais preparado.

Percebeu a aura com mais clareza. Parecia que a escuridão a sua volta ficava mais densa.

Tomou um susto ao perceber que três pontos de luz surgiram. Mal se lembrava que estava com os olhos abertos quando eles apareceram. As luzes se moviam com a mesma velocidade, até perceber que não eram vagalumes esquisitos. Mas os olhos da besta.

A coisa se aproximou mais, com os olhos postos sobre ele. Sentiu cada pelo de sua pele se levantar em terror mais uma vez, imaginando se a coisa poderia subir onde estava. Aparentemente não sabia escalar, mas o fato de o animal monstruoso estar a poucos metros abaixo não o acalmava.

O monstro desapareceu quando se aproximou, deveria ter passado por baixo da copa da qual se equilibrava. Tentou não acompanhar o animal, mas aquela coisa emanava um magnetismo que era quase impossível de deixar de ser pego. Mas foi firme e se segurou bem.

Com terror, viu a base em que se apoiava se mover. Se agarrou mais firme, até enfiar as unhas na madeira e assim ficou. Percebeu que a besta deveria ter ficado de pé, erguida no tronco. Quando o monstro voltou ao chão, a árvore balançou novamente. Com alívio, viu que era um indicativo de que não poderia subir ali mesmo.

— Vá embora! — gritou Rafael. — Arrancou um punhado de folhas e jogou para baixo.

A fera parou, já que não escutou mais os galhos quebrados e o farfalhar das folhas. Mas não se arriscaria em tentar enxerga-la, já que tinha medo de se desequilibrar e cair.

Não conseguiu dormir mais e a criatura permaneceu com ele durante a noite toda. Só se afastando quando os primeiros raios de sol cortaram o teto de folhas e esquentaram o interior da floresta.

Viu os três olhos recuando, conforme um véu de claridade cobria o tapete de folhas e avançava contra a fera. E foi assim, até o bicho simplesmente desaparecer, junto com a escuridão da floresta.

Rafael foi escorregando pelo tronco com cuidado até chegar ao chão. Seus sapatos haviam sumido, provavelmente devorados, imaginou. Tirou a camisa que naquele momento parecia um grande borrão marrom em formato de trapo, mas a amarrou na cintura caso precisasse usar aquilo como uma amarra.

Sua barriga deixou de protestar já tinha um tempo, era como se estivesse amortecida, desistido de tentar gritar. Sua boca estava seca assim como a terra em que pisou.

Quase caiu de joelhos de fraqueza, mas decidiu que poderia fazer isso quando achasse que era hora de desistir. Não era esse o caso. Forçou andar mais um pouco a procura de alguma fonte de água.

Foi olhando para o chão que topou com uma visão que não esperava nem em seus maiores cochilos pontuados pela fome e desespero. Um casebre surgiu em uma pequena clareira a poucos metros dele.

Era uma construção pequena, humilde, feita de madeira cortada da região, pode ver do restante dos tocos ao seu redor. Deu a volta nela, não parecia ter mais do que alguns metros, o suficiente para um ou dois cômodos no máximo. A ausência de janelas dificultou a espionagem.

Para falar a verdade, depois da terceira volta, Rafael custou a acreditar que aquilo era de fato real. Com as mãos trêmulas tocou e sentiu em cada ponta dos dedos as paredes resistentes. Rafael deu a volta até a única entrada da casa, uma porta que

separava duas pilastras de madeira que davam sustentação para uma marquise feita da mesma madeira que o restante da construção.

A porta não tinha maçaneta, colocou a mão e a empurrou para o lado, era de correr. Mal pode acreditar que ela deslizou e deu passagem para o interior. Estava completamente destrancada.

Mas mais do que isso.

Engoliu o vazio após ter aquela visão.

Repousando sobre o assoalho, um bule. Não qualquer bule, um que soltava vapor pela sua boca, pode constatar. Ao lado dele, uma xícara vazia e um pequeno prato com rosquinhas.

Rafael caiu de joelhos e derramou o último líquido de seu corpo pelos olhos, que rolaram abundantes pelas bochechas sujas. Tocou a testa no chão e começou a soluçar.

Tentou se recuperar o máximo que conseguiu, agarrou a xícara e serviu a si mesmo. O líquido era turvo e exalava um aroma adocicado. Rafael assoprou com certa ansiedade até desistir e dar os primeiros goles, não se importando muito com a temperatura. Sua língua reclamou, mas ao menos a sede se controlou um pouco. Decidiu esperar o próximo gole enquanto colocava os biscoitos para dentro.

A noite caiu rápida e Rafael esteve seguro na terceira noite. As paredes o protegeram do vento, mas sem qualquer cobertura que pudesse usar, passou frio e usou a camisa maltrapilha como um cobertor improvisado. Não foi o suficiente, mas conseguiu dormir com mais tranquilidade.

Acordou no meio da noite com a besta do lado de fora. Pode senti-la através das paredes de madeira como se fossem feitas de papel. A sombra passou pelo lado de fora e rondou a casa. Se questionou se estava mesmo seguro, mas após alguns minutos a besta foi embora. Adormeceu com facilidade, o que não conseguiu nas noites anteriores.

Juntou o máximo de madeira e galhos que conseguiu carregar e aproveitou a pequena área à frente da casa para revirar a terra com as mãos e afastar toda a vegetação. Reproduziu como nos documentários de sobrevivência, mas descobriu que fazer fogo não era fácil. Tentou o método tradicional, já que não contava com

uma pederneira. Friccionou um galho menor com as mãos em uma base mais grossa. Mas toda a vez que o ponto começava a soltar um filete de fumaça, não era rápido o suficiente para colocar a grama seca.

Gastou duas horas nisso até produzir as primeiras fagulhas, mais uma para fazê-la crescer e manter o fogo estável. Uma fonte de calor e de cozimento, nada mal, pensou consigo. Mas o estômago voltava a protestar com força, quando finalmente conseguiu ter a segurança que o fogo estivesse bem alimentado para dar uma volta por ali e tentar achar qualquer coisa que pudesse ser cozinhada.

Havia organizado tudo o que poderia lhe ser útil. Tinha três moedas de dez centavos e uma de vinte e cinco no bolso, junto com a de Hual — que naquele lugar não parecia funcionar — as chaves do carro e o cartão do apartamento no outro. Um prato de madeira, um bule de porcelana com xícara, eram os únicos itens de dentro da casa, que só contavam com quatro paredes e um teto.

O resto teria que improvisar. Rasgou a calça e a transformou em uma bermuda mais confortável, dali poderia sair uma corda curta ou fonte de fogo para uma tocha. Achou um galho grosso o suficiente para manejo e produziu uma ponta consideravelmente afiada com uma pedra com um dos lados pontudos, ficou orgulhoso do resultado.

Pensou se poderia montar um arco e flechas ou produzir sua própria cerâmica, mas não iria perder tempo com isso até preencher o vazio em sua barriga. Andou por vários minutos, fazendo marcações nas árvores e tentando não se perder novamente. Até achar um pequeno córrego, da profundidade do seu calcanhar, cortando a floresta. Sua sorte havia mudado, podia sentir.

Aproveitou para tirar a camisa suja do ombro e lava-la como pôde. A vontade de enfiar a cara ali e se regozijar era grande, mas não poderia confiar novamente na água sem o tratamento adequado. Encheu o bule e voltou para o casebre, onde a chama jazia alta e brilhante.

Mal pode conter a euforia de dar os goles na primeira água que não teria gosto de lama. Riu de sua animação, logo gargalhou de felicidade.

Voltou até o córrego, mas dessa vez não iria em busca de água, afinal não deveria ser só ele com sede naquela região. Observou a direção do sol e teve uma leve noção quanto as direções cardinais, marcou seu ponto de partida e adentrou ainda mais.

A caçada do dia não rendeu mais do que duas rãs do tamanho de sua mão. Não parecia ter animais maiores do que aquilo com exceção daquele que o caçava durante a noite.

Foi quando se deu conta de algo que poderia fazer.

Rafael colocou as duas rãs dentro do bule para não as deixar escapar e sentou-se no meio da folhagem de pernas cruzadas. Se concentrou e tentou fazer algo que nunca tinha tentado.

Todo o animal transmitia uma aura como seres humanos, conseguiu constatar com puro empirismo. Só que mais sutis e inconstantes. Não sabia se daria certo, mas fechou os olhos e tentou usar seu sexto sentido para tentar achar qualquer coisa maior do que aquelas pobres coitadas.

Meditou da maneira como Hual o ensinou e então tentou explorar o máximo de suas habilidades. Nunca havia tentado isso antes e aos poucos sua sede de água foi sendo substituída pela sede de descoberta.

Era como se as raízes da floresta penetrassem sua pele e chegasse até seu espírito. Era incômodo de certa forma, acostumado à ansiedade e ao ritmo da cidade. Sentiu uma vontade imensa de se mover. Aquilo tudo a sua volta o apertava dentro de si. Era pequeno, percebeu pela primeira vez. Cercado por algo muito maior, como se estivesse dentro de um útero verde.

Os sons se mesclavam com cores que surgiam, pulsantes em meio a veias que o penetravam de maneira sinestésica. Era tudo tão grandioso que fazer parte daquilo não era nada mais do que óbvio, por isso temeu se perder dentro de si e nunca mais voltar.

Não que fosse ruim, já que ao mesmo tempo que assustador, era acalentador estar ali, sendo consumido e se tornando parte daquele titã verde que se formava a sua volta.

Rafael descobriu que poderia enxergar sem abrir os olhos. Ouvir sem ter orelhas. Árvores eram vivas e sentiam muito mais do que concebia.

Percebeu um formigueiro ao seu lado, só pela forma como a energia estava disposta ali, e pode ter certeza de toda sua extensão embaixo da terra, sentiu cada

um dos integrantes daquela comunidade levando insetos menores e folhas para seu sistema.

Poderia chuta-las dali a qualquer momento, se não se desse conta que um dia alguém maior poderia fazer o mesmo com ele. Como o Protetorado estava fazendo.

A forma como enxergava a concentração de aura por ali era limitada, como um raio de atuação, semelhante a um radar. Foi quando se deu conta que poderia aumentar ou diminuir esse campo de visão.

Percebeu que quando expandia, o discernimento dos seres vivos ficava mais abstrato e impreciso. Conforme contraía, as coisas passaram a ter formas mais definidas e naturezas mais bem delineadas.

Abriu os olhos e viu com rapidez algo surgir de sua pele e se esconder rapidamente. Pela primeira vez achou que estava sentindo sua própria aura em comunhão com todo o resto.

Formulou uma teoria e a pôs em prática. A forma de enxergar além dos sentidos poderia ser usando sua própria energia como forma de contato. Se morcegos usavam os sons para receber informações do meio externo, ele talvez pudesse usar sua própria aura para sentir isso.

Se levantou e tentou colocar em prática. Estendeu seu campo de visão pela aura até enxergar algo maior que sua cabeça, não precisava saber o que era, só precisava saber o tamanho e que aquilo estava vivo. Seguiu um rastro com os pés e conforme se aproximava, foi diminuindo o raio de ação até perceber do que se tratava.

Não sabia que animal era, mas estava escondido em uma toca no chão. Viu o buraco, mas a simples menção de se aproximar fez a criatura se encolher ainda mais lá dentro.

Usou a ponta da lança improvisada e cavoucou o solo até o animal sair em disparada. Não conseguiu reconhecer o que era, mas era rápido e bem arisco. Rafael correu atrás dele usando de todos os seus sentidos, mas ele morava naquele lugar a vida inteira. Rafael nunca teria chance.

A cada vez que se aproximava, o bicho fugia novamente. Foi quando percebeu onde estava errando ao se lembrar de Hual.

Auras podiam ser percebidas também por eles.

Lentamente se aproximou e fez seu raio de ação da aura diminuir o máximo que pôde. Isso fez com que não conseguisse perceber mais com exatidão onde o animal estava. Sabia da direção e tentou calcular a distância. A sua visão estava bloqueada por arbustos e não conseguia ver nada além do verde. Se estivesse certo, os animais também tinham uma forma de senti-lo, fazer sua aura se contrair era uma forma de talvez o surpreender.

Quando finalmente achou que teria sucesso, saiu do arbusto e preparou uma estocada poderosa onde achou que o alvo fosse estar. Fez sua aura se expandir como em uma explosão na mesma direção, a ideia foi retirada também do exercício de seu mestre. Dar um susto no animal para fazê-lo diminuir o tempo de reação.

Mas foi Rafael que se assustou, quando viu aquele par de olhos verticais se virando para ele.

Era um felino pardo enorme, com uma jovem paca em sua boca. A suçuarana também se surpreendeu, largou sua presa e saiu em disparada para o interior da floresta.

Um encontro tão inesperado como aquele fez seu sangue gelar. Era a paca que perseguia, mas provavelmente os dois predadores rastrearam a mesma presa. Não conseguiu perceber o felino pois sua aura estava retesada.

Aquilo comprovava sua tese. Animais também tinham capacidades além dos sentidos já conhecidos e usavam isso para a caça e sobrevivência. Era isso que Hual havia feito, o paralisou apenas com uma violenta expansão de aura.

Rafael foi até o corpo da paca, que permaneceu inerte após o abandono. Já estava morta antes de sequer cair no chão. A agarrou entre as mãos com delicadeza e não pode deixar de ficar ainda assustado. Não sabia se teria coragem de matar, mesmo pela sobrevivência, mas não faria mais diferença. Aquele corpo pequeno e peludo já não mais funcionava.

Voltou ao casebre, onde a fogueira já estava quase se apagando e o sol prestes a se pôr.

Tomou bons goles de água que havia deixado preparado e usou o restante que sobrou para fazer um ensopado. Limpar a paca foi difícil com ferramentas improvisadas, usou a mesma pedra que lascou a lança para tentar separar a pele do

animal e conseguiu cortar a parte mais rechonchuda dele. Jogou os pequenos pedaços no bule e o usou como panela.

Separou as rãs, ainda vivas, para o dia seguinte em caso de emergência. As prendendo dentro da casa enquanto ele se concentrava no mamífero.

Enquanto esperava a carne do animal cozinhar, enterrou o que havia sobrado da carcaça ao pé de uma das árvores ali, esperando que o ciclo recomeçasse.

Mesmo sem tempero, a comida estava boa e foi grato por isso.

Os dias seguintes vieram e se foram. Rafael já contava com uma série de utensílios de fabricação própria para que sua sobrevivência fosse mais fácil. Mas não poderia contar com isso muito mais tempo, seu lugar não era ali.

Separou tubérculos de mandioca, os cortou e cozinhou em fogo baixo, fazendo amolecer a raiz. Tinha comida o suficiente para passar uma ou duas noites na mata, caso precisasse. Afiou sua lança novamente para deixa-la potente contra o que iria enfrentar e amarrou o bule cheio de água na cintura. Ficou desconfortável, mas seria uma forma de guardar água consigo.

Foi no final de uma tarde que ele fechou a porta do casebre. Agradeceu pela sua existência e então partiu.

Fez marcações com uma pedra lascada pelo caminho, caso precisasse voltar com urgência.

O seu tempo ali tinha chegado ao fim.

Capítulo XV

Quando há um entendimento

Era noite.

As patas da besta tocavam o solo com força, fazendo o cascalho dançar e folhas saltarem. Não podia ver, mas podia escutar. Circundava Rafael com uma paciência atroz, enquanto fechava o círculo em volta dele.

A aura pesada da criatura fazia sentir como se suas patas estivessem colocadas em seus ombros e todo o seu peso apoiado em si. Sentia que afundava mais do que deveria quando Rafael dava micro passos, tentando ficar sempre de frente para ela. A besta inicialmente o observava com três olhos laterais e logo os outros três passaram a focar nele. Conforme se aproximava, sua forma era delineada pela luz que nascia da fogueira que tinha feito para passar a noite. A coisa era maior do que imaginou, deveria ter três metros de focinho a ponta da cauda, que ondulava como uma serpente eriçada. As orelhas negras e pontudas estavam em pé e um par de chifres espiralados apontavam em sua direção. Também não podia não reparar no formato pontiagudo que formava uma fileira de dentes que ficavam a mostra.

Apesar de vê-lo rosnar, não escutava nada além de sua movimentação, cada vez mais pesada.

— Você é quieto demais para algo que está sendo desafiado — bradou o Mundano.

Um arrepio foi dos pés a cabeça de Rafael ao ver os olhos da criatura. Mais um trio deles se abriu. Nove ao todo. A besta parecia que tinha entendido o sentido de cada palavra.

Para evitar ser tomado pelo medo, continuou recorrendo a bravatas.

— Se não ficou claro, isso é um desafio. Eu te desafio!

A besta quadrúpede bufou, quebrando o silêncio. Pareceu mudar de tática. Foi o que Rafael pensou, até ver o monstro dar as costas para o mundano. Sem entender, Rafael pensou em avançar, mas logo a besta se virou novamente para ele. Sua

cabeçorra pendeu para o lado, conseguia ver três dos olhos amarelos focados em seus próprios.

E aí todo o corpo do mundano estremeceu, como se um terremoto iniciado pelo seu coração tirasse cada célula de seu corpo de suas funções. Como se cada pedaço seu quisesse se rebelar, fugir e deixar o que quer que tentasse aquela loucura ali a sua própria sorte. Mas Rafael se controlou, mostrou seus dentes e permaneceu em posição ofensiva.

Seria morto provavelmente, mas descobrira que isso não era importante, já que estaria mais cedo ou mais tarde. Voltaria a natureza e serviria de alimento para plantas e animais. Mas se fosse para ser morto, que não fosse em uma emboscada por bobeira. Rafael morreria com uma lança na mão, feita por ele, assim como seus antepassados. A sua própria vontade manifestada fisicamente naquela forma pontuda e mortal.

— Venha! — rugiu ele entre os dentes.

A fogueira crepitava incessantemente, enquanto as folhas secas eram consumidas por lambidas laranjas selvagens. O fogo fez um galho se partir e houve um estalo seco, lançando fagulhas no ar. A besta hesitou e Rafael olhou para o fogo.

Uma fagulha de entendimento se acendeu dentro de si.

— Então você pode sentir medo. Se tem medo, pode ser ferido. Se ferido, sangra e morre. Como o resto de todas as outras coisas.

O peso em suas costas diminuiu, a respiração desacelerou e seu peito se acalmou.

Rafael focou na lança e a imaginou como uma extensão de seu corpo. Fazendo isso, a aura pesada e selvagem da criatura não se atenuou, mas sentiu que poderia ter uma chance.

Essa era a resposta que procurava.

Se ajoelhou, fincando a ponta não afiada da lança de madeira na terra. Sem tirar os olhos da besta, com a outra mão, revirou a terra e sentiu algo ali.

— Se existe algo além do que compreendo, se alguém escuta meu chamado, espero que atenda.

Teve a impressão de sentir a terra pulsar em resposta. Sentiu algo duro e retirou uma moeda do ventre da terra. Não conferiu detalhes, apenas a colocou no bolso como um sinal de boa sorte.

Se levantou, segurou a lança com as duas mãos e investiu contra a criatura na escuridão.

A lança viajou, junto com um grito que veio bem do fundo de sua garganta. Mas a coisa parecia ser como a própria sombra, a ponta da arma não acertou nada e a besta estava logo em seu flanco. Rafael girou usando o cabo fincado no chão como apoio e conseguiu se desviar com destreza da contra investida da criatura. Calculou mal, não conseguiu tirar a lança do chão a tempo e no momento em que apontou para o monstro, ele já estava a poucos centímetros de seu rosto. Teve tempo apenas de mudar a direção da lança, para fazê-la de escudo.

A besta abocanhou a madeira com gosto. Uma, duas, três mordidas tentando quebra-la, mas a arma resistiu. Então a besta recuou.

Conseguia enxergar a aura dela ficando mais espessa e revoltada, como uma cabeça d'água que dragava tudo em seu caminho. Resistiu a ofensiva metafísica, mas foi tão forte que outra intenção daquelas poderia colocá-lo para correr com toda a certeza. Seu coração voltou a disparar e Rafael novamente tentou se acalmar, mas a besta não deu descanso.

O monstro flertava em investidas que atritavam com o espírito de Rafael, mas não ousou atacar de fato. Principalmente por ele estar próximo demais do fogo que temia.

Para evitar não perder a força de vontade necessária para resistir aquela aura monstruosa, Rafael se prendeu em provoca-lo. Fazia movimentos com a lança, instigando para que a fera que o atacasse.

E foi o que ela fez.

O corpanzil investiu com velocidade sobre-humana e Rafael apontou sua lança para o peito da fera. Errou por um triz e teve que lidar com aquela imensa mancha escura em cima dele. Sentiu as patas gigantescas em seu peito, as unhas cravaram em sua pele e ele sangrou.

Rafael foi jogado para um lado e sua lança para outro.

A besta desapareceu na escuridão, mas aquela aura indicava que a próxima investida poderia ser a última. Se arrastou para pegar a parte de si mesmo que havia deixado, sua lança, mas era tarde demais. O animal se pôs entre o homem e sua arma.

A emboscada havia acabado e Rafael perdeu sua oportunidade e sua vida seria a próxima.

— Fraco... — A boca da criatura expeliu a palavra junto com uma baba nauseabunda que atingia o chão com gotas densas.

Aquelas sílabas grotescas que se formaram e deram sentido em sua cabeça quebraram seu espírito como um graveto. Aquela coisa já não se parecia com um animal comum, mas agora foi contornado com uma presença antinatural.

Rafael nunca teve chance contra aquela aberração.

Não conseguia mais se mover mesmo se quisesse, oprimido por aquela aura que o preparava como presa. Mas, mesmo com espírito quebrado, Rafael tocou novamente a terra com a palma das mãos.

Ela parecia em silêncio, como se morta.

E é quando não há mais nada a fazer, não há mais nada a perder.

Rafael em um rompante de loucura se atracou com o cão monstruoso e a cena não foi nada bonita. Nem em seus maiores sonhos a besta imaginou algo assim e por um único momento ela cedeu. O mundano fincou seus dentes, primeiro os caninos, depois os incisivos e os molares por último. Sentiu gosto de sangue ferroso e o azedume de algo podre, junto com os pelos em sua boca. Tentou inutilmente atravessar a pele da coisa com suas unhas, mas só conseguiu se agarrar ao pelo espesso.

Rafael se prendeu no bicho de tal forma, que por mais que tentasse, não conseguiu ser tirado dali. Sentiu as presas do animal roçando suas costas e rasgando o pouco de pele que conseguia alcançar. Sentiu a dor lacerante, mas se manteve com seu único combustível, a fúria de viver.

Em dado momento, a criatura se desesperou sem conseguir tirar Rafael de cima dela e começou a se balançar como um touro enfurecido, se jogando de costas na relva molhada do orvalho e do sangue de Rafael. Rolaram juntos e teve certeza que

morreria esmagado, mas perdeu a força dos dedos e acabou sendo jogado para o lado, na mesma direção da lança. Rafael agarrou a arma e a besta estava logo em cima, mas dessa vez, não foi tão rápida.

A lança penetrou a carne sombria da coisa pelo peito e a atravessou até próximo da coluna. O animal era tão grande que a arma se quebrou em duas. Sem controle, a besta perdeu Rafael e a única coisa que conseguiu fazer foi abocanhar a porção de terra ao lado da cabeça do mundano e cair desajeitada ao seu lado.

Rafael estava estatelado no chão, com parte de suas costas em carne viva, com seus olhos arregalados, seu corpo coberto de suor e sentindo um frio que se apossava de seus ossos com velocidade. Mas não era hora dele, não ainda.

Se levantou com dificuldade, mas suas pernas estavam bambas. Se desequilibrou e caiu de joelhos. Olhou para a fera tombada para ter certeza que tinha acabado. Ela estava inerte, com o maxilar retorcido e com os nove olhos sem vida. Da lança, um líquido negro escorria com vagarosidade e banhava o solo.

Se levantou e se afastou do oponente abatido. O deixou para trás, andando sem rumo pela floresta, que ficava cada vez mais e mais clara. Viu os primeiros raios solares atravessarem a copa das árvores e em um impulso de curiosidade, olhou para trás para ver a criatura sendo banhada pelo sol.

Os facho não iluminavam o animal, mas dissolviam sua pele até sobrar uma carcaça completamente escura que se desmanchou como lama. Foi nesse momento que viu da escuridão que ia embora, bem lá no fundo, aqueles nove olhos brilhantes e selvagens.

— Lembra-te de meu nome.

A aura se esvaiu completamente e desapareceu em meio às trevas.

Dizem que você precisa perder duas coisas para encontrar a primeira. Foi se perdendo no meio de uma mata tão profunda, tão densa, que quando conseguiu se livrar de todas as árvores que tapavam seus olhos, se viu dentro da cabine de um banheiro público qualquer. Rafael olhou para trás e não havia qualquer sinal de vegetação a não ser algumas folhas secas boiando na privada.

Abriu a porta da cabine e viu um homem bem vestido, com olheiras profundas e completamente desencaixado da realidade. Foi até o espelho, tocou seu colarinho,

suas mangas da camisa. Passou a mão pelo seu corpo vestido e até pelas suas costas tentando notar algum ferimento. Em um impulso, abriu a torneira para beber água, mas não conseguiu se manter de pé. A palma de sua mão tocou o azulejo frio e molhado.

— Perdeu alguma coisa, amigo? — Um faxineiro entrou pela porta do banheiro e soltou as palavras após se deparar com aquela cena.

Rafael não conseguiu acreditar que havia um ser humano de carne e osso ali.

— Já encontrei — ele respondeu com uma risada.

O homem ignorou Rafael ali e começou a passar pano pelas pias.

— Que dia é hoje?

— Domingo. — Respondeu o faxineiro.

— Não. Dia do mês.

— Ah — o homem parou, ainda com o pano em mãos. — Nove. Lembrei que preciso pagar o documento antes do vencimento.

Rafael se levantou finalmente, ajeitou a roupa amarrotada.

— Obrigado pela informação — e deixou uma nota grande no bolso do homem, que não percebeu.

Havia se passado apenas um único dia, frente a tantos outros que passou no meio do mato.

O mundano saiu do banheiro e se descobriu em um restaurante *fastfood* de comida árabe que de árabe não tinha nada. Hual estava sentado no balcão, abocanhando uma esfiha gordurosa, acompanhado de seu bom e velho guarda-chuva.

O homem fingiu surpresa ao vê-lo ali. Deu uma batidinha num daqueles bancos redondos e Rafael se sentou. Hual empurrou o prato de esfihas para ele e Rafael comeu com tanto gosto que assustou a garçonete que estava lá entregando pedidos.

— Que fique claro, eu sempre acreditei — o velho limpou a boca com um guardanapo de papel que ficou transparente com a gordura. Rafael tinha muitas

perguntas para fazer, mas decidiu que comer era a coisa mais importante de sua vida naquele momento. Ninguém poderia culpa-lo por isso.

Quando deu por si, seu mestre não estava mais lá e a garçonete deu a ele a conta pelo lanche. O safado nem havia pagado por ele, mas Rafael não reclamou, decidiu pedir um milk-shake. Quem sabe quando poderia comer de novo?

Não houve mais sala de espera. Rafael entrou guiado por sua secretária.

Haviam entrado em uma porta após uma longa escadaria escondida entre dois prédios do centro da cidade. Após passarem por um trecho interno, chegaram em uma antessala minimalista. Um único quadro pequeno estava na parede em que mostrava uma paisagem abstrata, um sofá de couro falso em um dos lados, a porta de vidro de onde vieram e a de metal para onde estavam se dirigindo.

Segundo ela mesma, após concluir a primeira Ordália com sucesso, Rafael adquiria o direito de confiança da Mão, grupo de juízes que comandavam o Protetorado. Não era mais um perigo imediato, mas conforme avançou pelos corredores do lugar, as pessoas ainda o encaravam de maneira ressabiada. Bem diferente de outros, que assim como ele, estavam enrolados em algum processo do grupo.

Ao menos se sentia bem em entrar no local com um pouco mais de prestígio do que quando saiu. Chegou a perguntar do porque a curiosidade das pessoas que trabalhavam ali, mas ela não respondeu.

O salão escuro se revelou novamente após a andança, onde os quatro membros da Mão conversavam entre si. Todos eles, com facho de luz focado em seus lugares e o restante da sala no escuro. Mesmo assim, Rafael ainda conseguia se ver, assim como sua secretária.

Todos pararam com o assunto quando Rafael adentrou o recinto. Do alto de seus púlpitos, encararam a presença do mundano com um misto de sentimentos que Rafael não soube precisar com exatidão.

— Parece que se saiu muito bem, escolar Rafael Branco — Meister Érion o fitou por cima dos óculos. Vestia-se com um fraque azul escuro, com diversos símbolos dourados estampados em seu entorno. — Congratulações.

O homem fez silêncio por uns instantes, como se Rafael precisasse digerir a informação ou estivesse se preparando para outra coisa.

— Mas temo que algum dos membros não se viu satisfeito.

Rafael virou o pescoço para cada um deles, mas estava claro como água. O estômago dele se revirou e logo se inflamou, mas antes de cuspir chamas pelas ventas, Meister Érion ergueu a mão.

— Não será necessária uma discussão nesse momento, estou concluindo nesse momento o processo quanto à primeira Ordália.

Um movimento de mãos elaborado fez Rafael se voltar para o canto esquerdo da bancada, onde Liber em uma expressão tranquilizadora deu a palavra. Vestia um paletó verde escuro e óculos de aro redondo.

— Fique tranquilo, aproveite o momento.

— Não há nenhum “momento” aqui, Toh — censurou Soror, cuspiendo veneno. — Ainda existem duas Ordálias a serem elaboradas e consumadas.

Apaziguador, Liber moveu o braço em um gesto para dar razão a sua colega.

— Algum membro dentre os presentes gostaria de se manifestar diante ao fechamento do processo? — inquiriu Érion, tentando acabar logo com aquilo.

Como era esperado, Magister Sólon se levantou. Era um homem alto, de ombros largos e olhar perfurante.

— Deixarei registrado um protesto quanto a elaboração da Ordália. Pelas pequenas “interferências” sofridas durante sua consumação, deixo minha reprovação vigente.

Ao mesmo tempo que Rafael, Soror Clarice disparou um olhar furioso para seu colega de púlpito. Ao que parecia, ela tinha motivos o suficiente para condenar a acusação. Se bem se lembrava, algum dos membros eram selecionados para a elaboração da Ordália. Talvez fosse a pista para saber quem tinha elaborado aquela maldita prova.

Decidiu deixar a questão de quem desenvolveu ou não a Ordália para lá, se concentrando naquela insatisfação. Embrulhava-lhe o estômago alguém duvidar de seu mérito quanto aquela prova depois de tudo o que passou.

— Posso deixar um protesto também? — Rafael levantou a mão e todos olharam para ele. Apontou o dedo para Sólon. — Queria deixar registrado minha

indignação contra esse cara aí.

Liber não conteve a risada e Magister Sólon deu um tapa na mesa. Éríon acalmou os ânimos batendo com sua esfera de madeira contra o púlpito pedindo para os membros se recomporem.

— Eu passei o inferno ali e não vai ser você que vai tirar isso de mim!

— Se acalme, escolar Rafael — Éríon o encarou com uma expressão séria. — Sabemos muito bem como as Ordálias são terríveis, apesar de necessárias. Magister Sólon sabe muito bem disso.

Sólon se sentou, ainda enfezado, ajeitando sua túnica preta e Rafael desejou ter assistido aquele velho passar por metade do que passou. O imaginou longe de seu traje cerimonial, apenas de ceroulas, tendo que lambar pedras e usar arbustos como banheiro.

— Como passar por esse tipo de provação faz com que eu seja inocente?

A dúvida de Rafael veio sorrateira e pensou que fosse ignorada como tantas outras. Mas viu olhares sendo trocados em silêncio. Foi Liber que atravessou a falta de palavras, com as dele.

— Me permite? — perguntou, olhando para o líder da Mão.

Éríon balançou a cabeça positivamente.

— Todo magista passa por pelo menos uma dúzia de Ordálias durante a sua jornada de iluminação, Rafael. A essa damos o nome de *Ordalia Naturalis*. Obstáculos que precisamos passar e que nos lapidam, para tornamos a Magna Opera de nós mesmos — Liber discursou com uma placidez fora do comum. — E existem as *Ordalia Nox*, quando magistas que “saíram de seu caminho” precisam tomar a direção correta. Apesar de elaborarmos com cuidado e presteza, não julgamos, nem dificultamos. É algo providencial daquilo que nos cerca. Se você concluiu, é digno do fechamento desse processo, por mais que alguns discordem.

— Deixa estar — interrompeu Éríon. — Está encerrado o primeiro processo de ordem N12-011A.

Batida.

Enquanto saía, foi acompanhado por sua secretária até a antessala, a mesma pela qual entrou. Fizeram o caminho de volta e chegaram até a entrada, um pequeno cômodo que dava para uma porta de vidro onde conseguiam ver os transeuntes passando normalmente pela rua.

Mariana olhou seu relógio e então fez uma careta.

— Tempo perdido — ela anunciou.

— O que?

— Esqueça — ela olhou para outro relógio, um discreto na parte de cima da parede. — Acho que você não vai fazer nenhuma burrada, sabe que aquela é a saída, não é?

Ela apontou para a porta de vidro.

— Fico contente com sua confiança na minha inteligência.

— Aguarde no sofá durante trinta minutos e então pode passar pela porta de vidro.

— Ela adicionou. — Preciso pegar uma papelada lá atrás, te encontro no escritório da Eletronik.

Dito isso, a mulher desapareceu pela porta traseira e deixou Rafael ali, sozinho. Achando que era alguma piada de mal gosto, tentou abrir a porta de vidro para a rua, mas era impossível. Estava completamente travada.

Decidiu esperar os malditos minutos sentado no sofá e vendo pelo vidro a vida acontecer lá fora. Ao menos ali estava fresco, mesmo sem qualquer ventilação aparente.

Ao se aproximar do horário marcado por ela, ouviu a porta as suas costas se abrir novamente. Virou-se para trás e viu Liber Toh saindo por lá.

— Ora, ora — disse o magista. — Tempo perdido?

— Tempo perdido. — Rafael respondeu, sem entender exatamente o que aquilo significava. Se sentiu meio bocó por isso.

O homem olhou para o relógio na parede e então ficou ali aguardando. Enquanto isso, puxou um baralho de cartas comum e começou a embaralha-lo para passar o

tempo.

Mais cinco minutos se passaram e os dois ficaram ali, encarando o relógio.

— Sabe que sua presença foi encarada com surpresa, não sabe?

Rafael olhou para o homem.

— Como assim?

Sem responder, Liber apenas empurrou uma mão de cartas em sua direção. Estava em formato de leque, todas viradas para baixo.

— Puxe uma — ele pediu.

Rafael, desconfiado de onde aquele papo iria chegar, obedeceu. Puxou uma carta das que estavam ali apresentadas.

— Imagino que não deva te dizer qual carta peguei, não é? — Perguntou Rafael, observando secretamente seu às de paus.

— Perfeitamente. Memorize e coloque em seu bolso.

E assim o fez, colocando a carta no bolso da camisa de botão.

— A grande pergunta é: se você não é nem de perto um magista, porque está atolado até o topo de sua cabeça com problemas que só um mestre das artes arcanas experimenta? — continuou Liber.

Rafael balançou a cabeça, como se aquilo ajudasse a digerir a informação. Cada palavra parecia estranha vinda da boca do sujeito. Também não ajudou quando, Liber jogou o restante do bolo de cartas que tinha em sua mão em direção a parede. Todas elas viajaram pelo ar, bateram e caíram rodopiando para todos os lados. Apenas uma delas ficou visível, onde existia o quadro com uma pintura abstrata, por dentro do vidro, um às de espadas exposto.

— Essa não é minha carta — avisou Rafael, se aproximando do vidro e da carta. Sua curiosidade foi maior e ele pegou o quadro com suas próprias mãos para ver se existia alguma forma de explicar algo assim. Afinal, mesmo tendo provas o suficiente que magia existia, não deixava de ser um truque elaborado de ilusionismo que provavelmente muitos artistas sabiam fazer.

Mas quando tirou o quadro da parede, uma outra carta caiu de trás. Justamente um ás de paus. Quando virou o quadro, percebeu que a carta presa no vidro não estava mais lá.

— Caramba — soltou.

— Não deve me conhecer, já que minhas apresentações são muito fechadas, mas acho que devia me ver qualquer dia desses.

— Você faz show, tipo ilusionismo, truques e coelhos da cartola?

— Coelhos da cartola, sim. Seria uma honra ter sua presença.

O homem deu a volta em Rafael e pegou a carta de volta. A ergueu entre os dedos e então a girou, a mesma carta agora tinha um endereço escrito nela. Rafael voltou a se impressionar.

— Você é diferente deles — Rafael deixou escapar.

— Acha mesmo? — Liber deu uma risada divertida. — Nem tanto, somos todos de linhas diferentes, mas as regras são as mesmas. O objetivo também, apesar de cada um seguir seu próprio caminho.

— E o que você quer de mim? O que quer de verdade?

Liber Toh se afastou, com um sorriso enigmático no rosto. Balançou o dedo indicador em sua direção.

— Apesar de estar sentado lá em cima, temos a mesma origem, eu e você. Acho que pessoas como nós precisam se apoiar para sobreviver.

— Parece muito altruísta da sua parte — disse Rafael em um tom de voz desconfiado.

— Você não parece ser do tipo que acredita em altruísmo.

Rafael fez uma careta.

— Acho perfeitamente saudável que você não confie em mim — Liber segurou o queixo. — Eu não confiaria, pela experiência que eu tive e que penso que você vá ter. Pessoas são problemáticas, mas se unem em laços se possuem características

semelhantes. Por isso, se nada mais der certo e não tiver mais ninguém, vou estar aqui.

— Está se referindo ao meu professor? Liber ergueu as sobrancelhas.

— Hual já teve muitos discípulos, a maioria terminou de maneira trágica. Mas ele é um bom guia quando se trata de magia natural.

— Acha que vou ser mais um com o mesmo destino?

— Vamos dizer que depois de usado para seus propósitos, talvez ele perca o interesse em você. Vai saber o que o Caos nos reserva. Apareça em minha apresentação, te falo mais sobre meu ponto de vista e quando todo esse imbróglio terminar, talvez o futuro possa nos reservar muitas surpresas.

— Bem, já tenho alguém com quem contar... — Rafael se afastou do assunto, não gostava do rumo que aquela conversa estava indo.

Por fim, Liber pediu para que tirasse outra carta de seu baralho. Era um dois de espadas. Pediu que assinasse a carta e Rafael o fez. Liber misturou ela em meio a outras e o mágico encerrou seu truque.

Sem entender, Rafael perguntou como ele terminaria.

— Esse truque só vai se revelar na hora certa. Até lá, espero que possamos nos encontrar novamente em uma outra oportunidade. Agora, se me der licença, a porta já está pronta para ser usada.

Parte III

Água

Descobrir que as bases não são tão firmes não é tarefa fácil, mas é imprescindível
que busque purificar seu coração

Capítulo XVI

Quando há um bode de sapatos escuros

No final da noite, o pastor de ovelhas se despediu de seus espectadores com animação. Sua voz ressoava forte, lapidando seu discurso de palavras duras. Mirava a plateia e os que assistiam ao “Programa dos Milagres” no conforto de seus lares.

Após terminar a programação com um glorioso “amém”, viu as luzes das câmeras se apagarem, indicando o encerramento da transmissão e isso o aliviou. O peito estufado murchou, as costas erguidas se curvaram e o rosto de expressão acalentadora se tornou uma carranca impaciente.

Uma das contrarregras se aproximou, para dar os detalhes do número da audiência da noite e ele esbravejou com os baixos resultados. Não houve perda de público, mas o crescimento não era mais o mesmo. Em sua lógica, crescer menos do que a expectativa era uma espécie de perda. Já sabia que teria que aturar o apóstolo em muito em breve.

Foi auxiliado por outra pessoa da produção, que tirou seu paletó azul claro. Havia trazido a ele uma bandeja com água para se reidratar. Rejeitou, apenas queria chegar logo em seu camarim, pegar suas coisas e partir para casa. O relógio já ressoava sua décima segunda badalada e o pastor não viraria abóbora, mas conseguiria finalmente descansar.

Seu telefone pessoal tocou após atravessar a coxia e passar pelo pessoal da produção. Em uma intuição, previu que seu temor se concretizou mais cedo que esperava.

Atendeu a ligação para confirmar que do outro lado quem falava era dono da emissora, que se autodenominava apóstolo. Entre xingamentos e ofensas, seu chefe deu um ultimato. Ou aumentava aqueles números, ou estava fora do canal, quiçá fora da congregação que representava como vice-líder.

Aquilo o irritou mais ainda, já que há anos trabalhava naquela igreja e não havia ganhado o bônus de salário que prometeram no início. País entrando em crise, não havia dinheiro suficiente e promessas desfeitas com desculpas esfarrapadas como essas. Sabia que era um embuste, já que viagens ao exterior não faltavam, muito menos joias caras para “fiéis especiais” do rebanho do apóstolo.

Mas pior do que aguentar tudo aquilo, era manter aquele amuleto em seu pescoço. Era um cordão que terminava em uma pequena carranca de madeira, com uma penugem avermelhada na amarra. Havia estranhado o presente bizarro do apóstolo, dado a ele há poucos dias. Não poderia ser tirado, dizia que traria sorte. Coisa de pagão, julgou, mas não podia desobedecer ao líder da congregação.

Se despediu do último fiel que não tinha onde cair morto com um “amém, irmão”. Odiava aquilo, trabalhar de graça para resolver problema dos outros. Do que ele tinha cara? Filantropo? Julgava ser pessoas mesquinhas que achavam que o tempo dele não valia nada.

Após passar no camarim, agarrou um gordo envelope pardo e colocou em sua mala. Desatou o nó da gravata e finalmente alcançou os elevadores. Desceu até o nível do subsolo da emissora, que funcionava como garagem. Encontrou seus seguranças, mas faltava alguém.

— O apóstolo não mandou contratar mais gente? — reclamou.

Os dois seguranças se entreolharam.

— Acho que sim, pastor. O combinado era aguardar aqui após a troca do turno, disseram que ele apareceria — respondeu um deles.

— Era só o que me faltava! Agora vou ter que esperar a madame chegar, logo no primeiro dia de serviço!? *Vamo, rapá*, fora daqui que eu me acerto com o apóstolo depois.

A garagem estava vazia, com um dos únicos carros estacionados ali sendo o do pastor. Era o automóvel da moda, com tração nas quatro rodas e direção hidráulica. Como queria fugir do olho gordo e da feitiçaria, deixou o veículo no canto mais distante que conseguiu, em uma quina do local, que dividia espaço com uma grossa coluna.

O frio da madrugada arrepiou os pelos da nuca do vice-líder da congregação, que esbravejou ter esquecido o casaco em seu camarim. Sua falta de sorte parecia continuar, quando descobriu um arranhado próximo ao farol do carro. E enquanto o homem de Deus se enfezava com aquilo, um dos seguranças notou um som de estalar fora do comum. Inicialmente achou que fosse do veículo, se ajoelhou rapidamente e olhou por baixo da lataria para ver a origem do barulho.

Cerrou os olhos para enxergar melhor no escuro e achou ter visto quatro patas, surgidas da escuridão, se movendo com delicadeza do outro lado do carro, entre o veículo e a parede. Os cascos negros bifurcados produziam o som que havia escutado antes. Não podia ver que animal era, apenas a pelagem negra e curta que subia até ter a visão bloqueada pela roda.

— O que tá fazendo aí no chão, Reginaldo?

O segurança Reginaldo se virou para seu colega de trabalho e o pastor. Os dois olharam para ele estranhando estar de joelhos naquele chão coberto de sujeira rançosa, mas logo os dois ergueram os olhos para algo que estava do outro lado do veículo. Sem entender, Reginaldo olhou novamente por baixo do carro para ver se enxergava direito. Não existiam mais os cascos, mas sim um par de sapatos negros e lustrosos.

Os passos ecoaram do outro lado.

— *Credeuspai* — falou Reginaldo, que se levantou assustado.

Do outro lado do carro, surgiu um homem bem-apessoado, com terno escuro e um chapéu de feltro preto de aba larga.

— Desculpe o atraso, *sir* — a boca do homem de chapéu se esticou em um sorriso que pareceu muito genuíno. — Podemos seguir viagem.

Inicialmente o pastor não entendeu o que acontecia, mas logo o homem de Deus ligou os pontos e imaginou que aquela figura excêntrica poderia ser o segurança novato. Alguém devia ter esquecido de passar o código de etiqueta — e vestimenta — para ele, imaginou.

— Espero que saiba que vou informar seu atraso ao apóstolo.

O homem de chapéu elaborou uma medida simples, como um gesto de desculpas.

— Vamos de uma vez, está uma friaca por aqui — reclamou o pastor.

Os quatro entraram no carro e subiram até a saída da garagem. O automóvel parou poucos palmos da cancela, mas o funcionário da madrugada estava ausente da guarita. Foi motivo para mais aporrinhamento por parte do pastor. Os minutos correram e nada de alguém chegar.

Enquanto aguardavam, o homem de Deus fitou o segurança de chapéu pelo retrovisor. Era um sujeito estranho demais para entrar no time da segurança dos líderes da igreja. Muito magro, pele pálida como se estivesse doente, cabelos escuros e oleosos que escorriam até os ombros. Seu rosto alongado e fino, parecia prestar atenção em algo de fora. Mas o que realmente incomodava eram as roupas, um terno preto bem melhor cortado do que ele usava. Aquilo era ultrajante para uma figura carismática como ele.

— Ô do cabelinho, você mora por onde? — perguntou.

O segurança se virou para o pastor, tranquilo, com uma expressão quase sonsa. Ele não respondeu, mas logo uma segunda pergunta atravessou a primeira.

— É fiel? — inquiriu, se referindo a se o sujeito frequentava a mesma congregação. Era uma exigência primordial para qualquer cargo dentro da emissora.

Um sorriso de regozijo surgiu naquele rosto fino. De tão estranha a expressão, o pastor sentiu-se como se tivesse perguntado algo pecaminoso.

— *Yes, sir*. Sempre fiel.

Aquele rosto, aquele olhar brilhante. O recorte da cena mexeu com algo dentro do pastor de uma forma que ele não poderia descrever. Então decidiu deixar o inquérito de lado, pois começou a se sentir ainda mais incomodado com sua presença. Mal notou que Reginaldo, da mesma forma, se encolhia o máximo possível para se afastar da figura.

Próximo de mandar algum dos seguranças para fora procurar o guarda da guarita, o segurança recém contratado se manifestou de forma pontual.

— Aconselho partirmos agora — sugeriu.

As mãos do pastor torceram o volante e ele se empertigou no banco. Passando por cima de seu desconforto, se virou para trás e tentou tomar o controle da situação.

— Escuta aí o da pinta, que sotaque afrescalhado é esse? — cuspiu. — Quer que eu passe por cima da cancela? — Mas sua voz foi diminuindo até virar um esqualido gemido.

Com o pescoço virado, a atenção do pastor se voltou para algo que viu pelo vidro traseiro, no fundo da garagem. A luz se acendeu de um farol singular, que aos poucos começou a se aproximar do carro.

— Parece razoável para sua sobrevivência, *sir* — respondeu o segurança de chapéu. Uma intuição perversa atravessou o corpo do pastor, que cerrou os dentes frente a uma presença medonha. — Eu não ficaria aqui, se fossem vocês.

O homem do chapéu abriu a porta, desceu do carro e deu um tapa na traseira do veículo.

A moto avançou de um jeito que fez o pastor acelerar em um impulso, fazendo o veículo passar por cima da placa de “pare” junto com a cancela, que se entortou ao ser forçada contra o carro. O vidro dianteiro trincou e o capô recebeu uma grosseira cicatriz, mas de nenhuma forma foi suficiente para impedir que o veículo conseguisse sair garagem afora e ganhar as ruas.

Mostrando que seu instinto estava correto, três estampidos secos viajaram pela noite, um disparo atingindo um dos faróis traseiros do automóvel e outro indo parar no prédio ao lado, graças à fuga afobada.

— Pelo santo sangue do Cristo Rei. É tiro! Vai, vai, vai! — gritou o pastor em desespero como se não fosse ele mesmo que já não estivesse com as mãos sobre o volante e o pé no acelerador.

O último tiro não saiu da garagem, já que acabou sendo aparado pela palma da mão do segurança novato, que descartou a bala como um chiclete mascado.

A moto interrompeu seu avançar ao notar que não estava lidando com alguém comum, parou metros antes de chegar à rampa de acesso para a guarita. Cantando pneu e em um movimento para modificar a rota, o veículo de duas rodas mudou o trajeto para alcançar o outro lado da garagem, onde a entrada estava bloqueada por

um portão de alumínio que derreteu em um piscar de olhos para dar passagem ao motociclista rajado.

Sentia aquela força pulsante emitida pelo colar se afastar cada vez mais e por mais obstinado que fosse, demoraria para alcançar o carro do alvo. Isso seria um problema menos grave que perceber várias viaturas surgindo em meio ao nada após duas curvas pelo bairro. Havia caído em uma armadilha.

Os postes banhavam as ruas com uma luz pálida ímpar, isso em conjunto com a quantidade de autoridades atrás de si, fizeram com que sua capa da noite deixasse de ser efetiva. O homem do celular que indicava os alvos estava certo, seria difícil continuar sua demanda após o Protetorado e outros grupos parapolíticos notarem sua presença como um perigo real.

Despistar aqueles policiais não foi tão fácil quanto imaginou que seria. Eram carros comuns contra sua moto, mas não poderia arriscar ser seguido até próximo de seu local seguro. Por isso decidiu ir para o lado oposto da cidade e desejou não encontrar mais nenhuma daquelas criaturas como foi na garagem há poucos minutos.

Fez a volta às margens de um longo rio e então pegou a primeira entrada para a ponte que atravessava a região. Completou o trevo de acesso e foi surpreendido mais uma vez quando percebeu que uma barricada policial estava começando a se formar do outro lado da ponte. Por mais habilidoso que fosse, não havia qualquer chance de passar por ali sem causar dezenas de mortes inocentes.

Avaliou se queria, deveria e ousaria.

Sabia que as ordens provavelmente não eram para captura-lo vivo, mas teriam uma baita surpresa ao descobrir que ele não poderia ser parado.

Do outro lado da ponte, os policiais alocaram dezenas de veículos para fazer um bloqueio estratégico. Vários dos policiais já estavam a postos para abrir fogo e um helicóptero surgiu para dar apoio aéreo. Dois atiradores de elite, agindo fora da folha de pagamento, estavam abrigados em prédios próximos para abater o motociclista terrorista caso ele tentasse mesmo atravessar o bloqueio. Era um daqueles tipos de operações que só eram iniciadas quando alguém mexia com gente importante.

Os rumores de um serial killer interessado em matar figurões já começava a alcançar a mídia independente como teorias conspiratórias, mas foram perfeitamente abafados, sobrepostos com notícias bombásticas sobre celebridades ou polêmicas em reality shows.

Ninguém sentiria falta de alguém como aquele motociclista rajado, por isso o caso iria sumir, transvestido como um incidente comum de roubo de veículo que terminou em perseguição e morte do criminoso.

A cidade já estava pronta para expelir aquele grão de areia incômodo de seu interior.

Os policiais da linha de frente começaram a questionar se aquela moto iria parar de acelerar em algum momento após atingir uma distância crítica. Uma gota de suor caiu do rosto de um dos agentes e antes dela atingir o chão a moto começou a mudar de direção.

Indo cada vez mais para a lateral da ponte, o veículo decidiu pegar o caminho que nenhum deles esperava. Ela atravessou o ar e flutuou pouco tempo até a força da gravidade perceber que tinha trabalho a fazer. A moto caiu com tudo, dezenas de metros até o rio.

Um policial de começo de carreira, que havia sido colocado de maneira descartável em frente ao bloqueio, correu até o peitoril cimentado da ponte, onde um alambrado o separava da queda. Ele tentou observar o que tinha restado do piloto, mas uma escuridão sem igual estava abaixo dele. Como um abismo que engoliria tudo o que fosse jogado nele. A única coisa visível era o reflexo lunar em um pequeno ponto, que dançava junto com a correnteza da água.

— Fica frio, molecote. Amanhã a gente começa as buscas. Deve ter ido igual uma pedra para o fundo — riu o policial parceiro.

O cabo olhou para o oficial mais velho, com uma expressão contorcida no rosto.

— M-mas acho que ele não caiu na água — gaguejou.

— Caiu sim, você está vendo demais.

Se virando novamente, o cabo fitou a parte arrebitada do alambrado e logo depois se focou no rio abaixo dele. Continuou observando a escuridão por mais algum tempo, achando que talvez aquela luz no matagal às margens do rio pudesse ter

sido fruto de sua imaginação. Escutou um som arrepiante acima da cabeça e viu uma coruja o observar com olhos atentos. Se lembrou de seu pai falando do mal agouro daquele bicho e decidiu voltar para o carro, onde o parceiro mais velho já acompanhava a dissolução do bloqueio.

Durante toda a viagem de volta ao batalhão, o cabo permaneceu quieto.

— Oh moleque! Parece que viu um fantasma, o que foi?

Depois de uma longa pausa, o garoto olhou para o parceiro, se questionando se deveria mesmo contar o que tinha visto e insistir no assunto.

— É esse corre todo. Você viu o que o maluco fez lá na ponte?

— Esqueça essa história, é melhor pra você.

— Não é o que ele fez com a moto, é que... — o cabo olhou para seu parceiro ainda duvidando das próximas palavras que sairiam da sua boca. — Por um tiquinho, quando a moto arrebentou o cercado, o poste iluminou bem ele de relance, sabe? Aquilo não parecia uma moto pra mim não. Era como se fosse um cavalo, ou talvez fosse outro bicho parecido. E até o som, eu ouvi o relinchar igual na chácara do meu tio.

— Como eu disse antes, você está vendo demais.

Capítulo XVII

Quando há uma reversão

O sol batia no rosto de Rafael, que foi obrigado a cobrir os olhos com as mãos. Ele era um dos poucos a estarem na arquibancada naquele final de tarde. O restante eram pais e mães, com rostos indefinidos, borrados como aqueles programas policiais que usam o computador para ocultar a identidade das testemunhas.

Ficou com vontade de mergulhar naquela piscina pelo calor que fazia, até lembrar que não era obrigado a senti-lo. Com a facilidade de um simples pensamento, a temperatura ficou amena e até o sol se escondeu nas nuvens.

Observava uma versão de si mesmo bem mais novo. Ele criança recebia instruções do professor sobre a prova, não deveria ter mais que doze anos quando passou por aquilo.

O professor permaneceu falando por muito tempo, por isso decidiu avançar o tempo até o momento em que sua versão mais jovem subia junto com os outros competidores e se posicionavam nas raia. Lembrava da sensação da sunga apertada e a vergonha que sentia ao tentar puxa-la para ajeitar.

Estaria lado a lado com um garoto de sua turma, mais alto e com braços longos, que era a sensação das aulas de natação. Por isso, mesmo em tão tenra idade, atraía olheiros que sondavam o menino para os próximos anos. E aquilo fazia o sangue do pequeno Rafael ferver.

A prova começou com um apito e lá estava sua versão infante se debatendo para alcançar uma posição de destaque. Mas conforme batia os braços com ferocidade, mais se dava conta que ia ficando para trás.

Sem pensar, fez com que seu antebraço se aproximasse cada vez mais da raia ao lado e quando achou que ninguém mais perceberia, tentou agarrar a canela de seu rival, mas sem sucesso. Suas mãos escorregaram no meio daquela confusão de membros agitados e água foi jogada em seu rosto, o que fez com que se desconcentrasse.

Terminou em sexto.

A chuva caía fria enquanto ele e o restante, que não conseguiram as três primeiras posições, acompanhavam a entrega de medalhas. Batia o queixo sem pudor, em um misto de frio com nervosismo, enquanto cruzava os braços frente ao tórax magro, marcado por aquelas costelas finas.

— Tempo doido esse — Hual puxou seu guarda-chuva e o abriu sem cerimônia ao seu lado da arquibancada.

As gotas apesar de exaustivas em cima dos outros pais, que tentavam se esconder embaixo de uma marquise, não encostavam em Rafael.

— Que esquisito — o mundano se virou para Hual e então voltou a ver a sua versão jovem lá do outro lado da piscina.

— O que é esquisito? — o velho perguntou, com uma inocência pouco verdadeira na voz.

Rafael o observou novamente.

— Alguém que fala algo e eu não saiba exatamente o que vai sair de sua boca.

— Pensei que fosse comum para qualquer um. Pelo menos é pra mim — ele respondeu.

— Não aqui — disse, se referindo ao sonho.

Hual deu uma risada e acendeu seu pito.

— *Des'que* passou da Ordália, não vem me fazer uma visita. Fica aqui, noite após noite, depois de encher a cara como um gambá, revisitando essas memórias cheias de poeira.

Rafael fez uma cara azeda, enquanto observava as crianças correndo em direção aos pais, que seguravam toalhas para secarem os filhos. Sua mãe não estava lá e ele foi obrigado a voltar sozinho para o trocador, onde receberia uma bronca do professor, que percebeu seu comportamento na piscina.

— Isso é alguma mensagem do meu subconsciente, não é?

— Se você diz... — Hual bafou uma fumaça espessa pelas suas narinas.

Rafael esboçou um sorriso triste.

— Nada disso é realidade — ele respondeu para o homem do guarda-chuva. Como se fosse uma obviedade tremenda.

Hual se levantou e com seu pito, rasgou o ar vazio a sua frente como se fosse um tecido frágil ao toque. Abrindo um sulco profundo, que levava para um lugar que Rafael não ousou questionar.

— Se mudar de ideia, sabe onde é meu cafofo.

Hual atravessou o tecido, que permaneceu flácido e rasgado daquela maneira. Rafael ignorou e foi para outro lugar.

Viajava pelos sonhos como quem trocava estações de tevê. Achava brilhante a capacidade inventiva de sua cabeça de imaginar e dar vida a pessoas que conheceu em seu cotidiano, até gente que nem sequer existia, provavelmente recortes de milhares de pessoas que já passaram por sua vida, mesmo que cruzando com elas no meio da rua. Às vezes, nem pareciam seres humanos reais, como um homem de terno azul e rosto vermelho que se deparou em um daqueles intermináveis sonhos. Ele passou por Rafael, sem perceber ali e desapareceu em alguma porta aleatória gerada por seus sonhos.

E em mais uma daquelas viagens, viu Isabela novamente. Que caminhava em uma rua pouco movimentada. Seria provavelmente um daqueles sonhos chatos de rotina. Pensou em mudar de “canal”, mas algo chamou sua atenção.

Duas outras garotas estavam paradas na porta de uma pocilga do outro lado da rua, que costumavam chamar de boteco. Atraíram olhares curiosos dos frequentadores, o mais novo dentre eles com o dobro da idade delas.

A menor estava louca para arrumar confusão no primeiro comentário que sairia da boca de algum daqueles desocupados, mas a mais alta, que a acompanhava, possuía tranquilidade em seus olhos.

— Ela não vem mais, Lud — afirmou Nadine, ligeiramente incomodada.

Lud era estoica, e sua altura a fazia parecer uma estátua. Emanava uma presença firme que conseguia colocar qualquer um para correr. Não à toa, Isabela se

encolhia toda a vez que se aproximava dela. E como sempre, assim o fez ao encontra-la novamente.

— Porque vocês marcaram em um lugar como esse? — Isabela interpelou, mirando para a mais baixa, como se fosse impossível questionar uma decisão da mais alta.

— Não tinha nenhuma cafeteria gourmet na região, desculpinha — debochou Nadine e Isabela fechou a cara.

Elas conversaram um pouco e logo começaram a andar pelas ruas decadentes da parte baixa da cidade. Isabela estava vestida com um casaco de aviador grande que cobria até suas coxas. A menor delas era Nadine que usava uma camisa larga, que realçava o sutiã preto que escapava pelo ombro. Raízes pretas denunciavam seu loiro pálido artificial em sua cabeça. Era uma pessoa particularmente irritante, na opinião de Isabela.

Já a outra era Lud, que parecia ofuscar tudo a sua volta. Era bem alta, com pernas compridas, atlética e dona de um corpo abrasador. Permanecia em silêncio a maior parte do tempo e quando não, sua voz parecia capaz de partir montanhas. Sua tez morena possuía marcas discretas, apenas perceptíveis para bom observador, de um passado belicoso que não mais lhe pertencia.

— Isabela — a voz cortou o ar e Isabela era só atenção. — Você sabe que pode dar pra trás se quiser, não sabe?

Escutar aquilo de Lud a chateou. Decepcionada em achar que não era suficiente para tudo aquilo.

— Ninguém vai te culpar por isso. Uma reversão é um caminho sem volta — Lud completou.

Isabela corou um pouco e sentiu seu estômago embrulhar. Se voltou para aquele par de olhos, que mais pareciam tâmaras brilhantes, e a encarou.

— Vamos continuar — disse com firmeza.

Nadine soltou uma risada debochada e Isabela se segurou para não olhar feio para ela.

— Vai deixar a Susy te responder desse jeito, Lud? — “Susy” era como Nadine e algumas outras apelidaram Isabela. — Ela claramente não está pronta.

Os olhos de Lud viajaram até Nadine e por tudo o que fosse mais sagrado, Isabela não gostaria de receber um olhar daqueles. A garota baixinha engoliu a seco o que falava e permaneceu quieta até o final da noite.

— Não ligue para as provocações de Nadine e das outras, Isabela. Todas nós temos receio com pessoas de fora. Mas depois dessa noite, pode ser uma de nós. Só depende de você — explicou Lud.

— Eu não ligo, de verdade — mentiu Isabela.

Mesmo insuportável desde o primeiro encontro, Isabela e Nadine formariam uma amizade duradoura. Não apenas por participarem do mesmo grupo, mas seus laços se tornariam inquebráveis. Mas até aquele momento, Isabela só queria pular no pescoço da menina.

Atravessaram uma avenida com mais prédios do que gente e pegaram um desvio por uma praça abandonada. Aquele bairro era vítima desafortunada do abandono, com casas enormes que valiam muito menos do que deveriam, presas pelas dívidas e burocracia.

Em um dos pontos mais desertos, em uma rua isolada quase como se separada do mundo exterior, uma casa jazia impávida, com personalidade própria. Era imensa, antiga e que aos poucos o tempo mordia pedaços cada vez maiores.

— Que casarão enorme! — deixou escapar Isabela impressionada.

— É o nosso novo lar. A sede do bando — falou Lud.

— Foi herança de alguém? Porque parece incrível poder usar uma mansão como essa.

— Herança, sim... — a líder a observou. — Na realidade pertenceu a uma feiticeira, ela morreu tem alguns anos e foi cedida pela fundadora do Bando. Nunca entendi bem a relação entre elas.

— E se liga, Susy. É pra ficar esperta com os Protetores, se vir alguém suspeito tem que falar com *nóis* — alertou Nadine.

— Protetorado — corrigiu Lud. — Essa casa foi alvo de apreensões por eles, depois saqueadas por gente mesquinha. Achamos que é difícil voltarem, mas é sempre bom permanecer ligada.

A conversa foi interrompida por uma gritaria dentro da casa. Quando o trio se aproximou, Lud apertou o passo e retirou uma das barras de ferro da cerca para dar passagem a quem vinha atrás. Entregou o metal na mão de Nadine, que entregou para Isabela a seguir. A menina olhou para aquilo sem entender o que deveria fazer, então com raciocínio lógico julgou que deveria recolocar no lugar para não dar passagem para mais ninguém.

Enquanto subiam as escadas da fachada da casa, duas garotas saíram quase dando cambalhotas, uma delas foi agarrada por Lud pelos ombros.

— O que tá rolando? — Lud perguntou. Mas a garota estava branca como o leite e de olhos arregalados. Só conseguia balbuciar coisas sem sentido e apontar para a escuridão de onde vieram, a porta de madeira que jazia arreganhada.

Uma forma escura saltou lá de dentro, débil e sem jeito. Começou em pé, mas não conseguiu mais se manter. Arrastou-se para fora. Tinha uma cabeça imensa e braços curtos. Não era gente, nem espírito. Mas provavelmente algum feitiço antigo.

Lud subiu as escadas com suas botas pesadas e ficou de frente para o corpanzil feito de sombras, que apenas conseguiu olhar para cima com seus olhos pequenos e brilhantes para ver aquele par de pernas imensas. A coisa não falava, mas a coisa também não durou tempo o suficiente quando Lud ergueu a palma da mão contra ela e disse em alto e bom som:

— Abnegar.

E então a forma de fumaça se desfez.

A líder do bando olhou para todo mundo que estava dentro de seu campo de visão, após encerrar a confusão.

— Quem aprontou? — perguntou Lud calmamente e o terror se encheu novamente nos olhos das meninas.

— A feiticeira — respondeu uma.

Lud bufou.

— Ela bateu as botas. Madame Collete se foi — disse impaciente. — Isso é apenas um homúnculo.

— *Omúnclo*? — perguntou Nadine. — Que magia negra é essa?

— Não é magia negra, é um feitiço alquímico barato para invocar um serviçal. Geralmente usando a própria aura de uma bruxa.

Isabela se aproximou do que havia sobrado da forma escura de sombras e aquele gesto espevitado gerou desconfiança do restante do grupo. Até Lud a fitou com curiosidade no olhar.

— Eu nunca vi um tão grande. Era enorme — Isabela deixou escapar.

Lud dava atenção sempre a possíveis novatas para entrar no Bando, mas agora tinha em Isabela uma curiosidade além do comum. Nenhum novato sabia sobre homúnculos ou outras fórmulas alquímicas clássicas.

Mas antes de continuarem naquela discussão, mais uma das garotas passou pela porta em desespero. Se sentindo um pouco mais aliviada ao ver a figura de Lud ali.

— A bruxa pegou a Domenique!

A líder do Bando entrou e foi acompanhada pelas meninas, inclusive Isabela. Nenhuma delas tinha coragem de dar um passo a mais que Lud. Atravessaram uma antessala com piso de madeira, onde a única coisa que havia restado era um porta guarda-chuvas. Isabela pode perceber pelas marcas nas paredes, as lacunas que os antigos móveis deixaram após serem levados, como fantasmas que sobraram daquilo que alguém um dia já chamou de casa. A porta a sua frente estava quebrada, como se fosse marretada para dar passagem, com vários pedaços de madeira escura e farpas largados pelo chão. Conseguiu ver algumas inscrições estranhas no pouco que sobrou daquela madeira, provavelmente foi uma porta que ofereceu muita resistência antes de ser invadida, bem antes do Bando chegar ali e torna-la sua sede.

O saguão se abriu em um piso de mármore escurecido de sujeira, com luminárias cheias de teia de aranha. Poucas funcionavam e isso dava um ar funesto ao local. Do lado oposto da qual entraram, estava duas escadas que serpenteavam para a mesma direção, dando acesso ao segundo andar. Em um dos cantos do saguão,

onde uma porta aberta dava visão para uma sala de jantar, estava uma garota caída, que Isabela julgou ser Dominique. Com ela, um livro aberto e dezenas de folhas espalhadas. Lud se abaixou, tocou o rosto moreno da menina com carinho. Logo depois se sentou e a pegou no colo, retirou seus óculos de aro largo e segurou sua cabeça.

Olhou para Nadine e o restante das meninas.

— Preciso do unguento e de guaco.

Uma das meninas desapareceu em meio àquele casarão, mas quem retornou não foi ela.

Calista era a segunda em comando, uma garota que já atravessava a adolescência para a vida adulta. Era esguia, usava um casaco de peles falso com ombreiras pomposas. Tinha o cabelo ruivo encaracolado e sardas aparentes. Ela chegou com uma caixa de sapatos e uma sacola de tecido.

Lud cantava alguma coisa baixinho, enquanto balançava Dominique nos braços. Isabela não estava entendendo muita coisa, mas a situação parecia ruim.

Após Calista entregar o que tinha em mãos, a líder abriu o saco de tecido com cuidado e retirou algo que parecia uma bolinha verde-escura amassada e enrolada em forma oval, feita de alguma planta bem concentrada. Enfiou com certo cuidado garganta abaixo da menina desmaiada, fazendo com que engolissem com um pouco de água após outra integrante pegar um copo.

— Ela levou um coice, quando a energia de aura necessária para conjuração é maior do que a da bruxa — explicou com didatismo. Fazia isso enquanto ministrava água do copo para dentro da boca de Dominique. — A natureza é uma mãe rígida, que exigirá o máximo de nós. Por isso quando faltou energia, ela desmaiou e por sorte não rodou no processo. Rolos de guaco são ótimos para restaurar o espírito.

Dominique tossiu engasgada, mas logo se acalmou.

Após terminar, Lud a deitou em seus braços. Abriu a caixa e tirou uma latinha redonda minúscula lá de dentro. Ao ser aberta, liberou um forte cheiro rançoso que não demorou a tomar conta do lugar. Pegou um pouco com seus dedos e passou em

algum lugar da cabeça de Domenique. A pomada clara em seus dedos deu lugar ao vermelho quando Lud terminou.

— Ela bateu a cabeça após o coice. Foi uma bela de uma chifrada. O nosso unguento vai cuidar do corpo — continuou explicando.

Tudo ficou silencioso enquanto Lud não tirava os olhos da menina. Isabela conseguiu enxergar um fiapo de aura emanar pelas narinas e boca de Domenique, logo depois estava saindo através da pele e ela foi engolfada completamente por aquela energia metafísica sutil. Não teve certeza se todas ali conseguiam enxergar auras como ela, mas teve a impressão que Lud sim, pois ela pareceu ficar menos tensa conforme o processo ia se regularizando. No final, a aura se manteve fraca, mas constante.

— Que frio — as palavras foram expelidas por Domenique. Com os olhos entreabertos, viu várias pessoas ao seu redor. — O que aconteceu?

— Você não teve a técnica necessária para fazer um feitiço desse tamanho. Você usou a energia da aura quase toda, não foi suficiente.

— Foi um repuxo? Mas eu li tudo o que tinha nos livros.

— Sim, um repuxo e logo depois um coice. Você teve sorte de ter conseguido fazer algo desse tamanho sem bater as botas, sua maluquete. E deve ter lido bem mesmo, poderia ser capaz de ter feito um estrago em todo o Bando.

A voz que parecia uma bronca, foi aliviando conforme Lud foi colocando pra fora. Domenique tentou engolir saliva, mas sua boca estava seca.

— Preciso estudar mais.

— Você precisa é descansar e depois levar uma chamada pela falta de noção, cabeça-dura.

Lud ajudou Domenique a levantar e a diferença de tamanho entre elas se tornou mais visível. A menina caída usava um macacão jeans por cima de uma camisa listrada. Parecia uma garota como outra qualquer, diferente de algumas integrantes que eram menos conservadoras no vestuário. As outras meninas a ajudaram e levaram Domenique para um dos quartos do segundo andar.

— Cabeça-dura mesmo, quase quebrou o chão — escutou Nadine falar do alto da escada e as meninas que a ajudavam a subir riram.

— Não enche — respondeu Domenique, rindo ainda que com fraqueza na voz.

Após ter certeza que a menina estava bem longe, Lud marchou em direção a Calista, que recuou em uma reação automática frente aquela força da natureza que se aproximava.

— Eu não te deixo no comando durante minha ausência para essa merda acontecer.

Mesmo não sendo alvo, até Isabela encolheu os ombros com o rompante da líder.

— Não vem com essa — Calista virou a cara e cruzou os braços. — Você que deu os livros para ela, que culpa tenho eu se ela começou a fazer as coisas escondidas.

— Não existe escondido. Não com o Bando. Na minha ausência você é a líder e responde pelos atos de todas aqui. Somos bruxas, pelo amor da Mãe! Nosso senso de responsabilidade deve ser ainda maior que os profanos.

Calista evitou cruzar olhares, ficou balançando a perna esperando o sermão acabar. E quando ele acabou, Lud se afastou. Deu o comando para duas do Bando ficarem de olho em Domenique enquanto estivessem fora.

O restante do Bando saiu pela noite, com Isabela junto. Passaram por ruas desertas, até chegar onde a agitação da madrugada ainda acontecia. Passou pelos últimos bares abertos com os garçons atendendo as saideiras. Poucos eram os estabelecimentos que permaneciam em funcionamento até tarde, mas mesmo assim, naquele horário, todas as bebidas já haviam sido tomadas. A região fechava cedo pois a maioria das pessoas voltavam para a casa em um dia de semana como aquele, a insegurança era grande.

Mas nenhuma delas ligavam, pois eram as donas da rua quando saíam pela noite. O grupo, desprezando oficialidades, nem nome se deram. “Bando” seria o suficiente para serem conhecidas.

Passaram por um viaduto conhecido da região, onde embaixo jazia um vale que naquele horário não era frequentado por ninguém com muito juízo na cabeça. O nome adotado pelo lugar derivava da linguagem indígena antiga que significava algo como “rio dos espíritos”.

Pois lá habitava um rio, onde os povos anteriores tinham medo de frequentar. Mas agora ele estava coberto, aterrado, e o que sobrou dele corria por baixo da praça concretada, cheia de canteiros com gramados, árvores e passagens. E como uma maldição que atravessa tempos e culturas, era um local marcado pela violência e o abandono. Alguns diriam que tudo estava correlacionado, mas a vida cotidiana terminou de concretar as antigas lendas e enterrar o que havia sobrado do misticismo da região.

Isso veio da boca de uma das integrantes do Bando para Isabela, que explicava que o lugar ainda hoje guardava segredos obscuros quanto a um passado terrível. E grande parte do porquê ainda hoje esse mal agouro sobrevive, é porque é área de cruzamento de energias telúricas, uma das poucas conhecidas oficialmente pelos magistas, já que grande parte desses estudos se perdeu por motivos que não vinham ao caso explicar.

Mas, por ironia do destino, ou talvez um lapso de contato com o sobrenatural, ali era um dos cartões postais da cidade. Frequentado por turistas durante o dia e por fantasmas durante a noite.

E lá era lotado deles. Fantasmas. Vivos ou mortos.

Após descerem uma escadaria longa pela lateral do viaduto, foram abordadas por um rapaz jovem, magrelo e descamisado, que apontou uma lâmina improvisada e parcialmente cega para elas. Não tinha noção do que estava fazendo pelo estado alterado do uso de substâncias diversas da qual era dependente. Com exceção de Isabela, que ficou bem assustada, todas olharam compassivas para o sujeito.

Lud se pôs a frente e o homem a xingou por se aproximar demais, mas logo o olhar provocativo do sujeito se tornou receio, e então medo. Isabela percebeu que a aura de Lud se projetou contra o rapaz, fazendo dela mais ameaçadora do que já era. Ele recuou e pareceu avaliar se correr era a melhor solução, mas a fome do que não alimentava falava mais alto. Em um gesto de desespero, ele balançou o braço esquelético contra o rosto de Lud, que o agarrou pelo punho com facilidade.

A garota tirou a outra mão de um dos bolsos da calça e logo depois foi com a palma contra o rosto do homem. Tão rápido, que Isabela pensou que o sujeito fosse sair com o nariz quebrado, mas não foi um golpe propriamente dito, já que a mão parou centímetros de encostar nele.

A mão de Lud então viajou pelas bochechas ossudas e acariciou a pele sofrida.

— Já chega por hoje — ela disse com mais calma do que a situação parecia requerer. — Jogue isso que está no seu bolso fora e vá ver seus irmãos.

Os olhos do assaltante se arregalaram e suas pupilas se dilataram mais do que já estavam. Ele estremeceu, deu meia volta e sumiu pela noite.

Isabela percebeu que Lud esfregou discretamente a ponta dos dedos e limpou em sua calça. Alguém de fora pensaria que estava limpando depois de tocar o homem, mas não era esse o caso. Houve algo a mais naquela cena.

Terminaram de descer o vale e Isabela parou de pensar naquilo quando ao longe viram uma mulher olhando para o céu no meio do canteiro. Ela parecia elegante para um ambiente como aquele, vestia uma túnica clara que esvoaçava. Seu cabelo estava preso em um coque, com mechas que caíam sobre seu rosto e dançavam ao som do vento frio da madrugada.

Lud cruzou os braços por sobre os seios e se curvou levemente para frente em uma reverência. O restante do Bando seguiu o movimento e, sem jeito, Isabela tentou imitar.

— Uma lua cheia, sem nuvens para atrapalhar. É um bom sinal — falou a mulher de túnica, ela tinha uma presença forte e uma voz envolvente.

— Estar aqui nos conforta, Matriarca — respondeu Lud, após terminar a reverência.

A mulher deu um beijo na testa da líder do Bando e com carinho perguntou como estava indo as coisas. A garota fez um resumo dos últimos acontecimentos, sobre a violência ter aumentado e sobre espectros agressivos perseguindo pessoas.

— Não vejo Domenique, Ludmilla. O que houve?

O pescoço de Lud se virou para Calista, que sem graça deu um passo à frente.

— Ela... — começou respondendo, mas logo Calista se corrigiu. — Eu fui displicente e não percebi que ela estava mexendo com as anotações da bruxa velha.

— Não seja deselegante, Calista. Era velha e bruxa, sim. Cometeu crimes, flertou com magia de sangue e trilhou vias inomináveis. Mas ainda assim era minha irmã.

— Sinto muito, Matriarca. Prometo ser mais atenta — Calista ficou vermelha.

— Não prometa, cumpra.

— Cumprirei — e Calista recuou.

A mulher se virou para Lud.

— Ludmilla, aquela casa ainda é muito perigosa para você e suas irmãs. Vou permitir que continuem a usa-la frente às adversidades, mas por favor, não quero que isso se repita.

— Não vai — confirmou Lud.

Se aproximando de Isabela, A Matriarca agarrou seus ombros com gentileza.

— Vamos deixar as más notícias de lado. Está uma noite linda, assim como você pequena Isabela. Como está se sentindo hoje?

Sentiu todos os olhares postos nela.

— Nervosa — respondeu.

Uma explosão de risadinhas aconteceu. Sendo acompanhada pela Matriarca.

— Todas aqui já compartilharam do que está sentindo agora, inclusive eu. Mesmo com tantos anos sobre as costas, lembro quando ainda era jovem como você, que mal sabia o que fazer com o sangue da lua, no dia quando me iniciaram na bruxaria. Antigamente, os ritos foram criados e incentivados por homens, mas percebemos que isso não era justo com a gente. Por isso criei essa dissidência. Mesmo com a chegada de um novo aeon, com a promessa de liberdade e respeito a nossa individualidade, não cumpriram o que nos prometeram. Ludmilla explicou bem o que era uma reversão, não explicou?

— É quando abnegamos aquilo que não é importante, para darmos valor ao que é. Nossas virtudes e nossos pecados, são nossos, mesmo que nasçamos e crescamos em uma sociedade que nos diz o contrário.

— E isso se enraíza forte, não é?

— Sim — Isabella olhou para o lado, procurando na expressão de Lud se estava falando tudo certo. Mas não estava preparada para ver a garota, forte como só ela, com o olho cheio de água. — Muito forte.

— Você vai reaprender os reais valores de ter nascido com isso que tem no meio das pernas, menina. — Disse a Matriarca, por fim.

O restante do bando riu.

— Ah, estou cercada de hienas risonhas — A Matriarca se afastou, abriu os braços para cima.

Os prédios pareciam obeliscos imensos que cercavam elas a volta do vale, formados como em uma clareira que abria para o céu uma passagem para o nascimento da lua cheia.

Isabela foi separada do restante do bando e aquilo só a deixou mais nervosa e inquieta. Suas mãos começaram a suar de maneira incômoda. Estava com cólicas doloridas que haviam começado poucos dias atrás e não havia pior hora para elas surgirem, logo frente a sua reversão. Amaldiçoou a coincidência, até perceber que talvez não houvesse coincidência nenhuma com aquele fato.

As meninas se divertiam e conversavam com muita animação, algumas olhavam para Isabela com orgulho, já outras com desconfiança. Mas aos poucos formavam uma roda em volta dela.

Mesmo não conhecendo o vale direito, principalmente naquele horário, estranhou não ver absolutamente ninguém, mesmo com um campo de visão tão aberto. Mesmo os espíritos, agora não estavam mais lá. Era como se tivesse atravessado para uma dimensão para fora do caos urbano.

A Matriarca conversava com Lud fora da roda, enquanto mexiam com uma série de instrumentos retirados de uma bolsa. Depois de um tempo, quando tudo parecia estar pronto, a líder do Bando se levantou. Circulou a roda por fora e começou a cantarolar. Passou por trás de cada uma, fazendo com que elas a acompanhassem na melodia.

O rito havia começado e Isabela teve um último segundo de questionamento, antes de ver A Matriarca a sua frente, com uma taça.

— Beba — ela pediu. E a taça foi encostada nos lábios de Isabela, que abriu a boca e sentiu um caldo gelado preencher seu interior e descer pela garganta. Quando achou que ia se derramar pelo seu queixo, o líquido acabou. Era de um amargo que fazia seus lábios encresparem.

Sentia a bebida em seu estômago e o frio começou a tomar lentamente cada parte de seu corpo. Sua cabeça estava começando a se entorpecer e sua mente se embaralhar. Era como se lembrava quando pegava gripe e ficava com febre, mas ali não tinha cobertas, nem canja de galinha. Apenas aquela entonação melodiosa e o vento.

Não sabia exatamente o que fazer em seguida, por isso continuou ali parada, enquanto via A Matriarca se afastar. Ficou apreensiva até de girar a cabeça para ver o resto do bando, não queria fraquejar, então continuou olhando para frente.

Os edifícios começaram a se esticar e então todo o bando sumiu de seu campo de visão. Mesmo com as vozes, se sentiu verdadeiramente sozinha. O chão parecia cair por sobre seus pés e um desespero tomou conta quando os prédios a volta ameaçaram se fechar, como em um domo, e ocultar a lua. Tentou respirar, mas não conseguia. Foi quando todas as vozes se tornaram abafadas e uma sensação de liberdade tomou conta. Como se mergulhasse em mar aberto.

Não sabia se podia, mas se moveu para frente para ter certeza se os seus olhos mostravam o que ela realmente estava vendo.

Em um dos muros a muitos metros de distância, o grafite pintado começou a faiscar. Era um emaranhado de letras sem sentido que pareceram ganhar vida. Olhou para o outro lado e um muro mais próximo, onde outro grafite estava desenhado, os traços tornaram-se como um neon quase ofuscante. Ao lado das letras, cabeças diversas desenhadas conversavam entre si. Esfregou os olhos para ver se não era sua vista embaçada, não achou que fosse funcionar, mas sempre via nos filmes. Quando tirou as mãos do rosto, os grafites brilharam mais intensamente e Isabela caiu para trás.

Em outra esquina mais a frente, o grafite de São Jorge brilhava como em uma balada. O cavalo pisoteava o dragão enquanto sua lança empalava o bicho, que cuspiu fogo para além da barreira do fim do muro. Macaquinhos de neon desceram de outra parede e subiram em uma árvore para pular de galho em galho.

Percebeu que não existiam mais roupas, apenas ela e algo brilhava abaixo de si. Era um líquido fosforescente que escorria de suas coxas e descia pelos seus calcanhares. Se envergonhou com aquilo e se ajoelhou para tentar cobrir.

Foi quando olhou para cima e viu um dos prédios próximos com a lateral inteira coberta com o grafite de uma serpente monocromática, que ganhava vida e se

contorcia. O preto, ganhando cores infinitas que iam piscando, se tornou um tom púrpura que quase a cegava. A serpente desceu, respeitando as duas dimensões originárias, se derramou ao chão e serpenteou até ela, se enroscando a sua volta e criando um caleidoscópio de dezenas de metros no chão. O espaço entre ela e a serpente se apertou até restar apenas um círculo cinzento e sem cores sob seus pés.

Encostou o pé no caleidoscópio, que girou mais rápido e começou a invadir seu corpo. O tom púrpura neon começou a subir por sua pele a partir de seu pé. Chegando a suas canelas, preenchendo suas coxas, tomando seu ventre, tórax, braços e por fim chegando até seu crânio.

— Ela está passando mal — gritou Calista, segurando Isabela no chão, enquanto seu corpo tremia descontroladamente. — A sua aura está se expandindo.

Lud olhou para A Matriarca, mas a mulher estava em transe, sentada no gramado.

— Eu nunca vi isso acontecer — Nadine parecia desesperada.

— Eu já. Uma vez — Ludmila pegou um saquinho com os rolinhos de guaco. Serviria para acalmar aquele fogo que tomou conta de Isabela. Se sua aura continuasse a ser expelida daquele jeito, poderia estar em perigo mortal. Calista levantou a mão para fazer a garota ingerir, mas a líder hesitou — Não. A gente precisa confiar.



A Matriarca estava no alto de um dos prédios que compunham aquele cenário. Do alto, viam a cidade pulsar com cores aberrantes. O céu era de um branco leitoso, com nuvens riscadas, que terminavam em uma enorme e tempestuosa espiral. Conseguia ver Isabela sentada no parapeito, podendo cair a qualquer momento lá de cima.

Com décadas de prática, A Matriarca sabia quando uma viagem ao plano astral poderia ter consequências severas no plano material. Também sabia que aquela não era Isabela. Seu corpo estava todo pintado de uma cor púrpura.

O vento rugiu com intensidade e fez o corpo da garota balançar.

— Quem está aí? — perguntou A Matriarca cobrindo o rosto com a mão, tentando se proteger da ventania.

A coisa púrpura virou o pescoço para ela e riu como uma criança.

— Dê-me um nome! — ordenou. A voz de Isabela saiu dobrada, misturada com alguma coisa que não havia nascido como ser humano. — É um desafio que procura?

— Preciso saber quem é você para descobrir — uma rajada de vento jogou a mulher para trás. Agora era ela quem estava ameaçada de cair pelo parapeito oposto do topo do prédio.

Os lábios púrpuros de Isabela se moveram e os olhos d'A Matriarca se arregalaram.

— Dar-te-ei um aviso, filha da carne. Mas preste absoluta atenção, pois da próxima vez que me vires, não haverá volta — o tom púrpura começou a perder força, retroagindo e dando lugar ao tom de pele normal de Isabela. — As pústulas se abrirão como flores escuras, cobertas da podridão além das águas salobras do sofrimento e da insensatez. O anjo sem rosto sangrará a terra e pintará o bosque cinzento com uma cor que engolirá todas as outras. Com o sagrado ofício, a garganta será aberta e quatro será o número de meu nome.

— O que eu preciso fazer? — inquiriu A Matriarca.

A coisa no corpo de Isabela se virou para o horizonte, enquanto o tom púrpura deixava de vez o corpo da garota.

— Testemunhar.

Um relâmpago emergiu do corpo de Isabela e subiu ao centro do vórtice no céu.

Capítulo XVIII

Quando há uma proposta irrecusável

>Rafael notou que se tornou mais hábil em enxergar auras. Notava com mais facilidade sua presença e a idiossincrasia presente em cada uma delas. E é por isso que ficou bem curioso ao chegar próximo da morada de Hual.

Havia aprendido as linhas de ônibus locais de forma a chegar ali com mais rapidez e, ao sentir aquela aura bruta, se questionou se estava no caminho certo, pois nunca havia reparado em algo assim. Ao descer do veículo percebeu que era a mesma rua de sempre, mas aquele prédio feio que sangrava o céu agora possuía uma enorme aura a sua volta, como se todos os moradores formassem um amálgama particular, coexistindo em uma biodiversidade complexa e bem poderosa.

O cortiço não havia mudado, Rafael sim.

Sua visita confirmou suas suspeitas, já que conseguia notar cada ser ali com mais clareza. Todos eles possuíam auras singulares a sua maneira. Percebeu que semelhantes possuíam as mesmas características, apesar de nuances quanto a emoções.

Levava consigo uma garrafa debaixo do braço e a colocou na mesa quando chegou ao apartamento do homem do guarda-chuva. Hual estava em sua rede, ao lado de seu amigo inanimado, como sempre, se balançando de um lado a outro despreocupadamente. Levantou a boina quando viu a bebida.

— É pra você.

— Prefiro pinga, mas cavalo dado não bebe vinho.

— Não me lembro de a frase terminar assim.

Hual chamou e Samuel surgiu do corredor. O garoto vestia um roupão felpudo e usava óculos minúsculo, que parecia usar para ler um jornal. Aquilo o tornava ainda mais jovem do que já parecia. Com um pedido, o garoto trouxe três copos.

Cada qual de forma e tamanhos diferentes. Eles beberam até o anoitecer, Rafael e Hual deram risadas, mas Samuel pareceu austero, como se a bebida não o afetasse.

— Eu passei esse perrengue e você está com essa cara — Rafael serviu o último gole para Samuel.

— Eu não entendo metade das coisas que vocês falam — revelou Samuel, abrindo a boca pela primeira vez.

Rafael levantou uma sobrancelha.

— Pensei que fosse um aprendiz de mago, tipo eu e o Mickey Mouse.

Samuel fez uma careta.

— Não posso fazer o que vocês fazem.

Pensou em perguntar, mas finalmente descobriu o que o incomodava em Samuel.

Inicialmente por não ter um total controle de seu sexto sentido não teve certeza, mas agora era claro. Não existia aura que emanava do corpo de Samuel. Ele era como uma pedra. Não lembrava de ter visto algum organismo complexo que não gerasse pelo menos uma única faísca metafísica.

Decidiu que isso não era de sua conta e foi para o assunto de total importância para o momento.

Samuel assistiu Hual e Rafael sentarem um de frente para o outro e repetir o exercício que tinham feito antes da Ordália. O homem do guarda-chuva fez sua aura ficar intensa e agressiva e Rafael deveria avançar contra ele.

Inicialmente, não conseguiu se mexer como da primeira vez, mas assim como fez quando enfrentou o cão bestial de vários olhos, criou uma projeção para sua aura, concentrando para que ficasse como uma lança. Era apenas simbólico, o que Rafael queria era acreditar que realmente tinha uma arma em suas mãos. A lança não tomou forma de uma, mas o ajudou a fazer sua aura repelir ao muro criado por Hual.

Ancorou seu plano no mundo real. Primeiro, teve uma sensação de alerta, como se fosse colidir contra seu mestre mesmo com vários passos de distância. Depois, conseguiu avançar com objetividade, um passo de cada vez.

Suas pernas balançaram e sentiu todo o seu corpo responder o alerta, mesmo achando que foi só impressão. Era um embate feroz e quando Rafael pensou que não fosse adiantar no momento derradeiro, a energia que envolvia Hual cedeu. Por um segundo, o mundano achou que fosse proposital, pois em nenhum momento o seu mestre demonstrou fraqueza ou insegurança, sua aura queimava como uma chama intensa que se apagou de uma vez. Diferente dele próprio, que parecia ter que ficar a todo momento jogando carvão para alimentar uma caldeira.

— Estou muito feliz pela sua conquista — Hual assobiou. — Agora é lapidar a pedra bruta.

Rafael caiu nas almofadas, ofegante e sentindo que seu corpo fervia.

— Mal posso acreditar que passar por tudo aquilo me ensinou alguma coisa.

Hual o fitou, com certa diversão no rosto.

— Esse fogo é estar vivo e ninguém aprende a viver. Ego torna a chama pequena, que vai se apagando. Você apenas percebeu que ela tá aí e ao invés de a descartar, como todos os outros, usa agora como ferramenta.

— Então alguém precisa avisar as pessoas, podem se aproveitar delas usando essa coisa de aura.

O homem do guarda-chuva pareceu confuso.

— Eu falo sério. Se alguém quisesse coagir alguém... poderia, não poderia?

— Nada disso é diferente do mundo lá fora. Tudo se entrelaça, as leis naturais ou não naturais, como queira chamar. Mesmo não conseguindo saber que uma aura existe, ela é usada a todo o momento.

— Então as pessoas podem se proteger, podem ter uma chance. Elas precisam saber — disse Rafael.

— Conheci um rapaz certa vez, ele provou do fruto mais azedo que a vida poderia dar a ele. Não tinha onde cair morto o menino. Ensinei ele a ler, fazer contas com os dedos das mãos e dos pés. Sabe o que aconteceu?

Rafael aguardou a resposta, que não tardou a vir.

— Ele continuou sem ter onde cair morto. Só que agora sabendo ler e fazendo contas. Alguns diziam que os jornais baratos transformariam o mundo. As coisas não mudaram muito desde então.

— Então se nada adianta, porque está perdendo seu tempo comigo?

Hual parece ter sido pego de surpresa.

— É a pessoa que mais durou ao lado do tnhoso do Cal, talvez queira ver onde vai chegar.

— Corta essa. Qual é o papo? Eu aceitei sua ajuda até aqui pois não tinha outro jeito, estava desesperado. Mas eu não vou cair nessa historinha de ensinar a ler e fazer contas, o que vai querer de mim em retorno?

Contra a parede, Hual não pode deixar de responder a uma pergunta tão direta. Visivelmente estava tentando não mentir, procurando as palavras ideais que sairiam de sua boca.

— Eu já vivi muito tempo, muito mais do que deveria. Mas existe algo que preciso fazer antes de ir e você vai me ajudar.

— E se eu achar que não devo ajudar você com isso?

Aqueles olhos caídos falaram muito mais do que toda aquela conversa até ali. Como se um caco de um futuro semiconstruído tivesse se desprendido de uma engrenagem cósmica e viajado até a cabeça daquele velho homem e feito seus olhos faiscarem.

Rafael cruzou os braços, indignado. Não pela exigência, que já seria esperado, mas por ler algo impresso no rosto do velho que o incomodou. Uma espécie de determinismo, como se aquilo já fosse certo. O discernimento de que, talvez, Rafael não teria qualquer escolha quanto aquela questão. E isso, para ele, era assustador.

Com um susto, uma caixa de livros foi jogada a sua frente, em cima da mesinha que separava ele de seu guru. Samuel se afastou e desapareceu pelo corredor.

— Isso é para ler — complementou Hual. — Continue com o caderninho anotando todos os sonhos, entrarei em contato o mais breve possível.

O assunto não tinha acabado, mas sentiu como se aquela batalha estivesse perdida. O homem era um sabonete quando apertado, mas não ficaria assim. Ainda contrariado, pegou a caixa sem ter outra opção. Faltavam mais duas Ordálias e ele não poderia abandonar o percurso no meio do caminho.

Os preparativos para o segundo teste tomaram a atenção e o tempo de Rafael. Esteve várias vezes à beira da morte e não queria mais se colocar naquela situação. Prometeu que estaria preparado, mas aos poucos a vontade de ferro foi se quebrando novamente e se pôs em um marasmo de preocupações e insegurança.

Elaborou uma rotina para estudos, que não afetariam seu dia-a-dia. Ainda chefiaria a Eletronik, faria reuniões e sairia para beber. Teria por fim, uma vida secreta de estudante de magia.

Mas então, a vida aconteceu.

Pedi para seu motorista comprar várias garrafas de bebidas e o corredor do prédio foi o máximo que conseguiu se afastar de sua cama. A maçaneta da porta tornou-se um tabu em sua cabeça, como se estivesse coberta com algum veneno mortal ou alvo de uma corrente elétrica que o fulminaria quando encostasse. Sabia que poderia sair a qualquer momento, mas era difícil de uma maneira que não sabia como colocar para fora. Não morreria ao encostar na porta, mas sua alma dizia que sim. Chegou a sentir enjoo e um aperto no peito só de se imaginar lá fora.

Transformou sua crise de pânico em uma desculpa para se manter estudando. A primeira a notar foi sua secretária, que incansável, ligava para ele de tempos em tempos. Aí foi a vez do Gabriel tentar tira-lo de casa, sem sucesso. E por último, seu terapeuta entrou em contato, para perguntar o que estava acontecendo.

No fim, ignorou todos e mergulhou na caixa de livros que recebeu de Hual.

Não pode deixar de notar o quão aqueles livros eram... diferentes.

Alguns foram publicados por editoras que não existiam mais, outros pareciam uma resma de papel amarelado grampeado de maneira pouco carinhosa. Todos eles possuíam um pequeno carimbo, bem discreto, na folha de rosto da publicação. Era apenas um minúsculo círculo, com a cabeça de um pássaro de bico longo grafado. Mas o que mais chamava a atenção era o conteúdo esquisito de todos eles.

O primeiro era uma publicação de 1930, um guia de teorias conspiratórias envolvendo política nacional. O mais interessante foi uma das teorias envolvendo remanescentes do antigo império, que forjavam ataques para culpar inimigos invisíveis. Já outro livro era um manuscrito de lendas folclóricas de uma vila ribeirinha chamada Andaluz, mas as buscas pela internet não retornavam nada sobre essa suposta cidade. Havia também uma reprodução de um bestiário do Oriente Médio do século XI e muito mais daquele tipo de obra insólita.

Quanto mais entrava de cabeça na caixa, mais pensava que sua mente saia aos poucos do lugar. Lá dentro existia todo um misto de temas, indo desde Cabala Judaica, curas energéticas, realinhamento de chakras, artes marciais e até guia de ervas.

Seu passatempo para desanuviar um pouco eram as cruzadinhas, caminhões delas e em especial um livro. Um particularmente fantástico de maluco. Achou que provavelmente caiu na caixa por acidente, já que era tão lúdico que não sabia como poderia ajudar em algo relacionado aos testes do Protetorado.

O livro começava com uma longa introdução, quase uma minibiografia do autor, que falava sobre como ele abandonou a sacristia para andar pela Europa em busca de lendas europeias. E quando topa com uma tribo nômade de dragões — sim, dragões — fugindo de um conflito na região. E aí o livro começa a dar uma série de relatos e mesclar teorias conspiratórias, no qual eventos diversos da história teriam influência draconiana nos bastidores. Se questionando se o autor explicaria por fim como um dragão monstruoso conseguiria agir sem ser visto e ainda enganando humanos, ele dizia que eles tinham adquirido a habilidade de ficarem invisíveis. Seus objetivos? Tal qual reptilianos das conspirações contemporâneas, era de controlar o mundo ou algo do gênero.

Aquilo parecia longe de ser sério, mas achou a narrativa interessante e fácil de acompanhar, quase como um livro de ficção mesmo, não fruto de algum esquizofrênico de séculos antes.

Após passar aqueles dias em casa, certa noite, um barulho na cozinha chamou sua atenção. Rafael decidiu vestir seu roupão, já que não queria encontrar Cal de cueca e foi até lá.

A pessoa que estava por ali não era o demônio Cal, mas Samuel, que estava com uma colher de pau, tentando acertar alguma coisa no vão entre a pia e aquela enorme geladeira de duas portas.

— Eu sabia que Cal cozinhava mal, mas acho que temos um novo desafiante.

Samuel se virou com a cara emburrada. Vestia-se com uma camisa preta lisa e um casaco surrado que mais parecia um sobretudo de tão largo. Suas bochechas cheias e seu rosto sem rugas lembrava Rafael quando acabara de entrar na faculdade.

— Mas que porcaria é essa? — questionou Samuel enfezado.

Rafael não entendeu de primeira, até ver o garoto levantar a colher para dar uma pancada em uma forma diminuta que agora atravessava a mesa com passos curtos e rápidos. Rafael se entrepôs e segurou o objeto fatal. O homúnculo saltou da mesa e rolou, até conseguir se recuperar e se esconder atrás do armário.

— É coisa do Cal. Ele tá toda hora entrando e saindo, vez ou outra esquece de despachar esses bichos — Rafael tirou a colher de pau da mão de Samuel. — Mas a maior pergunta é: O que você está fazendo invadindo meu apartamento?

— O velho me pediu para pedir a você para me ajudar a fazer algo.

Rafael esfregou os olhos, cansados de leitura, com impaciência. Colocou a colher de pau em uma das gavetas e pegou uma caneca para a máquina de café fazer seu trabalho.

— Estou de ressaca. Não pode ser outra hora? — Sugeriu o mundano.

— Não.

Rafael se virou para ele com certa incredulidade. Imaginando que não o veria fora dali até resolver aquela história.

— O que é, afinal de contas Hual “pediu para você me pedir”?

— Preciso recuperar algo que perdi.

— Já tentou a polícia?

Com a cara fechada, Samuel deu meia volta e saiu do apartamento. Rafael tentou seguir, mas a linha que separava ele do mundo lá fora o impediu.

— Estou curioso: por que ele quer que eu vá com você? — gritou Rafael pelo corredor. Felizmente, só existia um apartamento por andar.

Samuel ficou de frente para o elevador, esperando-o chegar.

— Ele falou que você é bom em encontrar coisas. Disse que talvez esteja lá algo que você perdeu também — respondeu Samuel, sem muito interesse.

— Acho que ele bateu a cabeça — concluiu Rafael, em voz alta.

— É. Acho que tem razão. Achei que diria algo assim. Na real, só vim aqui para minha consciência não ficar pesada.

O elevador apitou chegando andar e Rafael foi fechando a porta de casa, mas hesitou. Um relâmpago passou por sua cabeça e eletrizou seu corpo.

Enquanto a porta do elevador se fechava, mãos a seguraram e Rafael o impediu de descer.

— Ei! Espera aí um minutinho só, por favor. Ele disse que tipo de coisa eu perdi?

— Não... mas se você não sabe, não sei se posso te ajudar nisso — disse Samuel enquanto apertava o botão do térreo várias vezes como se aquilo ajudasse Rafael a se afastar e a desimpedir a porta.

— Eu perdi algo sim. Ele foi levado pelo Protetorado, acho que pode ser disso que ele se referiu.

— É. Quem sabe, tanto faz. Vai me deixar descer ou não?

Rafael puxou o braço de Samuel para tira-lo do elevador, mas descobriu que ele parecia uma rocha. Samuel olhou para seu próprio braço, então para Rafael. Suspirou bem profundamente e então desistiu de tentar descer de elevador. Saiu daquela caixa metálica e eles voltaram para o apartamento.

Rafael achava que não poderia, mas acabou indo até o corredor mais uma vez. Isso indicaria que talvez ele não derretesse se desse alguns passos para fora de casa afinal. De qualquer maneira, mesmo que fosse ficar o restante do milênio dentro daquele lugar, achou que ao menos com o cetro raijuu que lhe fora tomado seria mais seguro.

Se surpreendeu a dar desculpas para si mesmo e ir com Samuel. Sua cabeça se dividiu em uma batalha campal, onde parte dele queria respirar o ar noturno depois daqueles dias trancafiado e outra parte diria que era inútil.

Talvez valesse o esforço ir em uma busca através de sua arma.

Talvez sair de casa não fosse o real problema.

E então, tomou sua decisão.

Capítulo XIX

Quando há caminhos ocultos e o Empório Invisível

O chão se abriu sob os pés de Rafael.

A luz o envolveu, trêmula, originada de uma lâmpada a óleo que Samuel segurava com uma alça de metal. Aquilo criava sobre eles uma barreira que esmaecia e deixava a escuridão um pouco mais transitável. Os primeiros minutos foram os piores, não apenas pelo ar malcheiroso que parecia sufoca-lo, como pelas paredes e teto que os apertava, como se aquele túnel quisesse abraça-los com bastante afinco.

Não era tão úmido como imaginou, mesmo com aquelas tubulações velhas que atravessam o caminho inteiro. Também havia fios condutores, pregados no teto por uma presilha de ferro que viajava até onde a luz deixava de existir. Era uma antiga passagem abandonada, que agora era usada para a manutenção do teatro municipal. Ou ao menos imaginou que fosse, já que adentraram o espaço ao lado do prédio.

Passaram por uma bifurcação e viu uma série de armários de madeira carcomidos, algumas das portas dos armários estavam quebradas ou simplesmente nem existiam. Dentro deles uma série de instalações elétricas e registros de energia estavam à mostra. Imaginou que deveria ter uma placa de “perigo” antes, até pisar nela enquanto caminhavam por ali.

Se perguntou como fora parar naquela situação, mas como em um sapo jogado em uma panela que esquentava aos poucos, foi abrindo concessões até se encontrar ali. Qualquer pessoa em sã consciência não se aproximaria de um lugar como aquele se tivesse um mínimo de juízo, mas como Rafael, cheio de suas ansiedades, agora estava lá?

Rascunhou algumas desculpas esfarrapadas para dar a si mesmo, mas não encontrou nenhuma muito boa.

Samuel parou em dado momento e mirou a lâmpada para seu rosto com uma cara fechada. Eles estavam agora em uma passagem mais escura e decadente.

— O que foi? — perguntou Rafael, confuso, tirando a fonte de luz amarelada do rosto.

— Preciso de você com a cabeça no lugar, ou pode condenar nós dois.

O eco criado pelos túneis foram como se aquele sermão fosse repetido várias vezes antes de desaparecer. Era verdade, que tipo de loucura estava fazendo? O quão longe iria pelo cetro? Se lembrava que com ele sentia-se seguro, mas não poderia cair na insensatez por causa de uma suposta dica plantada por seu mestre nele.

A bem da verdade, nem Hual sabia da existência do cetro, mas tentou se convencer que ele teria alguma forma de saber daquelas coisas. Afinal, um mago não poderia prever esse tipo de coisa? Mas conforme avançava naquele plano absurdo, menos acreditava que o homem se referia ao item perdido. Talvez a sugestão tenha sido proposital e Rafael mordeu a isca. Como o tolo que era, censurou-se.

Antes que terminasse de digerir aquilo, Samuel já estava novamente de costas e andando. Rafael apertou o passo.

— Escuta, acho que você tem razão. Eu vou voltar.

Os passos pararam novamente.

A lâmpada foi quase esfregada na sua cara.

— O lugar que vamos só abre de tempos em tempos, não vou esperar semanas porque você deu pra trás logo agora.

— Mas é só voltar, não estamos andando há muito tempo.

— Você consegue memorizar o caminho que fez? Ainda no escuro? Tem certeza? Pois eu acho que não. Só que se acontecer alguma coisa com você, vou ter que dar explicações para aquele velho insuportável.

— Posso te esperar aqui, ué?

Uma risada involuntária fez a cara de Samuel se contorcer e a fonte de luz abaixo do seu nariz transformou seu rosto em uma carranca assustadora.

— Temos um longo caminho pela frente, para de frescura.

Escutar aquilo de alguém mais novo machucou a pouca confiança de Rafael, que tomou as dores como um desafio. Sua ansiedade estava normal, também não parecia estar próximo de um ataque de pânico. Qualquer coisa que ativava aquele gatilho nele não aconteceu durante o trajeto. A única coisa que sentia era medo, o lugar arrepiava cada pelo do seu corpo, mas não poderia ficar paralisado.

O único caminho era para frente.

Desceram alguns degraus para chegar em um túnel mais velho, construído com tijolos avermelhados e com teto arqueado. Gotas rechonchudas caíam, quando não seguiam por filetes até atravessar as paredes e se unirem em um pequeno rastro de água cinzenta que os acompanhou por todo o caminho.

— Qual o tamanho disso?

Samuel seguia na frente, com o movimento da alça da lâmpada rangendo a cada instante.

— Desse túnel?

— Não, digo, tudo, quando iremos chegar?

— Em vinte minutos provavelmente vamos encontrar as primeiras pessoas, talvez em quarenta chegaremos ao nosso destino. Depois disso vai ser mais um tempo até a gente achar o que procura.

— É tão grande assim? — Rafael puxou o que havia sobrado de um pôster grudado na parede do túnel. Tinha a coxa esquerda de uma mulher, que segurava algo que o tempo apagou. Parecia a propaganda de um cabaré de décadas atrás. A mulher agora provavelmente estaria em um retiro.

— Não foi completamente mapeado, então não tenho como te dar certeza. Conheço alguns lugares, mas é impossível cobrir toda a extensão. Se estiver tentando memorizar o caminho, esqueça. Existem feitiços antigos em cada curva desse lugar que mexe com nossa percepção de direção e distância, se você se perder, é o fim. Se ficar parado, já era. E se continuar, as chances de se dar mal são altas. Por isso, não saia de perto de mim.

Aquilo adicionou uma camada a mais de preocupações que fez a cabeça de Rafael dar um giro completo sobre seu pescoço.

— Então como você sabe o caminho?

— Eu não sei.

— Como é?

— Apenas uso a memória e vou me guiando quanto ao que vou encontrando na frente, por isso prefiro sempre vir por essa passagem, é a que mais uso e a que menos me levou para lugares onde não deveria chegar.

Samuel parou uns instantes e Rafael pensou que se viraria novamente para mais um sermão, mas o rapaz olhou de um lado a outro a sua frente, em mais uma daquelas inúmeras bifurcações. A luz bruxuleou com o movimento da lâmpada e fez os sulcos na parede criarem sombras que dançavam a volta dos dois.

— Eu poderia ficar aqui o dia inteiro me divertindo com sua cara horrorizada, mas não há tempo para brincadeiras aqui. É muito melhor para sua cabeça, e a nossa viagem, você não saber esse tipo de coisa.

Aquilo encerrou a conversa e Rafael preferiu apenas seguir com o plano sem questionar. Talvez Samuel tivesse um humor mórbido como achou que tivesse, talvez fosse um causo para fazê-lo se assustar de propósito. Mas não queria arriscar.

Sentiu tremores a sua volta e seus olhos se arregalaram. Segurou na parede por instinto sem se preocupar com a sujeira e teias que foram construídas com tanto afinho por ali. O movimento do lugar durou poucos segundos, até parar completamente.

— É só o metrô.

Escutou uma risadinha rasteira e Rafael teve certeza que ele estava tirando uma com sua cara.

Em mais um momento da viagem por aquele túnel, o tal “metrô” passou mais três vezes durante o caminho. Na última, Rafael já tinha se acostumado e parecia identificar que era real, o trem estava passando por cima de sua cabeça. Deviam estar agora bem longe do teatro, mas tentou não pensar nisso já que provavelmente poderiam estar andando a mais tempo do que percebia.

O fedor aumentou até ficar quase insuportável, um cheiro repulsivo e bem característico de esgoto. Uma abertura em arco surgiu na lateral do túnel, Samuel a ignorou assim como a seguinte. Entrando na terceira com uma convicção que deixou Rafael em dúvida. Viu o chão sumir em uma ladeira e a água abaixo da sola de seus pés aumentar, até ficar perigosamente próximo de entrar em seus sapatos.

— Droga, esqueci de olhar a previsão do tempo. Começou a chover lá fora — reclamou Samuel.

Ele aproximou a lâmpada do chão e eles enxergaram a água corrente. O restante do trajeto continuava em uma vala profunda, apenas com dois degraus secos nas laterais. Passaram o caminho todo andando como garças, se equilibrando um nível acima de onde a água passava.

A passagem terminou em uma pequena galeria. A água se unia ao centro do lugar e se encontrava com os dejetos dos outros túneis, que caíam por um buraco central espiralado e sabe-se lá onde ia parar. Samuel levantou a lâmpada com cautela enquanto observava suas opções, indicando que não estava seguro de qual caminho tomar.

O garoto se aproximou de uma das entradas e foi até a parede mais próxima. Tocou os tijolos com cuidado e Rafael percebeu que ele achou um símbolo impresso ali.

— Eles mudaram o caminho.

O tom de voz foi longe de animador.

— E agora?

— Você se lembra por onde a gente veio?

Rafael arregalou os olhos e ficou pálido, olhou para trás para constatar que não havia qualquer sinal de por qual túnel tinham saído. Ele se virou novamente para Samuel, para descobrir um sorriso malandro em seus lábios.

— Valeu a viagem. Vamos, não temos muito tempo.

Entraram no túnel ao lado de onde o tijolo marcado estava e Rafael passou parte da viagem xingando seu guia. O fedor não mais incomodava, pois parecia já familiar para ele. Minutos se passaram até o cheiro se dissipar completamente e o buraco onde estavam metidos mudar de configuração. Viu que água limpa escorria por

uma das paredes, vertendo através de uma abertura no teto onde demarcava o limite do caminho. Foi quando Samuel se virou em uma curva ao lado de onde a água descia e desapareceu, Rafael o seguiu pelo acesso oculto e logo estavam em um trajeto mais seco e aberto.

Subiram alguns degraus de escadas, viraram algumas curvas e chegaram a uma imensa abertura onde grandes canos de metal atravessavam. Eram muitos deles, dos grandes aos pequenos.

Os canos serviram como ponte para chegar ao outro lado daquela galeria, onde seguiram mais um pouco até chegarem a uma abertura de teto alto. O corredor parecia finalmente feito para um ser humano passar, devia ser usado para dar acesso ao sistema hídrico de algum bairro, ou talvez de toda a cidade.

— Tá vendo isso aqui? — Samuel apontou para o que parecia ser o mesmo símbolo que encontraram minutos antes. Estava riscado em um dos canos que seguiam pela parede ao lado de mais uma bifurcação. Era formado por um triângulo muito mal desenhado, onde cada lado apontava para um ponto. — Antes marcava o início do território dos Adágios. Esse aqui marca o fim. Ou seja, é o final do nosso passeio, vamos agora tentar ser mais rápidos e atentos. Nem todo mundo vai ser tão hospitaleiro assim.

— Não precisa falar isso pra me dar mais medo.

— Eu não estou tentando ser engraçadinho. Reconheça os símbolos, fique atento. Agora entramos em terra de ninguém.

Olhou para os lados.

— Mas a gente não viu ninguém até agora — cochichou Rafael.

— Não escutou algumas risadas minutos atrás?

— Achei que fosse você — Rafael se preocupou. — Isso é mais uma de suas piadas de mal gosto?

O guia deu de ombros. Mas teve uma dica se falava a verdade ou não, pois sua velocidade aumentou consideravelmente após saírem daquele lugar. Rafael mesmo seguindo passo a passo, temia tropeçar ou enroscar seu pé em algum lugar, pois não tinha completa noção do que pisava.

O corredor revelou um enorme salão, onde o fim não podia ser visto. Pilastras de tijolos estavam dispostas a até quatro metros uma das outras. A luz não revelava mais do que alguns passos a sua volta, antes de ser engolida pelo breu.

Foi no meio do caminho que Rafael percebeu que várias pessoas estavam por ali, mas não conseguia vê-las. Apenas suas presenças podiam ser percebidas. Eram auras retraídas e por isso demorou a identifica-las. Talvez nem eles soubessem que estavam atravessando aquele lugar, se esse fosse o caso esperou que continuassem a não perceber.

A distância parecia longa demais, sua respiração ficou lenta e seus movimentos menos evidentes, seguindo um Samuel mais cauteloso. Foram minutos infernais em um espaço de teto baixo, pilastras infinitas e escuridão. Mas tal qual uma recompensa após tanto esforço, um fecho de luz surgiu ao longe, cortando o negrume como manteiga.

Quanto mais se aproximavam, mais aquela escada de metal se delineava. Não sabia onde daria, só sabia que seria bem-vindo poder ver além de alguns passos a sua frente.

Quase tropeçou tentando chegar até lá por não prestar atenção. Olhou para baixo graças ao instinto e viu pela penumbra gerada pela lâmpada de Samuel que o chão estava completamente esburacado, com os ferrolhos usados para a construção aparentes. Era um vazio profundo abaixo do chão de concreto.

Aquilo lhe trouxe um desespero ímpar, como em um pesadelo no qual custava a acordar. Ver que mais abaixo existiam outros andares, cada qual mais obscuro e profundo que o outro, criava uma sensação de vazio quase indescritível. Era como se houvessem outras versões da cidade onde morava, como um fractal bizarro de dimensões refletidas umas contra as outras.

Apertou o passo e se colocou atrás de Samuel, não desejando tropeçar e encontrar sua perdição em uma queda. Pois tinha absoluta certeza que não haveria nenhuma ajuda prestada que pudesse tira-lo dali.

O garoto ofereceu a Rafael uma subida rápida enquanto ficava na retaguarda e ele teve certeza que nunca subiu uma escada tão rápido em sua vida. Ignorou o estado precário dela e a ferrugem que comia quase completamente o que restou. Temeu que ela tombasse com seu peso, mas foi o suficiente para aguentar não apenas ele, mas Samuel.

Viu a sombra de uma mão brotar do alto da abertura que cegava seus olhos. Rafael reconheceu como ponto de apoio e aceitou a ajuda. Agarrou a mão e foi puxado delicadamente para cima por algum provável bom samaritano.

Quando finalmente pôs os pés no chão, sentiu um solavanco que o jogou contra uma parede. Apenas manchas existiam à frente, com seus olhos ainda se acostumando com a luminosidade intensa do lugar.

— Como tá o passeio, seu idiota?

A voz era inconfundível.

— O que está fazendo aqui? — perguntou Rafael enquanto tentava se soltar. Seus olhos finalmente se adaptaram e o moletom vermelho surgiu, envolto de um rosto pálido enfurecido.

Samuel já havia saído do buraco, quando decidiu interceder no meio da briga.

— Eu sabia que teria dor de cabeça — com um puxão, Samuel fez Cal soltar o mundano, que caiu no chão.

— Achei que tivéssemos nos acertado quanto a se jogar no primeiro buraco que aparecesse, não? — cuspiu Cal. — Que merda acha que tá fazendo?

— Talvez o cetro esteja aqui, não posso perder essa chance de recuperá-lo — respondeu irritado. — Porque decidiu aparecer só agora?

Cal o observou de cima, estalou a língua.

— Você está se aproximando demais da zona baixa da cidade, aqui meu faro começa a falhar pela quantidade de tranqueira mágica. Se você der mais um passo, não conseguirei mais te rastrear — explicou o demônio. — Daqui sigo com vocês, antes que apronte mais alguma.

— Certo, espero que tenham feito as pazes. Podemos ir ou querem continuar discutindo a relação na frente dos outros?

Com os ânimos acalmados, Rafael pôde olhar bem o seu entorno. Estava no que parecia ser um beco. Se levantou apoiando na parede formada por rochas polidas, caminhou para fora e achou que ainda estivesse com luz sob os olhos.

Aquela cavidade aberta no subterrâneo poderia ter a capacidade de abrigar uma cidade inteira de tão grande que era. Se revelou um túnel alongado, com paredes que se uniam em um ângulo fechado com dezenas de metros até seu topo. Sua arquitetura era caótica, como se cada vez mais precisassem redesenhar o projeto e ir abrindo espaço para o fundo.

O piso ziguezagueava de um lado a outro, como se feito por um engenheiro descompassado, ora subindo, ora descendo. Também possuía cantos escuros por mais que se pudesse ver os limites do lugar. A fiação exposta e precária vinha de um emaranhado de fios que estavam porcosamente enrolados no canto de um dos lados e se estendia pelas paredes — e as vezes pelo teto. Era salpicado de lâmpadas graúdas que emitiam uma luz quente e amarelada, que transformava a pedra e o concreto cinzento em um dourado impressionante.

Outras pessoas chegavam como eles, vindo de regiões ainda mais distantes. Surgiam de outros becos, de aberturas nas paredes e as vezes até do teto, trazidas por escadas improvisadas.

E é claro, o ponto que mais chamava a atenção era a muvuca de gente que se aglomerava no centro. Não apenas pela gritaria, mas pelo cheiro, aquele era o tipo de lugar que poderia ser identificado mesmo à distância. Uma grande feira, que funcionava como entreposto comercial que convergia entre várias das passagens.

— Que lugar é esse? — Rafael deixou escapar, maravilhado com a visão.

— A encruzilhada que une todos os pontos da cidade. O Empório Invisível — respondeu Samuel. — Precisamos nos apressar, ele se encerra em poucas horas e teremos alguns lugares para visitar.

Mal deu tempo de parar e olhar tudo o que queria, pois Samuel se adiantou e já ia na direção da multidão. Se Rafael achou que poderia se perder ali, é porque não havia percebido onde tinha se metido. Cal seguiu junto, separado por alguns metros da dupla.

O Empório Invisível era uma feira secreta voltada à comercialização de artigos esotéricos ou amaldiçoados, continuou explicando Samuel. Conhecido pelo contrabando de substâncias proibidas, artefatos encantados e uma série de outros produtos que Rafael preferiu não saber, esse mercado negro do insólito estava além dos olhos do Protetorado, ao menos oficialmente.

Conforme se aproximavam das pessoas, mais e mais elementos daquele circo do absurdo iam se aglutinando em seu campo de visão. As primeiras barracas apareceram salpicadas, separadas por metros uma da outra, até que começaram a se juntar cada vez mais em um ambiente apertado. Pessoas de diferentes tipos andavam de um lado a outro, negociando, comprando, vendendo ou simplesmente atravessando aquela loucura. Os sons se misturaram entre vozes, gritos e barulhos estranhos.

— Elixires para todos os gostos! Mandrágora, beladona, sálvia sagrada, tudo pela metade do preço! É pegar ou largar.

No início eram mais comuns barracas de comidas, pastéis, caldo de cana e cachorros quentes. Alguns aditivados com substâncias esquisitas, ou de sabores que nunca ouviu falar. De procedência bem da duvidosa. Logo depois, apareceram barracas de temperos ao lado das de ervas comuns e plantas excêntricas. Garrafadas e elixires eram comuns, alguns com criaturas bizarras mergulhadas dentro.

— Armas viciadas! Artefatos encantados! Melhor taxa de acerto! Os frequentadores e vendedores também eram dignos de notas. Alguns pareciam gente comum, outros mendigos, já outros se vestiam como no século passado. Mas nem apenas vivos estavam naquela muvuca. Conseguia ver espíritos que vagavam entre os frequentadores, alguns acompanhando os encarnados como encostos, outros cochichando na cabeça de vendedores, talvez tentando adivinhar preços possíveis para virar negociações a favor do mercador.

— Ô meu patrão, quer experimentar um coquetel? *Vamo* de coquetel pra fazer o galo voltar a cacarejar?

Segurou a respiração quando um grupo de entidades passou pelas suas costas, com auras densas e tão nítidas que sabia sua origem de cor e salteado. Eram demônios, andando ao lado de pessoas comuns. Estavam todos cobertos, para esconder deformidades ou características animais de sua natureza maléfica. Alguns nem com isso se preocupavam, mas não obtinham atenção alguma dos frequentadores.

— Qual a chance de comprar algo duvidoso por aqui? — cochichou Rafael enquanto Samuel checava uma barraca com bugigangas.

Samuel arqueou as sobrancelhas.

— Ninguém *tá* aqui esperando que o Procon faça alguma coisa, não é?

— Certo. Mas não dá briga ou algo do tipo se for algo falso?

— Esse ambiente é dominado por facções diversas, confusão aqui tem várias. Mas não recomendo — respondeu Samuel baixinho.

Eles seguiram abrindo caminho na multidão, mas Rafael ainda ficou de olho no grupo de demônios. Tentou virar a cabeça quando cruzou os olhos com alguns deles.

— O que estamos procurando exatamente? — Rafael questionou, preocupado com sua segurança.

Foi ignorado, com seu guia se metendo em um conjunto de barracas que, segundo o que o vendedor gritava, eram trituradores de temperos encantados. Uma série de aparelhos esquisitos, ou até comuns estavam expostos. Às vezes por fios no alto das barracas, às vezes na mesa, empilhados em ordem.

Samuel se aprofundou mais e quando Rafael notou, os dois não estavam mais naquele túnel imenso, mas em um quartinho que servia também de loja. Quatro paredes e um teto baixo os cercavam, inclusive o vendedor. Rafael olhou para trás e viu que tinham passado por uma porta quase invisível. Cal ficou do lado de fora, bem de olho neles.

— Hohoho! Chegou *a* preferido de “Raul”. A que devo a honra *do* visita?

O vendedor era alto, largo e sua voz saía como um rojão. Possuía um nariz adunco por sob pequenos óculos redondos e uma touca de paca. Suas vestes eram compridas, de cor areia, e usava um colete acolchoado, mesmo com o calor que fazia ali.

O quartinho era pequeno e ficava ainda menor com a quantidade de coisa amontoada. À primeira vista, parecia uma loja de armas brancas. Espadas, facas, adagas, mosquetes. Algumas simples demais, outras elaboradas e bonitas, cravejadas com pedras nos punhos e lâmina de padrão incomum. Rafael se imaginou usando alguma daquelas coisas. Não gostava nem um pouco de armas, mas passou a questionar isso depois que conheceu Cal.

— “Raul” mandou avisar que prefere quando você acerta o nome dele. Mas também mandou lembranças, Samir.

Uma gostosa gargalhada produzida pelo homem cortou todos os outros sons que invadiam o lugar.

— E qual o nome dele, *mesma*?

— Hual, com som de “erre”. Mas vamos cortar o papo furado. Estou procurando algo que me pertence.

— Você diz algo que *querer* muito ou que pegaram *no* mão grandão?

— O que você acha?

Samir fez cara de reprovação enquanto balançava a cabeça de um lado a outro. Fez um gesto com a mão para que ficasse tranquilo.

— Ah! Senhor Samuel, sabe que Samir não *trabalhar* com peças roubadas, né *non*?

— Vamos cortar esse papo furado.

O clima do lugar mudou repentinamente, com a expressão de Samir indo da água para o vinho.

— Fecha a porta — pediu Samuel para Rafael. E assim ele o fez.

Após afastar alguns punhais de cima da mesa, levantou parte do balcão para poder passar para o interior da loja.

— Você *saber* que eu não dedurar meus contatos, não *saber*? Mas se tiver com algo seu, prometo que faço um precinho camarada.

— Se tiver algo meu aí, vou te socar tão forte que vai parecer voltar de tapete mágico para o lugar de onde veio — o tom ameaçador se abrandou. — Mas não está com você, isso eu já sei, preciso que me dê uma informação.

— Ai ai ai! — o dono começou a falar alguma língua de maneira rápida, julgou ser algo do Oriente Médio pela forma como dobrava o “erre”. No fim, terminou concordando.

— Está *bom* Samuel, justo, justo. O que você *procurar*?

— Só teria uma coisa que me faça voltar ao Empório. Você deve imaginar o quê.

Rafael não conhecia absolutamente nada sobre interrogatórios, mas chutaria que o tal Samir entregou o jogo pela cara que fez.

O nome que ele revelou bastou para Samuel sair enfurecido da loja. Aparentemente já sabia o próximo passo, mesmo com apenas aquela informação. Também tiveram um alerta do vendedor, sobre um tal “Inquisidor” que estaria trabalhando com ele e que foi o responsável por dar cabo de vários rivais.

— Que papo é esse de Inquisidor? — perguntou Cal quando se afastaram da muvuca.

— Uma fofoca de um cara que tá dando cabo de um pessoalzinho aí. Além do motoqueiro rajado, claro. Só balançar a árvore que tá caindo homicida.

— Quanta preocupação à toa — falou Cal.

— À toa? Não foi esse motoqueiro que tentou me matar? — Rafael tentava não levantar a voz.

— Já está tudo sobre controle — o demônio apaziguou. — Fiquem tranquilos que vou pegar umas informações para vocês, adiantamos o que vieram fazer e vamos todos felizes para casa.

— E como pretende fazer isso, sabichão? — duvidou Samuel.

Cal se afastou e foi até um homem a alguns metros deles, estava em uma cerca de metal e ficava de olho no movimento. O demônio falou alguma coisa e o receio brotou no rosto do homem. Após alguns minutos, Cal volta com as mãos dentro do bolso do casaco.

— Caravaggio não está por aqui, mas me deu a dica de onde pode estar hoje.

Para Rafael, “Caravaggio” era um pintor, mas imaginou que esse não fosse o contexto no qual estava inserido.

— E provavelmente vai saber que estão procurando por ele — bufou Samuel. — Quem era aquele cara?

— Um dos cães do Protetorado — Cal completou, quando Rafael arregalou os olhos. — Daqueles que não vão nos dar problema algum.

— O que ele tá fazendo aqui? Pensava que só tinha coisa errada nessa feira do rolo esquisita — sussurrou Rafael, tentando não demonstrar desespero.

— E você acha que eles não sabem o que acontece embaixo do nariz deles? Por favor, não seja inocente desse jeito. O Protetorado não é ameaça se você conhecer as pessoas certas — Cal deu um sorriso zombeteiro. — Fica tranquilo, molhei a mão dele, é um dos nossos. E ainda de quebra descobri que está para chegar uma carga de obsidiana do caos e outras mercadorias de primeira.

Pararam em uma praça onde a concentração era menor, apenas com alguns vendedores ambulantes que exibiam seus produtos duvidosos em cestas, panos ou blocos de isopor. Deveriam esperar para encontrar um informante que estaria em breve na praça central da feira. Samuel explicou que o Empório era um evento transitório, que sempre mudava de lugar para evitar problemas.

Cal se afastou para pegar um pastel de churrasco grego e Rafael se sentou em um banco de praça enferrujado.

— Nenhuma outra arma serve? — perguntou Samuel. — Posso falar para o Samir te descolar algo fácil de usar.

Rafael olhou para ele e suspirou.

— Aquilo foi presente, mas acho que a pessoa que me deu não iria cobrar. O problema é que estou cansado das coisas sendo tiradas de mim e não poder fazer nada a respeito. Além do que, não senti confiança no tal do Samir.

— No meu caso é o contrário. Me deram algo que eu não quis. — respondeu Samuel soturno. Só posso resolver quando recuperar o que perdi de volta — Samuel se sentou ao lado de Rafael. — Mas o Samir é gente boa se souber trabalhar com ele. É de confiança, só está aqui obrigado.

— Como assim “obrigado”?

— Existia uma famosa cutelaria na cidade, nada de magia ou coisas proibidas, até que um mago se enganou e acabou levando uma faca encantada para afiar por lá. Quem o atendeu foi o filho do vendedor, se Samir tinha 15 anos na época, era muito. Quando o mago se deu conta, o moleque já tinha inclusive feito engenharia

reversa na porcaria da faca. Já era. Quando você entra nesse mundo é dragado pra cá. Anos mais tarde o pai dele descobriu que o filho começou a enveredar pelos caminhos do arcanismo, só que graças a sua religião ele o expulsou de casa. Dali pra frente foi só ladeira abaixo. Montou uma loja de cutelaria e artefatos encantados, era bem famosa na época, até afiar a faca de alguém que não devia e cair no mundo da marginalidade.

— Ele cuida de material roubado, não acho que deva ser má sorte ter vindo parar aqui.

Samuel se levantou e cruzou os braços. Dando uma olhada ao redor. Observando se o informante já teria chegado. Logo se virou novamente para Rafael. O mundano acabou tomando um susto quando um vendedor ambulante passou em suas costas, oferecendo sacis engarrafados a preços módicos.

— Não estou aqui para defender a honra de ninguém, muito menos me importa o que você acha das pessoas. Mas as coisas não são desse jeito no mundo real. Você nasceu em berço de ouro se comparado com a maioria das pessoas daqui. Muitos tiveram que fazer o que não deviam para ter o que comer e onde morar. E qual é o problema nisso?

— É justamente por um lugar assim existir, que coisas — Lugares assim sempre vão existir, são consequências, mas nunca a causa. Existem ladrões e enganadores aqui, é verdade. Mas párias da sociedade que tem apenas o privilégio de existir. A pessoa que roubou isso de mim sabia muito bem o que estava roubando e com quem estava mexendo, por isso vou até lá e dar para ele a certeza de que até por aqui há algumas regras. Só espero que no dia em que se desesperar de verdade e tiver que fazer uma escolha entre o certo e sua vida, que encha a boca para falar sobre como você sobreviveu e como o destino enfiou um bastão encantado bem no meio do seu...

— Que barulho é esse? — Rafael interrompeu.

Aquele zumbido começou bem pequeno, até realmente ser incômodo. Quando percebeu, não existiam mais ambulantes na praça e a feira inteira estava se movimentando. Primeiro com cautela e calma, depois em uma turba desesperada que estava indo na direção dos dois ali no meio.

Quando deu por si, ele e Samuel estavam correndo na mesma direção da manada em desespero.

— *Ó o rapa!* — gritou alguém ao lado deles.

— O que *tá* acontecendo!? — Rafael começou a recuar, mas Samuel já estava a muitos passos de distância e várias pessoas se meteram entre eles. Teve uma sensação ruim ao ver gente que tropeçava com seus pertences sendo pisoteadas e logo depois várias outras surrupiando o que havia caído no chão, enquanto aproveitavam o embalo.

Samuel se aproximou.

— Me encontre no...

E então, uma ombrada certa quase derrubou Rafael. Se equilibrou, mas quando olhou para onde imaginou que estava seu guia, percebeu que ele havia desaparecido. Se levantou antes de ser novamente derrubado e viu uma figura com roupa vermelha, foi atrás, mas ela logo sumiu de vista.

A confusão generalizada levou Rafael por caminhos desconhecidos, enquanto a única coisa que sabia era que deveria continuar correndo. Não estava mais no túnel imenso quando se deu conta que as luzes começavam a diminuir. Também não encontrou nenhum sinal de Cal.

O choque de adrenalina foi tremendo, tanto que quando passou, decidiu tentar assimilar o que estava acontecendo e como poderia se livrar da situação. Não sabia o que perseguiu os vendedores, mas achou que existia a possibilidade de passar impune, mesmo que pego. Talvez não devesse correr, foi apenas uma reação natural ao ver Samuel e todos os outros, mas ele não havia cometido nenhum crime.

Poucas pessoas estavam correndo agora, a multidão dispersa desaparecia em um piscar de olhos por passagens semiocultas ou outros túneis apertados. Deu-se ao luxo de analisar a situação ao ver que a confusão passava. Olhou para trás e viu, em meio aos que ficaram para trás, um grupo grande de pessoas se aproximando. Vestiam-se de preto, mas estavam longe demais para tentar uma identificação.

Talvez pudesse explicar o mal-entendido, não estava com produtos roubados, não vendia nada. Rafael era um cidadão comum.

Percebeu que alguns dos homens de preto o enxergaram e foram em sua direção. Nesse exato momento, teve o lampejo de um mínimo de discernimento. Não era

um criminoso para a esfera mundana, mas com o Protetorado estava até o pescoço de acusações. Infundadas ou não, estava ele em um lugar suspeito.

Deu meia volta após desistir da ideia de um contato pacífico com aquelas autoridades, seja eles quem fossem, e entrou em uma das passagens junto com o restante do pessoal. Não houve tempo de reação quando foi puxado para as sombras pouco antes de ser alcançado pelos homens de preto.

A coisa que o agarrou era minúscula, mas teve força o suficiente para deixa-lo completamente imóvel. Algo enroscou em seu pescoço e então as pequenas mãos taparam sua boca. Em meio ao desespero de estar sendo enforcado, tentou se debater, mas era inútil. Estava completamente paralisado.

— Parado, parado! — a voz pouco familiar não parecia nem um pouco humana.

Foi então que se deu conta que a aura que o cercava também não era.

Era um demônio.

Capítulo XX

Quando há a visita de um Emissário

Sentiu seu corpo ser dragado para dentro de um casulo de energia. Era como se aquele buraco em que se meteu no meio da passagem o abraçasse com força e o tirasse do corpo. Conhecia aquela sensação. Uma pressão no ouvido e o ar pesado como se tivesse mergulhado fundo na água.

A zona crepuscular era a forma como demônios conseguiam se ocultar momentaneamente em uma dimensão autogerada. Era um corte no véu, que dissipava tudo à sua volta e criava um bolsão de realidade paralela, geralmente elaborada por essas criaturas do Abismo para se refestelarem com suas presas. Como uma aranha que prendia a mosca em sua teia.

Impossível de invadir, impossível de fugir.

Mas, diferente de como se lembrava vagamente em suas memórias difusas da época em que era caçado e protegido por Cal, aquela versão da zona crepuscular era efêmera. Podia ver até do outro lado da realidade como se através de um vitral de igreja. Nesse momento um grupo de pessoas passaram por ali à procura dele. Os homens e mulheres que vestiam preto estavam confusos e haviam parado a menos de um passo de distância de Rafael.

As correntes em seu pescoço aliviaram a tensão quando o mundano se acalmou, ao perceber que o aperto não tinha como objetivo machuca-lo. Então conseguiu respirar com alívio, mesmo ainda preso ali.

Viu as pessoas trajadas de preto avançarem um pouco e desaparecerem pelo túnel que Rafael pretendia seguir, para logo depois surgirem arrastando um homem por suas vestes. Um deles parou em frente ao buraco que estavam e olhou como se para a direção dos dois. Aquilo arrepiou Rafael, que teve a impressão de tentar se esconder por trás de um lençol fino. Foi quando notou o crachá amarrado no cinto, com o símbolo do triângulo, mão e olho usado pelo Protetorado.

O mercador arrastado passou por trás daqueles pés de sapatos sociais e olhou também em sua direção, ao grunhir de dor. Rafael prendeu a respiração, até ver o homem sumir para além da passagem agarrado pelos braços, mas não antes sem

pôr o dedo indicador sobre a boca, como em um gesto para que o mundano fizesse silêncio.

Foi então que o agente integrante do Protetorado parado a frente dele puxou um bastão retrátil da cintura e começou a desferir dezenas de golpes contra o local onde achou que o mercador fora largado.

A cena durou tempo demais, mas ele continuou ali, imóvel até que acabasse. Os agentes sumiram e vários minutos depois o véu que os separava da realidade se desfez. Sentiu a corrente gelada afrouxar de seu pescoço e então pôde respirar com mais alívio.

Rafael se arrastou para longe, ainda adverso àquela aura vil. Se escorou em uma parede fria e só então conseguiu dar uma boa olhada na origem daquela presença. Era menor que imaginou, com pés descalços pretos de sujeira e com um cobertor enrolado no corpo diminuto. Os cabelos enebados em mechas irregulares, que caíam sobre o rosto quase infantil. Pode ver que suas mãos estavam presas com grilhões, unidos por grossas correntes.

Ele levantou e Rafael não soube o que fazer ou pra onde ir. Não havia ninguém da feira desfeita ou qualquer homem de preto.

Pulou para trás quando a garota estendeu a mão para ele, mostrando os grilhões de metal. Não sabia se olhava para ela e tentava entender ou se simplesmente a deixava ali a própria sorte. Vai saber se era algum tipo de armadilha, pensou.

O som de metal roçando começou a incomodar seus ouvidos. Rafael segurou uma das mãos, para que parasse.

— Não posso fazer nada por você, eu não sou um mago, nem tenho um alicate. Sinto muito.

Ela insistiu, apontando com um dos dedos para o grilhão da mão oposta. Onde um símbolo minúsculo estava riscado no metal.

— O que é isso? — ele apertou os olhos. — Eu não entendo nada dessas coisas de magia.

— “Coisa de magia” — ela disse com aquela voz esquisita. — “Coisa de magia riscada”.

— Eu sei que está riscada, foi gravado no metal.

— “Riscada!”

Rafael talvez tenha se dado conta do que ela tentava falar.

— Você quer que eu risque?

Ela confirmou com a cabeça.

— “Riscada! Riscada!”

Os dois andaram até mais fundo da passagem, na direção oposta que os homens de preto haviam seguido. Rafael procurou algo que pudesse usar que fora abandonado pelos comerciantes. Havia muitas caixas de papelão e caixotes de madeira largados, mas nada mais. Até ver um vergalhão solto que rolou com seu chute.

— Toma, Riscada! Boa sorte — ofereceu ele, mas ela se negou a pegar. — Usa para riscar. “Riscada”.

Rafael abriu a mão da garota e colocou a força o vergalhão, mas quando o metal tocou a palma do demônio, percebeu um clarão e então uma força catapultou o metal para o lado e a menina foi jogada na direção oposta, contra a parede. Ela gritou de dor de forma que não poderia acreditar que algum demônio poderia.

Não sabia mais o que fazer. Até ter a ideia de que não poderia fazer nada. Se não poderia, não sabia o porquê de estar ali. Virou as costas até começar a ouvir os soluços daquele ser de baixa estatura.

— Aí é covardia, pô.

Rafael voltou e se prostrou de frente para a menina, que parou de chorar. Com o vergalhão na mão ele começou a esfrega-lo contra o símbolo marcado no grilhão. Mesmo assim, não baixou a guarda. Ficou na expectativa daquela coisa ataca-lo de alguma maneira.

Havia entendido então que aquele símbolo provavelmente era algum sistema de proteção que só era ativado quando o próprio demônio capturado tentava escapar, já que Rafael não foi jogado da mesma forma como ela quando encostou metal contra metal.

— Eu não sei porque estou te ajudando.

A menina o fitou com aqueles enormes olhos marejados.

— Quantas pessoas você matou antes de ser presa? — inquiriu.

Ela balançou a cabeça em negativa.

— Você deve ter feito alguma coisa — julgou Rafael.

Rafael fez o símbolo desaparecer e o pequeno demônio arrebentou as correntes dos grilhões como se fossem a muçarela derretida da pizza. Ela se levantou, olhou para Rafael e correu. O mundano foi atrás, não porque ainda queria algo com aquela coisa, mas porque ela deveria saber algum caminho de saída por ali.

Desceram por uma ladeira, onde água corria em abundância e tentou não escorregar. Era desesperador não saber por onde ia enquanto a luz sumia de seus olhos. Se questionou se deveria voltar quando achou que nada poderia fazer para atravessar a completa escuridão. A menina já havia desaparecido e apenas seus passos espalmados sobre o espelho d'água podiam ser escutados.

Mas quando pensou em dar meia volta, enxergou uma fonte de luz muito parecida com a de Samuel.

— Te peguei!

Um grupo maltrapilho surgiu delineado pela lamparina que um deles carregava. O maior segurou o demônio em forma de menina, enquanto outro sussurrava mantras para paralisar a pequena diaba. Quem segurava a luz era baixo e usava uma bota na cabeça no lugar de chapéu. Pela postura, parecia o líder.

— Obrigado por trazer essa coisinha fofa pra gente, meu consagrado — o homem de bota na cabeça gritou para Rafael do outro lado da passagem. — Mas não ache que vamos dividir algo com você, desinfeta daqui.

“O chefinho vai ficar feliz de te ver de volta.”

Um pensamento se desdobrou em meio àquela escuridão. Os grilhões marcados, o produto devolvido. Não era uma prisioneira, mas uma escrava. Se sentiu ultrajado e com o coração pesado. Imaginar que aquilo ainda existia, mesmo com um demônio, lhe revirava o âmago.

Lembrou-se de Cal por algum motivo. Será que existia alguma relação com eles? Quer dizer, o contrato era claro, mas Cal era obrigado a fazer muito mais que ele naquela relação. Ele era algum tipo de escravo?

Sua cabeça se tornou uma panela de pressão e agiu por impulso.

— Escuta bem, o da botina — respondeu Rafael, ao se aproximar do grupo. — Esse capeta é meu e se quiser vai ter que dividir a grana, sacou?

O homem da bota ficou surpreso, gaguejou um pouco e então inflou o peito.

— Essa coisa tava fugindo, paspalhão — gritou o grandão, que a segurava. — Você nem sabe feitiços simples de imobilização e quer cantar de galo pro nosso lado?

— É isso aí, *rapa* fora que isso aqui já é nosso — respondeu o da bota na cabeça.

O terceiro continuava sussurrando o encantamento de imobilização, que fazia a menina demônio entrar num estado letárgico.

Naturalmente Rafael não tinha porque se meter naquela história, mas o pensamento de que aquele demônio fosse um produto a ser disputado e que aqueles caras fossem revende-la por aí o deixava extremamente irritado.

— Então vou ficar com isso aqui.

Com um puxão, Rafael surrupiou a bota da cabeça do líder maltrapilho, que arregalou os olhos tamanha audácia.

“O que estou fazendo?”, pensou Rafael, mas aquela voz foi completamente suplantada por algo mais profundo.

— Me devolve isso aqui, ô comédia! — ordenou o líder irado.

— Claro.

Rafael foi com tudo, batendo com o calcanhar do calçado na boca do integrante que conjurava o feitiço de imobilização. Sua mandíbula chicoteou o ar tamanho o impacto, jogando seu centro de equilíbrio pras cucuias. O encantamento foi desfeito e a garota despertou de seu entorpecimento com tanta energia, que usou os dois pés para chutar a barriga do grandalhão que a segurava.

Antes sequer dela conseguir se reestabelecer completamente, Rafael já a agarrou pelo braço e começaram a correr. Mas não antes dele dar uma bica certa na lamparina, que fez o objeto viajar para o outro lado da abertura e se espatifar no chão.

Não tiveram tempo de ver se havia quebrado, apenas deixaram tudo para trás na maior velocidade que conseguiram.

“Pra quem *tava* falando mal dos ladrões, parece que *tô* me saindo muito bem”, concluiu o mundano irritado consigo mesmo, enquanto se aprofundava mais naquele infundável túnel. Mal podia ver por onde ia, ou se existia algum indicativo que conseguiriam sair por lá.

Escutou a algazarra feita pelo grupo maltrapilho, que se recompôs e começou a persegui-los.

— A gente vai te pegar, seu bostinha!— gritou o líder enquanto tentava segurar a bota acima da cabeça. — Sabe quanto custa um fígado conservado para ritual de invocação?

Não queria nenhum problema. Tinha uma empresa, era rico, muita gente o respeitava. Ou fingia, o que era quase suficiente. Mas agora estava ele no subterrâneo da cidade, fugindo com um demônio em forma de guria, enquanto era caçado por marginais escravagistas e ladrões de órgãos.

Estava tão preocupado em fugir do trio que mal notou que a garota tentava fugir dele na direção de volta ao grupo de captores. Ela era muito forte e Rafael teve que se esforçar para sequer sair do lugar quando ela decidiu que não ia mais naquela direção. Estavam em um lugar que parecia o interior de uma redoma grande, onde vários caminhos se abriam para outros túneis e passagens.

Um grande despejo de entulho estava espalhado no chão, pôde sentir com a sola dos sapatos. A garota começou a grunhir e Rafael não entendeu.

O grupo não apenas já havia recuperado a lamparina, como de alguma forma conseguiram acende-la em meio a corrida. A luz se irradiou quando eles chegaram na redoma e então o local se iluminou o suficiente para Rafael descobrir que aquilo em que pisava não era entulho.

Estavam sobre um mar de ossadas diversas. Crânios, fêmures, costelas e colunas, algumas partidas, esmagadas e até trituradas que criavam uma espécie de areia pálida. O monte macabro formava um topo conforme se aproximavam do centro da redoma.

A audição foi o primeiro sentido a ser processado quando sua mente simplesmente se recusou a assimilar o que seus olhos realmente viram. Rafael nunca esqueceria do som de uma cabeça sendo esmagada contra a pedra fria. Negava a enxergar aquela monstruosidade se levantar do monte de ossos e dar fim ao líder maltrapilho.

Conseguiu perceber aquela coisa monstruosa se voltando para o segundo do grupo. Foi tempo o suficiente para saber que deveria sair dali, pois sua vida dependia disso.

Se lembraria da aparência daquela coisa, como um filme que era eternamente rebobinado e passado para ele em meio a pesadelos. Uma forma humanoide, que pouco humana lembrava, deformada e enorme. Coberta por cabelos negros longos que escorriam em um emaranhado que se unia a sujeira do lugar. Mas o que mais o chocou foram aqueles olhos, de um vermelho fumegante, que chispava como vagalumes ensandecidos.

“Verme!”

A criatura emitia um gorgolejar, que reconheceu como uma risada ensandecida. Enquanto a garota o arrastou para fora do lugar por um dos túneis opostos, gritos ecoaram por ali por alguns momentos, até todos se findarem.

Seu coração batia rápido e o sangue quente começou a esfriar quando o terror tomou conta. O demônio que tinha em mãos o guiou por todo o caminho de volta, até sentir o cheiro nauseabundo daquela água apodrecida que passava pelos seus pés. Mal pôde acreditar quando sentiu o ar bater em seu rosto. Continuaram seguindo por uma tubulação de concreto enorme que despejava água suja em um dos rios da cidade. Sentiu a grama em suas mãos quando caiu para fora da tubulação. Se arrastou e deitou a céu aberto, ofegante.

Aquele recorte do infinito estrelado lhe trouxe um alívio pouco antes sentido. Permaneceu deitado, tentando manter aquela sensação para sempre.

Mas é claro que o momento foi tomado.

Viu uma figura iluminada pela luz das estrelas se aproximar. Tinha à sua volta o cobertor que o demônio em forma de garota usava e parte dos grilhões que ela detinha também estavam presos em seus pulsos. Mas não era ela.

A sola do pé veio a toda força e Rafael se levantou rápido o suficiente para não ser acertado.

O sorriso deformava o rosto de algo que não era mais uma menina, mas uma mulher completa. De cabelos desgrehados e olhos vis. Dava risadinhas debochadas com a cara de confusão produzida por Rafael, que tentava se recompor e entender a situação.

— Então é isso.

A mulher começou a circundar Rafael, seus dentes pontiagudos estavam a mostra e o cobertor, agora pequeno demais com a transformação, mais pareciam uma manta que cobria pouco do corpo nu.

— Está se divertindo?

Cal perguntou a alguns metros longe dele, estava em cima da tubulação de onde tinham saído. O demônio vestia um colete de motoqueiro vermelho no lugar do moletom. Tinha um capacete de motociclista escuro embaixo de um dos braços.

Ela fingiu investir contra Rafael, e o mundano pulou para trás.

— Onde você estava, afinal? — Cal continuou perguntando.

Rafael não entendia mais o que acontecia. Olhou para Cal como uma miragem. Um devaneio antes de ser morto pelo demônio mulher.

— Eu achei que tivesse sido bem claro quanto a não poder te rastrear lá embaixo

— Cal balançou as pernas, enquanto assistia o mundano fugir das investidas da mulher. — Bom saber que você achou algum outro demônio pra te proteger.

A mulher se jogou contra o mundano de maneira que não pode mais escapar, mas Cal saltou no último segundo e o puxou pela camisa, fazendo ela rolar pela grama ao agarrar o vazio.

— Imagine você, apenas poucas semanas de existência nesse mundo. A única coisa que conheceu foi uma cela fechada e dor. É claro que poderia te considerar um

aliado, mas é costume de demônios menores não fazer muita distinção. Cedo ou tarde, você agiria contra ela como todos os outros.

Rafael grunhiu. Um farrapo de gente, depois de tudo o que passou.

— Ela não era assim — conseguiu dizer ofegante. — Ela pediu ajuda!

— E você, Rafael, o inocente, não sacou o que ela queria te devorar o tempo todo? Achou inclusive que era uma criança? Não existe demônio criança, seu imbecil.

Rafael se sentiu o homem mais burro da face da terra. E então, ele saiu do planeta por alguns instantes e voltou para seu apartamento, graças aos poderes de Cal em efetuar o salto. Rafael acordou no chão, com o estômago embrulhado e com o cérebro que não cabia em seu crânio. Sentiu o tapete fofo de seu quarto sob seus dedos e foi o único conforto que teve naquela noite.

Tentou se levantar, mas se desequilibrou e caiu de joelhos. O mundo girava a seu redor e pouco tinha para fazer do que se escorar na cama para não vomitar.

— E onde você estava esse tempo todo? — Rafael se sentou na cama, depois de muito esforço.

— Eu estou atrás do motoqueiro que tentou te pegar, não foi isso que falei?

Se estabilizando, Rafael foi até o banheiro, se jogou no chuveiro e viu uma água negra escorrer de seu corpo para o ralo, junto com tudo o que via de bom no mundo. Vestiu a primeira roupa que achou e foi em direção a cozinha.

Rascunhou um pensamento terrível quanto a Hual, que havia acabado de jogá-lo em um mar de monstros. O seu mestre havia dado dicas sobre a primeira Ordália, sabia onde aparecer na hora certa, dizer o que deveria para mudar os rumos das conversas. Rafael sabia de gente que conseguia prever o futuro, mesmo que de maneira limitada. Saber a localização de um objeto perdido não seria impossível, seria?

Talvez tenha sido usado como brinquedo por ele. Dar uma pista falsa apenas porque sabia que Rafael pegaria. Um emaranhado de eventos diversos, que organizados da maneira certa, poderia colocar as peças no tabuleiro da maneira como queria.

Mas com qual objetivo? Ideias tortas pipocavam.

Talvez Hual fosse algo pior que Cal. Pela natureza do contratado, ao menos já sabia o que esperar de um demônio.

Pegou suas chaves, algum dinheiro e saiu pela noite, atormentado e fora de si. Fez sinal para o primeiro táxi que apareceu, mas apenas o terceiro parou. O mandou seguir para qualquer hotel que conhecesse, mas no meio do caminho acabou passando por um lugar familiar.

Pedi para o motorista parar e assim ele o fez. Saltou pouco antes do carro estacionar e atravessou a rua para seu antigo prédio. Deu boa noite ao porteiro novo, que tentou negar sua passagem.

Mas ninguém negaria isso a ele. Se desvencilhou do homem e fez sua aura se expandir. O funcionário não soube porque, mas permaneceria quieto sobre a invasão quando sentiu um perigo iminente vindo daquele sujeito transtornado que levava consigo uma sacola com garrafas de bebida.

Subiu as escadas até o seu andar e bateu na porta.

Ninguém atendeu.

Girou a proteção da campainha, de onde a chave reserva caiu. Sabia que ainda estaria lá. Invadiu o apartamento, mas Isabela não estava. Olhou desconfiado para os móveis novos e se irritou com as mudanças feitas pela garota.

Bóris cochilava no braço direito do sofá e deu um pulo para sair do cômodo quando notou a invasão. Deu uma espreguiçada, esticando seu corpo molenga, e desapareceu da sala.

Rafael deitou no sofá e lá ficou. Começou o processo de esvaziar as garrafas, mas parou na metade da segunda. Seu coração palpitava enquanto tentava dormir e esquecer a noite que teve, mas o sono tardou a vir. A temperatura abaixou e não se lembrou de o lugar ser tão frio assim.

Parecia que ia congelar. Com seu queixo batendo, se levantou para buscar uma coberta. Mas o que encontrou foi paz.

Uma luz atravessou suas costas, como se um farol apontasse em sua direção. Rafael se assustou, se virando para ver quem era o dono daquela presença avassaladora. Foi quando viu pela primeira vez a coisa mais bonita do mundo.

A luz, que não machucava seus olhos, delineava aquele rosto e corpo. Havia esquecido o frio que sentia, pois vários de seus sentidos se eclipsavam perante sua presença.

Era uma aura cristalina e de tão pura, lhe deu vergonha. Sentiu-se nu, incomodado com sua própria inferioridade. Teve certeza de estar escalas abaixo de uma evolução natural, uma formiga que olha o homem com sentimentos ruins e que desejava redenção.

“Rafael”.

Sua voz não vinha da boca, mas ressoava dele para todos os lados. Machucava.

Não possuía asas como de pássaros, percebia agora como era infantil essa imagem, mas brotavam hastes feita de fachos de luz que surgiam de seu peito e costas.

“Acompanho sua história desde que nasceu. De seus pais e dos pais de seus pais.”

Rafael quis falar, mas suas cordas vocais não se moveram. Como poderiam? Qualquer coisa vinda dele, mesmo apenas que fruto de gentileza e boa vontade, não poderia ser nada mais se não uma agressão.

“Suas mãos jazem atadas e mais do que nunca sabemos o que o aflige.” As palavras eram ouvidas pelo seus dedos e joelhos no chão, pois tudo vibrava em ressonância.

— O que é você?

Conseguiu falar e aquilo soou como o arranhar de disco numa poderosa e bela melodia.

“Sou o Emissário do Monte. Busco aqui algo em ti.”

— Eu... — a voz de Rafael embargou.

O anjo levantou a mão e pela primeira vez se deu conta que ele estava dentro de seu apartamento, mas de tão grande, mal cabia na sala. Estava encolhido pelo tamanho, com a mão no teto e de cabeça abaixada em sua direção. Não possuía boca, olhos ou nariz aparente. Apenas uma forma de luz.

“Darei um aviso, pois emissário eu sou, arauto das boas novas, mas também dos infortúnios. Vossa Mercê foi escolhido para nos auxiliar na hora da transição. Pois atente-se que os dias do caído, que responde pelo nome de ‘Calcinador’, estão contados.”

Não precisou ter o mesmo nome para saber a quem se referia. Mesmo assim, soou como um palavrão vindo do anjo, mas ele nada teve vergonha de fala-lo.

“A hora foi marcada e você será uma peça fundamental para a conclusão desse expurgo. Então peço que não se envolva mais nisso ou em qualquer outra questão que diz respeito aos Elevados.”

Percebeu um relógio dourado na parede ao seu lado que não estava lá quando entrou no apartamento. O anjo olhou para o objeto. Era enorme, brilhante e com ponteiros faiscantes. Marcava números impossíveis e girava de maneira torta.

— Posso fazer uma pergunta?

A entidade se voltou novamente para ele.

— Eu preciso achar uma pessoa. Ela morreu e eu queria saber o que aconteceu com ela.

Com um balançar das asas, que não eram asas, o anjo aproximou sua cabeçorra sem forma até próximo do corpo de Rafael, o que o obrigou a se encolher ainda mais.

“Não é de bom tom saber sobre aqueles que já se foram.” Ele olhou novamente para o relógio. “Tempo é o que me falta, para segurar esta forma astral nesse plano inócuo de existência, mas Vossa Mercê já passou por agruras incomensuráveis e passará por outras. Por isso te darei uma resposta ao que te aflige.”

Tudo a sua volta tremeu, como o badalar de um sino. A luz ficou mais forte.

“Ela não se encontra nos reinos elevados, nem se encontra nas baixas camadas de Gehena. Uma situação invulgar, de fato. Infelizmente, não posso te dar essa resposta. Sinto muito, irmão Rafael.”

O relógio dourado na parede soou como uma trombeta e o anjo sumariamente desapareceu como sugado para dentro de si mesmo. Uma luz, que a tudo preenchia, foi tomada pelas trevas que sempre estiveram presentes.

O ventilador girava no teto sem estar ligado, como se algo tivesse esbarrado em suas hélices e Rafael o observou até parar, atônito com sua visão.

Capítulo XXI

Quando há uma demissão

Rafael acordou, escovou os dentes, tomou um café preto bem quente e pegou o metrô para ir trabalhar como sempre fazia. Chegou na empresa, cumprimentou a recepcionista e olhou para o relógio. Vinte minutos de atraso. Esperou que GG não estivesse em sua sala.

Se esgueirou até sua baia e deu um alô silencioso para Rick, que respondeu com um gesto simpático. Estaria abarrotado de trabalho até o final do dia e a única coisa que queria era desaparecer dali, mas o expediente mal havia começado. A largada de mais um expediente era marcada com um grande “x” em um calendário de papel que mantinha atrás do monitor. Era o décimo terceiro dia do mês, para mais outros tantos dias até suas férias.

Érica passou por ele e o cumprimentou com animação. Apontou para seu setor e fez um gesto com o dedo indicador passando pelo pescoço. Rafael fingiu que estivesse se enforcando com a própria gravata quando Emerson GG passou pela sua baia. Apontou para ele e o recado foi dado.

Rafael era uma pessoa comum em um mar de rotinas comuns. Posto dessa forma, poderia parecer extremamente entediante, mas para ele era reconfortante e seguro. Claro que nem sempre as coisas saíam como o planejado, mas olhando pelo lado positivo levar uma bronca do chefe aqui ou ficar até depois do expediente trabalhando, para cumprir algum serviço, não era exatamente o fim do mundo. Era?

Suas viagens até a copa para matar a sede ou despertar com uma boa xícara de café poderiam ser substituídos por uma garrafa térmica, mas as pausas no trabalho eram de aliviar. Às vezes quando se sentia especialmente malvado, tirava um cochilo na cabine do banheiro ou jogava algo em seu celular.

Enquanto o contracheque batesse todo o mês a sua porta, não tinha do que reclamar. E para ele, aquilo se chamava felicidade.

O esporro de seu chefe foi leve e indolor, compensado quando o homem em sua colossal cadeira começou a fazer perguntas indiscretas sobre as funcionárias do escritório. Ele pedia – exigia – que Rafael desse uma nota a elas por quesitos arbitrários. Foi despejando números aleatórios apenas para fazer com que saísse daquela sala da maneira mais rápida possível. Ao final da prova de fogo, conseguiu escorregar para fora.

Escutou um poderoso “Ricardo, venha cá!” em sua orelha e viu Rick indo direto para a sala de onde tinha saído. Rafael deu um tapinha nas costas do colega de trabalho, antes dele ser entregue aos leões. Rick só conseguiu dar um sorriso amarelo desanimado.

Decidiu que pararia de procrastinar naquele final da tarde para poder sair alguns minutos mais cedo, já que GG teria uma reunião com acionistas no andar de cima e Beatriz, sua gerente, tinha tirado o dia de folga depois de provavelmente confundir o remédio do gato com seu ansiolítico.

Rafael ficou alguns minutos com a mão no teclado, olhando para seu monitor. “O que era para eu fazer mesmo?”, acabou se levantando para arejar a cabeça e passou pelos setores com passos firmes e decididos, como se realmente estivesse atarefado andando por ali. Viu Érica trabalhando com seus colegas de setor, passou pela salinha RH e logo virou para entrar na copa, quando uma porta no canto chamou sua atenção.

Conhecia cada centímetro daquele andar, mas nunca entrou ali. Olhou para os lados, como quem não queria nada e se esgueirou a passos curtos até a maçaneta. A girou com cuidado, já que a divisória era leve e as vezes a lingueta emperrava, mas felizmente não fez nenhum barulho. Abriu a porta devagar.

A primeira coisa que viu foi um corredor feito por prateleiras de metal que ia até o fundo da sala escura. Havia muito material de escritório lá, caixas para canetas, porta-lápis, pacotes fechados de folha de ofício, cadernetas com o logotipo da Eletronik, papel higiênico e dúzias de caixas. Fechou a porta atrás de si e começou a explorar o lugar. Foi até o final e só encontrou mais caixas, uma escrivaninha velha e um monitor apagado desconectado do fio, como se algum dia algum funcionário já tivesse usado aquele almoxarifado como sala. Não sabia dizer o que uma pessoa poderia fazer para ser jogada naquele cubículo empoeirado, mas decidiu que não ficaria ali pra descobrir.

Foi saindo, quando viu uma fresta de uma das prateleiras que criava um ponto cego quando alguém entrava, mas de costas dava para ver um vão que era utilizado por uma pessoa com quatro braços e quatro pernas.

“Eita”, pensou Rafael, que começou a recuar lentamente. Mas um chute acidental em uma das caixas no chão denunciou sua presença e as duas pessoas tomaram um susto

Saiu com “desculpa, só queria papel higiênico”, afinal foi a primeira coisa que veio em sua cabeça e partiu galopando para fora da sala. Foi quando encontrou com Rick do outro lado da porta, prestes a entrar ali.

— Que foi irmãozinho, viu uma assombração? — disse enquanto agarrava a maçaneta para entrar no almoxarifado.

Decidiu se colocar a frente dele e impedir sua passagem.

— Eu recomendo não entrar aí agora.

— Do que você tá falando? — ele riu. — Foi um fantasma mesmo, então?

— Não. Aquilo parecia bem vivo para mim.

Rick o encarou com uma daquelas expressões de dúvida bem exageradas como sempre fazia.

— Já saquei, vamos tomar um prequinho então.

Foi custoso aceitar que quase todo mundo sabia, com exceção de Rafael, que a Dani do setor comercial e o Josenildo do setor de eventos estavam se pegando já tinha um tempo. Ficou chocado com a notícia, mas nunca foi muito de perceber coisas assim. Rick ficou tão animado de compartilhar as fofocas do escritório que abduziu Érica, sua fiel escudeira, para baterem um papo na copa sobre isso.

Em dado momento, Rick se molhou com um pouco de café e limpou com rapidez o líquido quente que escorria de seus dedos. Após julgar-se limpo, fez uma bolinha de papel e tentou acertar um cesto de lixo a alguns metros de distância. Foi nesse momento que Rafael sentiu algo forte que apertou seu peito com tanta força, que ele caiu do banco e fez um estardalhaço. Érica deu um pequeno gritinho de susto e logo seu colega foi ajudá-lo a se levantar, mas Rafael apenas deu um tapa em sua mão e recuou. Rick tentou novamente se aproximar, mas Rafael pediu que ele

parasse, estendendo a mão em recusa. Rafael se levantou sozinho olhando para o vazio.

— Alguém já trabalhou no almoxarifado? — perguntou assustado.

Rick olhou para ele sem entender o que estava acontecendo.

— Você tá bem, Rafa?

O mundano repetiu a pergunta.

— Desde que cheguei aqui nunca teve ninguém lá, por que?

Com as mãos sobre a boca, Rafael se virou em direção a porta do almoxarifado, ao mesmo tempo que viu vários colegas de trabalho se aproximando, curiosos com a confusão na copa.

Arregalou os olhos e foi em direção a Érica com ímpeto tal, que ela se encolheu e ficou vermelha quando foi agarrada por ele.

— Não tem nenhum estagiário trabalhando aqui?

A garota não soltou um pio, muito mais por não conseguir reagir àquilo que estava acontecendo do que não ter uma resposta. A cena assustou muita gente e um grupo de pessoas já cercava Rafael pensando que ele estava de alguma forma agredindo a garota.

Foi apenas com um toque de Rick em seu braço que ele soltou Érica e se desvencilhou da roda. Sua cabeça doía e imagens desconexas surgiam. Estilhaçado, os vários pedaços tentavam novamente se unir, mas não se encaixavam mais.

Correu como se aquilo fizesse a dor parar, mas não parava. Ele atravessou a porta de incêndio do lugar e tudo acabou.

Rafael acordou, escovou os dentes, tomou um café preto bem quente e pegou o metrô para ir trabalhar como sempre fazia. Chegou na empresa, cumprimentou a recepcionista e olhou para o relógio. Vinte minutos de atraso. Esperou que GG não estivesse em sua sala.

Se esgueirou até sua baia e deu um alô silencioso para Rick, que respondeu com um gesto simpático. Estava abarrotado de trabalho até o final do dia e a única coisa

que queria era desaparecer dali e o expediente mal havia começado. A largada de mais um expediente era marcada com um grande “x” em um calendário de papel que mantinha atrás do monitor. Era o décimo... quarto dia.

Rafael parou enquanto o risco da caneta atravessou o quadradinho até o final do papel.

— Mas que cacete — ele soltou involuntariamente.

— Olha a boca, rapazinho! — GG atravessou o corredor a frente de sua baia e desapareceu após entrar no setor comercial.

Rick se aproximou todo risonho.

— Ihhh, levou bronquinha da chefia.

Mas Rafael não se importava com isso, não agora. Se levantou e foi com Rick até a sala de manutenção de máquinas, o jogou contra a parede com mais força do que achou que deveria.

Pela primeira vez o rapaz do T.I ficou sem palavras, algo extremamente raro.

— Temos estagiários na nossa empresa?

As palavras demoraram a sair.

— O último foi demitido, era um carinha esquisito...

— Ele ficava no almoxarifado!?

— Não, no setor de RH. Tem uma salinha pra reunião e ele gostava de matar o tempo lá. Acho que era Rubens, o nome.

— Existe alguém com o nome de Cal na empresa? Casaco vermelho, fumante, um pouco mais jovem que a gente e com aquela cara que dá vontade de quebrar em duas?

Rick se soltou do apertão.

— Meu Deus, cara, não. O que te deu?

Rafael o pegou pelos ombros, pôs bem os olhos nele e com a cara mais séria que conseguiu fazer revelou o que achava que realmente estava acontecendo.

— Acho que estou em um dia da marmota.

Seu amigo fechou os olhos e seus lábios se retorceram até deixarem escapar um riso sincero de diversão.

— Olha, achei que isso tinha acontecido comigo, até perceber que usei a mesma camisa dois dias seguidos – debochou Rick.

— É sério, cara. Eu sei que parece piada, mas não é. Se bem que... — Rafael puxou o celular do bolso e viu a data. — Lembra do que rolou ontem?

— Você flagrou uma pegação no almoxarifado e passamos o restante do dia fofocando. Por que?

Rafael pôs as mãos sob o queixo e pensou uns momentos. Olhou pela janela do corredor e viu os outros funcionários trabalhando.

Se o que ele achava estivesse correto e, por Deus, esperava que estivesse, algo estava rolando. As coisas na sua cabeça pareciam confusas com relação a esse misterioso personagem demoníaco que aparecia em suas memórias. Era uma lembrança forte e extremamente insistente, que estava encravado em seus miolos.

Rafael passou pela porta da sala de manutenção e entrou novamente em seu setor. Aquele não era o local ideal. Foi até o centro do escritório, onde todas as baias podiam ser vistas, em todos os setores.

— Cal! — gritou ele, enquanto lançava um dedo do meio em direção ao teto. — Você é um otário!

A empresa parou, todas as cabeças se levantaram de suas baias e passaram a encara-lo. Era como se Rafael tivesse quebrado a normalidade e, esperava ele, o simulacro que provavelmente estava metido.

Rafael tentou de novo.

— Vem me pegar, seu babaca!

A maioria das pessoas agora estavam em pé, inclusive os gerentes dos setores. Escutou um barulho inconfundível de porta abrindo atrás de si, por onde sentiu o olhar fulminante de seu chefe em suas costas.

Conseguiu escutar ao fundo a voz inconfundível de Rick.

— Xiii! Mais um que rodou.

Rafael não se deu por vencido e correu até o almoxarifado. Nada. Correu até a copa. Nada. Esvaziou o cesto de lixo atrás da bolinha de papel. Nada. Algo que o catapultou para fora do simulacro poderia ser a chave para sair completamente dele. Correu para fora do escritório e, “boom!”, acordou do lado de dentro do escritório, no dia seguinte, como se tivesse acabado de chegar e o expediente tivesse novamente começado.

Rafael olhou para a porta aberta do elevador e as pessoas que chegavam se desviaram dele. Devia estar fazendo uma cara assustadora pois todas se afastaram rapidamente.

Surtar não pareceu lhe oferecer um resultado satisfatório contra o simulacro. Precisava testar os limites, para trabalhar com possibilidades.

Ao invés de ir para sua baia, como todo os outros faziam, invadiu a sala de GG antes que ele chegasse. O lugar era estranhamente familiar, com estantes cheias de premiações, alguns livros antigos de contabilidade e sua cristaleira de bebidas. Passou pela escrivaninha e olhou o sol se levantando, delineado pelos prédios do horizonte. O vidro não abria mais que um palmo, padrão após a crise de 29 para qualquer empresa, mas julgou que pular dali o levaria para o mesmo fim de todas as outras tentativas de se desligar.

Mas existia algo estranho no reflexo daquele vidro, algo que desistiu de investigar quando a batida grosseira na porta chamou sua atenção.

Emerson GG adentrou em sua sala, carregando uma pasta de couro bem démodé. Deu de cara com Rafael ali. Usava um terno cinzento um pouco maior que o recomendado e alguns botões superiores da camisa clara estavam abertos, fazendo um pequeno tufo de pelos grisalhos saltarem descompromissados para fora, em busca de liberdade.

Rafael pareceu pegar o homem finalmente de surpresa, mas antes que ele pudesse expressar qualquer julgamento, as palavras saíram da boca de Rafael como se tateando para fora.

— Eu me demito.

Escuridão. Piscada.

As luzes voltaram e o homem estava com os olhos arregalados de maneira antinatural. Apontou para Rafael e então abriu a boca testando os limites de sua mandíbula. Piscada.

Tudo tremeu a sua volta.

Quando as luzes internas voltaram, estava novamente de costas para o elevador, no andar do escritório. Os funcionários chegavam como personagens controlados por inteligência artificial, prontos para mais um dia de trabalho.

O jogo havia acabado de resetar novamente, mas algo havia mudado.

Capítulo XXII

Quando há o espelho negro

Fez a única coisa que podia fazer. Pegou suas cruzadinhas, achou uma folha com bastante espaço em branco e anotou as regras do desafio. Não era um dia da marmota, pois ele avançava no tempo a cada momento em que o jogo reiniciava. Se tentasse sair do escritório, ou se o horário de expediente chegasse, ou se tentasse se demitir, acordaria no próximo dia. Algo o fez acordar daquela situação, mas não soube exatamente o quê e por isso marcou um terceiro item de regra com um ponto de interrogação. Algum fator ou conjunto de fatores o fez perceber que aquele não era o mundo real.

Existia um detalhe insólito que poderia funcionar como dica sobre o que era afinal de contas aquele mundo de ilusões. Mesmo apenas acordando após sair do elevador do escritório, ele tinha memórias de levantar da cama, se arrumar e pegar transporte público até ali. Mas eram como memórias implantadas que agora passavam a ficar cada vez mais artificiais a cada reinício.

O problema em perceber isso era que se existisse um jeito de construir uma memória, tudo poderia ser mentira. Aquela possibilidade era a mais assustadora de todas, pois se as memórias não fossem dele, tudo o que achava sobre si poderia estar errado.

Sentiu que era perda de tempo pensar em demasia sobre aquilo, perderia a pouca objetividade que sua situação permitia. Se obrigou a escrever em um papel detalhes sobre ele mesmo, como idade, endereço, hobbies e teve certeza que tinha plena confiança no que era. Ancorou o que sabia até então sobre seu trabalho, os programas que usava no computador, as senhas da intranet e suas funções.

Era um assalariado, longe de ser protagonista de alguma história. Mas que tinha uma vida oculta envolvendo magia e demônios. Essa em especial era a parte que mais embaralhava conforme tentava puxar da memória algo concreto. Era incômodo vasculhar aquele lado da cabeça. Sabia que estava passando por processos de Ordálias, seja lá o que isso significava, que existia uma organização parapolítica chamada Protetorado e que mantinha um contrato com um demônio de nome Cal, que trabalhava como estagiário daquela empresa.

Mas não era apenas isso. Existia toda uma lacuna a ser preenchida, um vazio em sua cabeça que sentia como se alguém enfiasse uma pinça em seus miolos e retirasse informações, uma por uma. Achou que talvez fosse a chave para finalmente voltar para casa.

Percebeu logo após ter pedido demissão, que a partir dali os reinícios de rotina começavam a alterar a realidade. Começou com um porta clipe caído no chão logo à frente de seus pés após surgir de costas para o elevador, com documentos espalhados no chão em um dos setores. Todos tratavam a situação de maneira normal, pisando em objetos caídos como se compusessem parte do ambiente.

Quando chegou ao vigésimo terceiro dia, além das cadeiras e móveis tombados, pessoas permaneciam congeladas, olhando para o vazio. Ao se aproximar, elas viravam o pescoço e começavam a acompanhar seus movimentos. Aquilo era horripilante de um jeito que Rafael preferiu se manter distante de qualquer uma daquelas estátuas.

Era preocupante, que a cada nova volta, o mundo desmoronasse um pouco mais. Fazia com que Rafael tentasse prolongar cada vez mais o próximo reinício. As expectativas não eram animadoras e não conseguiu tirar da cabeça que existia uma data limite para o que poderia fazer ali. Seu tempo parecia estar acabando.

Foi no vigésimo oitavo dia que sua cabeça desfragmentou mais um pouco. Sentia um chacoalhar conforme andava, com porções de pensamentos e memórias se confundindo no fundo de seu cérebro. Como meio de refrear isso, foi ao banheiro, desviando de mais estátuas que o observavam como *voyeurs* de seu inferno pessoal. Com alívio, atravessou a porta e viu que o banheiro estava completamente vazio.

Passava por aquele ambiente como algo sem importância, como sempre fez. Um inconveniente lembrete de suas limitações mundanas. Aproveitou um pouco para aliviar a água dos joelhos e então ficou um tempo lavando o rosto, desejando se libertar de seu cárcere.

Ao fechar a torneira e olhar para o espelho, viu alguém.

Alguém esse que não era Rafael, mas um completo estranho.

Talvez nem existisse sequer um Rafael. Talvez sua identidade fosse fruto de um surto psicótico, uma crise de identidade gerada por estresse de trabalho. É

desesperador quando alguém dá uma rasteira em suas bases, explode sua fundação. Rafael chegou ao total desespero.

Em um rompante além da razão, seu braço viajou e um murro fez o espelho se refratar em uma teia de ângulos impossíveis. Conseguia ver cada parte de seu rosto, separadas por um fragmento quebradiço. Aquele não era seu rosto. Aqueles não eram seus olhos. Aquele não era Rafael.

Se viu como um ladrão de personas, um embuste merecedor da prisão sem grades, que evaporava para um fim lento ao esquecimento. Uma entropia cognitiva.

Saiu do banheiro para se ver em um corredor estranho. Aquele ambiente familiar apertou seu coração e lhe tirou o ar. Podia roubar sua identidade, mas não podia roubar aquilo. Tudo menos aquele momento.

Era o interior de um hospital.

Viu um banco de frente para a porta do quarto e se sentou, segurando a cabeça. Estava com uma mochila nos braços agora e algo se movia lá dentro, pressionando o zíper, querendo sair. Não se importou com o desespero que acontecia dentro da mochila, pois nada daquilo era real e se esfacelaria de qualquer maneira. Era uma forma racional de pensar, mas aquela maldita porta com o número impresso não envolvia algo lógico.

Decidiu terminar com esse sofrimento. Agarrou sua mochila, a abraçando em um misto de tentativa de acalmar a coisa lá dentro, e de ter um suporte para aguentar os próximos minutos.

Atravessou a porta e viu a cama, o corpo sobre ela e os aparelhos ligados.

— Rafael, porque demorou tanto? — a voz excruciante triturou o que lhe restava.

— Conseguiu o que pedi?

Não respondeu, como poderia participar de algo que não era dele?

Se sentou ao lado da cama e então a mulher agarrou a mochila com cuidado, abriu o zíper e a coisa peluda saltou para fora, esbaforida. Apesar de fraca, não deixou o gato fugir.

— Que pecado trazer você assim, veja como está assustado? Mas era o único jeito de ver minha bolinha branca.

O felino se acalmou ao sentir aqueles cheiros. O cheiro da mulher e o cheiro de algo que estava dentro dela. Ele parou de se contorcer e então, como em um milagre, se aninhou sobre seu tórax magro. Se encolheu, como se sentisse frio e então encarou a dona com olhos impassíveis.

— Ele emagreceu, está colocando comida na hora certa?

— Estou, mãe.

— Que levado. Tem que comer! — disse ela para o gato, em tom carinhoso, enquanto passava a mão pela cabeça do animal. — Lembro até hoje quando dei seu nome, tem memória disso, filhote?

Olhou para a mulher. Sabia da história. Ela sempre contava.

— Minha melhor amiga conheceu um patinador em uma apresentação uma vez, antes deles casarem e irem morar fora. Era um homem bonito, cara de brabo e com a pele branca igual um fantasma. Eles eram tão felizes que eu decidi que teria um Bóris pra mim também.

— E o meu nome, como foi? — perguntou Rafael, que se sentiu surpreso com sua própria língua, que havia se rebelado.

A mulher se aconchegou no travesseiro e fitou Rafael. Seus olhos eram de um castanho que mudava para verde dependendo da luminosidade do ambiente, estavam fundos agora pelo emagrecimento acelerado das últimas semanas.

— Você sabe muito bem. Tirei de um livro de nomes, significa a “Cura de Deus”. Achei que o mundo precisava de mais gente disposta a curar, que agredir.

Ele também sabia daquela resposta, mas não havia feito aquela pergunta no seu último dia pelo que se lembrou. Por isso, desconfiou.

— Porque me trata como se eu fosse seu filho? — perguntou Rafael, com um peso no coração.

— Já discutimos sobre isso, você sempre vai ser meu filho — a mulher protestou, brava.

— Não me refiro ao fato de ter sido adotado — completou Rafael. — Eu não sou ele.

A mulher bateu com um jornal enrolado na cabeça dele. Pôde ver um anúncio de fundo de página em que um homem de cabeleira escura, já demonstrando mechas grisalhas, apontava em sua direção com um “você não pode perder essas ofertas” escrito em letras garrafais.

— Você também não é real. Na memória que tenho, ficamos sem nos falar vários minutos até eu me despedir e levar o Bóris de volta — completou ele.

— Sim, Rafael. Existir e ser real são coisas diferentes.

— É apenas uma construção mnemônica, é o que meu subconsciente acha que você responderia se eu tivesse feito essas perguntas. No fundo, você é só o que minha expectativa criou.

— Mas a imagem que todos temos sobre terceiros não é fruto do que achamos da pessoa? Ou você acha que realmente consegue entender por completo a cabeça de alguém?

— Eu não consigo, mas isso não faz diferença, você continua não sendo real.

Rafael fechou os olhos por uns instantes, desejando que não estivesse mais naquela cena. Se surpreendeu com um toque em seu rosto. Quando abriu novamente os olhos, a sua mãe sorria para ele.

— Nada está dentro do seu controle, querido. Sou uma mãe, sei reconhecer meu filho — a mulher pegou um copo de água e o ofereceu, e então ele viu seu reflexo deformado pelas ondulações da água. — Você mudou, está sofrendo agora, mas mudou para melhor. Está um homem como sempre quis que fosse.

— Sim, virei um beerrão que não consegue lidar com os próprios problemas.

— Isso aí você puxou de seu pai. Não importou minha criação, você é todo ele — ela sorriu, então riu. Uma risada fraca e cheia de dores. Nem todas físicas.

As luzes piscaram e o mundo estremeceu ao seu redor.

— É a hora, você precisa ir, docinho.

Rafael se levantou, deixou o gato imaginário andando pelo quarto e foi até a porta. Precisava resolver aquela situação, mas voltou para sua mãe e lhe deu um abraço apertado. Aquele que ele nunca deu, antes de não poder mais.

O chão rachou e se desfez, mas não antes dele conseguir sair do quarto e chegar até o banheiro do escritório. Rafael precisava de um espelho, ou algo que oferecesse um reflexo suficientemente claro para ver a si mesmo. Mas quando voltou, percebeu que não existia mais um no banheiro, ele estava moído no chão, assim como todo o resto daquele universo em formato de escritório.

As paredes sangravam um líquido verde escurecido e o chão estava coberto de objetos quebrados. Uma das cabines se abriu e uma imensidão de papéis surgiu, vomitados até criar uma cachoeira branca. Era uma revoada de documentos, folhas, testes de impressão e rascunhos que formaram um tufão.

Saiu do banheiro às pressas enquanto a coisa formada pelas folhas tentava alcançá-lo. Sua forma ia se moldando até ficar imensa, com uma cabeça quase batendo no teto. Chifres curvados formados por papel amassado apontavam para cima e um rosto bovino se delineou em meio a tempestade de folhas.

A coisa o perseguiu a todo o momento em que procurava algo reflexivo o suficiente. Não existiam mais espelhos, monitores ou líquidos que pudessem ajudá-lo. Tudo estava uma tremenda bagunça. Atravessou os setores em desespero, mas talvez fosse tarde demais. Estava atrasado.

Lembrou-se da última sala do andar, que centralizava os domínios de seu chefe. Foi até lá, enquanto era perseguido pelo Minotauro de material de escritório. Quando abriu a porta, viu uma caneca de café em cima da escrivaninha. Sem mais tempo, se jogou por cima do móvel e a agarrou sem derramar o líquido quente que tinha dentro.

A porcelana girou entre seus dedos, com uma estampa de “#MelhorChefedoMundo” e então Rafael se viu naquele espelho negro cheio de cafeína. A sua imagem surgiu ondulada e então foi se clareando conforme se concentrava.

Foi quando Rafael não mais enxergou o que achava que era.

O reflexo mostrou o que havia se tornado.

A parte que faltava.

Pouco antes daquela montanha de papéis caírem com força sobre sua cabeça, pôde ver nove pontos brilhantes atrás de si pelo café. Os pontos foram se delineando

como olhos monstruosos que o enxergavam dentro da criatura de material de escritório. Foi uma imagem de relance, antes de desaparecer completamente.



A sensação de afogamento passou e cada vez menos folhas pareciam cobri-lo. Olhou para baixo e se imaginou como uma apresentadora de programa infantil, deitada em sua piscina de cartinhas dos telespectadores. Mas ao invés de envelopes, várias folhas de ofício formavam um tapete confortável.

Alguém pigarreou e fez Rafael perceber que não estava mais no escritório, mas em um local escuro. A sua frente, a Mão do Protetorado aguardava ansiosa ele se recompor, mas ele não o fez. Ou melhor, se recusou a fazer.

Em um gesto quase infantil, Rafael permaneceu sentado naquele monte de folhas.

— Eu odeio todos vocês — desabafou.

— Mantenha a postura, meu jovem — Meister Érion pigarreou novamente enquanto mexia nos papéis em seu púlpito. — Desejamos congratulações por mais uma etapa do processo. Você completou a Ordália do labirinto. Pedimos desculpas por qualquer inconveniência.

— “Inconveniência”, sei — Rafael tirou um dos sapatos e sacudiu até deixar cair um clipe de papel. — E agora? Alguém vai falar que não valeu? Que roubei no jogo ou coisa parecida?

Liber Toh, que era todo sorrisos, abafou uma risada.

— Tem alguma adição a fazer, Sólon? — questionou Meister Érion.

Magister Sólon virou a cara azeda para o lado e abanou a mão para que agilisassem o processo.

Batida.

Foi liberado. Foi quando tentava sair de lá que percebeu a caneca de café ainda em suas mãos, como um pequeno troféu da sua vitória. Se juntaria à moeda da primeira Ordália em alguma estante pessoal, ou talvez jogasse tudo fora. A porcelana reluziu frente a seus olhos.

Apesar de ter utilizado a mesma saída de sempre, a rua dessa vez não era a que estava acostumado a ver. Havia deixado um carro em um estacionamento próximo para as vezes seguintes que precisasse de uma condução rápida para casa, mas não sabia como aquele esquema de portas mágicas funcionava e isso o aborreceu.

Pensou em ir para casa aproveitar o restante de dia, mas algo dentro dele gritava mais alto e precisava tirar a prova a limpo. Por sorte, viu um ônibus que o levaria para próximo do cortiço.

Estava intranquilo, mas foi perdendo cada vez mais a carranca para até começar a aproveitar a viagem. Esboçou um sorriso após ver um homem tomando uma latinha de cerveja, enquanto equilibrava um isopor de gelo. O motorista do veículo ria alto enquanto conversava com o trocador sobre futebol, enquanto o casal a sua frente discutia sobre alguma foto mandada por rede social. Atrás de si, crianças brigavam por espaço no banco enquanto a mãe falava ao telefone. Aquele mundo lhe era agora tão distante, mas estranhamente confortável em alguma parte bem profunda dele. A vida acontecia ali e Rafael brincou de ser bem-vindo.

Se levantou quando o ponto de descida se aproximou, mas viu várias pessoas se aglutinando como uma massa disforme pendurada na porta traseira. Não sabia se todos iam descer com ele ou se estavam apenas alheios a quem ia.

Como se fosse um membro invisível, Rafael mal percebeu quando fez sua aura se expandir com ímpeto de passar por aquele mundaréu de gente. Não foi em uma atitude agressiva, mas apenas fez com vontade de atravessar o caminho bloqueado. Como reação, todos se afastaram e abriram passagem. Ficou surpreso, mas aproveitou para atravessar o veículo.

Alguns dos passageiros olharam para ele com curiosidade, outros nem notaram que eles mesmos deram passos para deixar uma abertura. Era como se o mundo se dobrasse graças a sua própria vontade.

Quando desceu do ônibus, ficou uns minutos parado no ponto, olhando para o nada. Pensando se aquilo realmente aconteceu. Uma coincidência, talvez. Sua atenção foi quebrada quando percebeu uma senhora de camisola sentada no banco, de frente para uma vendinha de esquina, que olhava para ele com estranheza. Decidiu continuar seu caminho.

Um chuvisco começou e, apesar de pouco ameaçador, foi insistente até Rafael chegar na rua do ferro velho, onde a terra agora havia se transformado em barro,

ficando quase completamente intransponível. Se esgueirou próximo do muro, onde ainda restava um caminho seco e atravessou a passagem que revelava o prédio invadido por criaturas sobrenaturais. A árvore imensa continuava no mesmo lugar, como era esperado, mas diferente das outras vezes, algo acontecia ali.

Umas crianças se movimentavam à volta dela como em uma dança. Rafael se aproximou só o suficiente para não atrapalhar o evento.

Apesar da pouca estatura e cara de inocência, não eram crianças de verdade, seus corpos diminutos eram magricelos, vestidos com um tecido leve que farfalhava como as folhas da árvore. Tinham a pele escura como o carvão e olhos felinos enormes e amarelos. Entoavam uma canção que só pode escutar quando se aproximou, em uma língua que mais parecia um amontoado de gemidos e lamúrias. Nenhuma daquelas entidades possuíam pelo no corpo, nem na cabeça ou nas sobrancelhas. Não teve certeza se alguém sem um sexto sentido para o sobrenatural poderia ser testemunha daquela cena. Diferente dos espíritos convencionais que via com certa frequência, aquelas criaturas pareciam ter auras mais brutas e selvagens.

Decidiu deixar o espetáculo continuar e foi até a entrada do prédio, onde o tapume estava retirado e ele conseguiu entrada sem dar de cara com o brutamontes da porta. Rafael entrou e foi direto ao apartamento de Hual, mas quando tocou aquela maçaneta, sentiu algo errado.

Como perfume de uma fruta pertencente a uma estação errada.

Abriu a porta e viu, como se seus próprios olhos estivessem pregando uma peça. Era Isabela, que com rosto apático viu com estranhamento Rafael entrar na sala. Hual estava de costas para ele, pareciam conversar sobre um assunto que morreu com sua entrada.

— O que você tá fazendo aqui? — expressaram em uníssono Rafael e Isabela, um para o outro.

Mas diferente de Isabela, que apenas ficou estática, Rafael avançou contra Hual e o jogou na parede, o agarrando pelo colarinho do casaco.

— Quero que me dê uma explicação antes de...

— Antes do que, menino? — Hual riu e Rafael o sacudiu, fazendo cair sua boina.

Uma neblina vermelha pairou sobre si e sentiu um puxão. Rafael soltou o velho, que caiu no chão como um fruto maduro. E então se virou contra a pessoa em suas costas com violência. Isabela se desequilibrou e caiu, mas nem aquilo o parou.

— Não era para estar envolvida nisso — Rafael cuspiu as palavras para Isabela no chão. — Já não basta tudo o que passou?

— Você ficou maluco? — Isabela se levantou e aproximou seu rosto do dele. Rafael viu a tatuagem no pulso dela, o mesmo símbolo do Bando. Aqueles sonhos em que seguia Isabela na rua. Não eram sonhos. Havia mentido tempo o suficiente para si mesmo.

— Era para você estar tendo uma vida normal, fazendo faculdade, arranjando um emprego, um namorado.

— Está parecendo minha mãe — Isabela riu. — Eu tranquei a faculdade, não dá mais para fingir ser o que eu não sou. Ter uma vida que eu não tenho.

Rafael ruborizou de raiva.

— Depois de tudo o que eu fiz pra você? — gritou.

— Me ajudou e sou muito grata por isso, tá legal? — Isabela tirou uma mexa caída de cima do rosto com impaciência. — Mas não quero mais gente se metendo na minha vida. E afinal de contas nem parece que foi você quem apareceu na minha casa naquele estado outro dia.

Rafael se lembrou da noite que fugiu do Empório, de Cal e de todo o resto. Quando Isabela o encontrou desmaiado debaixo do chuveiro, no apartamento que usava.

— Aquela é minha casa, não se esqueça disso — retrucou Rafael com cinismo.

— Sua, ótimo. Então fique com ela.

— Se acalmem, meninos — Hual se levantou e gentilmente segurou o ombro de Rafael. — Eu não sei o que está pensando, mas de nenhuma forma é um ardil contra você. Eu estou ajudando Isabela a pedido de uma amiga.

— Eu sei muito bem o que acontece com quem você ajuda — as palavras escaparam da boca de Rafael, mas não se arrependeu de tê-las falado.

A expressão astuciosa de Hual desapareceu completamente, para dar lugar a uma versão de seu mestre que nem Rafael conhecia. Uma sombra pareceu apagar o brilho de seus olhos.

— Ai garoto! Porque essa irritação toda, nem sabe porque eu tô aqui — respondeu Isabela.

— Essa é a exata questão: não há o que você fazer aqui, esse não é o seu lugar.

— Eu sei muito bem onde fica meu lugar, seu tosco.

Hual interrompeu o bate-boca dos dois. Rompendo seu silêncio.

— Com quem você proseou? — sua voz era amarga e lotada de desconfiança.

Rafael apontou para seu mestre, como se suficiente fosse a prova.

— Tá vendo, é disso que estou tentando falar. Ele não é de confiança — disse Rafael mirando Isabela. As palavras saíram fáceis demais, depois de tanto tempo cozinhando aquilo em sua cabeça. Se sentia até confortável por finalmente revelar todas as suas desconfianças.

Acusado, aquilo não chocou Hual, que pareceu aos poucos voltar ao que sempre foi para Rafael. Um sorriso brotou de seus lábios e aquilo irritou o mundano ainda mais.

— Eu não sou ela — as palavras foram disparadas por Isabela em um tom baixo.

Rafael não entendeu, ou fingiu não entender.

— O quê?

Ele sabia o que viria a seguir. Mas a flecha disparada não voltaria ao arco.

— Esqueça Ariane, ela morreu. E eu não sou ela, não vou ter o mesmo fim.

Os olhos de Rafael faiscaram com uma raiva genuína. Isabela e Hual sentiram uma aura tempestuosa preencher o cômodo. Os pulmões do mundano se encheram, mas murcharam em seguida. Aquela presença que emanava se retraiu.

Estava acabado. Se virou para Hual, apenas para deixar a situação clara.

— Eu agradeço o que fez por mim, mas a partir de agora é por minha conta.

Chega de sonhos, lição de moral e enigmas, pensou Rafael. Agora ele procuraria outras verdades para aprender a ser um mago.

Desceu o elevador do prédio e descobriu que todos a sua volta olhavam para ele. Não soube se escutaram, acharia difícil que sim, ou se sua aura estava tão pesada a ponto de chamar a atenção naquele ambiente.

Na entrada, deu de cara com Samuel. Havia se preocupado com ele após não se encontrarem mais depois do que aconteceu no Empório, mas via que estava bem. Carregava uma faca com um belo cabo, embainhada em suas mãos. Imaginou que havia finalmente achado o que procurava.

Passou pelo garoto, como se nem ao menos se conhecessem.

— Não exagera no café — soltou Samuel em tom jocoso, antes de desaparecer para dentro do prédio.

Notou ao que ele se referia. Ainda estava em suas mãos.

Rafael olhou para o item conseguido como resultado da segunda Ordália. Lamentou que tudo havia terminado assim, mas não havia volta.

A flecha já havia partido.

Capítulo XXIII

Quando há um passado que bate à porta

Corujas barulhentas caçavam no alto de prédios abandonados.

Largado após a falência, o centro industrial ruiu pelas multas de empréstimos nunca pagos. Os donos desapareceram, deixando para trás salários atrasados e os fantasmas inacabados que rompiam o horizonte nos limites da cidade.

A moto desceu o barranco sem muito cuidado, espalhando mais lama naquele desgastado asfalto. Atravessou o pátio deserto, entre os prédios abandonados em meio a construção. O verde tomava para si, o que o cinza decadente cedeu.

Do outro lado, um riacho cortava as instalações industriais, separando os pequenos, e melhores acabados, prédios residenciais, os quais usava como esconderijo. Não era confortável, mas era o suficiente para o que precisava.

Estacionou a moto na entrada de um deles e recebeu uma ligação enquanto subia as escadas. Obtinha informações do próximo alvo, quando a voz metálica do outro lado da linha desapareceu abruptamente. A ligação estava encerrada e teve mais motivo para sua cólera. Já bastava ter perdido a presa anterior, agora teria que esperar para a próxima incursão.

Retirou finalmente o capacete e ficaria feliz caso pudesse respirar, mas não era necessário havia muito tempo. Abriu a porta de um dos apartamentos e foi até o quarto, tirou a arma da cintura e a deixou em cima do único móvel existente. Sentou-se no chão e pousou o capacete ao seu lado.

Não dormia, mas sentia seu corpo desativar algumas funções por poucas horas. Também não tinha sonhos, no lugar, apenas lembranças esquecidas que surgiam para apavorar sua mente e alimentar seu espírito. Não tinha, da mesma forma, orelhas, mas escutou quando o chão de madeira se envergou com o peso de alguém que se aproximava.

Quando se deu conta, percebeu ele de pé. Estava de costas, com uma jaqueta vermelha e algo em suas mãos. Viu o que era e se desesperou, tentou se levantar, mas seu corpo semiadormecido apenas tombou para o lado, enquanto reativava novamente algumas funções primordiais. Lutou para despertar completamente.

— Há muito tempo não via um exemplar como você — era um homem jovem que falava. — Fico me perguntando quanto tempo até os apóstolos negros perceberem sua presença.

Pela primeira vez sentiu algo tão poderoso quanto aquela presença esmagadora. Ele emanava uma aura aterrorizante, de puro ódio e degradação. Muito parecida com a entidade que viu na garagem da emissora.

Com sua visão deixando de ficar embaçada, o motociclista focou nas mãos do sujeito, que segurava uma foto antiga.

— Meu plano era te torturar até você contar quem contratou você — as mãos de Cal se acenderam com uma chama azul sombria que começou a queimar a foto. — Mas não é mais necessário, eu já descobri e ele estará morto até o amanhecer.

O ódio do motociclista rajado cresceu, com uma pureza ímpar, ao ver a foto queimar. Seu espírito espectral foi abastecido com aquele sentimento. Não precisaria de armas ali, seja lá qual fosse a quantidade de poder que aquele demônio guardasse, a raiva bruta e descontrolada deveria ser mais que suficiente.

Não foi.

O braço do demônio atravessou o tórax do motociclista.

— Como se sente, sabendo que o único motivo que fez você chegar até aqui não vai ser suficiente?

Um fogo selvagem nasceu do peito do motociclista e se expandiu com violência, mas as chamas azuis de Cal suplantaram tudo com facilidade. O jovem demônio sorriu com uma inocência fingida.

O azul tomou todo aquele corpo demoníaco e então começou a invadir o seu próprio.

— Temos nossas semelhanças. Precisamos nos trajar como eles, para não chamar a atenção. Até parece que são eles que mandam. Isso me deixa particularmente

irritado, a você não?

O apartamento explodiu, mas ninguém escutou.

Apóstolos negros se aproximaram, seguindo aquela expansão violenta de aura macabra, mas nada podiam fazer mediante o contrato que aquele demônio tinha. Cal sentia-se capaz de incendiar o planeta e ninguém poderia detê-lo.

Parte IV

Ar

“O impulso dado não pode ser retirado, com consequências severas para quem se aventura. Negue o chão como se nega a morte”

Capítulo XXIV

Quando há um demônio na garrafa

Três cenas marcaram sua infância. Entrelaçadas, dispensavam ordem cronológica.

Preferia pensar que começavam com a imagem de seu pai voltando da noite enquanto tentava dormir. Lembrava de seu fedor azedo, de cachaça e suor seco sob a camisa listrada.

Aquilo se repetiu por várias noites e tinha como certa as brigas que ele tinha com sua mãe. No início, terminavam em gritos para que parasse.

A segunda cena era quando ela e seu irmão estavam tristes, sua mãe os colocava para dormir contando um causo popular da região. Sentava no colchão gasto, que usavam para dormir, pois não tinham dinheiro para comprar uma cama como viam na tevê. As histórias eram sobre assombrações, das mais horripilantes do agreste! Dentre elas a que menos gostava em particular era a da Matinta Pereira, uma bruxa maldosa que roubava crianças para usar sua gordura para fazer pomadas. Tinha a habilidade de se transformar na má-sorte emplumada, a Rasga Mortalha. Com o seu pio sinistro, agourava quem cruzasse seu caminho.

Lembrava de tentar dormir sempre que sua mãe contava aquela história.

A terceira e última cena era um misto das duas anteriores.

Uma vez, quando voltava da escolinha com seu irmão, ele foi na frente após empurra-la no chão por pura maldade. Se lembrou do gosto da terra e do sangue na ponta do seu queixo. Não chorou, pois caso seu pai estivesse em casa, choraria em dobro.

A tarde se acabava e estrelas começavam a salpicar o céu. A escuridão vinha cedo, já que apenas lampiões eram acessos sobre as portas, o único tipo de fonte de luz que se encontrava por ali. Se apressou, lembrando da velha bruxa Matinta. Assustada, virava o pescoço para ter certeza que não era seguida por ela.

Foi quando viu uma coruja empoleirada no alto de uma placa quebrada no meio do caminho para sua casa. Seu pio assombrado deu o aviso e o pequeno coração da garota quase parou. Ficou vários minutos estacada, cruzando olhares com o bicho, como se a qualquer movimento pudesse significar que se transformaria na velha horrorosa e a jogaria dentro de um saco. Em certo momento, a ave abriu as asas e lágrimas gorduchas saltaram pelas suas magras bochechas sujas de terra.

A coruja abriu as asas, como se preparando para um abraço e voou. Se tornou uma com o céu noturno.

Voltou para a casa em prantos. Correu até sua mãe, em desespero, falando que iria morrer. A mulher se agachou e acariciou a cabeça da filha, aninhando-a em seu colo gentil. Perguntou o que havia acontecido e então contou sobre o encontro com a bruxa.

A mãe riu e falou que era apenas uma estória para fazer criança levada obedecer, nada aconteceria com ela.

Mas o mau agouro chegou naquela noite como uma sombra sorrateira. Seu pai, transtornado de ter perdido dinheiro no jogo do bicho, chegou mais zangado que o normal. Tanto a filha como seu irmão mais velho se levantaram achando que algo de fora do comum estava acontecendo. Viram a mesa jogada em um canto, quebrada.

Sua mãe, estava no chão ao lado do fogão velho, com os cabelos sobre o rosto. O pai esmurrou o filho por não estar na cama e novamente se voltou contra a mãe, tão forte que a boca da mulher se tornou vermelha. A filha em desespero foi até ela, mas o pai não deixou. Seria a próxima a entrar na linha.

Nunca soube responder se o limite transpassado foi por ter tirado sangue de sua mãe ou a menção de ir para cima de uma menina com tão pouca idade. A mulher, que era bem mais nova que o pai, fruto de um casamento arranjado pelas famílias, deu um basta naquilo tudo. A faca amolada atravessou o homem, mas a menina só percebeu algo errado quando ele tombou no chão, quase em cima dela.

Não se lembrou de muita coisa daquela terceira e última cena, afinal não dava para confiar em memórias. Só soube muito tempo depois do motivo de ter ido morar com a tia. Ela dizia que sua mãe estava em um local onde só gente ruim ficava, igual a gaiola de periquito.

Aquela história empoeirada foi sendo deixada de lado. Ninguém acreditava que o animal era a bruxa e mesmo ela não sabia se o encontro com a criatura fora mesmo na fatídica noite. Só soube que se encontrou novamente com a ave outras vezes, mas nenhuma tragédia voltou a acontecer.

O mito morreu, a cicatriz ficou e a menina cresceu.

Seu irmão se tornou coroinha na paróquia da cidade, onde agora moravam. A notícia correu, porque o moleque era conhecido por ser encapetado e por isso foi encarado como um dos milagres do santo padroeiro da cidade. Mas ela sabia que seu irmão, agora já singrando a adolescência, aprontava aqui e ali. Só era mais cauteloso na hora de ser pego.

Estava também prestes a sair da escola, arrumaria um emprego de atendente e tentaria não ter o mesmo destino de sua mãe que, inclusive, foi solta da prisão tempos depois. Mas só descobrira após ler escondido uma das cartas que sua tia havia recebido.

Seu coração recebeu a notícia com aperto e então veio a frieza daquelas palavras mal escritas. Aquilo a chocou tanto, que nem sequer contou ao seu irmão o conteúdo da correspondência. Trancou para si, na mesma caixinha que todo o restante das suas memórias, esperando que um dia ela se tornasse empoeirada e imprecisa quanto todas as outras.

Capítulo XXV

Quando há promessas para um mundo além

Se arrumava com dedicação, tentando notar cada pedaço de si fora do padrão. Ajeitou o blazer por cima da camisa escura e calçou um tênis esportivo. Atravessou uma nuvem de perfume e agarrou o convite quando terminou de se aprontar. O carro já o esperava lá embaixo quando terminou de descer o elevador. Fantasizou o segurança do saguão de entrada do prédio se surpreendendo com sua presença, já que não saía há dias do apartamento naquele horário. Era de casa pro trabalho, do trabalho para casa. Mas a expressão do funcionário foi do mais absoluto desinteresse.

Desceu os pequenos degraus com animação e se enfiou dentro do carro, que rapidamente deu a partida e o levou para um dos bairros mais chiques da cidade. O lugar onde era o epicentro cultural da alta classe com teatros, cinemas de luxo e casas de show com preços de entrada exorbitantes. Mas diferente do que poderia parecer à primeira vista, não importava o quanto de dinheiro você tinha, o show no qual se encaminhava era dado apenas para convidados de prestígio.

Uma quantidade admirável de pessoas se aglomerava na bilheteria do espaço, que abrigava um suntuoso tapete vermelho pelo piso. Rafael tinha um convite especial e ao mostra-lo aos seguranças foi liberada sua entrada para o espaço de convidados realmente muito importantes. Vendo as poucas pessoas ali, acreditou que os ingressos possuíam o valor definido pela exclusividade.

Era um espaço menor que o esperado, intimista e rústico, quase uma antítese de por onde entraram. O que lhe pareceu estranho era não encontrar muita referência ao ilusionista que se apresentaria como “O Artista Nulo” aquela noite. A única coisa que descobriu é que após fazer shows por toda a Europa, tinha instalado suas cartolas naquela cidade e oferecia esses shows minúsculos para pessoas especiais.

Também tinha o privilégio de saber algo a mais, que o mágico era o integrante mais novo do Protetorado, então imaginou que após receber o convite para compor

a Mão, deveria ter decidido permanecer por ali. A oferta de cancelar apresentações milionárias, frente ao que parecia ser o tedioso cargo de líder da organização, deveria mesmo ter valido a pena.

Após todos os lugares se preencherem, as luzes se apagaram por instantes e um burburinho irritante cresceu. Um fecho de luz de repente surgiu, cortando o palco ao meio. Lá estava Liber Toh de maneira como nunca o viu antes. Vestia um robe perolado largo que se arrastava pelo palco de madeira. Abriu os braços e duas assistentes retiraram gentilmente a vestimenta para dar lugar a um simples homem vestindo uma camisa regata, uma calça verde escura e um cinto discreto. Ele massageou os punhos enquanto andava de um lado ao outro do palco, seguido pelo holofote.

— Existia um ditado na época que comecei minha jornada, que reflete bem o que eu acho sobre a vida — ele parou e mostrou suas mãos nuas. — Alguém que conseguir trabalhar a verdadeira arte do ilusionismo sem mangas pode ser considerado verdadeiramente um mago.

Com um movimento rápido, virou as mãos para a plateia, para mostrar a palma. Com mais um movimento, revelou uma carta de baralho. Foi seguido por aplausos tímidos.

— Isso é claro, era uma provocação aos truques preguiçosos de alguns mágicos baratos que passavam a vida treinando prestidigitação e se esquecendo da verdadeira essência da magia, que é quebrar as regras — ele juntou as palmas da mão e uma infinidade de cartas surgiram de onde havia apenas uma.

Algumas palmas se intensificaram quando as cartas saltaram da mão de Liber Toh, só que ao invés de se espalharem pelo chão, se uniram para formar o que parecia um chicote feito com o carteadado, que ao seu estalar no chão, fez uma luz brilhar milésimos de segundos antes de uma pomba surgir do vazio para alçar voo por sobre a plateia.

— É por isso que sempre escolho o caminho mais difícil — Liber bateu palmas e as luzes do palco se acenderam totalmente. Aquilo assustou a plateia, que não enxergou nada pelos próximos instantes até os olhos se acostumarem com a claridade. No mesmo momento, em um micro espaço de tempo, diversas outras pombas surgiram no palco, como se brotassem do nada, e levantaram voo sincronizadamente, fazendo a plateia se empolgar em um misto de confusão e incredulidade.

A apresentação durou cerca de uma hora, mas ninguém do público viu o tempo passar, com exceção de Rafael. Não porque achou a apresentação chata, mas porque algo ali funcionava mais com as pessoas normais do que ele. Existia magia de verdade funcionando, Rafael só não sabia exatamente como era produzida e onde terminava a ilusão e começava a feitiçaria real.

No final do show, as pessoas levantaram extasiadas e, enquanto batiam palmas, um dos seguranças apontou para Rafael e o chamou. Enquanto o público ia em direção à saída, Rafael entrava em uma porta minúscula ao lado do palco, onde um punhado de pessoas nos bastidores ajeitava os instrumentos da apresentação e os animais usados. Nunca havia estado do outro lado do palco, e não pode deixar de notar que aquilo matava parte do mistério da coisa. Liber Toh o encontrou enquanto Rafael via uma gaiola com pombas ser deslocada por uma das assistentes de palco.

— O que achou da exibição, meu caro? — ele perguntou após um simpático cumprimento, que se transformou em um gesto para que o seguisse.

— Nunca tinha ido a um espetáculo de mágica, achei melhor do que os que via na tevê quando era moleque.

— Um verdadeiro ilusionista não é nada sem sua plateia.

Atravessaram um corredor e chegaram no lugar onde roupas e acessórios eram guardados. Não parecia ter mais ninguém por ali e suas vozes saíam abafadas.

— Queria te fazer uma pergunta — falou Rafael, sem rodeios, enquanto adentravam ainda mais no interior dos bastidores. — Por que daquele púlpito vazio?

— Se refere ao quinto lugar dentre os membros de liderança do Protetorado?

— Uma mão não estaria completa sem um dos dedos — julgou Rafael em tom despretensioso.

— O processo de escolha de um membro da Mão é custoso, deve imaginar o quanto pela forma como eles falam e falam sem parar, não é? — Liber entrou em uma das infinitas araras de roupas e saiu com um enorme casaco de peles. — Ele se desligou pouco depois que entrei, acho que não gostou do convite que recebi quando o membro anterior faleceu. Nunca tive nada contra ele, até acho que tinha

umas ideias interessantes, apesar de antiquadas. O corpo da Mão está avaliando novos convites desde então.

— Tem tantos candidatos assim?

— Mais do que você acha, menos do que eles gostariam. Já se foi a época dourada em que o Protetorado tinha facilidade com alianças com as grandes escolas esotéricas e ordens iniciáticas.

— Entendo — respondeu Rafael com condescendência.

— Mas vamos falar do que me é caro. Você percebeu, não foi? Sobre a apresentação. Ela não tinha apenas truques baratos — Liber acendeu as luzes após chegarem a uma sala, onde um escritório se revelou, cheio de equipamentos e artefatos curiosos. Havia um cheiro cítrico no ar, mas Rafael não soube precisar de onde vinha.

— Não sei direito, mas acho que consegui perceber algo.

— Por favor, espero mais de você do que essa resposta morna.

— Certo. Eu percebi que você usava sua aura nos truques, mas não entendi como, exatamente. Eu não sou um iniciado como vocês, não consigo enxergar os detalhes.

— Iniciado como eu? Me explique melhor isso.

Liber se sentou em uma poltrona confortável de couro avermelhado e logo fez um gesto para Rafael se acomodar em um sofá cheio de almofadas coloridas ao lado de um sextante dourado.

— Ah, você sabe. Uma ordem esotérica, algum parente mago. Coisas nesse sentido.

Liber riu com espontaneidade.

— Pessoas como eu ou você não se iniciam de maneira tradicional.

Rafael não soube o que responder.

— Tinha uma intuição que você talvez tivesse uma percepção melhor do que metade dos mestres que encontrei por aqui. É uma pedra preciosa esperando para ser descoberta, não sei como ainda não caiu na mão de qualquer uma dessas ordens.

Não pôde deixar de perceber que o homem sabia ser agradável, poderia fazer escorrer mel de sua boca, caso quisesse. Desde o início de toda aquela confusão com o Protetorado, apenas ele pareceu razoável frente sua situação.

— Eu não sei se sou o tipo de pessoa que recebe convites assim.

Liber gargalhou.

— Não somos geralmente, mas no fim até eu recebi um convite e hoje faço parte da agência de regulação de meios arcanos dessa região. Eles nos temem porque escolhemos o caminho que queremos.

— Se eles não gostam, porque acha que se interessariam por mim? Porque se interessaram por você?

— Porque nossas escolhas nos tornam poderosos — Liber passou a mão em sua cabeça pelada e então espreguiçou.

— Mas não fiz nenhuma escolha — disse Rafael.

— Você *faz* escolhas, centenas delas a cada momento. O Protetorado não rastrearia quem não tivesse feito.

Quando Rafael se preparou para responder, Liber fez um gesto para que terminasse.

— Só vamos deixar uma coisa bem clara entre nós. Eu não acredito que você tenha cometido crime nenhum. Me contrapus à decisão para que se visse livre e achei a pena pesada demais. Uma série de magistas e feiticeiros se privam de experimentos, que poderiam avançar nosso conhecimento sobre a natureza das coisas, por discussões infrutíferas e ameaças infundadas.

— Não sei se estou entendendo. Se eles não gostam de pessoas como você e aparentemente é recíproco, por que aceitou fazer parte de algo que também não concorda?

— Ora Rafael, isso deveria ser óbvio. Entregando de bandeja meu antagonismo não serviria para nada além de fazê-los se unirem para me destruir. Eu lutei para ser reconhecido, por mais que eles não gostassem, me tornei impossível de ignorar. Mais do que nunca eles precisam de apoio e estabilidade e negar opiniões divergentes só os transformam em vilões, compreende? A Mão me estranha como um de seus dedos e eu a eles da mesma forma, mas ambos tiramos coisas boas dessa relação.

— Deve realmente valer a pena então.

— Vale. Absolutamente tudo. Mas só por enquanto. Farei com que acabem, simples assim.

— Bom, não acho que eles deixariam algo assim acontecer, não me parecem fácil de destruir — respondeu Rafael com ironia.

— Destruir não. Evoluir. Seria uma pena se todo o esforço de unir os grupos magistas fosse obliterado da noite para o dia. Falo em mudança verdadeira e isso só acontece se você for um bom jogador.

— E onde você sugere que eu entre nessa história?

Liber estalou os dedos.

— Você faz uma ideia errada de mim. Você não é uma peça minha, mas um potencial aliado. O Protetorado é formado por um bando de velhos indolentes quanto aos problemas atuais. Sentados com sua indulgência em pilhas e pilhas de burocracia e conservadorismo desnecessário. Somos a força motriz que vai se erguer quando eles se forem. Somos o futuro.

— Eu não quero me envolver mais do que gostaria.

— Mas seria bom ter com quem contar, não é?

Aquela pergunta fez as palavras sumirem da boca de Rafael. Liber era um aliado grande demais para ser ignorado. E pelo brilho malicioso dos olhos daquele arcanista, ele sabia que Rafael avaliou isso.

— A contradição faz parte da alma humana, lutar contra é ceder e se tornar como eles, lá no alto de seus púlpitos — Liber agarrou um bule de porcelana de uma mesinha ao seu lado. — Aceita um pouco de chá?

Aquele objeto nas mãos do magista lhe chamou a atenção desde o começo da conversa, mas não sabia o porquê. O objeto liberava um fino fio de vapor que desaparecia logo após escapar de seu bico. Rafael o encarava discretamente, mas uma luz o atingiu com o fragmento da memória da primeira Ordália.

— Foi você?! Isso, na floresta, com os biscoitos — Rafael arregalou os olhos, sem acreditar como chegou naquela conclusão, mas se deixando levar por seus instintos. — Foi você que quebrou as regras.

— Se sairia bem de qualquer forma, apenas aliviei seu fardo. É bom ter alguém com quem contar, não é? — Liber riu.

— Se eles descobrirem ...

— Você disse que não entendeu a técnica que utilizei no palco, apesar de reconhecer que algo fiz para encantar a plateia. Lidar com as percepções é fácil, difícil é lidar com a magia que lido todos os dias. Afinal, qual a chance de surgir um bule de chá com biscoitos no meio do mato? Eu diria que a resposta é bem próxima a zero. Mas entre, o improvável e o impossível, existe um abismo infinito de diferença. Por exemplo, qual a chance de acertar que tipo de chá você quer tomar?

Rafael continuou sem fala, com a revelação bombardeando sua cabeça. Tentando entender porque um membro da Mão poria em risco sua vaga na organização por um reles acusado. Como fez também para não ser descoberto.

— Você parece impulsivo, assim como eu quando era jovem. Então eu chutaria camomila ou erva doce se fosse um fajuto tentando praticar leitura fria com você, mas nosso amigo Rafael merece mais do que isso. Talvez um chá de boldo para dores estomacais? Ou quem sabe erva cidreira para lembrar da infância com a mãe?

Rafael fincou os dedos nos braços do sofá. Fitou os olhos de Liber com seriedade.

— Existe uma infinidade de sabores de chá — continuou Liber. — Mas só um magista do caos como eu sabe como acertar a baixa probabilidade de você não querer nenhum nesse momento.

Liber abriu o bule e estava completamente seco por dentro. O vapor havia se dissipado. Em seu interior apenas um baralho de cartas. O retirou de lá e começou

a embaralhar.

— Eu disse para você que sou um aliado, não disse? Mas não acho que vá ainda assim confiar em mim...

— Não vou. Mas quero saber se aquela proposta está de pé — Rafael respondeu, encolhido no sofá.

— Bem, com seu conturbado início na magia, já chamou a atenção de ordens que buscam lapida-lo. Você se beneficiaria com um tutor de métodos menos defasados de ensino. Poderia indica-lo, mas não quero passar por cima de seu atual guia.

Rafael achou que poderia manter a conversa sem revelar a notícia, mas talvez não fosse o ideal. Decidiu arriscar.

— Eu não estou mais com Hual.

Apertando os lábios de descontentamento, Liber balançou a cabeça.

— Tive algo a ver com isso?

— Como você disse, as escolhas foram minhas.

— Escute bem, Rafael. Eu sou um fruto do caos, um de seus filhos mais bem presenteados. Nós caoístas acreditamos que coisas como “ordem” são uma vã tentativa de empilhar grãos de areia em uma praia do tamanho do universo. Não é a visão de mundo mais confortável que existe, mas vai garantir que não se decepcione com nada, pois não terá expectativas prévias.

— Imagino que não deve ter pensado assim em vários desses momentos — cutucou Rafael.

— Decerto que não. A estrela de um filho do Caos brilha sempre fora de hora, sem apoio. Somos seres solitários, afinal. Mas antes de trilhar esse caminho, precisa saber o básico para poder decompor o método. Vou te indicar a pessoa mais preparada que conheço para lidar com iniciantes e tenho certeza que ela te achará um prodígio.

— É um caoísta também? — perguntou Rafael, imaginando que estaria envolvido com pessoas com o mesmo jeito extravagante de pensar e falar.

— Todos somos filhos do Caos, segundo nossa visão. Mas na prática talvez estranhe a parceria com seu próximo mestre.

Rafael, que não tinha ninguém, decidiu que era a sua melhor chance de conseguir passar pelas Ordálias.

— Esse não é meu mundo, eu estranho tudo isso.

— Naturalmente. Inconstância está correndo nas nossas veias.

Os dois terminaram a noite tomando vinho e confabulando sobre o futuro.

Capítulo XXVI

Quando há boas vindas

A bocarra do monstro se abriu através da parede em um arco de pedra. Era só impressão, claro, mas não pôde deixar de se surpreender em ver aquela viela parada no tempo surgir quando prestou atenção nela. O chão de paralelepípedo evocava a antiga arquitetura da cidade, que se recusava a ser modernizada.

Observou o cartão com a cabeça de um pássaro que lembrava uma garça e teve certeza que estava no local correto indicado por Liber Toh. Ao mesmo tempo, um abrupto rompante de memória pareceu desembrulhar e revelar parte do passado, desencadeando um *deja vu* poderoso que quase o jogou para trás. Rafael tinha problemas com sua memória, como se cada vez mais enquanto se envolvia com o mundo oculto fosse adicionando peças a um quebra-cabeças incompleto.

Mas aquilo era diferente.

Existia uma energia sutil, que passava por baixo das pedras que formavam o pavimento. Fios que se ligavam em um elaborado sistema energético montado de maneira artificial. Sentiu que foi a presença do cartão, em conjunto com o lugar em que estava, que criaram o resultado perfeito para fazer perceber a entrada. Como se levasse a chave para dentro de uma fechadura.

Em algum outro momento, passando por ali, poderia simplesmente ignorar aquela entrada, ela foi construída para isso. Também parecia ser responsável por apagar parte da memória de quem saía, pois foi só pôr os pés ali para se lembrar de tudo relacionado a Biblioteca de Tot.

Acompanhou o pavimento até chegar a um poste que terminava em uma lamparina, o halo amarelado contagiava a pedra cinza e marcou o início do caminho. Deu-se início a uma cansativa caminhada, entre subidas e descidas, até se aproximar da maior biblioteca que lembrava de ter estado.

Antes de oferecer o cartão com a cabeça do pássaro, Liber explicou tudo o que precisava saber. Trimegis eram magistas tradicionalistas iniciados apenas por familiares ou por indicação restrita, que passavam suas vidas categorizando livros

ultrapassados sobre absolutamente qualquer coisa. Veneravam uma deidade oculta do deserto, Tot, “O Três Vezes Grande”, que deu origem ao deus egípcio Toth. Redescoberto por alquimistas medievais em códices secretos, passaram a guardar todo o conhecimento da humanidade até então... ou bem próximo disso, se excluirmos a autopropaganda.

Parte dos Trimegis, ao chegar ao país, fundaram a Sociedade de Tot e sua colossal biblioteca, onde concentravam os ritos de iniciação e consagração, além de se tornar o centro dos estudos.

Estavam ao redor do mundo, catando livros a torto e a direito, trocando influência entre outras ordens místicas. Ganharam força e adaptaram sua visão de mundo ao positivismo do Século XX.

Em resumo: para Liber, era um bando de velhos chatos sentados em um legado que mais atrapalhava que ajudava, mas que segundo ele também, poderia ser uma excelente porta de entrada para diversos materiais de estudos ocultos.

Quando abriu a porta de madeira, que brotava na pedra bruta, com a cabeça de garça gravada, abaixou-se e tomou cuidado com o degrau da porta para entrar. O nível do chão no interior era de pelo menos um metrô de diferença do pavimento do lado de fora.

Chegou no pequeno saguão de espera, onde segundo instruções deveria esperar o convite formal.

Sentou-se em uma daquelas poltronas confortáveis e agarrou um dos livros que estavam ali. Um manuscrito copiado sobre línguas míticas de outros países. Matou seu tempo até surgir um homem baixinho com jaqueta apertada e calças cáqui, que atravessou uma outra porta e o encarou com seus óculos de tartaruga.

Uma figura atípica, que parecia combinar de alguma forma com o ambiente na qual estava. Eder se apresentou como trimegis e membro da Sociedade.

Rafael o acompanhou por corredores escuros e sinuosos, com paredes de rochas alongadas bem polidas, iluminado com lâmpadas estranhas que emitiam uma luz clara, bem fraca. Eder tirou um molho de chaves do bolso enquanto se aproximavam de uma porta de metal, que revelou seus segredos após se abrir com um terrível som.

Uma pitada de desconfiança pairou no ar, quando Rafael perguntou para onde iam e não obteve resposta. O ar mudou, como se aos poucos fosse sendo dragado para dentro do interior da terra. Era quente, seco e cada vez mais apertado. Escutou ao fundo um som que mais parecia um distante órgão de igreja, mas que aos poucos foi ficando mais intenso e parecia ressoar pela pedra bruta. Percebeu, em certo ponto, que não era entoado por um instrumento, mas por gargantas humanas. Agora mais claro, lembrava um canto gregoriano.

A penumbra o engoliu aos poucos, com lâmpadas cada vez mais esparsas até se tornarem inexistentes. Quando a escuridão chegou, já estava tão acostumado com a ausência de luz que mal se tocou. Teve a sensação de ter passado de um corredor para um salão, mas não soube precisar se era real ou coisa da sua cabeça sem o seu sentido da visão.

Seguia os passos de Eder agora pelo som, mas o canto monocórdico se tornou tão alto que não fazia mais sentido continuar andando sem saber se deveria. Não sabia mais se os cantores estavam a frente ou atrás, apenas sabia que as vozes vinham de todos os lados. Como se toda a estrutura do lugar fosse feita para confundi-lo.

Rafael não sentiu medo por ser corajoso, por perceber que não existiam intenções agressivas. Pelo contrário, nunca viu auras tão límpidas e calmas como aquelas. De alguma forma aquelas pessoas domavam a energia que saía por seus poros, que formavam um véu transparente de aspecto efêmero. As vozes ressoavam com as auras, como as mãos de um escultor domavam o barro.

Estacionado ali, suas roupas foram retiradas com gentileza por mãos surgidas do nada e ele não resistiu.

As vozes pararam e um fedor de animal golpeou suas narinas. Um balido cortou o silêncio, como se um carneiro se aproximasse dele. Primeiro à direita, logo depois à esquerda.

Rafael continuou impávido. Não havia aura de animal ou criatura, apenas fazia parte do teatro. Não ousou quebrar o embuste.

— *Domine non sum dignus* — um deles entoou. — Domine, non sum dignus, ut intress sub tectum meum: *Sed tantum dic verbo, et sanabitur anima mea. Illúmina.*

— *Illúmina* — o restante respondeu.

Algo passou por Rafael como uma corrente elétrica. Olhou para suas mãos, mesmo não conseguindo enxergá-la. Percebeu sua aura fraca reproduzindo a mesma vibração da restante. Não era como se escolhesse fazer aquilo conscientemente, mas algo ali o cercava. Algo antigo e poderoso.

— Você recebeu a primeira chave, Rafael Branco. Seja bem-vindo a Ordem Esotérica Positivista de Tot.

— *Illúmina!* — saudou o restante.



Rafael não pode mentir, tudo o que vinha de Hual dependia de intuição e interpretação de conceitos abstratos, mas foi nos livros apresentados por Eder que Rafael entendeu que sua paixão estava ali. Inicialmente com linguagem críptica, bem chata de ser interpretada, mas aos poucos foi explorando livros básicos que fizeram o mundano se lembrar dos tempos de faculdade. Não que lesse muitos grimórios lá, mas estudar literatura comparada e brincar de tradução com latim ou alemão arcaico era de certa forma nostálgico.

Eder era didático e paciente, costumava ser o mestre de primeira linha de aprendizes da ordem. Se impressionou pelo pouco histórico de Rafael com aquilo, geralmente lidando apenas com os filhos de iniciados, que já entravam em uma rotina de horas de estudo anos antes adentrarem à Sociedade.

Todos os neófitos, assim como ele, recebiam o que eles chamavam de primeira chave. Eram sete ao todo, e a primeira lhe garantia um ensinamento digno de qualquer iniciado da ordem. Poderia se considerar um trimegis completo apenas após o recebimento da terceira chave, por enquanto era apenas alguém com a carteirinha da Biblioteca.

Geralmente o ritual de iniciação não era tão rápido, mas Liber parecia ter bastante influencia a ponto de Rafael poder pular algumas etapas como entrevistas, rituais básicos, regras de etiqueta e vestimenta, ética biblioteconômica e alguns signos que identificavam quando estava diante de membros da Sociedade no mundo profano.

O que lhe era confuso, agora começava a fazer sentido.

O primeiro livro apresentado a ele foi o Guia da História Oculta, que depois veio a descobrir que era um calhamaço com teorias da conspiração, algumas refutáveis,

outras estranhamente fascinantes. Foi onde aprendeu os primeiros conceitos do Limiar, a fina película imaginária que separava os homens das bestas. No caso, os magistas dos profanos, como eram chamados os não iniciados em práticas mágicas.

Esse Limiar não era como um conceito físico de passar para outro lugar, como uma região extraplanar, era mais um estado mental de percepção que Rafael finalmente conseguiu começar a compreender, apesar de ainda ser complexo de se colocar em palavras.

Outra coisa que descobriu foi que consenso era pouco. Alguns diziam que o Limiar era algo criado deliberadamente por uma entidade primordial criadora, outros que fazia parte da evolução humana conforme tentava se defender de uma realidade destrutiva. Outros, mais polêmicos e extremistas, que apenas poucos indivíduos escolhidos — poder conferido a ordens místicas como aquela — poderiam ser selecionados como os verdadeiramente capazes, separando os potenciais de um restante que pouco faria pela humanidade.

Rafael aprendeu aí que parte do que estudava possuía contornos políticos bem claros e que visões de mundos eram definidas também pela maneira como se portava na sociedade magista.

Após aprender esse básico, constatou que os bruxos tinham conhecimento — e inclusive mantinham contato — com criaturas místicas que só achou que existisse em lendas, até conhecer Cal.

Demônios inclusive não eram contatos incomuns, apenas pouco aconselháveis para marujos de primeira viagem no estudo do ocultismo contemporâneo. Assim era com encantados, anjos e outras criaturas de folclores diversos.

Em dado momento, Rafael perguntou para Eder, enquanto estudavam em um dos tabernáculos disponíveis para leitura, se era comum o magista encontrar esses tipos de entidades. Ele respondeu que sim, mas que eram de difícil acesso e muitas vezes essas criaturas não podiam ser vistas, às vezes nem ouvidas, na maioria das vezes apenas sentidas e intuídas. Pensar que ele, que nem ao menos tinha acesso àquilo, poderia fazer facilmente coisas que mesmo os melhores magos tinham certa dificuldade o assustou. Preferiu manter em segredo seu contrato com Cal e todo seu histórico.

A biblioteca cedia aos seus membros barras de proteína com gosto de sapato velho, para que suas jornadas de horas a fio enfiados em livros não fossem interrompidas

para coisas pequenas tipo fome. Já água era abundante, apesar do gosto estranho de ervas, os bebedouros eram alimentados por canos escondidos atrás das paredes.

Rafael supôs que a próxima Ordália aconteceria nos próximos dias, contabilizando o espaço entre as duas últimas. Por isso tinha menos de três semanas para absorver a maior quantidade de informação que podia, para ter mais chances de evitar uma falha.

Enquanto tentava usar um compasso para recriar um símbolo em um momento de procrastinação, se assustou com um vulto preto passando pelo seu ombro. A coisa batia as asas compridas e emitia um guincho estridente. O grito se tornou mais baixo quando agarrou o braço de seu novo mestre.

Eder ajustou os óculos por cima do nariz e se esforçou para conseguir enxergar o animal com sua vista cansada. O morcego se pendurou no colete do homem e começou a escalar até seu pescoço. Gentilmente, ele o agarrou entre as mãos e o bicho, ofegante, ficou mais tranquilo.

— Isso aí não transmite raiva, não? — questionou Rafael grudado na parede, tentando não se mostrar apavorado.

— Só quando aparece em horas inoportunas — Eder soltou uma risadinha. — É apenas um familiar. Me ajuda a transmitir mensagens e fica de olho quando estou me aventurando onde não devia.

— Pensei que essas coisas fossem cegas.

— Mais respeito ao se referir ao Adamastor — censurou. — Morcegos não são cegos, pelo contrário, a realidade é que essa espécie enxerga muitas vezes melhor que qualquer um de nós — ele fez um carinho no queixo da criatura, que deu guinchos mais longos e baixos. — É deveras útil quando temos problemas com a iluminação.

— Ele lê os livros para você também?

Eder soltou uma gostosa gargalhada enquanto segurava a barriga.

— Não seja tacanho, após um ritual você se liga a um animal e terão para sempre algumas características compartilhadas. Cada um se aproveitando de um elemento da sua contraparte. Eu tenho sentidos mais apurados, enquanto ele regozija de

inteligência superior aos seus semelhantes. Claro que também faz um serviço pra mim aqui ou acolá, em troca de comida e bons tratos.

— Eu posso fazer algo assim?

— Fazer serviço pra mim em troca de comida e bons tratos? Se quiser, sim.

— Não, tô falando sério!

Os olhos de Rafael brilharam como uma criança em dia de natal.

— Conjuração familiar não é um ritual simples de se fazer, mas está longe de ser o mais difícil. Podemos tentar realiza-lo em breve se você se dedicar bem.

— E eu posso escolher qualquer animal?

— Já ouvi histórias de xamãs que possuíam formigueiros inteiros como familiar. Mas para um novato eu recomendaria algo pequeno e com personalidade dócil. Temos uma área para familiares e animais de uso exclusivo da biblioteca.

— Se não se importarem de me emprestar um.

— Fique tranquilo com relação a isso. Neófito meu não passa vontade se dedicação for seu forte.

Foi enquanto estava pegando os primeiros tomos de historiografia oculta que um livro preto caiu de uma das prateleiras do tabernáculo.

Rafael segurou o livro nas mãos, sentiu a capa de couro que não possuía nenhum título, abriu as páginas amarelas e ele se revelou.

“Manual de travessia do abismo. Primeiros passos.”

Antes de abrir as primeiras páginas, porém, Eder puxou os livros da sua mão.

— Esse material não é pra iniciantes, não gosto de fazer isso, mas é perigoso para você.

— Eu não tive a intenção, desculpe.

— Fique tranquilo, só não... — já ia dando um sermão, quando Rafael interpelou.

— O que é o abismo? É tipo o inferno?

— E é por isso que não deveria ter visto — Eder massageou a têmpora. — Olha, é assunto apenas para a quarta chave, a que estou tentando no momento, por isso tire isso da cabeça. Abismo é uma palavra que pode significar coisas diferentes, mas tem a mesma origem. Pode ser como alguns chamam o Inferno, certamente, mas também é sobre uma parte obscura que vive dentro do próprio Magista. É extremamente perigoso lidar com isso, devo salientar.

— Se isso é tão barra pesada, porque alguém decidiria atravessa-lo?

— Todos os seres humanos têm um abismo dentro de si, alguns optam por enfrentá-lo, outros escondê-lo. Nele habita um único demônio, que o nome não me atrevo a mencionar em voz alta. É preciso enfrentá-lo algum dia para se tornar um mestre dos sortilégios — Eder pareceu terminar, mas decidiu pontuar, por via das dúvidas — dizem.

— Não entendi bem, todo mundo tem, mas só um demônio vive lá.

— Bem, a não ser se você for um gênio de demonologia contemporânea, não acredito que vá resolver um debate de décadas se debruçando nisso agora. Vamos começar pelo básico.

A pretensão de Rafael de passar uma semana inteira por ali foi por água abaixo, quando sua secretária o encontrou enquanto saía com Eder para dar uma volta do lado de fora. Ela o esperava embaixo do arco de entrada para aquela rua escondida. A brincadeira acabou quando ela falou que um dos membros do conselho vendeu parte de suas ações e se destituiu do grupo. Rafael se despediu de seu novo mestre e entrou no carro com Mariana até a empresa.

— Porque você não me contou que isso ia acontecer?

— Se ao menos você atendesse alguma ligação ia ficar sabendo com pelo menos uma semana de antecedência.

Olhou atravessado para ela. Puxou seu celular do bolso e fez uma ligação para Gabriel, todo preocupado, mas o rapaz o atendeu com um sossego inesperado na voz.

— Quando ficou de dia? — perguntou Rafael a sua secretária após terminar a chamada. Ela não entendeu a pergunta e decidiu que talvez fosse uma piada. Mas

para Rafael, não era.

Se encontrou com Gabriel em um restaurante ao lado da empresa. Dispensou Mariana e os dois almoçaram juntos antes de irem para o escritório apagar aquele fogo.

“Como poderia ser tão desleixado?”, pensou. Após se prender dentro de casa, passar pela confusão no subterrâneo da cidade, pela segunda Ordália. A empresa foi ficando para escanteio e ele mal havia percebido. Ou, talvez, era o que achava.

Gabriel era bom em acalmar os ânimos, sabia, mas mesmo ele não conseguiu tirar da cabeça de Rafael que ele precisava fazer alguma coisa para estabilizar o grupo conselho. É claro que depois de seu sumiço haviam perdido total confiança de sua liderança. Assim como Gabriel, todos eles tinham uma porcentagem pequena da empresa, mas Rafael havia se tornado o gargalo de todo o mecanismo, como seu pai era antes dele.

Mas se tinha algo que Rafael não era, era seu pai.

Em dado momento, enquanto remexia o prato de macarrão entre os talheres, pediu licença e foi ao banheiro. Apressado, quase esbarrou em um garçom que trazia uma bandeja de escondidinho enquanto saía da cozinha. Rafael se desculpou e foi afoito até a toalete. Agradeceu ser um banheiro unitário, trancou a porta e abriu a torneira.

Encarou a si mesmo enquanto lavava o rosto. Achou estranha uma bolsa inchada abaixo dos olhos e a apertou temendo ser alguma alergia. A pele se desprende com o toque, como se fosse tecido necrosado. Apavorado, tirou a mão, mas a pele prendeu na ponta de seus dedos e se rasgou com o movimento. Dois olhos a mais saltaram abaixo do único que deveria estar ali, enquanto uma pele escura e apodrecida jazia pendurada em seu rosto.

Rafael viu os olhos da besta o encarando dentro de si.

A única coisa que as pessoas disseram quando saiu do banheiro era que antes de desmaiar ele gritava sobre uma “terceira Ordália”.

Capítulo XXVII

Quando há um adeus

Seus sonhos se convergiam para aquele local familiar.

Não que fossem realmente sonhos, já que descobriu com certa clareza que eram viagens intermitentes através do plano astral, mas não havia se acostumado ainda com a ideia.

O lugar em si era de um vazio existencial sufocante, com um fundo pálido infinito que ia para todos os lados. Ainda tinha certa dificuldade em descobrir o que era construção mental ou viagem astral, mas teve certeza quando viu modificações naquele ambiente que o diferenciava da realidade objetiva.

Sua principal característica era que poderia modificá-lo e criar uma espécie de depósito para pensamento e ações, quase como um momento de transição entre uma fase e outra de algum jogo de computador. Só que ao invés de usar aquele momento para pegar uma água ou espreguiçar na cadeira à frente do monitor, poderia usar para analisar a situação do seu dia-a-dia e vasculhar locais cada vez mais obscuros de sua mente.

Pensava e logo um objeto ou forma se materializava a sua frente. Por isso decidiu iniciar a construção, do que viria a ser o seu templo astral, como se juntasse tijolo por tijolo.

Rafael acordou no hospital e descobriu que um dia inteiro havia se passado. Abriu os olhos assustado, quando o médico e mais um homem o ajudaram a se acalmar. E lá se foi alguns minutos de repreensão do profissional da saúde, o explicando que seu nível de pressão arterial subiu, que estava próximo de uma exaustão mental e que havia suspeita de um princípio de anemia.

O deixou sozinho dizendo que em breve a enfermeira traria uma bandeja de comida especialmente preparada para ele.

Escutou tudo aquilo alheio a tudo.

Ficou admirado com um quarto de hospital tão grande e limpo. Observou as janelas, onde observava os prédios da cidade.

Mal se lembrava do que estava fazendo antes do blecaute.

— Você assustou seu amigo, Rafael — escutou a voz familiar. Era como se lembrava, calma e segura. O seu psicanalista se levantou e fechou parcialmente as persianas. — Muita luz após um ataque desses não é recomendado, se me permite.

Fez um gesto de que não se importava e virou o rosto, tentando dormir. Mas aquilo não o fez dormir, nem sequer fez o homem desaparecer.

— Eu queria a oportunidade de conversar com você mais uma vez antes de voltar para o seu escritório.

— Estou aqui, podemos conversar.

— Você está se recuperando, não é um bom momento. Venha para mais uma consulta quando for liberado, acho que vai fazer bem para o senhor.

— Como sabia que eu estava aqui? — Rafael questionou.

— Foi o seu amigo que ligou. Gabriel, o nome dele, não é? Sujeito simpático. Lembra que eu sempre recomendo que você deixe o meu contato com alguém próximo?

— É verdade.

O homem abriu parte da persiana com os dedos, uma pequena fresta para si e observou a vida acontecer do outro lado do vidro.

— Subestimamos a coisa lá fora. Não há mais animais nos caçando, isso nos dá a falsa impressão que nossos problemas são menores do que realmente são.

“Diga por você”, pensou Rafael.

— Por isso tenho uns amigos que gostam de largar tudo vez ou outra para se recuperar e tirar um pouco da toxicidade que corre em nossas veias. Vou deixar esse cartão com você — ele tirou um cartão do paletó e colocou no bolso da calça pendurada em uma cadeira próxima.

— É algum retiro espiritual por acaso? — Rafael tentou se levantar, mas seu corpo estava dolorido. Com dificuldade, conseguiu se sentar.

O médico riu, pela primeira vez.

— Lembra quando você me procurou pela primeira vez e minha secretária disse que estava atendendo em uma clínica e que ficaria fora algumas semanas? Às vezes vou para lá, serve pra mim, serve para os pacientes. Fica no entorno da cidade, um pouco difícil de achar, mas quem disse que isso é um problema? Se quiser passar uns dias lá com a gente, podemos conversar. Mas claro, a decisão é sua.

O susto de que poderia estar finalmente na terceira Ordália foi grande, mas a culpa não era dele depois de tudo o que já havia passado. Talvez estivesse precisando mesmo de uns dias de descanso de tudo aquilo, mas não poderia fazê-lo até finalmente terminar o processo com o Protetorado. E não antes de resolver as pendências com relação à empresa.

No final da manhã seguinte Rafael recebeu alta, mais por insistência dele que por recomendação médica. Foi sugerido de ficar o restante da semana em casa. Mas não foi isso que fez. Pegou um táxi do hospital para a empresa, mandou mensagem avisando Gabriel, que o recebeu com uma expressão de preocupação que nunca vira na cara do sujeito. Rafael disse que estava bem e que finalmente havia tomado uma decisão. Contou para Gabriel enquanto subiam o elevador até a sala de reunião do conselho.

Rafael lembrava que, por aquele horário, deveriam estar sentando para mais uma reunião sobre gastos do último trimestre. Se conhecia bem o grupo, sabia que provavelmente estavam usando os minutos iniciais para tomar café e conversar amenidades. Pegaria todos ali presentes para o anúncio.

Gabriel apertou o botão de emergência do painel. As luzes piscaram algumas vezes e o elevador deu um solavanco, parando logo em seguida entre os andares.

— Tem certeza disso? — Gabriel inquiriu incrédulo. E aquela expressão de assombro o acompanharia por toda a tarde.

Com a sala de reunião invadida, todos os membros do conselho ficaram aturdidos com a entrada do rapaz. Educado como foi ensinado, pediu licença pelo assunto de importância e então tomou a reunião.

O impasse era claro. Liberar finalmente os cortes de gastos e demissões para agradar o conselho ou ceder o comando da empresa para não ser ele a tomar essa decisão. Sem isso provavelmente perderia mais membros do conselho diretor, que acarretaria até em baixa de preço das ações no mercado e cortes talvez mais profundos para evitar uma provável falência se tudo continuasse como estava.

O celular de Rafael começou a tocar como louco, mas ele o ignorou e desligou.

Anunciou, por fim, que venderia quarenta por cento de suas ações e entregaria para quem quisesse comprar. Com isso, ele ficaria com menos da metade e não seria mais responsável por nada. Rafael estaria deixando o controle da empresa para sempre.

Estampado na cara dos membros do conselho, aquilo caiu como uma bomba. Acreditou que todos eles acreditavam na liberação dos cortes. Era o que GG provavelmente faria em uma situação dessas, imaginou, mas ele não era seu pai, também não era quem os membros do conselho esperavam que fosse. Talvez alguns ali até acreditassem que o filho birrento do dono afundasse a empresa independente das consequências, só por orgulho.

A papelada seria acelerada, pois Rafael não queria mais saber de nada daquilo, mas demoraria alguns dias até tudo se acertar burocraticamente. Enquanto saiam, Rafael sentiu uma fraqueza repentina e quase caiu, mas Gabriel o ajudou a se equilibrar.

— Eu pensei naquilo que você me falou — revelou Rafael, em um cochicho. — Sobre ser maior do que a gente é capaz de ser. Você acha que agora eu estou pronto?

— Está mais que pronto, meu amigo. Sem amarras, o mundo vai ser nosso — um sorriso de satisfação surgiu na boca de Gabriel. — Mas antes preciso que você conheça algumas pessoas.

Rafael chegou em sua própria sala e teve a impressão que alguém estava de frente para a janela, mas era só a luz do entardecer, o cegando daquele ângulo. Gabriel entrou logo depois e Rafael ofereceu uma bebida. Aceitou. Os dois conversaram sobre o futuro.

— Desembucha de uma vez. Quem são eles?

— Meu pai os conheceu pouco antes de morrer e logo depois recebi um convite formal. Uma organização, sem fins lucrativos, cheio de gente como nós.

— Tipo uma sociedade secreta?

— Uma sociedade discreta, talvez. Eles têm registro e se você procurar bem pode achá-los, mas só a gente que participa das reuniões sabe o que acontece. São empresários, artistas e políticos interessados na mudança da sociedade para algo melhor.

— Mas você sente firmeza nisso? Acha que é algo sério ou um grupo feito pra tomar chá?

Os olhos de Gabriel brilharam enquanto falava.

— Eles são as pessoas mais incríveis que já conheci, eu não posso revelar muito agora, você precisa ver com seus próprios olhos. É um pouco assustador no começo, mas tudo o que eu vi e senti. Foi algo que me tocou.

— Você acha que vão gostar de mim?

— Gostar? Eles estão de olho em você desde o começo. Mas você precisava mostrar que não tem apego a coisas desnecessárias — Gabriel se levantou, batendo o copo vazio na mesa. — Eu vou agora falar com meu tutor, tem um encontro na próxima quinzena e eu acredito que podemos te encaixar lá.

Após a saída do sujeito, Rafael encheu seu copo mais algumas vezes. Um grande alívio saiu de seu peito, mas um grande buraco parecia estar aberto como uma criança que acabou de perder um dente de leite. A garrafa se esvaziou, mas a sensação permaneceu, por isso foi pegar outra garrafa em uma cristaleira. Ouviu a porta bater e Mariana entrou, com um suspiro de alívio, ela parecia estar feliz em encontrar Rafael em sua mesa.

Achou que o suspiro fosse por finalmente se livrar de seu chefe, mas ela não sabia ainda da decisão. A notícia não havia corrido. Também pudera, caso acontecesse as ações da empresa provavelmente sofreriam uma queda. Tudo deveria ser controlado pela comunicação interna até quando desse.

— Você fez o quê?! — pega de surpresa, ela se sentou na cadeira a sua frente, encheu o copo vazio de Gabriel e deu uma talagada.

Os dois compartilharam um silêncio sepulcral que foi acompanhado pelo fim da jornada do sol até se esconder no alto dos prédios. Nenhum deles se moveu para acender as luzes e as sombras tomaram conta do lugar, até um ponto que o rosto de Rafael desapareceu.

— Não entendi a surpresa — revelou Rafael.

Ela continuou em silêncio.

— É fingimento ou você se importa mesmo? — ele perguntou.

Mariana encostou na cadeira com o copo entre os dedos.

— Não te culpo por me tratar assim. Na verdade, já tive reações piores quando as pessoas descobrem que sou agente integral do Protetorado.

— Eu me culpo. Eu não queria... desculpe — desabafou Rafael.

A mulher sorriu desconcertada.

— A gente, quando recebe o treinamento, está preparado para tudo, menos para um pedido de desculpas. Inclusive a não se afeiçoar. Sou relativamente nova no meio, mas já vi muita gente investigada perder tudo o que conseguiu porque usou de magia para enganar clientes. Já vi quem tenha sido preso por acobertar um caso de tráfico de entidades extraplanares. O meu último caso envolvia agência de publicidade colocando o que não devia nos anúncios de televisão. Todos eles mereceram o que receberam.

— Você acha que eu mereço também?

— Meu trabalho não é julgar, mas não dá pra negar que eu fico satisfeita em ver algum canalha rodando na nossa mão. Geralmente incriminamos pessoas para a justiça comum e avisamos que estamos de olho, pessoalmente eu nunca peguei um caso que precisou de uma Ordália.

— Não respondeu minha pergunta.

— Faz diferença se te acho culpado ou não? — perguntou Mariana séria.

— Não — Rafael virou o rosto. — Não tem medo que eu esteja gravando isso e que libere para os jornais que existe um grupo de pessoas que faz justiça com as

próprias mãos por motivos metafísicos?

— Estudamos bastante o perfil dos investigados, você não é do tipo que faria isso. Além de que, mesmo se vazasse algo, temos os meios para lidar com isso.

Contrainformação geralmente resolve, criamos ruído com notícias incomuns e escândalos barulhentos que engolem qualquer rumor desses com facilidade. Em último caso, podemos tirar do ar, temos força para isso.

— Imagino que é só pagar um maluco conspirólogo para fazer todo o restante das pessoas desacreditarmos na informação — Rafael riu melancólico. — É deprimente sermos tão manipuláveis.

— Pode achar isso, mas eu prefiro pensar que eles só estão dormindo. Só cuidamos do sono deles.

— É nisso que acredita? Eu prefiro achar que são vocês que os mantêm dormindo.

— Podemos fazer muita coisa, mas não teríamos poder para isso — ela gesticulou, tratando o assunto como bobagem. — Você é um de nós, o que acha de sair daqui contando pra todo mundo que magia existe?

— Alguns podem acreditar.

— E teremos o caos, mais e mais pessoas sem restrição estudando e praticando o que não deve, sem um mentor ou tradição que as...

— Controle? Mas quem deu esse direito pra vocês? — um tapa na mesa saiu mais forte que o planejado, mas Rafael não se importou.

— Cospe “vocês isso” e “vocês aquilo”, mas não entende nada do que somos — retrucou aborrecida. — Até que daria um ótimo membro do Protetorado, diferente do que você acha não concordamos sempre com o que fazemos na prática, alguns menos conservadores tentam implementar projetos de despertar a população aos poucos para a magia, mas são células com pouca força.

— Quem sabe eu não me inscrevo ou faço algum concurso pra ser selecionado no próximo ano? Acho que posso aprender o que você faz — ironizou.

— Só outros membros indicam aprendizes, geralmente são sacerdotes iniciantes ou filhos de membros confiáveis da sociedade mágica. Pega bem no currículo ficar alguns anos prendendo magistas criminosos e afastando demônios.

Rafael não se convenceu.

— E quem garante que não vão agir por arbitrariedade? Quem vai proteger as pessoas de vocês?

— O novo código foi anexado aos tópicos originais que regulam os limites da organização. A última cláusula se refere a um mecanismo de autopreservação caso tudo saia do controle. O Martelo das Feiticeiras.

— Porque tá me contando tudo isso?

— Porque estou bêbada, trouxe — ela riu.

— Não existe magia para limpar o álcool do sangue?

Mariana pôs a língua para fora e a puxou, com o toque do dedo um símbolo complexo brilhou com um tom lilás.

— Destila o álcool da bebida e faz ele evaporar antes de descer a garganta. Não podemos nos alcoolizar em missão, por mais que tenhamos que confraternizar em festas e nos misturar. Mas desativei esse selo — ela deixou o copo sobre a mesa. — Eu estou comemorando o fim de uma missão, já que não faz mais sentido continuar aqui agora que estará fora da empresa. Ao mesmo tempo, como disse: a prática costuma ser diferente de como deveríamos agir.

— Acho que você é a única amiga que me restou.

— Meu cargo me impede de concordar, mas vou concordar mesmo assim.

— Pode me responder duas coisas antes de sairmos daqui?

Mariana balançou a cabeça positivamente.

— Você consegue ver fantasmas?

Ela estranhou a pergunta.

— Tem algum aqui com a gente? — Rafael perguntou e não conseguiria falar mais nada, pois as lágrimas desceram sem pudor de seu rosto.

Mariana respondeu que não havia nada. Mesmo com o mundano tendo certeza que um homem alto, de suspensório e cabeleira prateada estava ali com eles.

Capítulo XXVIII

Quando há selos e feitiços

A grande biblioteca de Tot não discriminava qual tipo de obras adquiria. Poderia ser por doadores com bibliotecas pessoais, livros raros achados em expedições secretas, comprados de sebos pela cidade ou conseguidos por leilões ocultos. Desde livros didáticos infantis, passando por todos os jornais que já foram publicados e indo até os tomos mais raros já encontrados.

Os livros mais disputados no geral ou eram preciosidades muito raras que haviam sido descobertas há pouco ou material básico para neófitos de primeira viagem.

E quando questionado, Eder não pareceu entender. “Xerox” ou “digitalização” eram palavras banidas daquela biblioteca. Toda a informação deveria ser controlada pelas cabeças trimegis que comandavam a Sociedade. Até mesmo quando havia pesquisa de referências para a elaboração de um “tratado”, as informações só poderiam ser copiadas a mão e o resultado da pesquisa geraria um tomo para complementar as informações contidas no lugar. E claro, nunca poderiam sair.

Esses tratados eram a forma de pagamento pela “carteirinha da biblioteca”. Um membro da Sociedade deveria de tempos em tempos fazer um estudo e revelar algo novo, ou um ponto de vista diferente, de algum assunto tratado daquele conteúdo.

Eram tão obcecados com o controle da informação que existiam mecanismos para apagar a memória do conteúdo lido ao sair da instituição, sendo ele retomado ao voltar. Garantindo que a informação permanecesse incólume. Tudo em prol da evolução da própria Sociedade, nunca egoísta e pessoal. Esse mecanismo era retirado após o recebimento da terceira chave, quando o neófito era consagrado trimegis, podendo andar livremente com o conhecimento em suas cabeças do lado de fora da grande biblioteca.

O que era uma desvantagem tremenda caso alguém que não quisesse avançar com pesquisas pelo bem trimegis tentasse uma carteirinha, era teoricamente impossível tirar qualquer informação de lá sem passar por duras provações.

É claro que na prática as coisas eram bem diferentes.

Magistas possuíam linhas de pesquisa pessoais que mantinham em escritórios secretos e livros cifrados, então aquele pomo dourado do meio da cidade era do interesse de muitos, cheio de succulentas informações lendárias. Por isso, existiam formas de burlar a burocracia daquele sistema mesmo para neófitos como ele.

Liber não tinha nenhum apreço pelos trimegis, como enxergavam o mundo ou sua ideologia controladora e ordeira. Por isso, apesar de ter aliados dentro da instituição, sabia de alguns truques para sair de lá com algo a mais, sem ser pego.

Rafael se aproveitaria disso para estudar em casa, fazendo tráfico de informação. Mesmo Eder sendo aliado de Liber, não sabia se seria confiável. Parecia tão caxias quanto as regras que achou melhor não arriscar.

Não acharia ético fazer aquilo, mas era menos ainda um grupo de pessoas que mexia na sua cabeça toda a vez que pisava para fora daquela biblioteca. Então achou uma troca justa.

Para fazer esse pulo do gato foi necessário se tornar iniciado e começar a pegar livros sobre uma técnica bastante utilizada no universo arcano. Por isso deixou a entender que gostaria de trabalhar com formas mais pragmáticas e engenhosas de magia. Eder sabiamente o apresentou à técnica.

O primeiro passo era aprender a utilizá-la.

Selos eram uma das formas mais primitivas de alteração de realidade já conhecidas pelo homem. Feitas em paredes de cavernas, mais complexas que sinais que poderiam denotar letras e mais simples que desenhos, era o elo perdido de comunicação dos antepassados com o outro lado do Limiar. Uma forma de transformar desejos e vontades em uma equação.

É claro que selos rupestres quase nada tinham a ver com os selos utilizados por magistas contemporâneos, já que essa arte foi desenvolvida e aprimorada para os dias atuais através de milênios de estudos secretos. Tornaram-se equações requintadas para fazer alterações na realidade utilizando o máximo do conhecimento agregado, com o mínimo de energia e esforço.

Primeiro, se estudavam símbolos simples como códigos que representavam a síntese da realidade a ser alcançada, se essa representação fosse bem aplicada, fazia

com que uma energia sutil funcionasse de gatilho para afetar a realidade como em uma reação em cadeia de dominós.

Descobriu que até com exercícios básicos, aquela paraciência era mais complicada do que parecia. Sentia-se cansado toda a vez que terminava dois ou três exercícios e Eder explicou que o uso de selos requeria uma certa sofisticação para evitar perda de energia.

Mas não havia entendido o conceito direito, achou que seu cansaço seria minimizado se acelerasse as técnicas e começasse a aprimorá-las do seu jeito, fazendo certas modificações nos selos simplórios apresentados nos livros. Se apenas conseguia ativar poucos selos, então partiria para mais complexos já que não tinha mais tempo com a Ordália se aproximando.

Copiou o selo de desacelerar o metabolismo de certos tipos de alimentos, para fazer com que as pausas para refeições fossem mais espaçadas, e misturou para o de reaproveitamento de líquidos do corpo para situações extremas, como em regiões áridas. Isso foi feito no momento em que Eder saiu do tabernáculo privado para pegar um café e Rafael, evitando ser censurado pela pressa, pretendia mostrar um resultado satisfatório para provar que poderia passar para os livros mais complexos.

Após desenhar o selo em seu antebraço, aplicou uma pequena parte de sua aura para fazer a ativação. Sentiu o formigamento natural que a técnica causava, mas logo percebeu que algo deu errado. Sua aura começou a ser absorvida pelo selo, primeiro como uma esponja seca faria em uma superfície molhada e não obstante, o processo de fornecimento começou a acelerar e não parou mais. Sua pressão abaixou e não sabia se era um fenômeno causado pela aura sendo quase completamente ceifada ou se de alguma forma o selo desarranjou algo em seu organismo. Caiu no chão sentindo como se sua pele fritasse sob efeito do ar à sua volta e pontadas fortes na região do fígado golpeavam constantemente. Então veio o frio e quando Rafael olhou para baixo, viu um inchaço por sob a camisa, na lateral do abdômen. Tentou respirar, puxou o ar para dentro e ele pareceu não sair, não conseguia mais respirar e apagou.

Quando abriu os olhos, enxergou apenas sombras difusas sobre seu corpo. Achou que fosse alguma experiência de quase morte. Queria ter certeza, então tentou focar seus olhos onde pôde, mas a luz no alto era forte e criava um halo ofuscante. Viu uma barba pontuda. Reconheceu Eder e alguém muito pouco querido. Pareciam agitados, com uma gritaria abafada sendo percebida. Julgou ser um pesadelo

quando vislumbrou a carranca de Magister Sólon o encarando com desprezo após a discussão. Logo depois o homenzarrão se virou e uma capa escura esvoaçou sob seus olhos, fazendo com que desacordasse novamente.

Acordou algumas horas depois, em uma área da enfermaria muito usada por membros da Sociedade que exageravam nos estudos e sofriam de desidratação avançada, fungo nos pulmões, envenenamento por tinta ou alguns males até mais perigosos. Rafael se levantou da maca, mas escutou uma voz o censurar. Era a segunda vez que ia parar em uma área médica. Antes no profano, agora no magista. Um novo recorde pessoal que lhe trouxe um azedume.

Foi atendido pelo chefe da ala de enfermaria da biblioteca, que o obrigou a se deitar novamente. O homem foi rude e não respondeu nenhuma das perguntas que saíram de sua boca. Foi quando se virou na maca que viu alguém sentado ao seu lado. Ele vestia um sobretudo marrom que combinava com suas calças de linho. Tinha uma cabeleira loira amarrada em um rabo de cavalo e uma barba bem-feita de cor dourada. Olhos claros cansados foram postos em Rafael quando o homem percebeu que havia acordado.

Sabia quem era, mas havia esquecido seu nome. Não quis ser indelicado, principalmente quando o homem abriu um sorriso e deu uma risada zombeteira.

— Acredito que um exercício de caligrafia nunca tenha tentado te matar, não é?

— Acho que não — ao falar, Rafael sentiu uma agulhada no abdômen. Prendeu o ar achando que a sensação do selo ativado pudesse voltar, mas provavelmente era apenas algo dentro dele que estava ainda magoado com a falta de preparo. Acabou falando mais baixo e calmamente. — Muito tempo que não nos vemos.

— Certamente. Escutei de um cachorro certa vez que havia ficado rico. É verdade mesmo?

Rafael fez um gesto com a mão como se não fosse nada.

— Algo assim, mas muita coisa ruim aconteceu também — não pode parar de lembrar de Ariane e o homem louro pareceu ler sua cabeça.

— Sabe, eu fiquei com medo de te encontrar depois que ela se foi. Pensei que alguma parte dentro de mim te culparia por isso, mas agora vejo que não. Muito tempo se passou — revelou o homem com sinceridade.

— Engraçado, eu também. Com a diferença que eu realmente acho que tenho uma parcela de culpa nisso.

O homem ofereceu um sorriso generoso.

— Então aquele selo foi uma tentativa de se livrar da culpa ou apenas irresponsabilidade?

— Bem, eu nunca fui responsável.

Mais uma pontada de dor no abdômen e o rosto de Rafael se contorceu.

— Vai com calma, menino. Alguns sintomas demorarão algumas horas para passar e precisa ficar uma semana de observação para ver se não houve sequelas mais graves. Seu corpo passou por um estresse grande demais.

— Como é que é? Não tenho todo esse tempo aqui não, amigo. Preciso continuar, tenho que terminar o que estou fazendo.

A cadeira em que o homem se sentava se arrastou para trás e ele se levantou impaciente.

— Ora, não seja cabeça dura. Seu mestre me informou que está bem longe da defesa de um tratado para manutenção como membro da Sociedade. Tome um pouco de tenência, você quase bateu as botas.

Aquela informação pareceu não ser computada pela cabeça de Rafael, que se negou a aceitar as palavras postas daquela ordem.

— Como se algo tão pequeno pudesse ter capacidade de me matar, não faria sentido uma coisa dessas ser tão fácil de acontecer. Foi apenas um susto, só isso — disse Rafael, mais para ele mesmo do que para o homem.

Após pegar uma caderneta, o homem mostrou um rabisco muito parecido com o selo inventado por Rafael, resultado da mistura de dois exemplos de exercícios diferentes, de livros diferentes. Nunca mais esqueceria daquela forma semicircular, que parecia cortada por traços como circuitos de um microchip.

— Se você acha que não ficou perigosamente perto da morte, vou te dizer o que aconteceu. Quando foi trazido para cá, seu sistema respiratório estava comprometido. Primeiro teríamos que entender que merda de símbolo desleixado e

rudimentar é esse que você tirou da cabeça, para saber como seu corpo estava reagindo. Depois teríamos que tentar encaixar qual a melhor técnica para curá-lo. Acha que esse tipo de coisa é fácil? Pois imagine que seria como aplicar o antídoto de uma cobra, sendo que a víbora só existisse dentro da cabeça do próprio picado.

— O que eu tentei fazer na verdade foi...

— Não me interessa o que o selo deveria fazer, apenas como ele reagiu. Até porque se eu souber o que passou pela sua cabeça vou ficar mais bravo do que já estou agora — sua tez pálida começou a ficar vermelha após a interrupção de Rafael. — Suspeitamos no início de um repuxo. Ou seja, sua aura quase se extinguiu por completo e só isso já poderia acabar com sua vida, mas tratar isso é fácil. O real problema começa quando o selo, sem mais ter aura para consumir, começou primeiro a usar sua temperatura corporal para tirar a energia necessária, depois gordura dos tecidos e por fim quase houve um colapso do sistema nervoso. Mas você estava com outros sintomas muito mais complexos acontecendo no momento em que foi achado. Seu sangue virou praticamente um *catchup* dentro das veias e seu fígado desistiu de suas funções. Agora imagine o que alguém deveria fazer para causar uma demissão voluntária de um órgão saudável e, por deus, eu não estou falando de bebida.

— Acho que ele já teve o suficiente para um dia, Tábris — Eder se aproximou a passos largos, emburrado. — Deixe o rapazote em paz.

— Está querendo cultivar um cadáver? Pois é para isso que esse método de ensino serve.

— Ora, não se meta nisso! Imagino que se está aqui é porque já devem ter resolvido o caso dos itens surrupiados da sessão de historiografia oculta. Lembro bem do nosso bibliotecário-mestre ter dado prioridade a isso.

— Está sendo resolvido, mesmo com alguns querendo que não — Tábris disparou um olhar arredio para Eder. — Além do que conheço esse molecote bem antes de ter se tornado um iniciado nessa Sociedade.

— Poderia até ter ido ao batizado dele, não me importo, quem está o iniciando sou eu. Se precisar das opiniões de um segurança de botequim, lembro de te chamar.

O homem loiro se virou totalmente para Eder.

— Que chegue o dia em que precise mesmo — com bastante entonação no “mesmo” — da salvaguarda de um guardião.

— Estão achando que estão em algum tipo de pardieiro, seus desocupados? — gritou do fundo do lugar o chefe da ala de enfermaria, enquanto cedia uns comprimidos a um outro membro da biblioteca.

Tábris se foi e Eder se aproximou de Rafael até ficar bem próximo. Adamastor estava enganchado em seu ombro esquerdo, guinchando baixo como se sussurrasse algo para seu mestre.

— Fique longe desse esquisitão — cochichou Eder. — Ninguém gosta muito dele por aqui. Não sei o que o bibliotecário-mestre vê nele.

— Quem é esse tal bibliotecário-mestre? — inquireu Rafael, depois de ter escutado pela segunda vez. Desconfiava da resposta e infelizmente teve sua confirmação.

— Imagino que já o deva conhecer. Magister Sólon, é claro. Trimegis de primeira linha, grão-mestre da Sociedade e por conseguinte bibliotecário-mestre desse lugar.

Sua cabeça rodopiou como se fosse sair do lugar. Liber Toh o jogou no meio do ninho das cobras.

— Pela sua cara, imagino que já tenha cruzado com ele. Mas não fique assim, ele é um excelente líder para a Sociedade — se aproximou mais e suas próximas palavras pareciam crime, tão baixo foram faladas. — Talvez um pouco antiquado, apenas.

Rafael pediu para Eder tentar tirá-lo o mais rápido possível dali, mas o seu mestre o ignorou a primeiro momento. Não deveria ser muito bom ter um neófito mandado tão rápido para a ala de enfermaria e imaginou que talvez uma lição deveria ser aprendida ao passar a noite naquele lúgubre espaço. Cochilou em meio aos gemidos de um iniciado deitado na maca ao lado, que havia pego uma infecção bacteriana, pelo que entendeu da conversa do chefe da ala de enfermaria com um dos curandeiros do lugar.

No dia seguinte, sem ao menos esperar, seu pedido havia sido atendido e Eder o esperou próximo ao lugar onde guardavam os familiares. Viu o homem alimentar Adamastor com presteza e o morcego pareceu até uma espécie de gato com asas, apesar de Rafael ainda sentir uns calafrios a cada momento que o bicho batia asas.

O local fedia a excremento de bicho e ração, com vários tipos de ambientes e jaulas diferentes. Havia uma criação inteira de morcegos, onde ficava Adamastor junto com os companheiros enquanto dormiam de ponta a cabeça, algumas gaiolas imensas para pássaros divididos por regiões de seu habitat, terrários com répteis diversos e um canil. O chão era de cimento queimado, cheio de inscrições meio apagadas de giz ou carvão, provavelmente de ritos de familiares anteriores.

Eder conversou com o zelador responsável por alguns minutos e Rafael morreu de vergonha quando seu mestre apontou para ele. Mais ainda quando veio com um periquito empoleirado na ponta do dedo. O animal parecia imóvel, com exceção da cabecinha que girava com curiosidade.

Rafael fitou o bicho, que respondeu com seus olhos graúdos e escuros.

— Não tem algo maior não?

— Parece que você não aprendeu a lição — mas ao olhar a expressão decepcionada do Neófito, bufou. — Tudo bem, se conseguir não se explodir em um ritual de familiar acho que vai merecer um prêmio.

Ele falou novamente com o zelador e então voltou com algo que avaliou ser mais digno.

O animal tinha um olhar desconfiado e as penas eram vistosas e brilhantes. Ao mesmo tempo que parecia imponente, tinha um porte altivo. O gavião bateu as asas quando se aproximou de Rafael e Eder o apresentou.

— Bem, esse é o Roberto.

— Não parece um nome adequado para um bicho desses.

— Foi ele quem escolheu.

Rafael encarou o homem, até que ele deu uma risada, expondo a piada.

— Nomes serão pouco importantes na relação entre vocês. Se quiser, poderá comprá-lo e rebatizar, mas se ficar tempo o suficiente por aqui, o aluguel é mais prático, como faço com o Adamastor.

A técnica de criação de relação com o familiar era chamada ressonância, uma adaptação de ritos de conexão xamânicos celtas, misturados com o de indígenas

daquele país e utilizando como base selos de ativação. Mas diferente dos exercícios que quase o mataram, existiam vários já prontos e adaptados para todo o tipo de cenário e criatura imaginável. Eder fez questão de desenhar um selo no formato circular, muito parecido com círculos mágicos de filmes de fantasia, mas que continham espaços para que o animal e seu neófito se posicionarem.

Rafael avaliou as formas com detalhes, graças ao tamanho imenso do desenho. Possuía algumas inscrições laterais que se obrigaria a perguntar mais tarde o que significavam, mas a teoria parecia bater com o que já estava estudando. Selos circulares geralmente eram utilizados para conjuração, muitas vezes usando o magista como receptáculo e centro de todo o rito.

Sentou-se em um círculo interno e o gavião parecia já saber o que fazer, quando bateu as asas e foi, do poste em que estava empoleirado, até outro círculo interno. Eder explicou que o primeiro passo após a ativação deveria ser a estabilização entre os dois seres. Essa seria a parte mais difícil, pois a aura necessária para a ativação do círculo era bem pequena, mas precisaria manter uma ligação energética com a criatura até ela se sentir confiante de ceder a investida e fazer a troca de energias. Rafael sentiu a necessidade de mais detalhes, mas Eder disse que ele aprenderia na prática.

— Quais as chances de não dar certo? — inquiriu inseguro, afinal havia pouco tempo quase ido para o outro lado do Limiar.

— Altas, mas não é incomum conseguir de primeira. Vai depender de você.

Rafael já ia perguntar novamente sobre instruções após a ativação, mas Eder pressionou a palma de suas mãos no selo de ativação e então o círculo inteiro começou a converter a energia áurica em telúrica. Sentiu o formigamento que sempre sentia com a ativação de selos, mas ficou preocupado pela última e marcante experiência. Felizmente nada fora do comum aconteceu. Se prestasse bastante atenção, podia ver as energias sutis trabalhando por todo o desenho quase como se estivesse aceso, mas qualquer um sem habilidades para enxergar essas forças provavelmente apenas veria um círculo de giz gigante, com um boboca sentado de pernas cruzadas nele, encarando um gavião do outro lado.

Sentiu como se suas coxas ficassem grudadas no desenho, quase como eletricidade. Aquilo o assustou um pouco, mas se acostumou rapidamente. Imaginou que existiria algo como um fio energético que o ligaria diretamente ao pássaro, como um cabo de telefone, mas percebeu que era apenas figurativo. A informação

necessária passava já pelo desenho e fazia a tradução e conexão entre auras tão distintas quanto a dos dois seres dentro do círculo.

Nunca esteve tão próximo de entender uma aura tão diferente da sua quanto naquela hora e, aos poucos, ele começou a passar parte da própria energia para a criatura, que fez com que ela batesse as asas agitada. Sentiu como se a aura do gavião se encaixasse dentro dele e o oposto da mesma forma. Era estranho, selvagem e empolgante.

Seus olhos começaram a embaçar, para então descobrir que podia focar em pontos diversos bem longe e enxergar com a clareza de uma luneta. Era mais difícil de controlar do que o imaginado, mas era apenas um pequeno fragmento de todo o potencial que poderia tirar daquilo. O rito mal havia começado e ter esse tipo de fenômeno, comprovando que deu certo, era no mínimo impressionante.

Mas não estava completo, era apenas a fase inicial de contato. Precisaria estabilizar sua própria aura e efetuar então a ressonância. Percebeu que Eder estava certo, era difícil colocar em palavras, mas as instruções eram quase desnecessárias ali. Sabia o que deveria fazer no momento em que se conectou, mas era uma via de mão dupla.

Rafael acalmou sua aura até deixá-la em concordância com a de Roberto, mas o animal ficava cada vez mais agitado. Era como domar um bicho sem poder encostar, falar ou gesticular.

Lembrou-se da primeira Ordália, de sentir-se em comunhão com a natureza, mas dessa vez ela o rejeitava. Rafael tentou forçar, antes que a conexão pudesse ser desfeita e então sentiu algo diferente.

Começou pequeno, mas que ao se aprofundar parecia uma vastidão de informação que se moldou em algo titânico. Teve um pequeno vislumbre da verdadeira natureza do animal, uma força primitiva que vinha desde seus antepassados, desde o primeiro ovo colocado. Era atroz, devastador e indômito. O gavião soltou um pio longo, em um alerta, que pareceu muito maior e perigoso do que realmente foi para quem estava de fora. Aquele som ressoou por dentro de Rafael como se fosse alvo de uma criatura muitos metros maior que ele.

A conexão foi desfeita e Rafael saltou para trás.

Eder e o zelador gargalharam com a reação do mundano e Rafael pela força do susto e o inesperado da situação, se juntou às risadas.

Aquilo era magia e, mais do que nunca, Rafael gostou disso.

Capítulo XXIX

Quando há cadeiras e um cão sarnento

Construiu uma fortaleza interna de estudos generalistas, mas era desesperador o quanto de temas ainda precisava se aplicar e vertentes dissonantes desses mesmos temas. Era como se cada disciplina — se é que fosse tão organizado assim — se desmembrasse para vários lados, como galhos de uma árvore frondosa.

Evitou usar seu corpo como matéria-prima e começou a estudar a manipulação de materiais, o que acabou o levando para alquimia contemporânea e descobriu que poderia ser útil não só pela estrutura simbólica hermética, como também para a parte prática caso precisasse sobreviver a um ambiente hostil como no primeiro teste.

A única exceção à regra que fingiu seguir para seu mestre, foi da adaptação de um selo mágico de aplicação mnemônica para estudos avançados e concentração, com parte da dica de Liber Toh, para manter ao menos parte da sua própria memória encapsulada como um baú. Fez testes durante alguns dias e descobriu que o feitiço que apagava suas memórias após sair da Biblioteca varria sua cabeça com tudo o que havia aprendido lá dentro, mas ao abrir aquela área escondida conseguia resgatar boa parte dos ensinamentos do lado de fora. Isso ainda não era o suficiente, pretendia aprimorar o uso daquele selo que desenhara na parte de trás do pescoço, bem na base onde a gola escondia as vistas.

Ao mesmo tempo que estudava o que interessava, foi recebendo lições de filosofia trimegis de Eder. Ele dizia ser importante para colocar em sua cabeça, ainda dominada por conceitos profanos, a maneira “correta” de como encarar o mundo. Debateram sobre importantes pensadores magistas e tudo parecia tão enfadonho que chegou a sentir certa saudade das enigmáticas respostas de Hual para sua infinidade de perguntas.

Lembrar dele e de seu inseparável guarda-chuva trazia a Rafael uma nostalgia incomum. A insegurança daquelas explicações abstratas e incertezas sobre o mundo mágico, trocados por aquela frigidez de fórmulas e regras rígidas.

Até que uma das parábolas utilizadas por Eder, elaborada por Aragonés III, lembrou muito da forma quase irracional de Hual colocar suas ideias em cima da mesa.

“Um mestre das artes arcanas é trancafiado em um quarto, que continha uma única cadeira que repousava em seu centro. Não havia janelas e a porta estava completamente selada, deveria saber sair dali sem ferramentas ou ajuda externa. Ao tentar sentar para elaborar um plano, o mago escorrega para fora e cai no chão. Ele percebe que aquele objeto não poderia ser usado. Tentou mudar a cadeira de lugar, virá-la de ponta-cabeça, incliná-la para obter algum apoio, mas de nenhuma forma a cadeira permitia ser usada. Percebeu que ela não tinha odor, não apresentava um sabor amadeirado, não poderia ser tocada, ouvida e nem sequer vista! Refletindo sobre aquele enigma, percebeu que ele apenas sabia da existência da cadeira, mas de nenhuma forma ela poderia ser alvo de seus sentidos. Agora, existiam duas incógnitas. Como o mestre arcano, poderia então, sair daquela sala utilizando a cadeira?”

Aquilo não parecia oferecer um sentido lógico, apesar de Eder revelar que apesar disso, uma resposta simples aguardava os verdadeiros magistas. Achou que talvez pudesse ser algum tipo de piada interna trimegis. Deixou aquela demanda para outra hora, já que haviam tarefas mais importantes para serem cumpridas.



Esqueceu completamente da parábola quando viu o desenho de um selo muito complexo, ainda incompleto, em que seu mestre trabalhava durante todo o período que começou a estudar por ali. Em um dos vários cochilos de Eder durante o que achou que fosse a madrugada (relógios não eram muito populares dentro da biblioteca), Rafael estudou a forma hermenêutica do selo e decidiu surpreendê-lo completando seu trabalho durante seu descanso.

Aquele era bem elaborado, pelo que entendeu funcionava para uma espécie específica de planta e que também multiplicava a produção de certa substância química usada para o prolongamento do tempo em projeção astral.

Rafael não conseguiu fazer nada em tão pouco tempo, tal era a complexidade do estudo, então decidiu rabiscar o símbolo e levar de dever de casa.

Foi quando descobriu que sua habilidade de produção sigilística se tornou muito mais produtiva quando entendeu finalmente uma forma de produzir símbolos que conversavam entre si de uma maneira muito pessoal. Eram como as cruzadinhas, uma estrutura complexa que se cruzava e se completava para formar um todo.

Fez alguns testes, usando materiais diversos em seu apartamento, para comprovar que não apenas conseguia produzir bons resultados, como conseguiu aprimorar a forma dos selos de não desperdiçar energia da aura.

Apesar de magia ser cheia daquele véu de mistério e complicações, ainda respeitava certas leis científicas básicas como termodinâmica. Quanto mais conseguisse produzir algo que racionasse suas demandas energéticas, selos mais complexos poderiam ser usados. Quanto mais específico, mais palpável o resultado. Quanto mais cedia, mais efetivo era manifesto. Eram regras básicas que aprendeu na marra e que guiariam seus estudos mágicos até o fim.

Selos eram uma forma de conjuração. Tirar do mago e tornar realidade no mundo manifesto.

A primeira barreira era fazer a equação simbólica fazer sentido, a segunda era disponibilizar a energia necessária. Não poderia fazer uma bola de fogo como nos jogos de *roleplay*, apenas pela limitação energética para fazer aquilo. Ao perguntar para Eder, ele sugeriu um lança chamas ou explosivo para tal efeito.

Fontes de energia eram o principal problema para magos. Áurica, térmica – com leve cautela, telúrica – que era emanada de linhas metafísicas em regiões específicas, astrológica – que dependia dos horários e dias para os ritos.

Depois de algumas noites em claro, voltou com o selo de Eder pronto. Havia mudado a base já feita, para se adequar ao que propôs para a resposta da equação. Olhava para o desenho, enquanto era levado de carro para próximo da viela secreta e o observou durante todo o tempo, com um sorriso no rosto. Ficou orgulhoso.

Ao chegar, viu seu mestre pender da cadeira, quase caindo no chão, com Adamastor pendurado de ponta cabeça no teto do tabernáculo alugado por seu mestre. O bicho encarava Rafael com um brilho de inteligência nos olhos.

Os desenhos na mesa do homem estavam um pouco mais avançados do que quando saiu, percebeu. Se concentrou em outros estudos e esperou seu mestre acordar para mostrar envaidecido seu trabalho.

O homem recebeu a tentativa de Rafael de completar o selo em um misto de surpresa e incredulidade.

— Isso é ultrajante! — gritou Eder, jogando todos os papéis de sua mesa no chão, em um inesperado rompante. — Como você pôde...

Rafael não soube como reagir àquilo. Só conseguindo arranjar uma única resposta.

— Eu só estava tentando ajudar.

— Isso é uma bela de uma porcaria. Falta elegância, requinte. Estamos falando de alta magia dentro dessa fortaleza do saber! — espumou seu mestre.

— Que diferença faz? Se funciona é o mais importante, não é?

— Não faço feitiçaria barata, não é assim que as coisas funcionam por aqui. Ah, mas se fosse qualquer outra pessoa como seu mestre, você estaria mais do que expulso!

Então Rafael percebeu o seu erro.

Liber tinha a mais completa razão, todos eles eram loucos ali, concluiu. O membro mais novo da Mão não apenas o ajudou a entender o básico da magia, como o ajudou a ver como ela era ultrapassada.

Andou pelos corredores da Biblioteca matutando sobre o ocorrido. O que poderia fazer de diferente, agora que tinha em sua cabeça a semente que o ajudaria a construir não só uma melhor vida para si, como para pessoas a sua volta. O Protetorado deveria ser transformado, a Sociedade de Tot, esquecida. Talvez ele pudesse ser a chave para tudo aquilo.

Percebeu que era um sábado, quando topou com um cartaz na entrada da biblioteca. Era a programação de um evento de preparação de equinócio, onde uma série dos tratados mais importantes seriam apresentados, além de mesas redondas, discutindo vários temas.

Chegou ao auditório no momento em que dois trimegis gritavam entre si, em discordância sobre linhas diferentes de pensamento. Após aquilo, uma apresentação sobre hierarquia abissal para interessados em evocações de demônios menores. Se interessou em saber mais sobre o universo que cercava Cal, então foi até lá dar uma conferida.

Hidalgo Zimmermann seria o palestrante. Um senhor bem velho, com cabelos grisalhos bagunçados e olhos arregalados, o que dava um aspecto de piração sobre tudo que saía de sua boca. Mas conseguiu reconhecer traços de verdade em seu discurso.

“Assim como retratado por Dante, enquanto era inspirado por forças angélicas, o inferno é dividido por regiões. Círculos, se preferirem. Cada qual delimitando regiões distintas, que unidos, formam uma roda cármica responsável pelos males da humanidade. É claro que assim como nós, há limitações de interpretação quanto à mensagem dos Altíssimos. Então, o poeta preencheu lacunas com sua imaginação e até fez críticas à situação política de sua época.”

“Após muito tempo de especulações, achamos escritos que corroboram nossa visão atual e então soubemos como separar o ‘joio do trigo’ da questão. Mas o maior problema é que esses círculos mudam de tempos em tempos, não apenas pelos constantes conflitos entre as entidades caídas, como pela própria natureza caótica das regiões abissais. É claro que é difícil manter uma certa coesão também com as informações tiradas de demônios. São mentirosos e ardilosos por natureza, mesmo assim, os que conseguiram extrair fragmentos de verdade, enfrentaram resistência por não bater com as bases concretas da demonologia arcana, justamente por essa condição anárquica do lugar. Invoque um demônio cinquenta anos depois, convença-o a dizer-lhe a verdade e verá que provavelmente a configuração dos círculos mudou.”

“O que sabemos até então, e temos diversas provas disso, é que os diabos são divididos em uma espécie de castas. Isso nos dá a dica do poder do demônio evocado, como também nos ajuda a entender esse críptico sistema hierárquico. A casta dos gamigins, por exemplo, são dos demônios mais acessíveis. Deve-se fazer um círculo de proteção, mesmo facilmente baníveis. Possuem baixa inteligência, mas são extremamente úteis para previsões e realização de desejos materiais simples. Podem ser mantidos por até um mês dentro de um triângulo de contenção. A partir daí começam a ficar débeis o suficiente para não conseguirem manter uma conexão completa com o mundo dos homens.”

“Logo acima deles, a segunda opção para quem quiser lidar com evocações demoníacas, são os terríveis vassagos. Esses apenas podem ser chamados por magistas experientes, por representarem um constante perigo dentro do triângulo. Deverão ser banidos em até 24 horas após a evocação e uma limpeza espiritual completa deverá ser feita no lugar, além de ser recomendado isolamento de uma semana do local. São potencialmente mais inteligentes que os gamigins e ideais

para trabalhos mais concretos. Atentem-se que essa conexão só pode se manter mínima, pois são hábeis em enganar e prejudicar magistas de primeira viagem.”

“Sei que é um tópico polêmico entre os senhores, mas essas criaturas não podem ser evocadas no plano físico com suas próprias forças. É claro que temos indícios que já aconteceram casos do tipo, mas nunca foram comprovados e todas as investigações foram inconclusivas.”

Um burburinho começou no auditório, com algumas risadas ou protestos. Hidalgo avançou.

“Sei que essas teses são consideradas alarmistas e infundadas, mas temos uma grande evidência de tentativa de manifestação material por parte de um demônio. Se estiverem de acordo com os estudos de Crowley durante sua tentativa de evocação no deserto do Saara, devem saber da única casta capaz de realmente ter esse potencial.”

“Essas criaturas são impossíveis de ser controladas, por isso sua evocação é proibida não apenas pelos trimegis do mundo todo, como também pelas organizações de defesa arcana que também entraram de acordo com relação a esse tópico. Demônios da casta agares tem a potência para desvirtuar e corromper a cabeça de qualquer um de nós. Magos de sangue, como são chamados pejorativamente, utilizam essas forças ainda mais sinistras para utilizar o poder abissal em ritos proibidos de baixa magia. Contribuindo para a decadência da humanidade, graças às influências demoníacas.”

O velho continuou a palestra dando dicas de ritos comuns para invocação e elaboração de contrato com entidades demoníacas. E então, a palestra acabou e ele desceu do palco.

Enquanto o circuito de palestras continuou, Rafael se aproveitou para sair pela porta dos fundos, onde encontrou o palestrante que o interessou. O velho era seguido por um neófito com o dobro da idade de Rafael. Ao se aproximar, foi impedido de continuar pelo homem.

— Senhor Zimmerman — chamou Rafael, enquanto era empurrado para o lado pelo neófito — eu tenho uma dúvida sobre demônios, senhor.

Hidalgo parou e pediu para seu neófito deixá-lo se aproximar mais. Mesmo contrariado, o homem liberou Rafael, deixando claro sua aversão pela falta de

modos com comentários baixinhos cheios de ofensas. Não entendeu nenhuma das palavras mal-educadas, então simplesmente ignorou.

— Eu sou um grande fã do seu trabalho, te acompanho há muitos anos — mentiu.

Mas Hidalgo levantou a mão antes que continuasse.

— Quem é o responsável pela sua iniciação, jovem? — As palavras tremidas da boca enrugada saíram firmes.

— É o Eder. Ele me iniciou.

— Se refere a Eder Melzzi? Ora, acompanho seus estudos sobre plantas híbridas para ritos de caçada selvagem. Acho que tem um enorme potencial para chegar à quinta chave em breve. E você, meu jovem, em qual chave se encontra?

— Apenas a primeira, mas me sinto tocado pelos seus tratados relacionados a demônios.

O velho melhorou a postura e sua expressão de vaidade tomou conta.

— Alguém tão novo não deveria enveredar tanto para esse lado. Demônios envenenam a mente e destroem o que tocam, claro, se não tiver a força necessária e a pureza de coração para permanecer resiliente — ele explicou, cheio de dedos. — Mas vejo que tem visão, neófito. Tenho certeza que escutaremos em breve seu... Qual seu nome mesmo?

— Rafael Branco.

— Isso, claro, claro. Senhor Rafael Branco. Tenho a mais absoluta convicção que está em boas mãos, mas se me der licença, marquei uma massagem quântica para daqui a pouco.

Os dois já iam, mas Rafael se pôs à frente, em uma insistência que incomodou ainda mais o neófito que acompanha o velho estudioso.

— O senhor acha que pode existir uma casta ainda acima dos agares? Sabe, uma coisa que poderia controlar todos os outros demônios de um círculo inteiro?

Com uma risada, o velho Hidalgo pareceu não levar muito a sério aquele questionamento.

— Pelo visto deve ter escutado os rumores. Fique tranquilo, meu jovem, não existe qualquer possibilidade, a mínima que seja, de algo assim existir. Demônios não conseguiriam manter uma hierarquia tão vertical assim, simplesmente nunca vi menções sérias a isso em tantos anos de estudos. Deus permita que não, afinal estaríamos em maus lençóis, não acha?

Rafael foi empurrado da frente e os dois seguiram.

— Existe uma forma de manter um contrato com algo assim?

Pela última vez o velho parou, seu neófito cruzou os braços sem muito ter o que fazer. Hidalgo Zimmermann se virou e disparou um olhar de soslaio em meio aos fios de cabelo caídos sobre seu rosto.

— Nunca mais repita uma bobagem dessas, neófito Rafael Branco.

E os dois se foram.

Com o selo para transformar seu cérebro em uma mala, Rafael deixou a Biblioteca, para nunca mais voltar.

Recebeu a data e local para a terceira e última Ordália. Se veria finalmente livre, mas apenas se conseguisse ser bem-sucedido nela. E como se o universo conspirasse, a data para finalmente completar a venda de sua parte da empresa seria ainda marcada, para isso estaria na empresa mais duas vezes. Uma para acertar os detalhes e outra para finalmente assinar os papéis.

Até poderia fazer isso em casa, deixando tudo para advogados. Mas sentia que precisava fazer isso pessoalmente. Os grilhões ainda estavam lá, mas a chave já estava em sua mão.

Sentiu enjoo enquanto caminhava pela rua ao lado do prédio da Elektronik, quando sentiu uma tontura e um aperto no peito. Aquilo assustou mais do que qualquer coisa, pois era como os ataques que vinha tendo, só que muito mais forte. Em um impulso descabido, se jogou no primeiro beco que apareceu e se sentou no chão atrás de uma caçamba de lixo recém cheia.

O medo de morrer ali começou a crescer. Não soube o porquê da vergonha, mas não queria passar mal às vistas das pessoas e ir parar no hospital novamente. Aquilo não deveria resumir Rafael, não poderia. Então esperou e desejou que passasse.

Escutava seu coração em um ritmo acelerado, como uma escola de samba prestes a entrar na avenida. Apertou os dentes e segurou a camisa na altura do peito. Foi quando escutou um barulho na caçamba ao seu lado e aquilo parecia ser o susto derradeiro, o golpe final que faria a morte súbita se concretizar.

Viu as solas de dois pés descalços imundos pendurados a sua frente, e então o traseiro vestindo uma calça esfarrapada marrom. O homem desceu da caçamba, sem nem ao menos perceber a presença de alguém passando mal logo atrás de si. Rafael achou ultrajante morrer sem ao menos ter a atenção de um reles mendigo.

Em meio aos pensamentos bombardeados, frente a um destino cruel, viu que aquele pensamento ruim poderia ser um péssimo modo de agir frente a uma morte iminente.

Os pensamentos foram cortados quando o homem tirou um sanduíche de um famoso *fastfood* meio comido de uma caixinha e então se sentou escorado no outro muro do beco. Com grandes mordidas, começou a se alimentar com avidez.

Seus olhos se cruzaram por uns instantes.

Mordida.

E o mendigo continuou, como se Rafael em seu sofrimento fosse uma tevê ligada, em um canal qualquer.

Mordida.

Agora tinha visto que o mendigo também segurava um copo de refrigerante, com seu conteúdo no final. O som do restante do líquido sugado ecoou pelo beco.

Mordida.

Rafael pressionou os olhos e o mendigo continuou o encarando, enquanto aproveitava o lanche.

— Está gostoso, pelo menos? — questionou Rafael, enfezado.

Um último som de sugada pelo canudo e o homem largou o copo, com a caixinha vazia pelo chão do beco. Sua barba desgrenhada era escura e cheia, unia-se ao cabelo tão maltratado quanto. Tinha olhos amendoados separados por um fino nariz pontudo.

O mendigo se levantou, ajeitou a calça presa entre as nádegas e desapareceu atrás da caçamba, para ir embora do beco. Rafael mal percebeu que seu mal-estar havia passado e ele se levantou, no calor de sua indignação, para tirar satisfação com o homem mal-educado. Não saberia o que falar, ou o que cobrar, mas pouco importou logo após perceber que não existia mais homem atrás da caçamba, apenas um cão. O cachorro tinha a pelagem escura e desgrehada, suja e malcuidada, como a barba do homem que acabara de conhecer. Estava de costas, saindo do beco como achou que o homem estaria fazendo.

Aquela cena não bastou ser insólita o suficiente, teve a impressão que conhecia aquele cachorro. Rafael foi atrás do animal, que desapareceu após cruzar a avenida sem se importar com os carros que utilizavam a via. Rafael não conseguiu acompanhar o ritmo e parou na calçada.

Suspeitou que sabia agora o que estava causando esses ataques e talvez que realmente estivesse ficando louco.

Assinou a proposta e por fim deveria voltar em pouco tempo para dar o arremate final. Em dois dias, a última Ordália também aconteceria, para da mesma forma se ver livre de tudo.

Capítulo XXX

Quando há uma festa surpresa

Rafael odiava festas surpresas. Não apenas porque a informação vazava com certa frequência, mas porque mesmo que não fosse esse o caso, as pessoas a sua volta agiam de maneira tão ridícula que o convite para sua própria festa parecia estampado em suas testas.

Esse não era o caso ali, mas guardava alguma semelhança.

Estava no bar do hotel do conglomerado da Augenweis, onde diversos membros da alta sociedade se concentravam em um salão fechado ao público. Lá eram apresentados projetos inovadores, sustentáveis e uma sorte de outras terminologias que pareciam interessantes para a opinião pública. Mas o caso era que o grande objetivo ali era que lobistas, políticos e empresários se encontrassem em um flerte para fechar acordos acachapantes, por cima ou por baixo dos panos.

Mas uma terceira camada se formava como uma fina película de orvalho congelado pela manhã. Eram aqueles que recebiam um convite especial para participar de uma festinha particular no terraço do edifício. Seriam chamados para conhecer o grupo secreto no qual Gabriel fazia parte e que, segundo ele, integraria em breve. Sua vontade de participar de algum clube de ricos era praticamente nula, caso não fosse as promessas de seu sócio para que se unissem para algo maior. Alvo verdadeiro e irrefreável.

Mas um incômodo permaneceu com ele por toda a tarde. Talvez fosse aquelas olhadelas discretas em sua direção, risadas bobas com qualquer comentário seu ou ávida concordância com toda a asneira que falava. Parecia ter uma placa estacada no alto da cabeça, com uma grande seta vibrante apontada para si.

Olhou para o lado e viu um casal bem vestido conversando sobre esmagar a concorrência derrubando preços de mercado. Aquilo o desconcertou, falavam abertamente e em voz alta algo que qualquer um deveria ter vergonha. Girou o pescoço e viu um grupo de homens de cabeça branca, do outro lado do bar, discutindo problemas com auditorias e dando conselhos de como burlar coisas do

tipo. Realinhou seus próprios pensamentos na cabeça, repetindo para si mesmo o que Gabriel falou para si, como um mantra.

“Pense no futuro”.

Também existia outra coisa ali. Algo que sua habilidade com o sobrenatural o alertava. Era uma sensação constante de desconforto. Parou de pensar naquilo quando viu a filha do dono da farmacêutica passar por ele, sem percebê-lo. Lembrava da noite após a festa, na qual foi possuída por um demônio e conheceu Hual. Cal havia garantido que ela não lembraria de nada, isso talvez explicasse porque não reparou nele ali, sentado no bar. Foi traumático o suficiente até para apenas um deles se lembrar.

Acabou ficando perturbado com o encontro inesperado. Decidiu sair dali, antes que visse a garota novamente. Atravessou o salão com um copo de bebida que logo estaria vazio, se sentou nas confortáveis poltronas enquanto um dos políticos que concorreria às eleições municipais lamentava a morte do rival e de outros tantos amigos queridos que também faleceram naquele ano. Todos levados por terríveis acidentes, fonte do acaso. Estavam em tempos loucos, não era verdade?

Repetiu novamente seu mantra e foi iluminado com pensamentos positivos.

Tudo estava bem.

Só mais um pouco.

Mas seu copo se esvaziou e ele voltou ao bar, procurando a coisa fora do lugar, que no caso, era a bebida fora de seu corpo.

— Me vê mais uma, amigo — pediu e se sentou todo largado em um daqueles bancos acolchoados de frente para o balcão.

O bartender trouxe mais uma garrafa de whisky e completou o copo. Logo depois, deu duas goladas profundas na mesma garrafa e secou a boca com a manga de seu uniforme.

— Você não parece daqui — Rafael deixou escapar.

— Ah, mas eu realmente não sou. Vim pelas oportunidades, *you know*? — o sotaque carregado denunciava que era estrangeiro.

— Me referi a trabalhar aqui nesse hotel. Toma cuidado com essas escapadas, nunca se sabe quando seu chefe está de olho.

— Digamos que eu seja uma espécie de profissional liberal.

O homem se aproximou e seus olhos castanho claros se tornaram grandes e opacos. Suas pupilas se contraíram até virarem um traço horizontal.

Ele sorriu com naturalidade e Rafael quase caiu pra trás.

— Você é um...

Com um gesto com o dedo indicador sobre os lábios comprimidos, o bartender alertou para a aproximação de uma dupla de engravatados, pedindo bebidas.

— Cuidado com a *marvada* – riu o velho e deu batidinhas nas costas de Rafael. Que se virou novamente para o bartender, que agora possuía olhos convencionais. Os dois engravatados se afastaram e o homem se encostou no balcão e fez uma cara de tédio.

— *I'm sorry, kiddy*. Eu sei que não deve ter tido experiências boas com alguns semelhantes. Mas sabe como é, os velhos hábitos são difíceis de largar — sua língua escapou para fora da boca e balançou no ar.

— O que um demônio faz aqui? — inquiriu, apesar de perceber como a pergunta pareceu estúpida.

— E existe lugar melhor pra ficar? É aqui onde as coisas acontecem, *kid* – o demônio riu, retirando seus cabelos negros para longe do rosto pálido. — Ao menos as do tipo como eu.

Rafael parecia surpreso em cogitar que talvez aquela criatura demoníaca não fosse atacá-lo, pelo menos não naquele instante.

— Seu rostinho diz tudo. Por favor, não me confunda com meus conterrâneos, sei me controlar muito bem nessas situações. Afinal nem consideraria demônios de fato, apenas uma dose aguada de uma tequila mal destilada.

— Isso não faz sentido nenhum. Eu não preciso dividir espaço com um monstro feito você.

Rafael virou as costas e abandonou o salão, se perguntando como poderia não ter sentido uma aura tão pesada e sinistra bem na frente de seu nariz. Isso significava que ele não podia confiar apenas em seus sentidos especiais. Qualquer um ali poderia ser um demônio e ele não saberia.

— Para onde acha que vai, bonito?

Gabriel o interceptou enquanto ele se dirigia para a saída.

— Essa festa chata já vai acabar, sério! Fica aqui mais um pouco. Prometo que o pessoal não morde — riu o rapaz.

Rafael não soube dizer se Gabriel estava a par de tudo aquilo. Mas após meia dúzia de palavras trocadas, diminuiu seu estado de alerta vermelho para uma luz amarela de “atenção”, que piscava bem no fundo de sua mente. Enquanto era bombardeado por pensamentos de conspiração, foi cumprimentado por muitos daqueles homens e mulheres de negócios, enquanto os que não faziam parte do grupo secreto se despediam para ir embora após o evento de fachada.

Talvez ele estivesse disposto a acreditar que demônios pudessem estar inseridos na alta sociedade. Afinal aquilo fazia sentido. Poder e dinheiro com toda a certeza atrairia aquele tipo de criatura. Talvez ele pudesse arriscar permanecer ali.

Se Cal não apareceu para distribuir pancadas em alguém como o bartender, talvez sua habilidade em detectar perigo não tenha sido ativada. Talvez realmente pudessem existir demônios que não gostariam de ter sua cabeça em uma bandeja.

Por impulso, pôs as mãos sobre o ombro, onde um dia existiu um estigma que atraía aquele tipo de monstro. Não existia mais, mas era como se para sempre lembrasse da sensação de ser caçado.

Ainda ressabiado, acompanhou Gabriel até os elevadores.

Estavam em um hotel de luxo próximo a região mais comercial da cidade, um lugar e tanto pela avaliação de Rafael. Era ali que se reunia grande parte da alta classe em reuniões diversas, confidenciou Gabriel. Sabia daquilo tudo, mas preferiu não cortar a empolgação de seu sócio. Então respondeu tudo de maneira condescendente.

— Antes de qualquer coisa, preciso te contar algo — Gabriel mal podia segurar a ansiedade. Mas o tom de voz deixava claro seu nervosismo.

— É algo que vá fazer me arrepender de estar nesse elevador?

— Não fale assim — riu Gabriel. — É que eu não acho que você vá acreditar em mim. Então preciso te mostrar.

Foram até a cobertura do hotel, onde a festa estava prestes a começar.

Saíram do elevador e seguiram por um corredor luxuoso, com luminárias venezianas nas paredes e um caro carpete de cor vinho abaixo dos pés. O local era muito bem iluminado e requintado. Mas antes de passarem pela porta dupla principal, onde ficava o salão de festa mais chique da casa, foram até próximo de dois funcionários imensos, que vestiam uniformes do hotel e máscaras de carnaval veneziano com formatos de animais. Com eles, estava um baú cheio daquelas máscaras.

Gabriel pegou uma e atravessou o elástico por sua cabeça. Pôs uma de raposa e então apontou para Rafael. O mundano olhou para Gabriel, depois para o baú. Tinha dezenas de perguntas, talvez uma ou outra acusação. Mas decidiu jogar a roleta do destino. Pegou uma máscara de cachorro e as portas do inferno foram abertas.

Nem em suas maiores fantasias poderia imaginar que algo como aquilo fosse real.

Sentiu uma lufada quente e densa abraçar seu corpo, um perfume doce invadiu seu nariz e uma inconfundível orquestras de sons ritmavam os movimentos daquele carrossel de formas e cores. Eram dezenas de pessoas, que se uniam entre si. Tomadas pelos animais que representavam, deixaram para fora todo seu pudor, para se juntar em um balé carnal. Algumas estavam na piscina, unidas como ondas produzidas por seus movimentos. Às vezes em enormes sofás curvados, em um jogo de múltiplas fisionomias. Até na mesa, onde opulentos banquetes estavam agora frios, enquanto serviam de cama para os mais selvagens.

Caretas por baixo das máscaras, gemidos e olhares animais compuseram a cena dantesca. Por mais difícil que fosse de racionalizar tudo aquilo, os pés de Rafael avançaram, um após o outro. Passou pela borda da piscina, atravessou casais, trios e grupos inteiros, que se contorciam em um misto de loucura e luxúria. Rafael testemunhou tudo de dentro de uma casca que se formou em volta de seu assombro. Olhou apenas uma vez para Gabriel, buscando algo que o ancorasse em uma realidade que se desfez, mas não conseguiu cruzar com aquele olhar cheio de expectativa por baixo da máscara de raposa.

Tomou a decisão de que não havia mais volta, não poderia sair dali. Independentemente do que acontecesse. Por isso, seus pés continuaram constantes até terminar de atravessar a cobertura.

Uma aura pegajosa surgiu em seu radar, quando percebeu a poucos metros um grupo de garotas e rapazes nus, de membros rijos e coxas umedecidas, que com interesse o observavam caminhar. Tinham formas humanas deleitantes, mas com chifres espiralados de diversos tamanhos e formas. Eram demônios, atraentes e famintos. Prontos para se banquetear de tudo aquilo que Rafael poderia querer oferecer.

Seu coração palpitou com sentimentos antagônicos. Com tantos estímulos, ajeitou o paletó por cima do corpo, quase como um lembrete do porque estava ali.

“Pensar no futuro”.

O passeio naquela montanha russa de lascívia terminou em uma porta dupla de carvalho, que se abriu quando Gabriel esticou o braço para abri-las. Ao fechá-las atrás de si, um corredor hermético surgiu. O silêncio ensurdecedor se seguiu, mas Rafael sabia que não seria por muito tempo.

— Você não vai falar nada? — aquela pergunta soou com um tom de mágoa. Esperava outra coisa, algo que Rafael não correspondeu. Não o esperava preso em sua armadura, de olhar apático, por trás da máscara de cão.

Rafael, então, fez seus olhos viajarem até os dele.

Antes de se virar para continuarem, Rafael o agarrou pelo paletó e o puxou com força, até jogá-lo contra a parede.

— O que foi? O que você quer que eu diga? Que existem festinhas assim na alta sociedade? Pelo amor de deus, Rafael — Gabriel forçou-o a largá-lo. — São pessoas adultas fazendo o que bem entendem. Não seja infantil.

Seu sócio ajeitou a gravata.

— Eles já estão esperando — arrematou Gabriel, com uma frieza que não estava costumado a sentir dele.

Os dois seguiram. Por mais reticente que Rafael estivesse, quase não aguentou passar por aquela porta. Mas ela se abriu e uma sala de reuniões enorme se revelou.

As janelas da cobertura do prédio mostravam os edifícios abaixo como irmãos menores. Uma gigantesca mesa de madeira de lei em formato octogonal, com um lugar para cada lado, estava centralizada bem no meio. Dois lugares estavam vagos e o restante era ocupado por pessoas que Rafael já conhecera. Era o grupo que estava na festa do dia em que voltou a sentir auras, quando seu inferno tinha acabado de recomeçar.

Todos eram diretores do conglomerado Augenweis.

Mas na ponta oposta da mesa, de costas para a grande janela que emoldurava o céu vermelho-sangue do entardecer, estava ele.

Kalciferum.

Diferente de todos ali que estavam vestidos em ternos bem alinhados, Cal estava com seu típico casaco vermelho e os pés sobre a mesa, com a mão sobre a barriga e dedos cruzados. Quando Rafael entrou na sala, um sorriso foi estampado de orelha a orelha no rosto depravado do demônio.

— Surpresa.

Capítulo XXXI

Quando há um deus da carne

Uma força invisível e irrefreável pareceu jogar o mundano para trás. Para todos os outros, permaneceu parado, com uma carranca imóvel. Percebeu uma pessoa a mais na sala, o senhor Estefan Macht, em sua cadeira de rodas, que parecia monitorar a conversa de fora, em um canto reservado. Sentia o aperto da mão daquele velho como se ainda estivesse preso e ele.

Gabriel tirou sua máscara e se sentou em um dos dois acentos vagos. E o convidou para se sentar com eles.

— Eu pensava que seria recebido com uma cara melhor — Cal tirou os pés da mesa e se acotovelou sobre a mesa de madeira. — Talvez uns balões melhorassem o ambiente?

Gabriel olhou para Cal e logo depois para Rafael.

— Vocês se conhecem?

Rafael respirou fundo.

— Esse é o momento em que você senta na mesa e escuta uma proposta — o demônio fez um gesto para que Rafael se sentasse. — Vamos, não seja mal-educado com nossos amigos.

Rafael riu. Gargalhou de pôr as mãos sobre a boca e fazer sua barriga doer. Os membros da Augenweis, junto com Gabriel, pareceram confusos com a cena.

O vermelho do céu foi escurecendo e as primeiras estrelas começaram a aparecer.

— Todos nós formamos a Augenweis e essa é nossa festinha particular. Estávamos todos ansiosos para você aparecer — disse um dos homens de terno sentado na mesa. Rafael o reconheceu do dia que foi apresentado ao grupo na festa, que só compareceu a pedido de Gabriel. Todos ali balançaram a cabeça, com exceção do velho Estefan, que não poderia mesmo se quisesse, e Cal.

— Eu admito que fui um pouco reticente, mas não sabe como vocês mundanos conseguem ser persuasivos — Cal riu. — Eles me convenceram e então eu cedi essa chance.

A confusão estava estampada na cara de Gabriel.

Com o silêncio, o membro ao lado de Cal pigarreou. Rafael o conheceu pessoalmente apenas ali, pois seu rosto era bem conhecido em certos círculos. Era um pastor famoso na sociedade, que se auto denominava apóstolo.

— Acho que seria de bom tom começarmos do início, concorda, mestre?

Cal deu de ombros e com um balançar de mão desajeitado, permitiu que continuassem.

— Desde que assumiu a empresa, você entrou na nossa mira. Somos um grupo de pessoas especiais — falou um dos homens de terno, que fumava um charuto.

— Brilhantes, se me permite, Guilherme — outro interrompeu.

— Modéstia não é nosso forte, não é? — todos riram na mesa, com exceção de Gabriel, Rafael e Cal. O demônio mantinha apenas um sorriso desafiador no rosto, enquanto cruzava olhos com seu contratante.

— Ficamos todos consternados com o rumo que a humanidade vem tomando e decidimos colocar em prática iniciativas que farão uma transição pacífica para uma nova era de evolução moral da sociedade. Estamos além de ideologias ou religião e somos os mais preparados para a fase turbulenta que entraremos em breve — anunciou o homem com o charuto, enquanto baforava sem pudor.

— Acho que não é a hora de falarmos sobre isso, Marcos — lembrou outro, que se sentava ao lado de Gabriel.

— O fato é que nós queríamos que você fizesse parte do grupo. Não apenas por ter se provado alguém digno de sentar nessa mesa, mas por ser tão caro ao nosso mestre Kalciferum — explicou o apóstolo.

Cal revirou os olhos, impaciente.

— Então foi isso que aconteceu? — interrompeu Rafael. Ele se dirigia única e exclusivamente para Cal. — A menina possuída no meu apartamento, foi você

querendo se livrar de mim antes que esse convite acontecesse?

As portas atrás de si se abriram e o último integrante apareceu. Ele não estava mais com o uniforme de bartender, mas com um terno preto e um chapéu de aba larga. Seu rosto fino mirou Rafael do momento em que entrou, até ficar ao lado de Cal. Permaneceu em pé, como seu segurança particular.

Cal apontou com o polegar para aquele homem de chapéu.

— Foi nosso amigo gringo aqui.

— Um prazer finalmente conhecê-lo de maneira apropriada, *mister* — o demônio de preto fez uma mesura. — Lembra-se de mim?

A aura demoníaca daquela figura sinistra se expandiu apenas para se fazer presente. Aquilo fez o corpo de Rafael estremecer, não apenas por ser bastante densa, mas por fazê-lo se lembrar daquela noite. A cabra de sua visão, o mesmo demônio que saiu da menina e possuiu seu corpo com aquela aura pestilenta. Sentiu vontade de vomitar, de sair correndo em aversão total, mas permaneceu firme até tudo estar claro.

— Abre a Desembucha aí — ordenou Cal, e o demônio obedeceu.

— Peço desculpas por aquela noite, estava lá apenas para insistir mais na possibilidade de você fazer parte do grupo. Perguntei sobre Cal aquela noite, apenas para provocá-lo.

Os olhos do velho na cadeira de rodas miraram o demônio de chapéu e logo depois Rafael.

— Eu não sou muito fácil de dobrar, mas até que esse gesto me surpreendeu — revelou Cal.

— Obrigado, mestre Kalciferum — respondeu o demônio, com olhos sombrios postos em Cal.

Foi a vez de Gabriel se levantar.

— Pera aí — se virou para Rafael. — Você sabia que demônios existiam e mesmo assim nunca me disse nada?

— Senta aí — ordenou Cal e Gabriel sentiu algo perigoso indo em sua direção. Grudou sua bunda no acento e então permaneceu em silêncio pelo restante da reunião.

— Entenda que temos muitos planos para você, Rafael, mas já que resolvemos essa situação, porque não se senta e conversamos sobre o futuro? — ofereceu o membro do charuto, passando panos quentes naquela situação desconfortável.

— O fato é que a gente precisava chamar a atenção do Kalciferum, ele ainda estava receoso para o convite. Achou que você não estava pronto ainda, que não servia para nada. Foi um ato ousado? Foi. Mas deu certo e isso que importa. Hoje você está aqui — revelou Guilherme.

— E o motoqueiro, foram vocês também que mandaram? — perguntou Rafael, com as mãos sobre a mesa.

Olhou para todos ali, com exceção de Gabriel. Mas se desse uma boa olhada nele, perceberia que estava assustado com o tanto de coisa que parecia descobrir agora, junto de Rafael.

— Aquele motoqueiro imbecil não estava com a gente. Na verdade, ele é o que podemos chamar de “pequeno atraso de planos” – explicou o membro ao lado de Gabriel.

Rafael deu um tapa na mesa. Sua raiva explodiu e sua aura também. Todos ali, com exceção dos demônios e o velho, se assustaram. Isso indicava que não deveriam ser magos, eram pessoas comuns. Apenas insensatos.

— Diferente do que alguém aqui possa achar, não me importo com a pequena festinha de piscina, suas pirações sobre futuro ou qualquer uma dessas bobagens — a frase foi cuspidada de uma vez. — Que porra vocês querem comigo?

— Você não está entendendo, Rafael? – Cal se levantou. – Você venceu na vida, meu chapa. É isso aqui que a sociedade tem pra te oferecer. De todos os contratantes, você foi o único que eu sabia que não colocaria nada a perder por ganância, apesar de uma irritante vontade de se meter em roubadas. Passou no teste, sobreviveu até aqui, não tentou dominar o mundo me usando para isso e agora vai ter a chance de entrar no que eu desenhei para o futuro da humanidade.

— Futuro da humanidade... — Rafael riu de como aquelas palavras pareciam ridículas colocadas uma atrás da outra. — Presta atenção no que você está dizendo, seu lunático! Em que tipo de lógica sem sentido você pôs na cabeça achando que eu iria querer isso pra mim?

Cal se virou e apontou para a janela.

— O que os mundanos sempre querem, Rafael? Poder? Dinheiro? Copular? Isso é um rabisco raso do potencial que é a humanidade. O que vocês querem é apenas uma coisa. Tudo o que vocês fazem é para tentar escapar do destino final, serem soberanos de seu próprio destino. Pense bem, absolutamente tudo. Alguns querem prestígio como artistas para eternizar seus nomes, outros querem ter filhos para avançar o legado da família com seus genes, já muitos querem entrar para uma igreja que prometa imortalidade além do corpo. Tudo o que vocês fazem é um grito uníssono, ligeiramente irritante, de desespero para o abismo.

— Eu só quero tranquilidade na minha vida! — gritou, por fim, Rafael.

— Você acha que não quer, mas você é um deles e eu estou aqui para suprir essa necessidade. Provarei isso a você, será o primeiro a ganhar a imortalidade verdadeira.

— Quem você acha que é? — debochou Rafael.

— Eu sou aquilo que Deus não conseguiu ser. Sou aquele que vai realizar o desejo imaturo dos seres humanos. Sou um deus encarnado, um deus de carne, se preferir.

— Você está louco, mas acho que não posso esperar coerência de um demônio como você. Nem aquela maldita bruxa Collete conseguiu imortalidade, porque você acha que conseguiria garantir isso a alguém?

— Magia não pode te garantir imortalidade. Mas algo mais antigo pode.

Cal foi até o senhor de cadeira de rodas no fundo da sala e tirou dele um colar rústico.

Com um gesto, todos obedeceram ao comando do demônio e tiraram dos pescoços amuletos de madeira que guardavam consigo. Oito colares de mal gosto, pousados na mesa.

— São mais que suficiente para fazer o derradeiro ritual. Imagine ter um corpo que envelhece três vezes mais devagar que qualquer outro, que suas habilidades físicas sejam como a dos maiores animais que já caminharam sobre a terra, imagine ter a percepção de coisas que nem sequer já foram catalogadas pelos mais poderosos médiuns, imagine que dentro de suas veias corra um sangue tão antigo quanto a construção desse planeta. E agora, imagine, toda a vez que a morte estiver chegando, você pule para outro iniciado jovem e o ciclo recomeça. Transição de espírito e consciência. Garantido.

Rafael olhou para o rosto de cada um dos membros daquela sala. Sem acreditar que aquilo estava acontecendo.

— Vamos lá Rafael, não me decepcione depois de tanto tempo. Você está dentro ou não?

Cal abriu os braços.

— Temos um contrato — respondeu Rafael.

— Olha, eu fui bem claro na pergunta — protestou Cal. — A cerimônia do fogo acontecerá em muito breve, teremos pouco tempo...

— Se eu mandar você matar todos aqui dentro dessa sala. Você o faria? — A pergunta de Rafael criou um mal-estar tão grande no clima já ruim da sala, que todos os membros na mesa se entreolharam.

— Meu caro Rafael... — Cal se sentou e colocou novamente os pés sobre a mesa. — Se eu achasse que você fosse o tipo de pessoa que realmente faria isso, acha que estaria aqui para começo de conversa?

Rafael suspirou.

— E o Protetorado?

— Amanhã você será dispensado da Ordália quando comparecer. Estava trabalhando numa anulação do julgamento pelo fato de você não ser um magista iniciado. Os velhos lá são cabeça dura, mas eles serão coisa do passado, isso eu te dou certeza.

— Hual está com você nesse plano?

— Claro que não, apenas o coloquei nessa história para caso você se envenenasse com o miasma de Mergal. Ele acabou se envolvendo porque gosta de se meter onde não deve. É o preço que se cobra por envolvê-lo em qualquer questão, fica preso igual a um carrapato.

O mundano se ergueu, ajeitou o paletó e deu um longo suspiro.

— E o que acontece se eu negar tudo isso?



Rafael abasteceu o carro em um posto suspeito na saída da cidade. A placa manchada e semiapagada pelo tempo mostrava uma marca genérica da qual nunca ouviu falar. Usou o banheiro fedorento o mais rápido que conseguiu e logo se aproximou do carro quando o frentista fazia uma limpeza do vidro dianteiro, sem autorização, para cobrar uns trocados a mais. Rafael deixou escorregar uma nota mais gorda que o necessário e partiu dali. A ideia era sair da cidade o mais rápido que podia e torcer para não ser interceptado por ninguém. Havia jogado seu celular fora e se livrado dos novos cartões. Felizmente foi esperto o suficiente para começar a sacar dinheiro vivo pouco a pouco, desde que foi julgado pelo Protetorado, para caso uma fuga pudesse ser necessária. Não poderia arriscar ir ao banco em uma hora como aquela para ser pego no flagra, graças as suas contas vigiadas. Tinha grana o suficiente para viver confortável por alguns anos e arranjar algum empreendimento em alguma cidade pequena do outro lado do país.

Pegou a estrada e o amanhecer já se mostrava no horizonte. Um calor infernal o irritava, junto com uma mosca que havia invadido o carro. Abriu o vidro e viu a coitada ser puxada para fora. A lufada de vento com cheiro de grama foi o suficiente para decidir manter os vidros abaixados pelo restante do caminho. O horizonte de edifícios foi ficando menor pelo retrovisor, até ser completamente substituído pela mata local.

Em dado momento, não haviam mais carros pela estrada. Foi nesse instante em que viu uma ambulância parada no acostamento com o pisca-alerta ligado, indicando que estavam com problemas.

Resistiu a um impulso de parar, mas não poderia em hipótese alguma diminuir a distância de um possível batedor do Protetorado, ou a mando de Cal ou seja lá o

que poderia estar perseguindo-o. Isso fez com que não apenas passasse direto pela ambulância, como acelerou cada vez mais.

Infelizmente, não estava sozinho na estrada.

Escutou uma sirene e uma moto surgiu de lugar nenhum para abordá-lo. Seu coração pareceu saltar para fora da boca, mas percebeu que era apenas um guarda de trânsito. Quem diria que um dia as autoridades atrás dele fossem a menor das suas preocupações.

Estava bem acima da velocidade permitida, então imaginou que não era nada além de uma infração de trânsito.

Rafael foi obrigado a diminuir a velocidade, antes que a situação piorasse, e parou no acostamento. Um policial mal-encarado, com um palito na boca e óculos escuros desceu da moto e foi até a janela de seu carro.

— Documentos, chefia — pediu o homem, enquanto ajeitava as calças apertadas da patrulha, que resistia bravamente contra uma barriga proeminente.

Puxou a papelada do carro e sua habilitação do porta-luvas, entregando com o máximo de tranquilidade que poderia expressar.

— Qual o motivo da evasão?

O sangue de Rafael gelou.

— É sogra? — perguntou o guarda.

O rapaz ficou sem entender.

— Com essa velocidade só imagino que tua sogra esteja te procurando — O guarda soltou uma gostosa gargalhada — Relaxa, meu filho, sei como é essa juventude, ainda mais com um carrão desses.

Rafael deu um sorriso amarelo.

— Mas vou ter que passar a caneta.

— Tudo bem, senhor, eu entendo. Gosto e respeito muito o trabalho da instituição. Infelizmente, minha vó que está em outra cidade, passou mal e estou preocupado

indo pro hospital.

Como poderia ter dado uma desculpa tão ruim como aquela? Nem ele sabia.

— Entendi. Então você tá com pressa... — o policial coçou a barba por fazer e mudou o palito do lado da boca. — Mas veja bem que toda essa burocracia demora um pouco.

— Sei.

— Mas se você quiser, tem um restaurante ali na frente, que o cachorro quente está em promoção. Sabe que a gente que trabalha na estrada quase nunca tem a oportunidade de almoçar, não é? O preço é um pouco salgado, uns 150 e você descola ele pra mim.

Rafael olhou para a carteira dentro do porta-luvas aberto e apertou o volante com força. Mas antes que tomasse qualquer decisão, olhou pelo retrovisor. A ambulância que havia deixado para trás estacionou bem atrás dele. Olhou para frente e viu a moto do policial estacionada a frente de seu carro.

Fingiu pegar a carteira e pôs o braço direito para se projetar até o freio de mão. Quando encostou nele, sentiu um barulho de metal roçando contra metal.

Viu o cano da arma apontada para ele.

— E aí meu patrão, vai descolar aquele cachorro quente? — o policial deu um sorriso diabólico e abaixou os óculos, que eram completamente escuros. A aura demoníaca o abraçou.

A autoridade o tirou do carro e o jogou no chão, mas se afastou, enquanto dois homens gigantesco, que vestiam branco, pularam para fora da ambulância e o arrancaram de lá sem qualquer cerimônia. Rafael se debateu como podia, tentando usar sua aura para tentar alguma intimidação, mas era tarde demais.

Foi sedado e jogado para dentro da ambulância. Sem qualquer chance, sem qualquer testemunha. E foi assim que Rafael desapareceu do mapa.

Parte V

Fogo

“O calor da forja molda a estrela”

Capítulo XXXII

Quando há o céu negro

Trabalhava nos dias de semana e estudava quando conseguia. Lutou pela sua graduação, da mesma maneira como seus colegas de classe, mas tinha o peso das contas de casa nas costas e de um irmão cada vez mais problemático.

Foi na época que arranjou emprego de faxina no pequeno jornal, que decidiu seguir carreira no meio. Não era comum, mas após muita dedicação e conversa, conseguiu vaga como estagiária para revisar o texto das reportagens.

Criou uma relação com o fotógrafo novato naquelas intermináveis noites de trabalho. E, aos poucos, tudo parecia se encaminhar, com exceção das escapadas de seu irmão.

Ele era bastante querido pelo sacerdote da cidade e inicialmente achou que fosse uma espécie de fé em milagres, mas aos poucos foi começando a desconfiar que algo naquela situação estava esquisito. Não havia mais como esconder os delitos.

Sua mãe passou parte da juventude em cana, não poderia deixar que seu irmão fosse pelo mesmo caminho. Então ela tentou interceder, mas nenhum sermão que pudesse dar adiantava. Estava sempre na delegacia, tendo que tirá-lo de lá convencendo o delegado a não entrar com o processo. Felizmente em cidade pequena, tudo parecia mais contornável do que realmente deveria ser. O delegado era amigo da família, mas depois de tanta trambicagem, não poderia mais passar a mão na cabeça do sujeito.

Era acostumada a transformar o que queria em realidade através de seu esforço, não à toa começou a achar que iria resolver toda aquela situação também.

La até a paróquia para tentar criar alguma relação com o sacerdote. Passou a frequentar as missas de domingo e se confessar com certa frequência. Tudo para ficar cada vez mais próxima de seu irmão. Em uma daquelas oportunidades, começou a notar algo que a incomodava. Talvez fossem os sermões longíssimos do padre, ou a quantidade de gente que sabia que não prestava frequentando junto dela

o círculo de famílias que se mostravam parte do rebanho. Mas existia uma sensação que pairava sobre ela toda a vez que pisava sobre aquele solo sagrado.

Aquilo foi aumentando até o dia que visitou a sacristia, a convite do próprio irmão. Foi quando viu o amuleto no pescoço descoberto do padre. De aparência medonha, parecia ser algo feito pelo tipo de gente que nem sequer se aproximava de uma igreja. Não sabia o porquê, mas teve aversão àquela imagem. Só soube que, a partir daquela visita, deixou de frequentar a paróquia, mesmo com peso no coração.

Em dado momento, seu irmão parou de aparecer em casa. Podia jurar que ninguém além dela parecia se importar, nem sua mãe postiça se deu conta, de tanto que o rapaz passava dias na rua.

Sabia que algo havia acontecido. Em um primeiro momento, seguiu o procedimento padrão para casos como esse. Foi até a delegacia, abriu um boletim e aproveitou para falar diretamente com o delegado. De “deixa disso”, recebeu recomendação que esperasse sua volta, afinal garotos problemáticos como ele costumavam dar escapadas para tomar conta da própria vida. Foi sugerido até que talvez tenha encontrado uma namoradinha e talvez estivesse em viagem com ela.

É claro que ela não apenas se irritou, como não desistiu da busca. Falou com seu namorado e os dois deram a ideia na redação sobre a investigação de seu desaparecimento, mas nada além de uma pequena nota de sétima página conseguiram. Nem sequer foto usaram, mesmo já separando várias quando deram a sugestão.

Começou a ter sonhos cada vez mais frequentes com aquele amuleto e, de alguma forma, a bruxa estava no meio. Pois sempre acordava com aquela imagem de uma sombra que batia asas sobre seu rosto. O mau presságio havia voltado e isso só significava que talvez outra tragédia estava prestes a acontecer. Decidiu contar sobre suas suspeitas quanto à paróquia para seu namorado, evitando falar sobre seus pressentimentos.

Foram dias conciliando o trabalho, até tarde da noite, com a investigação que bolaram por conta própria. Toda a informação que chegava até eles era usada. Seja um amigo que frequentava o mesmo bar que seu irmão, ou uma testemunha que dizia tê-lo visto na rua certa noite.

Mas foi apenas quando seguiram o sacerdote, em certo momento, que perceberam que talvez tivessem topado com algo maior do que esperavam. Na mesma noite,

após voltarem para a redação quando acompanharam o padre voltar pra casa, receberam uma ligação anônima que sugeriu que parassem de bisbilhotar na vizinhança.

Aquilo inflamou o coração do fotógrafo, mas refreou a sede de informações sobre seu irmão. Ela sabia muito bem onde aquele tipo de história poderia parar. Já se preparava para péssimas notícias, saber o que provavelmente havia acontecido não justificaria arriscar a vida de pessoas queridas.

Os sonhos começaram a se intensificar, tornando as noites mal dormidas ainda mais sofríveis. Lembrava do amuleto esquisito, enquanto formas sombrias se contorciam para dar forma à Rasga Mortalha que sempre pontuava o fim dos pesadelos. Em um desses sonhos, viu seu namorado ser pego em uma emboscada enquanto voltava para casa.

Ligou imediatamente quando acordou, para escutar sua voz sonolenta do outro lado da linha. Era apenas um sonho. Lutou para acreditar que sim.

Foi quando, cercada na frente de casa, percebeu que suas visões não aconteciam de fato com seu namorado. Foi arrastada até um opala preto e não se lembrou de muito mais coisa.

A partir daquele momento, foi como se fosse levada para dentro de seus pesadelos. Formas desconexas gritavam para ela, enquanto era dragada para o interior, cada vez mais sombrio e profundo, de seus sonhos. Teve colóquios intermináveis com a bruxa, um após o outro. Viu o sacerdote, em um misto de delírio febril e viagens oníricas, viu homens de estudo com sobrenomes de peso formando grupos e comissões para o que fariam com ela e seu namorado. Sentiu toques sebotados em sua tez, conforme era puxada e despedaçada em um turbilhão de sensações que desmanchavam o que restou de si.

Por fim, a última das imagens. Um campo árido, com vegetação rasteira que balançava com o vento do tempo virado. As nuvens carregadas formavam um vitral escuro e brotavam do fundo do horizonte plano. À sua frente, uma cruz imensa de madeira estacada no solo seco parecia ter sede, sentia.

Seu irmão estava lá, com olhos vazios que miravam o nada. Se aproximou e então o abraçou. Mas não houve reação. Era apenas um casco vazio, uma impressão mantida pelo tempo e pela força de suas próprias lembranças.

Sua consciência adormeceu pois, despedaçada, não mais aguentava sentir dor. Lá ficou durante anos, enterrada naquela encruzilhada que não permitiu ser esquecida. Pois ali era terra antiga, que não deixava seus moradores dormirem em paz. Usado para sacrifício em tempos imemoriais, depois como cemitério que foi logo abandonado e então para despejo do que não mais se precisava. Onde se cruzavam energias estranhas não mais registradas.

A Rasga Mortalha pousou na cruz de madeira, sem peso suficiente para terminar de fazer o material ceder. O pio fez todos os moradores daquela terra escutarem novamente. Era o chamado, depois de anos, de algo ali a muito adormecido.

“Levanta novamente, animal que traz a peste. Meu último erro, que vai enterrar todos os outros.”

Algo velho, esquecido e extremamente poderoso escutou. A coisa emergiu do chão com violência, parido com tremendo ardil. Foi tomando forma pelo fogo do inferno, diriam alguns, forjando aquela massa de raiva pulsante. Ossos quebradiços estalaram, enquanto um grito de choro rompeu os céus.

Não se lembrava do seu nome, não se lembrava de onde viera, mas lembrava de quem havia feito aquilo com ela e seu irmão. Seu espírito se mesclou ao espectro. Fazendo o ódio unir o que o amor nunca conseguiria.

A assombração galopou sem cabeça por várias paragens, causando temor e fazendo o coração dos mais sensíveis bater com violência. Muitos anos haviam se passado, o grupo de jovens agora eram velhos, talvez nem mais estivessem vivos, mas seus filhos jaziam envenenando a terra como lhe foram ensinados. O sangue carregava a culpa e aquilo havia de ser o suficiente.

Percebeu que o véu era difícil de romper e para tal, precisaria se mesclar com todo o resto a sua volta. Os cascos foram substituídos por rodas de pneu rígido, o corpanzil atarracado tornou-se de metal ardente e o que restava de sua consciência amparava o corpo que esperavam que pilotasse o corcel de duas rodas.

Atravessou aquela terra em busca de vingança.

Capítulo XXXIII

Quando há um novo lar para Rafael

Levantou-se e deixou o sol entrar após afastar a cortina, se esticou e coçou sua lombar. Tremeu em êxtase após uma gostosa espreguiçada.

Ao lado da sua cama de lençóis brancos estava uma cômoda, acima dela um recipiente de plástico semitransparente com duas pílulas e um copo de plástico descartável com água. Mandou tudo pra dentro sem problemas. O hábito tornou fácil acostumar a engolir os remédios.

O quarto a sua volta era pequeno, mas não minúsculo, com aquelas paredes azulejadas de um azul bebê, com um pequeno banheiro em sua lateral, sem trancas, apenas uma porta do mesmo azul entediante. As janelas eram pequenas e não podiam ser abertas mais que um palmo.

Se jogou ao chão após um curto alongamento e começou a praticar algumas flexões, emendou com abdominais. Seu corpo se aqueceu como a água em uma chaleira, o suor brotava de sua pele como o orvalho da manhã e parte de seus demônios estava para fora.

Sentou-se no chão, fechou os olhos e aquela realidade evaporou.

Havia descoberto, por acidente, que uma das formas do mago pôr sua cabeça no lugar era a criação de seu próprio templo astral. Uma região metafísica, construída com vários propósitos. Um deles era pra deixar lá tudo o que não queria contato com o lado de fora.

Foi difícil no começo, mas a prática da respiração correta que aprendeu em um daqueles livros tibetanos da Biblioteca o ajudou a entrar em estados que sua mente nem sequer achava que conseguia. Primeiro era tomado por uma tranquilidade profunda e, então, dormia. Isso nas primeiras vezes, mas com o tempo — e convenhamos que lá tinha muito — aprendeu a se colocar em um estado entre o despertar e o sono, a área da cabeça onde os sonhos eram formados.

Naquela região não existia o impossível.

O que antes era imaginação, agora se tornara realidade. Inicialmente a construção do local foi difícil, com aquele fundo pálido infinito. Aí fez subir paredes ao seu redor e as fechou em um teto. Mas até dado momento, não era muito diferente da realidade que vivia do lado de fora. Então tentou imaginar algo que pudesse ser ao menos não tão entediante e preguiçoso, foi aí que a coisa aconteceu.

Não soube como, nem o porquê, talvez seu inconsciente tivesse a resposta, mas ele ao menos não estava mais em seu cubículo. A sua volta existia seu antigo apartamento, que pertencia a sua mãe e agora era usado por Isabela.

Conseguia enxergar a poltrona verde e a mesa de centro com bibelôs e até o ventilador cambaleante de teto que não usava mais energia elétrica pra funcionar. Do outro lado do sofá, uma mesa de jantar com seis lugares. A passagem que iniciava o corredor também estava lá, com seu quarto, um de hóspedes — que cedeu para Cal quando morava lá — e o que usava como pequeno escritório quando vivia como freelancer. Mas esses três aposentos, diferente do que eram originalmente, estavam com portas trancadas.

Inicialmente achou uma falta de educação de sua cabeça criar passagens bloqueadas, mas decidiu respeitar vontades que estavam submersas dentro de si.

O tempo se dilatava dentro de seu templo astral e isso dava a oportunidade de vasculhar suas memórias, todas elas. Até algumas bem profundas. Isso o ajudou a categorizar e controlar os fenômenos que passou nos últimos meses. Conseguia graças a isso controlar sonhos, enxergar quais eram memórias e quando poderia sair do corpo em espírito.

Quando finalmente terminou de categorizar tudo, seu quarto foi destrancado. Lá estavam todos os livros, absolutamente todos, que leu na vida, mesmo que a quantidade não coubesse fisicamente naquela estante acima da cama. Magicamente um exemplar surgia quando queria pescar algo dali. Simples assim.

Uma vez ouviu falar de casos de pessoas que aprendiam línguas diferentes após um acidente. A explicação científica era que talvez o contato com outros idiomas por toda a vida deixava a informação encapsulada em áreas obscuras e, após uma batida bem dada e um trauma na cabeça, essas pessoas se viam falando idiomas que nunca aprenderam de fato.

Era parecido com a sensação de folhear aqueles livros, pois ao abri-los, via que todas as histórias estavam ali. Mas com alguns buracos no meio das páginas.

Teorizou que apesar de não conseguir reescrever de memória um livro inteiro, sua cabeça poderia guardar mais informação do que achou que fosse possível ou acessível pelo seu Eu consciente. Percebeu que os exemplares que relia com certa frequência estavam mais completos que aqueles que foram lidos uma única vez e aqueles abandonados tinham páginas em branco do momento na história que parou de ler até as páginas finais.

A campainha tocou e isso indicava que seu tempo ali havia acabado. Abriu os olhos e o mundo real se reconstruiu a sua volta.

Se deparou com o quarto. Escutou a porta a sua frente apitar e se destrancar. Não demorou muito e o burburinho nos corredores aumentou.

Começava mais um dia no Santa Clara, a casa de repouso que agora era a sua realidade.

Rafael atravessou o corredor de cor abacate junto com outros internos. Todos se vestiam com um uniforme padrão: calça e camisa verde claro de um algodão meio vagabundo. Chegou ao quintal da casa, na parte coberta, que circundava a extensão do edifício. O jardim estava a sua frente, com um canteiro de flores e uma fonte de golfinhos que cuspiam água. Podia ver ao longe um cercado imenso feito de uma mistura de grades de ferro paralelas e uma rede de proteção que se curvava para dentro, tornando uma escalada impossível. Do outro lado estavam apenas árvores, como visitantes daquele zoológico no qual estava encarcerado.

Rafael sentou em um dos bancos de frente para a fonte e deu uma breve respirada. Alguns outros internos ficaram por ali com ele, outros continuaram e atravessaram o jardim e passaram pela porta que dava acesso à área de lazer comum.

Sua consulta seria dali a algumas horas, então teria algum tempo livre até lá.

O lugar não era ruim, mantinha-se pacífico e poucas vezes via os enfermeiros ou seguranças sendo necessários. Os internos não tinham problemas muito graves, pareciam pessoas comuns em um spa. Claro que a maioria não estava por livre e espontânea vontade, alguns foram colocados alguns dias antes que tivessem uma overdose, já outros apenas se sentiam confortáveis em permanecer ali após algum surto de estresse, ou até outros que evitaram a prisão por delitos simples, convencendo o juiz que estavam passando por problemas psiquiátricos.

Teve que admitir que os primeiros dias foram intranquilos e parte da segurança era usada para contê-lo. Achou que após tanta luta, os internos fossem evitar contato, mas descobriu que era comum os mais agitados serem aqueles que haviam acabado de chegar e se mantinham assim até descobrir que diferente como nos filmes, escapar de um hospício de verdade era quase impossível.

Quase.

E era no “quase” que a mente de Rafael se prendia.

— Não vai dar certo — uma mulher sentou ao seu lado, possuía o mesmo uniforme que ele e tinha a cabeça raspada. — Eles já te sacaram.

Rafael virou o pescoço para ela, logo depois se voltou para a fonte. Ignorando o comentário.

— Você fica aqui toda a manhã observando a troca dos enfermeiros e o hábito dos guardas. Deve ter começado essa semana, já que não percebeu que é inútil. A rotina dos funcionários e as senhas são trocadas com frequência.

O silêncio foi dado como resposta.

— A única coisa que eu ainda não descobri é por que você está marcando os lugares.

Ela era perspicaz, notou.

Como se despertado de um sonho, o mundano se virou para ela novamente. Se havia percebido que marcava símbolos em vários cantos do local, é porque poderia ser útil de alguma forma para ele.

— Estou aqui há muito tempo — ela cruzou as pernas e apoiou o queixo no joelho.
— Já vi gente assim, igual você, que se recusa a desistir.

— Guarda um segredo? — perguntou Rafael e sua voz saiu alienígena para si. Devia ter se passado uma semana inteira desde a última vez que suas cordas vocais foram usadas.

— Mas esse é o local dos segredos. Eles não saem daqui, nem eles, nem a gente.

Rafael abriu a mão e mostrou um pedaço de arame minúsculo tirado de um prendedor de saco de pão. Não tinha como ter função de arma, mas Rafael não precisava de uma. Precisava de algo que pudesse marcar no mundo o desejo de mudar a realidade. Naturalmente, canetas e lápis não tinham como ser acessados ali, então não tinha outro jeito se não friccionar a ponta do arame até fazer uma marca em madeira e, com mais custo, em metais.

— Não estou observando os enfermeiros — Rafael sorriu e se levantou, deixando a menina para trás. Mas ela o seguiu toda espreitada.

Rafael foi até a área de lazer, agarrou uma revista e se sentou o mais afastado que conseguia de todos os outros. Procurou um lugar onde só poderia haver um assento e lá ficou, mas a mulher, insistente, sentou-se no chão ao seu lado.

— Por que você tá observando então? Está escolhendo uma vítima? — ao ver que Rafael não deu bola, ela continuou. — Eu tô brincando, tá? É que do jeito que você falou parecia um daqueles psicopatas de filme, mas não tem esse tipo de gente por aqui.

— Pessoas são como antenas — Rafael começou explicando, enquanto fingia folhear uma revista. — Elas transmitem intenções a todo o momento. Eu observo a rotina de cada uma delas, seus locais preferidos, ouço conversas, marco algo pra potencializar essas intenções e eu posso criar situações.

— É, acho que está no lugar certo.

— E você está aqui por que? — inquiriu Rafael, impaciente.

— Remédios para emagrecimento. Muitos deles. Quase morri da última vez, quando meus avós decidiram me jogar aqui. Mas não ajudou, sabe? Eles oferecem muito carboidrato nas refeições, é um inferno.

Os dois pararam de falar por um tempo.

— Então você é tipo um Jedi? — ela recomeçou.

— Olha. Eu não sou um cara legal, minha passagem por aqui será breve e eu não tô afim de fazer amigos. Por que não vai fazer outra coisa e para de me encher? — como imaginou, sua vontade de fugir dali batia de frente com sua vontade de ter contato com outras pessoas.

A mulher estalou a língua, se levantou e preferiu deixar Rafael em seu cárcere pessoal. Mas não antes do mundano oferecer uma proposta. Ela riu, achou ele meio maluco e então foi embora.

Antes de perceber, o horário o avisou de sua consulta.

Rafael chegou, arrastou a cadeira e sentou de maneira desleixada. Viu o seu psiquiatra ali, como sempre via naquele dia da semana. Seu estômago revirou de irritação, mesmo tentando fingir consentimento com a situação, era difícil ter sangue frio com a pessoa que era culpada pela sua situação.

— Vamos rápido que tenho uma sessão de *pinguepongueterapia* daqui a meia hora.

O psiquiatra fazia anotações naquele maldito caderninho como sempre. Olhou para ele e começou anotando.

— Por que precisamos continuar fazendo isso? — questionou Rafael.

Finalmente o seu terapeuta tirou os olhos do papel e dirigiu aqueles frios olhos castanhos para ele. Deixou a caneta pena em cima da mesa e fechou o caderninho da maneira mais lenta que Rafael já vira alguém fazer na vida. O homem esteve lá nas últimas semanas, mas voltaria em breve para seu consultório na cidade, então seria uma das últimas oportunidades de dar uma lição nele.

— Ficar irritado não vai resolver... — o velho abriu uma gaveta na escrivaninha e tirou um maço de folhas que usava para prescrever receitas. Tinha o timbre da Santa Clara no canto inferior direito. Ele escreveu com calma e depois arrastou o papel com a ponta dos dedos trêmulos até Rafael. — É para ansiedade, vai se sentir melhor.

Rafael pegou o papel, amassou e jogou para longe.

— Eu já tomo aquilo que vocês me dão, não preciso ficar mais dopado.

E realmente, se sentia estranho desde que foi internado ali. Às vezes era como se vivesse dentro de uma caixa, testemunhando tudo pelo lado de dentro. A sua capacidade de enxergar auras parecia se embaraçar com outros sentidos e os espíritos vagantes haviam novamente sumido.

— Não estamos te deixando dopado, Rafael. Entenda que sua estadia no Santa Clara será curta, se tudo ocorrer bem.

— Você recebeu dinheiro para falsificar minha assinatura. Já tem o que querem, não precisam me torturar com esse teatrinho.

O velho segurou a caneta no ar, inerte ao escutar aquilo. Sua testa se enrugou, com certo espanto nos olhos.

— Me diga então por que afinal teríamos interesse de cometer esses delitos?

— Porque você não admite logo que está fazendo isso para me tirar da jogada enquanto estão roubando a MINHA empresa?

Mais uma anotação com a caneta e Rafael deu um tapa que a jogou longe. Enfermeiros entraram, mas o terapeuta pediu para que se afastassem.

— Suas explosões constantes comigo e com os outros internos não vão ajudar em nada. Nem eu, nem Suzana tem culpa da sua situação.

“Outros internos”, pensou. Devia se referir à mulher que conversou com ele antes de entrar naquela sala. Suas desconfianças eram verdadeiras, estavam de olho nele da mesma forma que Rafael fazia.

— Infelizmente somos obrigados a tomar medidas mais duras se não puder ter algum tipo de autocontrole, entende? Não é a minha forma de trabalho, mas precisamos preservar o nosso pessoal e os outros pacientes.

Rafael se ajeitou na cadeira, cruzou a perna e deu um longo suspiro. Mas antes que começasse a falar, porém, seu psiquiatra recomeçou.

— Você veio aqui com suas próprias pernas após ligar para cá, pedindo internação. Veio, preencheu nossas fichas e assinou dúzias de papéis para garantir que não vá se arrepender em um surto. Cedeu o privilégio de sua liberdade momentaneamente, até descobirmos o “mal que há dentro de você” — leu de uma ficha sobre sua mesa. — Essa é a sua letra, Rafael. Com sua assinatura. Nos primeiros dias foi tudo tranquilo e então as coisas mudaram, começou a falar que tentavam roubar sua empresa. Fui até o fundo disso e liguei para seu amigo, aquele rapaz simpático que é seu sócio. Ele disse que você assinou todos os documentos e com dezenas de testemunhas para provar.

— Eu só assinei uma procuração para o setor jurídico cuidar dos detalhes, não tinha assinado nada conclusivo. A venda estava marcada, mas eu não assinei nada

para fechar negócio! Você pode ligar para minha secretária inclusive. Aquele Gabriel me passou a perna, junto com aquele cara...

Se arrependeu de ter dito aquelas palavras e os olhos afiados do médico o miraram com uma desconfiança atroz.

— Está se referindo aquele rapazinho, que você sempre mencionou nas nossas consultas? Qual o nome dele mesmo?

— Sim! Cal está envolvido nisso também! Está satisfeito!? Ele armou para mim junto com Gabriel e uma empresa, associação, sociedade secreta ou sei lá como chamar aquilo. Tudo para comprar a minha empresa e tomar o controle. Me enfiaram aqui para impedir isso e você sabe muito bem que eu fui arrastado para cá!

Seu terapeuta pousou a ficha sobre a mesa.

— Eu não costumo fazer isso com outros pacientes, mas frente a essas acusações você não me deixa escolha — Rafael pensou que fosse o momento de ser trancafiado em algum local isolado de Santa Clara, mas não pareceu ser o caso. O velho se levantou, vestiu seu paletó marrom e então pediu para que ele o acompanhasse. O mundano se foi, seguido por três seguranças, enquanto avançavam sobre uma das áreas internas da instituição.

Atravessaram uma porta de metal, que abriu depois de um apito, passaram por corredores em que funcionários se vestiam e guardas se encontravam para a troca de turnos. Era como chegar nos bastidores de um palco muito bem montado. Acabaram parando em frente a uma porta de ferro, que pareceu pesada ao ser arrastada, revelando um cubículo escuro em seu interior, onde uma das poucas luzes que incidiam no ambiente eram a das telas de vários televisores amontoados.

O terapeuta pediu para que o segurança que ficava de olho no sistema de câmeras mostrasse a eles a gravação do saguão de entrada em um dia e horário específicos, segundo leu na ficha que carregava consigo.

A espera era um monstro que começou a comprimir seu peito. Quando percebeu que o guarda havia achado o vídeo correto, seu coração parecia saltar pela sua boca e uma gota de suor correu por seu pescoço.

Lá estava ele, Rafael de uma realidade paralela, adentrando a instituição com toda a calma do mundo. Ele conversou com duas recepcionistas e logo foi até alguns assentos com uma resma de folhas nas mãos. Ficou vários minutos preenchendo aqueles papéis, tentando equilibrar a caneta da melhor maneira que conseguia. Depois de entregar, esperou mais um pouco no saguão e então, entrou em uma porta que dava para o interior da instituição, para nunca mais sair.

Aquelas imagens pareciam agredi-lo de uma forma que nunca achou que fosse possível.

— Sinto muito em falar de uma forma tão direta, mas seus ataques de pânico não são seu único problema. Você sofre de um tipo específico de esquizofrenia — o psiquiatra pôs uma mão sobre seu ombro. — Já tinha leves suspeitas disso nas nossas conversas, mas sua internação aqui foi essencial para decifrarmos os sintomas. Os dois males não têm relação, mas juntos transformaram você em uma bomba relógio que, felizmente, agora tem a oportunidade de ser controlada. Dê uma chance ao nosso tratamento e verá com seus próprios olhos que talvez melhore sua qualidade de vida.

Todos ali se surpreenderam, quando Rafael deu uma sonora risada. Apontou para a tela.

— Isso é uma farsa e você é uma fraude. Como pode ser tão cara-de-pau assim? — A tela pausada, no momento em que Rafael entrava na porta da instituição, apresentava um efeito de chuva que perturbava a imagem. — O vídeo está com a qualidade péssima, mas mesmo assim qualquer um pode ver que a cena foi alterada. Não sou eu ali, foi a Augenweis. Devem ter armado contra mim.

Os olhares dos guardas machucaram ainda mais Rafael, mas o terapeuta estava com um semblante calmo no rosto. Uma expressão que podia significar já ter passado por situações parecidas muitas vezes com outros pacientes, quando sugeridos que participavam de uma realidade inventada.

— Augenweis? A rede de hotéis? — Um enfermeiro deixou escapar. Foi o suficiente para transbordar um copo dentro daquela pequena sala.

Rafael, fora de si, pulou para cima do terapeuta. Só teve tempo de acertar um soco de raspão, que tirou os óculos do velho, que caiu no chão pelo susto. Ele estava ileso, com exceção de uma marca no nariz produzida pelo objeto tirado de seu rosto à força. Rafael não conseguiu mais avançar, segurado pelos guardas.

— Queria oferecer uma estadia melhor ao senhor, mas o seu comportamento me obriga a tomar decisões inoportunas. Eu acreditei que pudéssemos trabalhar juntos nisso.

O rosto de Rafael ficou vermelho, mas por mais que tentasse, ele apenas conseguia ser arrastado para longe. Mas antes de sair da sala, deu um tapa na mesa, onde discretamente tinha desenhado com o arame um selo arcano que serviria de ativador.

Rafael aplicou no símbolo uma quantidade ínfima da energia produzida pela sua aura, o máximo que conseguiu com a química em seu sangue, e o usou como se fosse o gatilho de uma sequência de demolição. O selo era uma equação simples: apenas criava uma hierarquia com todos os outros selos desenhados por todos os lugares. Cada um deles feito durante dias de observação. Quando recebessem a energia, cada um se ativaria à sua maneira.

Do pouco que conversou e analisou, as pessoas que permaneciam próximas ao portão de entrada ao lado da área de lazer eram as mais ansiosas quanto a uma fuga, achavam necessária a observação de brechas na segurança para escapar a pé. Eram impulsivas por definição e o selo que ali constava seria para geração de ansiedade para afirmar que o momento havia chegado e, pelo efeito cascata, o primeiro que tentasse algo iria passar confiança aos outros.

Na área de lazer ficavam aqueles que gostavam do tamanho do local e do quanto era aberto, podiam ficar também de olho na rotina dos enfermeiros. Eram pacientes e costumavam montar um plano mais elaborado, por isso precisariam de um empurrãozinho para dar o início, mas após a confusão da entrada eles saberiam quais funcionários estariam lá. Dariam ajuda aos primeiros, estando mais preparados que qualquer um para a assistência.

Pelo jardim ser a área mais distante, com exceção dos quartos, era geralmente quem havia desistido da ideia ou estava internado porque queria estar ali. Aquele selo era o mais complexo de ser induzido e após pensar em algo, descobriu que seria o mais complicado. Deveria fazer pessoas mudarem completamente de ideia e isso era bem mais difícil do que criar impulsos de oportunidade ou análise de confusão. Fazer alguém mudar de ideia para o oposto do que achavam daria trabalho, mas decidiu manipular a realidade a sua própria maneira. Teve conversas de cotidiano com cada um dos internos que mais frequentavam o jardim e usou palavras que se conectariam com o símbolo. Teria em seu cerne o motivo pelo qual achavam que deveriam estar ali. Era quase como plantar um vírus hermenêutico.

No momento em que o primeiro e o segundo selo tivessem se ativado, o terceiro se ativaria e criaria algum pensamento de dúvida em suas cabeças. Era dar a faca, o queijo e o tom de exclusividade sobre aquele laticínio maravilhoso. Nem os sem fome recusariam.

Não demorou muito para Rafael perceber o quão bem-sucedido seu plano se tornou, pois quando era arrastado pelo corredor, ouviu uma sineta tocar e dezenas de enfermeiros surgiram em um mar branco de violência. Até os internos que não foram convencidos sentiram afinidade para se unir a causa, por não concordarem com os métodos agressivos dos funcionários, desesperados pela situação.

Um dos chefes de enfermaria viu a quantidade dos brutamontes que seguravam Rafael e gritou para que eles largassem ele ali e se concentrassem na entrada, onde a massa disforme de internos tentava sair a todo custo. Rafael parou de fazer força e deixou dois o conduzirem até a ala dos dormitórios e lá ele montou a arapuca final. Quando passaram pelo corredor dos quartos, a porta que separava as alas se fechou com força e a dupla de enfermeiros se assustou com o barulho.

Ainda segurando Rafael, olharam para trás e viram um pentagrama invertido feito com sangue desenhado na porta e o cadáver de uma menina, com os pulsos cortados, caído no chão.

Aquilo não assustaria homens como aqueles, mas quando Rafael ativou um selo que havia desenhado no umbral da porta, a coisa mudou de figura. A forma mais fácil de causar mudanças de humor em alguém é instigar medos e receios. E foi isso que fez quando, além do selo ativado que mudavam a percepção deles quanto à crença no sobrenatural, expandiu sua própria aura para se tornar aterradora como faria um predador. Aquilo fez os enfermeiros ignorarem os sachês de ketchup mal escondidos e achar a cena bem mais assustadora do que realmente era.

Os funcionários foram golpeados por uma onda de adrenalina, como se suas vidas dependessem daquele estado de alerta. Os dois olharam para ele como se Rafael fosse o próprio demônio. E o diabo riu histriônico de suas vítimas.

— Bem-vindos ao inferno. Satã solicita Vossa presença.

Um dos enfermeiros deu um berro do fundo de sua alma e os dois correram para o dormitório mais próximo, mas a sede de sobrevivência foi tão forte que o primeiro que entrou se trancou lá dentro, deixando o segundo para o lado de fora. O homem se debateu na porta e começou a gritar ainda mais, como se Rafael fosse o próprio

anticristo encarnado. Então seu rosto se contorceu em um suspiro de desistência e ele simplesmente desabou como uma jaca madura.

— O cara desmaiou mesmo? — falou Suzana. Ela se levantou do cenário macabro montado com condimentos de tomate e parecia chocada. — Parece que você realmente é um Jedi.

Ele havia feito uma aposta. Para provar que ele realmente tinha a capacidade de montar um plano de fuga. Caso acontecesse uma confusão geral naquele dia, ela iria elaborar a cena mais dantesca que poderia ter pensado para assustar qualquer funcionário que passasse por ali. Sua ideia era apenas adicionar mais focos de confusão, não achando que cairia como uma luva para aquela situação.

Rafael e a mulher correram em direção à entrada. Circundaram o jardim, atravessaram a área de lazer até chegar ao portão principal. Uma porta magnética era a única barreira que separava todos eles da recepção e, por conseguinte, de sua liberdade.

A porta cedeu, mas um estampido rasgou a confusão junto com as expectativas de Rafael. Quem ia na direção da saída com rostos cheios de esperança, agora retrocedia com a expressão de desespero. Mais um estampido, outro e muito mais. Um homem de aparência grosseira entrou pela porta magnética apontando para o alto um revólver de grosso calibre. Sua cara era um mármore avermelhado e carrancudo que equilibrava um cigarro amassado na boca. Após a multidão se recolher, ele observou a recepção por através de seus óculos escuros de caminhoneiro. Usava um uniforme da segurança e estava sendo seguido por muitos outros guardas, com armas em punho.

— Mas que porra é essa? — o segurança ralhou.

Não havia passado pela sua cabeça que se aquele lugar era usado para tirar da sociedade o que os peixes grandes queriam, era porque teriam dinheiro o suficiente para contratar aquelas dezenas de seguranças armados até os dentes.

E foi aí que Rafael percebeu que não apenas seu plano tinha ido por água abaixo, como a partir dali sua vida ia piorar imensamente.

Capítulo XXXIV

Quando há uma cadeira

A experiência de não existir era algo novo para Rafael. Quando ele deu por si, após levar um soco na cabeça em meio à confusão, se descobriu em um quarto muito mais escuro e apertado do que se lembrou que estava. Sua cabeça latejava com intensidade e suas costelas estavam ardendo como se pressionadas contra uma chapa quente. Ele tentou se levantar, mas o ato lhe custou a tranquilidade de um chão nem um pouco confortável e uma dor lancinante em sua barriga.

Xingou baixinho e tentou olhar para cima, onde viu apenas uma abertura minúscula no alto. O chão frio estava sujo, mas era o melhor remédio para sua dor. Decidiu permanecer ali.

Escutou barulhos de tempos em tempos que Rafael só poderia julgar o que seriam. Um grito ou outro era solto de vez em quando, às vezes próximo de sua cela, outras vezes abafados pela distância. Suas costelas continuavam doendo mesmo depois de algumas horas, mas ao menos sua barriga parecia ter aliviado um pouco e sua cabeça era agora um grande sino onde a enxaqueca batia com um martelo.

Se ergueu com cautela e se escorou na parede. Sentado, olhou novamente para a abertura, onde uma luz amarelada cruzava a cela e era o seu único contato com o mundo exterior. Rafael aguardou durante mais algum tempo, então mais barulho, dessa vez bem próximo e uma sombra passou do outro lado da porta, grande o suficiente para tapar o buraco e impedir que a luz entrasse.

Tomou um susto e se afastou quando uma portinhola na parte inferior da porta se abriu, o fecho de luz foi direto em seus olhos e o cegou por alguns instantes. Quando deu por si, a lingueta que existia na porta se fechou novamente, mas houve tempo o suficiente para Rafael perceber que em um apoio agora repousava um prato e copo descartáveis com água e alguma comida indescritível na escuridão. A sombra atrás da porta se foi.

Apesar do cheiro não estar dos melhores, já que conseguia sentir a picância de arroz parcialmente queimado com as narinas, ele foi com tudo. Comer com talheres

de plástico era difícil, fazer isso no escuro era uma tarefa hercúlea.

No final, quebrou um dos dentes do garfo e esperou que aquilo não levantasse suspeitas. Acreditou que não, já que aquele tipo de material vagabundo se quebrava em qualquer circunstância.

Deixou o prato e copo no apoio da porta e depois de alguns minutos eles foram retirados. Rafael viu um par de mãos rechonchudas enormes agarrarem aquilo sem muito cuidado e jogar para baixo, pelo som, a pessoa passava com uma sacola de lixo no qual depositava os itens descartáveis.

Aproveitou a luz do lado de fora da abertura superior para rascunhar alguns selos que poderia enxergar a olho nu. Qualquer coisa que o conseguisse tirar dali.

Derrubar a porta parecia parcialmente impossível tendo como combustível sua própria aura. Perigava sofrer um coice e ter sua temperatura corporal e sua vida ceifadas por algum ato daqueles. Mas poderia fazer algo simples que, com a frequência, proporcionaria algum tipo de milagre.

Rafael achou que conseguiu elaborar algo útil e de pouco consumo de energia, a ideia era fazer as dobradiças de metal derreterem depois de alguns dias aplicando sua força vital naquilo. Rabiscou uma versão mais aprimorada próximo do local indicado e então fez sua aura se comprimir e passar pelos seus dedos.

— Espero que não esteja tentando explodir a porta.

Aquilo fez Rafael saltar para o outro lado da minúscula cela. A voz abafada surgiu ao seu lado, como se alguém falasse ao lado do seu ouvido.

— Não sou um fantasma, pelo amor de Nuit. Que tipo de bruxo de meia pataca é você?

Agora pode perceber que a voz não era do além, mas de algum buraco na parede ao lado oposto de onde estava. A voz ecoava lá dentro como se estivesse dentro de um sino. Rafael apalpou a parede até achar um buraco de pelo menos três centímetros no tijolo que separava o seu cativeiro do de um outro alguém.

— Você é um mago também? — inquiriu Rafael, em um sussurro.

— O que? Pode falar mais alto meu filho, ninguém fica nos corredores e certamente ninguém vai escutar mais do que um balbucio vazio do outro lado —

riu o magista além rocha.

— Como você sabia que eu estava tentando fazer algo aqui?

A resposta demorou a vir.

— Novato, não é? Sua aura é instável. Percebi quando tentou fazer algo com ela, só não espero que seja nada irresponsável.

— Eu só ia tentar quebrar as dobradiças — e então Rafael se deu conta de algo óbvio. — Mas espera aí, se você é um mago, porque não arranjou um meio de cair fora daqui?

— Longa história, te conto quando tivermos bebendo umas. Amanhã provavelmente. Fique quieto e tente não se explodir até lá, *capisce?*

Não parecia muito lógico esperar naquela situação, mas Rafael era realmente novo naquilo e um dia a mais ou a menos no seu inferno astral não iria fazer diferença, pelo menos é o que ele achava. Tentou dormir o melhor que podia, mas o chão era duro e suas costelas não pareciam dar trégua na dor. Foi acordado quando finalmente já tinha pego no sono. A porta a sua frente tremeu e foi aberta com força.

Não conseguia ver muita coisa, mas percebeu pela luminosidade ambiente que provavelmente era dia. Rafael se levantou, com o braço formigando depois de usá-lo como travesseiro. Foi andando com cuidado para fora e viu uma salinha minúscula com uma mesa, cadeira e luminária apagada presa na parede. Três portas jaziam ao lado da sua: a vizinha, onde a voz da noite anterior vinha e mais uma no final da sala. A porta que dava para fora da salinha também estava aberta e sons de conversas e cochichos podiam ser ouvidos.

O lugar parecia uma grande garagem, com o chão feito de um cimento poroso que se desprendia e criava uma areia fina embaixo de seus pés. As paredes eram de um concreto cinzento e porcamente nivelado. A luz do sol chegava por basculantes minúsculos, impossíveis de passar, na parte superior das paredes, onde grama invadia com desleixo por elas. O que indicava que estavam a alguns metros debaixo do nível do solo. Um grupo de pessoas estava ali e parecia uma dimensão corrompida de Santa Clara. Até mesmo os internos, que possuíam o mesmo uniforme, pareciam mais loucos e sujos do que estava acostumado.

Passou por uma mulher conversando com uma parede e após observar seu monólogo, foi fuzilado com um olhar mal-humorado da mesma. Um dos internos estava nu, deitado no chão como se estivesse tomando banho do sol que pouco existia e diversas outras pessoas com rostos cansados e fazendo coisas diversas se concentravam em seus próprios universos.

Era bem aberto e vários enfermeiros estavam andando de um lado para outro, nenhum com uma boa expressão no rosto. Cutucavam os internos ou tiravam sarro de alguém com algum comportamento fora do comum.

Uma interna quase trombou com ele enquanto ele tentava identificar seu vizinho de cela.

— Cuidado com a lua vermelha! — ela repetiu para Rafael, e então se virou e começou a cochichar com ela mesma.

Rafael tentou identificar seu vizinho de cela pela aura, mas achou bem difícil. Não conseguia enxergar ou sentir nada de nenhum dos internos. Enquanto virava o pescoço tentando entender o que acontecia com ele, ao fundo, um velho bem magro em um dos sofás levantava uma latinha de cerveja em sua direção. Ele estava sozinho e após esvaziar a latinha, abriu um compartimento na parede ao lado que lembrava uma gaveta e jogou lá dentro. Em seus pés estava um isopor pequeno e algumas bebidas.

Quando se aproximou, o homem estendeu a mão para que se sentasse e pegasse uma das latinhas. Agarrou uma de refrigerante e ao abrir, viu que um homem com o dobro de sua idade começou a olhar para ele com uma expressão clara de sede. Rafael foi erguer sua latinha na direção do interno, mas o velho magista abaixou a mão do rapaz.

— Eu ofereci para você, não pra ele — censurou.

Rafael bebeu uma golada refrescante e açucarada e então se sentiu mal. O velho percebeu e deu uma risada rouca.

— É realmente um novato. Quanto tempo não vejo um neófito com cara de bocó. A pergunta que não quer calar é: mexeu com quem?

O velho não conteve mais uma risada, dessa vez bem aberta e alta. Apesar de magro, sustentava uma barriga saliente. Pequenos tufo de cabelo grisalho

salpicavam sua cabeça alva. Vestia-se como qualquer um dos internos, mas agia diferente deles.

— Um pessoal aí — respondeu Rafael, sem muito interesse em continuar por aquele assunto.

— Sempre tem um “pessoal aí”, não é mesmo? Mais do que deveria ter. Mas daqui a pouco você cai fora, fique tranquilo.

Apesar de ter acertado a previsão, de que estariam bebendo, no dia anterior, aquelas palavras pareciam uma ficção mal-ajambrada.

— Como pode ter tanta certeza disso?

— Ora, se alguém quisesse você longe das ruas para sempre, teriam te metido uma azeitona no meio da testa ou explodido sua casa. As pessoas que vem pra cá, vem por um motivo e por um período estipulado de tempo. Podem ser anos, mas nunca uma eternidade. Você deve ter aprontado lá em cima, decerto. Já fui como você, lutando contra o sistema. É coisa de jovem.

— E então você decidiu fazer parte dele.

O homem deu uma golada demorada na cerveja, amaçou a latinha com o pé e jogou na gaveta ao seu lado.

— Esse papo de sistema é pra quem se aproveita dele, ou luta contra. Duas faces da mesma moeda. Eu estou fora do jogo, meu querido neófito. Sou apenas um pesquisador.

— E o que você está fazendo aqui, “Pesquisador”?

— Eu trabalhava viajando, ia de ponta a ponta do país desenvolvendo um trabalho sobre sensitivos e gorados em hospícios. Desculpa, esse nome não é mais politicamente correto, mas na época que comecei a gente chamava de manicômio. Mas cruz-credo chamar disso agora, esses magistas de nova geração caem matando, é um saco.

— Então você pode sair daqui quando quiser, é por isso que tem esse pequeno privilégio? — Rafael chutou o isopor em seus pés.

— Ah não, isso não. Eu leio o futuro da filha do dono dessa instituição na borra de café. Uma bobagem, mas ela acredita, então ganho uns mimos. A realidade é que acabei ficando preso nessa espelunca.

— Então realmente tem magos por aqui? Sempre pensei que fosse lenda urbana.

O velho magista deu um tapa no ombro de Rafael, aquilo sacudiu seu corpo e fez a lateral de seu peito gritar de dor. Fez uma careta e bebeu mais um gole de guaraná.

— Décadas atrás a ditadura jogou um bando de magistas aqui, a coisa foi feia. Até uns magões da família tradicional intervirem e criarem o grupelho deles para estancar o que sofriam.

Rafael apertou os olhos. Desconfiou do que ele poderia estar falando.

— Ué? Não curte o Protetorado também não? Você parece diferente daqueles neófitos lambe-botas que andam iniciando por aí. Dizem que os ritos de hoje deixam a língua dos novatos no formato do testículo dos grão-mestres. De qualquer forma, é isso aí. Eles dizem que foi necessário para cessar as perdas por parte das grandes ordens esotéricas. Bobagem, na minha opinião, eles é quem queriam apontar o dedo para jogar os *prafrentex* e os magos vermelhinhos nesses lugares.

— E conseguiram?

— E aí que parte dos hospícios se encheram de magistas, iniciados ou não. Tem gente que nasce já do outro lado do limiar e nunca é iniciada. Seja por não ser de família tradicional ou por ser uma aberração. Em casos raros, eles piram e vem pra cá. A gente os chama de gorados. Eu me voluntariei pela Ordem de Nuit para estudar os casos de recuperação e aqui estou.

— Ser voluntário de uma causa me parece bem nobre.

— Desilusão de como as coisas são. É como dizem, não é? De boas intenções o inferno está cheio e cá estou eu preso.

Rafael pensou naquilo tudo em silêncio. E então decidiu ir direto ao ponto.

— Eu não consigo sentir auras.

— Isso aí são os remédios que salpicam na tua comida. Eles deixam a gente dopado, por isso me referi a não se explodir. Você não tava conseguindo ver a

quantidade de aura que estava usando ontem, é como tentar acertar o buraco de uma agulha depois da biritá. Mas isso está longe de ser seu verdadeiro problema aqui.

O velho apontou para um interno do outro lado da sala e quando Rafael pôs os olhos nele, por tudo o que acreditava, aquilo foi uma das coisas mais assustadoras que já vira até hoje.

O homem era de baixa estatura e vestia aquele uniforme como qualquer um dos internos, era calvo e tinha orelhas enormes. Possuía olhos vidrados, que miravam nele e em seu amigo Pesquisador. Mas o que mais mexeu com Rafael foi aquele sorriso perturbador. Parecia existir algo mais naquela expressão que não pôde precisar de qual natureza era e exatamente por isso era inquietante.

Não havia notado a presença daquele interno, muito menos que o observava graças a não poder sentir auras.

— Eu não recomendo aplicar nenhuma feitiçaria aqui. Aquela coisa é o tipo de bicho pra se afastar principalmente se você é um iniciado. Eu tenho uns macetes para sair de lugares como esse, mas depois que acabei topando com aquilo, não pude fazer mais nada se não esperar que o diretor fique feliz o suficiente com a alegria da filha que me tire por piedade.

Não conseguia olhar para ele sem que sentisse enjoo, então Rafael afastou os olhos.

— Preste bastante atenção nessa sensação que está tendo hoje — o velho falou sério, pela primeira vez. — Mesmo se pudesse enxergar auras, seria inútil, aquela coisa não tem nada a não ser um vazio descomunal no meio do peito. Por isso chamamos ele de vazios.

— Isso não faz sentido, criaturas tem auras, diferentes, mas tem. Algo que não tem aura não está vivo — era o básico do estudo de magia.

— Não cometa esse erro sobre vida ou morte. Aquela coisa está fora desses parâmetros e infelizmente estão se tornando cada vez mais comuns. Aquilo é resultado de quando um bruxo como nós se vê entediado com o que a magia tem a oferecer e começa a procurar coisas que vão além até mesmo do She'ol. Por Nuit, esse mundo está perdido.

— Ele sabe o que somos? Porque tá olhando pra cá?

— Você fez sua aura se agitar de maneira bem interessante para ele ontem, mesmo estando tranquila agora, ele consegue diferencia-la como impressão digital. Sabe que você anda aprontando. É como um farol pra essas coisas. Eu te aviso porque esse vazio é para gente como mosca para a luz e os resultados não são nem um pouco favoráveis para o nosso lado.

Rafael se retirou da conversa depois de não conseguir se concentrar em mais nada, tentou voltar para sua cela para ter a maior distância possível daquele monstro, mas não queria ficar sozinho com portas abertas. Voltou para o ambiente de lazer, mas se preocupou em ficar de costas para uma parede. Não sabia se a coisa tinha saído, mas teve a impressão que não se livraria dele com muita facilidade ali. Pela sugestão do Pesquisador, tentaria permanecer tranquilo e sem mais truques com aura e provavelmente o interesse dele por Rafael iria diminuir gradualmente.

As noites seguintes foram conturbadas. Fazia jejuns prolongados evitando consumir os remédios da instituição e os resultados foram surpreendentes. Com Rafael impedindo de tentar escapar, seus únicos momentos de paz eram em seu templo astral, no qual meditava sobre questões fundamentais e lia sobre livros importantes que tinha experimentado na Biblioteca de Toth, esperando que algo ali pudesse ajudá-lo. Quando não conseguia, matava o tempo com outras leituras que por ventura possuíam em sua biblioteca mental. A maioria com enormes buracos mnemônicos, mas ainda sim com muita coisa que Rafael achou que estava perdido e que era bastante útil.

Foi em uma das folheadas em materiais curiosos antes de dormir que Rafael refletiu sobre uma das passagens mais inusitadas que tivera no seu avanço gradual no mundo da magia. Lembrava das provocações de Éder. A parábola da cadeira era apenas um exercício para neófitos imaginarem um mundo onde a realidade física não existia, logo o impossível era a realidade.

Afinal, para resolver a parábola você precisava criar um paradoxo simples e fora da caixinha para a situação. “Como um mago consegue fugir de uma sala sem portas e sem janelas, onde uma cadeira que não pode ser sentada seria a dica para escapar?” Aquilo chamou sua atenção e decidiu pensar um pouco sobre o misterioso enigma. Afinal, tirando a parte da cadeira e de uma porta trancada, Rafael estava preso como no enigma.

A resposta era simples: a cadeira que não podia ser usada para seu único propósito, em um mundo de obviedades, era porque ela simplesmente não existia de fato. Afinal, nada que falhe como propósito poderia existir. Nesse raciocínio, se a cadeira não existia, então as paredes não existiam e a cela não passava apenas da prisão interna do magista. Aquela resposta deixava Rafael irritado, mas naquela situação se obrigou a pensar nela.

Não podia atravessar a matéria, já que dois corpos não ocupavam o mesmo espaço e pelo visto até a magia seguia leis fundamentais, mesmo que algumas delas permanecessem teimosamente desconhecidas.

Rafael encostou uma das mãos na porta de metal.

“Como faço para negar a matéria?”, pensou. A quantidade de energia necessária para transformar aquela chapa em pedacinhos era alta, sem nem mencionar a quantidade de perda energética que naturalmente acontecia em uma equação dessas.

Uma voz soava ao fundo, como uma brisa fazia ao assobiar entre árvores.

“Negar a matéria pode ser uma forma de pensar equivocada”, concluiu. Rafael se concentrou mais e seu templo astral estremeceu. Mergulhava cada vez mais naquele estado mental, se aprofundando naquele transe. Seus sentidos foram eclipsados e então se concentrou apenas no sonho que estava tendo. Apenas ele e a porta.

Por mais que ela fosse uma construção onírica ali, ainda sim ela tinha a função de prendê-lo. E foi exatamente nesse momento em que as cortinas se fecharam e Rafael vislumbrou o nada.

De frente para o abismo, uma voz o chamava. Sentia a sombra próxima, com três trios de olhos, com um bafo quente e corrosivo que tocava sua face.

— O que está disposto a me entregar? — a besta canina que guardava a porta perguntou.

O hálito arrancava camadas de si, como um ácido, e Rafael se redescobria cada vez mais em um molestador processo de despoja. O processo era veloz, dolorido e se não fizesse alguma coisa, seria completamente consumido.

Rafael bateu o pé em desafio, com um fiapo de ego ainda restante. Foi nesse momento que no mundo emerso, em seu templo astral, uma das portas trancadas se abriu, explodida com chamas azuis. O contrato estava em vigor e parte da energia de Cal estava também nele. Com uma língua de fogo, o cão foi despedaçado e Rafael atravessou a porta.

Fazer pessoas tomarem decisões opostas da que acreditavam era difícil, requeria energia e bastante esforço do magista. Mas podia ser feito, pois a mente era como o ar. Fazê-las se apaixonarem era difícil, mas o sentimento era como água e podia ser moldado. Fazer alguém criar entusiasmo do zero só precisava de ignição. Já mudanças físicas, isso sim era difícil. Pois a terra não podia ser anulada, apenas manipulada como um arar forte e constante.

E aí Rafael enxergou a fonte. Emanações sutis que pulsavam e vibravam, em forma de átomos que se uniam e repeliam, em um balé cósmico. Rafael vibrou com mesma intensidade e dele emanou a chave que abria a porta. Pois da mesma maneira que a porta se fecha, ela se abre. Se aquela estava ali para trancá-lo, da mesma forma ela poderia ser a porta que o faria atravessá-la. E então, como em um interruptor, Rafael mudou a função da porta.

Emergiu do mundo das emanações providenciais e ultrapassou para o mundo dos sonhos. Onde a porta estava escancarada à sua frente. Escutou novamente a voz zumbir em seu ouvido e percebeu que era o Pesquisador gritando ao seu lado.

— Não faço a mínima ideia do que você tá fazendo aí, garoto — sua audição ficou clara e pôde ouvi-lo espantado na cela ao lado. — Mas tenho certeza que vou me arrepender de não ver com meus próprios olhos.

Rafael ergueu as pálpebras e, por mais que sua visão fosse completamente assustadora, não sentiu muita coisa. Pois seu estado de êxtase o deixava com uma tranquilidade monástica.

O portal à sua frente se resumia a um pedaço de metal contorcido como uma obra exposta em um museu de arte contemporânea. Não como se fosse destruída e derretida pelo fogo, mas como se a sua estrutura tivesse sido desde o começo projetada para ser nada mais do que uma passagem a ser atravessada.

Rafael se levantou e passou por aquela porta. Ou o que jazia dela.

Capítulo XXXV

Quando há o trem das sete

Engrenagens imensas friccionavam seus dentes, uns contra os outros, enquanto o apito do trem das sete anunciava a sua partida.

Uma confusão começou na madrugada na casa Santa Clara e até hoje ninguém sabe exatamente o que teria acontecido. Todas as portas que deveriam permanecer trancadas se abriram, e aquelas que eram de acesso padrão a enfermeiros e guardas se trancaram. O que seria um golpe do destino para todos os pobres coitados presos ali se tornou um turbilhão que depois seria conhecido como “O demônio de Santa Clara”. Um fenômeno inexplicável que perduraria por décadas em blogs de mistérios nos anos seguintes e que teria causado o fechamento da instituição em um dos maiores escândalos envolvendo grandes nomes. Claro, abafado com certo custo.

Mesmo arrombando as portas, o efetivo de segurança da instituição pareceu abalado graças a uma série de eventos que ficariam para sempre marcados na memória. Em meio ao desespero houveram poucos mortos, mas muitos fugitivos.

Tomando o caminho contrário da entrada principal, onde a confusão se instaurava, Rafael foi até o fundo da casa de repouso, onde alas abandonadas deixavam apenas para trás teias de aranhas, macas enferrujadas e equipamentos de tortura que a muito não eram usados. Além de evitar ser pego pelos guardas, não poderia deixar o vazio chegar perto dos outros internos, por isso optou por se isolar e enfrentar aquela coisa sozinho.

Foi quando uma lua vermelha surgiu e se delineou como um ponto luminoso rubro pulsante. Era na verdade uma lâmpada que brilhava acima de uma porta de emergência. Após minutos de correria pelos corredores, ele viu a perspectiva de saída. Fraco pela falta de alimento no estômago, mas sem estar capado pelos remédios, sentiu algo muito pesado vindo daquele ponto da instituição. Mais do que jamais sentira por ali.

Assim como outras portas que deveriam estar trancadas, essa estava agora aberta e Rafael lutou contra sua sensação de voltar. Pois algo muito ruim o aguardava do outro lado.

Evitou olhar para os lados, mas o cheiro de apodrecimento lhe atingiu como um soco no rosto. Dezenas e dezenas de espíritos estavam em um grande salão, todos em pé e com rostos apagados. Os fantasmas tinham todos os tamanhos, alguns seguravam formas etéreas menores nos braços, que gemiam e gritavam. Viraram seus pescoços e encaram Rafael mesmo sem olhos. Viu espectros de formas bestiais no teto, com olhos vermelhos e línguas compridas. Agiam como parasitas se alimentando de energia funesta.

A criatura conhecida como “vazio”, ao entrar no salão, ficou mais agitado. Ele parecia conseguir ver parcialmente aquelas formas e isso o deixou confuso. Passava a mão sobre eles e via que não conseguia agarrar, nem atacar. Rafael se aproveitou e foi até o final do salão, mas percebeu que não existia mais saída por ali. Entrou por uma porta e se viu em um banheiro sujo, de pia quebrada e privada rachada. Acima dele, um basculante minúsculo. Impossível de passar.

Escutou uma barulheira e um grito bem conhecido. Voltou para checar e o vazio estava afundado no pavimento, com gavinhas que surgiram do chão de cimento o abraçando. Sua boca pingava uma baba vermelha, enquanto tentava se libertar. O Pesquisador estava com uma das mãos pressionadas contra o chão enquanto a outra segurava seu ombro ferido.

O velho se levantou puto da vida, xingou a criatura e cuspiu em sua direção. O gesto que parecia uma ofensa se tornou algo maior que isso. Pois no primeiro sinal do líquido entrar em contato com o ar, ele se incendiou e se tornou uma bola de fogo que engoliu completamente o vazio.

Deixou o corpo sendo carbonizado e se aproximou de Rafael.

— Eu achei que magos de verdade não soltassem bola de fogo — disse Rafael surpreso.

— Para com essa mania de chamar os outros de “mago”, que termo infantil. Magista é melhor — o homem limpou a fuligem do rosto. — Eu decantei o álcool de todas as cervejas que tomei aqui. Artes arcanas não são para amadores.

— Um dia chego lá.

— Chegar lá, seu sacana? Você merecia ser esmurrado por falar isso tendo feito o que fez lá atrás.

Foi com Rafael até o banheiro e inspecionou o basculante.

— Se afasta — ele ordenou.

Pressionou o dedão da mão direita contra a parede.

— Pygmaeis, vos ordeno. Tome o que é seu por direito — a voz do Pesquisador ressoou de uma maneira única. Sentiu uma aura primitiva do outro lado da parede pressionar a estrutura da parede e, com um estalo, terra preta caiu pelo basculante e a parede cedeu, formando uma ladeira com cascalho que levava para o céu noturno.

Rafael subiu com dificuldade, se apoiando em alguns tijolos e se segurando em raízes. Finalmente sentiu o vento noturno e se virou para dar o braço para o velho magista se apoiar nele.

O homem deu um tapa com as costas da mão no braço de Rafael.

— Meu trabalho aqui não terminou, o vazio não pode continuar solto.

— Você o matou.

— Displícência não pode ser a mácula do magista. Eu te disse que aquela coisa está além da vida e da morte, não são umas latinhas de cerveja que vão acabar com ele. Termine tudo o que começar, novato. Não faça como nós, velhos, que abandonamos tudo pela metade.

— Você pode reconquistar de volta, ainda há tempo de sair daqui e mudar as coisas — respondeu Rafael, gesticulando para que fosse com ele.

— Deixe estar. Mande um abraço para aquele velho ranzinza do Érion, deve conhecê-lo, certo? Afinal conversamos sobre o Protetorado. Fale para ele que aquelas cadeiras no alto realmente acabam com a coluna da gente — riu.

Rafael estacou.

— Você é...

— Não seja tolo de desperdiçar uma oportunidade por causa de um qualquer que encontrou por aí. Não sou mais um membro da mão, não posso te ajudar com mais nada.

O velho se virou e foi embora, mas não antes de deixar aquelas angustiantes palavras.

— Volte aqui depois de tudo acabar, deixei um presente para você na minha cela.

O impulso de liberdade fez Rafael desistir de cair novamente para a instituição e ajudar o Pesquisador. Ele tinha algo maior para resolver, algo que só ele poderia.

A lua estava tímida, escondendo-se atrás de nuvens pesadas que ocultava as estrelas. A grama pinicou seu calcanhar e a sua frente um barranco despencava para um matagal escuro. Circundou a construção em busca de uma estrada, caminho ou direção. Não havia sinais de prédios próximos, apenas um emaranhado de copas de árvores que seguiam infinitas até o breu.

O estomago de Rafael começou a doer terrivelmente, não percebera a fome até seu sangue esfriar e uma súbita fraqueza fez seu corpo fraquejar. Parou quando viu uma cerca, que o impediu de continuar. Era o outro lado do jardim da Santa Clara. Procurou se afastar, mas um facho de luz surgiu.

Eram seguranças armados na vã esperança de encontrar os internos que fugiram escondidos por ali. Estavam cansados, confusos e raivosos. Rafael correu na direção pela qual veio na vã esperança de achar uma saída mas, quando escutou o estampido dos tiros, teve certeza que não teria muitas chances.

Pulou do barranco e rolou com tudo por vários metros, até encontrar uma raiz alta que se enfiava na terra molhada como dedos de uma bruxa. O odor pútrido de um pântano estava próximo e Rafael não tinha outra escolha senão atravessá-lo e esperar que não tivesse um rio cortando seu caminho.

Escutou os sons dos guardas, sem ter como atravessar a cerca. Continuou até as vozes esmaecerem.

Uma ardência começou a incomodar na altura do ombro e sentiu com os dedos que estava molhado. Com uma luz quase inexistente, sentiu o cheiro ferroso invadir suas narinas. Ao reconhecer o sangue, um enjoo forte o tomou de assalto e ele vomitou tudo o que tinha na barriga até não sobrar nada além de bile.

Deveria continuar se quisesse sobreviver, conseguir ajuda de alguém por ali, mas o barro já estava sobre suas canelas e as raízes altas e emaranhadas se tornaram um obstáculo feroz contra seu avanço oscilante. A dor, fome e o odor se tornaram cruéis colegas de caminhada, pontuadas pelo seu maxilar trepidante. Mas tudo cessou quando nem mais frio conseguia sentir. Apenas um cansaço extremo.

Pareceu escutar um apito de trem distante, mas achou ser apenas um devaneio.

Uma tontura repentina o atingiu em dado momento e ele prendeu o pé em uma das raízes fundas na terra. Se encostou em uma das árvores para não perder o equilíbrio. Ofegante, pensou em descansar e tirar um cochilo. Parecia a única coisa que fazia sentido, frente ao sono que agora sentia.

A ideia não era das melhores, o pensamento veio como um relâmpago. Devia continuar até encontrar uma estrada e esperar ajuda. Mal percebeu um bater de asas em cima de sua cabeça e dois olhos vidrados que brilhavam na escuridão.

Continuou alguns passos para ser derrubado pelo cansaço. Afundou no barro e sentiu o gosto ocre da terra pantanosa, cheia de matéria orgânica em decomposição. Foi abraçado por um conforto indescritível quando finalmente cedeu.

A poucos metros de si, uma figura obscura tinha os pés formados por aquelas raízes bulbosas, que cresciam em joelhos pontudos e grossas coxas. A pele tinha pigmentos de um preto noturno e uma capa de folhas deterioradas em volta dos ombros cobria o restante de seu peito e ombros. Estava sentado em um trono de raízes molhadas e cheias de limo. O crânio de boi estava cravado onde deveria ser a cabeça do ser e chifres de cervo o coroavam, com catorze extremidades que apontavam para o céu.

A coruja de rosto achatado e bico atarracado pousou em um galho. Bateu suas asas brancas com manchas escuras e deu um pio cruel.

— Interceder é um erro — a voz gutural escapou do fundo do crânio de boi, de um branco doentio. — O coração amoleceu depois de todos esses anos?

A coruja rasga-mortalha piou novamente.

— Ele falhou em sua travessia e agora pertence a mim — a voz que saía do crânio fez algumas larvas em seu interior saltarem para fora, de onde deveriam estar

órbitas. — É a lei. Por mais que tu e vossas irmãs queiram adiá-la.

— Tenho algo para lhe dar em troca, Rei dos Vermes. Alguém que escapa de seu abraço desde muito tempo — onde estava a coruja, agora uma velha senhora equilibrava suas esqueléticas pernas morenas sentada no galho. Ela falava com calma, mas com um tom de perseverança.

— Tua carcaça não existe mais — grunhiu a deidade esquecida, com cabeça de boi. — És apenas um espírito vagante que se esgueira por antiga feitiçaria. Uma semivida maldita tentando interceder no que não lhe é direito.

— Não falo de mim, mas de uma carcaça nova e cheia de vida. Com o interior incandescente como daqueles primevos que tinham da fagulha seu coração. Dos que caminhavam sobre terra antes do homem, antes dos caídos, antes dos alados.

A entidade levantou um braço esquelético de gente e segurou a ponta do próprio focinho com delicadeza.

— Deveras interessante, *cumadre*. Mas entendas que eu só estou aqui para pegar o que é meu por direito.

— Tem toda a razão, mas esse aqui... — a velha apontou para Rafael. — Esse aqui tem algo maior para cumprir.

— Esse colóquio já me fadigou — uma baba escura vazou pela boca do crânio. — Vejo o destino de todos, mas só a parte que me interessa, a linha de chegada. Sou um lento e constante acompanhante, mas susto só toma quem esquece da minha presença. O trem dele acabou de chegar na estação.

Vinhas escuras brotaram da lama e abraçaram Rafael com firmeza, o fazendo afundar completamente.

— Não seja cabeça dura — crocitou a velha quase como um pio. — Eu sei que eu e minhas irmãs não nos damos bem com você desde o início.

— Quem disse que não? Sua existência trouxe mazelas e muitos filhos a mim para serem abraçados. Mas teus amuletos trouxeram desequilíbrio.

— Pois bem. Dois imortais pelo preço de um. Além da destruição dos amuletos.

O crânio com escuridão nos olhos a observou de seu trono se sangue e ossos.

Capítulo XXXVI

Quando há uma nova chance

Rogério e Valdemir caminhavam calmamente pela rua após aquela feijoada responsa de quarta-feira. Mal cabiam em seus uniformes e Rogério chegou a abrir o cinto para deixar a saliente barriga livre. Caminhavam para ajudar na digestão, mas aquele sol estava de matar. Pegaram uma sombra em uma árvore próxima do matagal que cercava aquele lado da comunidade.

Deviam voltar para a delegacia em uma hora, mas se acharam no direito de dar uma esticadinha por ali e ver se conseguiam ver o pagodinho do Bar do Zequião começar naquele final da tarde. Discutiam amenidades e mexiam com garotas que passavam por ali como se donos da rua fossem.

Rogério puxou a cinta para cima, sua calça caía com o peso do coldre na cintura. Foi em uma dessas caminhadas que viu um menino e seu cachorro cutucando sacolas de lixo que haviam sido jogadas por ali. Cheios de querer aparecer, decidiu dar uma lição no menino. Rogério já ia em direção ao moleque quando Valdemir o chamou.

A criança, ao ver os dois policiais caminhando em sua direção, saiu correndo com o cachorro. Não eram sacolas de lixo, mas um cadáver despejado na boca do mato. Estava com o corpo coberto de barro seco.

— Ixe rapaz, deixaram um presunto aqui — Rogério colocou a mão na cintura, como se esperando aquilo se resolver por vontade da divina providência. — E agora?

— Como assim “e agora”? Empurra ele de volta — Valdemir disse impaciente. — Vai querer passar a noite preenchendo a papelada?

— Tá bom. Deve ser outro ladrão de galinha que pegaram — concluiu Rogério com astúcia.

— Pode ser até o Papa, se não for me fazer perder o jogo de hoje, tá tudo certo.

Enquanto os dois tentavam de maneira atrapalhada levar o corpo de volta, foram abordados pela última pessoa que gostariam que estivesse ali naquele momento.

— Isso faz parte do procedimento, senhores?

Os dois policiais ficaram pálidos ao escutar aquela voz grossa que veio do além.

Valdemir se virou e deixou Rogério segurando os ombros do sujeito sozinho. Com o peso todo, quase se desequilibrou e caiu.

Tentando se explicar ao oficial, começou a gaguejar.

— Esse é o procedimento, senhores? — repetiu, com um tom mais duro. Rogério deixou o cadáver de lado e tanto ele quanto Valdemir bateram continência para o oficial de patente superior.

— Senhor, não senhor. Pedimos desculpa, Sargento — responderam os dois em uníssono.

O sargento recuou alguns passos com o rosto assombrado.

Os outros dois oficiais olharam para trás estranhando a reação do superior. Viram o ex-cadáver se levantar.

— Alguém tem uma bebida? — a voz de Rafael soou calma e despretensiosa.

Os dois oficiais correram e deixaram seu superior pedir socorro pelo rádio.

Aquilo foi um rebuliço na comunidade, morto que anda só se via em filmes e na bíblia. A favela de Palmirinha teria uma boa história de assombração para contar durante vários anos. Mas a história real que aconteceu depois disso só poucos conheciam.

O rapaz foi levado para o posto de saúde da comunidade e lá recebeu todo o apoio necessário. Tinha um buraco de bala que atravessava o ombro e saía pelo outro lado, estava também em um estado de desidratação severa. Enquanto era levado, o ex-morto puxou o sargento pelo uniforme e fez um pedido inusitado.

— Não fala... por favor — foi o que o ex-defunto conseguiu balbuciar no meio do trajeto, antes de voltar a ficar desacordado.

Logo depois de estar estabilizado, o sargento responsável por levar seu corpo fez um relatório sobre um homem bêbado que se perdeu no matagal próximo, bateu a cabeça após um tropeção, desmaiou várias horas e não conseguiu mais achar o caminho de casa. Sabia que não era o correto a se fazer, mas o quanto menos gente soubesse daquela história melhor. Reconhecia um problema quando tropeçava nele e a melhor das hipóteses era uma execução mal sucedida. Dar entrada em alguém com perfuração de bala era pedir para transformar o cara em um alvo ambulante depois de sair de lá.

Rafael passou alguns dias recebendo soro. Logo depois, foi levado para a casa do sargento que também morava na comunidade, para que terminasse de receber mais alguns cuidados. O posto não tinha condições de manter alguém tanto tempo ali, mas Rafael ainda precisava descansar. Mal conseguia andar direito e usava muletas para se locomover.

Os filhos do policial entraram em polvorosa com a notícia em uma noite após o final do turno. Depois de alguns minutos de conversa com a esposa, o policial se fez entender e a convenceu de que Rafael precisava ficar ali, pelo menos por alguns dias. Depois de aceitar o pedido, não pode deixar de entregar um olhar fulminante de desprezo para Rafael, que dormiria no sofá pelos próximos dias.

O mundano riu da situação. Achava que merecia isso e muito mais, por ter invadido a vida daquela família. Ninguém tinha culpa se ele se meteu em diversas enrascadas. Mas a realidade é que Rafael foi grato por tudo aquilo e na mesma noite, enquanto jantavam apertados em uma mesa de quatro lugares, Rafael não conteve as lágrimas, se desculpou e se retirou mais cedo.

Fazia calor naquela noite e Rafael não se lembrava de uma vida sem ar condicionado. Ficou do lado de fora da casa pegando um vento fresco.

A rua recém asfaltada graças a proximidade das eleições, com material de baixa qualidade, já parecia um queijo suíço por toda a sua extensão. A calçada de terra batida invadia a pista, formando desenhos pelo vento. Os postes seguiam continuamente até o final da rua, todos eles com fios emaranhados e malcuidados. A casa era simples, mas bem construída. Com as paredes rosadas e telhas de barro.

Sargento Flávio surgiu de dentro da casa após fazer seus filhos pegarem no sono e foi lá ficar do lado de fora. Fechou gentilmente a porta de madeira, com um vitral no centro, e então puxou um cigarro do maço no bolso da calça. O homem equilibrou o papel enrolado nos dedos, acendeu com um isqueiro barato e tragou a

fumaça para dentro, segurou ela dentro de si e soltou para fora com um suspiro pesado.

— Sabe, meu falecido pai era pastor — afirmou, enquanto observava o rótulo do cigarro com certo desprezo. — E aí veio o câncer de pulmão. Desde então parei com isso e hoje só fumo quando o trabalho me pega de jeito.

— E isso é comum? — perguntou Rafael.

— É sempre, meu parceiro.

Eles riram.

— Pelo amor do Senhor, não quero deixar meus filhos antes da hora — recolocou a embalagem no bolso e deu mais um trago.

— É. Seria uma pena perder um pai como você. Eu nunca conheci o meu.

— Que merda. Sinto muito por isso.

— Deixa disso. Antes nunca ter um, do que perder cedo um pai bacana.

Os dois ficaram em silêncio durante uns minutos, observando a passagem de carros na rua, que levantavam poeira mesmo estando a baixíssima velocidade para não caírem nos buracos.

— Você me pediu pra não falar nada quando eu te levei para o hospital. Não sabia se você estava bem da caixola, mas aliviei para o seu lado.

Rafael se virou para o policial.

— Não me lembro disso. Mas devo ter dito mesmo.

— Tava sem carteira, né? Fui levantar isso através de fofocas de Palmirinha. Nenhum traficante parece ter detonado alguém nos dias anteriores — o rosto do policial demonstrava que estava mais curioso do que preocupado. — O que aconteceu de verdade?

Rafael deixou escapar um sorriso amarelo. Olhou para o lado, como se a questão fosse facilmente esquivável.

— Você não acreditaria se eu contasse.

O policial deu um tapa no curativo do rapaz. Rafael se retraiu.

— Abre o bico, safado. Tô colocando alguém que pode ser procurado pra baixo do mesmo teto dos meus filhotes.

Rafael pegou as muletas na parede da casa e foi se recolhendo.

— É por isso mesmo que eu não posso falar.

Com facilidade, o oficial fora de serviço agarrou uma das muletas com força, não deixando Rafael continuar.

— Eu posso te por pra fora, agorinha mesmo.

Rafael puxou para si a muleta e foi até a porta.

— Poder você pode.

E entrou. O policial terminou seu cigarro e entrou.

Rafael dormiria no sofá, coberto com um lençol e usando o encosto como travesseiro. Era a melhor cama que podia sonhar em ter depois do que passou.

Com a roupa de cama debaixo do braço, desceu as escadas e encontrou Rafael observando um pequeno porta-retrato dentre tantos apoiados na estante. Ele observava um em especial.

— Esse é o meu pai — explicou o policial, apontando para a amarelada fotografia de um homem barbado segurando uma criança no colo. Logo depois apontou para o garoto mais velho que segurava em seu cinto. — Esse sou eu. Minha mãe bateu essa foto antes de nos mudarmos para cá, quando perdemos tudo em uma enchente.

— Esse é seu irmão? — Rafael pareceu vidrado nos olhos do menino no colo do homem.

O policial deu um longo suspiro.

— Se não puder falar...

— Não, não. Tá tudo bem, ele não morreu nem nada — o sargento pegou gentilmente o porta-retratos. — Ricardo é meu irmão mais novo, a gente brigou e ele se mudou para o centro. Eu... eu não aceitei o estilo de vida que ele escolheu. Eu era uma pessoa muito difícil de lidar na época.

Rafael ficou em silêncio.

— E como ele tá? — perguntou, mesmo sabendo a resposta.

— A gente ficou um tempo sem se falar, sabe? Voltamos a pouco tempo. Soube que ele perdeu o emprego tem algumas semanas.

— Isso é péssimo — desviou os olhos do policial. — Você parece ter se tornado alguém bem mais razoável. Acho que eu também.

O homem recolocou o porta-retratos na estante.

— Eu não perdoaria as coisas que disse para ele.

— Que bom então que não foi ele que as disse. Acho que pode se surpreender. Sei lá, ele parece ser uma boa pessoa... na foto.

Tal qual mágica, a comida caseira fez Rafael se revigorar. Já conseguia andar sozinho, sem muita dificuldade. Mas durante o preparo do almoço, e quando as duas crianças voltaram da escolinha, que Rafael sentiu uma tontura e a esposa pediu para que ele voltasse para o sofá.

Esperava que faltasse pouco para se sentir melhor, já que não queria mais usar aquela família para se esconder dos seus problemas. E aquele pensamento pareceu adiantar mesmo seu momento de resguardo, pois naquela mesma noite, o policial chegou completamente transtornado em casa.

Dizia que haviam trocado metade do pessoal da delegacia por gente estranha. Avisou que uma investigação estava acontecendo na região, de caráter emergencial e confidencial. Aquilo não cheirava bem, explicou para Rafael, já que não havia troca de tanta gente na comunidade de Palmirinha havia anos. Rafael sabia que o policial desconfiava de algo sobre ele estar envolvido nisso. Por isso tomou a decisão de ir embora durante a madrugada, custe o que custasse. Se estivesse certo e a busca fosse por ele e outros internos fugitivos de Santa Clara, podia sobrar para aquela família que melhor o acolheu.

Rafael fingiu dormir quando todos se retiraram e esperou alguns minutos. Felizmente não tinha bagagem e poderia ir sem causar confusão, com uma mão na frente e outra atrás.

Mas o destino tinha outros planos e anunciou isso quando uma aura densa se aproximou da região. Aquilo acendeu o alerta vermelho na cabeça de Rafael e então decidiu aguardar para ver se a sensação ruim ia embora. Mas ela se intensificou.

Foi pego de surpresa pelo policial fora da cama, com a arma em punho, quando Rafael sentiu que o que quer que se aproximasse estava a uma rua de distância. O homem não parecia ser do tipo sensível, mas algo tão denso não passou despercebido por alguém treinado. Provavelmente se incomodou, uma impressão ou mal presságio, decidiu verificar e encontrou Rafael de pé na sala. Os dois permaneceram em silêncio, com o policial observando por uma fresta na janela e o mundano sentado no sofá.

O som de um motor surgiu e foi se intensificando conforme se aproximava. Quando estava próximo, conseguiram ouvir a fricção do pneu sobre a terra ao lado da casa. O policial tentou impedir, mas Rafael abriu a porta para encarar o seu destino.

O motociclista de capacete rajado estava apoiado em sua moto estacionada. Aquele amontoado de metal parecia respirar enquanto aguardava ser novamente montado. Não pôde deixar de sentir um calafrio com aquela visão, mesmo parecendo à primeira vista um motociclista comum, algo na composição daquela cena não batia com o que deveria esperar. Isso, é claro, sem levar em conta a energia em forma de aura que escapava por baixo da vestimenta e capacete, como uma fumaça turva e agitada.

Mas foi o Policial que sentiu um tranco, quando se lembrou de sua infância ao notar a presença daquela criatura de outro mundo. Era a mesma sensação quando sua vó contava a ele sobre lendas e histórias de assombrações amaldiçoadas. Não sabia explicar o porquê, mas era o mesmo arrepiar na nuca.

Não conseguiu se aproximar tanto quanto Rafael, e aquilo o assustou mais do que tudo. Ter algo que não podia encarar, mesmo pra proteger a sua família, o perturbou. Fez a única coisa que poderia naquela situação: o sinal da cruz e uma pequena prece ao seu santo guardião, para que protegesse ele, e todos que estavam ali.

— Veio me dar outro tiro? — Rafael inquireu, sem um pinga de medo em seu coração.

O “sim” veio em sua mente, na expectativa de encontrar o seu destino, mas a assombração apenas levantou as mãos, indicando que estava desarmada.

— Bem, temos algo inacabado — concluiu o mundano, com um tom de obviedade.

— Vamos passear um pouco — a voz do motociclista saiu estranha, como se não fosse produzido por uma boca. — Está uma noite quente, não acha?

— Um passeio não cairia mal.

Rafael se virou para trás. Foi até o policial. Sua arma pendia apontada para o chão, impotente. O homem o fitou com estranheza, como se fosse uma assombração igual ao motociclista. Aquilo não incomodou Rafael, parecia óbvio que ele não mais pertencia ao mundo de gente normal. Ninguém que morava naquela casa merecia ser arrancado da normalidade.

O motociclista montou o veículo e Rafael foi na garupa. Nunca tinha andado em uma moto antes e ficou desconfortável com a situação. Antes de irem, porém, o motociclista acenou para a janela do segundo andar, onde as cabeças de duas crianças voltaram a se esconder. Ao que parecia, elas lidaram melhor com aquela cena que o próprio pai. Talvez nelas habitava algo que ainda não havia se perdido, pensou Rafael.

A rua começou a andar sobre seus pés e o mundano se agarrou às alças laterais em um impulso instintivo. A coisa sob suas coxas roncava e tremia como um animal enfurecido quando acelerou após a curva.

Após partirem, o sargento guardou a arma na cintura e voltou para casa, mas não sem antes dar novamente uma boa olhada na rua. Foi quando se deparou com uma coruja empoleirada no telhado da casa vizinha.

Decidiu fechar a porta e fazer uma oração para conseguir voltar a dormir.



Rafael deleitou-se com a viagem, mesmo duro, com medo de cair, pois sentia o vento bater no rosto e aquilo o fez parecer mais vivo do que se lembrava em muito

tempo. Custou a entender que estava bem com tudo aquilo. Aceitaria seu destino, seja ele qual fosse.

Atravessaram áreas imensas de verde, salpicadas com a presença da civilização aqui e ali. Deram a volta pela estrada em um morro e subiram até um ponto onde casais usavam antigamente para namorar, enquanto aproveitavam a vista. Agora, só restava cartazes velhos presos a postes, lixo acumulado próximo à guia e capim alto. A fronteira da cidade surgiu ao longe quando chegaram no ponto mais elevado, como o corpo de um gigante morto, coberto por vagalumes.

O motociclista estacionou próximo de uma mureta de proteção, que delimitava onde começava a queda para o breu total.

Em um ímpeto gerado pelo desequilíbrio, Rafael abraçou o motociclista, temendo cair. Foi quando notou algo diferente de suas expectativas, um volume que não deveria estar ali. Rafael afastou as mãos e saltou para fora da moto, desconcertado.

Aquela criatura espectral não se importou, terminou de ajeitar a moto e então desceu.

— Eu não percebi que você era uma mulher — explicou-se constrangido.

A entidade ajeitou as luvas e o capacete, ignorando sua fala. Ela se apoiou na mureta com um dos pés e observou o horizonte nublado dos prédios adormecidos.

— Esse barranco é um ótimo lugar para se livrar de um corpo — falou Rafael. Achou que poderia lidar melhor com aquela situação, mas começou a se sentir como uma criança se aventurando onde não devia.

— Não me importo de deixar um cadáver para trás — a voz da motociclista soava pouco humana, ainda abafada pelo capacete, que se recusava a tirar.

— Se isso foi para me tranquilizar, posso dizer que não está dando certo.

Ela girou o pescoço e ele sabia que o encarava por trás do visor. Sentia calafrios e agora entendia o porquê. Sua aura era densa, de forma que escapava através de suas roupas e subia como uma nuvem negra.

— Peço perdão.

— Oi? — Rafael soltou, como se não tivesse entendido direito. — Não, você foi gentil durante o trajeto, foi legal, de uma forma esquisita.

— Me refiro ao fato de ter tentado te matar, naquele dia.

— Ah.

— Eu estava seguindo uma lista de pessoas que precisava me livrar — sua voz soou colérica, mas se acalmou aos poucos, como se precisasse se lembrar que o ímpeto violento não fosse a única forma de se expressar. — Mas percebi quando nos encontramos que você não fazia parte daquilo, não usava nenhum daqueles amuletos.

Augenweis, ele pensou.

O mundano levantou os braços e fez um gesto para que tivesse mais tempo para absorver.

— Então é isso. — Rafael suspirou. — Me levou para dar um passeio e aproveitou para pedir desculpas. Como se fosse a mesma coisa que um empurrão na saída da escola.

— Seu nome foi posto lá por engano, ou talvez fosse proposital. Quando tentei cobrar meu informante, ele sumiu.

Rafael bufou.

— Ah! Agora sim! Me sinto realmente muito melhor. “Desculpa se eu tentei te matar de levinho, né, foi um pequeno erro”. Corta essa! Pra que você me chamou aqui se não para terminar o serviço?

O espectro não possuía expressão, mas era como se sentisse uma espécie de complacência por trás do capacete.

— Eu... — ela começou a procurar palavras e aquilo a tornou especialmente mais humana naquele momento. — Não tenho direito de pedir desculpas e você tem razão pela desconfiança. As pessoas da lista foram canalhas que fizeram mal a mim. Eu não lembro de seus rostos, muito menos de seus nomes. A única coisa que me recordo é daqueles malditos amuletos que usavam. Eles ressoam em mim como sinos de igreja.

— E o que você quer de mim para vir me encontrar pela segunda vez?

— Eu sou boa em rastrear coisas através dos desejos das pessoas. Mas meus pensamentos ficam nublados toda a vez que tento achar os amuletos. Te colocaram na mesma lista, deve haver alguma ligação. Você é a minha única pista para encontrar o restante deles.

— Eles são meus inimigos.

— Se tem algo contra você, deve ter algo contra eles. Preciso de sua ajuda para terminar o que comecei.

Rafael se virou, andou de um lado a outro sem rumo. Em outros tempos, talvez sofresse com a ansiedade, mas não ali. Não naquele momento.

— Serei seu aliado se me prometer que não vá contra aqueles que não ameacem a vida das pessoas.

A motociclista o fitou através de seu visor. Ela subiu novamente na moto, a ligou e deu um tapinha na garupa. Como se fosse o suficiente.

— Isso é um sim?

— Você é devagar, espero que seja mais útil em uma luta. Me diga o destino, vamos terminar isso.

— Eu preciso da sua palavra. Não quero que ninguém inocente ou rendido saia ferido.

— Prometo que não vou ferir ninguém que não atente contra a vida de inocentes. Está satisfeito?

— Você não hesitou em aceitar a proposta, acho justo desconfiar se está falando a verdade ou não.

— Se engana em achar que eu mentiria e se engana uma segunda vez em apostar que seus inimigos não irão contra pessoas inocentes para fazer o que querem. Eles são cruéis, mas eu sou pior.

Rafael a observou com atenção, enquanto se aproximava da moto, mas estacou com o roncar do motor.

— Antes de subir novamente nessa coisa... — uma grande nuvem de óleo queimado foi cuspidada pelo escapamento, produzindo um barulho ensurdecedor.

— Quer ver? — a motociclista perguntou, como se o mundano não precisasse expressar em palavras para ser entendido.

— Só quero saber que tipo de gente dá carona essa hora da noite.

Uma risada genuína escapou da entidade, que pôs as mãos sobre o capacete acima dos ombros.

— Alguém me tratando como gente. Não é algo que se vê todo dia.

Quando ela colocou novamente o capacete até o pescoço, a sensação de estranhamento se findou. Era difícil acreditar que entidades como aquela existiam. Algo assim só deveria pertencer a pesadelos e lendas, mas de alguma forma, além de parecer estar lá em carne e osso, era mais humana do que realmente achou que fosse da primeira vez.

Talvez ceder sua confiança fosse algo possível. Uma grande ironia que unia dois seres completamente diferentes em um objetivo em comum.

Derrubar a Augenweis.

Capítulo XXXVII

Quando há uma noite de caça

As luzes da cidade se aproximaram e seu estômago ronquejou de nervosismo.

— Espera! — ele gritou, esperando que fosse ouvido, mesmo com o vento batendo forte e fazendo as palavras sumirem. A motociclista virou a cabeça enquanto estavam em uma linha reta na estrada. — Tenho algo a fazer antes de ir.

A moto virou com tudo e freou em um espaço de pouquíssimos metros até parar, fazendo marcas profundas de pneu no asfalto.

— Estou te devendo. Qual o destino?

Rafael gaguejou sem jeito e não falou coisa com coisa. Percebeu que não sabia o endereço do local, nem sequer direção a apontar. Ficou sem reação quando a mão da entidade viajou até sua cabeça e agarrou sua testa com firmeza.

— Eu já entendi, consigo rastrear — a motociclista fez um cavalo de pau e acelerou na contramão.

A madrugada fazia a estrada vazia, mas aquilo ainda assim assustou alguns motoristas, que foram pegos de surpresa pela dupla fantasmagórica atravessando o caminho dos vivos. Foi então que Rafael viu a moto evaporar da frente dos veículos, como se nunca tivesse existido. Olhou para sua mão e viu que o vento agora produzia um efeito diferente. Como uma capa de sombras que os tirava da vista de mundanos normais. Não sabia o que era, mas achou terrivelmente genial.

Viraram em dado momento para entrar em uma estrada de terra que se aprofundava no mato. Conseguiu ver que a rodovia ficava para trás quando um fechado manguê se iniciava. Estavam no caminho certo, podia sentir.

A casa Santa Clara surgiu no horizonte.

Vários furgões pretos estavam estacionados do lado de fora quando uma motocicleta em alta velocidade atravessou o estacionamento, arrebentou a cerca e

entrou no pátio central onde ficava a entrada principal e recepção da instituição. Dezenas de pessoas de terno, policiais, guardas e enfermeiros estavam por ali, concentrando esforços na captura de fugitivos.

Todos pareciam estafados e nervosos. Uma péssima situação para um dos fugitivos cair de paraquedas bem no colo deles.

— O que você está fazendo! — gritou Rafael, vendo onde se meteram.

— Sua mente foi bem clara quanto suas intenções, estou só poupando tempo.

— Achei que fôssemos montar uma estratégia.

A assombração suspirou e Rafael não teve certeza se de impaciência ou orgulho. Enquanto vários dos enfermeiros se movimentaram ao reconhecer o rosto de Rafael, a moto empinou.

O gramado escureceu como se morto pela peste e um calor infernal surgiu em volta da moto. Chamas débeis brotaram para se transformarem em labaredas monstruosas, o que fez com que todas as pessoas em volta ficassem aterrorizadas. O fogo selvagem parecia mais cruel do que caótico, perseguindo pessoas e fazendo todas se afastarem da dupla. O fogo chegou no cercado que delimitava o território da instituição e se tornou uma parede de chamas.

Rafael e a assombração entraram na recepção, com moto e tudo, e as meninas do atendimento se esconderam atrás do balcão quando a porta de vidro explodiu em cacos. Não demorou e a porta que dividia a entrada das áreas internas do Santa Clara cedeu. Alguns internos ainda permaneciam por ali, mas decidiram fugir apenas quando aquela figura endiabrada passou por eles. Rafael reconheceu Suzana, que o ajudou na tentativa de fuga, e aconselhou que se aproveitasse da nova confusão para escapar.

Deveria descobrir onde era a cela do Pesquisador e terminar de soltar todo o restante dos internos. Não demorou a achar uma discreta porta do outro lado do jardim que dava para o segundo prédio da instituição, onde ficava a área que queriam deixar escondido. O chão de cimento poroso indicou que estava no caminho correto.

Rafael tentou achar o magista com sua sensibilidade de auras, mas não encontrou nada. O vazio não parecia estar ali também, deveria ter fugido ou foi morto pelo

homem. Chegou à antessala onde ficavam as três celas de solitária, onde fora seu lar durante aqueles dias lastimáveis. Um enfermeiro gorducho se surpreendeu e foi para cima dos dois com um pé de cabra quando percebeu a invasão. A assombração o ergueu pelo pescoço com uma facilidade risível. O homem se debateu e começou a babar.

O mundano entrou na cela do Pesquisador e começou a procurar. Notou um traço de aura peculiar e acabou achando um tijolo solto. Retirou de lá um caderno que mais parecia um amontoado de notas e papéis amassados. Folheou o que conseguiu e descobriu ser um diário mágico, que misturava experimentações e sua vida particular.

Escutou um som abafado vindo da terceira cela. Alguém fora preso e Rafael teve esperança de encontrar seu amigo, mas teve a maior surpresa de todas. Foi até lá e tirou o pé-de-cabra da mão do enfermeiro gorducho desacordado. A porta foi aberta com facilidade após aplicar a força necessária.

Viu um corpo amarrado em uma cadeira de madeira embolorada dentro da cela. Imaginou que estivesse morto, pois não expelia um traço de aura sequer. Até reconhecer o rosto na penumbra.

— Eu começo a suspeitar que você não é muito bom para escolher locais para passeio — concluiu Rafael, com a testa enrugada.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Samuel irritado.

— No momento? Salvando sua pele.

Ao conseguir cortar metade das cordas com a ajuda de uma faca, que o enfermeiro usava para descascar tangerinas antes de ser surpreendido, o rapaz preso conseguiu fazer força e arrebentar o restante das cordas. Havia esquecido que ele era mais forte que uma pessoa normal.

— Hual mandou te procurar, encontrei esse lugar depois de um tempo e acabei topando com um pessoal não muito feliz com sua fuga.

— Chegou atrasado — debochou Rafael.

— É falta de educação ir embora antes da chegada dos convidados.

Então Rafael se lembrou do que fazia ali.

— Espera um pouco, você viu um velho por aqui? Era um mago.

— Um mago em um hospício? Uma surpresa atrás da outra — Samuel estalou o pescoço com um movimento rápido e se alongou. Ele vestia uma versão do uniforme dos internos, só que de camisa sem mangas. Foi aí que conseguiu ver pela primeira vez as marcas no corpo robusto do rapaz. Cicatrizes profundas em vários pontos e tatuagens estranhas. Era difícil saber o que ali foi colocado de propósito e o que foi accidental. — Eu não esperaria boas notícias, fiquei sabendo que teve gente que morreu.

— Ah... — Rafael preferiu não pensar muito naquilo. Esperou que sua versão da fuga fosse a verdadeira.

Quando saíram daquela ala maldita, a assombração de capacete parou e se virou para Rafael.

— Quer que eu coloque tudo abaixo?

Rafael olhou para trás e lamentou.

— Precisamos de provas para colocar esses caras na cadeia.

— Pensei em queimar tudo, com eles dentro — a motociclista falou como se homicídio em massa fosse a coisa mais normal do mundo. — Esse tipo de gente não costuma ir para a cadeia.

— Gostei do seu amigo — afirmou Samuel.

— Amiga — corrigiu Rafael. — Quem deveria estar aqui não está de verdade.

Não havia mais motivos para ficar e após uma última checagem, viu que não existia mais ninguém por ali. Aproveitaram a oportunidade ou sentiram pavor daquele personagem horripilante que o acompanhava. Samuel foi até a área de pertences e conseguiu pegar de volta sua mochila e quando viu que sua adaga misteriosa estava lá, deu um beijo demorado naquele cabo cravejado de pedras brilhantes.

— Era isso que você foi procurar no Empório.

— Presente de família — respondeu ele, com um tom de voz adverso.

Rafael aproveitou a janela de tempo e foi até onde estavam as coisas que deixou por ali. Isso talvez contasse a história real por trás de seu cárcere. Em um dos armários, viu nomes de internos etiquetados em caixas empilhadas. Eram centenas. Achou seu nome e a puxou sem cuidado, fazendo com que várias caíssem no chão.

Abriu com furor, como se a caixa fosse revelar mais verdades do que Rafael talvez estivesse disposto a receber. Mas com uma certa descrença, notou que ela era leve. Abriu a etiqueta lacrada para revelar o conteúdo e descobrir que não havia nada ali. Era como se o destino lhe virasse o rosto, como se não houvesse direito de receber uma crua resposta.

Ao revirá-la de todas as maneiras, notou um envelope de papel minúsculo, grampeado no fundo da tampa da caixa. Ao abrir, ao menos uma das verdades escapou para fora.

O truque de mágica se encerrou, quando Rafael tirou um dois de espadas do envelope. A carta estava marcada com a sua assinatura. Uma traição revelada, de uma elegância apenas proporcionada por alguém como Liber. O idealizador de seu cárcere era egóico o suficiente para deixar aquela mensagem excêntrica.

Guardou a carta no bolso, como uma promessa de devolução muito menos polida.

Não havia mais nada para fazer ali.

Perceberam um problema de logística quando chegaram até a recepção e viram a moto ali. A não ser que o veículo se transmutasse em um triciclo, não teriam como ir embora. Foi quando Samuel atravessou o estacionamento e roubou um dos furgões vazios usados pela segurança. Decidiu ir com ele porque havia descoberto seu medo de moto. Quando Samuel manobrou para se preparar para saírem, Rafael viu alguém ao seu lado.

Naquele cenário de guerra, enxergar seu terapeuta de paletó, tentando entender o que estava acontecendo, deu a ele um ínfimo fio de dúvida. Queria mostrar a ele, esfregar em sua cara o mundo de incertezas na qual estava metido. A expressão do velho era um misto de incredulidade e espanto, mas existia algo a mais. Uma espécie de letargia fora do comum.

A motociclista tirou a moto do local e o motor roncou como um animal, que violou a assepsia do local a volta de todos. Como se a realidade firme das certezas tornasse algo próximo de uma piada de mal gosto, uma paródia malfeita que

parecia próxima de ruir como um castelo de cartas. Mas o psiquiatra se mantinha firme, como uma das colunas que mantinha o véu levantado.

Foi apenas quando a moto passou por ele, desviando daquele corpo débil e idoso, que Rafael concebeu o que era verdadeiramente o Limiar. Aqueles velhos olhos sequer perceberam o assombro monstruoso que passou ao seu lado em forma de motociclista. Como se não existisse nada daquilo.

Rafael enxergou do outro lado do muro e por mais raiva que sentisse daquele homem, não pode esboçar nada menos que uma frieza de alguém que sabia que não poderia o atingir com suas novas certezas. Era inútil, risível e de um senso de humor que beirava ao imoral.

Teve um lapso de incredulidade de sua própria situação e se permitiu saborear o azedume de talvez estar errado. De flertar com a loucura da qual foi acusado. Talvez ele realmente fosse doente afinal, talvez nada daquilo estivesse realmente acontecendo.

Mas então Rafael se agarrou na única certeza que brotou de seu coração como uma trepadeira. Não havia mais volta. Não havia mais dúvida.

Ele viu seu terapeuta se afastar até desaparecer, no privilégio da realidade profana da qual nunca ia se furtar.

Não demorou muito para perceberem que o ataque à instituição chamou mais atenção do que deveria, pois dúzias de carros policiais surgiram de ruas paralelas quando se aproximaram das vias urbanas e começaram uma dura perseguição contra eles. E, por mais que a moto fosse rápida, o furgão ficava para trás.

Samuel se equilibrou para fora do carro e fez sinal para a motociclista. Ela parecia ter entendido a intenção. A moto recuou, desacelerando até emparelhar ao lado do furgão.

— Eu não vou fazer isso — anunciou Rafael.

— Meu amigo, eu não consigo ser mais rápido que eles e ela não parece querer se separar de você — Samuel protestava, batendo no volante enquanto gesticulava irritado.

— Eu entendi a situação, mas não tem como. Isso aqui não é um filme de ação.

A moto se aproximou ainda mais e colou ao lado do banco do passageiro, onde Rafael brigava para não tentar aquele suicídio que pediam para ele cometer. A motociclista rajada abriu a porta do furgão e arrancou para fora aquela chapa de metal. Que rolou para trás e fez uma das viaturas terminar a perseguição mais cedo.

— Salta — ordenou Samuel.

— Eu vou desequilibrar a moto.

A motociclista virou a cabeça para ele e de alguma forma notou que a sugestão de deixá-lo cair a deixou brava, mas não havia tempo para orgulho ferido. Ela encostou a moto ao lado do furgão em alta velocidade, conseguindo engancha os dois veículos como se fosse um quando uma reta surgiu.

Aquilo parecia mais fácil quando o Stalone fazia, naqueles filmes que passavam na tevê a tarde, pois a garupa da moto lhe parecia um alvo minúsculo para uma aterrissagem e o veículo sacolejava sem parcimônia.

Um erro ali e seria seu fim.

Os policiais se aproximavam e o som de disparo foi claro. Acertou a lataria do furgão e fez um barulho de metal. Rafael abaixou a cabeça em resposta ao som, sem perceber que havia feito isso, pois só tinha olhos para a próxima burrada que iria fazer.

No segundo disparo o susto o fez saltar finalmente. Com seu peso, a motociclista teve que corrigir o equilíbrio e Rafael ficou com medo de cair. Mas em um movimento impossível, a moto rebolou e o colocou de volta como se fosse um animal.

Os músculos de Rafael travaram, esperando rolar com tudo, deixando pedaços no asfalto, só percebendo que havia conseguido momentos depois. Sentiu o vento frio e então a moto acelerou, deixando o furgão para trás. Samuel pegou um desvio e como previsto, todas as viaturas foram atrás de Rafael e a motociclista.

As casas foram dando espaços para prédios atarracados, que iam ficando mais altos conforme se aproximavam do coração da cidade. Foi quando entraram em um túnel, que perceberam que ainda não havia acabado. Dezenas de carros policiais estavam estacionados, montando uma barricada.

Foi quando sentiu a moto relinchar abaixo de si, com um som infernal. A rotação do motor ficou esquisita e o padrão de movimento também. Uma trepidação começou, como se o asfalto macio se transformasse em paralelepípedos irregulares.

— Agarra em mim — ordenou a motociclista. E Rafael obedeceu, abraçando a assombração com tudo o que pode. Foi nesse momento de contato tão próximo que conseguiu visualizar com os olhos da mente que aquela coisa realmente era. Motociclista e veículo, como uma única entidade. Olhou para o lado e viu a sombra de um animal que lembrava um cavalo, mais atarracado e sem cabeça.

A velocidade parecia maior do que qualquer coisa que Rafael já pilotara. Maior do que qualquer veículo que já havia passado por aquela cidade. O vento fez o capacete da mulher voar e atingir o vidro de uma viatura, que perdeu o controle e acabou por fazer o carro capotar e atrasar os perseguidores.

Rafael fechou os olhos porque o vento frio se tornou cortante e ameaçador, mas também por temer a cena que estava por vir.

— O que você está fazendo? Eles vão descobrir sua identidade — gritou, mas o som foi deixado para trás.

A verdadeira forma da assombração atravessou o plano da realidade, com sua capa de sombras se dissipando frente a uma atitude pouco mundana. A percepção quebraria a lógica proposta àqueles seres tão apegados a pilares firmes, com visões de mundo adestradas por um sistema de proteção falho. Frente a algo inimaginável, cada um deles teriam visões diferentes do ocorrido.

— Que testemunhem, então — a voz ecoou, vinda do nada, pois não havia nada acima do pescoço. Tudo em meio a um turbilhão incandescente que aqueles dois haviam se tornado.

E por mais impossível que parecesse, eles aceleraram ainda mais.

Alguns disseram que uma moto conseguiu apenas atravessar a barreira por pura sorte, ela provavelmente poderia ter sido mal montada, diziam os que fecharam os olhos temendo o impacto direto. Mas aqueles que ficaram com os olhos abertos, espalhavam outras horripilantes histórias, que se tornaram rumores e, por fim, material de lenda urbana pela internet.

Uma moto que conseguia quebrar as leis da física e atravessar o túnel pelas paredes e teto era uma história e tanto. Mas, de longe, existiam testemunhos ainda mais absurdos. Esses ditos por aqueles que terminaram se aposentando mais cedo que seus outros companheiros de corporação.

Afinal cavalos não corriam pela parede. Ainda mais os sem cabeça.

Capítulo XXXVIII

Quando há uma reunião inesperada

A madrugada já chegava em seu apogeu e a cidade se recusava a dormir. Enquanto alguns bairros pareciam silenciosos e abandonados, outros eram pulsantes e luminosos. Mas algo estava diferente, com as ruas um pouco mais escuras do que o de costume e uma sensação de alerta o atingindo sobre a direção que haviam tomado. Seu sexto sentido gritava para que se afastasse dali o quanto antes.

Olhou para a motociclista e se perguntou se ela perceberia aquilo da mesma forma, mas ela apenas continuou no mais absoluto silêncio. Agora podia compreender melhor a forma como aquela capa negra trabalhava em volta deles. Rafael demorou a entender que a magia não era algo uniforme, ou pertencia a um grupo de pessoas. Era volátil, surpreendente e anárquica.

A verdadeira imagem daquela criatura era fora do entendimento mundano, mas para se adaptar aos novos tempos era preciso um tempero de cotidiano. E a única forma de se proteger de olhares curiosos era que a motociclista precisava agir como uma. Qualquer atitude fora da curva era punida com seu realce na multidão. Com o destaque havia a dúvida. Com a dúvida, a curiosidade. Com a curiosidade, a investigação. E com a investigação, a verdade. Era se utilizar das nossas próprias características como sociedade para se ocultar dentro dela. Em um mundo onde ninguém tinha rosto, mas etiquetas, se esconder era mais simples do que parecia.

Passaram por caminhos conhecidos enquanto uma chuva constante fazia o asfalto mais perigoso. Foi quando estacionaram no lamaçal que Rafael parou de se preocupar com a cidade e foi tomado pela surpresa.

Ao seu lado estava o ferro-velho, com o portão de metal fechado com grossas correntes e, à sua frente, o prédio dos despossuídos encantados. Lar de Hual e de centenas de seres que Rafael ainda não compreendia em sua totalidade. O que faziam ali era um mistério, mas não ousou tirar conclusões precipitadas como da última vez.

A motociclista desceu e não fez qualquer cerimônia em pisar em uma poça d'água. As gotículas evaporaram em contato com as botinas enlameadas e se tornavam apenas um barro seco. Rafael não tinha a mesma sorte, pensou que depois que aquilo tudo acabasse poderia elaborar selos para que seus sapatos permanecessem impermeáveis.

— Porque estamos aqui? Não me parece onde os amuletos e seus donos se esconderiam.

— Pois não é mesmo, preciso tirar uma história a limpo antes — respondeu Rafael.

A motociclista o encarou por trás do visor.

— Não me olhe com essa cara, seja lá qual esteja fazendo. Eu prometo que é o último lugar que vamos visitar antes de chegar lá.

Atravessaram o arco por baixo do muro e o contorno da motociclista ganhou ares borrados. Não era sua forma original, mas estava claro que ali do outro lado da barreira, que escondia aquelas criaturas, algo reagia nela. Sua aura era muito semelhante à de outros seres como aqueles que costumavam viver ali.

Outra coisa que notou foi que não havia ninguém do lado de fora de seus apartamentos. Conseguia enxergar a cabeça de alguns nas janelas, tentando ver o que estava acontecendo, mas longe do tipo de habitat que viu com frequência aquele ano. Ali dentro, aquela sensação de perigo que sentia sobre a cidade parecia ressoar como em um sino, forte e agudo.

Pegaram o elevador e foram até o apartamento de Hual. Parecia que a noite não cansava de deixá-lo surpreso. Abriu a porta com cuidado e a primeira coisa que viu foram os cabelos dourados e curtos de uma Isabela com rosto inchado. Foi abraçado com força e quase caiu para trás. A menina chorava como uma criança. Aquilo travou a garganta de Rafael e ele não conseguiu falar. Havia esquecido da sensação de ter alguém se importando com ele.

— Até parece aquela garotinha que conheci — ele deixou escapar enquanto acariciava a cabeça dela.

O comentário foi recebido com uma cabeçada no queixo. Isabela marchou para longe dele, limpando as lágrimas e evitando cruzar novamente seus olhos com os dele.

Queria aproveitar mais o momento, mas as figuras atrás dela eram caricaturas que se destacavam. Soror Clarice usava uma capa de chuva florida e um vestido lilás por baixo. Prendia o cabelo em um rabo de cavalo que caía sobre seu colo. Com um rosto cheio de preocupações, olhava para o vazio até ver Rafael atravessar aquela porta.

Ao seu lado estava o bibliotecário-mestre da Sociedade de Toth e pedra no seu sapato em tempo integral, Magister Sólon. O homem mantinha o olhar severo como se lembrava de ter. Com uma meia capa presa por uma fina corrente prateada envolta de seu pescoço, com a heráldica dos trimegis impressa na presilha. Uma túnica marrom cobria a totalidade daquele corpanzil de altura maior que todos ali. Mesmo com a expressão de censura, notou um tom de surpresa ao ver o mundano em carne-e-osso. Quase como se visse um fantasma.

Rafael não sabia o que estava acontecendo. Viu duas garotas ao lado de Isabela. Uma esguia e de beleza magnética, quase tão alta quanto ele, que usava um corpete escuro e um moletom cinzento, com calça esportiva. Ao seu lado, uma menina que, ao cruzar seus olhos com os dele, torceu o nariz. Tinha um cabelo ruivo cheio, brincos de aro largo e uma jaqueta acolchoada verde-limão.

Hual segurava seu guarda-chuva, apoiado no parapeito da varanda, e não pode deixar de abrir um sorriso ao vê-lo.— Eu sabia! Eu sabia! — gritou Solon com o dedo em riste. — Esse pequeno marginal tem mesmo ligação com o assassino de profanos.

— Se acalme, homem! Se lembre do porque estão aqui — falou Hual.

— É hora da terceira Ordália? — Rafael perguntou sem entender o que estava acontecendo.

Mas a verdade é que a informação da traição de Liber o fez ficar ainda mais paranoico com a presença dos dois.

Solon bufou e Clarice deixou escapar uma singela risada. Hual se aproximou dele e o agarrou pelos ombros.

— Parece que você chegou em boa hora, graças à sua amiga, pelo visto. Fico feliz que esteja bem.

Ele olhou para trás e viu a motociclista sentada do lado de fora, no corredor do andar, ouvindo a conversa graças a porta aberta do apartamento. Hual a convidou para entrar, mas ela deu de ombros.

— Antes de qualquer coisa, acho que você merece um dedo de prosa.

Hual, Clarice e Solon o levaram a um quarto. Era o único dormitório do apartamento, mas mal se podia dizer que era um. Estava quase completamente vazio, com goteiras em vários pontos, um colchão fino rasgado em um dos cantos e uma cadeira de madeira velha com manchas escuras pousava em um canto.

Rafael abriu a janela e deixou o ar entrar, ficou ali com o rosto para fora, sentindo saudades de andar na garupa da moto. Apesar da chuva, o tempo estava abafado e ventava pouco.

— Eu não sabia que vocês eram amigos — afirmou o mundano, sem ansiedade alguma.

— Quem deve explicar suas amizades aqui não somos nós — murmurou Solon ranzinza.

Hual sorriu.

— Até mais que isso. Conheço esses dois mequetrefes há anos! Eles me devem uns favores.

Solon pigarreou e Clarice revirou os olhos.

— Não temos tempo para tomar chá, Tila-Loque — o nome saído da boca de soror Clarice soou estranho para Rafael. — Temos dezenas de pessoas esperando nossas instruções.

— A presença do moleque não muda absolutamente nada. Não podemos invadir aquele lugar sem um processo iniciado, é como está escrito no novo código. O que você acha que Meister achará disso? — disse Solon, com a simpatia de sempre.

— “Meister” Érion não está aqui. Vai lá saber o quanto ele sabia disso — Clarice desabafou.

— Ora, como ousa, mulher...

Hual levantou as mãos, pedindo para que dessem um tempo.

— Acho importante a presença de Rafael nessa prosa, já que ele é o centro desse rodamoinho.

Rafael mirou um olhar confuso para Hual e ele fez um gesto para que se acalmasse também. Magister Solon se inclinou para frente, fuzilando Rafael com os olhos.

— E como saberemos se esse aventureiro não está envolvido nisso tudo? Afinal, aquele assassino de profanos tem alguma ligação com ele.

Soror Clarice perdeu a compostura e pôs as mãos na cintura.

— Por favor, homem. Escute as palavras que estão saindo da sua boca, pelo amor da Deusa. Está lendo demais a ficção que vocês guardam naquela pocilga cheia de mofo?

Clarice e Solon se encararam irritados, demonstrando uma rivalidade de anos que Rafael desconhecia.

— As peças estão claras sobre a mesa, ou quase todas — Hual começou censurando com o olhar os dois e logo depois se virou para Rafael. — O Protetorado está comprometido.

Rafael levantou as sobrancelhas.

Clarice se pôs à frente.

— Tínhamos noção de que alguns núcleos de trabalho estavam enfrentando problemas com relação a... a transparência dos processos, mas tudo pareceu calmo e contornável. O fato é que algo muito ruim cresceu dentro do grupo e aparentemente... — Clarice olhou para Solon com pesar — isso chegou na liderança da Mão e com isso encaramos um amargo problema.

— Te usaram de bode expiatório, para esconder algo grande — Hual continuou. — Depois que você escafedeu, foi dado como fujão e então seu julgamento reacendeu um debate sobre o novo código. A poeira levantou e quando viram, já era tarde.

— Augenweis.

Os três olharam para Rafael.

Foi nesse momento que o mundano despejou tudo o que tinha na garganta e por incrível que pareça, os dois membros do Protetorado permaneceram em silêncio e atentos. Falou sobre o contrato com um demônio assinado sob armação do mesmo, sobre a bruxa que tentou assassiná-lo para obter controle sobre a criatura, contou de ter recebido a empresa do recém descoberto pai. Hual não o impediu, na realidade parecia se divertir com a situação, o que rendeu olhares nem um pouco amistosos por parte dos dois membros do Protetorado ali presentes. E então Rafael contou o que aconteceu quando foi até a reunião do hotel, a negação da proposta e o motivo pelo qual achou que foi levado para Santa Clara.

— Depois de ter mentido para a gente, você acha que não é agora que vamos acabar com você e seu abrigo para assombrações? — disparou Solon para Hual, parecendo ignorar todo o restante daquela queixa.

— Com o líder desaparecido, outro que se corrompeu e em via de eleições gerais para a cadeira vacante. Vossa Magnificência sabe elencar muito bem suas prioridades, não é? — provocou Clarice.

Mas antes que o homem explodisse, o velho do guarda-chuva completou o que faltava.

— Ele não mentiu em nenhum momento. Estava sobre o teto perjurado do Salão do Sigilo. Apenas... não tinha obrigação de contar tudo.

— Você não aprende, não é, Tila-Loque? — Clarice pôs uma mão sobre a testa.

— A peça final é nossa pequena arteira — Hual se referiu à motociclista, ao apontar para a direção na qual estava, do lado de fora do apartamento.

— O que ela merece é um exorcismo bem feito, isso sim — murmurou Solon. — Matou profanos por aí a torto e a direito, instaurou o terror sobre a cidade. O Limiar se tornou mais frágil depois disso e é o maior crime que alguém pode cometer em nosso meio. Mas não espero que você entenda isso, da maneira como se diverte com esse circo montado.

— Eu admito que seus métodos são reprováveis — julgou Hual. — Mas a verdade é que ela é vítima tanto quanto Rafael. Vocês sabem muito bem que um encantado desse nível de poder só surge muito raramente, para reequilibrar a balança. A figura que traja o preto para livrar o mundo do que não presta.

— Não estamos mais na época de achar que fábulas justificam o injustificável. Nós definimos quem deve ser ou não punido — reivindicou Solon.

— Bem. Não mais. — Falou Rafael se intrometendo na conversa.

Os três olharam para ele.

— Esse senso de justiça torto, essa arrogância. Pelo que entendi, se vocês estão aqui hoje é porque não podem confiar mais em seus iguais. Eu não era um magista na época do julgamento. Precisam de mais quantas provas disso?

Clarice desviou o olhar.

— Bobagem — Solon respondeu. — Você é apenas uma exceção, de tantos casos que julgamos corretamente e que ameaçaram o mundo além-Limiar. Acha que é fácil segurar hordas de criaturas abissais, amaldiçoados, gatunos e trapaceiros? Nós protegemos o sono da humanidade.

— Eu não dormi muito tranquilo nas últimas noites — Rafael retrucou. — O tempo de vocês acabou e espero que apodreçam, como já está acontecendo.

— Mas é isso que devíamos estar conversando agora, não atacando uns aos outros como gatos escaldados — interferiu Hual.

— Eu não posso provar, mas sei disso com todas as forças. Liber estava agindo em conjunto com a Augenweis para me prender na Santa Clara.

— Nós sabemos que Liber é o traidor, com ele uma penca dos nossos se voltou contra nós — respondeu Clarice. — Ele armou confusão no seu processo para talvez levantar poeira para ganhar tempo com seu planejamento. Só não sabemos ainda qual o interesse dele com essa tal Augenweis.

— Ele deve ser punido. Ensinarei uma lição àquele caoísta gorado — ameaçou Solon.

— Alguém tão grande quanto um dedo da liderança trair a todos é algo grave e a única resposta para isso é uma atitude brusca. A última cláusula do Novo Código. O Martelo das Feiticeiras — respondeu Clarice consternada.

Solon disparou um olhar furioso para a colega.

— Um evento dessa magnitude é algo que não pode ser ignorado. A existência do Protetorado é justamente para que isso não aconteça — protestou.

— Não é uma conclusão fácil, mas talvez precise acontecer — concluiu Hual.

Rafael ficou confuso no meio daquela conversa e transpareceu. Clarice pegou sua mão com gentileza e o tranquilizou.

— O nome ficou famoso depois que dois picaretas escutaram o termo em uma conversa secreta entre magistas. Escreveram um livro inteiro falando sobre como caçar bruxas séculos atrás. Uma peça de ódio e degradação, mas que faz parte da história dos profanos. O verdadeiro Martelo das Feiticeiras é o expurgo de bruxos de sangue que compactuaram com forças destruidoras. O problema é que esse ato é controverso até hoje no mundo arcano, quando foi usado até contra escolares notáveis. Muita coisa ruim foi feita com nossos semelhantes, por isso só pode ser usado em momentos extremos — explicou Clarice.

— Nada disso é da minha conta. Os magos que se entendam. Estou indo para lá — Rafael se irritou ainda mais com toda aquela ladainha do que não lhe interessava.

Solon se pôs a frente, quando Rafael se dirigiu para sair do quarto.

— Onde é “para lá”? — o homenzarrão inquiriu.

— Eles devem estar naquele hotel, se não, vou chamar a atenção para que estejam e acabar com essa história. — Rafael concluiu.

— Você não entende a gravidade da situação — foi a vez de Clarice se entepor naquela ideia torta. — Eles não apenas estão lá, como perceberam que descobrimos parte do plano deles. Se trancaram naquela torre e estão conduzindo algum ritual. Algo de natureza vil.

— Sei o que eles pretendem fazer — revelou Rafael, com as mãos sob o queixo. — Devem ter arrumado um substituto.

— Um substituto para o quê? — exasperou Solon.

O mundano olhou na direção daqueles olhos incisivos.

— Não importa. Já fugi demais, agora vou lá acabar com isso.

— Absolutamente não! Isso não faz qualquer sentido. Você vai ficar aqui com Hual e ajudar a proteger esse prédio — ordenou Clarice. — Nos encarregaremos desse problema.

— Vocês vão me prender aqui? — perguntou Rafael.

— Bem, não podemos... — a voz de Clarice foi sumindo, conforme a expressão de Rafael permanecia inflexível.

Rafael passou por Solon, que não o impediu. Hual puxou seu pito do bolso da calça, o acendeu com duas batidinhas no dedo e mirou os dois bruxos.

— O tempo de ficar em cima do muro acabou. Ou vocês lamentam o que aconteceu e vão se sentar na bancada com alguém que traiu vocês, ou farão a coisa certa — completou Hual, como se a situação já não se mostrasse óbvia para eles. Mas as vezes o óbvio precisava ser dito em alto e bom som para ser assimilado.

— Você sempre quis a obliteração do Protetorado — Magister Solon suspirou alto.

— Ele já estava morto muito antes disso tudo estar acontecendo. A diferença é que agora sabem que a culpa foi inteiramente de vocês — respondeu Hual.

Rafael prometeu para si mesmo que ainda encontraria novamente Hual e faria um inquérito quanto a suas desconfianças, mas aquele não era o momento. O velho parecia estar sempre um passo à frente. Ao menos, agora sabia que não fazia parte do plano para prendê-lo naquela instituição.

O mundano cruzou a porta do apartamento do homem do guarda-chuva sem entender muito bem as consequências de todo aquele evento.

O Martelo das Feiticeiras ressoaria novamente.

Capítulo XXXIX

Quando há abismos e abnegação

Ele havia pedido a chave de seu antigo apartamento, agora usado por ela. Queria negar, mas não podia. Por fim, quando o viu de costas passando por aquela porta tentou jogar areia no que sentia, mas sem sucesso. Um pressentimento invadiu o âmago de Isabela, que lhe disse que talvez pudesse ser a última vez o visse.

Recebeu um abraço inesperado de Lud, que provavelmente notou sua angustia. Elas não falaram nada até Soror Clarice e Magister Solon saírem do quarto com Hual. O homem de barba pontuda se retirou em disparado, sem sequer olhar para elas.

— Preciso de vocês na mansão — falou a Soror enquanto ativava os selos na capa de chuva para que não se molhasse. — Aconteça o que acontecer, não saiam de lá.

Pela primeira vez, Isabela viu Lud pronta para rebater a mentora do Bando. Mas com um gesto, Clarice fez com que se acalmasse.

— Essa noite vai acontecer o que temíamos. O Martelo das Feiticeiras vai ser iniciado.

Calista pôs as mãos sobre a boca e Lud a encarou com olhos de descrença.

— A rua não estará segura. Muita gente vai se aproveitar do caos para liberar o que tem de pior, não preciso de mais vítimas em potencial. Não saiam de lá até eu pedir.

— Mas você vai precisar de ajuda, a gente pode lutar ao seu lado, Matriarca — Lud finalmente soltou, com uma vontade vibrante queimando no peito.

— Escutem meninas, nada disso compete ao grupo. Os mais velhos vão resolver os problemas que eles mesmo criaram. Quem for sobrar disso tudo precisa ter estabilidade para montar uma nova ordem sobre as coisas. Criei vocês para que crescessem, amadurecessem e que tomassem o meu lugar quando eu não estivesse mais por aqui. Mais do que qualquer uma eu sei quanto aguentei por quebrar as

linhagens tradicionais e sucessórias para fazer o Bando nascer, ele vai ser a porta para novos tempos — e então uma expressão de tristeza genuína tomou seu rosto. — E eu também não posso ficar sem vocês.

A discussão continuaria, mas Soror Clarice não tinha mais tempo.

— Basta. Preciso reunir os membros de confiança do Protetorado. Solon irá ativar os selos de alerta para avisar que a última cláusula do novo código foi ativada. Meister Érion ainda não foi encontrado, tudo está um caos! Precisam estar seguras.

E então ela foi a terceira a sair.

De mãos atadas, as integrantes do Bando não poderiam ir de encontro a uma ordem direta de Soror Clarice. Por isso as três desceram o prédio, com intenção de voltar à casa da falecida bruxa e sede do agrupamento. Mas, antes de saírem da rua que dava para o prédio escondido, um furgão preto subiu descuidado a calçada e um garoto saltou para fora.

Hual surgiu atrás das três e foi até ele.

— Perdi alguma coisa? — Samuel perguntou para Hual, enquanto olhava para o estrago que tinha feito na guia da calçada.

— Martelo das Bruxas — ele respondeu.

— Isso deveria significar alguma coisa pra mim?

— Como sempre... não. Mas vai ter confusão e você precisa dar um *cadinho* de ajuda pro menino Rafael. Não deixa o espevitado se tacar para alguma boca cheia de dentes, certo?

Samuel revirou os olhos e bufou.

— Lá vai eu de novo ficar de babá — entrou novamente no carro e Hual se aproximou da janela do carona. Entregou um papel a ele, junto de uma mochila.

— Só preciso que antes você faça algo para mim. Já conversamos sobre isso.

— Tem certeza que isso é o mais importante a ser feito nesse momento?

— É o único momento.

O garoto, observando o papel entregue com uma série de endereços, já ia dando partida no carro. Aproveitando que ninguém prestava muita atenção nela, Isabela se atirou no banco do carona. Mesmo sob protestos de Lud.

— Isso aqui não é um táxi. Cai fora do meu furgão roubado — falou Samuel enfezado.

— Ei molecote! Seja gentil com a dama — pediu Hual.

— O que está fazendo Isabela, está se negando a obedecer a uma ordem direta da Matriarca? Ainda por cima por causa de macho? — protestou Calista.

— Eu não estou atrás de ninguém. Tenho uma dívida para ser paga. E quando terminar, tudo o que passei estará enterrado — respondeu Isabela.

Calista continuaria, mas Lud se entrepôs. Foi até a janela do Furgão e deu um beijo na testa de Isabela.

— Se essa é sua decisão, não podemos interferir. Depois discutiremos uma punição adequada, mas agora se concentre no que tiver que fazer.

A garganta de Isabela fechou e ela segurou as lágrimas até partirem. Viu as integrantes do Bando diminuírem pelo retrovisor e partiu para seu destino.

O furgão virou a rua e atravessou a cidade no meio da madrugada. Samuel notou uma sombra cortando a luz de um dos postes que passou, pôs a cabeça para fora da janela e enxergou uma coruja que desapareceu na noite preta.

A motociclista e Rafael chegaram ao prédio de seu antigo apartamento. Estacionaram ao lado daquela praça parcialmente abandonada e se surpreendeu ao ver alguns cavaletes no gramado e uma placa indicando que aquela praça estava prestes a ser restaurada. Olhou para cima e viu seu apartamento de baixo. Pediu para sua parceira esperar alguns minutos, precisava pegar algumas coisas antes de ir de encontro ao hotel da Augenweis.

Rafael seria parado pelo porteiro para fazer o cadastro, já que ninguém o conhecia ali depois de tanto tempo, mas estava munido de um selo para passar despercebido por aquelas situações. Bem na hora que atravessou a portaria, uma vontade insuperável de ir ao banheiro fez o funcionário liberar a porta para ele sem verificar a identidade. O homem correu para o banheiro como se o fim do mundo estivesse próximo. Gostava quando a magia funcionava.

Subiu o elevador e logo chegou à frente ao seu antigo apartamento. Não pode deixar de sentir algo quando passou pela porta ao lado. Ele se virou para a porta vizinha e bateu. Sem ser respondido.

— Preciso de um pouco de sorte — disse enquanto segurava a porta.

Logo depois se virou para finalmente entrar em sua antiga morada.

O lugar estava essencialmente como se lembrava. Isabela não havia feito mudanças drásticas na sala, talvez por respeitá-lo ou talvez por agora passar parte de suas noites fora. A questão é que aquela configuração de móveis, o cheiro de velho dos bibelôs de sua mãe e o ventilador de teto. Aquela composição em cena lhe deu uma sensação destacada no tempo e o espaço. Como se aquilo pertencesse a uma vida passada, há muito abandonada.

Viu a poltrona verde-limão nova que havia comprado, o sofá preferido de sua mãe que mandou reestofar depois de partido ao meio, a mesa de centro que substituiu pela anterior. Mas de resto, estava como sempre se lembrou.

Arrancou a folha de um caderno que encontrou largado no sofá e começou a escrever uma carta. Lá, deu instruções para uma pessoa em especial.

Após ter colocado tudo para fora, assinou e deixou a carta em cima da mesa. Seria uma forma de tentar corrigir algo caso tudo desse errado.

Aproveitou a caneta e rabiscou alguns selos que poderiam ser úteis em seu plano quase suicida, escondeu os pedaços de papel em sua carteira e suspirou.

Teria que servir.

Abriu as gavetas para procurar seu antigo amuleto da sorte, dado de presente na forma de um pequeno patuá, mas acabou achando apenas o material ritualístico de Isabela. Foi fechando a gaveta quando viu um pedaço de giz solto por lá.

Olhou em volta e se lembrou de algo.

Arrastou os móveis e enrolou o tapete cheio de poeira, o jogando para o outro lado da sala. Era mais pesado do que lembrava. Abriu espaço suficiente para uma loucura que estava prestes a fazer.

Rafael desenhou um selo mágico enorme e complexo. Fechou os olhos momentaneamente em alguns pontos, enquanto traçava, para se lembrar das páginas de livros que leu na Biblioteca. Fez umas adaptações, desenhando as palavras mágicas em volta de um círculo e glifos alquímicos em seu interior.

Só percebeu sua presença quando viu aqueles olhos brilhantes em cima da cristaleira, observando seu antigo dono. Achou que o gato estaria alarmado com a confusão, mas Bóris parecia calmo, enquanto se aproximava devagar, pulando entre as estantes.

— Sei que não é do seu feitio, mas preciso de toda a ajuda possível.

Pela primeira vez em muitos anos Rafael viu algo que parecia impossível: o gato se achegou, atendendo a um pedido. O felino se sentou dentro do círculo e então o encarou com presteza.

O ritual de criação de familiar era complicado. Tudo o que envolvia outro ser demandava uma complexidade acima dos conhecimentos básicos. Criar uma ressonância entre mente e espírito de duas criaturas tão díspares tinha um preço. Rafael precisava ceder algo para o gato e o felino cederia algo de volta. Felizmente o pouco que poderia dar, era mais que o suficiente.

No encantamento original, como faziam os antepassados, o animal precisava ser morto para renascer como parte de si. Mas já não estavam mais em épocas tão brutais, bastava o mecanismo simbólico para isso.

Bóris se empertigou dentro do círculo e fechou os olhos, como se tirasse um cochilo. Rafael vibrou suas cordas vocais em tons que ativariam o complexo selo ali montado e a energia fluiu. Recitou algumas palavras em uma língua antiga, adaptada para a ritualística e então entrou em seu templo astral.

O seu apartamento onírico parecia semelhante à sua contraparte física. Mas algo estava diferente. O céu, conseguiu ver pela varanda, estava pintado com um vermelho berrante. Não pode sentir Bóris ali.

Algo estava errado.

Sentiu uma presença assustadora entrar no apartamento pela porta da frente, que se aproximou com sua forma escura. Portando três trios de olhos, a besta estava lá em seu terceiro e último encontro.

— Persistência parece ser uma poderosa virtude — a besta falou em sua voz dobrada e inumana. — Privilégio dos tolos e heróis.

— Eu não sou herói — respondeu Rafael efusivo.

— Só um tolo me encararia pela terceira vez.

— Talvez eu nunca o compreenda totalmente, mas entendi o suficiente para saber o que tanto fiz de errado na última vez.

A besta o circundou, sem perdê-lo de vista. Rafael fechou os olhos dentro do sonho e quando abriu, a besta era seu duplo. Sentava-se no teto, vestia roupas escuras e os três trios de olhos ocupavam quase todo o espaço do rosto, só deixando uma boca torta.

— Li sobre você em um dos livros da Biblioteca, custou muito, mas finalmente entendi seu propósito — desabafou Rafael. — Meus ataques de ansiedade não eram de natureza psíquica. Eram o anúncio da sua chegada.

— Está errado — rosnou. — Você se afastou do que realmente é e de onde deveria estar.

— E que lugar seria esse, besta?

— Sou um demônio, venho de um abismo. Mas não qualquer demônio, não de qualquer abismo.

— ... do meu abismo.

— Sou Chorozone. Pertencço ao abismo da inveja, daquele que te acometeu durante a aula de natação. Sou o abismo da luxúria, daquele que te assaltou após o encontro com o anjo. Sou o abismo da ganância, quando enganava os colegas em troca das figurinhas. Sou o abismo da gula, de todo o conhecimento que roubou para ti. Sou o abismo da violência, quando destroçou demônios achando que era para seu bem pessoal. Sou o abismo da indolência, quando se deixou levar pelo rio, até flertar com o desespero. Sou, por fim, o abismo do orgulho, aquele que o faz olhar de cima para os de baixo, frente a seus iguais. Você se opõe a mim?

— Não.

— Pela terceira vez te ofereço uma saída. Você pode deixar tudo para trás e voltar a ter uma vida convencional. Mesmo que seja bem-sucedido, não há nada do outro lado do abismo que te ofereça conforto ou segurança. Você passará até os últimos momentos da sua existência sendo responsável pelos seus atos, mas te prometo, mundano, que a sombra que um dia temeu, nunca mais deixará de ser vossa aliada. Se souber escuta-la.

— Quanta ladainha. Vamos logo com isso.

— Muito bem então.

Chorozon levantou o braço e o dedo indicador. Rafael fez o mesmo movimento e os dedos se tocaram.

A forma sombria evaporou como se nunca tivesse existido, junto dela, um véu que cobria seus olhos se fora junto. Pôde então ver, pela primeira vez com clareza, aquilo que falhou da primeira vez. O que deveria ver estava ali.

Igualmente enorme como a besta Chorozon, só que branco e com olhos faiscantes. Não era nada que Rafael já tenha visto em toda a sua vida, mas sabia que era algum tipo de felino. Um primordial, que iniciaria toda uma linhagem por incontáveis gerações.

Aquilo era a comunhão final para a criação de um familiar. Havia finalmente deixado de lado a peça final para conseguir sacralizar um magista.

Rafael ofereceu parte de seu intelecto e o bichano gigante aceitou. Suas cabeças se tocaram e um mar de informações discrepantes pareceu invadir a lacuna deixada em sua mente. Com elas vieram parte de uma memória. Aquilo era poderoso e incrível, de uma maneira que nunca pôde imaginar.

O mundano abriu os olhos, dessa vez os físicos, e Bóris estava no mesmo lugar que o felino primordial estava no plano astral. Os olhos do gato brilhavam de uma forma esquisita, quase humana. Ele deu as costas para o mundano e se retirou.

Mal reconheceu seu apartamento, mas não por ele ter mudado. Seus olhos agora enxergavam coisas que nunca soube que existiam. Viu moléculas de poeira no ar, cantos escuros agora revelados como se iluminados por um holofote. Mirou suas mãos e viu ondas de calor emanando de lá, junto com sua aura. Se levantou em um

pulo, o mais alto que conseguiu dar. Não era algo inumano, mas como se tivesse no máximo de suas capacidades físicas.

Sua festa acabou quando mais um visitante chegou, mas nenhum vindo do plano astral ou de dentro de si mesmo. Aquele era físico e muito mais perigoso que os outros.

Cal estava sentado na ponta da poltrona, virada de cabeça para baixo. Estava no escuro, mesmo que escuridão não existisse para Rafael naquele momento. Seu capuz estava erguido sobre a cabeça, deixando escapar apenas a ponta de um cigarro aceso e aqueles terríveis olhos brilhantes.

O demônio riu enquanto dava um trago no cigarro.

— Como você cresceu, Rafael. Estou orgulhoso.

O mundano se levantou e o encarou com seriedade.

— Você sabe o que vou fazer? — questionou Rafael.

— Me decepcionar, provavelmente. Só não faço a mínima ideia de como. Vamos! Me surpreenda.

— Vou até aquele hotel e esfregar a cara do Gabriel no chão. Ele está lá, não é?

— Está. Mas não só ele.

— Então por que veio até aqui? Seu empreendimento está se tornando arriscado. Qual foi aquele termo ridículo que você usou? Deus da podridão. Se não se apressar, poderá perder seu futuro reino de entulho.

Cal deu uma risada seca. Afastou o cigarro do rosto e deu batidas com o dedo. Cinzas caíram no chão.

— Não leve para o lado pessoal, pequeno mundano. Se você morrer ou se a empresa fosse vendida, não saberia dizer para onde iria, quem proclamaria ser meu dono.

— Minha imortalidade te daria segurança.

— Sim — respondeu Cal com uma expressão inocente.

— Mentiroso.

— Como é?

— Você não pensa em mim, nunca pensou. Queria era mais poder, algo maior. Com a Eletronik vendida para um grande conglomerado e comigo no topo de tudo, teria mais poder e um capacho para dar legitimidade para se manter por aqui — acusou Rafael, com o dedo apontado para o rosto de Cal.

— Mentira é uma questão de ponto de vista. Só não preciso ficar falando tudo o que passa na minha cabeça.

— E me prendeu lá naquele... naquele campo de concentração disfarçado de sanatório — Rafael gritou, enraivecido.

— Apesar de seu histórico de sair por aí fazendo cagada, não fui eu que dei a ideia de te prender lá até a empresa terminar de ser vendida.

— Mas não impediu de Liber Tot ter mandado gente me pegar no meio da estrada, não é?

— Isso que dá confiar nesses mágicos de esquina, eles querem colocar a assinatura deles em tudo. Sim, ele é meu contato dentro do Protetorado. Mas e daí? Era isso ou deixar você zanzando por aí, tentar acabar com o processo de venda da empresa.

— Não importa nada disso. Vou lá acabar com isso pessoalmente — prometeu Rafael.

— Diferente de Mergal, eu não preciso manter essa brincadeira. Mesmo se esse grupo de pamonhas se explodir, só vou dar um único passo para trás. Me aliei a eles em um momento de ócio e me enxergaram como mestre, fiquei enquanto era divertido..., mas aí começaram a me irritar com a insistência de te colocaram no meio. Que se ferrem juntos, a Augenweis e o Protetorado. Governarei a carne através das cinzas. Montarei minha própria sucursal de Gehena aqui na terra. Sou o senhor do orgulho, não preciso de sócios, apenas degraus.

— Então imagino que não vá me impedir.

Cal efetuou o salto e surgiu atrás de Rafael. Uma única mão no ombro do mundano, foi suficiente para fazê-lo se ajoelhar com força no chão. Agora com a

ressonância, com um familiar, entendia o que Bóris sentia na presença de Cal. Aquele odor de morte empestava o ambiente.

— Sua questão fica um pouco mais complicada — recomeçou Cal. — Eu, como Baal do círculo do orgulho, não posso permitir que você me diga “não”. Aprendi que mundanos sobreviviam melhor quando não acuados, por isso tentei ser mais paciente, mas não se sinta especial, é apenas um saco ter que me livrar de todos aqueles apóstolos negros tentando me levar de volta. Você é tão descartável quanto todos os meus outros ex-contratantes.

— Não pode usar a força contra mim. Está no contrato.

— Por favor, Rafael. Não sou como aqueles outros demônios que você já enfrentou. Te farei ver tudo o que ama cair, e aí, fim! Fará como todos os mundanos que um dia já tiveram um contrato comigo e terá um desfecho trágico. Não preciso sequer encostar um único dedo.

Todos os pelos do corpo de Rafael se arrepiaram.

— Está vendo — comentou Cal. Rafael olhou para o seu próprio braço. — Usuários de magias e sensitivos já estão com o alerta ligado. Provavelmente alguém de dentro do Protetorado enviou uma mensagem para que ninguém saísse às ruas. Isso significa que a cidade poderá estar sob ataque mágístico a qualquer momento. Não pensei que tivessem a coragem de instaurar um Martelo das Feiticeiras, é o prego final no caixão daqueles babacas.

— Eles só vão acabar com a Augenweis e logo depois continuarão a fazer o que sempre fazem.

— Não. O Martelo das Feiticeiras é o beijo da morte. Permite que ajam fora das regras do novo código, com o preço de ter seus dias contados. O Protetorado acabou de decretar sua própria morte e talvez você vá junto, apenas por me desafiar.

Cal circundou o mundano, com um chute fez o sofá verde limão se virar e voltar ao lugar. Sentou-se todo largado, enquanto usava a mesa de centro como apoio para os pés.

— Mas sair do inferno me tornou coração mole. Você vai viver mais do que todos eles. Será um privilegiado, já que foi o que mais durou ao meu lado. Acho que

merece um mimo por isso. Fique aí, prometo tentar esquecer todos aqueles momentos que me fez cozinhar pra você e daquele papo de negar minhas propostas. O que a gente faz para nossos bichinhos de estimação, não é verdade?

Rafael se sentou em posição de pernas cruzadas e fechou os olhos. Entrou em seu seguro templo astral e lá estava seu apartamento, mas como suspeitou, o demônio estava no mesmo lugar, como se ainda fosse o plano da matéria. Só que dentro daquele lugar, ele era feito de chamas azuis e fumaça escura. Rafael andou pelo templo, até o corredor e viu que a última porta, a que se manteve trancada, possuía a mesma luz azul passando pela soleira. Era o antigo quarto de Cal, onde estabeleceu morada no velho apartamento. Era irônico sua mente simbolizar ali como origem das forças de Cal que se ligavam a Rafael em um contrato.

— Eu elaborei uma teoria sobre contratos — Falou Rafael, com calma, enquanto permanecia de olhos fechados e em seu templo astral. — Ele diz que não podemos nos atacar, mas tem um claro beneficiado. Você precisa obedecer a tudo o que eu mandar.

A forma de fogo azul virou a cabeça, não entendendo até onde o mundano ia chegar.

— Isso quer dizer que existe algo tão terrível no inferno, que topam se submeter a um vínculo como esse. Então, eu estudei durante várias semanas, durante as folgas do aprendizado mágico sobre demonologia de várias épocas. Ao que parece, várias culturas explicaram mecanismos intrínsecos sobre invocação e expulsão.

Viu a forma de fogo azul rir.

— Foi aí que eu cheguei à conclusão. Nomear as coisas é ter poder sobre elas. Mas isso era mais uma evidência do que uma ferramenta prática. Já que saber o nome de um demônio na Idade Média significava que a pessoa que o enfrentava minimamente tinha alguma vantagem por conhecer sobre o assunto. Mas qual seria o botão de emergência para tomar controle sobre um demônio? Não poderia ser apenas um nome... — Rafael fez sua aura se contrair, grande parte dela se concentrou até um único ponto de sua mão, onde um fogo azul da mesma tonalidade do demônio brotou e do mundano surgiu um papel flamejante. Rafael bateu a folha de papel na calça para apagar o fogo e lá estava o contrato entre eles. — Foi aí que teorizei que contratos valeriam como rituais e selos de invocação, com algumas regrinhas sobre permanência. Se eu fizer uma engenharia reversa, consigo ver através das passagens aqui escritas.

Foi aí que Rafael virou o contrato de costas, onde um engenhoso selo estava escrito.

— Kalciferum é como ele soa na nossa língua de gente. Esse aqui é o nome original, não é? — inquiriu Rafael enquanto apontava para o selo.

O fogo azul que delineava a forma do demônio se intensificou. Foi aí que Rafael percebeu pela primeira vez que as chamas safira não eram um simples fogo sobrenatural, mas sim a manifestação de uma aura tão concentrada e maligna, que poderia ferir coisas no mundo físico. A quantidade de energia que devia estar dentro daquele corpo era tanta, que ele tinha força para provavelmente explodir uma cidade inteira, caso quisesse.

Rafael abriu os olhos e saiu do templo astral. Não existia o contrato em papel no mundo físico, ele não tinha energia para criar celulose ou tinta. Apenas alguém como Cal podia manifestar coisas assim. Mas existia o símbolo, que havia desenhado na palma de sua mão com uma caneta esferográfica antes de Cal sequer aparecer ali.

O demônio foi para cima do mundano e Rafael até temeu por um breve momento, mas não era permitido recuar depois de certas escolhas. Apertou a palma de sua própria mão contra o rosto de Cal e um silvo estridente cortou a noite. Não sabia se aquilo funcionaria, mas quando viu o efeito, seu próprio corpo estremeceu. Sentiu um misto de terror e triunfo.

Aquele demônio poderia acabar com uma civilização inteira se tentasse e Rafael descobriu que tinha total e verdadeiro controle sobre aquela força.

Sem mais joguinhos, sem mais confiança, sem uma amizade que achou que tinha. Como ousou ser tão idiota, achando que aquela criatura miserável queria seu bem, mesmo de uma forma torta. O demônio o presenteou com armas para mantê-lo protegido, mesmo o jogando em vários perigos. Lhe fez rico para tirar tudo em seguida. Fingiu se importar com entes queridos para usar de teatro e manipular suas emoções.

Cal gritou, mas era Rafael quem sentia uma profunda dor em seu peito. Sentiu-se bem, mas uma parte de si sabia que aquela situação de escravidão era algo que sempre lutou contra. Talvez Cal merecesse, talvez não, mas não poderia deixá-lo interferir em seu plano.

— Vamos jogar um jogo chamado abnegação. É um feitiço simples de expurgar coisas indesejadas para fora de seu espaço seguro — avisou Rafael. — Aprendi com uma amiga durante os sonhos.

O demônio tentou falar algo, mas apenas saiu um guincho terrível.

— *Kalciferum at Kalciferos*. Senhor do Sétimo Círculo, Baal do orgulho, príncipe de hordas infernais. Você causou muitos danos a mim e a essa cidade. Por isso... eu te abnego.

O corpo de Cal explodiu em chamas azuis que não se atreviam a machucar Rafael. Aquela combustão cresceu e cresceu, tomando toda a sala. Uma forma escura e caída, com rosto leonino e chifres imensos surgiu nas chamas. Tentou rugir, mas o fogo foi sendo sugado por forças metafísicas além da compreensão. Atravessou o corredor à força, arrastado até a última porta daquele apartamento, onde era seu antigo quarto. A porta se escancarou e as chamas adentraram com a força de uma tormenta. Quando não existia mais nada além de um fiapo incandescente, a porta se fechou firme. Marcada nela como uma pirografia, as marcas do selo do contrato na madeira.

Percebeu que o cetro desaparecido, lhe tirado pelas forças do Protetorado, restou no sofá, onde o demônio evaporou. Durante todo aquele tempo, era ele quem tramava contra Rafael, junto com o núcleo corrupto do grupo.

A partir de agora, Cal só sairia daquele quarto se Rafael quisesse e o mundano não queria que ele saísse nunca mais.

Parte VI

Cinzas

“O eterno retorno”

Capítulo XL

Quando há um gatuno

Achar aquele corredor específico dentro de um lugar tão grande não seria fácil, mas Eder sabia que também existiam feitiços antigos que protegiam aquela sala da Biblioteca de Toth. Demorou vários minutos até achar um fio de energia, usado pelos membros mais importantes da instituição para chegar naquele ponto.

A porta preta se revelou, ousando aparentar ser apenas uma passagem comum, dentre as centenas que existiam ali. Talvez fosse parte dos engenhosos selos que a protegiam, que faziam sua mente querer se preocupar com algo mais importante. Estava munido, porém, de artimanhas contra aquele tipo de sistema de segurança.

— Revele seus segredos, preciso garantir ao menos isso — Eder falou para si mesmo, como para garantir um desejo a uma lâmpada mágica.

A porta se abriu e um sonolento Adamastor, pousado em seu ombro, começou a bater suas asas desassossegado.

Um forte odor de mofo invadiu suas narinas e Eder cobriu seu rosto com as longas mangas. Ninguém entrava ali sem ao menos uma máscara de proteção, mas o tecido de suas vestes teria que servir. Os maiores segredos da Sociedade estavam guardados ali e não teria tempo de cumprir o protocolo.

Até porque estava quebrando todos.

A sala apertada se revelou, com estantes muito mais velhas que o restante da instituição, que guardavam manuscritos escurecidos, códices secretos e jarros de barro com mistérios inomináveis cobertos de poeira. Alguns artefatos perigosos também estavam lá, poderosos por natureza. Eder sempre achou um desperdício entulhá-los ali como se fossem parte de uma velha herança que ninguém tinha interesse.

Gostava da sede de conhecimento dos trimegis, mas suas tradições chiavam em seus ouvidos como dobradiças enferrujadas. Deveriam evoluir para sobreviver, por isso mesmo se aliou com Liber para obter aquele tipo de controle.

Permaneceu na maciota todo aquele tempo, principalmente quando Tábris começou a suspeitar dele no caso dos livros surrupiados. Desde então não obteve sossego e inclusive achou que a conquista da sua próxima chave foi adiada por não ser mais considerado de confiança.

— Liber, é você?

O volume de sua voz transitou entre o sussurro cauteloso e um suspiro assustado. Escutou um som estranho e só então percebeu que foi apenas o eco de seus passos lá dentro.

“Sei o que queres”.

A mensagem enlaçou sua cabeça e adentrou sua mente com maciez. Recitou um encantamento, mais para efeito psicológico do que prático, não poderia cair em tentação.

“Do que tens medo?”

— Eu sei o que está tentando fazer e isso não vai funcionar.

Adamastor se foi, batendo suas asas loucamente para fora da sala. A ressonância entre eles minguou, apenas se mantendo forte o suficiente para conseguir sentir aquelas pequenas lufadas de brisa. Arregalou os olhos, aquela corrente de ar só poderia significar que alguém abriu a passagem secreta para aquela sala pelo lado de fora. A saída de emergência que planejava usar para dar o fora dali.

Não poderia perceber aquilo se não tivesse o contrato com o morcego, por isso se desesperou quando outra lufada veio, mais curta e quente. Não era a da brisa que escapava por uma porta aberta, mas vinda de algo que respirava.

Virou para trás, para ver aquela figura inusitada parada em meio aos pedestais, coberto parcialmente por sombras. Se preparou para enfrentar Tábris, mas descobriu da pior maneira que estava enganado quanto àquela presença. Sabia como abater um mago vindo de surpresa, mas aquela pessoa não emitia uma única faísca de aura. Por isso, havia perdido o embate muito antes dele ter começado. O invasor não era magista, sequer parecia humano.

Ele era grande, pesado e de ombros largos, mas de alguma forma se movia de maneira quase sobrenatural. Eder girou o pescoço para recitar outro feitiço, dessa

vez para abater seu opositor, mas não foi veloz o suficiente, quando aquela mão morena surgiu frente aos seus olhos.

O captor tapou sua boca e torceu o pulso do magista, fazendo Eder soltar o athame afiado. Estaria liquidado, caso o invasor quisesse. E foi justamente o que pareceu acontecer, quando a adaga do gatuno atravessou a barriga do magista, na altura do umbigo e começou um corte profundo até seu peito.

Eder estrebuchou, sem ter o que fazer quanto à força inacreditável do agressor, por isso cedeu. Era o seu fim. Caiu no chão e ali permaneceu, até perceber que o corte não produziu uma única gota de sangue. Da mesma forma, a adaga do gatuno estava limpa.

Eder colocou as mãos na barriga, para verificar se fora apenas fruto da sua imaginação, mas percebeu que não conseguia mais se mover. Sua mente procurou entender o que aconteceu, mas nenhum feitiço de ilusão parecia próximo daquele efeito.

— Não sinto nenhum prazer de fazer isso com você, mas Hual me avisou que qualquer um que cruzasse comigo era um traidor.

Tentou falar, mas Eder não podia mover mais nenhum outro músculo pela própria vontade. A baba escorreu pelo canto da boca, enquanto sua garganta fazia força para expelir palavras, sem sucesso.

— Vai voltar ao normal em breve, tempo suficiente para ser encontrado aqui pelos seus pares, mas sinto informar que você nunca mais vai fazer... como chamam? Mágica?

Eder não conseguia prestar atenção nas palavras, já que o desespero de perder o controle sobre seu corpo era desesperador. Uma lágrima rolou pelo rosto, como uma criança com medo da morte. Só conseguiu ver a forma escura do gatuno quebrar uma redoma de vidro acima de um daqueles pedestais e tirar uma máscara ritualística lá de dentro. Ela era branca, com o formato de um rosto torto entalhado. Samuel deu uma boa olhada no objeto.

— Quanto mal gosto — reclamou, colocando o artefato na mochila. — Vamos manter esse nosso pequeno segredinho entre nós, está bem?

Ao ser retirada dali, o poder da máscara pareceu se multiplicar. Centenas de vozes tomaram a mente de Eder, a ponto de fazê-lo desmaiar com um baque de terror e confusão.

A cabeça flutuante surgiu através da neblina do lado de fora do furgão e Isabela deixou escapar um grito. Samuel abriu a porta do veículo e entrou, jogou a mochila na parte de trás e então deu partida. A garota não estava mais acostumada em não sentir auras, não era comum ser surpreendida. Aquele rapaz não pareceu produzir nenhuma e achou que seria mal-educado fazer alguma pergunta sobre aquilo.

— O que estamos fazendo nesse beco, afinal? — reclamou Isabela, com a mão no peito, se recuperando do susto. — Não parece ser por aqui que vamos encontrar o Rafa.

A chave girou na ignição e o furgão começou a sacolejar. Samuel deu a ré rapidamente e então deixaram a passagem oculta para trás.

— Tive que pegar algo a pedido do velho.

Achava que após sua reversão conseguiria controlar melhor suas visões de gente morta, mas descobriu que além de estar enganada, perturbações mais profundas passaram a lhe acometer. Além do muro, concreto e aço, a cidade lhe sussurrava segredos.

Mas mesmo tudo sendo tão novo, aquela noite embaralhava sua compreensão ainda mais. Uma intuição ruim percorria todo o seu corpo e parecia um constante lembrete do que estava prestes a acontecer.

O furgão passou por uma grande avenida e conseguiu perceber um rio de emanções que corriam por baixo daquele asfalto escurecido. Eram veios que passavam por toda a cidade, cruzavam em alguns pontos e afetavam a vida das pessoas de maneira que não ousava imaginar. Por isso percebeu quando a correnteza pareceu ressoar e uma pulsante força que passou por baixo do carro a deixou vigilante. Alguém estava usando os veios para passar uma mensagem e a cidade inteira respondia a isso.

As ruas tornaram-se vazias e a insistente neblina embaçava os vidros do furgão. Tentou ignorar os andarilhos noturnos, formas diáfanas que se aglomeravam na escuridão e se agitavam ao saber da notícia.

O Martelo fora iniciado e não teria ninguém para julgar o que aconteceria a partir dali. Se dirigiram, enfim, para o hotel da Augenweis.

Capítulo XLI

Quando há uma invasão

Existe uma ideia comum entre magistas de que não se deve mexer com o tempo absoluto, aquele que define e é inexorável. A maioria deles já se convenceu que as pesquisas voltadas a ele são infrutíferas, no mínimo. Apesar disso, sempre existiu aqueles rumores constantes, que deixavam o estado de alerta. Sobre mestres das artes arcanas que ficaram loucos ou simplesmente desapareceram sem deixar vestígios.

Mas já dizia um cientista bigodudo sobre uma tal relatividade do tempo, que os magistas mais tradicionais se negavam a mencionar apenas pelo orgulho de citar um profano.

Cronos é um perigoso titã que rege os destinos e a tudo devora enquanto move inexpugnavelmente as engrenagens cósmicas. Mas seu neto, Kairós, era mais acessível e menos rabugento. Deus do tempo oportuno e do tempo mágico da percepção. Isso significava que sim, o tempo não poderia ser alterado, mas os ponteiros do relógio estão ao alcance dos dedos mais vilipendiosos.

Como aqueles artefatos místicos que emulavam relógios comuns nos pulsos dos agentes do Protetorado, que nada mais eram do que acumuladores de Kairós. Uma unidade de medida formulada através do tempo não-linear, que não se pode determinar ou medir, pois nada mais é do que a metáfora do tempo, e como os humanos o percebiam. E nesse pulo do gato, O Protetorado, os guardas do Limiar poderiam fazer quase tudo.

Quase.

Ficavam horas, antes de uma operação de grande porte, acumulando kairós de grandes multidões, se aproveitando dos atrasos, do tempo que nunca passava, daquele cochilo que prometia durar apenas quinze minutos e do trânsito que não parecia avançar. Usavam desse amálgama de percepções para se mover mais rápido, retraindo e esticando o tempo oportuno que era percebido por pessoas comuns. Claro, que por certos efeitos colaterais pouco apreciados por mundanos,

como fenômenos de *deja vu*, parcial lentidão do relógio na hora de provas, irritação pelo trânsito irremediavelmente parado, efeito de tempo perdido e memória inconsciente e embaralhada.

O tempo absoluto ainda continuava devorando seus filhos, como sempre faria. Mas Kairós era malemolente e sabia desviar das tentativas do pai.

Rafael custou a perceber essa pequena artimanha, que era o centro de suas preocupações quando lidava com aquela gente. Eles não se moviam como sombras, não se teletransportavam como Cal, muito menos usavam de espelhos e portas mágicas para atravessar planos. Os magistas usavam kairós para locomoção. Seja para fazer com que aparentemente uma porta comum levasse para algum lugar muito longe, seja para uma operação surpresa e até para se aproveitar fugindo do trânsito comum.

Magistas sabiam caminhar sobre o Limiar, mas nunca além dele, isso parecia significar usar portas e janelas para ligar locais que originalmente não estavam conectados a elas. Mas não era verdade. Não totalmente. O que acontecia é quem estava o mais distante do véu enxergava dessa forma, mas a grande realidade era que eles usavam selos mágicos altamente carregados de kairós em suas roupas e veículos, para causar esse estranhamento irreal.

O problema é que quando percebeu isso tudo, kairós não mais saiu de sua cabeça. Assim como música que gruda, assim como a imagem da nuvem que não pode mais ser “desvista”, sua mente pareceu desembaralhar e aquela unidade de tempo oportuno estava agora em todo lugar.

Por isso para não ser pego pelo Protetorado no meio de mais uma operação no hotel da Augenweis, deveria usar da mesma astúcia.

Quando chegou ao saguão com aquela camisa desbotada de uma banda de rock, todos ali olharam para ele. Seguranças se colocaram próximos, atendentes o ignoraram propositalmente e os hóspedes o evitaram. Não demoraria muito para os agentes do Protetorado saberem de sua presença ali. Estava agora se alimentando do kairós acumulado, fazendo com que profanos prestassem a atenção nele. Isso fazia com que os mundanos que não usavam magia saíssem naturalmente do piloto automático, interrompendo o fluxo de kairós a favor dos agentes.

Pedi uma informação para uma guia que sempre permanecia na portaria para dar indicações em vários idiomas para turistas. Visivelmente desconsertada por

aparentar não ter muito dinheiro pela maneira como se vestia, a mulher mal olhou para seu rosto e mandou que ele checasse qualquer coisa que quisesse na recepção. Já que eles sim deveriam ter formas mais elegantes de como expulsar pessoas indesejadas.

Do lado de fora do hotel, um grupo de pessoas se passando por estrangeiros começaram a se perguntar porque os aparelhos de leituras da estranha unidade de tempo e da apuração do estreitamento de Limiar apitavam feito loucos. A ofensiva oficial só aconteceria em uma hora, mas era como se tudo já houvesse começado. Do lado de dentro, uma comitiva de magistas corrompidos também estranharam a entrada de um invasor de maneira tão descuidada. Estavam esperando um grupo completo de arrebatamento do Protetorado, e ao ver Rafael pelas câmeras de segurança, hesitaram. Um deles olhou para o chefe de guarda especial, um magista especializado em segurança arcana de grandes empresas, e se perguntou se deveriam iniciar o plano de contenção. Mas nem o homem tinha visto algo assim pelo que conhecia do grupo. Afinal, ele já fez parte do Protetorado um dia e aquilo não era habitual.

As ordens do chefe da guarda era simples: manter o máximo de agentes do Protetorado o mais longe possível, até que fechassem todas as entradas e saídas para que dessem início à cerimônia. Se fizesse na hora errada e muitos ainda estivessem do lado de fora, poderiam ter meios de interromper o ritual e frustrar seus planos ainda pelo exterior. O ideal era desbaratar a empreitada, acabando com ela bem em seu início.

O chefe de segurança corrupto olhou para aquele monitor de tubo chuviscante e deu uma batida com o dedo na tela, como se Rafael fosse algum tipo de alarme falso devido a uma pane do aparelho. A muitos metros de distância, Rafael observou a câmera semiesférica no teto e então sorriu. O líder decidiu que pudesse ser uma contra armadilha e então deu a ordem pelo rádio.

Uma bolha interdimensional começou a engolir o prédio do hotel e Cronos decidiu que havia apenas um único minuto para o Protetorado agir. Se o grupo não conseguisse entrar com os agentes, perderiam a chance de acabar com a cerimônia pelo lado de dentro. Afinal, tentar abnegar a energia de um equinócio sobre uma região era uma tarefa complicada e não havia certezas de que conseguiriam para-la pelo lado de fora.

Os dois grupos pensavam ter a vantagem, mas Rafael acabou com todas suas expectativas. A bolha se fechou por completo, com metade dos agentes planejados

para o lado de dentro.

Os agentes isolados do lado de fora começaram a administrar a situação para evitar que pessoas tentassem entrar no prédio. Falsos policiais fardados, também agentes da organização, tomavam conta daqueles que se dirigiam à entrada do edifício e não percebiam a barreira quase invisível que protegia o entorno. Deveriam manter as aparências enquanto o hotel inteiro se tornava uma fortaleza intransponível. Depois de observar o dia inteiro o padrão de comportamento profano, os agentes ativavam selos complexos para que sequer percebessem que a operação estava acontecendo.

Uma zona crepuscular daquele tamanho, capaz de trancar um prédio inteiro, só poderia ser criada por um demônio poderoso. Rafael sentiu ser engolfado por aquela energia sinistra e viu as pessoas em volta dele sendo transformadas em estátuas. Pessoas normais como hóspedes, funcionários, guardas mundanos, todos que nada sabiam foram paralisados pelo efeito do poder demoníaco. Tomaram um tom acinzentado e o ambiente adotou cores saturadas, com formas parcialmente borradas, como se estivessem por trás de um vidro opaco. Nada poderia acontecer a nenhum inocente, isso era de interesse para os dois lados, já que a Augenweis era acima de tudo uma empresa discreta.

Notou pelas suas costas os agentes do Protetorado que conseguiram entrar a tempo, avançando com uma estratégia improvisada e com suas ordens emergenciais em rádios discretos no pé do ouvido. Os aparelhos deixaram de funcionar quando a bolha metafísica terminou de se fechar e só contavam agora com poucas lideranças presas ali com eles, para tocar o desmonte da cerimônia e o arrebatamento dos magistas corrompidos.

Dois seguranças do hotel, que estavam na entrada, não ficaram estáticos. Indicava que estavam implantados na portaria justamente para ser a primeira linha de defesa de qualquer ataque mágico. Parte do grupo do Protetorado autuou os dois, que nada puderam fazer frente a surpresa da operação iniciada antes do tempo e pela quantidade de agentes. A outra parte dos agentes foi atrás de Rafael, que desapareceu na escadaria de emergência.

Ainda tinha dúvidas quanto a natureza mágica do *modus operandi* dos membros da organização, então formulou algumas teorias e observou, enquanto se aproveitava da zona crepuscular para se esconder em vértices escondidos que o ocultava naquela dimensão peculiar.

Da perspectiva de um usuário de magia, ver o Protetorado agir era interessante, pois começava a entender os mecanismos que para eles eram fruto da mais original quebra de regras da realidade. E era quase isso.

Um grupo de agentes passou na frente de seu nariz e mal perceberam sua presença. Foram descendo as escadas e Rafael imaginou que fosse para checar o estacionamento, para não ter nenhum ataque surpresa pelas costas enquanto subiam. Foi uma medida acertada, mas não deveria ter mais ninguém por lá, já que a motociclista deveria já ter entrado e neutralizado qualquer segurança.

Aproveitou a oportunidade para ir para a direção oposta, fazendo os andares superiores se revelarem.

Notou que uma corrente de energia telúrica passava pelo corrimão do local e quando percebeu se afastou. Era como um fio retesado, que serviria de gatilho para alguma arapuca. Provavelmente nenhum membro do Protetorado cairia em algo tão simples, mas decidiu dar uma olhada na mecânica da coisa enquanto pôde, afim de tentar prever outras formas de atrapalhar a invasão.

No fim de cada um dos corrimãos de metal, um selo estranho jazia marcado discretamente como o logotipo de uma serralheria, pôde ver com sua visão felina compartilhada através da penumbra. Não tinha tempo para engenharia reversa com objetivo de descobrir seu propósito, mas chutou que pela pouca quantidade de energia, era algo para embaralhar a percepção de espaço.

Sua avaliação demonstrou correta quando passou pela quarta vez para o terceiro andar, mal havia percebido que inadvertidamente ativou a armadilha e começou a correr em círculos, indo e voltando, achando que estava subindo as escadas. Aquilo era perigoso e deveria bolar uma contra iniciativa.

Depois de achar que havia se libertado da confusão metal, entrou no terceiro andar achando que era o quarto e então um suntuoso corredor se revelou. Com luminárias laterais, portas cobertas com números ordenados e um tapete vinho no chão, com bordas douradas desenhadas. O grupo de magistas corrompidos estava à sua frente, com armas apontadas para ele, mas de longe não era a sua maior preocupação.

Um homem alto, de cabelo escorrido e chapéu de aba larga saiu de trás dos guardas arcanos.

Conseguia sentir pela extensão de sua pele que a mesma zona crepuscular tinha a sua assinatura, quase como uma impressão digital. Mas existia algo a mais naquelas intuições malucas que começavam a bombardear Rafael com alertas diversos para que fugisse o mais rápido possível.

Seu rosto familiar se revelou quando se aproximou, o bartender aliado de Cal, o bode negro possuidor, aquele que esteve dentro de seu corpo por breves instantes que mais pareceram horas de agonia.

Mergal abriu os braços, como um gesto convidativo. Aquilo fez com que os guardas se despreocupassem e voltassem pela direção que vieram, deixando os dois ali. Mesmo não parecendo fazer sentido, magistas, mundanos ou qualquer ser vivo ali com eles dava mais segurança que se estivesse sozinho com um demônio daquele nível de poder. Decidiu afastar o pensamento e fez sua aura se tornar ofensiva, se preparando para uma batalha.

— Estávamos te esperando, mister Rafael. A cerimônia está prestes a começar — a última palavra saiu embolada com seu sotaque.

“Corra daqui, seu idiota”, pensou Rafael, avaliando que sua intuição parecia bem razoável quanto à situação. Mas existia um motivo de estar ali e então cobriu seus alarmes internos com um cobertor espesso de confiança. Sentiu o cetro retraído, no bolso de sua calça, tocou ele com discrição e então acompanhou o demônio, que agora vestia-se com um terno preto junto com seu chapéu.

O corredor parecia não ter fim, até atravessarem uma porta com aviso de acesso restrito apenas para funcionários. Chegaram em um salão aberto, onde dezenas de escrivaninhas com computadores estavam dispostas uma ao lado da outra. Não existia ninguém ali, mas parecia ser usado para serviços internos para a gestão do hotel.

O demônio Mergal parou no meio do caminho e aquilo fez o coração de Rafael disparar. Posicionou sua mão na abertura do bolso, pronto para usar a arma caso necessitasse.

— Você parece tenso, *little man*. O que houve?

— Sabe que eu não tô aqui porque concordo com esse tipo de joguinho de vocês.

— Gosto dessa palavra, “joguinho”. É assim que se fala? — ele sorriu, enquanto se virava lentamente e começava a avançar contra Rafael com passos lentos. Por mais que o mundano tentasse fazer sua aura agressiva, como um alerta, o demônio avançava, transpassando tudo sem qualquer dificuldade. — Tudo é um “joguinho”.

— Permita que continue com minhas inquietações — respondeu o mundano atravessado. — Estou aqui para acabar com todos vocês.

— Essa posição quase infantil me estressa um tanto, mister. Vou ser sincero contigo, mas acredito que tenha percebido que minha aliança com Kalciferum é passageira, *right*?

— Eu notei — Rafael foi recuando conforme Mergal avançava.

— Sou bem poderoso, modéstia à parte, mas não posso esperar que minhas forças deem conta de um Baal, um dos príncipes-senhores do inferno. Por isso lhe ofereço uma contraproposta.

— Quer que eu desfaça o contrato com Cal e torne você meu contratado — afirmou Rafael, com certa calma na voz.

O demônio em forma de homem estacou, tencionou a testa e cruzou os braços.

— Pelo o que entendi essa cerimônia dará imortalidade a alguém. Matutei tempo suficiente para imaginar que seja uma passada de bastão para um novo chefe da organização. Seria eu, caso aceitasse a proposta, certo? Aí temos você, um demônio de segunda linha, preso em um contrato com a ex-liderança. Eu sou a chave para você se manter por cima.

— Até que você é espertinho para um mundano, principalmente para entender essas terríveis regras burocráticas envolvendo contratos. Mas está errado em um ponto, mister. Não existirá ex-liderança. Meu plano é exclusivamente para dar cabo daquele diabo arrogante.

— Então vão matar o ex-líder? Imagino que ele não tenha concordado com isso.

Mergal riu.

— Errado novamente. A ex-liderança e a futura serão uma coisa só.

Rafael o fitou confuso.

— Por isso estendo cordialmente minha mão, sei que está desgostoso com sua atual relação. Não o culpo por isso, demônios do círculo do orgulho são um pain in the ass, se me permite a grosseria. Já eu por acaso sou originário do círculo da ganância, não me interessa essa prepotência toda, contanto que tudo esteja a meu alcance.

— Inclusive o contratante de outro demônio — Rafael fingiu um sorriso jocoso, para tentar ocultar suas preocupações. — Fico imaginando seu desespero em apelar para um mundano, para ir contra outro demônio mais poderoso.

— Não me provoque...

— Fico interessado em saber que há tempo de parar a cerimônia e me colocar no lugar, significa que ainda tenho tempo para acabar com isso tudo.

Suas suspeitas tornaram-se reais quando a expressão de Mergal mudou, rápida como um raio, para se ocultar novamente em um rosto duro como um mármore. Os demônios possuíam todos os pecados dentro de si, aquele poderia ser avarento e ganancioso, mas não significava que não existia um pingo de orgulho e de todos os outros males da humanidade dentro de si.

— Quem está lá? É Gabriel, não é? Mande um recado para mim. Vou acabar com essa festa e colocar juízo em sua cabeça.

— Não sou um garotinho de recados — apesar da máscara inexpressiva, a espessa aura do demônio preencheu o cômodo e fez Rafael recuar ainda mais. Aquilo era poderoso demais para ser enfrentado sozinho, mas pelo visto, não teria outra escapatória.

— Se minha cordialidade não serve, não terá nada da minha simpatia. — Os olhos brilharam com um laranja de tom aberrante e sua voz começou a se tornar mais gutural. — Essa brincadeira termina aqui e ficará de fora do futuro glorioso de profanação que está para começar.

Os ossos de Mergal estalaram, como se estivessem sendo partidos de ponta a ponta.

— Sinto ter que lhe mostrar isso, odeio perder minha beleza, mas uma carnificina é sempre bem-vinda — grunhiu o demônio.

A garganta se alargou com dificuldade, como se recusando a obedecer ao dono. Os olhos se esbugalharam e tomaram grande parte do rosto, que se esticou, projetando o nariz para frente como um focinho que tornou o osso da face quebradiça. A pele, ela primeiro se tornou seca e cheia de rachaduras, como se ameaçando se partir a qualquer momento para revelar um interior macabro, e logo depois se tornou cinzenta com os pelos curtos que cresceram por toda a extensão da tez. Se ajoelhou repentinamente, como se o fêmur da perna direita tivesse sido quebrado em vários pontos e seus calcanhares emitiram sons sinistros enquanto se tornavam alongados. Cascos cresceram na ponta dos membros posteriores, escuros e polidos.

As veias saltaram da garganta e um grunhido monstruoso rompeu de sua garganta, como se doloroso fosse fazer surgir aqueles dois pares espiralados de chifres. Um dos pares no alto de sua cabeça, outros na parte oculta do crânio. Seus músculos tencionaram e tomaram a aparência como se para fora do corpo, com fibras grotescas, que eram desenhadas pela pelugem. O que restou de suas roupas estava pendurada sobre o corpo fibroso e rachado.

— Eu realmente preciso revelar que queria muito te esfolar naquela noite que nos conhecemos — sibilou Mergal.

— Devo dizer que percebi.

— Serei rápido, para não termos nenhuma interrupção dessa vez.

— Cal não será necessário, posso dar conta sozinho — a bravata de Rafael serviu mais para tentar convencer a si próprio que o demônio Mergal. Não deu muito certo.

— Recebi ordens para deixá-lo vivo na época, mas agora o velho Estefan não vê mais uso em você. Da mesma forma, Kalciferum será passado quando a cerimônia do fogo terminar.

Os cascos demoníacos trotaram na direção de Rafael.

— Kalciferum se verá novamente sozinho e as forças do She'ol forçarão sua volta para casa. Serei soberano hoje e sempre!

Odor pungente queimou as narinas de Rafael, que puxou o cetro do bolso quando aqueles olhos febris puseram aquela íris inumana fendida verticalmente sobre si. Quando se aproximou o suficiente, um trovão foi sentido por todo o prédio.

E foi em um apartamento a quilômetros dali que uma porta explodiu em um fogo azul sombrio, em um edifício do outro lado da cidade. A regra de proteção de um contratante era soberana em um contrato daqueles, mesmo acima de um comando direto.

Kalciferum estava livre e especialmente irritado.

Capítulo XLII

Quando há Mergal

É uma pena... — a criatura começou a falar, enquanto gorgolejava baba preta entre os lábios escuros. — Que tenha me visto nessa forma tão horrenda. *Shameless*.

O demônio caprino Mergal se prostrou diante de Rafael, com uma das mãos sobre o pavimento do andar e outro na garganta. Seus dedos alongados arranhavam a própria garganta, em um gesto de desespero, como se o próprio movimento de sua goela para colocar a coisa para fora não fosse o suficiente. Os ruídos guturais se misturavam com vozes diversas que ecoavam no andar, junto com os tiros abafados ao longe.

Em uma bola de muco, a coisa brilhante escapou do interior da besta fera e foi logo agarrado por aquela mão retorcida. Era algo pequeno, de aparência frágil e cor inconstante. Parecia brigar contra a realidade para se manter estável, pois vibrava e tomava outras formas dependendo do ângulo e distância.

Rafael não perdeu os olhos daquele momento, mesmo com seu abdômen empapado com o sangue do ferimento. Lutava para se levantar, para agarrar o cetro do outro lado da sala e desferir algum golpe que efetivamente pudesse fazer algo contra Mergal. Mesmo descobrindo que parecia impossível causar danos na criatura. Mas qualquer ação parecia ainda mais difícil, pela aura corrompida que invadia seu espaço e parecia se alimentar de seu espírito.

Mergal se levantou, cambaleante. Com o idiossincrático objeto entre os dedos.

— Ele está vindo — pontuou Mergal com a voz grotesca. Enquanto olhava para um horizonte de paredes frias, como se perdido em alguma visão.

Foi o momento de Rafael se aproveitar, com o pouco de força de vontade que ainda restava e se jogar até o cetro. Um trovão ressoou no prédio, apenas escutado por aqueles que estavam do lado de dentro.



Do lado de fora, o caos estava instaurado. O que restava do Protetorado, no exterior, se organizava como podia para manter qualquer pessoa fora do perímetro. Outro esquadrão se concentrava em um contra ritual para isolar o prédio de energias usadas para a cerimônia, mas eram tão poucos agentes para uma obra daquela magnitude que se perguntavam se seria efetivo.

Foi naquele caos que um furgão preto estacionou com descuido ao lado de uma das viaturas policiais usadas pelo grupo. Saltaram Isabela e Samuel, imaginando que estivessem no local correto. Samuel olhando para a confusão e Isabela sentindo sobre a pele aquela aura hostil e a sensação de desconforto da proximidade de uma zona crepuscular. Para ela, o prédio parecia cercado por uma película deformada. Era estranho olhar para frente, ver um edifício como aquele e ter uma sensação de vazio tão grande. Como se, na realidade, existisse um grande buraco no lugar. Esse senso de dualidade a tirou do ar até Samuel atravessar apressado seu caminho.

Nenhum dos agentes do protetorado notou a presença do garoto, mas Isabela parecia um globo luminescente de uma balada prestes a começar. Foi logo cercada pelo grupo, até Samuel intervir. Estranharam o garoto, já que não conseguiam sentir uma aura nele e isso o fazia semelhante a nada menos que uma pedra que podia andar e falar.

Os bastões retráteis foram retirados da cintura, mas algo maior chamou a atenção de todos ali.

O rasgo, um fedor esquisito e a fumaça escura. Um jovem de moletom vermelho e cabelos escuros surgiu como num passe de mágica, no meio da barreira de contenção do Protetorado. Isabela o reconheceu, mas Cal parecia diferente.

Ele estava apavorante.

A presença poderosa foi suficiente para tornar todos os agentes hesitantes. Isabela podia entender, pois apenas imaginar dando um passo na direção daquele ser parecia uma loucura indizível. Cal estava cercado por algo semelhante a uma radiação pútrida, que faria qualquer pessoa comum se sentir mal, qualquer médium desmaiar e mago se desorientar.

Cal tocou no limite da zona crepuscular e seus dedos foram repelidos com violência. Olhou para o alto do prédio e aguardou.

Mesmo com aquela sensação arrebatadora, Isabela foi a única magista a tomar a frente e se aproximar do demônio. Samuel foi logo atrás, com uma expressão azeda tomada no rosto.

— Ele está aí dentro, né? — perguntou a garota.

Cal pareceu despertar, olhou para a pequena Isabela como se fosse uma criatura de outro planeta e então sua aura arredia retrocedeu, tornando-se mais amena. A distância entre o elefante e a formiga pareceu diminuir, Cal agora reconhecia Isabela e deu um sorriso torto em sua direção.

— Está — respondeu ele, guardando para si os planos que tinha para ela e como isso afetava seu contratante. — Quer entrar comigo?

Isabela estranhou a pergunta, sua cabeça não encarava mais aquele prédio como algo que pudesse ser acessado.

— Eu estou aqui também, cretino — protestou Samuel. — Consegue pôr a gente lá dentro?

Com um tapinha no ombro dos dois, o trio desapareceu antes que os agentes do protetorado pudessem fazer algo a respeito.

Isabela sentiu seu corpo se esticar e encolher, sua cabeça se contorcer até um ponto que não pareceu suportar. A viagem era sentida como muito mais longa do que realmente foi. O chão virou de cabeça para baixo, até perceber que não estava no teto, mas deitada no piso de algum dos andares daquele imenso hotel. Se segurou para não colocar o almoço para fora e uma dor de cabeça horripilante martelou o que restou de seu cérebro, que imaginou ter se tornado ovos mexidos depois da sensação que teve.

Entendeu que o demônio fez com que se teletransportassem para dentro do prédio de alguma maneira.

Não teve muito tempo para lamentar seu mal-estar, pois outra aura demoníaca além de Cal se apresentou para eles. Um demônio deformado, com rosto de cabra, que estava se levantando enquanto ainda tateava o cotoco enegrecido de um dos chifres que havia sobrado de sua cabeça.

— Me lembre de estripar ele — a voz monstruosa, cheia de sotaque gringo, invadiu seus ouvidos e pareceu uma agressão. — Olha o que fez comigo.

— Pelo que eu lembre, você sempre foi feio desse jeito — debochou Cal.

— *Funny guy* — um misto de risada e bufada foi expelida pela boca daquele ser monstruoso. — Demorou para chegar, aconteceu alguma coisa?

Cal pela primeira vez tirou o casaco de moletom vermelho e o jogou no chão.

— Eu que deveria perguntar. Estava atacando um contratante meu, Mergal?

Nenhum dos dois era bobo, mas parecia divertido atuar como se precisassem de justificativa para uma briga sem propósito. Como um tempero para dar mais valor ao que estaria para acontecer.

— Já deveria ter dado um jeito nesse mundano arredio — provocou Mergal, com rosto de cabra. — Vai deixa-lo zanzando por aí, enquanto a cerimônia acontece?

— Isso não é da sua conta, diabo estúpido — cuspiu Cal. — Me deixar entrar nessa zona crepuscular foi o seu pior erro.

— Não tive escolha, sabe como é ter que obedecer a contratos. O velhote ainda acha que somos aliados — O demônio caprino abriu os braços, mostrando tudo aquilo que estava acontecendo ali. — Ele acredita nisso. Acha que você é de confiança. Mundanos são tão divertidos!

— Sempre vão acreditar em nós, são estúpidos. Pena para você, que não vai estar aqui para ver tudo ruir.

— O mundano mudou mesmo você, Calcinador. O brilho da dominação está morto em seus olhos. — Os cacos fendidos de Mergal rasgaram o chão abaixo de si.

— Fala demais, para alguém que já está morto.

Cal se lançou contra o demônio Cabra, enquanto fogo azul queimava vindo de dentro de seu corpo em forma humana.

Mas mesmo com aquele abismo de poder, não conseguiu reagir quando Mergal atirou sobre ele o objeto diminuto que estava escondido entre os dedos. O encontro do item furta-cor com o corpo de Cal pareceu produzir um estalo esquisito, como um fusível que acabara de queimar. Cal desapareceu da existência e Mergal riu.

Isabela, que só conseguiu observar a cena como testemunha de algo inacreditável, se levantou confusa.

— Eu realmente não queria apelar para um desses brinquedinhos tão cedo. É impressionante como algo tão engenhoso possa ter vindo do...

— Fica quieto, Pazuzu — ordenou Samuel. Ele já estava de pé, muito antes de Isabela sequer perceber que estavam dentro do prédio. — Ninguém quer saber não.

Pela primeira vez Mergal notou a presença do garoto.

— Que desaforo — uma lufada de vapor saiu das narinas de cabra de Mergal. — Não tenho paciência para seres deselegantes como você.

— O que você fez com ele! — gritou Isabela.

— Meu pai do chão, mulher! Eu não sou surdo. É apenas um truque para enjaular a fera por tempo suficiente. Poderemos brincar mais um pouco enquanto isso.

Uma cadeira voou em alta velocidade na direção de Samuel, que conseguiu se proteger com os braços, fazendo ela se despedaçar. Isabela recuou, assustada com a violência. O demônio cabra avançou contra ele.

Samuel girou, mais ágil do que parecia com aquele corpanzil. Mergal passou com tudo e jogou várias escrivatinhas para longe, só parando quando quase atingiu a parede.

— Acha que consegue fugir pra sempre? — grunhiu Mergal irritado.

— Não pretendo.

Em uma segunda investida, a criatura atravessou o salão e pareceu atingir em cheio o peito de Samuel. Mas, mesmo com aquela velocidade do demônio, o garoto conseguiu encaixar o braço por cima do pescoço do bicho e então com uma torção fez a trajetória do demônio mudar. Ao invés de ir para a parede oposta, Samuel aplicou o peso do próprio corpo para derrubar o monstro em uma apertada chave de braço em pleno assalto.

O peso da queda dos dois fez tudo tremer. O chão, já instável pelo trovão lançado por Rafael logo cedo, cedeu e então caíram para o andar inferior. Isabela quase foi dragada junto, mas conseguiu se segurar no que restava do tapete.

Samuel teve que admitir que a pancada foi forte, pois seus pulmões pareciam se negar a funcionar quando abriu os olhos. Foi quando percebeu parte do reboco sobre seu peito. Com sua força sobre-humana, jogou parte do escombros para o lado, mas foi logo agarrado pelo calcanhar e jogado para o outro lado da sala.

— Seu fedor é diferente dos outros — rosnou o demônio cabra.

— Como tem coragem de falar do cheiro dos outros? — um filete de sangue escapava da boca de Samuel, enquanto se levantava. — Isso ainda não acabou.

— Seja lá o que você for, vai ter o mesmo fim que todos aqui.

Na parte de cima, uma mão surgiu de lugar algum e agarrou Isabela pela gola. Aqueles pares de olhos confusos se puseram nela quando foi erguida para fora do buraco em que estava prestes a despencar. Uma dupla de guardas engravatados se entreolhou, com cara de poucos amigos.

Sentiu algo duro pressionar sua cabeça e viu o cano da arma refletir sob uma daquelas luminárias do andar. Foi jogada para o chão com força em um baque seco, mas não emitiu nenhum som.

— Não tem cara de ser um deles — julgou o segurança que estava com a arma apontada na cabeça de Isabela.

— Perguntei alguma coisa? Sabe das ordens, acabe logo com isso — respondeu ríspido outro, que tinha a cabeça completamente raspada.

— Como vou saber se ela não veio lá do andar de cima?

— Mas que porra! — o guarda careca agarrou a arma do colega, segurando pelo cano e a retirou do captor de Isabela. — Deixa que eu faço esse cacete.

Em um delicado impulso, Isabela levantou do chão e girou. Agarrou o seu captor e girou para trás do mesmo. O homem surpreso, não conseguiu desvencilhar o abraço e então se desequilibrou para trás. A mão de Isabela correu sobre o rosto do homem, enquanto ele lutou para tirá-la de suas costas. Não durou muito e então a garota foi jogada para o lado com força, enquanto o homem se recompunha.

O impacto fez com que perdesse o ar e suas costas protestarem ao se estatelar no chão.

— Eu te falei, não falei? — reclamou o careca segurando a arma, enquanto o outro segurança se recuperava do susto.

Após se levantar, chutou Isabela caída nas costelas. A garota rolou, ainda sem emitir sequer um gemido.

— Não temos tempo para isso, precisamos voltar ao quinto andar — o careca apontou novamente a arma para Isabela, a distância.

— Vai deixá-lo mandar em você!? — finalmente a garota gritou, sem fôlego.

O segurança que a acertou estacou enquanto ia em direção a ela.

— Vamos logo! Traz ela aqui, tá esperando o quê? — ordenou o colega armado.

Ele não obedeceu. Continuou hesitante em meio a caminhada.

O homem armado se aproximou dos dois, não sem antes dar uma ombreada irritada no companheiro. Pegou Isabela pelos cabelos loiros e pressionou o cano da arma contra sua bochecha.

— Pega... — as palavras da menina escoaram entre os lábios.

— Toda metidinha — provocou o segurança armado.

— Pega essa arma e acaba com a raça dele — Isabela terminou de dizer o comando.

Pela primeira vez o segurança careca viu as marcas deixadas pelos dedos da garota no rosto do segurança estático, coberto com aquele pó rosado. Seus olhos, agora esbugalhados, pareciam sem vida. Se moveu levemente, como se seu próprio corpo estivesse engessado, para então avançar contra o colega armado enquanto ele ameaçava Isabela.

— O que você tá fazendo, Marcos? — sua boca foi calada com um soco, logo depois veio outro e mais outro. Os dois se engalfinharam pelo andar destruído, enquanto Isabela se arrastava para fora da briga.



— Porque você se recusa a cair, *kiddy*?

— Minha cabeça é dura e você é um fracote.

Em um murro bem colocado, o demônio acertou o abdômen de Samuel, que deixou escapar um gemido involuntário. Quase se desequilibrou, mas manteve-se firme.

— É um bom provocador, mas péssimo com uma faca — Mergal usou apenas uma das mãos para segurar os dois braços de Samuel.

Em um impulso, deu um coice com o casco fendido que fez o garoto atravessar o andar em um piscar de olhos. A adaga caiu próximo das patas acinzentadas do demônio. Parecia minúscula frente aquelas garras afiadas que tinha onde terminavam os dedos. Curioso, o monstro pegou a arma.

— Está de brincadeira comigo? — indagou irritado. — Isso aqui não tem fio. *Stupid kiddy*.

Enraivecido, Samuel se recuperou, correu e se jogou contra o demônio, mas foi facilmente segurado. A adaga, agarrada pela outra mão do demônio, jazia longe do proprietário. A cena parecia como a de um adulto provocando uma criança.

— Isso é meu, bode fedorento. Me devolve essa droga!

Com o ombro, Mergal o jogou no chão. Samuel se desequilibrou e recebeu um dos cascos sobre o peito. A força do demônio era descomunal, até para Samuel.

— Parece que isso aqui é algo especial para você. Eu gostaria de fazê-la se quebrar apenas para te fazer sofrer, mas nem disso você é digno. É só um insensato, diferente de seus iguais.

— Pode contar que eu não tenho iguais, bode fedorento.

Samuel usou os dois braços para forçar o casco para cima. Mergal não pode acreditar quando seus músculos se retraíram involuntariamente. O demônio forçou novamente a perna, dessa vez colocando todo o seu peso em cima de sua pata direita.

Mergal escutou sons indistinguíveis e cutucões irritantes próximo da orelha. Viu um dos guardas do qual deveria servir a ele atirar contra si. A confusão foi suficiente para perder o interesse em Samuel e se virar completamente contra o

homem. Mesmo com seu cérebro zumbificado e com ordens para que matasse Mergal, todos os seus instintos recuaram quando viu aquela massa peluda com cara de bode vir em sua direção. Não foi necessário mais do que um puxão para agarrar o segurança pela perna e varar ele através do andar. O homem bateu com as costas na parede e caiu como um saco de batatas.

Havia pensado que um golpe estivesse acontecendo em plena cerimônia. Improvável, mas não impossível, frente a natureza que estava acostumado com rebeliões e estratégias do lugar de onde veio. Mas percebeu que não era o caso quando sentiu aquele cheiro estranho de suas mãos. Farejou com o focinho deformado a presença de Isabela do outro lado de uma das colunas centrais do edifício.

— Nem lembrava de você, ratinha.

O demônio se aproximou e Isabela aproveitou a oportunidade para jogar o pó da bolsa que havia surrupiado de Ludmilla. A substância viajou pelo ar, até o rosto da criatura, que se defendeu em um gesto instintivo.

— *Whatta hell?* Seja lá que merda for essa coisa, não vai funcionar contra mim.

Isabela se afastou, enquanto o demônio limpava os olhos. Samuel, já recuperado, se jogou contra as costas da criatura monstruosa e enfiou a adaga na altura da nuca, que desceu vagorosamente usando o garoto de contrapeso. O rasgo profundo parou no meio de sua deformada coluna, como se a lâmina se recusasse a cortar um material duro dentro de seu corpo.

— *Hell, no.*

Mergal agarrou Samuel pelo pé, usando de toda sua fúria para arremessá-lo contra a coluna que Isabela estava escondida. A menina só teve tempo de sentir apenas um tremor abaixo de seus pés e uma montoeira de escombros caírem sobre ela. Achou que fosse o andar inteiro, mas foi apenas a coluna se partindo ao meio e quase a acertou. Poeira branca cobriu seus olhos e não pôde ver mais nada até ela baixar.

Isabela se desesperou ao perceber que aquele impacto era fatal para qualquer um. Mesmo no melhor dos cenários, mesmo se sobrevivesse, Samuel estaria fora do jogo para sempre.

Mal teve tempo de reagir e tirar a poeira branca do rosto, quando a mão enegrecida da criatura a agarrou e a levantou até quase bater no teto.

— Eu já disse, esse esforço é inútil — reclamou o demônio. — Kalciferum só vai ficar fora de jogo por no máximo alguns minutos, ele tem força suficiente para voltar à realidade sem dificuldade.

— Então só precisamos segurar a barra por mais um tempinho, né? — um corte no supercílio fez a cabeça de Isabela girar e perder o foco em um dos olhos.

— Kalciferum não é amigo de vocês, sua tola. Nem meu, nem de ninguém. Quando ele voltar, tenha certeza de se afastar, pois não vai sobrar muita coisa.

Um grunhido sofrível foi ouvido, que logo se transformou em uma tossida gorgolejante e então uma gargalhada. A poeira baixou e Samuel surgiu.

— Impossível — o demônio com cara de cabra soltou a garota, que torceu a canela quando caiu com tudo no chão. — Você é algum tipo de monstro?

O garoto estava prostrado, com um vergalhão de um dedo de largura atravessando seu peito, empalado pelo que restava do pilar destruído. Sangue corria com abundância sobre o chão e misturado com cal formava uma lama espessa. Samuel escorregou ao tentar se levantar, fazendo o chão ser pintado ainda mais de vermelho. Após uma segunda tentativa, conseguiu agarrar o vergalhão com as duas mãos e puxá-lo para fora.

— É. Eu acho que sim... — ele respondeu, com dificuldade.

O peito de Samuel estava exposto, com as roupas estripadas. Com dificuldade, ele arrancou o que havia sobrado do tecido. Seu corpo estava coberto com diversas cicatrizes profundas, que formavam riscos e manchas esbranquiçadas. Ornando o restante, tatuagens diversas mostravam símbolos e letras estranhas, com selos diversos. No centro do peito, o ferimento manchado de vermelho se fechava em uma velocidade fora do normal.

— Terei que arrancar sua cabeça fora para te matar?

Samuel esfregou a base do pescoço, onde uma larga cicatriz estava de ponta a ponta.

— Eu já tentei.

Mergal tentou se lançar contra o garoto, mas uma de suas pernas ficou estacada no lugar. Tentou novamente, mas ela se recusava a continuar o movimento. O demônio enfiou as próprias garras contra a coxa retorcida, deixando cair um líquido negro, que fazia um gás escuro e denso se levantar em abundância.

Isabela se afastou como pôde, tampando a boca e nariz. Sabia o que aconteceria se entrasse em contato com aquele miasma venenoso.

O demônio tentou o avanço uma terceira vez, mas agora foi a segunda perna que cedeu, o fazendo tombar de maneira troncha no chão.

— O que você fez? — a voz saiu pela bocarra torta da criatura.

A menina estava confusa, sabia que o pó enfeitiçado usado por Lud não serviria em nada que não tivesse um cérebro humano.

Samuel se aproximou do demônio com dificuldade, fraquejando a cada passo. Pegou a adaga largada no chão, por aquele cabo ornamentado. Isabela observou com mais atenção, aquele artefato não era algo comum. A lâmina fria era estática, mas o metal parecia dançar, ondulando na direção do corte. Criaturas elementais diminutas banhavam a lâmina com aquele movimento uniforme que embalava a adaga com certa graciosidade.

— Essa é a única coisa que restou dele. O presente do meu criador.

O corpanzil demoníaco tremia de raiva, tentando se levantar, mas já não era possível mover um só dedo. Os olhos esbugalhados miravam Samuel com genuína fúria.

— Peste. Inferno. Um agares do meu nível, galgando se tornar o senhor do círculo da avareza. Prostrado diante de mundanos. Me destrua antes que ele chegue até aqui e me veja nessa posição.

Samuel o observou, de cima abaixo, naquela situação de fraqueza. Não possuía nem alegria, tristeza, regozijo, raiva, ódio, nada. Apenas um rosto impávido.

— Eu não posso te destruir. Não tenho esse poder. Essa lâmina apenas separa o espírito da carne. Preciso esfaquear muitas vezes um humano comum se quiser que ele morra. Mas é a primeira vez que testo ela em um demônio. Se eu fosse chutar, diria que você vai começar a sentir ainda menos essa carne podre que você chama de corpo. Pois é isso o que é, um grande amálgama de bosta em volta de um

espírito escroto. Sua alma deve voltar para o local de origem, onde não deveria ter saído.

— *You know...* — o demônio começava a perder a capacidade de fala. — Irei atrás de você, de todos os seus amigos, de quem você ama, até não restar nada.

— Sei o quanto de tempo demora para conjurar um demônio tão poderoso quanto você, sei quanto custa uma passagem só de vinda para esse planeta. Diria que vai demorar muitas décadas para ter uma nova oportunidade e espero nesse tempo já ter achado o dono dessa arma e dar fim a ele e o restante de suas criações.

Os músculos deteriorados da criatura se tornavam ainda mais apodrecidos, se soltando dos ossos e se desmanchando no ar. Meio crânio de bode já era visível, quando aqueles olhos de pupilas horizontais miraram Samuel pela última vez.

— É verdade, agora me lembro — Mergal murmurou. — Esse padrão escrito em sua pele, a arma deixada por aquele bastardo. Já sei quem é você.

— O quê? — Samuel avançou e tentou agarrar o que restava da criatura, mas tudo evaporava com seu toque.

— É uma pena que me reste tão pouco tempo. Queria ver mais um pouco dessa sua cara de arrependimento após destruir um dos poucos que sabe quem te criou.

Samuel agarrou o crânio, pouco antes dos últimos fios de carne escura se desprender. Um último resquício de brilho no olhar se manteve, para evaporar de vez.

— Você sabe que ele está mentindo. Provocar é o que demônios fazem — disse Isabela, tentando se aproximar. Mas a garota percebeu que algo estava errado.

O garoto ficou ali, com o que restou de Mergal entre as mãos. Enquanto gotas vermelhas caíam sobre o crânio retorcido do que deveria ser uma cabra. Manchas arroxeadas surgiram em sua pele, enquanto lágrimas de sangue brotavam de seus olhos.

— Precisa sair daí, o miasma entrou em você. Isso vai te matar — gritou Isabela, se afastando para o outro lado do andar.

Samuel virou o pescoço para ela, enquanto o veneno era de alguma forma combatido no interior de seu corpo. As manchas desapareciam tão rápidas quanto

surgiam e os olhos vermelhos se tornavam normais novamente.

— Eu não teria essa sorte.

Capítulo XLIII

Quando há um inquisidor

Esconder a própria aura era mais difícil do que soava. Contrair era fácil, como iniciar uma respiração mais branda e ritmada. Fazê-la desaparecer era um trabalho impossível. Mas com muita disciplina, treino e uma dose de desespero, Rafael já conseguia passar despercebido.

O trovão que saiu do cetro havia atingido em cheio a cabeça de Mergal, mas soube que não seria suficiente. Ele era poderoso demais e não havia tempo.

Aproveitou o urro enfurecido da criatura para desaparecer de seu campo de visão e deixá-la confusa. Depois de um tempo, o demônio pareceu ter desistido dele, como se tivesse perdido o interesse ou preocupado com outra coisa prestes a surgir que demandaria sua atenção. Estaria morto, não fosse sua velocidade de reação e passos leves cedidos pelo ritual com Bóris.

Com cautela desapareceu em um dos corredores. Quando notou que não estava sendo seguido, pôs as mãos sobre a parede e procurou sentir o que estava ao seu redor. Era difícil fazer isso em um território dominado pelo concreto, mais ainda quando próximo um demônio poderoso emitia uma chama tão acessa a ponto de eclipsar todo o resto ao redor.

Sua barriga ardia com o corte e não parava de sangrar, então foi obrigado a abrir a carteira e tirar um selo escrito porcamemente em papel manteiga. Era o único para ferimentos leves, mas não sabia se seria o suficiente. Apalpou com cuidado o papel próximo ao ferimento e o sentiu arder. Felizmente foi acertado apenas pelo chifre, então não foi infectado pelo miasma, ou já estaria sofrendo de seus efeitos. Sorte a dele, pois não havia se preparado para feridas no espírito.

O ideal era parar por uma hora inteira esperando acelerar a regeneração de sua carne, mas não teria tempo para isso. Parou por poucos minutos, o suficiente para não se atrasar para a cerimônia, que já deveria ter começado. Prendeu um *bandaid* por cima do selo e esperou que fosse o suficiente.

Passou por alguns carrinhos de metal, usados para a entrega nos quartos e limpeza diária. Escutou um barulho e usou uma larga pilastra para se ocultar, quando dois seguranças passaram por ele. Um era careca e o outro tirava uma arma da cintura quando escutaram um tremor vindo da direção em que veio. Esperou darem a volta e continuou na direção oposta.

Encontrou uma escadaria para funcionários no coração daqueles corredores, que ligavam as áreas reservadas como cozinhas, lavanderias e os muitos locais para a gestão de um hotel cinco estrelas como aquele. Era naturalmente menos elegante que o resto do prédio, mas ainda continha um ar sombrio que pairava sobre o local como uma névoa que escondia a próxima armadilha.

Acessou andares superiores e sentiu uma vibração irregular, junto com dezenas de vultos que passavam de um lado a outro. Atravessando paredes, abrindo portas imaginárias e tendo afazeres de cotidiano. O Limiar se estreitava ainda mais conforme se aproximava do alto do prédio, julgou talvez ser decorrência do ritual poderoso, mas não teve certeza.

Com mais pressa, deixou de tomar as devidas precauções, por isso foi flagrado por um dos seguranças, que descia a escadaria. O homem hesitou, como se vendo uma assombração.

Rafael poderia aproveitar a oportunidade e desferir um golpe com o cetro. Mas além do barulho alertar seus inimigos, não estava certo se queria matar uma pessoa a sangue frio apenas para não ser pego.

O segurança apertou o botão para a comunicação pelo rádio, mas parecia sem sinal. Julgou se deveria enfrentar o invasor ali, mas algo em seus olhos parecia desarmônico. Algo estava acontecendo além dos planos e uma briga sem auxílio dos colegas poderia terminar mal.

Tomando sua decisão, o guarda subiu as escadas correndo na direção em que veio, gritando o alerta de própria garganta sobre o invasor. Rafael teve a nítida clareza, o ensejo de pará-lo ali, quando viu suas costas prestes a desaparecer. Seria rápido e provavelmente indolor. Segurou o cetro com afinco, mas suas oportunidades se esgotaram quando ele não estava mais em seu campo de visão. Não soube se iria se arrepender da decisão, mas não poderia lamentá-la naquele momento.

Decidiu entrar no décimo primeiro andar ao invés de continuar a subida e topar com um grupo de guardas, tentaria achar uma saída com mais calma. Ao investir

contra a porta corta-fogo, descobriu que ela estava trancada, protegida por um painel codificado. Uma, duas, por três vezes puxou a maçaneta, mas não obteve acesso. Não poderia tentar arrombá-la, pois além de não conseguir nada, arriscaria afetar o ferimento, o deixando menos capaz de se defender.

Quando ouviu uma série de passos nos andares acima, tentou uma quarta vez acessar o painel e a porta liberou acesso como se cansada de tentar ser aberta à força. Não havia feito nada para isso, mas mesmo estranhando teve que agarrar a oportunidade.

Atravessou a porta e seus olhos se nublaram.

Acordou e o desespero bateu, não porque estava preso com os braços para trás das costas, não porque um grupo de pessoas estava a sua volta, mas por não saber quanto tempo se passou. A cerimônia podia ter terminado e ele ficou ali, sem poder fazer nada.

Olhou para o outro lado do corredor do hotel e um rosto familiar surgiu. Mariana, ou seja lá qual fosse seu verdadeiro nome, o observava com irritação.

— Está satisfeito? — Mariana o censurou, com sua bochecha contra o carpete. Parecia na mesma situação que ele.

Rafael nada respondeu.

— Ele não tem nada a ver com isso, é um idiota! — Ela gritou para cima, inerte. — Liberem ele e vamos conversar, João.

— Não podemos, ordens lá de cima. — A voz masculina respondeu. Tentou ver seu rosto, mas o pescoço de Rafael se recusava a obedecê-lo. Só foi possível reconhecê-lo quando o homem se afastou o suficiente para entrar em seu campo de visão. Era a dupla de sua secretária, que conheceu de vista no momento em que tinha sido capturado pelo Protetorado.

— Ele ajudou vocês, estragou todo nosso planejamento — ela respondeu, com a voz sumindo, já desistindo. — Por favor, João. Não faça isso.

— Ora, cale a boca — seu ex-parceiro respondeu. — Tomamos o cuidado de sabotar tudo pelo caminho, sabiam disso e mesmo assim continuaram com a operação. Foi um suicídio coletivo. Esse paspalho nada tem a ver com isso.

— Quanto tempo se passou? — perguntou Rafael.

— Fica quieto! — sua secretária cochichou e logo depois se voltou para o membro traidor. — Você pode virar a casaca contra o Protetorado, mas por favor, não me traia. É só o que te peço. Libera ele e eu não ofereço resistência.

— Ué, mas você já não me oferece nenhuma. Que posição tem de tentar negociar algo se já perdeu tudo? Fica quieta e eu convengo a cabeça do dragão a te deixar viva no final.

Por mais que tentasse, Rafael não conseguia mover seu corpo. Era uma sensação parecida de quando foi pego sob custódia. Não fazia sequer ideia de como aquele feitiço de imobilização funcionava, só sabia que seus braços pareciam amarrados em suas costas por uma força invisível.

Tentou reconhecer mais alguém, mas o mundano não conseguiu. Os crachás do Protetorado dos traidores estavam guardados nos bolsos, mas aparentes para quem quisesse ver. Talvez fosse a forma de se identificarem entre si, sem que se confundissem com quem ainda se manteve de confiança.

— Acha que isso vai terminar como? — a voz de Mariana agora saia calma. — Vocês estão sendo usados pelo Liber.

— Talvez seja verdade — João balançou o crachá entre os dedos. Ele parou de costas para uma grande janela, que mostrava o horizonte difuso da cidade através da zona crepuscular. — Mas ninguém aqui mais aguenta os babacas da Mão. Não está cansada de ser vigiada vinte e quatro horas por dia? Depois disso aqui, se sobrar alguma coisa, vamos garantir nossa liberdade, sem mais ninguém pra nos importunar.

— Passamos pela prova, João. Fomos colegas de treinamento, dividimos nossos segredos. Armou tudo isso porque não queria pedir demissão?

— Sabe que mesmo após pedir exoneração eles ficam na nossa cola, não podemos revelar seus segredinhos — riu o homem. — Sem falar que Liber nos ofereceu uma proposta irrecusável. Se você deixar de ser cabeça dura, pode fazer parte disso.

— Isso é desumano. Muitos já morreram, outros tantos vão nessa luta sem sentido.

— Viva e deixe morrer. Você não pode cobrir sua proposta.

— Então você é burro. — Ela respondeu. — Sabe que vão descartar você quando não precisarem mais, vai estar em um carpete muito parecido com esse quando perceber o erro que cometeu.

O homem se aproximou, com a ponta do pé, virou o corpo de Mariana para cima.

— Sempre foi metida desse jeito. Nasceu riquinha, com tudo na mão, vai morrer sem nada, como todos os outros.

As lágrimas desceram do rosto encardido da agente do Protetorado. Por vergonha, ou irritação, o traidor virou o rosto.

— Você só está tentando ganhar tempo, né? — sussurrou o traidor para Mariana.
— Acha que vão chegar até aqui? Em alguns minutos um dos seguranças do Dragão vai entrar aqui e dar a notícia que tudo ficou sob controle.

João voltou a encará-la com uma expressão de satisfação, mas encontrou Mariana com um sorriso maior ainda.

— Como falei, você é burro — a mulher sorriu, se soltou em um rompante e agarrou os calcanhares de seu ex-companheiro. O torceu em um movimento único, o que fez com que caísse com o queixo no chão. Com rapidez já estava por cima dele e não tardou para um mata-leão definir o combate.

Os membros traidores do Protetorado investiram, mas ao perceber a posição de mãos da mulher, hesitaram.

— Se vocês se aproximarem, sabe o que vai acontecer. — Ela abraçava o pescoço do homem, que parecia indefeso. — O que vocês fizeram com Meister?

— Liber cuidou dele — respondeu João, sem ar em meio ao abraço. — Aquele velho não vai mais nos aporrinhar.

— É mentira. Ninguém conseguiria. Não o Meister Érion.

— Acredite no que quiser... — asfixiado, sua voz sumia. — Ele se foi e se tudo ocorrer bem, Liber deve estar zarpando nesse exato momento.

— Qual é o plano dele? Vai vir para cá e se juntar aos demônios da Augenweis?

João riu, o máximo que conseguiu até seu rosto ficar ainda mais vermelho.

— O negócio dele é o caos. Anarquia pura. Vai se encontrar com o novo líder da Augenweis quando a poeira baixar. É tudo o que eu sei. Me solta agora e eu não...

Com uma torção, Mariana o deixou em silêncio. Rafael achou que ele tivesse desmaiado, mas logo João puxou ar para dentro. Todos os seus aliados cercavam Mariana, só esperando a oportunidade de se jogarem como feras para cima dela.

— Quem são os demônios que comandam essa organização? Sabemos que um deles foi identificado como Mergal, participante do círculo da avareza. Temos informação que existem outros.

— Kalciferum.

Todos olharam para Rafael.

— O que? — um dos traidores perguntou. Ele se separou do grupo e foi até Rafael, que estava largado em um dos cantos. Deu um chute na barriga do Mundano, que gemeu de dor.

— Ele está blefando — respondeu Mariana. — Fica quieto, não seja estúpido! A situação está sob controle.

— Estou falando sério. O nome dele, tá escrito... — respondeu Rafael, ainda recuperando o fôlego. Agradeceu pelo golpe não atingir seu ferimento.

Nomes de demônios eram importantes. Ninguém recusaria uma informação privilegiada.

— Tá escrito onde? — o agressor se agachou e segurou Rafael pelos fios de cabelo. — Fala aqui no meu ouvidinho, fala.

— Minha mão. Está escrito em um papel na minha mão — respondeu o mundano com dificuldade.

O homem passou a mão pelos braços de Rafael e foi seguindo até chegar em seus dedos fechados. Realmente tinha um pedaço de papel entre eles.

Quando o puxou, Rafael liberou um pouco de aura que engatilhou o selo, que se grudou na pele do sujeito. Havia tirado o papel com o desenho da carteira pouco antes de entrar na sala e ser golpeado.

Com novos chutes, o homem xingava Rafael conforme o agredia, mas já era tarde. Logo o traidor estava no chão e sua barriga começava a inchar. Rafael se levantou com lerdeza, ainda com os braços presos para trás.

— Tomem cuidado, vocês não gostariam de mexer com ele — gritou Mariana, ainda com seu ex-parceiro nos braços.

Ninguém pareceu escuta-la.

— Ele é o Inquisidor — falou ela.

Todos pararam. Rafael não havia entendido o que aquelas palavras significaram, mas o olhar que o grupo deu para ele mudou.

Os traidores o rodearam, enquanto revezavam os olhares entre ele e o companheiro caído que gritava de dor. Rafael tinha apenas reproduzido uma versão mais branda do selo maluco que fez por conta própria no começo de seus estudos na Biblioteca, mas nenhum deles sabia disso. Agora o agente sofria no chão, gritando como se prestes a morrer de dor, mas estaria bem em algumas horas.

— Ele não tem cara de ser o Inquisidor — julgou um dos ex-agentes, mesmo se recusando a avançar.

— Pôs fim em Madame Collete, interrompeu um início de rebelião por parte dos youkais, matou dezenas de demônios — Rafael não fez nada daquilo, pelo menos não da forma como ela colocava. — Sim! Ele é o verdadeiro Inquisidor, não os falsários presos semana passada.

O impasse foi decidido quando a porta de metal atrás de si foi aberta e um dos seguranças a comando da Augenweis apareceu. Com reação rápida após notar a confusão instaurada, tirou uma arma da cintura e apontou para Rafael.

— O que houve? Deixei vocês aqui um minuto e tudo sai do controle!? — ele gritou.

Foi a vez de Mariana receber a mira do revólver.

— Essa belezinha aqui é especial, não erra um alvo — o segurança ameaçou. — Largue esse cavalheiro, por gentileza.

Rafael só tinha mais um único truque na manga, mas ele era arriscado. O selo arcano estava desenhado embaixo de sua camisa, mas precisaria de energia demais para ser utilizado. Talvez ele não sobrevivesse, mas não existia outra saída para aquela situação.

O mundano encostou os dedos na parede, sem que percebessem.

As lâmpadas explodiram acima de todos, fazendo o corredor ser abraço pela escuridão. Escutou tiros sendo disparados e ele foi puxado por uma mão feminina para fora do corredor, indo direto para a escadaria de onde Rafael tinha vindo.

Mariana surgiu em sua visão quando se acostumou com a quase total ausência de luz.

— Não sei o que aprontou, mas deu certo — Mariana usou um dos bastões retráteis para travar os traidores do lado de dentro da porta de metal que separava o corredor da escadaria de emergência.

Rafael olhou para as próprias mãos. Não havia feito absolutamente nada. Só soube que escutou um pio sinistro e então tudo escureceu.

Não teria tempo de argumentar, já que o bastão cederia em breve à força do grupo.

— Eu fico aqui, é sua oportunidade de cair fora — sugeriu ela, enquanto segurava a porta, que agora tentava ser arrombada por eles.

— Não posso deixar você aqui! — Rafael gritou de volta. — Seu trabalho é me ajudar a evitar que a cerimônia aconteça, eu só peço que...

— Pede uma ova — Mariana empurrou o cetro para ele. Nem havia percebido quando foi tirado dele pelos traidores. Era a diferença entre ele e alguém treinado para o combate. — O Protetorado é responsável por isso e como pode ver parece que sou a única representante próxima.

— Mas... — o nervosismo fez Rafael perder as palavras.

— Não vamos aguentar essa situação por muito tempo, vão usar de alquimia para derrubar a porta. Caia fora antes que te peguem.

Rafael queria dizer que sua própria segurança era importante, mas mentiria. Tinha algo a fazer naquele hotel sitiado. Em um ato de puro egoísmo, deixou ela para

trás, atendendo sua sugestão, mas ao invés de descer de volta, Rafael subiu o lance de escadas.

O mundano sumiu nos andares superiores e então a porta parou de ser forçada. Mariana respirou aliviada e então foi escorregando até o piso. Pôs a mão na barriga e sentiu o sangue quente verter para fora. Por esse tipo de coisas armas viciadas eram proibidas, mesmo no escuro, foi certa.

Não conseguiria seguir Rafael e prestar uma segurança adequada, por isso xingou o mundano baixinho e suspirou por sua teimosia.

Na escuridão, os minutos escorreram como os líquidos de seu corpo e apenas o silêncio lhe acompanhava. Sentiu um sono fora do comum, mas lutou para se manter acordada.

Qualquer iniciativa que os traidores tivessem para derrubar a porta já deveria ter sido concluída. Se levantou com dificuldade e retirou o bastão da alça que segurava a porta. A chapa de metal se abriu para revelar o corredor do outro lado completamente destruído.

Puxou o chaveiro com lanterna embutida, que possuía um encantamento para ampliação de luz e ele se tornou tão potente quanto um holofote.

A cena que viu torceu suas expectativas.

Todos os homens estavam no chão, apagados. Mariana pôs as mãos sobre a boca, tentando entender o que havia acontecido. Pensou em um coice, após alguma técnica mal utilizada, mas era quase impossível eles errarem algo tão básico quanto um feitiço para arrombar uma porta.

O facho de luz do chaveiro viajou até a janela ao fundo do corredor, fazendo duas pedras preciosas refletirem na escuridão. A coruja empoleirada desceu até o carpete, mas quando o tocou não eram mais patas de uma ave.

Soube ao pôr os olhos nela que não era nem de longe uma visão comum. Era a visita de um ser do plano astral, que havia atravessado as camadas mais densas, até quase penetrar a dimensão mundana.

A velha passou por ela e Mariana. Amiga? Inimiga? A agente do Protetorado não sabia, mas não pode fazer nada para impedi-la.

Só após sair do corredor e subir os primeiros degraus que o pescoço enrugado que brotava do cobertor sujo se virou para a agente.

— Não é a sua hora.

A voz da criatura gelou sua espinha.

— Como você sabe? — Mariana perguntou.

— Experiência, criança.

E a entidade desapareceu para os andares superiores.

Capítulo XLIV

Quando há Drachenmacht, a cerimônia do fogo

Novamente dragado para tramas diabólicas sem chance de escape, parecia um insistente eco, fadado para sempre a reverberar em sua vida. Mas agora existia um trunfo, algo que não teve da primeira vez. Escolha e possibilidade de lutar. Rafael era um magista e usaria isso para salvar a pele de Gabriel. Não deixaria mais ninguém morrer em suas mãos. Nem que isso custasse caro para si.

Passar pelo restante da segurança não foi tão difícil quanto achou que fosse. Seu plano, montado às pressas com a motociclista rajada era de chamar o máximo de atenção possível enquanto acontecia duas invasões em pontos diferentes do prédio. Enquanto ela entrava pela garagem, Rafael levaria o caminho mais óbvio pelo saguão de entrada do hotel. Se dividirem faria qualquer defesa da fortaleza do grupo mais fácil de ser ultrapassada.

Imaginou que fossem se encontrar novamente na escadaria de emergência, mas ao se separarem, não obteve qualquer sinal de sua presença no prédio.

Queria saber o que acontecia nos andares inferiores, mas quanto mais subia, menos noção tinha de todo o restante do edifício. Não pela distância em si, que dificultava seus sentidos naturais, mas por algo a mais que se alastrava enquanto se aproximava do terraço. As paredes não respiravam, mas era como se estivessem vivas. O chão dos andares não se movia, mas era como se ondulassem com seus passos. Sua respiração ia se tornando cada vez menos frequente e sua mente se embaralhava. Estava entrando em estado de torpor e não sabia exatamente o porquê.

Aquela sensação onírica que proclamava sua presença com persistência parecia descontextualizada. Havia sentido antes apenas em uma única ocasião, quando conhecera pela primeira vez o cortiço dos exilados. Mas diferente daquele amálgama entre natureza e urbanização abandonada, ali eram corredores suntuosos do hotel que transpiravam aquele ar delirante.

Os espíritos agora não eram mais vultos, mas sim vagantes quase corpóreos. Com rostos apagados e olhos flamejantes. Ganhavam contornos em três dimensões, enquanto atravessavam o espaço da zona crepuscular. Havia também criaturas estranhas, com formas pouco naturais, que atravessavam os corredores sem se atentar à presença de Rafael, como se canais diferentes fossem agora transversais que se cruzavam de alguma maneira.

Se negou a acreditar que pudesse ser apenas algo gerado por um demônio, uma zona crepuscular não tinha tanta vida quanto se lembrava.

A cerimônia poderia estar se aproximando de seu auge, ou pior, poderia terminar antes que chegasse. Faria sentido em uma realidade onde entidades diversas eram expulsas através da obliteração do espírito e do afastamento da natureza, se reaproximar como nos tempos em que partilhavam dos mesmos espaços graças a tão poderoso ritual.

Aquele efeito era proveniente do estreitamento do Limiar, Rafael imaginou.

Foi lá que viu, novamente, a figura recorrente de seus sonhos. Um homem vestindo um exuberante terno azul, que possuía um rosto todo vermelho. Não tinha pelos no corpo e sequer interesse na presença do mundano. Ia de um quarto a outro com um charuto na boca, enquanto segurava garrafas de espumante com várias taças entrelaçadas entre dedos.

Um estranho desatino começava a se formar a sua volta. Mesmo com tudo tão pulsante, algo frio tomava os andares para si. Os corredores seguintes estavam completamente vazios de vivas almas. Nenhum guarda, segurança ou hóspede. Um pequeno deserto surreal que o jogava para mais distante da humanidade que estava acostumado.

Quando finalmente chegou à antessala da cobertura do prédio, uma tontura o fez hesitar antes de atravessar a porta dupla. Algo terrível havia acontecido, mas não sabia exatamente o quê. A cada passo, um mal-estar escabroso tomava conta, uma sensação de desespero.

Olhou para suas mãos e viu a própria aura se esvaír, como o vapor de água abandonando o congelador recém-aberto. A energia gerada por seu espírito era absorvida por algo que estava do outro lado daquelas portas, como se um vácuo de não-vida houvesse tomado o epicentro da cerimônia do fogo.

Tocou a maçaneta e a sentiu gelada. Ao penetrar a última barreira, viu com letargia uma cena que não pode julgar como sendo correta nos primeiros segundos. O salão com piscinas, mesas e sofás, antes usada para a anárquica profusão lasciva, deu lugar ao deserto frígido como o interior de uma geleira.

Uma montanha de cadáveres se alinhava no piso.

O primeiro círculo de pessoas, mais afastado do centro, usavam vestes de gala. Preparados para uma festa, com máscaras como se lembrava de ser da última vez. Mais ao centro, mais corpos estavam atirados no chão, usavam túnicas vermelhas e robes espalhafatosos. No centro, um círculo vazio.

A visão dantesca quase lhe roubou um dos detalhes mais importantes daquele carnaval funesto: o carpete havia sido retirado e o pavimento de mármore estava exposto. Um selo mágico imenso e extremamente complexo estava desenhado lá, e em oposição, o mesmo selo de igual tamanho no teto. Aquele desenho, em conjunto com os corpos deitados, lembrava a marca de uma poderosa explosão, não causada por nada que venha do homem.

Um piano de cauda longa no canto do salão era tocado, mas não emitia som algum enquanto Rafael observava tudo estarecido. Escutou as primeiras notas. Elas sempre estiveram lá, só passaram a ser percebidas quando finalmente Rafael parou de se embasbacar para tentar entender o que estava acontecendo. Pulou um dos corpos de vestes avermelhadas, o único com o capuz retraído. Era o que se denominava apóstolo.

Contou rápido e percebeu que os de robe eram todos os membros do círculo maior da organização.

Girou o pescoço e viu o velho Estefan, líder da Augenweis, entortado em sua cadeira de rodas, como um saco de carvão esquecido. Não precisava se aproximar para constatar, ele jazia morto, como se tivesse abandonado a vida para uma outra.

— Se atrasar para a própria festa é a sua cara.

A voz não era de Gabriel, apesar do corpo parecido com o dele. O jovem se levantou do piano e já estava de frente a Rafael.

Não o reconheceu a primeiro momento, vestido aquele roupão felpudo tão branco quanto a sua pele agora estava. Eram seus olhos a mais distante característica, que

pareciam não lhe pertencer.

Rafael não pôde falar. Não poderia por vários momentos.

— Está feito, como pode ver. Acabou — reconhecia agora o tom de voz do sócio, no meio daquilo que saía de sua garganta.

Os olhos dos dois finalmente se cruzaram e assim ficaram.

O momento foi quebrado quando escutou um som estranho. A pressão que já estava acostumado começava a ceder. A zona crepuscular estava se desfazendo. O que significava que o demônio que a criou desistiu ou foi destruído.

Enquanto a dimensão se despedaçava, aquilo que parecia, mas não era Gabriel, observou o efeito da ruptura do espaço a volta deles, sendo devolvido à normalidade, como uma criança enxergando o mar pela primeira vez.

Com uma única batida de pé, a criança fez com que a zona crepuscular, antes débil e perene, se fortalecesse e criasse novo fôlego. Revolvendo tudo de novo.

— Não precisamos ser atrapalhados. Não agora.

Rafael olhou para o lado mais distante e viu a figura da motociclista rajada estirada. Seu capacete estava rachado e não parecia haver nenhuma aura, densa ou leve, escapando daquele corpo.

— O motivo para mim era um mistério, mas no fundo eu sabia que viria.

— Eu vim aqui... — as palavras soaram como brisa batendo na pedra. Mas Rafael precisava dizê-las. — Vim até aqui te levar de volta.

Gabriel sorriu, com mais condescendência que simpatia.

— Não preciso que “me leve”, nem existe o “de volta”. Achei que fosse arrependimento por ter negado. Sabe, pedir seu lugar como centro dessa cerimônia de volta, mas seria tarde demais. Afinal, fui escolhido em seu lugar — as últimas palavras não soaram com muito orgulho, notou Rafael.

— Eu sei como é ser arrastado para esse tipo de loucura. Vamos embora e esquecemos isso.

— “Arrastado”? — Gabriel ensaiou uma risada, mas soou artificial. — Eu quis estar aqui. Quis até o momento em que “Eles” o escolheram como sucessor. Tive que me conformar, tive que ser seu colega e servir de ponte para “Eles”. Mas aí eu vi que valia a pena. Eu achei que tivesse finalmente achado o irmão que nunca tive. Vislumbrei a possibilidade do futuro radiante que tínhamos nas mãos.

— E achou! Por isso estou aqui. Eu nunca poderia deixar que eles tocassem em você, eu queria que vivesse uma vida plena, sem essa história de demônios ou magia. Acredite em mim, isso sempre termina mal.

— Magia para mim parecia uma brincadeira de velhos pinéis que gostavam de se fantasiar com saiotes. O traiçoeiro do meu pai gostava, aí ele morreu e descobri que tinha muito mais na herança que as ações e os puxa-sacos. Não sabia que existiam demônios, até ser oficialmente convidado a entrar para esse grupo — o não-Gabriel pôs uma das mãos sobre o rosto e riu. — Como fui burro de não perceber que você já sabia sobre muito dessas coisas.

— Você não é obrigado a seguir os passos do seu pai, pode ter uma escolha!

— Tem certeza que quer me dar esse sermão?

Rafael tentou continuar, mas não era esse o ponto que queria expor. Olhou para tudo a volta deles, mais tragédia, morte e destruição. Não queria que aquilo se alastrasse mais, não queria Gabriel no meio disso tudo.

O não-Gabriel deixou escapar uma risada irônica.

— Uma força de retração e outra de expansão. Chega a ser poético se ignorarmos o fato de que foi graças a você que acabei vindo parar como líder da Augenweis.

— Não existe mais Augenweis, não mais.

— Nunca existiu Rafael. Não vê? Esses idiotas acreditavam que ganhariam sobrevida além de um reles humano comum ao comungar com essa força da natureza. Não perceberam que o plano era justamente usar todo o grupo como pilha para esse fim.

— Você não pode ter aceitado isso de bom grado — Rafael se afastava.

— A verdade é que eu não aceitei, nem sabia disso até finalmente terminar. Foi difícil de compreender quando acordei, mas tem uma voz agora dentro de mim que

me conta tudo.

O queixo de Rafael tremeu. Seu sangue correu em suas veias como lava e então fechou os punhos o mais forte que conseguiu. Suas unhas estavam grandes e por isso se enterraram na carne macia. Sentiu dor, mas não se importou.

— Eu deveria trilhar o meu caminho sozinho, mas decidi te oferecer uma proposta.

— Gabriel continuou. — Fique comigo e vamos mudar o mundo, deixá-lo à nossa maneira. Esse sempre foi o plano, não é?

Rafael estacou, girou o pescoço e disparou um olhar de soslaio em resposta.

— Começos e finais são tão parecidos, que as vezes se confundem. Não adianta me olhar com raiva. Drachenmacht é a única coisa que existe agora — apontou para o corpo débil de Estefan em sua cadeira. — Aquele velho racista fugiu da guerra achando que encontraria facilidade aqui com os que considerava primitivos. Fez fortuna, se preparou para esse momento, como o seu pai e o pai de seu pai, mas nunca conseguiu ter um filho para continuar a linhagem.

— Acho que ele não vai reclamar se você virar as costas. Largue tudo e volte a ser como era, não sobrou ninguém para te censurar.

— Ele está aqui, Rafael — Gabriel apontou para o próprio peito. Então revelou parte de seu roupão e Rafael pode ver, abismado, aquela fissura que iniciava em seu abdômen e ia até próximo do ombro. A marca exibia um brilho bruxuleante, vivo. — Ele faz parte de mim agora, é a forma que a espécie dele encontrou de continuar existindo. Uma imortalidade compartilhada, uma geração inteira unida pela origem.

— Isso não é possível.

— Ele é a voz na minha cabeça que diz que precisamos te matar, afinal, é um dos que falhou na admissão após ter se recusado. Mas eu consigo prevalecer, eu quem comando esse novo corpo.

Rafael balançava a cabeça, como se o gesto fosse o suficiente para negar a realidade. Havia percebido, mas não deu importância, que pendurado no pulso do homem, por baixo da manga do roupão, vários amuletos estranhos de madeira estavam lá. Eram carrancas de diversos tipos e tamanhos.

— Eu não posso chegar até onde você está agora, deve ter um jeito de desfazer esse ritual.

— Infelizmente isso não será possível. O sacrifício desse tipo de cerimônia é sempre um peso, mas não faria sentido terem dado suas vidas para tentar corrigir o que não é sequer um erro, apenas um próximo passo.

— Está falando igualzinho a eles! — acusou Rafael.

Pela primeira vez, uma expressão não enfadonha surgiu naquele rosto pálido. O não-Gabriel ergueu levemente uma das sobrancelhas sobre os olhos.

— Não vou suportar esses arrojos. Não precisa ser as sugestões do velho, esse sangue novo que corre em minhas veias é de uma espécie soberba. Por favor, não teste minha paciência.

— Acho que vou testá-la mais um pouco.

Foi a primeira risada de Gabriel que pareceu ser genuína.

— Saia daqui! Essa conversa foi uma perda de tempo — Gabriel virou as costas e se afastou.

Rafael agarrou o cetro e apontou contra seu amigo, que nem fez menção em reagir.

— Eu vou te fazer voltar, custe o que custar. Não vou perder mais ninguém.

Por instantes, Rafael temeu que o relâmpago expelido pelo cetro fosse causar mais que uma ferida. Mas estava disposto a arriscar. O que não sabia, é que o raio além de não surtir qualquer efeito, pareceu ser absorvido ao atingir o corpo do homem. O roupão, chamuscado e agora com um buraco nas costas, deu lugar àquela pele clara, sem qualquer ferimento.

Após ser atingido, Gabriel se voltou para Rafael e agarrou o cetro de sua mão com facilidade atroz.

O ser observou a arma com curiosidade.

— Isso é um brinquedo?

Um som horrível irrompeu do artefato místico, que se partiu em dois pela força de Gabriel. Uma onda de choque foi suficiente para jogar Rafael metros de distância, enquanto os cacos prateados caíram junto de faíscas das mãos do sujeito.

Rafael havia perdido, muito antes de começar a acreditar que conseguiria.

Capítulo XLV

Quando há os filhos do pecado

Rafael se levantou com dificuldade, os joelhos gritando de dor após a queda. Da distância, viu quando Gabriel foi surpreendido pela motociclista rajada enquanto ele se ocupava com o mundano. A assombração deu um chute alto por trás que acertou em cheio a lateral do rosto de Gabriel.

Rápida como um vulto, ela se afastou após ver que a ação não surtiu o efeito desejado. Recuando como um animal temerário, se preparou para uma nova luta. Seu capacete rachado, balançava solto em volta do pescoço com cada movimento.

— Por que você não morre, desgraça?! — rugiu Gabriel.

Uma língua dourada verteu de sua mão e por pouco não atingiu a motociclista. Era um fogo pálido e concentrado, que mais parecia uma cascata de lava do que chamas de fato. O jato expelido queimou o chão de mármore e parte de uma grande almofada no chão, que foi engolida pelo fogo.

Com sua percepção aflorada graças a ressonância com Bóris, Rafael conseguiu distinguir bem o que acontecia pela primeira vez. Não sabia se por decorrência da cerimônia, mas o ritual parecia ter sido tão poderoso que toda a energia do ambiente ainda vertia em direção ao homem louco. Como uma bateria, sedenta por ainda mais força. Isso fazia a motociclista bem mais fraca do que realmente era, pois toda sua densa aura era sugada só de estar na presença do sujeito. O próprio mundano se sentia debilitado.

Mesmo com a velocidade fora do normal daqueles monstros, a ressonância com Bóris o permitiu ver que assombração conseguiu arrancar um dos amuletos do pulso de Gabriel.

— É uma estupidez o que está tentando fazer. Meu poder não vem dos colares, nem precisei de todos eles para a cerimônia. Não sabe como eles funcionam!

Com intensidade, foi a vez da motociclista rebater. Uma onda de aura negra iniciou um incêndio a sua volta e um turbilhão se direcionou a Gabriel, que foi cercado e

consumido pelas chamas. A motociclista se tornou etérea e se mesclou as labaredas, tomando a forma de um equino enfurecido.

Não demorou muito para o ataque cessar, quando o corpo da motociclista foi jogado para fora do turbilhão, que enfraqueceu e sessou. Não havia sobrado muito do roupão de Gabriel, mas os colares permaneceram intactos.

— Minha superioridade é clara, não consegue ver? — exclamou. — Você não passa de um eco, uma vírgula que acha que é ponto. Será esquecida, enterrada, nem deveria ter chegado tão longe.

Sabia que sua motivação era vingança, mas algo além o avisava que a motociclista ia continuar até não sobrar mais energia daquele corpo movido a ódio. Aquela ideia pairou na sua cabeça, tentando dialogar com ele. A afastou, como faria com uma mosca atrapalhando sua concentração.

— Ela não vai parar! — gritou Rafael. — Está além de você.

Gabriel bufou.

— Que seja feita sua vontade, então.

“Ela precisa parar”. O pensamento sobrevoou sua cabeça novamente. Rafael não entendia de onde aquela estranha intuição tinha origem. Enquanto lutava contra si, Gabriel e a assombração se engalfinhavam no terraço, em uma luta de fogo contra fogo, mas que se inclinava a favor do que havia se tornado a aberração Gabriel.

O cetro estava despedaçado e Rafael não pode fazer nada além de lamentar não ter trazido nenhum selo que o pudesse ajudar em um combate daquela magnitude. Não existia muito o que pudesse fazer sem uma arma. Não podia invocar uma bola de fogo, não podia mandar mísseis mágicos, nem sequer curar suas próprias feridas, que ardiam e com custo eram ignoradas.

Olhou para o chão e viu um dos colares soltos, com o cordão arrebitado. Pegou o pedaço de madeira entalhado, que estava amarrado junto com o crânio de um pássaro minúsculo, envolto de uma penugem cuidadosamente amarrada.

Não soube precisar o que, mas algo muito forte estava imbuído naquele objeto. Era uma energia estranha, que não pulsava como as outras. Pelo contrário, parecia repelir Rafael.

Foi quando percebeu que havia entrado sem querer em seu templo astral. Seu antigo apartamento estava lá e viu Bóris estirado no sofá. O felino parecia ter dificuldade para respirar e então Rafael foi até ele em desespero, mal percebendo que uma coruja estava empoleirada no alto de uma estante.

Havia sido displicente, não percebendo que cada vez mais a ressonância entre eles estava se enfraquecendo. Rafael ignorou a ave e se concentrou em Bóris em seu colo.

— Ele já cumpriu seu papel, não vê? Está na hora dele descansar.

O mundano se perguntava se havia usado muito da ressonância, mas um ritual para criação de familiar não deveria esgotar nenhuma das duas pontas.

A Rasga-Mortalha desceu de onde estava e pousou no chão. Mas não havia mais pés escamados, nem penugem a sua volta. O animal se tornou uma velha coberta com trapos surrados. Se pôs ao lado do felino e seu companheiro. Com um toque de seus dedos enrugados, fez novamente os dois se conectarem.

Rafael entrou em contato com as primeiras memórias de Bóris. Viu a luz ofuscante quando o tirou pela primeira vez da caixa de sapatos, ao ganhá-lo de presente da mãe. Cenas diversas saltaram, uma a frente da outra, todas vistas pela perspectiva do animal e por isso ganharam um novo contexto.

E então viu novamente sua mãe no quarto do hospital. A cabeça de Bóris se virou e então ele conseguiu ver um Rafael preocupado com algo na mochila, a alguns metros deles.

Escutava a respiração lenta e dificultosa de sua dona, com clareza que apenas um animal poderia ter. Apesar do dissabor e o cheiro amargo de algo que crescia dentro da mulher, ela sorria com gratidão.

Naquela época, Rafael estava preocupado demais negando sua própria realidade para perceber as palavras sussurradas que sua mãe dirigiu ao gato. Ela não entendia nada sobre magia, mas aquelas palavras tinham poder e mexeram com algo no interior do felino. Uma conexão, forte o suficiente como qualquer feitiço que pudesse aprender.

O gato já era velho, mas permaneceu vivo durante mais vários anos. Achava que pela rabugice, devia esquivar até da própria morte. Mas a verdade é que existia um

motivo.

Entendeu finalmente

“Quando eu partir, proteja ele de todo mal”.

A aversão de Bóris a Cal se fez entender. Sua reação sempre foi um alerta para o que tinha colocado no seio de seu lar.

Rafael já tinha poder suficiente para se defender agora e o gato não precisava mais cumprir a única função que ainda o ligava aquele mundo.

E então, a conexão se desfez.

A velha pegou o felino em seu colo e Rafael nada pôde fazer. Com lágrimas que atravessavam o rosto, ele soluçou ao deixar de sentir o toque quente de Bóris.

— Ele precisa vir comigo, faz parte do pagamento.

Viu então uma figura sombria, com a cabeça de crânio de boi, do outro lado da sala. Um observador afastado, testemunha de seu sofrimento.

— Não me recordo de nenhum pagamento — contestou Rafael.

— Naturalmente. Também não vai se lembrar desse nosso encontro — riu a velha, com olhos cheios de pesar.

— Não entendo.

— Às vezes você é meio devagar, menino — a velha deu um tapa no ombro de Rafael. — Mas vamos aos negócios, preciso de um pequeno favor.

— Você está levando embora meu gato e ainda acha que devo algo a você?

— Pra mim, não. Na realidade só terei de levar mais um hoje e não será você.

Rafael hesitou. Tocou os pelos de Bóris e o acariciou pela última vez.

— Quer que eu escolha entre Gabriel e a motoqueira, não é? — inquiriu Rafael aborrecido.

A bruxa foi surpreendida.

— Nem Deus salva a todos. Resolva esse impasse — crocitou a velha.

— Não imagino você pedindo algo por Gabriel. Porque que eu intercederia pela motoqueira?

— Na época que o velho lagarto Estefan ainda andava de pé, construí esses amuletos para ele e seus compadres. Na época eles não tinham muita coisa além de muita astúcia e ambição. Quando receberam o presente, queimaram tudo que era meu, inclusive a carne que tinha sobre os ossos. Mal sabiam eles a maldição que joguei no presente, que amaldiçoado que só, levaria a desgraça para quem o portasse. Os colares passaram de mão em mão, cada vez mais rápido.

— Mas eles continuam aqui, na mão do mesmo grupo.

— Estefan usou seus compadres, os filhos de seus compadres e seus netos também. Não bastando a maldição, tive que clamar por um mal ainda mais antigo para dar fim a esse erro. Uma vida de maldade, tentando ser consertada com o último e maior dos pecados.

— E ela é seu instrumento de justiça, isso eu já entendi. Só que eu não estava envolvido com nada disso quando ela veio para cima de mim — sibilou Rafael entre os dentes.

— Esse é o problema do ódio, menino. As vistas nubladas tornam tudo confuso. O seu nome foi sugerido por alguém próximo de ti.

— Do que está falando?

A velha o fitou.

— A única coisa que peço é que se sensibilize por ela.

— Eu não posso. Eu não sou ninguém para decidir essa questão.

Ela se afastou, com o gato no colo. Caminhou em direção à entidade com rosto de crânio bovino.

— A roda vai continuar esmagando muito outros sem nome, enquanto essa guerra continuar.

— Mas sempre vai continuar. Independentemente do que eu faça.

— Então seja o fio condutor da mudança.

O mundano suspirou.

— Então me explique o que são esses colares. O que são de verdade. — Rafael perguntou e então aquela realidade se desfez diante de seus olhos.



O embate entre os dois monstros começava a ameaçar as estruturas do prédio. Rafael havia sentido tremores nos andares inferiores, mas de alguma forma aquela luta titânica parecia querer terminar o serviço.

Aquilo que um dia já fora Gabriel parecia emitir luz própria, com uma aura pujante, que exercia soberania sobre o embate. Não era algo que um ser humano comum conseguisse produzir, muito menos um demônio. Tinha um vulcão dentro daquele corpo, um colosso irrefreável.

A pele de Gabriel tornou-se áspera, quase como escamas em alguns pontos, seus olhos cintilavam como âmbar polido e pareceu ganhar asas tão altos eram os saltos para cima da assombração, que apenas conseguia não ser completamente aniquilada pelo adversário, mas com muito custo.

Os brados presunçosos, questionavam a continuidade da luta, mas de nenhuma forma a motociclista cedia à pressão de sua arrogância e de sua força.

Se não existia mais Augenweis, se não existia mais os filhos daqueles que a condenaram àquela maldição, Gabriel seria o alvo de sua fúria e não existia razão para continuar se não acabar com sua vida e concretar para sempre o grupo de malfeitores que causaram tanta dor e tristeza para tanta gente.

Mas Gabriel não tinha culpa. Não sabia dos crimes cometidos do grupo, não totalmente. Nunca concordaria com algo assim, pensou Rafael. Mas suas tentativas de parar o combate também soaram infrutíferas. Precisava fazê-lo escutar.

Foi então que um estalo se fez presente, alto como a ruptura de uma montanha. Uma fissura surgiu bem abaixo dos pés de Rafael, com o andar partindo ao meio. O tremor foi suficiente para abafar o combate. Foi a deixa que precisava.

— Isso precisa acabar! — Rafael gritou.

E então o piso cedeu.

Sentiu cada pelo de seu corpo arrepiar quando a gravidade o puxou para baixo com todo o resto, mas algo o fez parar no meio do caminho. Seu braço parecia prestes a ser arrancado com o puxão, mas logo aliviou quando pendeu na boca do abismo. Gabriel o havia segurado no último segundo, deixando a luta para trás.

A possibilidade de ter ainda algo humano dentro dele emocionou Rafael, que buscou forças onde não tinha para se apoiar em parte do concreto partido ao meio, para se erguer novamente.

Caiu no chão da cobertura quando finalmente alcançou o terraço, mas a motociclista não deu trégua alguma e logo já estava em cima dos dois. Rafael, no limite da exaustão se colocou entre eles.

— Chega, por favor. Chega! — o ferimento feito por Mergal voltou a se abrir em seu abdômen, ignorando o selo que fez para ligação acelerada de músculos e carne.

A motociclista hesitou, mas não por influência de Rafael. Estava sem mais energia, com a aura espectral quase completamente esgotada, ela caiu no chão.

— Falei que era inútil — um sorriso de satisfação cortou o rosto de Gabriel.

Rafael havia se voltado para Gabriel, e tentava arrancar os colares de seu pulso. Mas os cordões pareciam fundidos à pele escamosa.

— Eu já disse que minha força não vem dos amuletos — Gabriel puxou seu pulso para si e empurrou Rafael para o lado. — Essas coisas horrorosas se prenderam em mim, era algum tipo de receptáculo de energia para completar o ritual. Foi o que o velho disse.

Ofegante, as palavras de Rafael saíram como um arranhar de disco para os ouvidos de Gabriel.

— Está errado.

— Como é?

— Você precisa tirar isso daí. Nem você sabe o que é, ninguém entende se não a pessoa que os confeccionou. Ela me disse.

— Estamos a sós aqui, Rafael. Ninguém te contou nada.

— Confia em mim. Essas coisas foram feitas para agradar figurões em troca de benefícios, mas só trouxe desgraça para quem usa.

— Nada pode me atingir — falou Gabriel, saboreando cada palavra.

— Está cego pelo poder. Olhe para si mesmo.

Os braços escamados de Gabriel tornavam-se cada vez mais secos, conforme conversavam. Os buracos no roupão chamuscado revelavam a mancha escura em seu peito que crescia e tomava seu pescoço e cintura.

— É assim que me trata após ter salvado sua pele. Chega disso!

Gabriel ignorou Rafael e foi até o corpo espectral da motociclista, que agora parecia instável, sem conseguir se manter no plano físico. O único integrante que sobrou da Augenweis ergueu o braço e apontou a palma da mão aberta contra a criatura. Mas só percebeu que algo estava errado quando nenhum disparo incandescente saiu por ali para finalizar a peleja.

Foi naquele momento de fraqueza que Gabriel viu seus pulsos tomados pela cor doentia que nascia de seu peito. Girou as mãos como se fossem alienígenas perante sua grandeza, algo fraco como aquilo não poderia pertencer ao seu corpo.

— Gabriel, você está morrendo — revelou Rafael.

Capítulo XLVI

Quando não há mais nada a ser feito

Todos os pontos se conectaram quando a ficha caiu. Rafael pôs as mãos sobre a boca, consternado com a conclusão que tirou.

— Eu demorei para perceber porque nunca vi nada parecido. Por isso minha ressonância se foi, por isso a motoqueira não consegue mais se pôr de pé. Não vê? É um repuxo, está sugando tudo a nossa volta. O prédio está colapsando porque até ele está sendo exaurido como resultado da cerimônia.

— O que é um repuxo? — a fala de Gabriel saiu temerosa pela primeira vez, ao enfrentar o derradeiro inimigo. Sua própria mortalidade. — Como revento isso?

— Os colares oferecem casualidades a favor do portador. Trazem a sorte pelo alto custo de diminuir a expectativa de vida de quem usa. Foi uma armadilha plantada pela bruxa, para destruir os usuários. Por isso todos estão mortos a nossa volta. A cerimônia falhou e está cobrando seu preço.

— Eles morreram para que eu nascesse!

— Por isso mesmo. Os colares não os mataram, mas cumpriram seu papel para acelerar seus destinos. Talvez sem usar esses amuletos essa manifestação em seu corpo demorassem uma semana, um mês, anos. Mas o esgotamento de tanta energia se fez presente logo agora.

— Não há nada como sorte em minha trajetória, fui escolhido porque mereci. Tenho estudos, tripliquei os bens de meu pai, me sobressaí no grupo por minhas próprias mãos. Diferente de você, que ganhou tudo na sorte grande, eu estou aqui por meu direito inato.

Rafael ignorou todas aquelas palavras.

— Seu corpo está volátil, não deve ter conseguido lidar com tanta energia. Os colares trazem uma maldição transvestida de bons fortúnios e estão cobrando o preço.

— Aquele velho imbecil não arriscaria tudo para me jogar nessa armadilha, foi ele quem me deu os colares. Falou que era essencial para o ritual ser bem-sucedido e depois se tornariam lixo. Ele está aqui dentro junto comigo, se eu morrer, ele morre junto!

Rafael balançou a cabeça.

— Agora vejo. Lidar com almas é complexo demais. Deve ter uma grande chance de falhar, talvez usando parentesco sanguíneo tenham mais chances, mas você não compartilha da linhagem original. Foi um gesto desesperado de alguém no fim da vida. Até o Estefan deve ter usado o colar para tentar achar alguém capaz de ser alvo da cerimônia. Não importaria o corpo morto, contanto que vivesse pra sempre no de alguém mais jovem. Tudo isso foi um terrível engano.

— Ele me garantiu que poderia ser feito apenas com pessoas fortes — seus braços começaram a secar ainda mais, com as escamas mais salientes, pareciam um par de rochas prestes a se estilhaçar. — Nunca disse nada sobre parentesco.

— Tal qual o desespero dele, deve ter ocultado esse fato para você aceitar. Não à toa, esse selo desenhado no chão é quase irreconhecível para os padrões que estudei. Não é algo para seres humanos usarem, apenas descendentes de uma espécie diferente. Algo monstruosamente poderoso e antigo, que aprendeu a ficar invisível na sociedade, se mesclando a gente por gerações.

Fios dourados surgiram por todo o corpo de Gabriel, como rios de luz que corriam de um lado a outro. O homem não conseguiu ficar mais de pé, frente à fome de Cronos.

A sensação de estar tendo sua aura sugada diminuiu, Rafael conseguiu respirar melhor e conforme se tornava mais forte, seu amigo ficava cada vez mais fraco.

O espectro em formato de motociclista estava agora de pé, também sentindo o peso do repuxo diminuir sobre seus ombros. Estava fraca, mas o jogo tinha virado a seu favor. O capacete esmigalhado permaneceu no chão, enquanto ela se aproximava de Rafael e Gabriel. Sua cabeça, não existia, com exceção de um fiapo de fogaçu que queimava precário e formava a silhueta de um rosto feminino indistinto.

Não deixaria a chance escapar.

Todo o corpo de Gabriel estava no chão, escurecido como se carbonizando de dentro para fora. Seus olhos deixaram o dourado escapar, permanecendo com a cor que conhecia. Rafael segurava aquela mão retesada entre as suas, procurando fórmulas diversas em suas memórias que pudessem reverter aquilo tudo.

— Por favor... — o que havia sobrado de Gabriel falou, entre os lábios rachados.
— Eu não quero morrer.

Com seus olhos cobertos pela cólera, Rafael apertou as mãos do ex-sócio.

— De que adiantou me debruçar tanto sobre livros, enfrentar Ordálias, atravessar abismos, se de novo não consigo livrar meus amigos desse tipo de crueldade.

— Ignorância não o ausentou da responsabilidade e consequência — cuspiu a motociclista. — Merece passar por isso e ainda mais pelo que farei com ele. Não vou deixa-lo ir, se não pelas minhas próprias mãos.

— Você não o conhecia! — Rafael se virou para ela, ainda prostrado no chão. — Ele não tem culpa pelo que te fizeram no passado.

— Está enganado. Você que não o conhecia — acusou a motociclista. — Acha que não reconheço essa voz? Sei muito bem que foi ele quem passou os nomes da lista.

Rafael mirou a motociclista e então Gabriel, se esquivando da acusação.

— A lista de pretendentes da Augenweis para a cerimônia. Recebiam o amuleto e eram eliminados em seguida. Era alguém de dentro, interessado em se livrar da concorrência — falou a entidade.

— Não. Isso é impossível, Gabriel não faria isso.

Os olhos de Gabriel se tornaram opacos, sua respiração lenta.

— Desculpe te decepcionar, Rafael — Gabriel deixou escapar. — Eu não podia... deveria ser eu aqui.

— Não...

Gabriel riu.

— Eu coloquei seu nome na lista quando descobri que você tinha sido selecionado com o aperto de mão do velho. Me arrependi quando você sobreviveu ao atentado, por isso pedi a Mergal resolver a questão e acabar com ela. Cal desconfiou e então ele mesmo tentou pôr fim nessa monstruosidade.

— Eu falei que não era tão inocente quanto você, humano. Todos eles são assassinos imorais. Eles precisam morrer. Sua linhagem é manchada, expurgarei o que restou dessa herança pecaminosa.

— Por favor, não — Rafael suplicou.

— Ainda vai defender quem o golpeou pelas costas?

— Ele já está morrendo, que diferença faz se o sangue estiver em suas mãos?

— Satisfação pessoal — respondeu a motociclista com frieza.

Rafael se virou novamente para Gabriel.

— Está certo então — Rafael tomou a decisão. — Faça comigo o que fizer com ele, deve ser fácil para você. Deixe tudo queimar.

A motociclista bufou enraivecida, fazendo o fogo que brotava de seu pescoço queimar selvagem.

— Não seja estúpido, homem! Tem ainda uma vida inteira pela frente. Depois de tudo o que ele fez, o que deixou fazerem contigo. Morreria por ele?

— Por pouco você não me matou meses atrás, que diferença faz antes ou depois?

A motociclista hesitou.

— Porque agora sei que você é inocente, assim como eu era.

— Você tem total e absoluta certeza que todos que já cruzaram com você eram realmente culpados? Quem quer que tenha feito isso com você já morreu há muito tempo.

Fogo descontrolado saltou para fora do corpo da motociclista rajada, que foi liberado em densas labaredas pelas suas mãos.

As chamas dominaram a cobertura inteira e terminou de destruir o que estava inteiro.



Vários andares abaixo, Isabela tentava limpar sua ferida com as mãos. Não existia nada de Mergal a não ser uma mancha escura no chão e parte do crânio transmutado. O osso, meio besta, meio gente, rolou no chão quando Samuel tentou se levantar e falhou. Ela foi até ele conferir se estava bem, mas não existia mais ferimentos à mostra ou indícios de miasma flagelando seu corpo.

— Olha, não que seja da minha conta. Na verdade, eu não me importo — começou Samuel. — Mas por que você ainda está aqui?

— Tenho alguém para resgatar — respondeu ela.

— Tá certo. Cada louco com seus delírios.

— Meus motivos ainda são melhores que os seus — respondeu Isabela ríspida. — Você que só recebeu ordem de Hual para estar aqui e arriscar sua...

— Se arriscar a vida for um eufemismo para ser torturado, então sim. Se for literal sinto dizer que não tô arriscando muita coisa, como pode ver. — Samuel se levantou com dificuldade. Seu ferimento no peito estava completamente fechado. — Eu tenho uma dívida com aquele lunático do Hual, imagino que você deve ter algo parecido com esse tal Rafael.

— Ele salvou minha vida, preciso me livrar desse fardo para seguir em frente.

— Às vezes eu esqueço que a vida é preciosa para quem pode perdê-la, não me leve a mal, deve ter percebido minha... condição.

— Se não a sua vida, o que deve para aquele magista ermitão?

— Magista? — Samuel riu.

Isabela fechou a cara.

— Sim, Hual me ajudou com alguns livros, a pedido da Matriarca. Ele é um magista, não é?

— Você não sabe onde se meteu, menina. Não faz a mínima ideia do que ele é.

O garoto negou a receber qualquer ajuda, dizendo que estava tudo bem. Deixou Isabela e foi até o corpo do segurança ferido pelo demônio. Ele estava vivo, mas desacordado e provavelmente teria uma bela dor de cabeça. Samuel observou bem e retirou o paletó do sujeito, o vestindo para ocultar as marcas em seu corpo.

Isabela ficou indignada e já ia em sua direção para reprovar o ato. Quando um rasgo na realidade cuspiu para fora Cal, com o corpo envolvido em fumaça. Ele caiu de cara no chão e se levantou enfurecido, enquanto seu casaco chamuscado se regenerava.

— Nunca pensei que alguém ousaria tacar um seixo de obsidiana do caos em mim. Acredite Mergal, eu vou ter muita criatividade de arrancar o seu...

Cal olhou ao redor e encontrou apenas destruição.

— O que aconteceu com ele?! — perguntou transtornado para os dois.

— Tá falando do cabritinho? É, demos cabo dele.

— Está bem. — Cal respondeu, tirando poeira branca do casaco.

— Isso foi uma ironia? — Samuel se desequilibrou e Isabela prestou suporte.

— Talvez — o demônio estalou o pescoço. — O que aconteceu com a Zona Crepuscular?

— Fala daquela barreira? Ela se foi quando o demônio morreu e ainda bem, era difícil de respirar. — Respondeu Isabela.

Então Cal estacou, como se dando conta de algo pela primeira vez. Olhou para cima, como se pudesse enxergar andares superiores através do teto. Cerrou os olhos e estalou a língua.

— Ele está lá, não é? — Isabela questionou, mas Cal não respondeu inicialmente. Uma sombra de alerta pairou sobre seu rosto.

Enquanto se recompunham, escutaram sons de passos próximos. Acharam que pudessem ser seguranças, mas então um grupo pequeno de agentes do Protetorado chegou ao andar e ordenou que ficassem parados.

Samuel e Isabela a nada poderiam fazer, esgotados pela luta com Mergal. Já Cal estava fora do ar, olhando para cima como quem encarava um sol eclipsar em plena idade média.

— Ele não está lá — as palavras serpentearam para fora de sua boca. — Na realidade, não sinto em lugar algum.

— Isso é impossível — protestou Isabela.

Correntes brotaram atravessando o teto e agarraram os membros de Cal, enquanto o tapete se transmutava em fitas e mantiveram firme sua cintura e peito. O demônio se moveu e as correntes atravessaram o gesso superior, criando sulcos no teto e fazendo nevar mais pó branco acima deles. A primeiro momento, parecia como se o andar tentasse mantê-lo no lugar. Mas Isabela viu os anéis pressionados contra tubulações expostas e o tapete, que se transmutavam em aparatos para imprimir a autoridade do Protetorado. Nunca tinha visto magia como aquela e não soube como poderia ajudá-lo, mas não foi necessário.

O demônio virou uma bola de fogo azul e transformou tudo o que entrava em contato com ele em cinzas. O piso começou um processo de se liquefazer abaixo dele e o teto branco se escureceu, criando uma chuva negra enquanto se desfazia pelo calor.

— Não tenho tempo para brincar com vocês.

E então, apagão. Isabela agora estava sentindo outro chão aos seus pés, com a sensação de enjoo típica de um salto. Olhou para o lado e viu por uma janela que estavam agora em um andar superior do edifício, mas uma sensação estranha tomava-lhe o peito.

Cal encarava uma parede como a menina nunca vira na vida. Parecia uma espécie de bolha dourada, que atravessava as paredes. Era como se uma grande bola de gude estivesse atravessada no interior do edifício e apenas pudessem ver parte dela de tão grande. A região cercava os elevadores e a escadaria de emergência.

— Outro daqueles truques dos seus contrerrâneos? — Samuel não se levantou, permaneceu no chão, aproveitando o tapete fofo sob suas costas.

— Não. Isso aqui é diferente. É instável, feito por improviso e extremamente perigoso, até para quem o criou.

— Você acha que ele tá aí dentro? — Isabela perguntou com dificuldade, segurando a ânsia no estômago.

— Meus instintos dizem que meu contratante não existe mais, só que pela minha experiência consigo afirmar que aquele burro se tacaria na coisa mais perigosa que pudesse encontrar. Então, acho que sim, ele deve estar dentro dessa coisa, que ofusca minha intuição.

— Então é só esperar que o criador dessa barreira desfaça tudo. — Samuel sentou e cruzou as pernas.

— Vocês não entenderam — urgiu Cal. — Tudo isso vai ruir, com tudo o que esteja lá dentro.

Capítulo XLVII

Quando há o mago

O organismo de Rafael tentava de todo o jeito expelir aquela fumaça espessa de seus pulmões. A tosse vinha áspera, roçando contra a garganta seca. Acima de sua cabeça, a forma escura se concentrava como uma nuvem tóxica, mas nada podia fazer para evitar.

Desmaiar ali para um breve fim era uma ideia tentadora frente as colunas incandescentes que brotavam do chão e alcançam o teto. Também havia a volatilidade daquela dimensão criada por Gabriel, que agora se desfazia de maneira agressiva como nunca viu uma zona crepuscular fazer. Enxergava parte dos objetos a sua volta serem engolidos e regurgitados de volta em pedaços pela força de uma dimensão que se desmanchava. Cada vez áreas desintegradoras maiores nasciam, até surgirem ondas que desfaziam blocos inteiros do andar desordenadamente.

Aquela reação criava um efeito ótico que soou mais engraçado do que o destino que aguardava Rafael, caso tocasse em alguma daquelas inconsistências planares. Era como enxergar através de sabão, tudo parecer fora do lugar.

Uma das ondas de obliteração chegou próximo da mão dele, até a motociclista rajada o agarrar pelo pulso e afastá-la da profusão de energia. O mundano olhou para ela, mas era confuso não ter rosto para qual encarar. Mirou na brasa acima do pescoço e logo depois para a mão do espectro segurando a sua.

A entidade, conformada com o destino, foi tirada de seu sonho acordado quando Rafael a segurou pelos ombros.

— Precisamos sair daqui — falou Rafael, em meio à tosse.

Uma chama crepitou, surgida acima do pescoço da motociclista. Era estranho conseguir ler suas expressões, mas de alguma forma conseguia.

— Parece então que mudamos de lado — ela respondeu, com ironia na voz. — Me deixa aqui, não tem mais motivos para ficar perambulando por aí. Não há nada pelo que continuar.

Gabriel havia morrido à frente de seus olhos, após sua decisão de deixar a natureza seguir seu curso. As mãos da motociclista estavam limpas, pelo menos do sangue de Gabriel e isso, apesar de inútil naquele momento, pareceu algo a se deleitar antes do fim.

Ela empertigou-se, após outra onda de destruição passar ao lado de sua cabeça, mas não permaneceria assim por muito tempo. Rafael se levantou, enquanto o mundo queimava a sua volta.

— Acho que podemos encontrar um caminho — Rafael ergueu a mão até a motociclista, enquanto protegia seu nariz e boca com a gola da camisa. — Um pé depois do outro.

A motociclista deu um tapa para afastar a mão do mundano e se levantou com as próprias pernas. Ajeitou o casaco e sua chama acima do pescoço pareceu mais vívida.

— O que te fez mudar de ideia? — ela perguntou, mas havia fumaça demais para uma resposta.

O mundano avançou contra o fogo, com as mãos ainda sobre o rosto. Atravessaram a cobertura, procurando alguma saída, mas nenhum caminho surgiu. As bordas daquela zona autônoma dimensional começaram a se retrair e certamente teriam melhor destino se contra um liquidificador.

— Queria testar... — tossiu. — Uma teoria. Mas preciso saber se você pode se molhar.

A motociclista se virou para ele.

— Eu não me desfaço na água, se é o que quer saber — não precisar de pulmões parecia útil naquela situação.

Os dois pularam em uma das piscinas da cobertura, pouco antes de uma das ondas destruidoras empurrar uma das colunas de fogo em cima deles. Uma labareda quase os acertou, mas caíram na água tempo o suficiente para ver todo o restante do lado de fora ser consumido.

Nadou para o fundo com dificuldade enquanto segurava a mão da motociclista. Seus pulmões protestavam sem estar nos seus melhores dias, mas ele continuou

batendo as pernas até chegar ao fundo. Sua mão sentiu o azulejo e então ele foi até o outro lado, procurando algo.

Foi quando encontrou um retângulo composto por um material fora do comum, enrustado no fundo da piscina, que era pontuado com uma esfera de ferro em uma de suas laterais.

Rafael abriu a porta e uma luz escapou. Olhou para a superfície da piscina, como uma parede que os separava de outra realidade. Puxou o espectro com os dois braços e então atravessaram a porta. Ainda conseguiu ver tudo se desfazer, enquanto iam para aquele outro lugar.

E foi assim que Rafael atravessou o véu e desapareceu.

Atravessou a porta e caiu de costas no chão que fazia um ângulo impossível. O fundo da piscina permaneceu da mesma maneira do outro lado da porta, com a água formando uma parede que se recusava a entrar. Então um clarão e escuridão. Não existia mais cobertura, não existia mais porta, apenas uma mancha escura em formato retangular marcado na parede vinho de textura aveludada.

Rafael tossiu descontroladamente, com seus pulmões se recusando a fazer o trabalho. Não poderia dar a chance de permanecer indefeso ali, pois se sua tese estivesse correta, aquele poderia ser um dos locais mais perigosos para se estar naquela cidade.

Foi se recuperando aos poucos e sua visão deixou de estar embaçada. Olhou para frente e viu duas pantufas felpudas de coelhinhos, que subiam em uma calça azul pulsante. Em uma poltrona, estava sentado o homem de terno azulado e rosto vermelho, fumando um charuto enquanto degustava espumante em uma taça alongada.

Pela primeira vez, de todos os seus encontros, aquela entidade não mais o ignorou e deu uma boa olhada em Rafael e sua companheira.

— Há muito tempo não temos um dos seus atravessando o véu — o homem bebericou o conteúdo da taça. Rafael não conhecia o idioma usado, mas de alguma forma entendeu tudo o que era dito. Foi quando percebeu que não era outra língua, aquela figura misteriosa falava tudo com as sílabas embaralhadas. —
Definitivamente acho que teremos um interessante colóquio.

Epílogo

Quando há uma comitiva

A torre queimava alta e clareava o céu nublado.

Enquanto muitas pessoas saíam às ruas ou colocavam a cabeça para fora das janelas para ver melhor, um mago fugia pela cidade. E um cão sarnento ia atrás.

O magista vestia um sobretudo escuro por cima de seu paletó lilás, enquanto segurava o ombro manchado que estava deslocado. Atravessou o pátio central de uma escola, quando finalmente viu o perseguidor pela primeira vez.

‘Como tudo isso foi acontecer?’, pensou o magista. Havia ganhado a confiança de um acusado, chamariz para ocultar seus planos de dar força para Augenweis engolir de vez o Protetorado. Tomaria o controle, se algo não tivesse dado terrivelmente errado.

Se recusava a reconhecer seu papel na falha do plano, mas definitivamente a dama do caos se recusou a ceder uma boa mão de cartas.

Chegou em uma enorme praça no centro da cidade, onde uma catedral imensa se erguia para o céu noturno. Olhou para trás e o cão não tinha mais a forma de animal, mas de um homem maltrapilho, com barba por fazer e cabelo escuro desganhado.

Com um movimento de mãos, Liber faz a árvore cair em cima do perseguidor, que escapou por pouco de não ser esmagado pelo tronco.

— Acabei com o todo poderoso Érion — debochou Liber, fazendo sua voz ecoar pelos prédios escuros que o cercava. — Não vai ser um demônio subjugado como mastim da organização que vai fazer algo contra mim.

Foi um erro fazer troça com a situação, principalmente quando logo se viu cercado por uma multidão de moradores de rua, que usavam a praça como centro de reuniões. Aquele grupo em específico definiam as regras do lugar e tinham mais poder do que aparentavam realmente.

O demônio em forma de gente, que antes tinha forma de cão, coçou a barba como um animal faria.

— Carinha, você está fodido e mal pago — disse com rouquidão o demônio. — Para sua sorte foi solicitada uma intervenção.

Liber riu, cheio de si.

— O rei dos mendigos está por aqui? Realmente devo ter mesmo pisado na bola — sua ironia foi respondida com amargor pelo grupo, todos com suas caras maltratadas fechadas. — Vou derrubar qualquer um que se pôr a minha frente!

Com um ganido, o homem se tornou novamente cão e deu uma risada esgarçada.

— Um fujão bunda suja como você não tem direito a um encontro com a majestade. Outra pessoa quer levar um lero contigo, parça.

O mago do caos arregaçou a manga com dificuldade, mostrando selos diversos tatuados no braço. Ele os ameaçou, como se apontando uma arma para todos e conseguiu se afastar do grupo sem muita dificuldade. Continuou seu caminho, sem mais problemas, até chegar do outro lado da praça, onde em uma das muitas árvores salpicadas, um sujeito em especial o esperava no caminho.

Com a barba cheia de um castanho que já se esbranquiçava, o morador de rua se levantou com dificuldade. Exibia uma garrafinha de pinga em uma das mãos e uma sacola de pão na outra.

Não era ninguém para Liber, por isso o ignorou e decidiu continuar sua fuga. Foi quando tropeçou e quase caiu de cara no pavimento. Se corrigiu e tentou novamente, mas era como se o chão o impedisse de continuar.

— Mas o que? — Liber deixou escapar.

Com temor nos olhos, viu todas as árvores dançarem ao seu redor e um rodaminho de folhas se formar acima de si como uma tempestade ruidosa.

— Essa aura. Esse olhar... — o magista encarou assustado o sem-teto. — Isso é impossível.

Havia esquecido aquele estranho ritmo em seu peito, o suor gelado por sobre a pele. Estava sentindo algo que por muito tempo não se fazia presente dentro de si.

Medo.

Uma sombra se esticou até Liber, mas o magista deu meia volta e correu para longe. Foi um dos momentos mais aterrorizantes que já havia passado, pois a cada dois passos, retrocedia um como se o mundo a sua volta recuasse para levá-lo de encontro ao homem misterioso que se escondia atrás daquela barba bagunçada, coberta por migalhas.

Reconheceu dos boatos da cidade, o mendigo solitário, um Zé Ninguém que diziam ser bastante poderoso. Mas sua impressão de aura era, além de bem impressionante, muito familiar.

Entrou em uma viela, onde sabia existir uma passagem oculta, usada por ifás fugidos dos senhores de escravos, que faziam comércio naquela região séculos antes. Havia estudado cada centímetro daquela cidade justamente para uma situação de emergência como aquela, por isso levantou a barra da calça, para revelar um selo raro de abertura de caminhos.

A mureta que escondia a passagem se desfez, frente ao elaborado desenho que quase consumiu mais de sua aura do que devia. Sentiu frio, mas logo estaria a salvo, então se acalmou quando entrou por um tubo de pedra e caiu na zona baixa da cidade.

Não seria mais encontrado, se bem lembrava do caminho.

Estranhou os entrelaçados caminhos, como se tivessem mudado tudo de lugar. Acabou chegando em uma galeria de esgoto que não conhecia, onde um rio de água suja passava sob seus pés. Logo a sua frente, o despejo de resíduos, com encanamento entupido logo abaixo, inundava parte do lugar e formava um extenso lago de sujeira.

Deu meia volta, esperando que tivesse apenas errado o caminho, quando deu de cara com alguém.

O homem se vestia com um colete vibrante, por cima de uma camisa com longas mangas bufantes. Estampava um bigode fino e cavanhaque em um rosto esquelético, que era a base para um elaborado turbante, que exibia pedras preciosas em seu entorno. Havia uma mancha escura no olho direito do homem.

— Quem diria, né non? — o homem se aproximou de Liber e uma comitiva vinha logo atrás, formado por uma sorte de pessoas estranhas. — Sinto o fedor de gente da cidade de cima, estou correto?

— Ora, d-deixe-me apresentar — gaguejou Liber, tentando fazer amizade com o grupo, enquanto era cercado pela comitiva que acompanhava o sujeito. — Liber, ilusionista e filho do caos.

O mago ex-dedo do Protetorado ergueu a mão para cumprimentar o estranho homem, mas foi repellido por uma mulher baixa que o acompanhava.

— Por favor, Camélia. Deixe-o em paz! — censurou o homem com turbante. — Gentinha sem cultura não sabe que o aperto de mão é um cumprimento típico de gente do alto.

A mulher envergonhada recuou e desapareceu atrás da comitiva.

— Até porque não é todo mundo que tem a chance de chegar perto de Caravaggio, o magnífico! Nosso afobado amigo está tremendo, não veem? Mal consegue se pôr de pé frente a minha magnética presença.

A comitiva inteira riu, junto com o dito colecionador. Sem saber o que estava acontecendo, Liber deu um sorrisinho para acompanhar.

— Você, meu amigo Liber, terá a honra de responder a uma pergunta do Magnífico — Caravaggio abraçou Liber, o virando de frente para o grande alagado próximo. — Deve ter percebido que sofri um pequeno acidente aqui nesse rostinho que mamãe me deu. Percebe?

Liber balançou a cabeça, sem palavras.

— Pois é... — Caravaggio estalou a língua impaciente. — Não é fácil ser um grande colecionador quando as coisas são roubadas de você a todo o momento, concorda? Um tal de Samuel, que a primeiro momento parecia apenas um garoto muito do linguarudo, disse que um dos itens da minha coleção era seu e produziu isso no meu lindo rosto. É difícil viver em tempos tão sombrios em que nada mais é respeitado. É claro que aquela adaga era roubada, mas ninguém rouba ela de volta de Caravaggio, concorda?

— Decerto é um ultraje sem tamanho! — respondeu Liber, se mostrando condescendente com a frustração do sujeito. — Ora, pois acharemos esse Samuel e

lhe faremos pagar tudo o que fez contra o senhor.

— Não conhece, então, esse tal Samuel?

— Felizmente não tive o desprazer de conhecê-lo, mas tenha certeza que estará na minha prioridade.

Caravaggio deu um tapa na própria testa.

— *Pardon*, meu caro. Sabe como é? Preconceito da minha parte em achar que todos os que vem de cima se conhecem. Nossa comitiva está lotada, como podem ver. Você não apresenta tão pouco o certo *je ne sais quoi* que procuro para compor minha coleção.

O homem de turbante empurrou Liber, que caiu no despejo de água e rompeu a tranquilidade da água. Nadar com um dos braços deslocado era um desafio, mais ainda quando era puxado para baixo por algo que não conseguia ver pela água turva.

— Mas fique tranquilo, senhor Liber. Ao menos nosso encontro não foi de todo infortúnio. Alegre-se! Vai ser útil para a minha mais nova aquisição. Minha coleção cresce a cada dia e precisarei de um espacinho lá em cima se quiser continuar mantendo tudo o que tenho direito comigo.

Liber conseguiu alcançar a margem da grade de proteção, mas uma forma escura se levantou junto com ele. Era deformado, imenso, com longas mechas lisas que boiavam sobre a água. Liber só conseguiu ver aqueles faiscantes olhos vermelhos antes de ser novamente puxado para o fundo, para nunca mais voltar.

— Aproveite o banquete, Verme! — gritou Caravaggio, enquanto um dos membros da comitiva secavam gotas de água que respingaram em sua perna.

— Magnífico, com o perdão da correção — falou Camélia, surgindo novamente no meio da comitiva. — Acho que “verme” não é nome do novo item de sua coleção, é o que ele chama os outros. Aqueles que ele costuma... matar.

— Tem *razón*, querida. Minha boa memória me trai. Continue com o bom trabalho e será recompensada se tornando também uma aquisição.

— Oh! — a mulher puxou um lenço do colete que vestia e limpou pequenas lágrimas que se concentraram no canto dos olhos. — Muito obrigada, Magnífico!

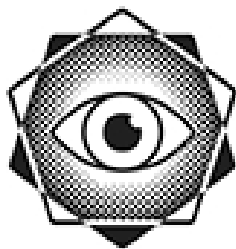
O sujeito ajeitou o turbante, alisou seu cavanhaque com presteza e se pôs a andar.

— Vamos homens! Temos muito trabalho a fazer. A cidade de cima se desfaz e precisará de nova liderança. Minha coleção não se aumentará sozinha.

E assim a comitiva se foi, junto com a aberração que emergiu da água, que mesmo após se alimentar, já pensava na próxima refeição.

A Ignis é o selo de ficção da editora independente Penumbra Livros.

Enquanto os lançamentos da Penumbra Livros trazem a vanguarda da magia, do misticismo e do oculto para os estudiosos destes campos, na Ignis você encontra obras que tratam destes mesmos temas pelo viés da ficção.



Conheça também os lançamentos da Penumbra Livros em
<http://www.penumbra Livros.com.br/nossos-livros/>.